

ATAS DA 1ª CONFERÊNCIA DE ENSINO PRIMARIO SANTA CATARINA - 1927

**IMAGENS DIGITALIZADAS EM JULHO DE 2013 NA
BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA
SETOR OBRAS RARAS (3º ANDAR)**

POR

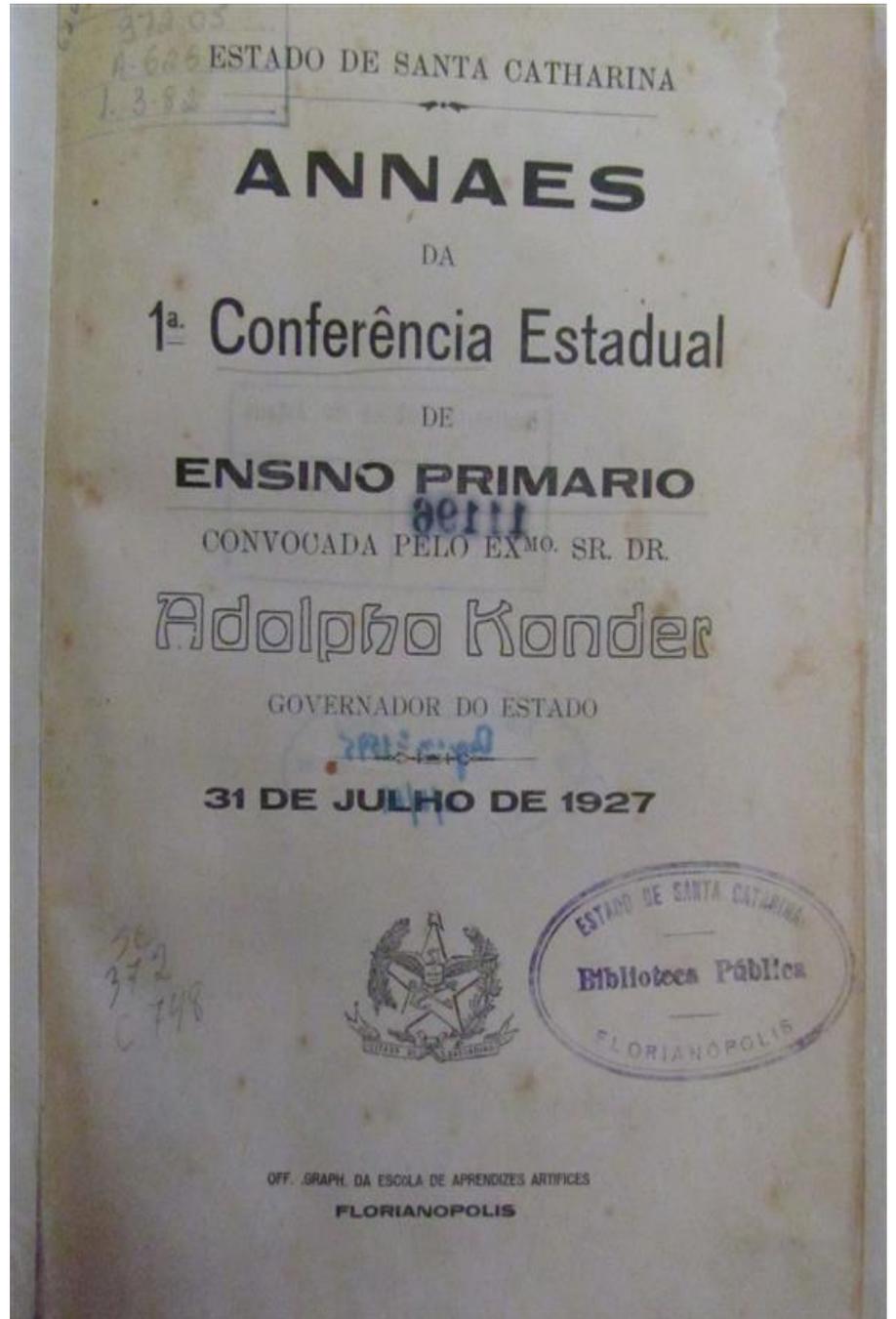
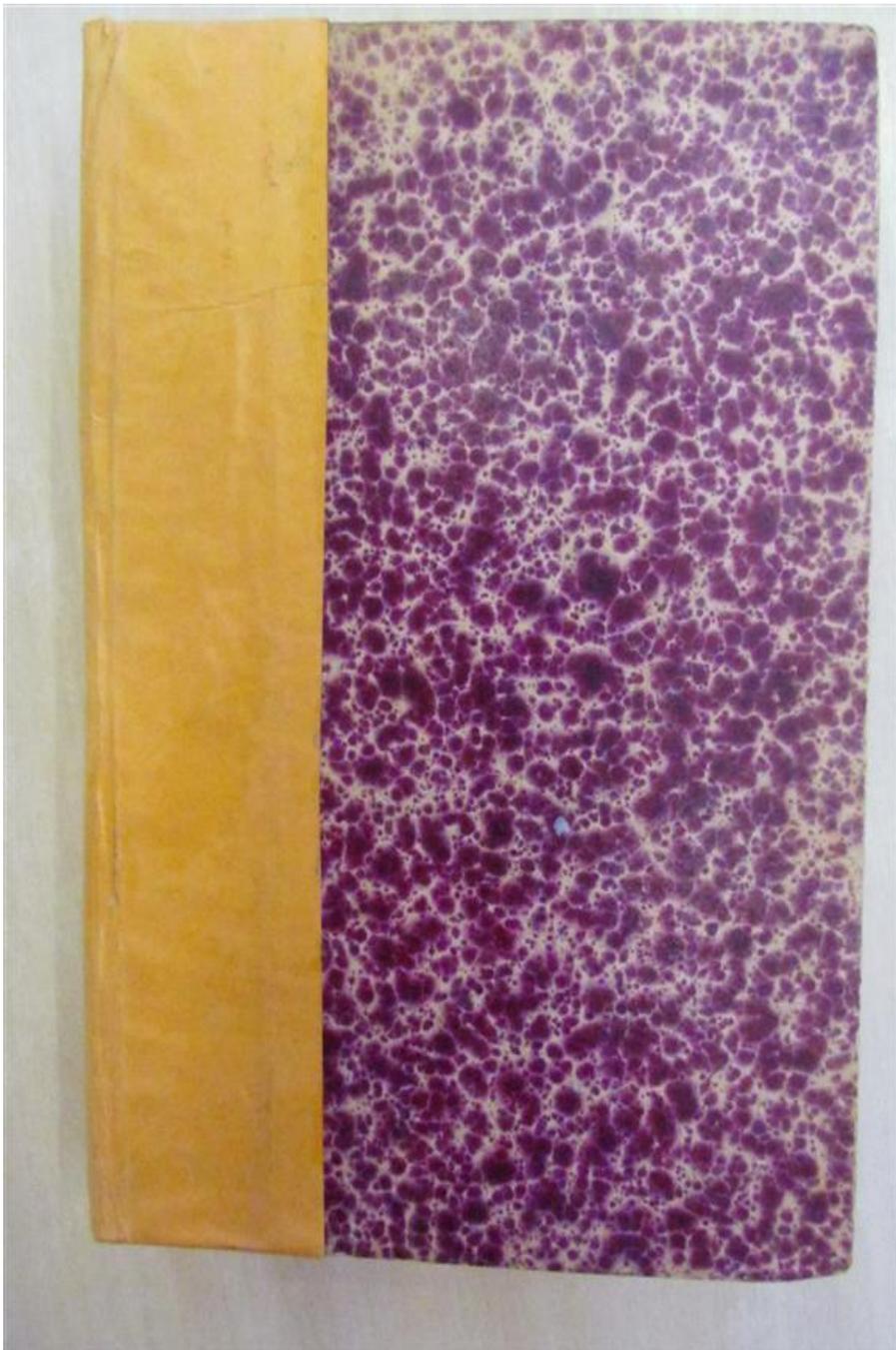
HIASSANA SCARAVELLI

SÉLIA ANA ZONIN

BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO PROJETO

“OBJETOS DA ESCOLA” – FAED/UEDESC

COORDENADO PELA PROF^a. DR^a. VERA GASPAR



Biblioteca Pública do Estado FLORIANÓPOLIS	
Res. n. 11196	Data 27-8-78



Governador do Estado



DR. ADOLPHO KONDER,

PRESIDENTE DE HONRA DA CONFERENCIA

Secretario do Interior e Justiça



DR. CID CAMPOS,
PRESIDENTE DA CONFERENCIA

Director da Instrucção Publica



Prof. MÂNCIO DA COSTA



INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Para que devidamente ficasse assinalado o 1º centenário da criação da escola primária em a nossa cara Pátria e se registasse algo acêrca de quanto realizámos em matéria de ensinança publica, nesta parte da Federação,— publicam-se estes Annaes dos trabalhos da 1ª. Conferência estadual de Ensino Primário, memoravel certamen, onde se ventilaram os mais salutare e precípuos problemas de pedagogia, como relevante homenagem áquelle acontecimento.

Nelles sobejamente se constatarão o amor dos nossos homens público á nobre e altruística causa do ensino, a boa vontade e a carinhosa diligência com que cooperaram para activar mais e mais a disseminação da instrução no Estado, envidando o melhor de seus esforços para minorar o ainda ponderavel coefficiente de analfabetismo, de que enferma a nossa nacionalidade.

São indá elles que dirão das energias dispensadas pelo exmo. sr. dr. Adolpho Konder, no attender á reforma e consequente ampliação de nosso systema educacional, preenchendo lacunas e supprimindo demasias que, ao invés de tornar praticos e efficientes methodos de ensino, difficultama processuação dos mesmos.

Estes Annaes, pois, são que farte prova bastante do esforço dispendido pelos poderes publicos do Estado, para solver o mais vital problema se não o maior e mais patriótico da nosa Nacionalidade.

Convocação da Conferência

e

Trabalhos preliminares

* Com o alevantado interesse de bem servir ao seu Estado e realizar as idéas contidas no seu programma governamental, o exmo. sr. dr. Governador em reunião, no dia 12 de janeiro do corrente anno, a que foram presentes os exmos. srs. Drs. Henrique da Silva Fontes e Cid Campos respectivamente secretários da Fazenda e do Interior e Justiça; major Pedro Cunha, director do thesouro, prof. Orestes Guimarães, inspector federal das escolas subvencionadas pela União, e eu—opinou que se reunissem numa Conferencia estadual de ensino primário os directores de grupos escolares e escolas complementares, directores de estabelecimentos federaes de ensino e os dos particulares e equiparados e congêneres do Estado, lentes, professores, chefes escolares e pessoas de reputado saber pedagógico, a fim de serem discutidas theses de interesse instante para o professorado, em particular e de grande alcance pratico para o ensino, em geral.

Ficou, então, constituida uma comissão preparatória da Conferência, sob a presidencia do exmo. sr. dr. Secretario do Interior e Justiça e composta dos srs. Mâncio da Costa, director da Instrucção Pública, professor Orestes Guimarães, inspector federal, professor Barreiros Filho, director da Escola Normal e professor Luis Trindade, inspector escolar.

Esta comissão já se desobrigou da elaboração do regimento da Conferencia e das theses, que foram approvados por V. Excia.

A Confêrencia estadual de Ensino primário realizar-se-á do dia 31 de julho a 10 de agosto proximo vindouro.

Nesta reunião, tambem, foi determinado pelo sr. dr. Secretario da Fazenda, sob suggestão do exmo. sr. dr. Governador, que o pagamento do professorado se fizesse de ora avante com a máxima regularidade, assignando S. Excia., dias depois, o Decreto nº 2012, de 15 de janeiro do corrente, que concede aos membros do Conselho Escolar Familiar poderes para attestar o exercicio ás professoras das escolas ruraes.*

Do Relatorio do Director da Instrucção Publica, apresentado ao sr. dr. Secretario do Interior e Justiça, em 15 de Fevereiro de 1927.



ESTADO DE SANTA CATHARINA

Secretaria do Interior e Justiça

Directoria da Instrução Publica, Florianopolis, de 1927

Sr. Professor

Na fôrma da alinea 1ª. do art. 36 do Regimento, que ora vos envio, tenho a maior satisfação de convidar-vos para assistir á Conferência Estadual de Ensino Primario, a realizar-se nesta Capital, de 31 de julho a 10 de agosto proximo vindouro.

Por exiguidade de espaço, carencia de tempo, ordem e normalização dos trabalhos da Conferência (primeira a se effectuar no Estado), a Comissão Preparatoria, depois de meditar sobre o assumpto, resolveu restringir o numero dos conferencistas, pelo que o presente convite vos assegura, somente, o direito de assistencia, em lugar reservado.

No entretanto, de conformidade com o artigo 38 do Regimento, vos foi garantido o direito de representação escripta sobre quaesquer das Theses annexas ao Regimento, a qual, vos declaro, receberei com a maior satisfação, como serviço relevante á Conferência.

Os trabalhos que tiverdes de enviar, deverão vir, por meu intermedio, até 15 de julho proximo.

Saúde e fraternidade.

Antonio Mâncio da Costa
Director da Instrução

Florianopolis, 18 de janeiro de 1927

CIRCULAR Nº 4

Illmo. Sr. Superintendente Municipal

Cabe-me communicar-vos que, na forma do § unico do artigo 36 do Regimento da Conferência Estadual de Ensino Primario, a realizar-se, nesta Capital, de 31 de julho a 10 de agosto proximo, ficastes considerado membro nato da mesma, pelo que vos felicito e me congratulo comvosco e com esse municipio.

Assim, pois, para normalização dos serviços preparatorios da Conferência, rogo-vos que, na forma da alinea b do § unico do Regimento da Conferência, que ora vos remetto, vos digneis responder-me se adheris á Conferencia e si a ella pretendeis comparecer.

Valho-me do ensejo para apresentar-vos os protestos de alta estima e consideração.

Ass — *Mâncio da Costa*

Director da Instrução.

Florianopolis, 20 janeiro de 1927

CIRCULAR N° 5

Illmo. Sr. Chefe Escolar

Cabe-me a satisfação de remetter-vos o Regimento e as Theses da Conferência Estadual de Ensino Primario, a realizar-se nesta Capital, e de solicitar o vosso comparecimento e collaboração.

Quaesquer communicações ou trabalhos, pertinentes á Conferência, me deverão ser transmittidos, até 15 de julho proximo.

Saúde e fraternidade.

Ass — *Mâncio da Costa*

Director da Instrução.

Florianopolis, 20 de janeiro de 1927

CIRCULAR N° 6

Illmo. Sr.

Com a maior satisfação, cabe-me enviar-vos o Regimento e as Theses da Conferência Estadual de Ensino Primario, a realizar-se, nesta Capital, de 31 de julho a 10 de agosto proximo vindouro, e da qual, conforme alinea 2ª. do artigo 36 do citado Regimento, fostes considerado membro effectivo.

Felicitando-vos e á Conferência, pela vossa escolha, ouso contar com a vossa presença e com a vossa esclarecida collaboração.

Para normalidade dos trabalhos preparatorios da Conferência Estadual de Ensino Primario, declaro-vos que quaesquer trabalhos deverão ser-me remettidos, até 15 de julho proximo, sendo que elles só podem versar sobre os assumptos das theses propostas.

Valho-me do ensejo para apresentar-vos as seguranças de minha estima e consideração.

Ass — *Mâncio da Costa*

Director da Instrução.

Florianopolis, 20 de janeiro de 1927

CIRCULAR N.º 7

Sr. Director.

Na forma da alinea 2.ª do artigo 36 do Regimento da Conferência Estadual de Ensino, do qual ora vos remetto dois exemplares, declaro-vos que, desde já, ficae considerado como membro effectivo da Conferencia.

Conto, de antemão, com a eficiencia da vossa collabora-ção, estudando as Theses pertinentes a Conferência Estadual de Ensino Primario e remettendo qualquer trabalho attinente ás mesmas até 1.º de julho proximo.

Opportunamente, vos serão assegurados os meios de transporte e de estadía nesta Capital.

Saúde e fraternidade.

Ass — *Mâncio da Costa*

Director da Instrução.

PROGRAMMA

DIA 31 DE JULHO — *às 15 horas*

No salão nobre da Escola Normal — Sessão solenne de installação.

DIA 1.º DE AGOSTO — *às 9 horas*

No Grupo Escolar Lauro Müller—Hasteamento da Bandeira e Saudação.

às 13 horas

No Grupo Escolar Lauro Müller — Saudação e arreamento da Bandeira.

às 14 horas

Visita ao exmo. sr. dr. Governador do Estado pelos membros da Conferência.

às 18 horas

No salão nobre da Escola Normal — 1.ª sessão ordinaria da Conferência.

DIA 2 DE AGOSTO — *às 18 horas*

2.ª sessão ordinaria.

DIA 3 DE AGOSTO — *às 9 horas*

Os membro da Conferência assistirão á festa escolar organizada pelas alumnas da Escola Normal.

às 18 horas

3.ª sessão ordinaria.

DIA 4 DE AGOSTO — *às 9 horas*

No Grupo Escolar Lauro Müller — Hasteamento da Bandeira e saudação.

às 18 horas

4.ª sessão ordinaria

DIA 5 DE AGOSTO — *às 9 horas*

No Grupo Escolar Lauro Müller — Commemoração do Centenario do nascimento do Marechal Deodoro: I Parte — Gymnastica — pelos alumnos do Grupo Escolar Lauro Müller; II Parte — Literaria — pelos alumnos do Grupo Escolar Silveira de Souza.

às 14 horas

Visita de cumprimentos ao Commando da Força Publica no respectivo Quartel.

às 18 horas

5ª sessão ordinaria.

DIA 6 DE AGOSTO — às 10 horas

No Grupo Escolar Silveira de Souza — Hasteamento da Bandeira e saudação.

às 18 horas

6ª sessão ordinaria.

às 20 horas

Recepção em Palacio.

DIA 7 DE AGOSTO — às 14 horas

Os membros da Conferência assistirão á festa escolar organizada pelas alumnas da Escola Normal annexa ao Collegio Coração de Jesus.

DIA 8 DE AGOSTO — às 9 horas

Visita á Escola de Aprendizizes Artifices.

às 12 horas

Almoço offerecido pelo exmo. sr. dr. Secretario do Interior e Justiça.

às 18 horas

7ª sessão ordinaria.

DIA 9 DE AGOSTO — às 10 horas

Os membros da Conferência assistirão á festa organizada pela Escola Archidiocesana São José.

às 18 horas

8ª sessão ordinaria.

DIA 10 DE AGOSTO — às 9 horas

Formatura geral dos escolares.

às 18 horas

Sessão solenne de encerramento.

Secretaria do Interior e Justiça, em Florianopolis, 2 de Julho de 1927.

(Ass.) *Cid Campos.*

Secretario do Interior e Justiça

Foram estas as Theses apresentadas á Conferencia do Ensino:

N. 1. Esboços de um programma de ensino para a Escola Normal — professor Francisco Barreiros Filho;

N. 2. E' compativel o ensino Normal com uma adaptacão do mesmo aos cursos gymnasiaes? — professor Antonio Mancio da Costa;

N. 3. Considerações concernentes a 10ª. these—padre Francisco Xavier Zartmann;

N. 4. Ha vantagem em descongestionar o ensino Normal e o Complementar, no Estado, do acervo das disciplinas que os compõe? — professor Germano Wagenführ;

N. 5. Do descongestionamento do curso Complementar do acervo das disciplinas e da ligacão do referido curso com o primario — professor Luis Sanches Bezerra da Trindade;

N. 6. O ensino de portuguez nos Grupos e nas escolas Complementares — professora Maura de Senna Pereira;

N. 7. Como déve o Estado encarar o ensino profissional? — professor Heitor Thomaz da Silveira;

N. 8. Geographia e cartographia—professor João dos Santos Areão;

N. 9. Provimto das escolas isoladas material que lhes é indispensavel e sua fiscalizacão—professor Egydio Abbade Ferreira;

N. 10. Inspeccão Escolar—como deve ser feita?—professor Flordoardo Cabral;

N. 11. Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes? professor Adriano Mosimann;

N. 12. Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes?—professor Marcilio Dias de Santiago;

N. 13. Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?—professora Beatriz de Souza Brito;

N. 14. Ensino de leitura pelo methodo analytico—professora Floscula de Queiroz Santos;

N. 15. Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico?—Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?—professor Herminio Heusi da Silva;

N. 16. Ensino de leitura pelo methodo analytico?—professora Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho;

N. 17. Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytico? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?—professor José Pontes;

N. 18. O ensino de leitura pelo methodo analytico — professor Germano Lauer;

N. 19. O ensino de leitura nas zonas coloniaes—professor Fernando Steinhauer;

N. 20. O ensino de historia e educação civica—professor Tiburcio João de Carvalho;

N. 21. Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial da arithmetica pratica? Será possivel a usança desses mappas nas escolas ruraes?—professora Beatriz de Souza Brito;

N. 22. Como devem ser ministrados o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares?—Qual a correlação entre essa e outra materia? Convém o ensino da cartographia nas escolas ruraes? De que forma?—professora Beatriz de Souza Brito;

N. 23. Como deve ser ministrado o ensino de historia patria e educação civica nas escolas primarias e complementares? Em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes?—professora Beatriz de Souza Brito.

N. 24. O ensino de geographia nas escolas primarias e complementares—professora Maria Isabel Falcão;

N. 25. O ensino de historia patria e educação civica—professor Paschoal Meneguzzi;

N. 26. Como devem ser ministrados o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares?—Qual a correlação entre essa e outra materia? Convém o ensino de cartographia nas escolas ruraes?—professora Catharina Demoro;

N. 27. O ensino de geographia e cartographia—professor Alfredo Xavier Vieira;

N. 28. O ensino da historia Patria—professor Adolpho Silveira;

N. 29. O ensino de geographia e historia patria—professor Antonio Victor de Souza;

N. 30. A adopção de processos pedagogicos condizentes com o nosso meio, constitue um dos problemas mais actuaes. O papel do professor primario de Santa Catharina, na solução desse problema—professor Adriano Mosimann;

N. 31. A eficiencia da escola nocturna na desanalphabetização do paiz—Dr. Oscar de Oliveira Ramos;

N. 32. Requisitos de uma boa pergunta—professor Laercio Caldeira de Andrada;

N. 33. Ligeiras considerações sobre a instrução e educação das crianças anormaes—professor Alberto Ferraz;

N. 34. Jardim da infancia—professor João dos Santos Areão;

N. 35. Da necessidade da uniformização da ortographia nas escolas—professor Trajano José de Souza;

N. 36. Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos?—professora Isaura Veiga de Faria;

N. 37. Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos?—Dr. Albino Sá Filho;

N. 38. Caracteristico de uma boa professora—Josephina Caldeira de Andrada;

N. 39. O ensino de noções de hygiene nas escolas publicas no Estado de Santa Catharina—Academico Oswaldo Rodrigues Cabral;

N. 40. Assistencia dentaria escolar—Cirurgião dentista Ary Bittencourt Machado;

N. 41. Quaes as noções de hygiene que, de preferencia, devem ser ministradas nas escolas nas zonas ruraes?—professora Appolonia Capitulina Miles;

N. 42. Inspecção escolar—professor Adalberto Haffner;

N. 43. Noções de hygiene—professor Manoel Elpidio de Oliveira Malheiros;

N. 44. Ligeiras considerações sobre hygiene escolar Dr. Alfredo Porfirio de Araujo.

Decreto n. 2077

5 — 7 — 1927.

O dr. Adolpho Konder, Governador do Estado de Santa Catharina no uso de suas attribuições e considerando que não ha na lei de orçamento em vigor, dotação pela qual possa correr as despesas da Conferência do Ensino Primario;

DECRETA:

Art. 1º — Fica aberto ad-referendum do Congresso Representativo do Estado de Santa Catharina, o credito de vinte contos de reis . . . (20.000\$000), suplementar a lei n. 1566 de 6 de novembro de 1926 a fim de attender as despesas da Conferência do Ensino Primario.

Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrario.

Secretaria do Interior e Justiça, em Florianopolis, 5 de julho de 1927.

Ass — *Adolpho Konder*
 Cid Campos.

II

Regimento Interno

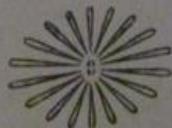
da

Conferência

REGIMENTO INTERNO

DA

Conferência de Ensino Primario



Conferência Estadual de Ensino

Excellentissimo Senhor Dr. Cid Campos, M. D. Secretario de Interior e Justiça.

Os abaixo-assignados, respectivamente, Director da Instrucção, Inspector Federal das Escolas Subvencionadas, Director da Escola Normal e Inspector Escolar do Estado, designados pelo Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado para, como membros da Commissão Preparatoria da Conferencia Estadual de Ensino, organizarem o Regimento Interno e as Theses por discutir em tal Conferência, vêm desempenhar-se de tão honrosa e elevada incumbencia, apresentando á approvação de Vossa Excellencia os alludidos trabalhos, conforme se vêm nas paginas adeante.

Aproveitando o ensejo, reiteram a Vossa Excellencia os seus protestos da maior consideração e estima.

Florianopolis, 12 de janeiro de 1927.

Mâncio da Costa

Orestes Guimarães

Barreiros Filho

Luiz S. B. da Trindade

Regimento Interno da Conferência do Ensino Primario do Estado de Santa Catharina

Da Conferência

Art. 1º.—A Conferência do ensino Primario do Estado de Santa Catharina, convocada pelo Secretario do Interior e Justiça, em nome do Governador do Estado, realizar-se-á em Florianopolis, de 31 de julho a 10 de agosto do corrente anno.

Art. 2º.—A Conferência tem por fim tratar de assumptos que se relacionem com o ensino estadual, em particular, e com o ensino do Brazil, em geral.

Art. 3º.—São membros da Conferência: o Governador do Estado, como presidente de honra; o Secretario do Interior e Justiça, como presidente effectivo; o Secretario da Fazenda, Viação, Obras Publicas e Agricultura; os membros da Comissão Preparatoria, designados pelo Governador, os directores de estabelecimentos de ensino estadual ou federal ou equiparados ou particulares, bem como autoridades e pessoas gradadas que, convidadas na forma deste Regimento, adherirem à Conferência.

Das Sessões

Art. 4º.—A sessão inaugural da Conferência será às 15 horas do dia 31 de julho proximo vindouro, na sala do Congresso Representativo do Estado, que fôr escolhida para tal fim.

Art. 5º.—Na sessão inaugural, o presidente effectivo convidará dois membros da Conferência para servirem de 1º, e 2º vice presidentes e mais dois para 1º, e 2º, secretarios.

Art. 6º.—Os vice presidentes e secretarios substituir-se-ão na ordem da numeração ordinal a que se refere o artigo anterior.

Art. 7º. As actas das sessões serão publicadas na Imprensa Official.

Da Mesa

Art. 8º.—A Mesa da Conferência será composta:

- a)—do presidente;
- b)—de dois secretarios.

Das Comissões

Art. 9º.—O presidente nomeará tres commissões permanentes, cada uma de tres membros (um presidente, um secretario e um relator), afim de estudarem e darem parecer sobre os trabalhos apresentados à Conferência (1)

§ Unico.—Cada commissão elegerá o seu presidente, secretario e relator.

Art. 10º.—Os membros das commissões darão os seus pareceres, por escripto, em separado, de modo synthetico, de fórma a orientar a votação dos assumptos no plenario. (2).

Art. 11º.—A distribuição dos assumptos a serem estudados pelas commissões, caberá ao presidente effectivo ou ao seu substituto, na fórma do artigo 6º.

Art. 12º.—As commissões terão 48 horas, no maximo, para relatar o assumpto de que forem incumbidas.

Das Votações

Art. 13º.—A Mesa da Conferência submeterá a esta, em sessão plena, os assumptos estudados de accordo com o artigo 10º.

Art. 14º.—Cada membro da Conferência terá vinte minutos, no maximo, para justificar ou impugnar os assumptos submettidos ao plenario.

Art. 15º.—A juizo do presidente, o prazo estabelecido no artigo antecedente poderá ser prorogado por mais vinte minutos.

Art. 16º.—Todos os membros da Conferência falarão de pé, excepto o presidente ou qualquer membro que allegar achar-se doente.

Art. 17º.—Ninguem poderá falar sem ter pedido e obtido a palavra.

Art. 18º.—Um dos secretarios, designado pelo presidente, fará a relação dos membros que pedirem a palavra, afim de por ella guiar-se o presidente.

Art. 19º.—Quando diversos membros pedirem a palavra ao mesmo tempo, o presidente a dará a quem lhe parecer.

Art. 20º.—Os membros do Conferência só poderão falar:

(1) Vide acta da 2ª sessão preparatoria.

(2) Vide acta da 1ª sessão ordinaria.

a) — sobre o assumpto em discussão, segundo a ordem do dia, que deverá ser publicada na Imprensa Official;

a) — para pedir urgencia ou preferencia quanto á votação dos assumptos;

c) — para fazer quaesquer communicações de relevancia ao fim da Conferência.

Art. 21º. — Cada assumpto será discutido uma só vez, passando-se á sua votação logo após o encerramento da discussão.

Art. 22º. — Nenhum projecto ou indicação poderá ser discutido, se não estiver incluído nas questões a serem tratadas, conforme a letra *a* e a letra *c* do Art. 20º.

Art. 23º. — Os membros da Conferência só poderão falar uma vez sobre o mesmo assumpto.

Art. 24º. — Nenhum municipio ou estabelecimento de ensino ou escola, poderá ter mais de um representante na Conferência.

Do Presidente

Art. 25º. — O presidente da Conferência é o seu organ, todas as vezes que ella tiver de se manifestar collectivamente.

Art. 26º. — São attribuições do presidente:

a) — abrir e encerrar as sessões, mantendo a ordem e fazendo respeitar este Regimento;

b) — conceder, retirar e negar a palavra aos membros da Conferência;

c) — indicar o assumpto a ser votado;

d) — annunciar o resultado das votações;

e) — suspender ou levantar a sessão, quando não puder manter a ordem, deixando, nesse caso, a cadeira da presidencia.

f) — marcar a ordem do dia da sessão seguinte;

g) — assignar as actas das sessões com os demais membros da Mesa;

h) — convocar sessões extraordinarias, diurnas ou nocturnas.

Art. 27º. — Qualquer membro da Conferência poderá pedir ao presidente a fôrma por que entender devam ser votados os assumptos.

Art. 28º. — Os vice-presidentes, quando em exercicio, terão as attribuições do presidente effectivo.

Art. 29º. — O presidente para que possa discutir qualquer assumpto, deve passar a presidencia ao seu substituto.

Dos Secretarios

Art. 30. — São attribuições dos secretario:

a) — ler á Conferência os assumptos que a ella interessarem, na fôrma deste Regimento;

b) — fazer a correspondência da Conferência;

c) — lavrar as actas das sessões;

d) — receber e dar o devido destino á correspondência dirigida á Conferência;

e) — colleccionar em boa ordem os projectos, relatorios, indicações e pareceres.

Art. 31. — A distribuição dos trabalhos a que se refere o art. anterior, caberá ao presidente.

Da Comissão Preparatoria

Art. 32º. — A Comissão Preparatoria, designada conforme o art. 3º, cabe:

a) — a elaboração do presente Regimento, que será submettido á approvação do Secretario do Interior e Justiça;

b) — a organização das Theses a serem discutidas na Conferência, consoantes as disposições do art. 2º;

c) — a disposição de todos os papeis, e theses e documentos enviados á Conferência até a sua sessão inaugural, na fôrma do artigo 4º.

Art. — 33º. As funções dos membros da Comissão Preparatoria cesarão ao inaugurar-se a Conferência, passando elles a fazer parte da mesma como representantes do Estado.

Disposições Transitorias

Art. 34º. — O presente Regimento será impresso e entregue ao Director da Instrucção, bem como as Theses annexas.

Art. 35º. — Ao Director da Instrucção cabe providenciar de fôrma que, até 1º de março, o Regimento e as Theses sejam remettidos aos conferencistas.

Art. 36º. — Os convites serão de duas especies, a saber:
1.º — Convites geraes, que serão dirigidos aos professores publicos do Estado, assim como aos professores particulares, cujas escolas estejam registradas, na fôrma da lei, na Directoria da Instrucção;

2.º — Convites especiaes, que serão destinados aos directores dos estabelecimentos de ensino do Estado; aos directores dos estabelecimentos federaes de ensino, no Estado; aos directores de estabelecimentos de ensino fiscalizados pela

União, no Estado; aos directores dos estabelecimentos de ensino equiparados aos do Estado.

Art. 37.º—Além dos convites a que se refere o Regimento, o Director da Instrucção convidará pessoas que, a seu juizo, possam cooperar, efficientemente, nos trabalhos da Conferência.

Art. 38.º—A qualquer convidado, na fôrma dos artigos 6.º e 37.º, é permittida a remessa de trabalhos concernentes ás Theses da Conferência, sendo que della, no entanto, só farão parte os membros referidos na alinea 2.ª do artigo 36.º e os do artigo 37.º

§ Unico.—São membros natos da Conferência:

a)—Os inspectores escolares estaduais.

b)—Os superintendentes municipaes, que officiaem ao Director da Instrucção, declarando comparecer ás sessões:

c)—Os lentes da Escola Normal;

d)—Os chefes escolares que procederem na fôrma da alinea b.

Art. 39.—Fóra das Theses officiaes, a serem discutidas na Conferência, poderão ser apresentadas outras que, a juizo do Director da Instrucção, se enquadrem no disposto no art. 2.º deste Regimento.

Art. 40.—As Theses a serem discutidas na Conferência, em numero de 14, são as seguintes:

1.

Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduais?

2.ª

Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial da arithmetica pratica? Será possivel a usança desses mappas nas escolas isoladas ruraes?

3.

Como devem ser ministrados o ensino da geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares? Qual a correlação entre essa e outra materia? Convem o ensino da cartographia nas escolas ruraes? De que fôrma?

4.ª

Como deve ser ministrado o ensino de historia patria e educação civica nas escolas primarias e complementares? Em

que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes?

5.ª

Quaes as noções de hygiene que, de preferênciã devem ser ministradas nas escolas nas zonas ruraes?

6.ª

Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do País? Ha possibilidade de torná-lo mais proficuo no Estado, em particular, e no País, em geral? De que fôrma?

7.ª

Qual o valor do mestre-escola na formação educacional dos povos?

8.ª

Vantagens dos cursos nocturnos na desanalphabetização do País?

9.ª

A escola como *seminarium* de trabalho immediato. Ensaaios realizados nesse terreno (Decroly, Paul Robim e Ferrière).

10.ª

E' compativel o ensino normal primario com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes?

11.ª

Ha vantagem em descongestionar o ensino normal e o complementar, no Estado, do acêrvo de disciplinas que os compõem?

12.ª

Quantos annos deve ter o curriculo normal?

13.ª

Inspeção escolar. Como deve ser feita? 223

14.ª

Como deve o Estado encarar o ensino profissional?

Florianopolis, 13 de janeiro de 1927.

Cid Campos.

Secretario do Interior e Justiça



ADHESÕES

Membros da Conferência Estadual de Ensino Primario nos termos do Regimento da mesma Conferência.

Dr. Adolpho Konder
Dr. Cid Campos
Dr. Henrique da Silva Fontes

Commissão preparatoria:

Prof. Antonio Mâncio da Costa
» Orestes Guimarães
» Francisco Barreiros Filho
» Luis Sanches Bezerra da Trindade

Inspectores escolares

Prof. Flordoardo Cabral
» João dos Santos Areão

Directores de estabelecimentos de ensino Estadual:

Prof. João Tolentino de Souza junior
» Beatriz de Souza Britto
» Floscula de Queiroz Santos
» Taciano Barreto do Nascimento
» Herminio Heusi da Silva
» Albano Monteiro Espinola
» Guilherme Wiethorn Filho
» Antonio Epiphania dos Santos
» Mario Garcia
» Honorio Gomes de Miranda
» Catharina Demoro
» Adriano Mosimann
» Walter Wagenführ
» Hercilio Zimmermann
» Cesar Augusto de Carvalho
» Antonio Gasparello
» Germano Wagenführ
» Marcilio Dias Santiago
» Gustavo Gonzaga
» Adolpho Silveira
» Leonor de Sousa Neves
» Egydio Abbade Ferreira

Directores de estabelecimentos Federaes
ou equiparados:

P. Francisco Xavier Zartmann
P. Frei Evaristo Schürmann
Irmã Bernwarda Michele
Dr. João Candido da Silva Muricy

Convidados:

Dr. Lysimaco Costa
Dr. Fernando de Raja Gabaglia
Dr. Oscar Ramos
Dr. Achilles Galloti
Dr. Edmundo Moreira
Dr. Albino Sá Filho
Dr. Alfredo Porphirio de Araujo
Dr. Carlos Corrêa
Dr. Gilberto Paranhos

P. Ernesto Hermendoff
Prof. Maria Amorim

- « José Accacio M. Filho
- « Laercio Caldeira de Andrada
- « Isaura Veiga de Faria
- « Arnaldo Gomes Jardim
- « Alfredo Xavier Vieira
- « Maura de Senna Pereira
- « Odilon Fernandes
- « Josephina Caldeira de Andrada

Capitão Marcelino Coelho

Academico Oswaldo Rodrigues Cabral

Cirurgião-dentista Ary Bittencourt Machado

Chefes escolares:

Coronel Hyppolito Boiteux

- » Dimas Prazeres Campos
- » Cid Gonzaga

Superintendentes municipaes

Dr. Heitor Blum

Major José Koerich

- » Alcebiades Seára

Curt Hering

Coronel Marcos Rovaris

- » José da Silva Candemil
- » Marcos Konder
- » Nicolau Ruthes Sobrinho
- » Caetano V. da Costa

Nicolau Bado

João Pacheco dos Reis

Major Boanerges Medeiros

José Philomeno

Jacob Tavares

Bernardo Tasso

Coronel Francisco Alencar de Azambuja

Lentes da Escola Normal:

Prof. Bellarmino Corrêa Gomes

- » Henrique Brüggemann
- » Joaquim Margarida
- » Emilia Gastão
- » Maria do Carmo Caldeira de Andrada
- » Laura da Luz Montenegro.

IV

ACTAS

Acta da 1.^a sessão preparatoria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos.

SECRETARIO - Professor Luis Sanches B. da Trindade.

Aos vinte nove dias do mês de julho de 1927 no salão nobre da Escola Normal, ás 18 horas, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça, Presidente da mesma Conferência deu por iniciados os trabalhos da primeira sessão preparatoria.

Feita a chamada verificou-se a presença dos senhores conferencistas: dr. Cid Campos, Professor Antonio Mâncio da Costa, Francisco Barreiros Filho, Luis Sanches Trindade, Flordoardo Cabral, João Tolentino de Sousa Junior, Beatriz de Sousa Brito, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Professor Laercio Galdeira de Andrada, Cirurgião Dentista Ary Bittencourt Machado, professor Arnaldo Gomes Jardim, Coronel Hyppolito Boiteux, Cel. Francisco Pedro Alencar de Azambuja, professor Henrique Brüggemann e professor Joaquim das Oliveiras Margarida, tendo justificado a ausencia o professor Orestes Guimarães.

Á vista do que determina o art. 5.^o do Regimento Interno da Conferência, o sr. dr. Presidente nomeou 1.^o e 2.^o vice-presidentes respectivamente os professores Orestes Guimarães, Antonio Mâncio da Costa e 1.^o e 2.^o Secretarios os professores Francisco Barreiros Filho e Egydio Abbade Ferreira.

Determinou, em seguida, o sr. dr. Presidente que o sr. Secretario fizesse a leitura das Theses recebidas pela Directoria da Instrução Publica, na forma expressa pelo Regimento Interno da Conferência, a saber: n.^o 1 — Esboços de um programma de ensino para a escola Normal — professor Francisco Barreiros Filho; n.^o 2 — E' compativel o ensino Normal com uma adaptação dos mesmos aos cursos gymnasiaes? — professor Antonio Mâncio da Costa; n.^o 3 — Considerações

concernentes à 10ª. These — P. F. X. Zartamann; n° 4 — Ha vantagem de descongestionar o ensino Normal e o complementar; no estado, do acervo de disciplinas que os compõem — professor Germano Wagenführ; n° 5 — Do descongestionamento do curso complementar do acervo das disciplinas e da ligação do referido curso com o primario — professor Luís Sanches Bezerra da Trindade; n° 6 — O ensino de português nos grupos e escolas complementares — professora Maura de Senna Pereira; n° 7 — Como deve o Estado encarar o ensino profissional? — professor Heitor Thomaz da Silveira; n° 8 — Geographia e cartographia — professor João dos Santos Areão; n° 9 — Provitimento das escolas isoladas, material que lhes é indispensavel e sua fislização — professor Egydio Abbade Ferreira; n° 10 — Inspeção Escolar — Como deve ser feita? — professor Flordardo Cabral; n° 11 — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic? — Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaues? — professor Adriano Mosimann; n° 12 — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic? — Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaues? — professor Marcilio Dias de Santiago; n° 13 — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic? — Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaues? — professora Beatriz de Souza Britto; n° 14 — Ensino de leitura pelo methodo analytic — professora Floscula Queiroz Santos; n. 15 — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic? — Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaues? — professor Herminio Heusi da Silva; n° 16 — Ensino de leitura pelo methodo analytic — professora Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho; n° 17 — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic? — Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaues? — professor José Pontes; n° 18 — O ensino de leitura pelo methodo analytic — professor Germano Lauer; n° 19 — O ensino de leitura nas zonas colonias — professor Fernando Steinhauer; n. 20 — O ensino de Historia e Educação Civica — professor Tiburcio João de Carvalho; n° 21 — Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial da Arithmetica pratica? Será possivel a usança desses mappas nas escolas isoladas ruraes? professora Beatriz de Souza Britto; n. 22 — Como devem ser ministrados o ensino de Geographia e Cartographia nas

escolas primarias e complementares? Qual a correlação entre essa e outra materia? — Convém o ensino da cartographia nas escolas ruraes? De que forma? — professora Beatriz de Sousa Brito; n° 23 — Como deve ser ministrado o ensino de Historia Patria e Educação Civica nas escolas primarias e complementares? Em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes? — professora Beatriz de Sousa Brito; n° 24 — O ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias complementares — professora Maria Isabel Falcão; n° 25 — O ensino de historia patria e educação civica — professor Paschoal Meneguzzi; n° 26 — Como deve ser ministrado o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares? Qual a correlação entre essa e outra materia? Convém o ensino da cartographia nas escolas ruraes? De que forma? professora Catharina Demoro; n. 27 — O ensino de Geographia e cartographia — professor Alfredo Xavier Vieira; n. 28 — O ensino da Historia Patria — professor Adolpho Silveira; n. 29 — O ensino de geographia e Historia Patria — professor Antonio Victor de Sousa; n. 30 — Adopção de processos pedagogicos condizentes com o nosso meio, constitue um dos problemas mais actuaes. O papel do professor primario de Santa Catharina na solução desse problema — professor Adriano Mosimann; n. 31 — A eficiencia da escola nocturna na desanalfabetização do país — dr. Oscar de Oliveira Ramos; n. 32 — Requisitos de uma boa pergunta — professor Laercio Caldeira de Andrada; n. 33 — Ligeiras considerações sobre a instrução das crianças anormaes — professor Alberto Ferraz; — n. 34 — Jardim da Infancia — professor João dos Santos Areão; — n. 45 — Da necessidade da uniformização da ortographia nas escolas — professor Trajano José de Souza; — n. 36 — Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos — professora Isaura Veiga de Faria; — n. 37 — Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos — dr. Albino de Sá Filho; — n. 38 — Caracteristicos de uma boa professora — professora Josephina Caldeira de Andrada; — n. 39 — O ensino de noções de hygiene nas escolas publicas do Estado de Santa Catharina — academico Oswaldo Rodrigues Cabral; — n. 40 — Assistencia dentaria escolar — Cirurgião dentista Ary Bittencourt Machado; — n. 41 — Quaes as noções de hygiene que, de preferencia, devem ser ministradas nas escolas das zonas ruraes — professora Appolonia Capitulina Milles; — n.

42 — Inspeção escolar — professor Adalberto Haffner; — n. 43 — Noções de Hygiene — professor Manoel Elpidio de Oliveira Malheiros; — n. 44 — Ligeiras considerações sobre a hygiene escolar — dr. Alfredo Porphirio de Araujo.

Nada mais havendo a tratar o sr. dr. presidente encerrou a presente sessão e, eu, Luis Sanches Bezerra da Trindade, secretario da comissão preparatoria da Conferência, lavrei a presente acta.

Florianopolis, 29 de julho de 1927. — Ass. *Luis Trindade*.

Acta da 2.^a sessão preparatoria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos.

SECRETARIO: Luis Sanches Bezerra da Trindade.

Aos trinta dias do mês de julho de 1927, ás 18 horas no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual do Ensino Primario o sr. dr. Cid Campos, secretario do Interior e Justiça, presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da segunda sessão preparatoria.

Verificou-se a presença dos srs. Conferencistas: — Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Francisco Barreiros Filho, Luis Sanches Bezerra da Trindade, Flordardo Cabral, João dos Santos Areão, João Tolentino de Souza Junior, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago,

Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, dr. Fernando Raja Gabaglia, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professor Arnaldo Gomes Jardim, professora Maura de Senna Pereira, Capitão Marcellino Coelho, Cel. Hyppolito Boiteux, Cel. Francisco Pedro de Alencar, professor Henrique Brüggemann e professor Joaquim das Oliveiras Margarida.

Foi lida e aprovada sem debates a acta da sessão anterior.

O sr. Secretario leu o seguinte expediente: I — Exmo. Governador Konder, — Florianopolis — Ministerio Justiça — Rio — 30 julho. — Apesar meu sincero desejo não me foi possível corresponder gentileza honroso convite eminente amigo me dirigiu para tomar parte trabalhos Conferência Estadual Ensino Primario. Agradeço desvanecedora lembrança meu obscuro nome e faço votos exito reunião, cuja realização demonstra elevado patriotismo e clarividencia actual governo. Saudações attenciosa Mello e Sousa. — Director Gabinete. II — Dr. Cid Campos — Secretario Interior — Joinville, 29 julho. Favor presado amigo inscrever para Congresso de ensino seguintes theses: A Hygiene na Escola Rural — do dr. Placido Gomes, e Nacionalização do Ensino minha autoria — Cordiaes abraços — Carlos Gomes. III — Professor Orestes Guimarães — Rio — Ministerio Justiça 26 julho. Comunico-vos ter resolvido designar-vos para representar este Ministerio na Conferência Ensino Primario a realizar-se Florianopolis, promovida governo estadual. Oportunamente apresentarei relatorio indicando resoluções ou votos conferência que possam interessar escolas subvencionadas União. Saudações. Vianna do Castello — Ministro da Justiça. IV — Instituto Polytechnico — Florianopolis, 30 de julho de 1927. Ao Illmo. Sr. Director da Instrucção Publica — Neste Estado. — Accuso o recebimento de vossa circular e agradeço-vos a comunicação de que faço parte da Conferência Estadual de Ensino, a realizar-se, nesta Capital. Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que com muito prazer comparecerei á mesma Conferência, como Director do Instituto Polytechnico. Aproveito o ensejo para apresentar-vos os protestos de estima e consideração. Dr. Achilles Gallotti. Director.

O sr. dr. Presidente á vista das determinações do artigo 9.^o do Regimento Interno nomeou as seguintes commissões:
PRIMEIRA COMMISSÃO: Ensino Normal, Complemen-

tar e Inspeção Escolar: — Dr. Fernando Raja Gabaglia, P. X. Zartmann, professor Marcilio Dias de Santiago.

SEGUNDA COMISSÃO: — Ensino primário em geral: — professora Maria Amorim, professor Adriano Mosimann, professora Catharina Demoro.

TERCEIRA COMISSÃO: — Processos pedagogicos, Jardim da Infancia, Cursos nocturnos — Irmã Bernwarda Michele, professor Mario Garcia, professor Hercilio Zimmermann.

O professor Luis Trindade, pediu a palavra e justificando, enviou à Mesa, o seguinte requerimento: Requeiro à Mesa que submeta a apreciação dos srs. conferencistas a proposta de desdobramento da segunda e terceira comissão, em vista da abundancia das theses que devem ser tratadas pelas mesmas. — Florianopolis — 30 julho de 1927. — Luis Sanches Bezerra da Trindade. Posta em discussão e votação foi unanimemente aprovado.

A vista da approvação do requerimento do professor Luis Trindade o sr. presidente nomeou os membros das comissões supplementares, as quaes ficaram assim denominadas:

SEGUNDA COMISSÃO — Supplementar: Ensino primario em geral — professor Laercio Caldeira de Andrada, professor Albano Monteiro Espinola, professora Beatriz de Sousa Brito.

QUARTA COMISSÃO: — Hygiene escolar — professor João dos Santos Areão, dr. Carlos Corrêa, dr. Alfredo Porphirio de Araujo.

Em seguida pediu a palavra o professor sr. Laercio Caldeira de Andrada que solicitou à Mesa esclarecimentos relativos aos artigos 10 e 13 do Regimento Interno, acerca do criterio a ser adoptado para as votações dos pareceres das comissões.

O sr. dr. Presidente declarou que as comissões submeteriam os assumptos estaduaes, de accordo com o artigo 10 do Regimento, á votação no plenario, sendo que o conhecimento geral das Theses tratadas dependeriam da aquiescencia dos srs. conferencistas.

O sr. presidente convidou os presentes para a terceira sessão preparatoria a realizar-se amanhã ás 14 horas.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, tendo eu, Luis Sanches Bezerra da Trindade, secretario da comissão preparatoria da Conferência estadual do Ensino Primario, lavrado a presente acta.

Florianopolis, 30 de julho de 1927. — Ass. Luis Trindade.

Acta da sessão de installação da Conferência Estadual de Ensino Primario.

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos

1º. SECRETARIO: Francisco Barreiros Filho

2º. SECRETARIO: Egydio Abbade Ferreira.

Aos 31 dias do mês de julho de 1927, ás 14 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça, Presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da sessão. Feita a chamada verificou-se o comparecimento dos srs. conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Francisco Barreiros Filho, Luis Sanches Bezerra da Trindade, Flordoardo Cabral, João dos Santos Areão, João Tolentino de Sousa Junior, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn, Antonio Epiphânio dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egidio Abbade Ferreira, P. F. Xavier Zartmann, Frei E. Schürmann, Irmã Bernwarda Michele, professor Alfredo X. Vieira, dr. Fernando Raja Gabaglia, professora Maria Amorim, dr. Oscar Ramos, Cirurgião Ary B. Machado, professor Arnaldo G. Jardim, professora Maura de Senna Pereira, Capitão Marcellino Coelho, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Cel. Francisco Alencar de Azambuja, professor Henrique Brüggemann, professor Eduardo Pio da Luz, professor Bellarmino Corrêa Gomes, professor Carlos Francisco Sada, professora Maria Leopoldina Avila, professor Joaquim das Oliveiras Margarida, professor Hermínio Jacques, professora Emilia Gastão, professora Maria do Carmo Caldeira de Andrada, professora Laura da Luz Montenegro. Lida a acta da sessão anterior foi approvada sem debates passando á leitura do seguinte expediente: I — Coronel Hyppolito Boiteux — Florianopolis — Nova Trento — 30 julho. Rogo obsequio representar-me conferencia Ensino Primario, Grato. Saudações. — Bado, superintendente. — II — (Presidente da Conferência dos professores) Joinville, 30.

Cumprimentamos e manifestamos solidariedade. Emília Brückheimer, Estrada da Ilha; Francisco Brückheimer, Pirabeiraba e Estrada d. Francisca. III — Nova Trento, 30. Impossibilitado comparecer Conferência Ensino Primario, pedi coronel Boiteux representar-me. Cordiaes saudações. — Bado, supte. — IV — Rio — 30. Acabo de telegraphar illustre Governador Konder, agradecendo convite expondo motivos me impedem comparecer Conferência; agradeço igualmente V. Excia e renovação sinceros votos pelo brilhante exito reunião promovida actuaes dirigentes prospero Estado Santa Catharina. V — Campos Novos, 30. Infelizmente não me é possível assistir Congresso Instrucção, como vivamente desejava. Se for permittida representação, pedirei ao nosso Baby fineza representar-me municipio. Saudações cordiaes. Fagundes. Supte.

A Conferência tomou conhecimento da apresentação das seguintes theses: I — Como deve o Estado encarar o ensino profissional, dr. Edmundo Moreira. II — Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo nas escolas do Estado, em particular, e no paiz em geral? De que forma? professor Orestes Guimarães. III — Inspecção Escolar. Como deve ser feita? professora Ambrosina Maria Gomes. IV — Como devem ser ministrados o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares? Qual a correlação entre esta e outra materia? Convem o ensino de Cartographia nas escolas ruraes? De que forma? professor Albano Monteiro Espinola. VI — Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial de arithmetica pratica? Será possível a usança desses mappas nas escolas ruraes? professor Albano Monteiro Espinola. O sr. presidente fez em seguida a nomeação das commissões de recepção dos convidados e do exmo. sr. dr. Governador do Estado, na forma seguinte:

COMMISSÃO PARA RECEBER O EXMO. SR. DR. GOVERNADOR: — Coronel Hyppolito Boiteux, dr. Oscar Ramos, professor Francisco Barreiros Filho, professor Cesar Augusto de Carvalho, professor Marcilio Dias de Santiago.

COMMISSÃO DE CONVIDADOS: — professora Beatriz de Sousa Brito, professor Flordoardo Cabral, professora Catharina Demoro, professor Egydio Abade Ferreira, professor João dos Santos Areão, professor Henrique Brüggemann, professora Maura de Senna Pereira.

Em seguida foi apresentada a seguinte ordem do dia para a primeira sessão ordinaria: Apresentação de moções, indicações, etc. Estando findos os trabalhos preparatorios o sr. dr. Presidente levantou a sessão até a chegada do exmo. sr. dr. Governador, que ás 15 horas se apresentou, assistindo a parte solenne da sessão. Pediu a palavra o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça, fazendo o discurso inaugural. Nada mais havendo a tratar S. Excia. o sr. dr. Adolpho Konder, Governador do Estado encerrou a sessão manifestando desejos de que a Conferência Estadual de Ensino produzisse os fructos para que foi convocada. Eu, Francisco Barreiros Filho, secretario da Conferência Estadual de Ensino Primario, lavrei a presente acta.

Florianopolis, 31 de julho de 1927. — *Francisco Barreiros Filho.*

Acta da 1.^a Sessão Ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: — Dr. Cid Campos.

1.^o SECRETARIO: — Francisco Barreiros Filho.

2.^o SECRETARIO: — Egydio Abade Ferreira.

Ao 1.^o dia do mês de agosto de 1927, ás 18 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça e Presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da 1.^a sessão ordinaria. Feita a chamada, verificou-se o comparecimento dos srs. conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Barreiros Filho, Luis Trindade, Flordoardo Cabral, João dos Santos Areão, João Tolentino de Souza Junior, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Quei-

roz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio E. dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar A. de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Fr. Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernando Raja Gabaglia, dr. Edmundo Moreira, dr. Alfredo Araujo, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professor Arnaldo Gomes Jardim, professor Alfredo X. Vieira, professora Maura de Senna Pereira, professora Josephina Caldeira de Andrada, Cap. Marcellino Coelho, cirurgião dentista Ary B. Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Major José Koerig, Cel. Francisco Alencar de Azambuja, professor Henrique Brüggemann, professor Bellarmino Corrêa Gomes, professor Joaquim Margarida, professora Emilia de Castro Gastão, professora Maria do Carmo Caldeira de Andrada.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada sem debates, passando-se á leitura do seguinte expediente: I — professor Orestes Guimarães, Inspector Federal Escolar, Rio, 30 julho. Sinto immenso não me ter sido possível corresponder honroso convite a assistir Conferência Ensino Primario. Pedi meu distincto collega Raja Gabaglia fosse portador meus sinceros votos êxito desse patriotico tentamen, explicando que somente arduos e ininterruptos encargos Gabinete me privam comparecer Conferência, em cujos trabalhos, todavia, participo. Rogo transmittir meus cordiaes abraços bons amigos Sta. Catharina. Saudações, Mello e Sousa — Director Gabinete; II — Mâncio Costa, Fpolis, Coritiba, 31 julho. Motivo doença impede comparecer Congresso. Agradeço distincção convite e providencias comparecimento. Faço votos Conferência corra cheia brilho maior gloria generosa Sta. Catharina. Abraços, Raul Gomes; III — Exmo. Sr. Mâncio Costa. Tenho a honra de communicar a V. Excia. que, ausentando-me temporariamente do municipio passei nesta data, ao meu substituto legal dr. Henrique Ternes, o exercicio do meu cargo, não podendo, por conseguinte, comparecer á Conferência Estadual do Ensino Primario a realizar-se no dia 31 do corrente mês pelo que peço desculpas. Valho-me da oportunidade para apresentar a V. Excia. os protestos de amizade e alta consideração. Jacob Lameu Tavares, Supte. Muni-

cipal; IV — Aviso — A Secretaria da Conferência de Ensino Primario scientifica que todos os srs. conferencistas estão convidados para assistir ao festival litero-musical, offerecido pelo Centro da Mocidade, ás senhoras Diva Dantas e Zita Coelho Netto, amanhã, ás 8 horas e meia da noite no Club 12 de Agosto.

Em seguida passou-se á ordem do dia, para a qual estavam inscriptos os srs. conferencistas Raja Gabaglia, Orestes Guimarães, Marcilio Dias de Santiago, Laercio Caldeira de Andrada e Luis Trindade.

O sr. Presidente concedeu a palavra ao primeiro inscripto, dr. Raja Gabaglia, que apresentou a seguinte moção, bordando verbalmente, a respeito da mesma, algumas judiciosas considerações: « A Conferência de Ensino Primario, em sua 1.^a sessão ordinaria congratula-se com o exmo. sr. dr. Adolpho Konder, preclaro Governador do Estado, pela esclarecida iniciativa de reunir os professores, para, em conjunto offerecerem suggestões relativas á melhoria do apparelho pedagogico em Sta. Catharina e protesta ao illustre estadista e ao seu patriotico Governo, os melhores propositos de bem servir á causa do ensino em prol da Republica e da grandeza do Brasil. » Sala das sessões, 1.^o de agosto de 1927. Ass. — Raja Gabaglia.

Concedida a palavra ao professor Orestes Guimarães, este apresentou duas moções, justificando-as verbalmente com grandes argumentos, que calaram fundo no espirito dos presentes: A primeira moção apresentada pelo professor Orestes Guimarães, foi a seguinte: « indicamos que esta Conferência, por intermedio da sua mesa, telegrape ao deputado Vidal Ramos e ao senador Felipe Schmidt, pelo muito que fizeram em prol do ensino catharinense respectivamente nos periodos de 1910-1914 e de 1914-1918. Tambem por igual motivo e como homenagem posthuma das mais merecidas, indicamos que a mesa se digne marcar dia e hora a fim de que os membros dessa illustre Conferência, reunidos visitem o tumulo do saudoso estadista dr. Hercilio Luz, dando a mesa sciencia á Viuva do sempre querido morto. Conferência de Ensino, Fpolis, 1.^o de 8 de 1927. Ass. — Orestes Guimarães, Mâncio da Costa, Barreiros Filho, Luis Trindade, João Tolentino Junior. A segunda moção que o sr. professor Orestes Guimarães submetteu á Conferência, por intermedio da Mesa, foi a que segue: « Propomos que esta Conferência, por intermedio de sua Mesa, dirija uma moção de sincero applauso

aos senadores Affonso de Camargo e Carlos Cavalcanti, pela apresentação do projecto instituindo o dia da escola primaria no Brasil, e, tambem., pela forma altamente digna por que ambos se referiam aos professores primarios do país, em geral, ao justificarem tal projecto." Conferência de Ensino, Florianopolis, 1-8-27. Ass.—Orestes Guimarães, Mâncio Costa, Barreiros Filho, Luis Trindade, João Tolentino Junior.

Ainda com a palavra o professor Orestes Guimarães, suggeriu que a Conferência, pela sua mesa, propusesse aos ditos senhores senadores, a substituição da denominação de dia da escola primaria pela do dia do professor.

Levantou-se, então o professor Marcilio Santiago, que apresentou á Mesa uma moção, defendendo-a brilhantemente, e expressa nos seguintes termos: A Conferência de Ensino Primario, ao inaugurar-se, cumpre o dever de testemunhar ao eminente Ministro da Justiça, sr. dr. Vianna do Castello, os seus mais vivos agradecimentos pela solidariedade que se dignou manifestar-lhe, designando um representante para acompanhar os trabalhos pedagogicos. Ass.—Marcilio Santiago.

Dada em seguida a palavra ao professor Laercio Caldeira de Andrada, mandou este á Mesa a moção que segue tendo-a antes lido para conhecimento da casa: « Considerando que o Estado de Santa Catharina goza hoje dos grandes beneficios trazidos á sua infancia e juventude, graças á reforma de seu aparelho educacional, instituido em 1910 pelo provector educador paulista professor Orestes Guimarães; Considerando que, ao E. de S. Paulo, é que o benemerito Governo Vidal Ramos foi buscar a competencia technica para a reforma do nosso ensino primario e normal; Considerando, ainda, que o Estado de S. Paulo deve a sua liderança na pedagogia nacional ao trabalho e á capacidade de miss Marcia Browne, indicada á presidencia Bernardino de Campos pelo grande educador Horace Lane, então director da Escola Americana de S. Paulo: Propomos, a) que seja lançado em acta um voto de viva homenagem e gratidão ao illustre professor Orestes Guimarães; b) que a Mesa telegraphie ao Presidente do E. de S. Paulo, dr. Julio Prestes, significando-lhe o reconhecimento e as homenagens desta Conferência, ao Estado leader, no Brasil, no terreno do ensino publico; c) que a Mesa telegraphie á Escola Americana de S. Paulo, homenageando á memoria de miss Marcia Browne, orientadora da reforma do ensino primario de S. Paulo, no governo Bernardino de Campos.» Sala das reuniões, 1º de agosto de 1927.

Ass. — Laercio Caldeira de Andrada, Egydio Abbade Ferreira, João dos Santos Areão, Henrique Brüggemann, Beatriz de S. Brito, Raja Gabaglia, Maria Amorim, Catharina Demoro, Marcilio D. Santiago, Luis Trindade, Mâncio da Costa, João T. de S. Junior, Josephina Caldeira de Andrada.

Concedida a palavra ao professor Luis Trindade, apresentou o mesmo á Mesa um requerimento, que leu para conhecimento dos srs. conferencistas, e do teor seguinte: « Requeiro á Mesa que submeta á approvação dos senhores conferencistas a proposta de se enviar ao professorado dos demais Estados, por intermedio dos departamentos centraes da Instrução a seguinte moção: Nós, os membros do magisterio publico e particular do E. de Santa Catharina, reunidos na cidade de Florianopolis, para a Conferência Estadual de Ensino Primario, apresentamos, por intermedio de V. Excia. os nossos votos de solidariedade aos collegas desse futuro Estado, e os concitamos a continuar envidando esforços para o engrandecimento de nossa cara Patria, elevando-a no conceito das nacionalidades pela educação integral de seu povo. Epolis, 1º de agosto de 1927. Ass. Luis Trindade.

O sr. Presidente, lez em seguida a distribuição dos trabalhos, apresentados á Conferência, ás varias commissões, do seguinte modo: A 1ª. Commissão: Theses ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 47 e 48; á 2ª. commissão: Theses ns. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21 e 49; á 2ª. commissão suplementar: Theses ns. 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 50 e 7; á 3ª. commissão: Theses ns. 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38; á 4ª. commissão: Theses ns. 39, 40, 41, 43 e 44. As theses commettidas á 1ª. commissão ficaram em mão do dr. Raja Gabaglia; ás da 2ª. commissão em mão da professora Maria Amorim; ás da 2ª. commissão suplementar, em mão do professor Laercio Caldeira; ás da 3ª. commissão, em mão da professora Irmã Bernwarda Michele e ás da 4ª. commissão em mão do professor João dos Santos Areão. Após a distribuição das theses, solicitou a palavra o dr. Raja Gabaglia que lembrou á Mesa a necessidade de incluir na 1ª. commissão um membro do ensino normal. O presidente convidou o professor Barreiros Filho para aceitar o seu nome como indicado para fazer parte da dita 1ª. commissão. O candidato acquiesceu. O professor Mâncio da Costa apresentou e leu o seguinte requerimento: « Requeiro que a Mesa submeta á apreciação da casa, a seguinte emenda ao art. 10 do Regimento Interno da Conferência. Em vez de: Os membros da commissão darão

os seus pareceres por escripto, em separado, de modo synthetico, de forma a orientar a votação dos assumptos no plenario. Mude-se em: Os relatores das commissões apresentarão de modo synthetico e por escripto os seus processos de forma a orientar a votação dos assumptos no plenario. Sala das sessões, 1º de agosto de 1927. Ass. Mâncio da Costa.

Pedida a palavra pelo professor Orestes Guimarães e sendo-lhe concedida, propoz o mesmo que se mudasse a hora de iniciar as sessões ordinarias, passando esta para as 20 horas.

Mais uma vez pediu a palavra o dr. Raja Gabaglia que, salientando o papel da Associação Brasileira de Educação, com séde na Capital Federal, e da qual fazem parte nomes cuja fama ultrapassou as fronteiras do Brasil, como os de Miguel Couto, Fernando de Magalhães, apresentou um officio daquella Associação concebido nos termos que se vão ler: "A A. B. E., desejando collaborar com todos os que se esforcem pela educação Nacional, com grande satisfação expressa o seu apoio, por seu representante, professor Fernando Raja Gabaglia, junto a Conferência de Ensino Primario, a realizar-se em Florianopolis, em agosto proximo. Ass. — Branca Fialho — presidente".

O presidente da Conferência, dr. Cid Campos, declarou que que a mesa recebia com especial agrado o officio da A. B. E.

Nesse momento, novamente com a palavra o professor Orestes Guimarães, enalteceu as qualidades extraordinarias do grande Miguel Couto, excelso sabio brasileiro, a quem rendia as suas entusiasticas homenagens. Propoz, logo após, o professor Mâncio Costa que a casa rendese ao grande clinico e sabio sul-americano, a quem se referira o professor Orestes Guimarães, uma reverente saudação, ficando os conferencistas de pé durante um segundo. A professora Beatriz de Sousa Brito, cumprimentando o professor Raja Gabaglia, declarou estarem radiantes de commoção os representantes femininos da Conferência pelo recebimento do officio da Associação Brasileira de Educação.

Com a palavra o dr. Alfredo Porphirio de Araujo, propoz uma moção de confiança e applauso ao professor Mâncio da Costa, director da Instrução Publica, bordando em torno da personalidade deste considerações muito do agrado dos conferencistas. Todas as moções e requerimentos, submettidos á approvação da casa, foram approvados sem debates.

tendo sido marcado o dia 4 ás dez horas para a visita ao tumulo do saudoso e benemerito Hercilio Luz. Fica consignado na presente acta um voto de homenagem e gratidão ao illustre professor Orestes Guimarães, reformador do ensino primario e normal em, nosso Estado. Em seguida foi apresentada a ordem do dia para a segunda sessão ordinaria: Apresentação de pareceres e indicações. Nada mais havendo a tratar o sr. presidente levantou a sessão.

E eu, Francisco Barreiros Filho, secretario da Conferência Estadual de Ensino Primario, lavrei a presente acta.

Florianopolis, 1º de agosto de 1927. — Ass. — *Francisco Barreiros Filho.*

Acta da 2ª. sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos.

1º. SECRETARIO: — Luis Sanches Bezerra da Trindade.

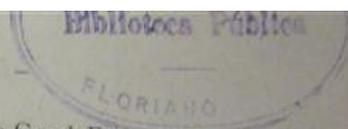
2º SECRETARIO: — Egidio Abbade Ferreira.

Aos dois dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual do Ensino Primario o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça, e presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da segunda sessão ordinaria. Feita a chamada, verificou-se o comparecimento dos srs. conferencistas: — Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Francisco Barreiros Filho, Luis Sanches Bezerra da Trindade, Flordardo Cabral, João dos Santos Areão, João Tolentino Junior, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio Epipha-

nio dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernarda Michele, dr. Fernando Raja Gabaglia, dr. Oscar de Oliveira Ramos, dr. Alfredo Porphirio de Araujo, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professor Arnaldo Gomes Jardim, professor Alfredo Xavier Vieira, professora Maura de Senna Pereira, professora Josephina Caldeira de Andrada, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Major José Koerig, professor Henrique Brüggemann, professora Maria do Carmo Caldeira de Andrada, professora Laura da Luz Montenegro.

Foi lida e aprovada sem debates a acta da sessão anterior.

Em seguida o sr. 2º secretario Egydio Abbade Ferreira leu o seguinte expediente: I — Exmo. Sr. Dr. Secretario Interior — Recife, 1º. — Agradeço communicacão vosso telegramma hontem congratulo-me comvosco pela solenne installação Conferência Ensino Primario desse Estado fazendo votos seus beneficos resultados. Cordiaes Saudações. Dr. Genaro Guimarães — Secretario Interior. II — Exmo. Sr. Secretario Interior — Therezina 1º. — Agradecendo gentilissima communicacão V. Excia. peço' aceitar muitas sinceras congratulações pela installação nessa capital da auspiciosa Conferência Ensino Primario realmente significativa larga visão administrativa illustre Governador esse grande Estado. A V. Excia. seu illustre auxiliar apresento igualmente meus cordiaes cumprimentos felicitando-o pela realizacão dessa obra de elevado alcance patriotico. Cordeaes saudações — Joel Andrade — Serviço Secretario Estado — Governo. III — Dr. Cid Campos, Secretario Interior e Justiça — Coritiba 1º. — Agradeço communicacão installação solenne Conferência Ensino Primario esse Estado apresento V. Excia. minhas felicitações por tão proveitosa iniciativa em favor da instrucção Primaria fazendo votos para que da mesma Conferência resultem para a educação popular desse Estado beneficos. Cordeaes Saudações. Alcides Munhoz — Secretario Geral. IV — Dr. Secretario Interior — Aracajú 1º. — Grato communicacão installação solenne Conferência Ensino Primario faço melhores votos proficuidade trabalhos importante certamen. At-



tenciosas saudações — Secretario Geral Estado. V — Dr. Cid Campos — Secretario Interior e Justiça — Belo Horizonte 1º — Congratulo-me V. Excia. installação solenne Conferência Ensino Primario acontecimento de tão alta relevancia para culto prospero Estado Santa Catharina que em boa hora confiou seus destinos a larga visão dr. Adolpho Konder e fazendo votos pelo exito Conferência peço a V. Excia. apresentar dr. Governador minhas homenagens. Cordiaes saudações. — Francisco Campos — Secretario Interior. VI — Dr. Cid Campos — Secretario Interior e Justiça — Rio 1º — Agradeço gentileza participacão solenne installação Conferência Ensino Primario Estadual, augurando feliz exito. Attenciosas saudações. Aloysio de Castro. VII — Dr. Presidente Conferência Ensino Primario — Nova Trento 31 — Congratulo-me V. Excia. installação Conferência Ensino Primario nosso Estado. Rogo obsequio transmittir mesmas Exmo. Sr. Dr. Governador. Cordeaes saudações. Bado, Supte. VIII — Dr. Cid Campos — Coritiba 31 — Motivo doenca impede comparecer Conferência. Agradeço distincção convite providencias. Faço votos conferência corra cheia brilho maior gloria generosa Santa Catharina. Abraços Raul Gomes. These n. 50 — O ensino de hygiene nas escolas ruraes pelo dr. Placido Gomes. — N. 51 — Nacionalizacão e ensino — pelo dr. Carlos Gomes de Oliveira. Passou-se em seguida a tratar do expediente da referida sessão, conforme ordem do dia da sessão anterior. Com a palavra o sr. professor Antonio Mancio da Costa, justificando, cabalmente, enviou á Mesa o seguinte requerimento: Os abaixo assignados, respectivamente director da instrucção, Inspector Federal das escolas subvencionadas, pela União neste Estado, os directores de estabelecimentos de ensino, e professores da referida escola, considerando os grandes beneficos porque as mesmas acabam de passar, graças ao decidido apoio dispensado pelo eminente presidente Exmo. Sr. Dr. Washington Luis ao orçamento federal destinado ás citadas escolas, pedem que esta conferência, por intermedio de sua Mesa, telegrape a S. Excia., enviando as suas saudações, homenagens e agradecimentos. Florianopolis, 2 de agosto de 1927. Ass. — Mancio da Costa, Orestes Guimarães, Germano Wagenführ, Walter Wagenführ, Adriano Mosimann. Posto a votos foi approved unanimemente. Pediu em seguida a palavra o professor Francisco Barreiros Filho, que expondo achar-se sobrecarregado com os trabalhos da Secretaria da Conferência, da direcção da Escola Normal e de mem-

bro da primeira comissão, solicitou a dispensa da incumbência de 1.º secretario. Attendendo aos motivos expostos o sr. dr. Presidente concedeu a exoneração pedida e agradeceu, em nome da Mesa, os serviços que prestou á Conferência durante o periodo em que desempenhou as funcções de 1.º secretario. O sr. dr. Presidente nomeou então para preencher a vaga aberta com a retirada do professor sr. Barreiros Filho, o professor Luis Sanches Bezerra da Trindade, que, em seguida, assumiu o exercicio. Pediu a palavra o professor Luis Sanches Bezerra da Trindade que apresentando razões acerca do assumpto enviou á Mesa o seguinte requerimento: Requeiro á Mesa que submetta a apreciação dos srs. conferencistas se concordam com a nomeação dos srs. professores Adriano Mosimann, Germano Wagenführ, Walter Wagenführ, afim de constituirem uma comissão especial para dar parecer a These — Nacionalização e Ensino — do dr. Carlos Gomes de Oliveira. Sala das sessões, 2 de agosto de 1927. Ass. — Luis Sanches Bezerra da Trindade. Posto em votação foi unanimemente approved. Nada mais havendo a tratar, o sr. dr. Presidente determinou a seguinte ordem do dia para a 3.ª sessão ordinaria: Apresentação de pareceres, indicações, etc. suspendendo a sessão. E eu, Luis Sanches B. Trindade, 1.º secretario da Conferência Estadual do Ensino Primario, lavrei a presente acta. Sala das sessões, 2 de agosto de 1927. Ass. — Luis S. B. Trindade, 1.º secretario.

Acta da 3.ª sessão ordinaria da Conferência de Ensino Primario

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos

1.º SECRETARIO: Luis Sanches Bezerra da Trindade

2.º SECRETARIO: Egydio Abbade Ferreira.

Aos tres dias do mes de agosto de 1927, ás 20 horas no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça e presidente da Confe-

rência, deu por iniciados os trabalhos da 3.ª sessão ordinaria. Feita a chamada verificou-se o comparecimento dos srs. conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Francisco Barreiros Filho, Luis Sanches Bezerra da Trindade, João dos Santos Areão, João Tolentino Junior, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Mario Garcia, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio Epiphany dos Santos, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. Xavier Zartmann, Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernando Raja Gabaglia, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira, professora Isaura Veiga Faria, professor Arnaldo Gomes Jardim, professor Alfredo Xavier Vieira, professora Maura de Senna Pereira, professor Odilon Fernandes, professora Josephina Caldeira de Andrada, Capitão Marcellino Coelho, Cirurgião dentista Ary B. Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, professor Henrique Brüggemann, professor Bellarmino Corrêa Gomes, professora Emilia Gastão, professora Maria do Carmo Caldeira de Andrada, professora Laura da Luz Montenegro, tendo apresentado justificação da falta de comparecimento o professor Orestes Guimarães.

Foi lida e approved a acta da sessão anterior, sem debates.

O sr. 2.º secretario Egydio Abbade Ferreira, leu o seguinte expediente: I — Exmo. Sr. dr. Secretario do Interior e Justiça — Nytheroy 2 — Muito agradecido honra Vossencia fez communicar installação solenne Conferência Ensino Primario nesse Estado, congratulo-me vossencia pela brilhante iniciativa sr. Governador Konder, cujo largo descortinio o torna merecedor mais sinceros applausos a obra patriótica educação nacional. Cordiaes saudações. Arnaldo Tavares — Secretario Interior — II — Dr. Cid Campos — Secretario Interior — Rio 2 — Agradecendo gentileza communicação faço melhores votos exito trabalhos conferência Ensino — Saudações — Vianna Castello — Ministro Justiça. III — Dr. Cid Campos — Secretario Interior — Maranhão 2 — Tenho satisfação responder telegramma V. Excia. em que se dignou communicar-me Conferência Ensino Primario realizado essa Capital por cujo importante acontecimento re-

tribuo congratulações V. Excia.¹ Cordiaes saudações. Henrique Couto — Secretario Geral, Aviso: A Mesa da Conferência avisa aos srs. conferencistas que amanhã após o hasteamento da Bandeira no Grupo Escolar Lauro Müller conforme consta do programma, os conferencistas farão encorporados, romaria ao tumulo do saudoso estadista dr. Hercilio Luz. O sr. dr. Presidente passou as mãos das respectivas commissões as Theses ns. 51 e 52. O professor Laercio Caldeira de Andrada pedindo a palavra pediu que as Theses acima referidas tomassem aquelles numeros e não os de 50 e 51 comp consta na acta anterior, visto que estava em seu poder uma these com o numero de 50.

Passou-se, em seguida, á ordem do dia. A professora Maria Amorim, relatora da 2ª. Comissão — Ensino primario em geral — apresentou o seguinte parecer — que tomou o numero *um*: Da Segunda Comissão Permanente da Conferência de Ensino Primario — Assumpto: Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytic? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes? — Do assumpto das Theses sob numeros 11, 12, 13, 14, 15, 16, e 17 respectivamente dos professores Adriano Mosimann, Marcilio Dias de Santiago, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Herminio Heusi da Silva, Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho e José Pontes, chegamos á conclusão referente á primeira questão: Todos os professores acima reconhecem vantagens no ensino da leitura pelo methodo analytic, sendo que, Adriano Mosimann, Beatriz de Sousa Brito e José Pontes o recommendam incondicionalmente, por verem nelle o methodo mais perfeito; Marcilio Dias de Santiago não lhe nega a vantagem de, «si applicado por professores de reconhecida habilidade, preparar o espirito infantil para a logica acquisição dos conhecimentos que lhe destinam os programmas; porque inequalavelmente, o analytico exige da juvenildade maior somma de movimentos mensaes, infunde-lhe mais vivacidade.» Entretanto, esse illustrado professor opta pelo Methodo syllabico; Floscula de Queiroz Santos aconselha o methodo analytic, quando empregado por professor que o saiba applicar; do contrario prefere o da syllabação, por ser este prejudicial quando mal applicado; Herminio Heusi da Silva opina que o methodo analytic torna a leitura correctea e expressiva e facilita o ensino da linguagem oral; Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho diz que este methodo torna a

leitura expressiva e forma a base da educação mental da criança, achando porem que para tirar o maximo proveito do methodo o professor precisa demorar-se muito tempo na phase da syllabação.

Quanto á segunda questão em apreço, verificou-se que: O professor Adriano Mosimann opta pela generalização do methodo analytic a todas as escolas estadaes, desde que o estado mande imprimir uma Cartilha que satisfaça a todas as exigencias didacticas e do meio; sendo que os demais professores são de parecer que esse methodo não deve ser generalizado, aconselhando para as escolas ruraes, adopção do syllabico. A vista das opiniões acima expostas e baseando-se tambem no seu criterio proprio, a commissão suggere o seguinte parecer:

I — O methodo analytic é o que mais vantagens offerece no Ensino de Leitura. Deve por isso ser mantido nos grupos escolares.

II — A generalização desse methodo a todas as escolas estadaes, é por enquanto inexequível: a) porque muitos professores das zonas ruraes não têm conhecimento perfeito do methodo; b) pela escassez de tempo; pois o professor da escola isolada tem que dividir a sua actividade entre quatro classes. No intuito de augmentar a proficiencia do ensino de leitura pelo methodo analytic no Grupos Escolares, pedimos licença para submeter á competente apreciação dos senhores membros dessa Conferência a seguinte suggestão «Considerando que o Regulamento da Escola Normal approved pelo Decreto N.º. 1721, de 29 de fevereiro de 1924, determina, no art. 4.º, que os alumnos da mesma escola façam pratica pedagogica para complemento das aulas de pedagogia e psychologia; considerando que trará vantagens a pratica feita na mesma Escola sob ás vistas do lente da referida materia; suggerindo o seguinte:

Artigo 1.º. — Fica creado annexa á Escola Normal um curso de Applicação, cabendo ao Director da referida Escola a fiscalização directa do mesmo, tanto quanto ao corpo docente como ao discente.

§ 1.º — A parte disciplinar e administrativa do Curso de applicação será regularizada de accordo com o Regimento Interno dos Grupos Escolares.

§ 2.º — O curso funcçãoará quatro e meia horas diarias e terá dois ou mais annos de estudos, obedecendo ao programma dos Grupos Escolares.

Artigo 2º — A matrícula maxima do curso de Applicaçào será de 45 alumnos, 25 no primeiro anno 20 no segundo, e, no caso de serem creadas outras classes a matricula das mesmas nunca excederá de 20, não podendo o director admitir alumnos senão para o preenchimento de vagas.

§ Unico — A matricula de alumnos fora da época para preenchimento de vagas só será feita mediante exame a fim de se verificar si a candidata pode acompanhar a classe sem prejuizo das futuras promoções, as quaes serão feitas conforme as determinações do Regimento Interno dos Grupos escolares.

Artigo 3º — O lente de Pedagogia do Curso Normal, em hora de aula, acompanhará os alumnos na assistencia ás aulas no Curso de Applicaçào, conforme determinar a Directoria da Instrucçào.

Artigo 4º — O lente de historia natural e hygiene do Curso Normal visitará semanalmente as aulas do Curso de Applicaçào surprehendendo-as em pleno funcionamento para constatar se obedecem ás regras do asseio corporal e hygiene escolar.

§ Unico — De tudo que observar sobre a hygiene dará reservadamente, conhecimento ao Director da Escola.

Artigo 5º — As aulas geraes de canto serão ministradas pelo professor de musica do Curso Normal, conforme o horario approvedo.

Artigo 6º — Os normalistas continuam obrigados á pratica regulamentar, nos termos do decreto n.º 651, de 29 de janeiro de 1912.

Artigo 7º — O Regimen de ferias do Curso de Applicaçào será o mesmo que têm actualmente os demais estabelecimentos do ensino primario do Estado.

Artigo 8º — Revogam-se as disposições em contrario. Sala das sessões, 3 de agosto de 1927. Catharina Demoro — Secretaria, Maria Amorim relatora — Adriano Mosimann — presidente. O presente parecer foi posto em discussão. Não havendo quem se manifestasse a respeito, foi posto em votação tendo sido approvedo. Dada a palavra ao professor Marcilio Dias Santiago, justificou o seguinte parecer da primeira commissão — sobre as Theses ns 10 e 47 — Inspecção Escolar — o qual tomou o numero dois: — A primeira commissão foram presentes as Theses ns, 10 e 47 de autoria do inspector sr. Flordoardo Cabral « Inspecção Escolar — Como deve ser feita » e da professora Ambrosi-

na Maria Gomes do mesmo titulo. A commissão é de parecer; a) O trabalho apresentado pelo inspector Flordoardo Cabral merece acolhimento especial, porque o assumpto está plena e judiciosamente desenvolvido, exposto de tal modo que dispensa quaesquer outras suggestões, dividindo o estado em cinco districtos escolares e creando cargo de inspector tecnico, de indiscutivel utilidade. Todavia não concorrido com a oitava suggestão alludido trabalho estatuinto para as complementaristas e provisorias o disposto no artigo 15, da lei n.º 1187, de 5 de outubro de 1917, que diz: «As candidatas ao magisterio publico que se matricularem na Escla Normal da data desta lei em diante, quando diplomadas e nomeadas professoras perderão o cargo se contrahirem casamento» Seria matar o estímulo dos docentes e subtrair ao magisterio justamente os elementos que sob o ponto de vista tecnico moral, são mais necesarios á profissão. Nestes termos, deve este trabalho ser indicado ao Governo como imprescindivel contribuição á regulamentaçào do aparelho de fiscalizaçào do ensino, base sob que deve assentar qualquer melhoria do nosso ensino primario. b) — A These da professora d. Ambrosina Maria Gomes pode ser publicada com subsidio ao estudo do palpitante problema da fiscalizaçào do ensino primario. Sala das Sessões, 3 de agosto de 1927. Ass. — Marcilio Dias Santiago; P. Francisco X. Zartmann, Raja Gabaglia, Barreiros Filho. Durante a leitura do parecer acima transcripto compareceu á Sala das sessões, assumindo a Presidencia, o Exmo. Sr. Dr. Adolpho Konder Governador Estado e Presidente de Honra da Conferência Estadual de Ensino Primario. S. Excia. se mostrou interessado com o assumpto em discussão, pedindo ao professor Marcilio Dias de Santiago, relator do parecer questionado — que fizesse a leitura de alguns topicos da These do Professor Flordoardo Cabral e as respectivas conclusões. Posto em discussão, foi á pedido verbal de S. Excia. o sr. dr. Governador, addida a mesma para a proxima sessão, tendo sido approveda esta proposta. Em seguida pediu a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada que solicitou o encerramento dos trabalhos, a fim de que os Conferencistas pudessem assistir o festival de d. d. Zita Coelho Netto e Diva Dantas. Tendo sido approvedo o pedido do professor Laercio Caldeira de Andrada, foi levantada a sessão. E eu, Luis Trindade, 1º Secretario da Conferência de Ensino, lavei a presente acta.— Sala das sessões, 3 de agosto de 1927. Ass. — Luis S. B. da Trindade, 1º Secretario.

Acta da 4.^a sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE DE HONRA: Dr. Adolpho Konder

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos

1.^o SECRETARIO: Professor Luis Sanches B. da Trindade

2.^o SECRETARIO: Professor Egydio Abbade Ferreira.

Aos 4 dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência do Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, secretario do Interior e Justiça, e presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da 4.^a sessão ordinaria.

Feita a chamada verificou-se a presença dos srs. conferencistas: Dr. Adolpho Konder, dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Francisco Barreiros Filho, Luis Trindade, João dos Santos Areão, João Tolentino de Sousa Junior, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn, Antonio Epiphany dos Santos, Mario Garcia, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walther Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Marcilio Dias Tantiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. Xavier Zartmann, Frei Evaristo Schurmann, Irmã Bernwarda Michele, Dr. Fernando Raja Gabaglia, professora Maria Amorim, professor Arnaldo Gomes Jardim, professora Maura de Senna Pereira, Cel. Marcos Konder, professor Henrique Brüggemann. Posta em discussão a acta foi approvada sem debates. Com a palavra o professor Orestes Guimarães, diz estar de pleno accordo com a suggestão da commissão que subscreveu o parecer n.^o 1, creando annexa ao Curso Normal um curso primario de Applicaçào, não tendo feito na reforma em 1910, por estar, naquella epoca, a nossa escola desapparelhada para esse fim.

Esclareceu mais que a questào da divisào do Estado em circumscripções escolares, em nada se devia tratar porquanto a lei n.^o 1230, de 30 de outubro de 1918, já havia dividido o Estado em zonas para o serviço de fiscalizaçào do Ensino, lei essa que está em pleno vigor tendo sido ape-

nas determinado o recolhimento dos inspectores á Capital, por motivos de ordem financeira, porem e caracter temporario. Em seguida o 2.^o secretario leu o seguinte expediente: I.^o — Dr. Cid Campos — Presidente Conferência Ensino — Victoria 3 — Accusando o recebimento telegramma, em que V. Excia. me transmite moçào votada brilhante assembléa professores desse Estado tenho a honra communicar V. Excia. haver mandado publicar orgão official do Estado para conhecimento do Magisterio espiritosantense captivante voto solidariedade professores Catharinenses. Peço V. Excia. transmitir membros Conferência nome professores deste Estado e no meu proprio nosso effusivos agradecimentos de par melhores votos pelo engrandecimento sempre crescente do digno magisterio que ennobrece a terra Catharinense. Saudações — Ubaldo Ramallete — Secretario Instrucção. II — Professor Mâncio Costa — Rio — Queira distincto patricio acceitar as expressões de meu profundo reconhecimento pela gentileza iniciativa me honrou Conferência. Saudações Vidal Ramos. — III — Dr. Cid Campos — Presidente Conferência Ensino — Consolação — São Paulo — 3 — A Escola Americana que tanto aproveitou da obra de Miss Browne agradece pela minha pessoa a lembrança que a Conferência do Ensino teve lembrando-lhe a memoria. Saudações. — C. F. Stewart. Director. IV — Dr. Cid Campos — Natal 3 — Accuso e agradeço recebimento telegramma V. Excia. qual teve gentileza communicar haver Exmo. Governador desse Estado installado Conferência Ensino Primario que trará sem duvida grande desenvolvimento educaçào popular problema fundamental engrandecimento nacional que está seriamente preoccupado actuaes dirigentes esse nobre Estado. Acceite V. Excia. minhas sinceras congratulações pela patriotica iniciativa. Saudações. Amphilocquio Camara. Secretario Geral do Estado. V — Exmo. Sr. Presidente da Conferência Estadual do Ensino — Florianopolis, 4 agosto 1927. — A Directoria da Liga do Magisterio Catharinense tem o prazer de convidar V. Excia. e os demais membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, para assistirem a reunião ordinaria que se realizará amanhã, ás 15 horas no salão nobre da Escola Normal. Apresento a V. Excia. os meus protestos de alta estima e consideração — Julieta Torres Gonçalves — Secretaria.

O sr. Presidente, nomeou, em seguida para representar a Mesa na cita da reunião os professores Laercio Caldeira

de Andrada e Francisco Barreiros Filho e dr. Fernando Raja Gabaglia. Iniciada a ordem do dia voltou a discussão o parecer nº 2, subscripto pelos membros da 1ª comissão — professor Marcilio Dias de Santiago, Barreiros Filho, H. Francisco X. Zartmann, e dr. Raja Gabaglia, o qual foi lido pelo 2º Secretario. Com a palavra o professor Orestes Guimarães declarou ser contrario ao afastamento da professora casada de suas funções de educadora, pois como é sahido ha serias difficuldades de prover as escolas do interior com professoras solteiras, á vista de faltar nas mesmas localidades meios de se installar uma professora quando solteira, julgava tambem injustiça obrigar-se as normalistas a abandonar o magisterio, quando casadas, e se conservar as professoras provisoiras nas suas funções em identicos casos. Pediu a palavra o professor Luis Trindade, que não a usou á vista de não ter terminado sua exposição o professor Orestes Guimarães. O exmo. sr. dr. Adolpho Konder declarou que o artigo 7º da lei nº 1380, de 21 de setembro de 1921, havia estendido as disposições do artigo questionado da lei nº 1187 de 5 de outubro de 1917 aos provisórios ou complementaristas dos grupos escolares ou escolas reunidas, actuaes grupos escolares de 2ª classe

Dada a palavra ao professor Luis Trindade este declarou que nada mais havia a dizer á vista da explicação dada pelo exmo. sr. dr. Adolpho Konder. Com a palavra o Cel. Marcos Konder justificou a sua falta as sessões. Em seguida expôs seu modo de pensar quanto ao facto em discussão, declarando que estava de pleno accordo com a primeira parte do parecer, relativa a inspecção escolar, não podendo comprehender ensino sem inspecção, apresentando razões que bem justificaram sua opinião a respeito. Quanto á segunda parte do Parecer — estava em desaccordo, pois como autor des leis questionadas continuava a manter as mesmas idéas visto que entre os deveres de mãe de familia e professora deve predominar, o sentimento e a razão, concordando, porém, que por emquanto, á vista das circustancias expostas pelo professor Orestes Guimarães não se ponha em pratica para as escolas isoladas. Com a palavra o professor Orestes Guimarães, declarou que, desde a elaboração da lei numero 1187, sempre se bateu contra essa medida, continuando a defender sua maneira de pensar. Disse mais: Conhço professoras casadas que bem cumprem seus deveres e solteiras que não o fazem e caso não cumpram aquellas suas obriga-

ções devem os directores dos estabelecimentos agir na forma do Regulamento em vigor. Acrescentou ainda que não é possível imitarmos, neste assumpto, os paizes cultos. Com a palavra o professor Marcilio Santiago, declarou que, como relator, estava na obrigação de defender seu ponto de vista. Trocaram-se então apartes entre o coronel Marcos Konder e o professor Marcilio Santiago. Em dado momento o professor Barreiros Filho apertou o Cel. Marcos Konder trocando-se novamente entre ambos acalorados apartes que levaram o sr. dr. Presidente a lembrar que o professor Marcilio Santiago estava com a palavra. Por fim o professor Santiago declarou que continua a ser contrario ao afastamento do magisterio das professoras casadas.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão este achou que sobre o caso em questão não se deveria ter legislação. Terminada a discussão entrou em votação o parecer nº. 2 — o qual foi approved. Com a palavra o dr. Fernando Raja Gabaglia apresentou á Mesa o parecer que tomou o numero 3, do teor seguinte: a primeira comissão examinando a These nº. 43, de autoria do professor Albano Monteiro Espinola, sobre o modo por que devem ser ministrado o ensino da geographia e cartographia nas escolas primarias e escolas complementares, e se convem o mesmo ensino das escolas ruraes, — E' de parecer que a mesma deve ser publicada. E' um truismo o character pratico e se deve imprimir sempre, em todas as classes, ao ensino de geographia.

O ideal seria em todas as classes a criação do gabinete da materia, onde seriam empregados até os apparatus de cinematographia e lanternas de projecções fixas a fim de ministrar o ensino pela memoria visual na realidade insubstituível. Em todo o caso, o uso do taboleiro em gesso, areia ou em massa plastica e uma collecção de vistas photographicas com aspectos typicos de diferentes meios geographicos e do modo de vida dos povos — é de facil installação e deve ser aconselhado. A comissão toma, entretanto, a liberdade de suggerir ao governo o estabelecimento na Escola Normal de um gabinete modelo de Geographia, ao lado dos de physica, chimica e historia natural. Este deveria consistir em: — a) — um apparatus de cinematographia e uma lanterna de projecções fixas; b) — uma collecção systematica de vistas e photographias; c) — uma collecção de typos humanos em busto; d) — uma collecção de rochas brasilei-

ras mais communs na região para estudo elementar; e) — uma collecção de instrumentos meteorologicos mais usuaes, para explicação summaria de seu manejo (barometro, thermometro, pluviometro, mappas de nuvens); f) — uma collecção completa de globos, mappas e cartas dos continentes e dos paises.

O exame de geographia na Escola Normal teria sempre uma prova pratica, consistindo no exercicio de cartographia e modelagem e no manejo do material do gabinete. Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. Ass. Raja Gabaglia, relator — Barreiros Filho, Marcilio Dias de Santiago, Padre Francisco Xavier Zartmann.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada, que apresentou o seguinte parecer — *Parecer N.º 4* — Parecer sobre o ensino de historia do Brasil e Educação Civica. Considerando que as theses ns. 20, 23, 25, 28 e 50 respectivamente dos professores Tiburcio João de Carvalho, Beatriz de Sousa Brito, Paschoal Meneguzzi, Adolpho Silveira e Antonio Ribeiro da Fonseca tratam do ensino de historia patria e educação civica da 2.ª commissão complementar chegou as seguintes conclusões: 1. — Que os programmas dos Grupos Escolares quanto aos primeiros annos e segundos annos satisfazem plenamente; 2. — Que o ensino de historia patria deve ser ministrado nos terceiros annos dos grupos escolares e das escolas isoladas sobre os factos mais importantes desde a Colonização do Brasil até a actualidade, como e quando se realizaram e sobre as datas nacionaes; 3. — Que nos quartos annos dos Grupos Escolares o ensino deve comprehender outros pontos mais desenvolvidos, mas não por meio de narrações complicadas, como é o actual programma; 4. — Que convem ao professor do 4.º anno fazer um resumo de cada ponto no quadro negro, depois da competente aula expositiva escrevendo as datas, nomes dos personagens, e dos logares onde se deram os factos e mandar que os alumnos tomem notas em seus cadernos, para organizarem os pontos em suas casas; 5. — Que nas escolas ruraes o ensino de historia Patria, deve consistir simplesmente nas datas nacionaes e pontos mais importantes, de facil comprehensão, como: Fundação da localidade, nome dos personagens que mais se salientaram na agricultura, na industria e no commercio; Enumeração dos nomes dos presidentes da Republica e do Estado; Factos mais importantes do tempo colonial, do imperio, da Republica, porque quasi sempre as crianças do interior es-

tacionam seus estudos no terceiro anno do curso primario, pela difficuldade com que luctam seus paes para matriculos em outros collegios; salvo os que dispõem de recursos. Portanto é admissivel o ensino rudimentar que sirva para a vida pratica dos alumnos; 6. — Que a aula de educação civica deve servir de meio preparativo, ter um fundo moral e educativo e o alumno deve recebe-la mais por palestras do que por pontos a decorar. Está na pratica o estudo e gosto do professor conhecer a psychologia individual para saber applicar com base os ensinamentos que possam supprimir erros e defeitos dos seus alumnos e prepara-los para uma vida methodica, moral e feliz.

Sala das Sessões, 3 de agosto de 1927. Ass. — Laercio Caldeira de Andrada, relator — Beatriz de Sousa Brito, presidente — Albano Monteiro Espinola, secretario.

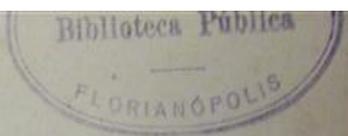
Com a palavra o professor Mario Garcia, no impedimento da relatora da 3.ª commissão leu o parecer que segue sob n. 5 — Considerando a These n. 36 apresentada pela professora d. Isaura Veiga de Faria sob o valor do mestre escola na formação educacional dos povos e tendo em vista as suas idéas e as nossas, damos o seguinte parecer: Considerando que a These questionada, apesar de conter optimas idéas e excellentes conselhos pedagogicos julgamos estar em desacordo com o titulo porquanto ella expõe quaes qualidades que deve possuir um bom educador ao envéz de demonstrar o valor do mestre escola na formação educacional dos povos, que julgamos ser as responsabilidades e a sua acção para a formação do character, desenvolvimento da capacidade intellectual na formação da sociedade e da familia e da Patria. Neste caso pedimos á Mesa que apresente esta These a 1.ª Commissão para estudá-la, visto haver nella conceitos relativos á formação do professor no Curso Normal. Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. Irmã Bernwarda Michele, relatora — Hercilio Zimmermann, presidente — Mario Garcia, secretario.

Continuando com a palavra o professor Mario Garcia enviou a mesa mais o parecer que tomou o numero seis: Considerando a these n. 34 apresentada pelo Inspector Escolar João dos Santos Areão, sobre — Jardim da Infancia e tendo em vista as suas idéas e as nossas, damos o seguinte parecer: 1 — Julgamos conveniente a criação do jardim da infancia junto aos grupos escolares como uma condição indispensavel ao desenvolvimento das faculdades

intellectuaes da creança, tornando-a apta para iniciar o estudo leccionado no primeiro anno dos grupos escolares; II — Concordamos na parte referente a adaptação de horarios e methodos pedagogicos que se coadunem com as diferentes zonas e as condições ethnicas, supprimindo assim a educação no lar paterno; III — Julgamos mui acertado que se escolha entre as melhores professoras catharinenses e de maiores vocação para este ramo educacional, a fim de adquirirem em São Paulo ou Rio, a pratica de processos que as habilitem á direcção desta instituição junto a nossa Escola Normal onde se exercitarão as normalistas praticantes que possuam qualidades exigidas para uma carinhosa e dedicada educadora da nossa meninice de tres a seis annos. IV — Approvamos os assumptos indicados para serem ensinados no Jardim da Infancia accrescentando como indispensavel diarias licções de cousas como assumpto optimo ao desenvolvimento da inspecção e dos sentidos. São essas as considerações que fazemos da suscinta mas substancial these sobre as vantagens da criação do Jardim da Infancia. Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. Ass. — Irmã Bernarda Michele, Mario Garcia, Hercilio Zimmermann.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão apresentou o seguinte parecer que tomou o numero *sete* — Considerando que a These n. 41 apresentada pela professora Appolonia Capitulina Milles traz preceitos aliás de grandes vantagens para o ensino, mas sem o historico necessario para della tirar-se as conclusões precisas, a Commissão é de parecer que a mesma these não seja tomada em consideração. Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. Ass. — João dos Santos Areão, dr. Alfredo Porphirio de Araujo, dr. Carlos Correa.

Ainda com a palavra o mesmo relator apresentou a Mesa outro parecer que tomou o numero *oito* — Considerando que a These n. 43 apresentada pelo professor Manuel Elpidio de Oliveira Malheiros é antes um resumo de preceitos therápeuticos que poderá fornecer dados para a organização do livro qua em outro parecer vamos propor; Considerando mais que não é possivel ensinar-se as crianças fórmulas cujas composições chímicas são por ellas completamente desconhecidas; somos do seguinte parecer;— Que a mesma these seja archivada para opportunamente serem aproveitados os seus dizeres. Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. Ass. — João dos Santos Areão — relator, dr. Al-



fredo Porphiro de Araujo, presidente — dr. Carlos Correa, secretario.

Com a palavra o professor Marcilio Dias de Santiago enviou a Mesa o parecer que segue o qual tomou o numero *nove*; A These n. 9 — Provimento das escolas isoladas, material que lhes é indispensavel e sua fiscalização de autoria do professor Egydio Abbade Ferreira é um trabalho bem inspirado. Publica-los será algo util, como suggestão necessaria a orienação que se deve ter quando se trate de occorrer aos serviços que a These comprehende. O trabalho apresentado discute tres pontos, importantes essenciaes ao ao ensino, pontos sob as quaes passamos a expender a nossa opinião.

I — Provimento das escolas isoladas — Sobre o assumpto são muito criteriosas as observações do professor Egydio. Effectivamente é necessario indispensavel mesmo que se ponha todo o cuidado na escolha do professor pois, é evidente, successo do ensino depende, precipuamente da capacidade e da dedicação dos mestres. Escolas providas de professor inhabeis faltos desse espirito de sacrificio que caracteriza os expoentes da docencia dos nossos estabelecimentos escolares, falham de modo absoluto no mister para que são creados.

II — Material que lhes é indispensavel. Quanto a esta parte o autor reedita o que já está sufficientemente previsto nos regulamentos, entendendo que nem sempre elles tem sido fielmente cumpridos, o que accarreta males reaes para o ensino. Inegavelmente, a deficiencia de material didacticos é causa de grandes inconvenientes. Bastará entretanto, que a administração publica observe com exactidão o que exigem os regulamentos, para que se alcance o beneficio dependente dessa exigencia.

III — Fiscalização — Relativamente a este assumpto abstemo-nos de qualquer opinião por já existir um trabalho (o do inspector escolar Flodoardo Cabral) que sobre isso discorre com segurança, de modo completo. Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. Ass. — Marcilio Dias de Santiago, Barreiros Filho, Raja Gabaglia, P. F. X. Zartmann. Não havendo quem mais usasse da palavra o sr. dr. Presidente enviou a 1ª. commissão á These n. 36 da professora Izaura Veiga de Faria, conforme pediu o relator da 3ª. commissão em seu parecer. Nada mais havendo a tratar o sr. dr. Presidente determinou a ordem do dia para a ses-

são immediata a saber: Indicações e Pareceres -- Discussão dos Pareceres n. 3, 4, 6, 7, 8 9. E eu Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º Secretario da Conferência Estadual de Ensino Primario, lavrei a presente acta. Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. — *Luis Sanches Bezerra da Trindade* — 1º Secretario

Acta da 5ª. sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos.

1º SECRETARIO: — Luis Sanches Bezerra da Trindade.

2º SECRETARIO: — Egydio Abbade Ferreira.

Aos cinco dias do mês de agosto de 1927, no salão nobre da Escola Normal, ás 20 horas, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, secretario do Interior e Justiça, e Presidente da mesma Conferência, deu por iniciado os trabalhos da 5ª. sessão ordinaria.

Feita a chamada, verificou-se a presença dos senhores conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Luis S. B. Trindade, João dos Santos Areão, João Tolentino de S. Junior, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Antonio Epiphany dos Santos, Mario Garcia, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Germano Wagenführ, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernandando Raja Gabaglia, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professor Arnaldo Gomes Jardim, professora Maura de Senna Pereira, professor Odilon Fernandes, cirurgião dentista Ary Bittencourt Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, Cel. Dimas Prazeres Campos, Dr. Heitor Blum, Cel. Marcos Konder, Henrique Brüggemann, apre-

sentando justificação da falta o professor Orestes Guimarães, Barreiros Filho e Antonio Gasparello.

Foi lida a acta da sessão anterior que foi approvada sem debates.

Em seguida o sr. 2º. secretario leu o seguinte expediente: I — Dr. Cid Campos Secretario Interior e Justiça — São Paulo 4 — Accusando telegramma de V. Excia. que me commuica a installação solenne Conferência Ensino tendo prazer de felicita-lo sinceramente pela feliz resolução do Governo do Estado de Santa Catharina e peço-lhe transmitir ao dr. Adolpho Konder seu illustre Governador os meus applausos pelo muito que tem feito na brilhante gestão. — Fabio de Sá Barreto, Secretario Interior. II — Presidente Conferência Ensino — Lages 4 — Infelizriente motivo saude priva-me attender honroso convite recebi ha tempos para comparecer conferência cujo exito faço votos. Saudações Caetano Costa. III — Sr. Dr. Cid Campos, Presidente Conferência. Rio 4. — Muito reconhecido generosa moção votada Conferência Estadual Ensino Primario apresento V. Excia. illustres professores que a compõe especialmente aquellos tiveram em iniciativa minhas cordeas homeagens grande estima. Attenciosas saudações, Carlos Cavalcanti. IV — Conferência Ensino Primario. Avenida Rio 4. — Gratissimo extrema bondade Conferência Ensino Primario plena confiança suas delibe ações. Miguel Couto. IV — Dr. Cid Campos Secretario Interior. Bahia 4. — Sou vivamente grato seu telegramma enviando moção apresentada Conferência Ensino. Transmittia a integra professorado bahiano. Peço apresentar professor Luis Trindade agradecimentos ao tempo que faço votos pelos brilhantes resultados Conferência que V. Excia. preside. Cordeas saudações, Jayme Junqueira Ayres. Director Instrucção. V — Dr. Secretario Interior. Rio 4 — Queira V. Excia. acolher transmittir aos dignos membros da Conferência de Ensino os protestos de meu profundo reconhecimento pela approvação da honrosa moção de applausos pelo que foi realizado em prol ensino no periodo em que me coube a honra de dirigir os destinos do Estado. Congratulo-me com a Conferência que V. Excia. dignamente preside pelo grau de adiantamento a que attingiu instrucção publica no Estado graças a segura orientação dos seus administradores aos esforços do seu benemerito professorado, a indole progressista de seu povo. Attenciosas saudações — Vidal Ramos. VII — Ministro Cid Campos. Avenida — Rio

4 — Reconhecido bondade V. Excia. Miguel Couto, VIII — Professor Mâncio Costa — Conferência Ensino, Rio 4. — Penhorado sua gentileza, Miguel Couto, IX — Dr. Secretario Interior, Belem 3 — Agradecendo gentileza communição haver sido installada solennemente pelo dr. Governador esse Estado Conferência Ensino Primario, apresento V. Excia, vivos applausós e solidariedade esse grande gesto que visa engrandecimento Estado pela educação popular. Saudações, Deodoro Mendonça — Secretario Geral Estado, X — Dr. Cid Campos — Secretario Interior — Nitheroy 4 — Agradeço em nome magisterio fluminense moção approvada conferência Estadual Ensino Primario reunida nessa Capital sab presidencia V. Excia, e apresentada professor Luis Trindade augurando brilhante resultado Conferência, objectivamente engrandecimento nossa Patria pela educação causa commum nos une e aproxima. Saudações cordeaes, José Duarte, Director Instrucção. Exmo. Sr. Dr. Presidente da Conferência do Ensino Primario — Nesta — A Directorio da Liga do Magisterio Catharinense por meu intermedio, leva ao conhecimento de V. Excia, que, devido ao mau tempo reinante, não poderá ter lugar hoje a sessão ordinaria que devia realizar-se ás 15 horas no salão nobre da Escola Normal, ficando a mesma transferida para o dia 9 do corrente mês. Saude e Fraternidade, Julieta Torres Gonçalves, Secretaria. Terminada a leitura do expediente passou a ordem do dia.

Com a palavra o professor Adriano Mosimann enviou á Mesa o parecer que segue o qual tomou o numero *des.*— Da Commissão Especial de Estudos das questões relativas á Nacionalização do Ensino. These n. 51 — Nacionalização e Ensino do dr. Carlos Gomes de Oliveira, ex-chefe escolar de Joinville. No intuito de inteirar os senhores conferencistas do assumpto tratado na presente These, procuramos resumilo na seguinte conclusão. O culto autor, que, pela fidelidade e exactidão com que descreve os elementos ethnicos que constituem a população do Estado e do Brasil em geral, mostra ser conhecedor do assumpto, discorre sobre a evolução do povo brasileiro, affirmando, com Oliveira Viana que « Si não ha um typo social fixo habitando esta parte do nosso Continente, porque a extensão do territorio com os climas e condições phisicas as mais diversas, influenciaram a sua formação determinando nuanças varias, se não ha um typo unico e inegavel que o povo brasileiro é, pelas

suas tradições e pela sua historia, pela propria religião, e, sobretudo, pela lingua latina uma nacionalidade de contornos definidos.» A seguir, para o demonstrar o abandono em que ficou por seculos, o caboclo e, por longos decennios, o estrangeiro e os seus descendentes, reconhecendo comtudo, o muito que tem sido feito pelo Governo do Estado no sentido de nacionalizar estes e integrar aquelle « no rythmo da vida collectiva.» Frisa, ainda, a necessidade de não só nacionalizar a população estrangeira ou estrangeirada como tambem, e sobretudo, a de alphabetizar o luso para que os seus excellentes dotes de caracter desenvolvidos pela cultura exerçam a sua influencia benefica sobre os grupos ethnicos ainda não assimilados, contribuindo assim indirectamente, para a fusão de todos os elementos raciaes, que é, em ultima analyse a finalidade da santa campanha da nacionalização. O illustrado autor traduz exactamente o modo de pensar desta commissão, affirmando que o principal factor que separa o luso do estrangeiro e descendente, é o não conhecimento da lingua vernacula por parte destes. Para maior clareza transcreveremos, na integra, o topico seguinte: « A lingua é o factor unico da separação entre uns e outros. O teuto poderá em muitos casos responder que sabe falar tambem o portugûes, e que o fala tambem quando é preciso. Sim, mas ahí é que está a differença o teuto fala apenas quando é preciso, o que qualquer de nós com alguma cultura — o faz tambem com os idiomas estrangeiros que aprendeu, e o luso fala sempre o portugûes como sua propria e verdadeira lingua. Neste ponto, a Commissão é de parecer que o ideal seria o conhecimento por parte do descendente das duas linguas vernacula e paterna, devendo porem caber o primeiro lugar a lingua vernacula. Como meio directo para se alcançar o desideratum acima, indica o autor a dessiminação de escolas em todo o territorio do Estado e principalmente uma assidua fiscalização dos existentes quer sejam publicos, quer particulares. Justifica o seu ponto de vista com as seguintes palavras: «... não ha uma fiscalização assidua nas escolas que estimulem os professores e os orientem melhor, quanto ao modo de praticarem o seu mister. Os conselhos de Familia (o autor refere-se aos Conselhos Escolares Familiaes instituidos pelo Decreto n. 1882, de 7 de maio de 1925), são uma engenhosa idéa de fiscalização mas quanto ao fim de nacionalizar, parece-nos devêras insufficientes porque os seus membros, sendo elementos

da população onde a escola funciona padecem do mesmo mal que ella visa combater — o estrangeirismo. Lembra a criação de Jardins de Infancia, nos centros maiores como Joinville e Blumenau, para completar « o systema escolar delineado para o fim de nacionalização », e suggerere a idéa de um appello ao Governo Federal, por parte do Estado, no sentido de serem melhoradas as condições das escolas de Pescadores, e augmentado o numero das mesmas.

Julgamos ter traduzido neste resumo, e esclarecido o modo de pensar do autor sobre cujo trabalho damos o seguinte Parecer: Considerando ser necessario augmentar quanto possivel o numero de escolas primarias têm o duplo fim de nacionalizar e alphabetizar a infancia barriga-verde; Considerando que estas escolas não preenchem o seu duplo fim, quando não são continuamente fiscalizadas; Considerando que os Conselhos Escolares Familiares, embora sejam de muita utilidade como fiscoes de assiduidade do professor não tem, contudo competencia para fiscalizar e orientar a parte technica do ensino nas escolas ruraes, visto que o decreto n. 1882, lhes nega essa attribuição; Considerando que os Jardins de Infancia nos maiores centros do Estado constituíam um valioso elemento nacionalizador e a base das nossas escolas primarias; Considerando, porem que os cofres do Estado não supportam actualmente um grande augmento das despesas para fins escolares com os quaes já dispense cerca de 14% da receita total; suggerimos as seguintes medidas: I Augmente-se ao maximo dentro dos limites orçamentarios o numero de escolas isoladas estaduais e tome-se providencias directa ou indirectamente no sentido de melhorar as condições das Escolas de Pescadores Federaes; II Organize-se um perfeito systema de fiscalização das escolas: a) — Creando o cargo de inspector geral do Ensino, que, subvencionado ao Director da Instrução, seja o intermediario entre este e os inspectores regionaes dos quaes será o orientador technico; b) — Obrigando os inspectores regionaes a residirem nas sédes de seus districtos para que possam continuamente fiscalizar os Grupos Escolares e Escolas Isoladas publicas, municipaes e particulares, sob sua jurisdicção orientando os respectivos directores e professores na parte technica do ensino e na interpretação das leis em vigor; c) — fixando os numeros de visitas de inspecção a serem annualmente feitas em cada escola para evitar que sejam fiscalizados somente os esta-

belecimentos proximos ás sédes. III Crie-se nesta Capital, a titulo de experiencia um Jardim de Infancia, deixando contudo de o fazer nos outros centros, já em vista da despesa que acarretaria o seu aparelhamento já pela falta de elementos idoneos para dirigi-lo e ainda pela quasi certeza de que estes estabelecimentos ficariam sem matricula nos centros de descendencia estrangeira. A commissão justifica o seu modo de pensar sobre a terceira medida alvitrada, baseando-se no facto de já existirem nas cidades de Joinville e Blumenau, Jardins de Infancia particulares. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — Adriano Mosimann, Walter Wagenführ.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada leu o parecer que segue sob nº 11 — « A segunda commissão suplementar considerando as theses, numeros 22, 24, 24, 27 e 29 respectivamente dos professores Beatriz de Souza Britto, Maria Isabel Falcão, Catharina Demoro, Alfredo Xavier Vieira e Antonio Victor de Sousa, que tratam do ensino de geographia e cartographia, chegou as seguintes conclusões: I Que deve ser completamente e intuitivo o ensino dessa materia, porque, sendo ella de grande utilidade para a vida pratica, convem não deixar lacunas que possam tolher os passos da creança que tem necessidade de preparar-se com base nos seus conhecimentos elementares, a fim de tornar-se mais tarde util a si e aos seus semelhantes; II Que as cartas geograficas são indispensaveis como principaes guias do ensino pratico e intuitivo. Portanto o professor terá o cuidado de explicar as lições no mappa e de desenhar todos os accidentes no quadro negro para que os alumnos comprehendam o que prendem e retenham facilmente com a decoraçáo visual todas as lições e possam com precisão, reproduzi-las na aula de cartographia, como tambem escrever em seus cadernos as explicações com as respectivas legendas. III Que sendo a cartographia um complemento da geographia é necessario para boa ordem, disciplina e aproveitamento munir-se cada alumno de seu material didactico não só como meio pedagogico, mas tambem como effeito de esforço proprio. A cartographia como complemento que é do estudo da geographia devia seguir-se a cada lição. Seria uma como recapitulação grafica não confundida nunca com um desenho uma simples copia de mappa. Parece mais rasoavel não figurarem nos horarios aulas espezias para esse trabalho. Poderia talvez

fazer-se da seguinte maneira: a) Estudo oral da lição o quanto possível nos mappas; b) O professor desenhará no quadro o mappa da lição estudada e o mandará ler pelos os alumnos c) O mappa será feito pelos alumnos no quadro d) os alumnos farão o mesmo exercicio no papel. E' possível que assim se retarde um pouco o desenvolvimento do programma, mas não será tanto porque o numero de aulas de geographia augmentará. Por este systema evitar-se-ão que os alumnos nas aulas Oraes estudassem um ponto, nas de cartographia graphase outro; IV — Que as viagens imaginarias são também de grande proveito no ensino pratico e são consideradas como verdadeiras aulas instructivas porque o professor entabolará um periodo de palestra agradável por meio de explicações e perguntas chamnado a atenção da classe com explicação dos factos a que se deram episodios historicos, as difficuldades que soffreram os povos antigos pela falta de meios de transporte para percorrer os mesmos lugares que hoje são facilmente visitados: V. — que o ensino de cartographia não pode ser proveitoso nas escolas ruraes tanto quanto nos grupos — primeiro — porque nem todos os professores tem o conhecimento dessa disciplina, a não ser os normalistas e os complementaristas ou professores que já frequentaram os grupos escolares; segundo: pela deficiencia de recursos de muitos paes que em geral luctam com os meios de vida para a manutenção da familia e que difficilmente mantem seus filhos nas escolas; terceira pela falta de material didactico que geralmente se nota nas escolas do interior do Estado. Entretanto talvez possa ser introduzido o ensino de cartographia nas escolas ruraes com o desenho dos principaes accidentes, feito pelo professor, no quadro negro, acompanhando os alumnos os mesmos exercicios em suas lousas como verdadeiras aulas preparativas de entretenimento, sem obrigatoriedade dos cadernos apropriados; — VI — Que o actual programma dos grupos escolares nessa materia, não satisfaz a sã pedagogia do ensino moderno em virtude de accumulo de pontos para serem processados no periodo annual, difficultando ao professor a exposição e ao alumno o preparar-se convenientemente para o attender a todas as partes do programma, correspondentes á uniformidade do ensino ao Regimento Interno em vigor; VII — Que poderia ser reduzido o programma de geographia nos Grupos Escolares ou então augmentado de mais

um anno escolar. Melhorar-se-ia o curso Primario evitando a deficiencia de muitos pontos capitaes para o exame de admissão do Curso Complementar, Normal e Gymnasial, pois o trabalho dos professores dos 3^{os.} e 4^{os.} annos dos Grupos Escolares é bem exhaustivo para corresponder as exigencias do Regulamento Interno e Programma em vigor. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Laercio Caldeira de Andrada, Beatriz de Sousa Brito, Albano Monteiro Espinola.

Com a palavra o dr. Fernando Raja Gabaglia enviou á Mesa o seguinte parecer que tomou o numero *doze* — A primeira Commissão estudou com a maior attenção o «Esboço de um programma de Ensino para a Escola Normal, elaborado pelos lentes e professores da mesma Escola e coordenado pelo Director». Trata-se de materia da mais alta relevancia que seja o da organização do Instituto destinado a fornecer a materia prima do magisterio primario, o seu professorado. Não se demora a Commissão redigindo o presente parecer em considerações theoricas, mas procura synthetizar em rapidas, incisivas conclusões o que pensa de ver suggerir ao Governo no concernente ao ensino Normal a ser ministrado na Capital. Assim conclue: a — O ensino na Escola deve ser de 4 annos sem prejuizo do curso de Applicaçào; b — As cadeiras constantes do curso serão as actuaes creando-se mais a de literatura, passando-se o latim para o curso Normal e separando-se o desenho da gymnastica; c — São aconselháveis os programmas salvo ligeiras alterações que a administração poderá fazer constantes do Esboço apresentado ao exame da Primeira Commissão, todavia, ao de francês deve ser dado maior desenvolvimento a parte grammatical e ao de physica accrescentar-se-á a parte de acustica, omitida quiçá involuntariamente. A mathematica será ministrada nos 4 annos de Curso, no ultimo sendo leccionada geometria no espaço e trigonometria rectilinea. A lingua portuguesa será ensinada nos 4 annos e a literatura em 2 annos; o latim em tres começando no segundo. Será, pois necessario a creação de uma aula de gymnastica e a nomeação de dois professores um de portuguez e outro de mathematica. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Raja Gabaglia, relator, P. F. Xavier Zartmann, Marcilio Dias de Santiago e Barreiros Filho.

Com a palavra o professor Mario Garcia declarou que

enviaria á Mesa quatro pareceres, passando a ler o primeiro que tomou o n. *treze*. Estudando a These sobre o thema da necessidade da uniformização da orthographia nas escolas, apresentada pelo professor Trajano José de Souza, a Terceira Comissão dá o seguinte parecer: O trabalho em questão merece os melhores applausos pelo modo como está disposto pela ordem e clareza do assumpto e pelas justificadas e bem argumentadas razões com que prova a necessidade da uniformização da orthographia em nossas escolas, o que demonstra a habilidade, competencia, interesse que tem o seu autor pela nobre e dignificante causa da diffusão do ensino primario. O sr. Trajano regeita com boas argumentações o systema mixto, geralmente adoptado, mostra tambem a inconveniencia que ha em se adoptar a reforma brasileira, rejeitada pela propria Academia, aconselhado que se tome algo da reforma brasileira e outras modificações que se coadunem com a nossa pronuncia. Segundo a opinião do autor será preciso modificar o actual modo de graphiar muitas palavras o que importa na modificação da orthographia da lingua portugueza.

Assumpto de tanta importancia e responsabilidade não é para ser tratado por simples e obscuros professores primarios, como os que compõem esta Comissão, os quaes julgam não ver este tambem o fim a que destina a nossa Conferência de Ensino Primario. Pelas razões acima expostas deixa á Mesa o julgamento do presente trabalho. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Irmã Bernwarda Michele, relatora — Mario Garcia, Presidente. — Hercilio Zimmermann, Secretario.

O seguinte parecer tomou o numero *quatorze* — A 3ª. comissão estudando a These n. 31 sobre a efficiencia da Escola Nocturna da desanalphabetização do país, apresentada pelo dr. Oscar de Oliveira Ramos, apresenta o seguinte parecer: Na primeira parte desta these o seu autor evidenciou a deficiencia do ensino primario no Brasil em geral, apesar dos governos Federal e Estadual sempre terem as vistas dirigidas para este assumpto tão importante para a grandeza de um país ou de um estado. Na segunda parte elle mostra clara e insofismavelmente as vantagens da criação dos cursos nocturnos, principalmente nas maiores agglomerações urbanas, de preferencia agrícolas ou industriaes.

De facto estes centros geralmente se recentem desta

necessidade, por quanto as familias operarias, geralmente desprovidas de recursos, pecuniarios, tem que recorrer ao auxilio do trabalho de seus filhos mesmo quando em idade escolar, razão esta porque as crianças nesses centros muito cedo deixam a escola diurna e outras não frequentam para ganhar o pão diario. Desta forma tornam-se homens sem terem recebido os indispensaveis rudimentos de instrução. Ao atingirem a idade adulta sentem então a falta de instrução e o desejo de instruir-se, o que só poderão conseguir se existirem escolas nocturnas onde possam estudar. O operario e o agricultor que labutam o dia inteiro necessitam tambem de muito repouso, razão por que a escola nocturna na sua organização deve ser mais simples possível, observando-se a economia e tempo.

Necessario se torna portanto adoptar-se um programma que não comporte estudos superfluos, que sirvam somente para prejudicar os objectivos visados. Nestas condições a escola nocturna deve ter um programma pratico de accordo com as necessidades utilitárias do individuo. Por isso julga acertada a escolha das materias apontadas para constituirem o programma das ditas escolas. Pelas razões que acabo de expor a comissão é de parecer que se criem escolas nocturnas onde se fizerem necessarias, por que ellas não só contribuirão efficaçmente, mas serão um meio indispensavel para resolver o importante problema da desanalphabetização do país. Sala das Sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — Irmã Bernwarda, Marió Garcia, Hercilio Zimmermann.

O terceiro parecer do teor seguinte tomou o numero *quinze*.

These apresentada pela professora d. Josephina Caldeira de Andrada. A Comissão aceita os principios apresentados na these n. 38, como magnificos conselhos pedagogicos. Claro é que, tratando-se, no magisterio de temperamentos não uniformes, o difficil será o conseguir-se principalmente nas nossas escolas ruraes onde o meio bastante deficiente actue sobre o espirito do mestre um paralelo entre o espirito infantil ainda embryonario e o espirito do professor intellectualmente preparado, mas bastante contaminado pelos costumes, locaes. Acha por isso a comissão que aos professores sejam dirigidas circulares recomendendo a observancia total, não só dos principios, aliás excellentes, mencionados pela autora da these citada como

tambem sobre outros predicados indispensaveis a um bom mestre, como sejam: Preparo intellectual e previo das lições que diariamente devem ministrar; imparcialidade, prudencia, tolerancia, sem prejuizo da disciplina. Carinho, indicando os meios para os conseguir. Considerando a conclusão da referida These, que é sem duvida a parte mais importante deste trabalho, approvamos a idéa que expõe de haver junto a Escola Normal um curso modelo para o tirocinio pedagogico das magistrandas. São estas as suggestões que a comissão tem a honra de apresentar. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Irmã Bernwarda Michele, relatora, Mario Garcia, Hercilio Zimmermann. É o quarto que tomou o numero *dezesseis* é redigido nos seguintes termos: Estudando a these numero 37, apresentada pelo dr. Albino Sá Filho, sobre — Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos — Damos o seguinte parecer: Considerando as esclarecidas idéas sobre o vocabulo educacional e o profundo estudo e considerações sobre as duas escolas e seus emulos dos quaes um refuta e a outra demonstra as vantagens da educação, julgamos que a conclusão tirada torna bem patente o valor do mestre escola na forma educacional dos povos, visto ser elle o agente primordial na phase propria a preparação da indole dos factores componentes da sociedade futura. São essas as conclusões a que nos referimos: "Provada, assim, a possibilidade da formação de caracteres, de indoles, por meio da educação, vê-se o quanto de grandioso e de sublime mesmo, é o valor do mestre-escola na formação educacional dos povos. Barth a quem vimos sempre seguindo, doutrina: "A educação é a propagação espiritual da sociedade", mais, para tal se conseguir, é necessario que o mestre-escola esteja na altura de sua nobre missão. A sociedade Spartana não se propagou pelo facto de os meninos em Sparta terem nascido, mas porque estes meninos foram educados segundo o espirito e a conducta de seus predecessores. Tudo depende, portanto do preparo, da intelligencia, do espirito e da conducta do mestre-escola. Já Erasmo affirmava: "A natureza ao dar-te um filho não te dá outra cousa senão uma massa tosca. De ti depende dar melhor forma a esta materia flexivel e maleavel. Si a abandonas produzirás uma besta, mas se fores cuidadoso, produzirás por assim dizer, um Deus." Não ha um mês que esse apostolo da sciencia e do bem o grande brasileiro professor Miguel Couto em

uma Conferência brilhante e erudita feita na Associação Brasileira de Educação, affirmou altiva e patrioticamente que "que no Brasil só ha um problema nacional — A Educação do povo. Narrou como ha pouco menos de 50 annos o povo japonês em pleno regime feudal, sob o governo nominativo de um mikado, mas realmente subdividido desde a usurpação shogunal do XII seculo em casta e seitas dos danyos, dos sumarais, dos claus dos Kuges, em continuas e ferozes luctas de hegemonia e exterminio" se transformou no que hoje é, um dos povos mais cultos do universo, numa das mais poderosas nações do mundo, pelo milagre unica da dessiminação do ensino da propagação da educação. Matusabito — publicando em seu primeiro manifesto a phrase: "Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeiçoar os vossos dotes moraes", a aconselhava e indicava a seu povo o caminho da felicidade. E, indaga Miguel Couto "Ora, si com o successo feliz se assombrou o mundo, o Japão imitou a Alemanha, exemplario das virtudes da cultura em todos os departamentos do saber humano, porque não seguirmos nós o modelo do grande imperio do Sol Levante?" "Pelo milagre da cultura do povo, só e só" deve-se diz ainda o insigne professor, o soerguimento da nação japoneza. Entre nós penso que, com honrosas excepções para obtermos os resultados benéficos que advem do milagre da educação do povo, deve-se antes de tudo, multiplicar escolas em todo o territorio nacional, onde se formem, se eduquem, se aparelhem mestres-escolas aptos para formarem a nossa sociedade de amanhã podendo assim elles, em verdade possuir o valor que lhes faz mister; para dignirem a formação educacional dos povos. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — Irmã Bernwarda, Mario Garcia, Hercilio Zimmermann.

Com a palavra a professora Maura de Senna Pereira disse: Ouvindo hontem os debates suggeridos por um topico da These do professor Flordardo Cabral sobre o facto de ser vedado ás professoras que contrahirem casamento, e depois do discurso pronunciado nesta casa pelo Cel. Marcos Konder, acho que o mutismo feminino representaria uma covardia. Quero por isso, protestar em meu proprio nome, e no de minhas collegas, contra as opiniões daquelle deputado por virem de encontro á mais alevantada, mais firme e mais racional aspiração do feminismo, vindo lançar por terra todo o dispendio de energias intellectuaes com prohi-

bição de que a professora adquira á justa emancipação económica pelo facto de contrahir casamento. Apresentando ainda outras razões justificativas, enviou á Mesa o seguinte requerimento: Requeremos que á Mesa da Conferência represente ao Congresso Representativo do Estado solicitando a revogação do dispositivo legal que veda ás professoras casadas o exercício do magisterio nos grupos Escolares de 1.^a e 2.^a classe. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — Maura de Senna Pereira, Maria Amorim, Catharina Demoro, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos.

Com a palavra o Cel. Marcos Konder explicou: Como autor do projecto convertido em lei, que está sendo tão acaloradamente discutido, devo novamente corroborar os argumentos hontem apresentados justificativos das razões superiores dictarem essa importante providencia. Justa acham as timoneiras do movimento feminista em Santa Catharina que tal medida seja revogada, entretanto devo declarar sem embages que serão baldados todos os seus esforços no sentido de deitar abaixo uma providencia que tanto de util tem como de necessaria. Ainda ha bem pouco tempo, por motivo de terem de attender a circunstancias que ao casamento não são alheias, quasi esteve para ser fechada uma importante escola do nosso Estado. E' preciso que nós não nos deixemos arrastar pelo lado sentimental. Expôz ainda outros motivos que bem traduziram seu modo de pensar.

Com a palavra o dr. Raja Gabaglia disse: A Conferência acaba de ouvir mais uma vez a palavra eloquente do Cel. Marcos Konder. Nenhum Estado porem, ainda mesmo aquelles que mais gastam com a Instrucção como S. Paulo, jamais legislou na materia attendendo a medida de caracter economico. Citou V. Excia. a Allemanha e os Estados Unidos como exemplos. Eu citarei a V. Excia. a França, onde o problema do ensino, é tambem modelar e onde entretanto não existe prohibição do casamento antes pelo contrario as leis protegem as mulheres sobre tudo no que respeita a regular o seu estado civil. Apresentou ainda outros muitos motivos pelos quizes achava não haver razão da existencia da lei questionada.

Com a palavra o Cel. Marcos Konder ponderou: As razões aduzidas pelo illustre professor Raja Gabaglia não conseguiram abalar-me. Neste ponto sou um tanto prussiano.

Prefiro errar com a minha consciencia e os meus principios a transigir. Abordou ainda a outras considerações e disse: Tratando-se de anhelos eu votaria com prazer um pequeno se não que as professoras signatarias do requerimento se esqueceram de incluir, como sejam o expurgar do nosso ensino uma classe de professoras que estão sendo contempladas escandalosamente com prejuizos inadmissiveis, em detrimento das que trabalham e se dedicam ao seu mister. Refiro-me as celebres addidas. Não posso comprehender que taes senhoras se alicercem de todos os empenhos para conseguirem uma nomeação e que depois de havê-la na mão se acostellem de novos padrinhos para ficarem encostadas prejudicando de tal forma altamente ao ensino facto que reputo muito mais grave do que saber si as pessoas casadas devem ou não continuar exercendo o magisterio.

Não havendo quem mais usasse da palavra o sr. presidente pôs a votos o requerimento questionado o qual foi approvedo.

Entrou em discussão o parecer n.^o 3 que foi, em seguida approvedo. Em discussão o parecer n. 4 foi apresentado pelo professor Luis Trindade o seguinte requerimento: Requeiro á Mesa que a discussão do parecer n. 4, apresentado, seja adiado por 48 horas. Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — Luis Trindade. Posto em discussão foi approvedo. Entrou em discussão o parecer n. 6 que foi approvedo sem debates.

Discutido o parecer n.^o 7 o professor Raja Gabaglia apresentou o requerimento verbal para que se publicasse a These a que se referia o mesmo parecer. Posto em votação foi approvedo o parecer com a respectiva emenda. Postos em votação os pareceres 8 e 9 foram approvedos sem debates.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada solicitou á Mesa a transferencia da hora da sessão ordinaria de amanhã para ás 18 horas, em vista da recepção em palacio. Posto em votação foi approvedo sem debates; tendo o professor Henrique Brüggemann pedido para ser verificada a votação. Nada mais havendo a tratar foi marcado o expediente para a ordem do dia para a 6.^a sessão ordinaria. Indicações e pareceres. Discussão dos pareceres ns. 10, 11 e 12. E eu Luis Sanches Bezerra Trindade, lavrei a presente acta, Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — Luis Sanches Bezerra da Trindade. 1.^o secretario.

Acta da 6.^a sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE : Dr. Cid Campos

1.^o SECRETARIO: Professor Luis Sanches B. da Trindade

2.^o SECRETARIO : Professor Egydio Abbade Ferreira.

Aos seis dias do mês de agosto de 1927, no salão nobre da Escola Normal, ás 18 horas, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, secretario do Interior e Justiça, e presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da 6.^a sessão ordinaria.

Feita a chamada verificou-se a presença dos srs. conferencistas: dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Luís S. B. Trindade, Francisco Barreiros Filho, Florindo Cabral João dos Santos Areão, João Tolentino de Sousa Junior, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinoza, Guilherme Wiethorn Filho, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walther Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. Xavier Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Michele, Dr. Fernando Raja Gabaglia, dr. Achilles Gallotti, dr. Alfredo de Araujo, dr. Carlos Corrêa, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professora Isaura Veiga de Faria, professor Arnaldo Gomes Jardim, professora Maura de Senna Pereira, professora Josephina Caldeira de Andrada, cirurgião-dentista Ary Bittencourt Machado, professor Henrique Brüggemann, professor Bellarmino Corrêa Gomes, professoras Maria do Carmo Caldeira de Andrada e Laura da Luz Montenegro.

Iniciada a leitura da acta, o dr. Raja Gabaglia, pediu á Mesa que consultasse a Casa si concordava que se deixasse de ler os pareceres transcriptos na referida acta, visto serem os mesmos conhecidos pelos conferencistas. Posto em votação foi approvedo.

Feita a leitura da acta sem a parte acima referida foi a mesma posta em discussão.

Pediu a palavra a professora Maura de Senna Pereira,

a fim de solicitar o seguinte esclarecimento: Quem havia fornecido á secretaria os apontamentos referentes ao seu discurso, visto não estar de accordo com o que constava em acta. O sr. dr. Presidente declarou que á Mesa tomava em consideração a reclamação feita.

Com a palavra o professor Henrique Brüggemann declarou não haver dado, na sessão anterior os apartes a que se referiu o jornal «Folha Nova» em sua edição de 6 de agosto, pelo que protestava. O professor Henrique Brüggemann em apartes, pelo dr. Achilles Gallotti, havendo ainda outros apartes dos srs. conferencistas.

Pedindo a palavra o 1.^o Secretario solicitou ao sr. Presidente que a professora Maura de Senna Pereira lhe fornecesse o texto do seu discurso, ou o resumo do mesmo para as devidas modificações que a Mesa resolveu se fizessem. A professora Maura de Senna Pereira prometteu então attender a solicitação da secretaria.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada, o mesmo leu algumas palavras que disse haver escripto depois que aqui chegou para a sessão de hoje mostrou-se solidario com o professor Henrique Brüggemann e protestou tambem contra as publicações do jornal «Folha Nova». Trocaram-se apartes entre o dr. Achilles Gallotti, professor Barreiros Filho, professor Mâncio da Costa, tendo o sr. presidente lembrado que estava com a palavra o professor Laercio Caldeira.

Com a palavra, o professor Luis Trindade declarou que deante da interpellação que lhe havia feito a professora Maura de Senna Pereira, pedia que o sr. Presidente lhe desse sua exoneração do cargo de 1.^o secretario da Conferência. Professor Laercio Caldeira solicitou da Mesa que não fosse tomado em consideração o pedido feito pelo professor Trindade, tendo secundado esse pedido, em aparte, o professor Barreiros Filho que disse: O professor Laercio Caldeira não pretende visar a personalidade do 1.^o Secretario. O professor Luis Trindade depois de longa justificação, declarou, manter seu pedido de exoneração.

Não havendo quem mais se manifestasse a respeito da acta, foi a mesma approveda. O sr. 2.^o secretario leu o seguinte expediente: — 1.^o. — Exmo. sr. dr. Cid Campos — Coritiba — 4 — Accusando grato telegramma V. Excia. transmittindo professores Paranaenses, honrosa moção solidiedade votada sessão conferência inauguração desse gran-

de Estado, proposta illustre professor Luis Trindade, tenho honra communicar V. Excia. que na impossibilidade de comparecer essa douta Assembléa solicitou dr. Gilberto Paranhos digno Inspector Federal da Faculdade de Direito deste Estado, que partirá amanhã para esta Capital, seja portador expressão reconhecimento magisterio paranaense, pela alta distincção recebida. Respeitosas saudações. — Lizimaco Costa, Inspector Geral de Ensino. II — Illmo. Sr. Presidente Conferência Ensino Primario — Nesta. A pedido da casa Editora Rottermund & Cia. de São Leopoldo, remetto a V. Excia. annexo, os seguintes livros escolares: Uma arithmetica pratica 1ª. parte; 1 arithmetica pratica 2ª. parte; 1 arithmetica pratica 3ª. parte; 1 arithmetica pratica 4ª. parte; 1 cartilha moderna 1º. anno; 1 cartilha moderna 2º. anno; Orthoepia da lingua portuguesa; 1 livro de leitura com um vocabulario; 1 taboada primaria; 1 Wollstündige grammatick, a fim de ser apreciado por essa Conferência, o seu valor para a Instrucção Publica official, sirvo-me do ensejo para reiterar-vos os meus protestos de alta consideração e elevado apreço. Florianopolis, 6 de agosto de 1927. Ass. — Alberto Entres.

Finda a leitura do expediente passou a ordem do dia: 1 — Apresentação de pareceres.

Com a palavra o professor Barreiros Filho enviou á Mesa o seguinte parecer que tomou o numero *dezasete*. A Commissão conscienciosamente, fez o estudo do trabalho intitulado « O ensino de português nos Grupos e nas Escolas Complementares » — Esboço de um programma e da autoria da professora Maura de Senna Pereira que o apresentou a Conferência Estadual de Ensino. Synthetizando as suas impressões e observações, a commissão conclue que: a) — O titulo da these corresponde exactamente á explanação e desenvolvimento dado a mesma; b) — a introducção e exposiçáo de motivos alem de revelar o plano pedagogico da expositora, mostra que ella maneja a lingua com explicita facilidade, não sendo daquella casta de grammaticos que só escrevem com penna de chumbo em papel borrador; c) — razão assiste, e muitissima a proponente da These quando accusa o programma de português em vigor nos grupos escolares, de theorias em excesso e grammaticalista sobre posse, visto como a parte pratica da materia os exercicios frequentes de linguagem as correcções de fala e escripta deveriam ser ali os preferidos e maior relevo, dando-se aos pequeninos aprendizes do idioma antes a parte dinamica do que a parte estatica, ou,

por outros termos, ministrando-se-lhes mais os factos do que as regras e theorias da materia; d) — outro tanto se verifica do programma das escolas complementares onde a autora da these propoz maior desenvolvimento ao capitulo das redacções (de sorte que ao penetrar os alumnos aos humbraes da Escola Normal estejam em condições de redigir linhas correctas), e não dê a impressáo de que mais não conhece além do seu mau dialecto familiar; e) Sem embargo dos solidos conhecimentos da apresentante da these, deve ser repellido o processo, pro-diagramma, da analyse syntactica, por ter elle o inconveniente de offerecer duas difficuldades ao alumno: — a) da analyse; outra — a de traçar o diagramma, que se torna complicado quando se trata de periodos extensos, facto esse que o professor Othoniel Motta, vulgarizador no Brasil do tal methodo, deixa patente, embora sem querer, nos olhos de quem examinar o seu livro — lições de português —; f) Reconhecendo, sem favor, as vantagens dos esboços de programmas propostos para substituirem os actuaes dos grupos e escolas complementares, deve ainda ser contada, nos ditos esboços, a parte referente aos quartos annos dos Grupos escolares e que trata de conjunções coordenativas e subordinativas, por coordenação e subordinação, por esse ponto de estreita ligação com a provincia syntactica de regencia, inacessivel ao espirito menos preparando dos discentes dos Grupos Escolares; g) pelos modernos motivos da letra precedente seria util eliminar, ibdem o estudo da preposição; h) os altos dotes espirituaes da illustre proponente impressionaram os encarregados de dar parecer sobre a these n. 6, os quaes protestam a sua admiração pelo brilhante trabalho que a mesma these encerra. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Ass. Raja Gabaglia, P. F. X. Zartmann, Francisco Barreiros Filho, Marcilio Dias Santiago.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada, apresentou o seguinte parecer que tomou o numero *dezoito*: A segunda commissão suplementar considerando o memorial apresentado pelo illustre professor Orestes Guimarães, sobre a 6ª. these official “Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do País? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado em particular, e no país em geral? De que forma?” O Grande mestre condensou no seu memorial as observações feitas

na parte referente ao ensino de trabalhos manuaes, no decurso de trinta e sete annos de magisterio.

Trabalho valioso calcado na longa experiencia e na vasta competencia do seu autor, a commissão se sente pequenina para juizo, porem entusiasta para louvar tão completo estudo. A commissão tem a honra de apresentar as seguintes conclusões: Após a leitura do memorial em apreço I — O ensino de trabalhos manuaes deve consistir: a) nos Grupos escolares primeiro anno, segundo e terceiro, exercicios groebelianos, adoptados, progressivamente e processado segundo os methodos americanos. Quarto anno — inicio de exercicios de Sloyd ou de Whittling b) nas escolas complementares; primeiro anno — construcção de trabalho pelo sistema Whittling. Segundo e terceiros annos — trabalhos manuaes de Froebel e de Sloyd, usando os instrumentos, os necessarios em officinas que poderiam ser installados nos proprios galpões dos Grupos. II — O ensino de trabalhos manuaes não tem sido proficuo nas escolas do Estado e do país; apenas tem sido apreciavel como disciplina educativa, sem applicação posterior escolar. III — Para que se torne mais proficuo no Estado o ensino de trabalhos manuaes ha mister de se contractar professores que se obriguem a introduzir, em determinado tempo, na escola Normal e na Complementar a technica da alludida disciplina. No país, para que mais proveitoso se torne o ensino de trabalhos manuaes a necessidade da creação de uma grande escola technica, precedida de um curso preparatorio, versando este, entre outras materias, sobre desenho e trabalhos manuaes, de conformidade com os methodos americanos, para a proficiencia dos normalistas estaduaes. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Laercio Caldeira de Andrada, relator, Beatriz de Sousa Brito, presidente — Albano Monteiro Espinola — secretario.

Com o palavra o dr. Raja Gabaglia enviou, á Mesa o parecer que tomou o numero *desenove*: A primeira commissão examinou, com mais attenção a these n.º 8 de autoria do inspector escolar João dos Santos Areão, versando sobre o ensino de geographia e carthographia nas escolas estaduaes. Applauda a Commissão as suggestões do autor o qual encarece o cunho pratico que se deve emprestar sempre ao estudo da geographia, generalizando a todas as classes. Em boa hora é partidario do uso de tableiros com areia ou massa plastica de sorte a figurar os accidentes fundamentaes do solo, seria de maior vantagem torna-lo obrigatorio

no primeiro anno de estudo, familiarizando os alumnos com a construcção dos diversos typos do relevo terrestre. Outra interessante suggestão e merecedora de acolhimento, é a do Estado tomar o encargo de organizar (a exemplo do que existe no estrangeiro e, entre nós, em São Paulo), um caderno typico, contendo todo o programma de Geographia das escolas primarias em mappas que serviriam para os exercicios cartographicos e tambem de guia ao ensino. Poder-se-ia construir para cada continente, para o Brasil e para Santa Catharina, em particular, folhas referentes ao relevo, ao littoral, á hydrographia, ás fronteiras, ás regiões naturaes aos recursos economicos e ás divisões administrativas. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Raja Gabaglia, P. F. X. Zartmann, Marcilio Dias, Santiago, Barreiros Filho.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão leu o parecer seguinte que tomou o numero *vinte*: A commissão abaixo assignada oferece aos srs. componentes da Conferência do Ensino Primario o parecer abaixo sobre as theses numeros 39, 40 e 44, respectivamente apresentadas pelos srs. professores Oswaldo Cabral, cirurgião dentista Ary Bittencourt Machado e dr. Alfredo Porphirio de Araujo e é de parecer. I — que sejam ensinadas noções elementares de hygiene em todas as escolas estaduaes. II — que as noções elementares de hygiene devem abranger os seguintes pontos: a) Cuidado com o corpo; b) vestuario; c) habitação; d) alimentação; e) solo, agua, ar; f) climas; g) transmissores; h) a anquilostomiase; i) o impaludismo, j) verminoses em geral; k) molestias de Chagas (tripanosomiase americana); l) a lepra; m) molestias cutaneas; n) a tuberculose; o) a trachoma; p) a variola e varicella; q) o sarampo; r) a coqueluche; s) dysenteria tropical; t) a bronchite; u) a myopia; v) a escoliose. III — que de cada uma das molestias citadas devem ser requerido: a) o agente; b) sua acção no organismo humano; c) transmissores; d) meios de penetração dos germens; e) contagio e propagação; f) prophylaxia. IV — Que sejam ensinadas as noções sobre ophidios explicando o habito desses animais meios de evita-los, de combate-los e de antidotos. V — que sejam ministradas as noções sobre os males dos toxicos e intorpecentes no organismo humano. Meios de combate-los. VI — que seja intensificado o combate ao alcoolismo por meio de palestras e gravuras, determinando reuniões onde serão mostrados as crianças os males que adevem desse vicio. VII — que na escola normal e

Escolas complementares (embora seja muito louvavel a creação de uma cadeira para o ensino de hygiene, devem os respectivos professores de historia natural assumir esse ensino. VIII — que nos grupos escolares, o ensino da hygiene tenha classificação a parte, para ser ensinado duas vezes por semana. IX — Que nas escolas ruraes a hygiene seja ministrada tres vezes por semana em virtude de haver pelos anteriores que mais necessite desses conhecimentos. X — que a hygiene não está somente nos preceitos que devemos ensinar sobre as diferentes molestias, e sim, em parte, no material de uso quotidiano, precisando que seja aparelhada a escola com mobiliario alamado e moderno, que reuna o predio os preceitos da hygiene — ar, luz, ventilação, que tenha W. C. sufficientes e agua potavel filtrada em abundancia. XI — que a fiscalização escolar deve observar o interesse aos preceitos acima indicados, procurando sanar toda a falta que constatar, propondo medidas que venham satisfazer a saude das crianças. XII — que cada criança tenha a sua caneca para tomar agua evitando o uso de uma vasilha commum. XIII — que seja de cuidado capital do professorado a posição correctá do alumno na carteira, evitando, assim, diversas molestias que advem desse mal. XIV — que o vestuario bem como as mãos, os pés, a cabeça, mereçam constante e costumada fiscalização por parte do professor. XV — que qualquer alumno com o symptoma doentio seja afastado do conjuncto até determinação medica em contrario. XVI — que os jogos infantis, como meio hygienico, e hora apropriada, sejam dados com cuidado podendo o Estado fornecer livros adequados. XVII — que o canto, gymnastica, poderosa dos pulmões não seja desusado. XVIII — que é de grande vantagem a nomeação de medicos escolares. XIX — que a necessidade da organização das fichas antropometricas dos escolares, como o meio de ser fiscalizada a saude da criança. XX — que é de grande vantagem a criação da assistencia dentaria em virtude de ser a má dentadura, a causa de varias enfermidades, XXI — que seja estabelecidos gabinetes dentarios nos principaes edificios escolares, sobre a direcção de um bom cirurgião dentista, que fará preleções, em dias determinados, sobre os diferentes assumptos concernentes á hygiene da bocca. XXII — que a regulamentação desse gabinete seja estudada pela directoria da Instrucção expedindo ordens a respeito. XXIII — que seja finalmente organizado o livro de hygiene escolar para

servir de guia ao professorado contendo todos os pontos necessarios ao ensino. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Ass. — João dos Santos Areão, dr. Alfredo Porphirio de Araujo, dr. Carlos Corrêa, com restricções.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão enviou á Mesa o parecer seguinte que tomou o numero *viu. 100*. Estudando a quarta commissão a these n. 52, apresentada a Conferência Estadual do Ensino Primario, pelo dr. Placido Gomes, versando sobre a hygiene nas escolas ruraes, onde se acham explanados conceitos de alta consideração e estudo, reunindo além da parte scientifica, um acurado trabalho pedagogico, que bem merece conhecimento de todos os senhores conferencistas, já propondo a introducção de uma obra para a leitura diaria dos escolares com preciso methodo, já historiando as molestias que são mais frequentes nas zonas ruraes e meios prophylaticos dando provas de um conhecimento profundo da nossa gente do interior nos termos abaixo: «A observação da vida do lavrador catharinense nos mostra que em sua generalidade, e alimenta-se mal, reside desconfortavelmente, soffre varias endemias e ignora hygiene. Com preferencia a alimentação habitual é incompleta, no sentido chimico e biologico do termo. A farinha e o café formam, na ração diaria, o alimento mais assiduo, mais abundante, em detrimento da collaboração physiologica de outras substancias que compensassem o deficit chimico dos primeiros. O leite, o pão, os graxos, os assucars, chegam esporadicamente, como alimentos deshabituaes, quando o deviam ser o de regra costumeira. Consequencia: o individuo ressentese da insufficiencia, fraqueja ao trabalho multiplica cada vez mais uma descendencia debil e caminha para a inutilidade. O desconforto da moradia, desagasalhada, sem vidraças que lhe permittam accção esterilizante do sol; ou ainda toda fenestrada as intemperies e bruscas oscillações thermometricas, provocadores de frequentes molestias do aparelho respiratorio, quando não contigua a estabulos e afogada de pomares que se tornam viveiros permanentes de moscas e mosquitos equivalentes a impaludismo, typho, e dysenteria, tudo concorre para apressar a necessidade urgente de uma reforma a começar pelos habitos do lar e a terminar pela pratica da hygiene moderna. Que valeria portanto o ensino das medidas prophylaticas, contra a verminose, ou impaludismo, nas escolas ruraes do Estado, sinão lhes proporciona ao lado, os conhecimentos da hygiene da habitação, dos alimentos, das vestes

e dos hábitos, domesticos. E' de prever que o trabalho apresentado pelo dr. Placido Gomes seja aproveitado na organização dos futuros programmas que serão elaborados para o uso dos grupos escolares e escolas isoladas, bem como na obra que o Governo precisa mandar organizar para guia dos professores, em virtude de não haver um livro que satisfaça as exigencias desse ensino. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Ass. — João dos Santos Areão, Carlos Corrêa, dr. Alfredo Porphirio de Araujo.

Com a palavra o professor Mario Garcia leu o parecer que segue, que tomou o n. *vinte e dois*: A terceira commissão estudando a these n.º 33 apresentada pelo professor Alberto Ferraz, relativa ao thema "Ligeiras considerações sobre a Instrucção e Educação das crianças anormaes", chegou ao seguinte parecer: a these apresentada não deixa de ser importante no seu ponto de vista, já pelo modo intelligente com que foi elaborada, já pelo fim nella collimado. Todavia a commissão é de parecer que para a fundação de taes instituições ainda não chegou o momento propicio, tanto para o País como para o Estado: I — Porque taes estabelecimentos requerem um corpo docente especializado na parte da pedagogia referente ao tratamento dos anormaes; II — porque o Estado não está em condições de custear o aparelhamento das mesmas; III — porque não possuímos professores especialistas; IV — porque os cursos de anormaes exigiriam a criação de medico escolar, medida, em si muito louvavel, porém inexequivel; V — Em virtude da prevenção provavel contra taes estabelecimentos por parte dos paes, que não permittiriam a inclusão de seus filhos em classes de anormaes. Pelas razões expostas, a commissão opina que não deve, por emquanto ser postos em pratica as medidas suggeridas pelo professor Ferraz. Sala das sessões, 6 agosto de 1927. Ass. — Irmã Bernwarda, relatora, Mario Garcia, presidente, Hercilio Zimmermann, secretario.

Ainda com a palavra o professor Mario Garcia enviou á Mesa o parecer seguinte que tomou o numero *vinte e tres*: Considerando a these n. 32, apresentada pelo competentissimo educador Laercio Caldeira de Andrada, sobre «Requisitos de uma boa pergunta» — damos o seguinte parecer: Estamos de pleno accordo com os requisitos apresentados pelo referido professor a respeito de se formular uma boa pergunta. Aliás é esse o processo usado nos nossos grupos escolares pelos mestres mais abalisados. A generalização dessa for-

ma de perguntar deve preoccupar a atenção dos directores de estabelecimentos de ensino dos professores primarios, motivo porque achamos ser de muita utilidade tirar-se copia dos requisitos contidos nas paginas 3 e 4 da valiosa these, para serem distribuidos entre os professores do Estado. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Ass. — Irmã Bernwarda, relatora, Mario Garcia, presidente, Hercilio Zimmermann — secretario.

Com a palavra a professora Maria Amorim enviou á Mesa o seguinte requerimento: A segunda Commissão permanente requer a transferencia da these n. 19 do professor Fernando Steinhauer para a commissão encarregada de estudo de assumptos referentes a nacionalização do Ensino por julga-la mais de molde a ser estudada por aquella commissão. Nestes termos pede deferimento. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Maria Amorim, relatora, Adriano Mosimann, Catharina Demoro. Posto em discussão foi approved sem debates, tendo o sr. presidente passado á Commissão Especial a these questionada. Ainda com a palavra a professora Maria Amorim enviou á Mesa o seguinte requerimento: Considerando que a these n. 18, apresentada pelo professor Germano Lauer consta de assumpto que não se coaduna com os fins dessa Conferência, a segunda Commissão permanente requer seja a mesma archivada. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Maria Amorim, relatora, Adriano Mosimann, Catharina Demoro. Posto em discussão o dr. Raja Gabaglia pediu que em vez de ser archivada fosse a mesma publicada nos Annaes da Conferência. Posto em discussão o requerimento com a emenda, foi approved. Posto em discussão o parecer n. 10, foi o mesmo approved sem debates. Posto em discussão o parecer n.º 11 o professor Luis Trindade declarou que de facto o programma de geographia no 4º anno é extenso demais, sendo em seguida approved o parecer. Posto em discussão o parecer n. *dose* — foi approved sem debates.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada pediu á Mesa em nome da Conferência, que desejou ficasse toda de pé, a não concessão do pedido de exoneração do 1º secretario. O sr. presidente declarou que tomava em consideração o caso questionado das publicações do Jornal «Folha Nova» e que não concederia de forma alguma a demissão solicitada pelo 1º secretario da Conferência. Nada mais havendo a tratar o sr. dr. Presidente marcou a ordem

do dia para a sessão immediata: Pareceres e indicações — Discussão dos pareceres ns. 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23. E eu, Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º secretario da Conferência Estadual de Ensino Primario, la-vrei a presente acta. Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Ass. — *Luis S. B. da Trindade* 1º secretario.

Acta da 7ª. sessão ordinaria da Confe-rência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos.

1º SECRETARIO: — Luis Sanches Bezerra da Trindade.

2º SECRETARIO: — Egydio Abbade Ferreira.

Aos sete dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, secretario do Interior e Justiça, e Presidente da Conferência, deu por iniciados os trabalhos da 7ª. sessão ordinaria.

Feita a chamada, verificou-se a presença dos senhores conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mân-cio da Costa, Orestes Guimarães, Luis S. B. da Trindade, Francisco Barreiros Filho, João dos Santos Areão, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiet-horn Filho, Antonio Epiphania dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Walter Wagenführ, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagen-führ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernando Raja Gabaglia, dr. Achilles Gallotti, dr. Edmundo More-ira, dr. Carlos Corrêa, professora Maria Amorim, profes-sora Isaura Veiga de Faria, professor Arnaldo Gomes Jar-dim, dr. Alfredo Porphirio de Araujo, professor Alfredo X. Vieira, professora Maura de Senna Pereira, dr. Gilberto Pa-anhos, professor Odilon Fernandes, capitão Marcellino Coe-

lho, cirurgião dentista Ary Bittencourt Machado, Cel. Hyp-polito Boiteux, dr. Heitor Blum, Franciseo Alencar de Azam-buja, professoras Maria do Carmo Caldeira de Andrada, Lau-ra da Luz Montenegro.

Lida a acta da sessão anterior foi approvada sem de-bates. O sr. 2. secretario leu o seguinte expediente: Dr. Cid Campos, Presidente da Conferência Ensino — Natal 6. Tenho honra accusar recebido vosso despacho dois corren-te contendo oração professorado catharinense ora reunido Conferência nessa Capital. Agradecendo subida prova atten-ção communico-vos ter dado conhecimento della todo profes-sorado norte-riograndense que retribue penhorado generosa lembrança. Cordeal saudação. Nestor Lima, Director educação.

Com a palavra o professor Alfredo Xavier Vieira en-viou á Mesa o seguinte memorial: Exmo. Sr. dr. Presiden-te da Conferência do Ensino Primario, conforme o artigo terceiro do Regimento interno da mesma, venho apresentar á conferência um projecto que me parece justo, opportuno e viavel. Coincidindo a realização dessa Conferência de Ensino com os trabalhos do Congresso estadual, que, como se sabe, está tratando da reforma da constituição do Esta-do, proponho que se submetta com a possivel e necessaria urgencia o estudo e encaminhe-se ao legislativo o projecto que passo a apresentar. Penso em melhorar a classe do professorado particular. Esta classe de educadores que pela Constituição actual não tem direito a contagem de tempo para aposentadoria, solicita e requer, por intermedio do abaixo assignado, auxilio dessa magna conferência junto ao benemerito governo do Estado e do Congresso para que se digne amparar pela Constituição uma classe que tendo as suas escolas registradas pela forma da lei na Di-rectoria da Instucção muito tem concorrido para a desanal-phabetização da nossa mocidade. Nestes termos espera ser attendido. Florianopolis, 7 de agosto de 1927. Alfredo Xa-vier Vieira.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira justificou a apresentação da moção que segue: Considerando que o preclaro Estadista Epitacio da Silva Pessoa ao assumir o exercicio da suprema magistratura da Nação procurou re-solver a importante questão da nacionalização do Ensino; Considerando que o grande brasileiro ao solucionar o magno problema, emprestou o concurso moral e financeiro da União ao Governo de Santa Catharina, no sentido de

diffundir escolas nacionaes no seio das populações estrangeiras; Considerando que o presidente Epitacio Pessoa dirigia os destinos do País ao ser commemorado o centenario da Independencia Nacional, considerando que o egregio estadista deu excepcional relevo á Commemoração dessa data patriótica praticando actos do mais acendrado civismo; Considerando que o dr. Epitacio Pessoa e seu dedicado auxiliar Ministro Alfredo Pinto, incluíram no programma das Commemorações do Centenario da Independencia a realização do primeiro Congresso inter-estadual de Ensino Primario; Considerando ainda que o sr. Epitacio Pessoa quando ministro da Justiça, no Governo Campos Salles, uma das phases mais gloriosas da vida Nacional, prestou a causa da educação os mais relevantes serviços a Conferência de Ensino Primario resolve approvar um voto de louvor e de congratulações ao nosso actual embaixador na Corte permanente de justiça internacional. Sala das sessões, 7 de agosto de 1927. Ass. Edmundo Accacio Moreira e Raja Gabaglia.

Com a palavra o professor Orestes Guimarães declara ter o prazer em tomar na devida conta a moção apresentada pelo dr. Edmundo Moreira, pedindo porém licença para lembrar não ser ao grande estadista dr. Epitacio Pessoa que cabe a primasia do serviço da nacionalização do ensino mas sim ao presidente dr. Wenceslau Braz. Fez a declaração de vetar a moção apresentada com a retirada daquella parte.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira declarou que si não cabe ao dr. Epitacio a primazia desse trabalho foi elle que o desenvolveu e ampliou triplicando a verba orçamentaria destinada a esse fim.

Com a palavra o professor Orestes Guimarães fez ver que tal augmento devemos-lo ao sr. Washington Luís.

Com a palavra o professor Marcilio Santiago ponderou que si o presidente Epitacio não havia augmentado as verbas da nacionalização tinha entretanto creado as escolas de Pescadores, sendo que só em São Francisco foram creadas 14 e por isso dava todo o seu apoio a moção apresentada.

Com a palavra o professor Orestes Guimarães explicou nada se referir nos seus dizeres ao valor do Grande brasileiro, havia porém declarado que não votava a clausula que observou.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira propôs que

para não alterar a moção poder-se-ia estender a homenagem ao dr. Wenceslau Braz no que accedeu o professor Orestes Guimarães, enviando á Mesa a seguinte indicação: Indico que a homenagem apresentada ao grande brasileiro exmo. sr. dr. Epitacio Pessoa se torne extensiva ao exmo. sr. dr. Wenceslau Braz que como Presidente da Republica em 1918, instituiu o serviço da nacionalização do ensino primario nos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, por intermedio de subvenção a esses Estados. Fpolis, 7 de agosto de 1927. Orestes Guimarães.

Com a palavra o sr. dr. Gilberto Paranhos, propõe que a moção seja acrescida com a referencia feita aoCodigo de Ensino, mandando á Mesa a seguinte emenda: Considerando que oCodigo de Ensino de autoria do eminente senador Epitacio Pessoa, foi o mais perfeito estatuto que já regeu o ensino secundario e o superior da Republica, proponho que conste da indicação apresentada pelo illustre conferencista dr. Edmundo Moreira referencia a tão alto serviço, prestado a Instrução Nacional. Sala das sessões, 7 de agosto de 1927. Gilberto Paranhos. Posta a votação a moção do dr. Edmundo Moreira sem as emendas foi approvada. Posta a votação as emendas do professor Orestes Guimarães e dr. Gilberto Paranhos foram approvadas. Passa-se a ordem do dia. Não havendo pareceres a serem apresentados entraram em discussão os pareceres ns. 13, 14 e 15 que foram approvados sem debates. Posto em discussão o parecer n. 4, o professor Orestes Guimarães observa que estando ausente o relator professor Laercio Caldeira de Andrada requer o addiamento da discussão, requerimento que foi approvedo.

Com a palavra o professor Adolpho Silveira requereu que por não estar de accordo com o parecer dado pela commissão, fosse seu trabalho entregue a uma Commissão especial para o devido estudo.

O professor Raja Gabaglia acha que o professor Adolpho Silveira não pode ser attendido.

Com a palavra o dr. Achilles Gallotti interroga á Mesa si um trabalho depois de julgado por uma Commissão pode ser entregue a outra e outra indefinidamente.

Com a palavra o dr. Raja Gabaglia pensa que deva ser regeitado o requerimento por constituir sua approvaçãomau precedente.

Com a palavra o dr. Achilles Gallotti consulta, para

que fique estabelecido o caso si uma these regeitada por uma comissão pode ser por pedido do autor transferida para outra, achando, porém que o autor do trabalho deve se conformar com a solução das comissões visto que ellas merecem consideração da Casa.

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito esclareceu que, sendo presidente da Comissão do trabalho em questão não só desta these como de uma de sua autoria, deu-se por suspeita no julgamento, porém o relator professor Laercio Caldeira não o julgou procedente o seu modo de agir. E para melhor o orientar a casa leu alguns topicos da sua these. O professor Adolpho Silveira declarou que mesmo sabendo ser regeitada pela casa mantinha o seu requerimento. Trocaram-se ainda apartes entre o professor Orestes Guimarães e dr. Achilles Galloti, Carlos Corrêa e Raja Gabaglia.

Com a palavra o dr. Raja Gabaglia explicou a technica dos trabalhos em sessões congeneres, dizendo que no caso vertente o professor Adolpho Silveira deveria requerer emendas ao parecer e não pedir a nomeação de comissão especial.

Com a palavra o dr. Achilles Galloti este explicou que seguindo a votação do requerimento do professor Adolpho Silveira, tornava-se necessario que a Casa pensasse bem, visto que a approvação de tal requerimento redundaria em uma desconsideração para com a Comissão, pelo que mais uma vez lembrava que na presente votação não se procedesse como de costume, approvando-se os pareceres sem a necessaria discussão.

Com a palavra o professor Antonio Mâncio da Costa declarou que, nos termos do Regimento, haviam sido nomeadas tres comissões e, como houvesse abundancia de trabalhos para essas, sendo desdobradas em mais duas que foram approvadas pela Casa, e, essas eram portanto as Comissões permanentes. Approvaram em apartes a explicação dada pelo professor Mancio da Costa, o sr. dr. Achilles Galloti e professor Orestes Guimarães.

Com a palavra o professor Arnaldo Jardim, este disse que protestava contra a expressão usada pelo dr. Galloti sobre a votação dos pareceres sem discussão. Trocaram-se apartes entre o dr. Achilles Gallotti, professor Barreiros Filho, professor Albano Monteiro Espinola, Adolpho Silveira e dr. Carlos Corrêa.

Com a palavra o dr. Achilles Gallotti, justificou-se, pedindo a Casa desculpas pois não tinha intenção de offender aos distinctos membros da Conferência. O professor Barreiros Filho julgou aceitavel as explicações do dr. Achilles Gallotti. Trocaram-se então apartes acalorados, após os quaes o professor Adolpho Silveira, pedindo a palavra disse que tendo o seu requerimento motivado o incidente pedia a retirada do mesmo.

Com a palavra o dr. Gallotti pediu que constasse em acta que jamais pensou com suas observações, offender aos srs. Conferencistas, tendo o sr. dr. Presidente declarado que seria tomado em consideração o seu pedido. Fallou ainda o sr. Marcilio Santiago lembrando a necessidade de se aproveitar o tempo com os assumptos de maior importancia. Entraram em discussão os pareceres ns. 16, 17, 18, 19 os quaes foram approvados sem debates. Posto em discussão o parecer n.º 20 pediu a palavra o dr. Carlos Corrêa, requerendo verbalmente addiamento da discussão por 24 horas e a volta do parecer a comissão da qual fazia parte por te-lo assignado com restricções. Posto em discussão o parecer n.º 21 foi aprovado sem debates.

Com a palavra o dr. Gilberto Paranhos este declarou que si estivesse presente teria votado a moção ao dr. Adolpho Konder e compartilhado nas homenagens prestadas ao saudoso estadista dr. Hercilio Luz. Apresentou em seguida a seguinte mensagem: Inspectoria Geral do Ensino do Estado do Paraná — Curitiba 4 de agosto de 1927. Como interprete dos verdadeiros sentimentos de amizade dos membros do magisterio paranaense para com os seus nobres collegas catharinenses, irmanados nos mesmos esforços para o engrandecimento da Republica, pela communhão dos mesmos ideaes de educação popular, venho agradecer desvaneidamente a honrosa moção de solidariedade approvada por proposta do illustre professor Luis Trindade, em sessão da douta assembléa do ensino, reunida em Florianopolis. Tenho a certeza de que, ao ser lida em todas as escolas paranaenses publicas ou particulares no proximo dia sete de setembro, ás 9 horas, a mensagem transmittida por S. Excia. o sr. dr. Cid Campos, dignissimo Secretario do Interior e Justiça despertará o mais vivo entusiasmo e as mais carinhosas demonstrações de sincera confraternização com os professores e alumnos catharinenses. Nessa hora de profundo recolhimento espiritual, para mais de mil trezen-

tos professores e 60.000 crianças paranaenses, em perfeita comunhão dos mais puros sentimentos de civismo, elevação aos céus fervorosas preces pela grandeza da Patria e os mais ardentes votos pela felicidade do Estado de Santa Catharina. Aos exmos. srs. Presidente e membros do 1º Congresso Official da Instrução Publica do Estado de Santa Catharina. Lysimaco Costa. Inspector Geral do Ensino.

Com a palavra o dr. Presidente agradeceu a mensagem enviada dando por encerrada a ordem do dia. Pediu a palavra o professor Arnaldo Jardim tendo o sr. dr. Presidente declarado que estando findo o expediente ficaria inscripto para a sessão seguinte. Em seguida o dr. Gilberto Paranhos enviou a Mesa uma moção que ficou para o expediente seguinte, pelo motivo exposto.

Com a palavra o sr. Presidente declarou que queria lembrar os trabalhos do mestre dedicado e zeloso — Pe. Luis Schuler, o grande apóstolo do ensino em Florianópolis. Citou ainda outros factos da vida nobilitante do mesmo educador e convidou aos membros da Conferência para assistirem a missa que seria celebrada na Igreja de Santo Antonio, ás 8 1/2 horas, em memoria do saudoso professor. Por proposta do dr. Carlos Corrêa, em homenagem a memoria do Pe. Schuler, toda a Casa se conservou de pé, por espaço de um minuto.

Ficou estabelecida a ordem do dia seguinte para o dia immediato: Indicações e pareceres. Discussão dos pareceres ns. 4, 20, 22 e 23. Nada mais havendo a tratar lavrei a presente acta. Sala das sessões, 7 de agosto de 1927. Ass. — *Luis Sanches Bezerra da Trindade*, 1º. Secretario.

Acta da 8ª. sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: Dr. Cid Campos

1º SECRETARIO: Professor Luis Sanches B. da Trindade

2º SECRETARIO: Professor Egydio Abbade Ferreira.

Aos oito dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Cam-

pos, secretario do Interior e Justiça, e presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da 8ª. sessão ordinaria.

Feita a chamada verificou-se a presença dos srs. conferencistas: dr. Cid Campos, professores Orestes Guimarães, Antonio Mâncio da Costa, Francisco Barreiros Filho, Luís B. Trindade, Flordoardo Cabral, João dos Santos Areão, João Tolentino de Sousa Junior, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Mario Garcia, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Rmã Bernwarda Michele, dr. Oscar Ramos, dr. Fernando Raja Gabaglia, dr. Edmundo Moreira, professora Maria Amorim, prof. Laercio Caldeira de Andrada, profª. Isaura Veiga de Faria, prof. Arnaldo Gomes Jardim, prof. Alfredo Xavier Vieira, profª Maura de Senna Pereira, professora Josephina Caldeira de Andrada, capitão Marcellino Coelho, cirurgião-dentista Ary Bittencourt Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Francisco Alencar de Azambuja, professor Henrique Brüggemann, professora Maria Leopoldina Avila, professor Joaquim Margarida, professora Emilia Gastão, professora Maria do Carmo Caldeira de Andrada, professora Laura da Luz Montenegro.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, sem debates. O 2º Secretario leu o seguinte expediente: I — Illmo. Sr. Dr. Secretario do Interior — Goyáz 6 — Accusando o recebimento telegramma de vossa excellencia de 31 do mês findo, communicando-lhe haver governador esse Estado inaugurado solennemente Conferência Ensino Primario Estado. Agradeço a gentileza communicação congratulo-me V. Excia. por esse nobre e util emprehendimento, Saudações. Antonio de Oliveira Lisboa — Secretario Interior. II — Dr. Cid Campos — Secretario Interior e Justiça Rio — Palacio Cateté 5. Accusando recebimento de seu amavel telegramma de tres corrente é-me grato manifestar-lhe interesse com que acompanho trabalhos escolas esse Estado subvencionadas pela União, Cordiaes saudações. Washington Luis. III — Congressista dr. Cid Campos — Rio Senado — 6. Sciente por vossa gentil communicação que congresso ensino primario reunido nessa Capital votou por proposta distinctos professores Orestes Guimarães, Mâncio da Costa, Barreiros Filho, Luis Trindade, João Tolentino Junior, moção applau-

so pelo que foi feito pro mesmo ensino no meu quadriennio governamental 1914 a 1918, apresento ao egregio Congresso particularmente aquelles dignos professores os meus maiores agradecimentos pelo destaque assim dado com que poude meu governo contribuir para diffundir incrementar aquelle ensino em nosso futuro Estado num quadriennio que decorreu por entre grandes difficuldades financeiras e politicas, Saudando-vos e ao Congresso faço votos trabalhos deste sejam grandemente proficuos. Ass. — Felipe Schmidt. IV — Rio 4 — professor Barreiros Filho. Queira distincto patriocio aceitar a expressão do meu profundo reconhecimento pela gentileza, iniciativa me honrou Congresso Ensino. Cordiaes saudações. Vidal Ramos. IV—Aviso. A Mesa da Conferência avisa aos srs. conferencistas que a festa escolar que se devia realizar no dia 5 no Grupo Escolar Lauro Müller, transferida devído ao mau tempo, será effectuada amanhã ás 16 horas. Sala das sessões, 8 — 8 — 27. O sr. dr. Presidente deu a palavra ao professor Arnaldo Jardim que havia ficado inscripto na sessão anterior. Este declarou que havia solicitado a palavra na sessão passada para explicar que estava de accordo com a exposição feita pelo dr. Achilles Galloti, a quem considera e admira.

Com a palavra o professor Luís Trindade este declarou que desejava fazer dois esclarecimentos o primeiro era pedir que constasse em acta que o uso do taboleiro de areia para ensino de geographia nos primeiros annos dos Grupos escolares, apresentado por diversos conferencistas em suas theses, não constituem uma innovação, pois que consta no actual programma a referida determinação conforme segue a vista do estabelecido pelo sr. dr. Presidente, a pedido do mesmo professor: «Programma de geographia» § 7 — Noções concretas sobre os accidentes geographicos (para tal fim sobre um taboleiro de 4,00 x 0,80 x 0,90 que contenha areia fina e limpa o professor representará e mandará que os alumnos o façam os principaes accidentes da terra: montanhas, lagos, penninsulas, golphos, isthmos, rios, afluentes, confluencia, foz, etc.) O segundo ponto era declarar em nome do professor Adolpho Silveira, que não comparecia a presente sessão por se achar doente, que, estudando o parecer n. 4, da 2ª. comissão supplementar, verificou não haver motivo para o requerimento que fizera na sessão anterior visto a mesma comissão ter tomado em conta o trabalho que apresentou. Em seguida o dr. Presidente mandou que fosse lida a moção en-

viada pelo dr. Gilberto Paranhos no dia anterior e não tomada em consideração naquella sessão por ter sido encaminhada após lida a ordem do dia: Indicamos que a Conferência Estadual de Ensino, ora reunida por intermedio da Mesa envie telegramma de congratulações, ao exmo. sr. dr. Antonio Carlos, illustre presidente de Minas Geraes, como o primeiro organizador de Congresso desta natureza e que se formulem votos no sentido de que a idéa tão brilhantemente vencedora em Sta. Catharina, se extenda aos demais estados da Federação, em beneficio dos mais altos interesses da educação nacional. Sala das sessões 7 de agosto de 1927. Gilberto Paranhos, Raja Gabaglia. Posta em votação foi approvada sem debates.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira enviou á Mesa uma indicação referente ao Codigo de Menores, cujo trabalho prova a competencia do autor. O professor Marcilio esclareceu haver uma lei sobre o ensino obrigatorio tendo o professor Mâncio Costa declarado que essa lei não resolvia o assumpto e opinado o professor Orestes Guimarães que o applicador da mesma lei, sendo o proprio professor toma ella caracter odioso.

Continuando com a palavra, o dr. Edmundo lê a indicação seguinte: Considerando que o Codigo de Menores que baixou com o decreto n. 5083, de 4 de dezembro de 1926, consolidou as leis de protecção e assistencia a infancia; Considerando que o Codigo alludido, determinou em seu art. 73, que a autoridade publica encarregada da protecção aos menores, visitasse as escolas, officinas e qualquer outro lugar onde se acham menores, procedendo a investigação; Considerando que o § 2º. do citado artigo 73 do Codigo permite que as funcções de vigilancia e inspecção sejam exercidas por funcionarios especiaes sob a direcção da autoridade competente; Considerando que o Codigo no Capitulo VI, sob o titulo do Trabalho dos Menores dispõe: «E' prohibido em todo o territorio da Republica o trabalho aos menores de 12 annos (art. 59). Igualmente não se pode occupar a maiores dessa idade, que contem menos de quatorze annos e que não tenham completado sua instrucção primaria, todavia a autoridade competente poderá autorizar o trabalho destes, quando considere indispensavel para a subsistencia dos mesmos ou de seus paes, ou irmãos, comtanto que recebam a instrucção escolar, que lhes seja possivel (art. 60). Os menores não podem ser admittidos nas usinas manufacturas, estalei-

ros ou qualquer trabalho subterraneo, pedreiras, officinas e suas dependencias, de qualquer natureza que sejam publicas ou privadas, ainda quando esses estabelecimentos tenham caracter profissional ou de beneficencia, antes da idade de 14 annos (art. 61). Essa disposição applica-se ao aprendizado de menores em qualquer desses estabelecimentos (art. 61 § 1º.). Exceptuando-se os estabelecimentos em que são empregados somente os menores da familia sob a autoridade de pae, da mãe ou do tutor (art. 61 § 2º.). Todavia, os menores providos de certificados de estudos primarios, pelo menos do curso elementar, podem ser empregados a partir da idade de 12 annos. (art. 61, § 3.º.).

Nos institutos em que é dada instrucção primaria, não pode passar de tres horas por dia, o ensino manual ou profissional para menores de 14 annos, salvo si possuírem o alludido certificado de curso elementar e contarem mais de 12 annos de idade (art. 65). Isto posto, Considerando que nas zonas industriaes e agricolas de Santa Catharina, menores que ainda não completaram o curso primario elementar são afastados das escolas pelos paes, a fim de exercerem a actividade nas fabricas e na lavoura; Considerando que esse facto tem prejudicado gravemente a frequencia regular nas escolas; Considerando que no Districto Federal foi creado o juizo privativo de menores para processar e julgar as infracções das leis e dos regulamentos de assistencia e protecção aos menores; Considerando que essas attribuições compete aos juizes de Direito, segundo o disposto no nosso Codigo judiciario, que estabelece, em seu artigo 190: «Compete ao Juiz de Direito, como juiz de menores: 1º Processar e julgar abandono de menores nos termos do Decreto 16.272, de 20 de dezembro de 1923. 2º Processar e julgar as infracções penaes por elles commettidas e pedir ao tribunal correccional que as julgar. 3º Inquirir e examinar o estado physico, mental e moral dos menores que comparecerem a juizo e, ao mesmo tempo, a situação, moral e economica dos paes ou tutores e responsaveis por sua guarda. 4º Ordenar medidas concernentes ao tratamento collocação, guarda, vigilancia e educação dos menores abandonados ou delinquentes. 5º Decretar suspensão ou perda de patria poder ou destituição de tutella, e nomear tutores. 6º Fiscalizar em sua comarca os estabelecimentos em que se acham menores, tomando as providencias que lhe pareçam necessarias. 7º Praticar todos os actos de jurisdicção voluntaria tendentes á Assistencia e protecção dos menores

Considerando porem, que o Decreto nº 5.083, que instituiu o Codigo de Menores, modificou, em parte, o texto do Decreto 16.272, citado, consolidando a legislação concernente ao assumpto e ampliando as attribuições da autoridade judiciaria; E, mais: Considerando que o Codigo judiciario do Estado, no Titulo VII — Processo e julgamento de menores — declara que «se o menor for abandonado, pervertido ou estiver em perigo de o ser, o Tribunal Correccional o mandará internar em escola de reforma que for creada, por todo o tempo necessario á sua educação, que poderá ser de 3 annos, no minimo, e de sete no maximo (art. 2.326, § 1º do Cod. Jud.). Se o menor não for abandonado, nem pervertido, nem estiver em perigo de o ser, o Tribunal o fará internar, pelo praso de um a cinco annos. (art. cit. § 2). Se for imputada infracção grave, praticada por menor que contar mais de 16 annos, e menos de 18, provado o caracter perigoso do agente, pela sua perversão moral, o Tribunal Correccional lhe applicará o art. 65 do Codigo Penal, sendo a pena cumprida em prisão commum. ou especial; no primeiro caso, com separação dos condemnados adultos (art. cit. § 3). Considerando, entretanto, que as escolas *Premunitoria*, de *Preservação e de Reforma* segundo os ensinamentos do Direito Penal moderno, devem ter o caracter distinctivo do estabelecimento destinados a punição; A Conferência de Ensino Primario resolve apresentar ao Congresso Representativo do Estado sobre a conveniencia da adopção das seguintes medidas: 1º — Alterar a redacção do art. 190 do Codigo Judiciario, substituindo-se a expressão nos termos do Decreto nº 16.272 pela seguinte: — nos termos do Decreto nº 5.083, de 4 de dezembro de 1926. 2º — Fazer cumprir rigorosamente os preceitos do alludido decreto em relação á frequencia nas escolas de menores até 14 annos. As funcções de vigilancia e inspecção nas escolas, officinas e qualquer outro lugar onde se achem menores serão exercidas por funcionarios especiaes, embora sob a direcção da autoridade judiciaria. 3º — Modificar a lei que autorizou o Governo do Estado a fundar a Penitenciaría (Lei nº 1.547, de 20 de outubro de 1926), incluindo o seguinte dispositivo: «O Governador do Estado mandará construir de preferencia, em terreno distincto da Penitenciaría, as Escolas *Premunitoria*, de *Preservação e de Reforma*, destinadas a readaptação dos menores em estado de abandono, anormaes ou pervertidos. Sala das sessões, 7 de agosto de 1927. Ass. Edmundo Accacio Moreira, Mâncio da Costa, Gilberto Para-

nhos, Luís Trindade, Raja Gabaglia, Maura de Senna Pereira, Orestes Guimarães, Barreiros Filho.

Entrando em discussão falou o professor Orestes Guimarães que se declarou satisfeito com a indicação do dr. Edmundo Moreira pois a diminuição da matricula nos 3^{os} e 4^{os} annos dos estabelecimentos publicos é reduzida pelo motivo do aproveitamento do trabalho de menores. Extendendo-se ainda em considerações sobre o ensino primario integral, fazendo referencia a reforma paulista, que reduzia o ensino primario a dois annos, reducção que condemnou.

Posta em votação foi approvada.

Com a palavra o dr. Carlos Corrêa apresentou um parecer substitutivo do parecer n.º *vinte* (que tomou o mesmo numero) visto ter assignado o primeiro com restricção. A these n.º 39 do sr. professor Oswaldo Cabral é um brado a pratica de medidas e conselhos de hygiene aos alumnos das nossas escolas. Salientado a carencia dessa disciplina tão necessaria a vida e de tão inestimaveis prestimos á hygiene dos alumnos dos nossos estabelecimentos de ensino o seu autor propõe dessa disciplina na Escola Normal do Estado, professada ahi por professor cathedratico, estendendo seu estudo e a sua pratica sob modos mais modestos, aos Grupos escolares e escolas complementares, isoladas ruraes e particulares quando estas gozarem dos favores do Estado. No seu programma expositorio elle menciona o estudo da hygiene individual do vestuario domiciliar, vem como preleções sobre as endemias epidemias e molestias e outras, repugnantes umas, transmissiveis todas com conselhos que devam ir desde a sua forma pathogenia transmissibilidade, acção e agentes até os seus hospedeiros e sua prophylaxia. Trabalho apreciavel que denota segura orientação no assumpto e severa convicção com que o desenvolve. Entretanto, pondo de lado a real vantagem da creação da cadeira de hygiene no Curso Normal por cathedratico senhor do assumpto, difficil seria extende-lo nos mesmos moldes nos grupos escolares, escolas complementares, isoladas, ruraes, etc., por professores, que não medicos e que poderiam tratar, com segurança, do assumpto, sob tão vasto programma, onde, themas ha, que, mesmo em medicina, tem a sua pathogenia, prophylaxia e até a sua pathologia ainda em controversia, como o sarampo, a lepra, e outros. Ademais, nem de todo seria possivel o estudo de certos hospedeiros, vehiculadores de males mais communs, como as proprias verminoses, porque

nem todos esses factores de propagação são ainda conhecidos. E considerando ainda, que a hygiene já constitue uma especialidade que demanda conhecimentos regulares de histologia, pathologia, microbiologia e historia natural, que absurdo seria o se exigir de professores taes conhecimentos, que nem siquer aprenderam no seu curso, mas que elevado foi o proposito do autor da referida These, a commissão dando-a por bem recebida e louvando os seus patrioticos intuitos, propõe, como synthese dos mesmos que se indique a esta Conferência a necessidade de um livro que possa dar ao professor quem quer que elle seja, noções de hygiene em geral a que se poderia dar o nome de *Breviario de hygiene escolar*.

A these n. 40 do sr. cirurgião dentista Ary Machado é o grito de alarma do profissional que vê descurada pelo mundo escolar do Estado, a hygiene da bocca. Escripta com a elegancia peculiar á cultura do seu autor ella suggere a creação do dentista escolar, medida salutar, util e pratica, mas que, ao juizo da commissão não parece e não é de facto, mais do que o complemento de uma medida geral, mais util, mais salutar que é a inspecção medico escolar nos moldes e como o concebeu Dufestel e Mosny ou ainda como se pratica no Rio. Pela inspecção medico escolar, cada alumno terá a sua fixa sanitaria onde, assignado será o estado de conservação do seu apparelho dentario, e munido do seu cartão sanitario frequentará elle a assistencia dentaria, tal como se faz ainda na França, na Alemanha, na Suissa, na Italia e na Belgica. Pelo que, a commissão louvando a iniciativa, a idéa e os intuitos do autor da these n. 40, suggere a necessidade de uma assistencia dentaria ou escolar como um complemento da inspecção medica escolar. A these n. 44 é um esplendido trabalho do projecto profissional dr. Alfredo de Araujo e na qual o seu autor, clinico dos mais competentes revela altos e grandes conhecimentos de hygiene escolar. Fazendo o estudo das lesões molestias e perturbações, oriundas de um máo regimen escolar e do mau apparelhamento do seu mobiliario, com carteiras defeitucosas, sem uma natural e racional distancia; da situação higienica do predio, as mais das vezes, sem aeração, iluminação e aquecimento sufficientes, passa o seu autor a serie de males dahi resultantes que retardam se não de vez, mas temporariamente o escolar, e que vão desde a escoliose, lordose e syphose, ás myopias auditiva e visual, ao presbitismo e aos

desvios thoraxicos que occasionam transformações das respirações. Cita os jogos escolares, ás mais das vezes occasionantes de males e traumatismos e entrando na necessidade de um regimen de hygiene para o escolar resalta a vantagem que ha de se lhe dar noções de hygiene, que só pelo methodo e não pelo professor, podem ser dictados. Pelo que, a comissão apreciando o trabalho magistral do competente conferencista e medico, accêita as suas conclusões e approvando-as indico a Mesa a necessidade da criação de um serviço de inspecção medico escolar como um dos factores do progresso e da grandeza da Patria. Sala das sessões, 8 de agosto de 1927. Ass. — Dr. Carlos Correa, João dos Santos Areão, dr. Alfredo Porphirio de Araujo. (com restricções quanto ás referencias lisongeiras feitas á sua pessoa).

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada enviou á Mesa o parecer que tomou o n. 24 a 2ª. comissão suplementar considerando a these n. 7 do professor Heitor Thomaz da Silveira que desenvolveu a suggestão official n. 14. — Como deve o Estado encarar o ensino profissional — nota que o seu autor trouxe á Conferência o concurso da sua intelligencia e o seu autor ao ensino, estudando o assumpto com carinho. Acha o professor Heitor Silveira que o Estado deve encarar o ensino profissional como um grande factor do nosso progresso um dos melhores meios de completar a educação nacional. E cita as palavras do conhecido especialista em escolas profissionaes professor João Luederitz, traçando o programma apresentado ao sr. ministro da agricultura no Governo Epitacio Pessoa, programma que divide o Estado em: a) Cursos de adopção; b) Cursos profissionaes; c) Cursos de aperfeiçoamento. A these é interessante e tem um character informativo bastante precioso. A comissão, pois, a recommenda á consideração e estudo desta conferência. Sala das sessões, 8 de agosto de 1927. — Laercio Caldeira de Andrada, relator. Albano Monteiro Espinola, secretario. Beatriz de Sousa Brito, presidente.

Com a palavra o professor Marcilio Dias de Santiago enviou á Mesa o seguinte parecer que tomou o numero *vinte e cinco*: as theses ns. 4 e 5, a 1ª. de autoria do professor Germano Wagenführ e a 2ª. do inspector Luis Trindade. versam sobre o seguinte: — Ha vantagem em descongestionar o ensino normal e o complementar, no Estado, do acervo de disciplinas que os compõem? O trabalho offerecido

pelo professor Wagenführ traduz o criterio pedagogico consentaneo com as theorias vencedoras; é porem apenas doutrinario, um tanto impreciso; ao passo que a do inspector Trindade, vasado em moldes empyricos é trabalho de utilidade pratica immediata e corresponde, na realidade, a uma das mais prementes necessidades do aparelho escolar catharinense. Do paiente estudo comparativo das disciplinas ensinadas nos cursos elementar e complementar, feito pelo autor evidencia-se um defeito capital dos programmas, é que não correspondem á finalidade do ensino ministrado nos grupos escolares e escolas complementares, pois como determina o decreto n. 604, de 11 de julho de 1911 reproduzido pelo autor, as escolas complementares tem por fim completar o ensino dos grupos escolares e facilitar o acesso á Escola Normal. O autor demonstra que não existe uma referencia logica entre os dois programmas, resultando dahi o absurdo de, na maioria das materias, ser o estudo nos grupos escolares mais elevado que nas escolas complementares. E o professor Trindade soluciona perfeitamente o problema da ligação que deve existir entre os dois cursos, offerecendo annexo ao trabalho apresentado, um programma para grupos escolares e escolas complementares de modo satisfactorio. Esse programma refere-se a educação moral e civica, geographia, physica e chimica. O autor demonstra que a maior disparidade se verifica entre os programmas de geometria dos dois cursos, pois os dos grupos escolares são muito mais desenvolvidos que os das escolas complementares. Opina, ainda o autor pela introdução nos programmas do curso complementar, de mais uma materia. Educação moral e civica o que applaudimos vivamente considerando que estas disciplinas só podem concorrer para maior preparo da docencia. O autor começa seu trabalho declarando que «actualmente nas escolas complementares ha apenas 2 lentes, cujas nomeações obtiveram depois de se submeterem ao concurso exigido pelo regulamento». Estendendo-se em outras considerações tendentes a demonstrar que a docencia nas escolas complementares não está satisfazendo ás exigencias do curso. São muito procedentes essas observações. É obvio que somente com a observancia dos regulamentos, haverá docencia idonea. As conclusões a que chegou o autor, e que se encontram no trabalho proposto, tem a vantagem de synthetizar perfeitamente toda a materia e devem, portanto ser adoptados. Sala das sessões, 6 de agosto de

1927. Ass — Marcilio Dias de Santiago, Barreiros Filho. P. F. X. Zartmann. Raja Gabaglia enviou á mesa o seguinte parecer que tomou o n.º *viute e seis*: á primeira commissão foram presentes as theses ns. 2 e 3, de autoria respectivamente, dos srs. professores Mâncio da Costa e Revmo. P. F. X. Zartmann, ambas referentes ao 10º quesito organizado para a Conferência, a saber: « E' compativel o ensino normal primario com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes? » As duas theses são de real valor e merecem os mais francos applausos a do sr. Padre Zartmann provector director do Gymnasio Catharinense, consta de uma serie de notaveis considerações, chegando á conclusão judiciosa de que uma adopção do ensino complementa e normal ao gymnasio significa para aquella alteração fundamental e essencial, com prejuizo do proprio systema, pois a normalista estuda para ensinar e este fim do ensino normal ficaria suffocado debaixo do acervo das disciplinas e pontos que, para a missão da professora são de pouco ou nenhum valor « A' mesma conclusão, aliás a dos signatarios do presente parecer, chega, mutatis, mutandis, em sua exhaustiva memoria, o professor Mâncio Costa, digno Director da Instrucção Publica. O professor Mâncio Costa examina o ensino publico catharinense e evidencia que o mesmo se recente de tres lacunas que lhe não asseguram a continuidade nem a uniformidade que fora para desejar ao seu plano educacional. São « a escola maternal, o jardim da infancia e o curso secundario de humanidades », a raiz, o caule e a fronde da arvore da Instrucção, sob cuja forma salutar se vae formando a brasilidade. « Ao assumpto que diz propriamente á these da Commissão organizadora da Conferência, refere-se o sr. Mâncio Costa quando estuda a possibilidade da adopção do ensino normal aos nossos cursos Gymnasiaes, concluindo que alem de uma previa pedagogia, tal adaptação seria uma inutilidade, ja provada pelo cotejo de um curso normal ao do Collegio Pedro II, o typo do ensino secundario da Republica. Realmente, onde num curso, equiparado ao do Collegio Pedro II terá cabimento uma cadeira de Pedagogia imprescindivel em qualquer estabelecimento destinado a formar professores? a 1ª. commissão applaude, pois vivamente as conclusões da memoria, propondo a criação de escolas maternas; a da reforma do programma da Escola Normal, nos termos do parecer já apresentado e que foi approvado pela Conferência, e não vê inconveniente na criação

de um Gymnasio estadual para o sexo feminino, desde que para tal fundação disponha o Estado de meios necessarios. Sala das sessões, 8 de agosto de 1927. Ass. — Raja Gabaglia, Marcilio Dias Santiago, P. F. Zartmann, Barreiros Filho.

Entrou em discussão o parecer n.º *quatro*. Ensino de historia patria e educação. Com a palavra o professor Luís Trindade este declarou que desejava refutar o § IV do referido parecer que mandava, dizia: Que convem ao professor do 4º anno fazer um resumo de cada ponto no quadro negro, depois da competente aula expositiva, escrevendo as datas, nomes dos personagens e dos lugares em que se deram os factos e mandar que os alumnos tomem nota em seus cadernos para organizarem, os pontos em suas casas. Leu a parte do programma em vigor nos grupos escolares relativa ao uso do compendio e se referiu ao art. 60 do Regimento Interno que prohibe o uso de apontamentos declarou que apezar da prohibição categorica do Regimento ha professores que abusam do uso de apontamentos dictando até pontos aos alumnos os quaes sem estarem preparados para tal, fazem copia dos mesmos pontos sem o devido cuidado, tendo lido em cadernos de alumnos os maiores disparates. Citou alguns desses factos corroborados a affirmação que fazia. Por fim enviou á Mesa o seguinte requerimento: Requeiro á Mesa que submeta a apreciação da casa a seguinte emenda ao Parecer em discussão: Supprima-se a quarta conclusão que recommenda o uso de apontamentos. Sala das sessões, 7 de agosto de 1927. (ass.) Luís S. B. da Trindade. Continuando em discussão usou da palavra o professor Orestes Guimarães que declarou estar de pleno accordo com a exposição feita pelo professor Luís Trindade, e extendendo-se em ponderações judiciosas concluiu que era preferivel o uso de compendio ao uso irregular e anti-pedagogico dos apontamentos.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira — relator da Commissão justificou ardorosamente o seu parecer.

Com a palavra o professor Trindade deu novos esclarecimentos sobre o caso.

Com a palavra a professora Beatriz de Souza Britto, presidente da Commissão justificou como presidente da Commissão — expoz seu modo de ver sobre o caso, mostrando que os programmas em vigor eram extensos e que

os professores si lançavam mão de apontamentos era para dar pleno desenvolvimento ao programma.

Com a palavra o professor Luís Trindade declarou que si a Comissão apontava em seu parecer a necessidade de reduzir os programmas das materias questionadas não comprehendia a justificação do uso de apontamentos pelos quaes se bate tão arduosamente a Comissão.

Com a palavra o professor Adriano Mosimann este expoz seu modo de pensar referente ao ensino da materia, estando de accordo com a opinião do professor Trindade.

Com a palavra a professora Catharina Demoro declarou que á vista de se tratar da redução dos programmas, não achava razão para o uso dos apontamentos. Trocaram-se ainda apartes entre os professores Luís Trindade, Barreiros Filho, Lercio Caldeira e Mâncio Costa.

Com a palavra o dr. Raja Gabaglia propôs, em requerimento verbal, que se retirasse apenas a parte final da conclusão citada (para que os alumnos organizem seus pontos).

Com a palavra o professor Orestes Guimarães a votação com as emendas na ordem em que foram apresentadas.

Com a palavra o professor Gustavo Gonzaga pediu votação nominal. Feita a chamada votaram favoravel a emenda do professor Luís Trindade 23 dos senhores conferencistas, a saber: 1 Mâncio Costa, 2 Orestes Guimarães, 3 Luis Trindade, 4 João Areão, 5 João Tolentino Junior, 6 Guilherme Wiethorn, 7 Antonio Epiphany dos Santos, 8 Catharina Demoro, 9 Adriano Mosimann, 10 Hercilio Zimmermann, 11 Cesar Augusto de Carvalho, 12 Antonio Gasparello, 13 Germano Wagenführ, 14 Marcilio Dias Santiago, 15 Gustavo Gonzaga, 16 Egydio Abbade Ferreira, 18 Oscar Ramos, 19 dr. Edmundo Moreira, 20 prof. Maria Amorim, 21 Arnaldo Gomes Jardim, 22 cirurgião dentista Ary Machado, 23 Fco. Alencar de Azambuja, tendo contra a emenda 18 conferencistas.

Com a palavra o dr. Carlos Correa falando sobre os anormaes, disse que devendo entrar em discussão um parecer sobre a These do professor Alberto Ferraz pedia addiamento da discussão, a fim de poder estudar a referida These. O professor Orestes com a palavra esclareceu alguns topicos da exposição do dr. Carlos Corrêa. Posto em discussão o requerimento foi approved. Entrou em discus-

são o requerimento foi approved. Entrou em discussão o parecer n.º. *vinte e tres*.

Com a palavra o professor Gustavo Gonzaga pediu o addiamento da discussão para que se fizesse estudos acerca da these referida. Posto em discussão foi approved.

Com a palavra o professor Barreiros Filho pediu que á vista do accumul de materia ainda a ser tratada, pedia que se marcasse uma reunião extraordinaria para o dia seguintes 14 horas. Posto em discussão foi approved o pedido.

Com a palavra o 1.º secretario Luis Trindade que, apesar da boa vontade dos secretarios em ter o expediente em dia, não havia possibilidade de dar por terminados os seus trabalhos para a sessão de 14 horas. O sr. dr. Presidente reconhecendo razoaveis as observações do 1.º secretario determinou que a acta seria lida na sessão da noite. Nada mais havendo a tratar o sr. Presidente determinou a ordem do dia para a sessão seguinte: indicações, apresentação de pareceres já apresentados. E eu, Luis S. B. da Trindade, 1.º secretario da Conferência Estadual de Ensino Primario lavrei a presente acta. Sala das sessões, 8 de agosto de 1927. ass. — *Luis Sauches Bezerra da Trindaç. 1.º secretario*.

Acta da 9.ª sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: — Dr. Cid Campos.

1.º SECRETARIO: — Luis Trindade.

2.º SECRETARIO: — Egydio Abbade Ferreira.

Aos nove dias do mês de agosto de 1927, ás 14 horas, no salão nobre da Escola normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça, Presidente da mesma Conferência, deu por iniciados os trabalhos da 9.ª sessão ordinaria. Feita a cha-

mada verificou-se a presença dos senhores conferencistas: dr. Cid Campos, Mâncio Costa, Francisco Barreiros Filho, Luis Trindade, Flordardo Cabral, João Tolentino de Sousa Junior, João dos Santos Areão, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio Epiphany dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda, dr. Oscar Ramos, dr. Achilles Galloti, dr. Albino Sá Filho, dr. Alfredo Porphirio de Araujo, dr. Carlos Corrêa, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professora Izaura Veiga Faria, prof. Arnaldo Gomes Jardim, professora Maura de Senna Pereira, cel. Hyppolito Boiteux, professores Henrique Brüggemann, Belarmino Corrêa Gomes, Maria do Carmo Caldeira de Andrada, Laura da Luz Montenegro.

Deixou de ser lida a acta da sessão anterior pela razão que expôz o 1º secretario na sessão anterior. O 2º secretario leu o seguinte expediente: I—Mâncio Costa—Rio 6—impossibilitado comparecer Congresso Ensino acompanhado entusiasmo seu brilhante exito enviando illustrado querido amigo effusivos parabens abraços. Wanderley Junior. II—Dr. Cid Campos—Itajahy 8—Lamentando sinceramente impossibilidade assistir Congresso, Inspectoria Federal Gymnasio Catharinense agradece honroso convite e manifesta calorosos applausos inauguração trabalhos tão brilhante reunião digo orientado alto civismo V. Excia. valendo isso decisão finalidade notavel assembléa. Cordiaes saudações. Cyro Mascarenhas. III—Prof. Laercio Caldeira—Rio 4. Aceite distincto patricio e amigo meus sinceros agradecimentos pela bondosa referencia feita meu periodo de Governo no Congresso ensino. Saudações. Vidal Ramos.

Com a palavra o professor Adriano Mosimann apresentou á Mesa o seguinte requerimento: Dr. Presidente. Tendo-se retirado, hontem, um membro da commissão de estudo de assumptos referidos a nacionalização, Walter Wagenführ, requero seja nomeado em seu lugar o professor Mario Garcia que tambem conhece as zonas a serem nacionalizadas, Salas das sessões, 9 de agosto de 1927. Adriano Mosimann. Posto em discussão foi approvedo.

O sr. dr. Presidente declarou que o professor Mario Garcia passaria a fazer parte da referida commissão.

Com a palavra o professor Mario Garcia leu o seguinte parecer que tomou o numero *viute e sete*: Estudando attentamente a these numero 30 «A adopção de processos pedagogicos condizentes com o nosso meio, constitue um dos problemas mais actuaes. O papel do professor primario de Santa Catharina na soluçãõ desse problema — Apresentada pelo professor Adriano Mosimann actual Director do Grupo Escolar Luis Delfino de Blumenau, chegou a commissão a seguinte conclusãõ: Com a experiencia e observação adquirida em 9 annos de magisterio exercido nos meios os mais diversos, onde o referido professor entrou em contacto com creanças e adultos pertencentes a todas as classes sociais, de descendencia lusa, teuta e italiana; descreve elle o ambiente social e racial em que se acha localisado os nossos estabelecimentos de ensino distingue o autor desta These dois grupos distinctos de alumnos nas nossas escolas; os lusos e descendentes de outras raças. Demonstra de modo cabal a necessidade de adoptar processos pedagogicos que condigam com os nossos meios — nacional e estrangeira — mas condemna a dualidade de programmas porque esta complicaria muito a distribuiçãõ e direcção do ensino e dificultaria justamente o que aspiramos: a assimilação do elemento estrangeiro e a fusão pelo menos espirital de todas as raças componentes da populaçãõ do Estado para formar um todo coheso e solidario. Diz que dos paizes mais cultos França, Inglaterra, Alemanha, Suissa, Estados Unidos, Japão, só devemos importar «o arcaboço os preceitos basicos geraes da moderna arte de educar — dando-lhe aqui a forma mais conveniente para o fim que temos em vista: Nacionalizar e educar a actual geraçãõ infantil». Depois de discorrer com acerto sobre os meios por que pode ser creada uma pedagogia nossa, cuja necessidade elle evidencia, chega a seguinte conclusãõ, que transcrevemos na integra: «Nos paizes atraz mencionados as populações formam unidade ethnica, quando a nossa é composta de elementos heterogeneos; b) Lá, o fim unico da escola é educar e instruir a criança, já nacionalizada, quando aqui sua finalidade consiste em chamar para o seio da patria os descendentes de estrangeiros e incorporar na collectividade productora o caboclo semi-selvagem; c) lá os habitantes com poucas excepções sabem aquilatar o alto valor social da escola, quando aqui

se dá geralmente o contrario; d) Nesses paizes a frequencia escolar é obrigatoria, quando aqui por falta de meios de coersão a matricula das escolas augmenta, na proporção da proficiencia do ensino ministrado, isto no caso de não haver, desde o começo, prevenção contra o professor ou escola publica. Applicados em condições e meios tão differentes, é evidente que os processos de ensino usados em outros paizes, não devem ser adoptados nas escolas deste Estado, sem serem convenientemente reformados. Resta, agora, saber de que forma havemos de organizar uma pedagogia que corresponda as nossas necessidades. A pedagogia bem como, os programas de ensino, devem resultar da collaboração, criteriosa, de todos os professores, sob a direcção e fiscalização do sr. Director da Instrucção e os srs. Inspectores escolares. Todas as prodigiosas conquistas feitas pela humanidade, quer no campo das sciencias, quer nas artes, não são mais do que os resultados de pesquisas individuaes, muitas vezes insignificantes, accumulados atravez do tempo e, devidamente seleccionadas. Sendo a arte de educar e ensinar uma das mais difficeis, julgo que, para chegar-se a um resultado satisfactorio, deve seguir-se o processo acima descripto: reunir as pesquisas individuaes de cada professor, expurga-las de erros eventuaes que podem occorrer ao mais arguto dos estudiosos, e aproveitar o que de bom e applicavel contiverem. Para esse fim, o meio ideal seria a convocação annual, do professorado primario, para uma conferência nos moldes da actual, o que, porem não me parece praticavel, em vista da crise financeira que o Estado atravessa. Ha, comtudo, um outro recurso, menos dispendioso para resolver satisfactoriamente este problema. Consiste na adopção das seguintes medidas, que, peço licença para submeter á elevada e competente apreciação do exmo. sr. dr. presidente e dos demais illustres membros desta Conferência. Proposta: Art. 1º. — Os directores de grupo e escola complementar, bem como os professores desse estabelecimento, que tenham mais de um anno de exercicio, apresentarão, bienalmente em dezembro um trabalho sobre qualquer dos assumptos especificados no artigo seguinte: parag. 1º. — O cumprimento do disposto neste artigo é facultativo aos professores das escolas isoladas. parag. 2º. — Os trabalhos dos professores de Grupo serão remettidos, até o dia 31 de dezembro, pelos respectivos directores, ao sr. dr. Director da Instrucção, devendo os professores das escolas isoladas, remette-los por in-

termedio dos chefes escolares. Art. 2º. — Os assumptos a que se refere o artigo anterior são os seguintes:

a) De que meios dispõe o professor para augmentar a matricula da sua escola?

b) E' conveniente o actual systema de promoções? Podem estas ser feitas sommando-se a media das notas dos trabalhos graphicos, feitos pelos alumnos durante o anno, com a media obtida nos exames finais, dividindo a somma por 2 para se obter a media geral?

c) O programma prescripto é praticamente exequivel? Quando não, propõe? Quaes as alterações que propõe?

d) Qual o melhor methodo de ensino da linguagem oral? Quando e como deve o professor corrigir a linguagem do alumno?

e) Como deve ser ministrado o ensino da linguagem escripta, dictado, composição e redacção?

f) Como se ministra uma aula de calligraphia? Qual o typo de letra que recommenda o vertical ou o inclinado?

g) Qual o processo mais economico e proficiente de coadunar o ensino da leitura com o da linguagem oral e escripta?

h) Em que anno do curso deve começar o ensino da Geographia e historia? Como deve ser dada em cada classe?

i) A educação moral e civica deve ser examinada em aula especialmente consignada no horario e de accordo com um programma estrictamente prescripto? Pode ser ministrado em uma ou duas aulas semanaes, explicando o professor um assumpto que as circunstancias de momento lhe dittem?

j) Como e em que ordem devem ser ensinadas as diversas partes de arithmetica)?

k) Em que anno deve começar o ensino da Geometria? Qual deve ser o programma de cada classe do grupo e da escola complementar?

l) De que modo devem ser ministradas as noções de sciencias naturaes no grupo? Qual deve ser o programma de sciencias no curso complementar?

m) Qual o fim da gymnastica na escola? Como deve ser ministrada?

n) Como se consegue uma disciplina effectiva na escola?

o) Como deve o professor proceder para radicar-se na confiança de seus alumnos? De que meios dispõe para esse fim?

p) Como se habituar o alumno á obediencia consciante e expontanea ?

q) Como se lhe prende a attenção durante todo o periodo das aulas ?

r) Como desenvolve o professor no alumno espirito de iniciativa ? Como deve esse encaminhar o exercicio, gradativamente para o governo de si proprio ?

Art. 3º. — Os trabalhos apresentados serão durante as ferias e examinados por uma commissão de julgamento, composta dos inspectores escolares e presidida pelo director da Instrucção.

Paragrapho Unico. Por delegação qualquer dos Inspectores poderá assumir presidencia da commissão de julgamento.

Art. 4º. — Compete a Commissão de Julgamento estudar as questões apresentadas extrahindo dellas o que de util e pratico contiverem.

Art. 5º. As medldas propostas que houverem, pela commissão julgamento considerados ao ensino serão pelo director da Instrucção apresentados á autoridade competente para serem, legalmente postos em pratica.

Art. 6º. Nos trabalhos que apresentarem será vedado aos professores e directores: a) Criticar actos ou a pessoa de qualquer superior hierarchico. b) Tratar de questões pessoais; c) Dar a seus trabalhos feições que não se coadunem com o fim que temos em vista. d) Usar a linguagem descortez.

Art. 7º. — Á infracção do art. anterior será pelo Director da Instrucção punida com as penas constantes do Regulamento geral da Instrucção Publica. Vantagens que advirão da adopção das medidas propostas — São evidentes as vantagens que offerece a adopção das medidas que tenho a honra de propor: a) todos os directores e professores de grupo e de escola complementar serão obrigados a dedicar-se ao estudo das multiplas questões relativas ao ensino, com grandes vantagens para si e para a grande causa por que pelegamos. b) será estimulada a iniciativa de muitos professores de escolas isoladas. c) a directoria da Instrucção ficará sempre a par da necessidade de cada grupo escolar cujo professor apresente trabalho pedagogico podendo, ipso facto, com mais acerto, adoptar as medidas reclamadas. d) Pelos trabalhos apresentados a directoria da Instrucção poderá aquilatar á competencia e a dedicacção dos

professores primarios, promovendo em caso de necessidade os que se tiverem salientado mais. e) em poucos annos teremos programmas e processos pedagogicos condizentes com o nosso meio e um professorado apto para corresponder a sua difficil missão social que consiste na formação dos homens de amanhã. Conclusão final para resumir o assumpto constante da precedente suggestão: Considerando que os processos pedagogicos adoptados em países mais cultos do que o nome, não podem afim ser postos em pratica, sem ser convenientemente adaptados ao nosso meio; Considerando que a diversidade dos elementos ethnicos que formam a população do Estado, impõem o estudo minucioso dos tambem diferentes meios sociais; Considerando que deve caber aos professores primarios estudar o meio social e racional em que se acha localizado cada estabelecimento do ensino; Considerando que o conhecimento do meio constitue condição sine quanon para a organização e systematização dos processos pedagogicos a serem adoptados nesse mesmo meio; Considerando que a collaboração de todo o professorado primario, na solução dos multiplos e complicados problemas do ensino, trarão vantagens reais e incontestaveis para a Instrucção em geral, proponho, sejam postos em discussão nesta Conferência as medidas que tive a honra de suggerir, na pag. 12 e seguintes deste modesto trabalho até aqui as palavras do illustrado professor sobre cujo trabalho e commissão dá o seguinte parecer; Considerando que o autor traduziu exactamente o modo de pensar desta commissão; Considerando que as reuniões pedagogicas prescriptas pelo Regimento Interno dos grupos escolares produzem bons resultados quando feitos com criterio e habilidade; Considerando ser de conveniencia facilitar ao professor a acquisição de livros referentes a assumptos pedagogicos; Suggere o seguinte: I — Ponham-se em pratica todas as medidas suggeridas pelo autor deste trabalho; II — Façam-se sem prejuizo dos dispositivos regimentar, em vigor; trimestralmente nos grupos escolares de 1ª. e 2ª. classe, conferencias pedagogicas de caracter pratico presididos pelos respectivos directores, nas quaes tomarão parte: a) O corpo docente dos grupos e das escolas complementares e as praticantes, si as houver; b) os professores das escolas isoladas visinhas; c) eventualmente, a convite do director do grupo, directores e professores de estabelecimentos particulares ou pessoas de reconhecido saber em materia de en-

sino; III — organize-se annexo a Directoria da Instrucção uma sessão de orientação dos professores a que caberá recommendar a estes as melhores obras pedagogicas, facilitando-lhes a aquisição dos mesmos. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. Irmã Bernwarda Michele, relatora, Mario Garcia, presidente, Hercilio Zimmermann, secretario.

Com a palavra o professor Francisco Barreiros Filho enviou à Mesa o seguinte parecer que tomou o numero *vinte e oito*: No estudo da these n. 36 sustentada pela professora Isaura Veiga de Faria, these essa que versa sobre — O valor do mestre escola na formação educacional dos povos — a comissão verificou o seguinte: 1) A explanação da these está feita em 6 capitulos, epigraphados na hora em que segue: Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos? Razão de ser do mestre — escola; Educar ensinar; — O valor do mestre escola em face da formação educacional dos povos; Aperfeiçoamento moral e intellectual; a Educação moral. II — No primeiro capitulo supra citado a epigrapha e açambarcadora da these no entanto, a explanadora apenas lhe dedicou dez linhas.... Mas numa phrase realmente compendiosa com intelligencia os predicados essenciaes do professor enunciados neste gosto; O valor do mestre escola está na razão directa de seu aperfeiçoamento moral e intellectual. III — No segundo capitulo (Razão de ser do mestre escola a conspicua expositora faz duas interrogações quando devera antes dar conta desta razão de ser do professor primario. E accrescenta que é papel muito secundario a desanalphabetização, se attribuida como função unica do mestre escola. IV — No capitulo — educar e ensinar, define a apresentadora da these essas palavras, concluindo que educar tem sentido mais amplo que ensinar, sendo o ensino o meio necessario para o fim que é educar. V — No capitulo IV condemna autora os professores que adoptam o memorismo, isto é, o processo de decorar os alumnos os pontos de programma. Nemine discrepante... a não ser na pouquissima relação entre o cabeçalho... e a explanação do capitulo: O valor do mestre escola em face da formação educacional dos povos. VI — bem tratado o 5.º capitulo ainda que se deva deixar de parte o titulo, para apreciar somente o texto. Acha a autora da these que o professor da Escola Normal deve ser sobretudo pedagogo, e que um anno do curso Normal se reserve à condução dos magistrandos no exercicio do ensino. VII — No capitulo

final, uma profissão de fé catholica encerra o trabalho. Propõe a expositora que a infancia se eduque na moral do catholicismo. A comissão substituirá, com a devida permissão da autora a palavra cathecismo pela de Decalogo, compendio e summula da moral humana. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Barreiros Filho, P. F. X. Zartmann, não se pronunciando sobre o setimo ponto, respectivamente com restricções. Marcilio Dias de Santiago, Raja Gabaglia.

Com a palavra a professora Maria Amorim, enviou à Mesa o parecer que tomou o numero *vinte e nove*. Questão: Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial da arithmetica pratica? Será possivel a usança desses mappas nas escolas isoladas ruraes? Os trabalhos estudados pela comissão foram as theses numeros 21 e 49, da autoria dos professores Albano Monteiro Espinola e Beatriz de Sousa Brito. O assumpto dessas theses relaciona-se com uma das mais importantes disciplinas escolares — A arithmetica — materia cujos conhecimentos terá o alumno que empregar amplamente na vida; portanto, tudo quanto a ella se refere deve ser pratico, util e verdadeiro. Dahi a grande vantagem que não podemos deixar de reconhecer no uso dos mappas de Parker que, como diz o professor Espinola, ensina racionalmente e, fazendo a criança contar objectos e animais, fa-la adquirir em pouco tempo conhecimento de uma boa quantidade de numeros, pois augmenta gradativamente o numero, desses objectos e animaes e, como complemento do ensino oral de outra materia faz apparecer o ensino escripto, que é iniciado juntamente com o oral. Tem sobre o contador mecharico a vantagem de não offerecer o risco que offerece esse apparelho de os meninos memorejarem com facilidade. Razões porque cousideramos, o mappá de Parker auxilio poderoso na concretização dos calculos arithmeticos no conhecimento racional da quantidade. Não cremos, porem, possivel a usança desses mappas nas escolas, ruraes: a) propõe, como diz a professora d. Beatriz de Sousa Brito, apresenta serias desvantagens para os professores que desconhecem esses systema elementar de calculos; b) — porque o fornecimento desses mappas a todas as escolas traria aos cofres do estado um onus consideravel. Sala das sessões, 8 de agosto de 1927. Catharina Demoro, Maria Amorim, Adriano Mosimann.

Entrou em seguida em discussão o parecer n.º 20. Com a palavra o professor Luis Trindade este declarou que havendo no parecer affirmação que os professores nor-

malistas não estudam hygiene e historia natrual declarou que na Escola Normal ha o ensino destas materias.

Com a palavra o dr. Carlos Corrêa este declarou que, no seu parecer, havia dado esta informação á vista da these estudada e de autoria do professor Oswaldo Cabral. Trocaram-se apartes entre o professor Trindade, dr. Achilles Gallotti e dr. Carlos Corrêa.

O professor Mâncio da Costa, em aparte, declarou que o autor da these havia faltado a verdade, pois era elle o professor da materia na epoca em que Oswaldo Cabral era alumno da Escola Normal, e que, na visita feita a Escola pelo dr. Belisario Penna, elle Mâncio Costa, havia cedido a cathedra aquelle dr. para que ministrasse uma aula sobre amarellão.

Com a palavra, o dr. Achilles Gallotti, enviou a Mesa o seguinte requerimento, a fim de completar o final da parte discutida do parecer, substituindo o que nelle consta pelo seguinte: propõe, como synthese dos mesmos que se indique a esta Conferência a necessidade da separação da cadeira de hygiene da de Historia Natural, bem como a necessidade, etc. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass. Achilles Gallotti.

Com a palavra, o professor Mâncio Costa enviou á Mesa o seguinte requerimento: Requeiro á Mesa que submeta a consideração da Casa, a seguinte suppressão ao parecer n. 20 «que absurdo seria o se exigir de professores taes conhecimentos, que nem siquer aprenderam no seu curso»; e... «do mau aparelhamento do seu mobiliario, com carteiras defeituosas, sem uma natural e racional distancia». Sala das sessões, 9 de agosto de 1927.—Ass. Mâncio Costa. Posto o parecer em discussão com as emendas foram approvados.

Com a palavra, o dr. Carlos Corrêa este declarou que estava de accordo com a emenda apresentada pelo dr. Achilles Gallotti. Pediu tambem constasse em acta que si a commissão havia feito a affirmação que deu motivo ao requerimento do professor Mâncio Costa, foi por se ter baseado no trabalho apresentado pelo professor Oswaldo Cabral, não querendo, portanto, offender ao Director do estabelecimento referido, e que fazia esta declaração, baseado nas informações que, durante a discussão, lhe foram dadas pelo professor Mâncio Costa, cuja palavra lhe merece fé. Durante a discussão falou tambem o professor João dos Santos

Areão que explicou o motivo dos senões do parecer. Entrou em discussão o parecer nº 20.

Com a palavra o dr. Carlos Correa declarou que estudando a these do professor Alberto Ferraz viu ser este professor competente no assumpto que abordou. Acho, porem, que a commissão devia ter concluido seu parecer, lembrando a creação da inspecção medico-escolar. O professor Mario Garcia membro da commissão que deu o parecer, em a parte explicou o ponto de vista da mesma ao fazê-lo. O dr. Carlos Correa, continuando com a palavra, explicou o caso ventilado sobre os anormaes, com muita proficiencia. Apresentou em seguida o seguinte requerimento: Que seja indicado á Mesa a creação da Inspeção medica escolar, como um dos elementos de selecção entre os falsos normaes e anormaes. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass.—Dr. Carlos Correa.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira pede consultar a Casa se concorda com o adiamento da discussão, visto estar na hora dos membros da Conferência assistirem a festa escolar no Grupo Lauro Müller. Posto em votação foi approvado.

Com a palavra o dr. Oscar de Oliveira Ramos enviou á Mesa a seguinte indicação: Considerando que a Escola São José, fundada pelo saudoso e benemerito educacionista rev. P. Luis Schuler, tem a organização dos Grupos Escolares; Considerando que esse estabelecimento é o fructo da acção eminentemente piedosa do seu organizador: Considerando que é um preito muito merecido homenagearmos os educacionistas que tem cooperado efficazmente para a grandeza do ensino em Sta. Catharina; requeiro á Mesa que dirija ao exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, dr. Joaquim Domingues de Oliveira para suggerir a idéa de dar a Escola de São José a denominação de Grupo Escolar Padre Schuler. Florianopolis, 9 de agosto de 1927. Ass.—Oscar de Oliveira Ramos.

Nada mais havendo a tratar o sr. Dr. presidente deu a ordem do dia para a sessão immediata: Indicações, apresentação de pareceres, discussão dos pareceres já apresentados, e suspendeu a sessão. Declaro, que, a vista da rectificação solicitada pela professora Maura de Senna Pereira sobre o assumpto da acta 5ª sessão, de 5 de agosto transcrevô o resumo do seu discurso cujo, texto foi, pela referida professora, fornecido e esta Secretaria: «Ouvindo hontem os

debates em torno da lei que veda ás professoras casadas o exercicio de Magisterio nos Grupos Escolares, de primeira e segunda classe, suggeridas por um topico da these do sr. Inspector Flordardo Cabral, e para que a mulher não permaneça em reprovavel mutismo ante uma questão que muito de perto lhe diz respeito. — quero hoje, conscientemente, protestar contra o que determina a referida lei, reflectindo não só o meu pensamento como também o de minhas collegas. Protestar porque essa lei aberra das ultimas e gloriosas conquistas do feminismo e prohibe que, depois de conquistado um diploma, o qual indiscutivelmente representa o dispendio de multiplas energias intellectuais e, ás vezes, até de sacrificios financeiros após o casamento, como si elle fora um crime, prohibe a maneira de uma penalidade, que a professora continue a desfructar a sua muito justa emancipação economica no exercicio do mister que o seu espirito elegeu e o seu coração abençoou. Protestar, por que está provado que as professoras casadas, salvo excepções, e com excepções não se discute, tem desempenhado a contento, e ás vezes, muito melhor que ás professoras solteiras a sua nobilissima missão. Protestar porque, como disse muito acertadamente o professor Orestes Guimarães, e eu repito porque não ouço a voz de preconceitos idiotas sinão é dignificante que a professora casada que vae ser mãe se apresente ante os seus alumnos, também não o é que se apresente perante os seus filhos dahi a resolução de levar á Mesa da Conferência o requerimento que passo a ler e que vae assignado pelas conferencistas presentes. E eu, Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º secretario da Conferência Estadual do Ensino, lavrei a presente acta. Sala das sessões, 10 de agosto de 1927. 1º secretario.

Acta da 10ª. sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: — Dr. Cid Campos.

1º SECRETARIO: — Luis Sanches Bezerra da Trindade.

2º SECRETARIO: — Egydio Abbade Ferreira.

Aos nove dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas, no salão nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Cam-

pos, secretario do Interior e Justiça, e Presidente da Conferência Estadual do Ensino, deu por iniciados os trabalhos da 10ª sessão ordinaria.

Feita a chamada, verificou-se a presença dos senhores conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Luis Trindade, João dos Santos Areão, João Tolentino Junior, Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio Epiphanyo dos Santos, Mario Garcia Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Mielchele, dr. Fernando Raja Gabaglia, dr. Oscar Ramos, dr. Edmundo Moreira, dr. Alfredo Porphirio de Araujo, dr. Carlos Corrêa, professora Maria Amorim, professor Laercio Caldeira de Andrada, professora Isaura Veiga de Faria, professor Arnaldo Gomes Jardim, professor Alfredo Xavier Vieira, professor Odilon Fernandes, professor Henrique Brüggemann, capitão Marcelino Coelho, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, major José Koerig, Cel. Francisco Azambuja de Alencar, professora Maria do Carmo Caldeira de Andrada, professora Laura da Luz Montenegro.

Não foi feita a leitura da acta da sessão anterior visto não ter sido terminada. Não houve expediente.

Com a palavra o professor Alfredo Xavier Vieira, enviou á Mesa depois da devida Justificação a seguinte moção: Continuando este Congresso de Ensino Primario a prestar homenagens aos abalisados pedagogos e estabelecimentos de Ensino do País e do Estado em particular os signatarios deste requerimento propõem um voto de solidariedade e applauso ao tradicional Collegio de Santo Antonio de Blumenau fundado ha 50 annos pelo Revmo. P. José Maria Jacobs, dirigido sabiamante pelos revdos. padres Franciscanos e dignamente aqui representando pelo prorecto e venerando educacionista Frei Estanslau Schaette. O referido estabelecimento que neste mês celebra o seu jubileu aureo tem dado ao Estado e ao Paiz, homens de reconhecido valer mental, moral e patriotico; alguns dos quaes occupam actualmente altos cargos na vida administrativa da estremecida Patria. Em virtude do que ficou dito convem que a adhesão desta

Conferência á festa jubilar do Collegio seja feita por tele-gramma. Fpolis, 9—8—27. Ass.—Alfredo Xavier Vieira, José Koerig, Adriano Mosimann, Alfredo de Araujo, Luis Trinda-de, Marcilio Dias de Santiago, Antonio Epiphany dos Santos, Guilherme Wiethorn Filho, Izaura Veiga de Faria, Hercilio Zimmermann, Adolpho Silveira, Odilon Fernandes, Carlos Correa, P. F. X. Zartmann, Antonio Gasparello. Posto em votação foi approvado.

Com a palavra o professor Adolpho Silveira, leu e enviou á Mesa a seguinte indicação: Considerando que os grupos de segunda classe estão na sua maioria localizados em zonas onde a vida é difficullosa devido ao elevado preço dos generos de primeira necessidade; Considerando que o programma de ensino dos grupos de 2ª. classe em nada differe do que é ensinado nos de primeira, o que prova que os trabalhos dos funcionarios dessas duas categorias de grupos são inteiramente iguaes; Considerando que os directores dos Grupos de segunda classe tem na maioria das vezes mais trabalhos do que os de primeira, visto serem obrigados a leccionar em muitos casos, até em duas classes e que já existe dois directores de grupo daquella categoria bem como sendo de primeira classe; Considerando ainda que para haver boa vontade de se cumprir inteiramente um dever que nos foi confiado, e para haver estímulo no cumprimento de uma missão, tal como a de educador é necessario não haver desigualdade de direitos; Considerando ainda mais que ao professor publico é vedado occupar-se em outro mister que não seja sobre o ensino, ficando assim, impossibilitado de procurar por outros meios melhoria de condição financeira; Os abaixo assignados, directores de Grupos escolares de 2ª. classe, vêm pedir a esta Conferência de Ensino Primario para que seja pela sua distincta Mesa suggerida ao Congresso Representativo do Estado a instituição de uma lei que equipare os vencimentos dos mesmos Directores aos dos de grupos de 1ª. classe, bem como que sejam concedidos aos professores que trabalham nos referidos Grupos direitos de promoção e que sejam tomadas outras medidas com o fim de melhorarem as condições dos alludidos professores. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. — Adolpho Silveira, Taciano Barreto do Nascimento, Antonio Epiphany dos Santos, Germano Wagenführ, Gustavo Gonzaga. Entrou em discussão.

Com a palavra o professor Marcilio Dias Santiago de-

clarou que estava de pleno accordo com a proposta do professor Adolpho Silveira, fazendo declaração que votava favoravel á indicação. Posta á votos foi approvada.

Com a palavra o prof. Adriano Mosimann, enviou á Mesa o seguinte parecer que tomou o n.º *trinta*: «Do estudo da These acima (n.º 19) chegamos á seguinte conclusão: Fala o autor das escolas subvencionadas em geral e de um modo, por que são ministradas algumas disciplinas constantes do programma das mesmas. Acha que a Cartilha Popular em uso tem os defeitos de ser pessima a sua impressão, devendo tambem os typos serem mais nitidos. Quanto á leitura em si, diz, que o professor da zona que está sendo nacionalizada precisa, para obter resultados, traduzir palavra por palavra porque a grande maioria dos alumnos desconhece a lingua vernacula, razão por que os escolares só terminam a Cartilha no fim de um anno e meio a dois annos de frequencia escolar. Opina pela adopção da Cartilha no primeiro anno, do primeiro no segundo e do segundo livro, no terceiro anno do curso, achando não ser necessario mais outro livro. Continúa textualmente: «Si estes livros tambem contivessem algo de educação civica, seria muito util. Demonstra ainda a difficuldade de ensinar arithmetica nas escolas daquella, porque os alumnos não sabem, siquer pensar em vernaculo, o que atraza muito a comprehensão da materia. Quanto a historia patria ensina o professor pelo methodo socratico, não dispensando o recurso da traducção imprescindivel naquellas escolas qualquer que seja a materia que se leccione. Sobre o exposto damos o seguinte parecer: a) Opinamos que na proxima edição da Cartilha Popular, sejam tomados em consideração os defeitos apontados pelo autor dessa these; b) quer a Cartilha seja esgotada no primeiro anno lectivo, o que se pode fazer; c) que a traducção dos termos desconhecidos pelos alumnos é uma necessidade, contudo esta commissão não a recommenda incondicionalmente, visto como a lingua official da escola deve ser sempre a vernacula; d) que os livros adoptados preenchem o seu fim, salvo os defeitos já referidos da Cartilha; parece-nos porem, ser de conveniencia a adopção tambem do terceiro livro da serie Fontes, que está sendo impresso; e) concordamos que as noções de historia patria sejam dadas pelo methodo socratico. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. — Adriano Mosimann, relator; Mario Garcia e Germano Wagenführ.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada, enviou á Mesa o parecer seguinte que tomou o numero *trinta e um*: A segunda commissão supplementar considerou attentamente as brilhantes theses: «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado em particular, e no Pais em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional? apresentadas pelo dr. Edmundo Accacio Moreira, theses que, revelam uma grande capacidade intellectual e profundos estudos do autor em materia tão importante. A commissão já tendo traçado o seu ponto de vista quanto ao assumpto, no parecer ao valioso memorial apresentado pelo illustre pedagogo prof. Orestes Guimarães, chama, entretanto a attenção desta Conferência para o erudito trabalho do dr. Edmundo Accacio Moreira, muito especialmente para as suas quatorze conclusões. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass.—Laercio Caldeira de Andrada, relator, Albano Monteiro Espinola, Beatriz de Sousa Brito.

Com a palavra o professor Taciano Barreto do Nascimento enviou á mesa a seguinte indicação: Considerando que o Estado actualmente conta grande numero de escolas para o preenchimento das quaes o governo tem lançado mãos do professorado provisorio; Considerando que nessa classe de professores o Estado conta grande numero de elementos que muito contribuem para o desenvolvimento da instrucção publica, não só nas zonas ruraes, como tambem em Grupos escolares; Considerando que pelo esforço e dedicação que os mesmos vêm revelando em prol do ensino, é justo que lhe sejam assegurados certas garantias que o Estado offerece aos seus funcionarios effectivos; Considerando que a categoria de professor provisorio é por certo modo tomada como uma expressão de inferioridade que bastante contribue para o desanimo dos que se querem dedicar ao magisterio publico; Considerando que muitos desses professores tem deixado o exercicio de seu cargo não só pela mingua de vencimentos, mas ainda para se livrarem da desagradavel denominação da categoria a que pertencem; Considerando que já temos uma lei que faculta aos professores provisorios, os direitos de professores effectivos de 2.^a classe, com os vencimentos iguais de serviço activo; Considerando que a differença de vencimentos entre

professores provisorios e complementaristas é exigua e não sobre carregariam as despesas do Estado; Considerando que um professor provisorio, trabalhando seis annos pode perfeitamente demonstrar a sua vocação e competencia; Considerando emfim que a effectividade do cargo aos professores provisorios é apenas uma promoção honrosa aos que trabalham; Pedem á Conferência de Ensino Primario do Estado de Santa Catharina, convocada pelo exmo. sr. dr. Secretario do Interior e Justiça, em nome de S. Excia., o Governador do Estado, a fim de tratar de assumptos relativos ao ensino estadual, em particular, e, do ensino no Brasil, em geral, encaminhar ao Congresso Representativo a seguinte suggestão: Art 1.^o. — Sejam considerados professores effectivos com direito ás regalias de professores complementaristas, os professores provisorios que contarem mais de seis annos de serviço activo, seja em grupo ou escola isolada. Art. 2.^o. — Não poderão gozar do favor a que se refere o artigo precedente: a) os professores que não apresentarem matricula superior a 50 alumnos quando em cidades ou villas e 35 alumnos nos povoados; b) os professores que não se recommendarem pelo ultimo termo de visita lavrado pelo Inspector Escolar, e) os professores que tenham mais de tres remoções a pedido; d) os professores que tenham obtido licença para tratarem de interesses particulares. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass.—Taciano Barreto do Nascimento, Adolpho Silveira, Honorio Miranda, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio E. dos Santos, Alfredo X. Vieira.

Posto em discussão e votação foi appovado sem debates.

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito enviou á Mesa o seguinte requerimento: Desejando retribuir de um modo mais condigno a moção apresentada pelo illustado professor dr. Raja Gabaglia, na primeira sessão ordinaria realizada e enviada pela distincta educacionista d. Branca Fialho, Presidente da Associação Brasileira de Educação, á Conferência de Ensino Primario em Santa Catharina, á commissão requer á respeitavel Mesa para que seja lançado em acta, um voto de congra tulações e homenagem ao dignissimo portador professor dr. Raja Gabaglia e á digna preceptora carioca, pelo gesto altamente fraternal e patriotico, como tambem pede consultar aos membros da conferência si estão de pleno accordo dirigir por telegramma, á excellentissima senhora, os agradecimentos, nos seguintes termos: » Exma. Sra. d. Branca Fialho — Presiden-

te Associação Brasileira Educação — Rio — Sinceramente agradecidos enviamos congratulações e homenagem a V. Excia pela patriótica moção apresentada Conferência Ensino Primario Santa Catharina, pelo illustrado professor dr. Raja Gabaglia cuja collaboração e apoio muito nos desvanecem e confortam. Saudações. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. — Beatriz de Sousa Brito, Catharina Demoro, Maria Caldeira de Andrada, Luis Trindade, Egydio Abbade Ferreira, Mario Garcia, Maura de Senna Pereira e Laercio Caldeira de Andrada.

Posto em discussão e votação foi approved sem debates, tendo o professor dr. Raja Gabaglia agradecido em seu nome e da Sociedade Brasileira de Educação.

Com a palavra o dr. Alfredo Porphirio de Araujo disse: Pedi a palavra pelo facto de, com applausos, terem sido apresentadas nesta Casa varias moções a pessoas e estabelecimentos que ás nossas homenagens fizeram jús. Eu sei que vou ferir a modestia de um grande educador. Não importa. Creio que não ha em Santa Catharina um estabelecimento que mais fartamente tenha diffundido a instrucção do que o Gymnasio Catharinense, representado nesta Conferência pela figura austera e respeitavel do P. F. X. Zartmann que com tanta proficiencia, descortino, saber e abnegação o tem sabido guiar de modo a colloca-lo como primeiro dentre os primeiros, dos estabelecimentos de ensino, não só do Estado como do país. Proponho pois, que seja lavrada na acta um voto de louvor pelos beneficios que o Gymnasio Catharinense tem prestado ao ensino do nosso Estado, orientado pelos padres da Companhia de Jesus.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira declarou que -Não podia de modo algum deixar de associar-se, como antigo alumno do Gymnasio Catharinense, á homenagem que acabava de ser proposta pelo dr. Alfredo de Araujo, tanto mais, que a ninguem, é dado desconhecer os serviços prestados pelos jesuitas á Nação Brasileira. A proposta, pois, do sr. dr. Araujo tem da minha parte incondicional apoio.

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada disse: Quero votar pela moção apresentada de homenagem ao Gymnasio Catharinense, do qual fui tambem alumno, pedindo entretanto licença ao intuito unico de se completar a justiça, para lembrar que se por um lado existe o Gymnasio Catharinense, que tantos serviços tem prestado ao

ensino, por outro existe a Escola Normal que a seu par se encontra e está. Peço pois, para que á justa homenagem prestada ao nome respeitavel do Padre Zartmann se junte o nome brilhante de Barreiros Filho.

Com a palavra o prof. Luis Trindade expôs: Com a devida venia, permittam-me que tambem diga algumas palavras sobre a moção ora apresentada. Admirador do P. F. X. Zartmann e admirador de Barreiros Filho, não posso deixar de pedir que se rendam igualmente identicas homenagens ao Collegio Coração de Jesus, aqui representado pela sua illustrada Directora Irmã Bernwarda. Como fiscal do referido estabelecimento, eu vejo diariamente o zelo, a dedicação e o amor com que naquella casa se cumprem rigorosamente as leis do ensino, tornando-se por isso, o Collegio Coração de Jesus digno do nosso apreço e da nossa admiração. Requeiro, pois, que alem da emenda apresentada pelo professor Laercio Caldeira a Mesa se digne apresentar tambem a minha proposta á consideração da Conferência, no sentido de ser extensiva ao Collegio Coração de Jesus, equiparado á Escola Normal e ás Escolas Complementares do Estado, o preito de homenagem prestado ao Gymnasio Catharinense e a moção do dr. Alfredo Porphirio de Araujo approved com as emendas dos professores Laercio Caldeira e Luis Trindade.

O sr. dr. Presidente declara haver a Mesa recebido das autoridades de Blumenau uma suggestão no sentido dos predios das escolas estaduaes serem custeadas pelos paes dos alumnos ou pelos membros dos Conselhos Escolares Familiares, cuja leitura mandou fazer pelo 2º Secretario é do teor seguinte: As autoridades municipaes de Blumenau, especialmente o digno superintendente sr. Curt Hering, tem a honra de propôr a Conferência Estadual de Ensino Primario, o seguinte, pedindo o parecer da illustre assembléa: O governo do Estado de Santa Catharina, e em particular a Directoria da Instrucção Publica, nos ultimos quinze annos tem revelado esse zelo verdadeiramente exemplar em propagar o ensino primario e complementar. Centenas de escolas isoladas, dezenas de grupos escolares foram abertos, milhares de crianças conduzidas ás fontes da civilização e sabedoria. O exmo. sr. dr. Governador, na sua mensagem apresentada ao Congresso Representativo, a 22 de julho do corrente anno, menciona 557 escolas isoladas providas, 11 grupos escolares, de 1ª. classe, 11 de 2ª. classe, 10

Escolas complementares, 1 Escola Normal, elevando-se a despesa do Governo neste ramo de administração a..... 1807.600\$000. Considerando o brilhante progresso da Instrução Publica conseguido pelos governos illuminados e energicos; Considerando a epoca difficilima que, ha mais de um anno, flagella a nossa vida economica, tornando inoportuno a criação de novos impostos para cobrir as crescentes despesas da Instrução Publica; Considerando que em muitos logares de zonas novas e no planalto do nosso Estado a falta de escolas é sensivel; Considerando que o Conselho Escolar Familiar creado em boa hora pelo habilissimo inspector sr. Orestes Guimarães, põe os paes dos alumnos em viva relação com a escola, fazendo crescer o interesse das mesmas pela boa manutenção e garantida existencia della, propõe que — 1º. — fique, em geral, a cargo dos paes a despesa proveniente da compra de todo o material escolar para os alumnos; 2º. — que o Conselho Familiar se responsabilise pelas despesas de construção ou aluguel dos edificios onde funcionam as escolas publicas moldadas*...

Com a palavra o professor Mâncio da Costa, este declarou que a suggestão acima não tinha cabimento pois, o decreto n.º 2.049, de 12 de abril de 1927, trata do assumpto, resolvendo-o cabalmente. Posta em discussão foi resolvido, que a mesma fosse archivada. O sr. Presidente declara que está em discussão o parecer n.º 22, e a emenda enviada pelo dr. Carlos Corrêa.

Com a palavra o dr. Carlos Corrêa, continua a justificar a sua emenda e declarou. A minha emenda no sentido de seleccionar o pseudo anormal do anormal baseia-se em opiniões dos mais abalysados mestres do assumpto. A criação de uma inspecção medica escolar impõe-se.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira disse: Eu acho que a emenda do dr. Carlos Corrêa vem completar o parecer. E' evidente que sem inspecção medico escolar não podemos saber quaes são os anormaes ou pseudo-anormaes.

Com a palavra o professor Mario Garcia declarou: Cabe-me declarar que a terceira commissão, da qual faço parte, aceita com a melhor satisfação a emenda do dr. Carlos Corrêa. Postos em votação o parecer e a emenda foram approvados. Entraram em discussão os pareceres ns. 23, 24, 25 e 26, sendo todos approvados sem debates. Annunciada a discussão do parecer n. 27 o professor Laerçio Caldeira de An-

drada pediu, o addiamento da mesma por 24 horas, foi approvedo. Passou-se a discussão do parecer n. 28 que foi approvedo sem debates. Entrando em discussão o parecer n. 29, o professor João dos Santos Areão pediu o seu addiamento por 24 horas o que foi approvedo. Em seguida, nada mais havendo a tratar, o sr. Dr. Presidente suspendeu a sessão marcando a seguinte ordem do dia para a proxima sessão: Indicações e discussão dos pareceres ns. 27, 29, 30 e 31. E, eu Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º secretario da Conferência Estadual de Ensino Primario, lavrei a presente acta. Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. Ass. Luis S. B. da Trindade, 1º secretario.

Acta da 11a. sessão ordinaria da Conferência Estadual de Ensino Primario

PRESIDENTE: — Dr. Cid Campos.

1º. SECRETARIO: — Prof. Luis S. B. da Trindade.

2º. SECRETARIO: — Egydio Abbade Ferreira.

Aos dez dias do mês de agosto de 1927, ás 20 horas no Salão Nobre da Escola Normal, perante os membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, o sr. dr. Cid Campos, Secretario do Interior e Justiça, e presidente da mesma Conferência deu por iniciados os trabalhos da 10ª. sessão ordinaria. Feita a chamada verificou a presença dos conferencistas dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Luis Trindade, F. Barreiros Filho, João dos Santos Areão, João Tolentino Jr., Beatriz de Sousa Brito, Floscula de Queiroz Santos, Taciano Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio Epiphany dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenführ, Marcilio Dias de Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schürmann, Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernando de Raja Gabaglia,

dr. Oscar Ramos, dr. Edmundo Moreira, dr. Carlos Corrêa, professores Maria Amorim, Laercio Caldeira de Andrada, Isaura Veiga de Faria, Arnaldo Gomes Jardim, Alfredo Xavier Vieira, Maura de Senna Pereira, Josephina Caldeira de Andrada, cirurgião dentista Ary B. Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Major José Koerig, Cel. Marcos Konder, Francisco Alencar de Azambuja, professor Henrique Bruggemann, Joaquim Margarida, Emilia Gastão, Maria do Carmo Caldeira de Andrada e Laura da Luz Montenegro.

Em seguida o sr. dr. Presidente mandou que o 1º. secretario fizesse a leitura da acta.

Pedi, então, a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada e declarou que tendo a acta sessenta folhas, e depositando a Assembléa inteira confiança na Mesa requeria a dispensa da leitura o que sendo posto em votação foi approvedo.

Em seguida foi lido o seguinte expediente: I—Dr. Cid Campos, Secretario do Interior em Florianopolis, 9.— Li ha pouco a sua homenagem carinhosa memoria inolvidavel e querido Pº. Schuler. Queira Vossencia acceitar incondicional applauso de que o teve como inspirador e depois abnegado auxlliar direcção escola Diocesana equiparada São José. Afectuosas saudações. Ass. Joaquim Oliveira, Arcebispo. II—São Paulo 9.—Dr. Cid Campos. Accuso o recebimento do telegramma em que V. Excia. me communica que os membros da Conferência Ensino primario ora reunida Florianopolis, votaram uma moção de reconhecimento e homenagem ao Presidente de São Paulo, pela organização ensino publico. Agradeço a V. Excia. e seus dignos companheiros essa manifestação de apreço a esse Estado. Ass. Julio Prestes. III—Belem 8. Dr. Secretario Interior. Apraz-me agradecer em nome professorado publico primario particular deste Estado communicação moção solidariedade apresetada professor Trindade em sessão Conferência Ensino Primario Estadual, réaffirmado votos applausos pelo grande e nobre ideal que os congrega ahí no interesse da prosperidade da Instrucção Popular que visa engrandecimento de nossa cara Patria. Cordiaes saudações. Ass. Deodoro Mendonca, Secretario Geral. IV—Victoria 8—Dr. Cid Campos. Agradecendo communicação apresento na pessoa V. Excia. parabens Estado Santa Catharina esse elevado gesto Governador em particular V. Excia. transmitti noticia Secretario Instrucção aqui. Saudações. Ass. Lopes Ribeiro, Secretario Interior Passando-se a ordem do dia o professor Marcelio Santiago pede para que

na acta seja exarado um voto de profundo reconhecimento a professora gaúcha Maria Amorim e ao dr. Raja Gabaglia pela gentileza não só de terem accedido ao convite que lhes foi dirigido para tomarem parte na Conferência, como ainda pelo brilhante concurso que lhe dispensaram. O sr. dr. Presidente declara que o pedido será satisfeito com prazer.

Com a palavra Frei Evaristo Schürmann enviou á Mesa a seguinte indicação: Indico á Mesa desta Conferência se digne á apresentar á apreciação dos senhores conferencistas o meu desejo de se levantar uma moção de incondicional applauso e profundo reconhecimento ao exmo. sr. dr. Henrique Fontes, dignissimo Secretario da Fazenda, que na qualidade de Director da Instrucção Publica durante o governo do enolvidavel Hercilio Luz, marceu uma época de trabalho, disciplina e de elevação da classe do magisterio. Foi precisamente S. Excia. quem solucionou o difficultoso problema da acquisição de livros pelas classes pobres e remediada, o que sempre entravou a diffusão do ensino. editando os tres primeiros livros de leituras populares e pretendendo ainda completar a série pela edição de outros. A elle pois, o applauso, a gratidão do professorado aqui reunido, pela beneferencia de serviços inconfundiveis prestados á causa excelsa por que nos vimos interessando Conjunctamente indico ainda uma moção de aplauso, não menos repleta de gratidão ao sr. professor Luis Trindade, pelos serviços que durante tantos annos tem prestado á causa do Ensino Primario como activo auxiliar da Directoria da Instrucção, cargo em que tem manifestado de sobra os seus dotes intellectuais e o seu acendrado amor a educação e instrucção popular. Sala das sessões, 10—8—1927. Ass. — Frei Evaristo Schürmann, Izaura Veiga Faria (pelas prof^{as} da Escola São José), Mancio da Costa, Beatriz de Sousa Brito, Laercio Caldeira de Andrada, João Areão, P. F. X. Zartmann, Hyppolito Boiteux, Antonio Epiphania dos Santos, Hercilio Zimermann, Cezar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Taciano Barreto do Nascimento, Honorio Gomes de Miranda, Maura de Senna Pereira, Maria Amorim, Catharina Demoro, Edmundo Moreira, Mario Garcia, João Tolentino Junior, Irmã Bernwarda, Josephina C. de Andrada, Oscar Ramos, Albano Monteiro Espinola, F. Alencar de Azambuja, Egydio Abbade Ferreira e Luis Trindade (com restricções a parte que se refere a sua pessoa).

Posta em discussão, pede a palavra o professor Orestes

Guimarães que declarou: O professor Egydio Abbade Ferreira acaba de ver eu rasgar neste momento uma moção identica á do sr. Frei Evaristo, propondo um voto de agradecimento e homenagem ao dr. Henrique Fontes. Posta em votação e approvada.

Com a palavra o dr. Carlos Correa pede que seja transcripta na acta a brilhante Conferência, pronunciada pelo dr. Octavio Ayres na Academia Nacional de Medicina: «Ao iniciar esta comunicação previamente nos desculpamos e rogamos escusas a Academia, pelo tempo que vamos occupar com a leitura deste trabalho.

O assumpto bem sabemos, não é dos que mais agradam; materia um tanto árida, interessando somente a limitado numero de especialistas, referente apenas a questões de medicina social não prende a attenção suscitando debates apaixonados, armando controversias, ou inundando de luzes factos desconhecidos.

E' bem de ver, no entretanto que justamente as questões de medicina social não devem ficar a margem de nossas cogitações diurnas, pois muito embora tenhamos a mente sempre norteada para estudos de puras investigações clinicas é mister não olvidar a nossa funcção de medico na sociedade, trazendo o nosso esforço para que dia a dia e cada vez mais, se prepare uma raça digna de sopezar os destinos de uma grande nação como a nossa.

Foi pois, com essas idéas a nos bailarem no cerebro que deixamos as terras do nosso país, com rumo ao continente europeu a procura de conhecimentos aperfeiçoados em medicina, de principios modelares na organização de hospitaes, e assim nos encaminhamos tambem até a Alemanha para nella perquirir o que mais de moderno e perfeito houver em materia de hygiene escolar de modo a, com as observações e estudos realizados contribuir para que semelhante serviço no Rio de Janeiro possa ser encarado e apreciado como organização perfeita e multiplicar-se em beneficios uteis aos milhares de alumnos das nossas escolas publicas. Eis pois a razão de ser dessa comunicação. E para não haver maiores delongas no que se vae ouvir, quando ainda mal se diludem os applausos a formidavel oração do nosso egregio presidente, ao despertar a attenção dos dirigentes do nosso país para o problema intellectual do nosso povo, que nos seja permittido aqui referir uma phrase do director da Saude Publica da Alemanha, em entrevista que

nos concedeu obtida pela dedicação do nosso prestimoso consul, em Berlim, dr. Bento Paço. Disse-me o professor Hoffmann, director da Saude Publica: «Na Alemanha ainda nos conservamos fieis ao principio de que quando uma nação intellectual e physica do seu povo caminha para uma catastrophe — ella terá fatalmente de ser vencida e esmagada pelas nações, cujos filhos forem mais fortes e mais preparados. «Passemos agora ao relato simples do que vimos e ouvimos e observamos em Berlim. Possui a Capital da Alemanha para o serviço de hygiene das escolas primarias frequentadas por mais de 400 mil alumnos, uma corporação de 300 medicos escolares, encarregados da fiscalização e da hygiene das escolas além de um grande numero (mais de 50) de medicos especialistas em oto-rino, laringologia, dermatologistas e psychiatras. Cada medico escolar tem ao seu dispor, como auxiliares de primeira ordem, duas enfermeiras, conhecendo perfeitamente os seus deveres e constituindo uma corporação de mais de setecentas pessoas. Existe ainda um corpo de 100 cirurgiões dentistas, votados obrigatoriamente aos seus deveres profissionais nas escolas publicas. Comparemos, meus senhores, este numerosissimo pessoal, technico encarregado da hygiene nas escolas de Berlim, num paiz vencido por quatro annos de guerra, sangrando por todas as veias economicas pagando o ar que respira, para uma população escolar de 400 mil crianças com um irrisorio corpo medico escolar do Rio de Janeiro, 21 profissionais para 120 mil alumnos, sem o auxilio, de um só enfermeiro, sem recursos materiaes de especie alguma, com escolas esparsas numa area extensissima e se verificará o desamor a indifferença impatrioticos com que taes questões são encaradas entre nós. Mas, continuemos: como si não bastasse, porem, o numeroso corpo de profissionais acima mencionados de que dispõe Berlim, ainda são elles só escolhidos depois de um estagio de aprendizagem de dois annos, na chamada Academia de Hygiene social, dirigido pelo eminente higienista prof. Sucke. Esta Academia é um modelo de organização e installações. Possui salas de conferências publicas, ou somente para os medicos que a frequentam. Um museu completo em que todos os assumptos ligados a hygiene da escola de crianças, puericultura, enfermidades infantis adquiridas no meio escolar, legislação sanitaria, etc., são expostos a aprendizagem dos medicos. Nesse museu vimos quadro e curvas interessantes sobre a influen-

cia da alimentação na criança durante e após a guerra; enfermidades mais frequentes, durante os quatro annos de lucta nas escolas, enfim tudo que possa illustrar ao profissional dedicado á hygiene das escolas. As paredes das salas de conferência, acham-se cobertas de quadros, desenho com conselhos hygienicos ao povo, sobre a alimentação, prophylaxia, e molestias contagiosas, cuidado com os recém-nascidos, soccorros medicos, urgentes ás crianças, etc. As conferências publicas frequentadissimas, feitas pelo professor Sucke e dr. Franz Mayer, versam geralmente sobre assumptos ao alcance de um povo - alcoolismo, toxicoses, molestias contagiosas, molestias venereas, as consequencias para a nação da não concepção pela mulher, enfim todo um programma de educação intellectual e elevação moral do caracter do povo. Algumas vezes essas conferências propositalmente mostram com films o estado miseravel a que chegaram as crianças, sob o regimen bolchevista, na Russia, em confronto com as crianças alemãs, amparadas pelo governo. Alem dessas conferências todos os dias das 20 ás 23 horas, existem numa sala adaptada da Academia, consultas publicas, pelo medico desportista dr. Franz Mayer, sobre os desportos a serem seguidos por adultos de ambos os sexos. Assistimos a essas consultas e assim expomos como ellas se passam: « O dr. Mayer, acompanhado de um auxiliar e de uma enfermeira separa os consultantes de duas especies: em primeiro lugar, são examinados os candidatos ao uso de exercicios physicos que não o tenham feito até então. O dr. Mayer toma-lhes a altura peso, amplitude thoraxica e dynamometria, faz-os executar provas funcionaes respiratorias e de resistencia cardíaca, tudo isto vae sendo ditado em alta voz ao auxiliar encarregado de fazer a ficha desportiva do consultante. Em seguida o medico indaga das horas diurnas ou nocturnas disponiveis pelo examinando, pois, na sua maioria, são funcionarios publicos, empregados de commercio, operarios, etc. O medico, então, lhes aconselha o typo de exercicio adequado (equitação, remo, natação, gymnastica respiratoria ou sueca), e durante um prazo de tempo determinado. A segunda especie de consultas, é para os examinandos que já fizeram o exercicio, e, ou não se deram bem com elles ou pouco lucraram. Nestes casos são re-examinados pelo dr. Mayer, indo as pesquisas até á radiographia do coração.

A todo o examinando é entregue uma copia da ficha com

a indicação do exercicio a ser feito, pois as sociedades desportivas só aceitam socios que apresentarem a indispensavel ficha. Como se vê é tudo feito com criterio scientifico disciplina e desejo de melhorar sempre as condições physicas do povo alemão. Não se limita ainda a Academia de hygiene social aos factos que muito resumidamente acabamos de expor. Ella distribue farta e gratuitamente monographias; como as que aqui apresentamos: «Das Gezundheits Haus» ou então «A saude é a felicidade da vida»: «Gesundheits Lebemzigluck» e onde se acham contidos, escriptos por medicos sportistas e hygienistas, conselhos ao publico. Ao fim desta publicação encontra-se uma relação completa com as respectivas ruas e numeros e dezenas de estabelecimentos onde podem ser tratadas e alimentadas creanças escolares e adultos que de tal necessitem. Nella lem-se indicações como esta: Casas de tratamento aos tuberculosos e de tratamento aos alcoolatras e psycopathas; clinicas dentarias; tratamento para doencas de pelle e molestias secretas; tratamento de lactantes de menores; cantinas para escolares, menores e mães; jardins de infancia (em numero de 31); tratamento de aleijados, etc.

Retornemos á narrativa da entrevista que nos concedeu o director da Saúde Publica da Alemanha, professor Hoffmann a quem directamente está subordinado o serviço de hygiene escolar de Berlim. Os medicos escolares são acompanhados nas suas visitas pelas enfermeiras que os informam das crianças que necessitam de exames medicos, auxiliando-os, e recolhendo material necessario para as pesquisas clinicas indo entregalos aos laboratorios especiaes conduzindo os alumnos, aos medicos especialistas, cirurgiões-dentistas e sanatorios. Cabe ainda a estas enfermeiras as visitas domiciliars, aos escolares enfermos, de modo a estar o medico sempre ao par das causas do afastamento por molestia contagiosa ou não dos alumnos. Quando as crianças deixam de frequentar as aulas, por motivo diverso de molestia, o medico comunica o facto á directora da escola para que os paes de alumnos sejam compellidos a envia-los aos trabalhos escolares. A essas auxiliares, acha-se adstricta a função de verificar o asseio corporal dos alumnos, fazendo para isso as investigações necessarias. Os medicos de hygiene examinam os alumnos e docentes, duas vezes ao anno - ao se iniciar a matricula e no fim do periodo lectivo, seguindo sempre um criterio determinado por leis como diremos em breve. Este exame é

lançado na ficha do escolar e nenhuma creança pode ser transferida de uma escola para outra sem apresentar a sua ficha individual, onde se encontram todos os dados colhidos no exame feito — molestias infecciosas, lesões organicas, perturbação dos órgãos do sentido, estatura, peso, desenvolvimento intellectual, etc.

Encontrada uma criança enferma dos olhos, nariz, ouvido, garganta, ou com perturbações mentaes, é ella enviada ao medico escolar especialista para o indispensavel exame e tratamento. Nestes ultimos annos, foi resolvido pelas autoridades de hygiene alemãs que o medico escolar, não cabe somente a funcção de investigar se o alumno está enfermo ou não é elle obrigado a fazer o necessario tratamento, correndo por conta dos paes a aquisição do receituário. Entretanto, é permitido aos paes dos alumnos, faze-los tratar por medico de sua confiança; o que absolutamente não se consente é o alumno adoentado frequentar a escola. Só por esses factos verifica-se o quanto é afanosa a profissão do medico escolar, sabendo-se que a cada um compete zelar pela saude de milhares de crianças, cujo numero as autoridades alemãs julgam demasiado, pensando em duplicar o numero desses profissinaes. Além desse exame individual o medico escolar funciona junto aos directores de escola como conselheiro tecnico, ministrando dados e ensinamentos indispensaveis a boa hygiene do predio, regimen alimentar dos alumnos, horas de recreio educação physica e fadiga intellectual e providencias prophylaticas de ordem geral.

Possue a cidade de Berlim para tratamento das crianças pobres e doentes das escolas publicas, contratado sessenta e trez sanatorios particulares, dividido, naturalmente, em especialidade, taes como: sanitario para molestias de aparelho respiratorio principalmente tuberculose; para molestia de nutrição; da pelle e syphillis; e sanatorios maritimos para as crianças debilitadas. Tem ainda a mesma cidade um sanatorio para psychopata, além de uma escola especialisada para os atrasados mentaes. A esses varios sanatorios são enviados, quer durante as ferias, quer durante os trabalhos escolares todos os alumnos que de tal necessitem. Aos medicos escolares incumbem fiscalizar o tratamento dessas crianças recolhidas ao sanatorio, informando as autoridades de como ellas são tratadas. A organização de hygiene escolar de Berlim attribue ao medico papel importantissimo na educação hygienica do povo. Por intermedio de conferências

feitas para o professorado, para os alumnos e até mesmo para familias, fazem aquelles profissioaes a instrucção hygienica do publico, tratando de assumptos os mais simples, como alcoolismo, tuberculose, molestias venereas, regimens alimentares, puericultura, enfim, todos os assumptos ao alcance das classes populares. Methodo curioso é o empregado para a educação hygienica das crianças de maioridade. Ella é feita com o auxilio de folhetos com desenhos illustrativos e pequenos versos, contando á criança as consequencias da falta de hygiene nas relações diarias da vida. Possuimos um desses folhetos que são distribuidos largamente ás crianças das escolas publicas. Outros ponto importante que não deixa de ser severamente cuidado pelos medicos escolares, é o regimen alimentar dos alumnos. Para se ficar sabendo quanto ás autoridades berlinenses, presam a saude e a vida das crianças, basta narrar haver o director de saude, professor Hoffmann nos informado que diariamente a municipalidade faz distribuir oitenta mil merendas aos alumnos pobres nas escolas. Essas merendas são quasi sempre constituídas pelo copo de leite ou então carne e pão. Chegada a época das ferias escolares, inicia-se o periodo das viagens a que são obrigados todos os alumnos que de tal necessitam. Para terem direito a essas viagens, são as crianças previamente examinadas pelos medicos enviadas para as montanhas ou para a beira-mar. Todos os alumnos tem direito a duas viagens durante o anno; podendo haver uma terceira quando tal coisa se fizer, ouvido o medico da escola. Todas as despezas com a viagem corre por conta dos cofres municipaes, cabendo- apenas aos pais uma ligeira contribuição pecuniaria para a nutrição dos alumnos. No que diz respeito as questões referentes a educação sexual dos alumnos, ella é feita pelos medicos quando se trata de rapazes e pelas professoras e enfermeiras para as meninas, visando-se sobretudo o conhecimento de molestias venereas para o qual o museu da Academia de hygiene social está esplendidamente provida de optimos modelos em gesso.

O assumpto que merece mais cuidados da inspecção medico escolar de Berlim, no que diz respeito ás molestias contagiosas, é o da prophylaxia da tuberculose para o qual foi feita uma lei especial, cujos artigos leremos a breve trecho. Os resultados não se tem feito depois da execução da lei, esparar: de 400 mil crianças que frequentam as escolas publicas, somente foram encontradas no anno passado trezentas e

poucas com tuberculose aberta, o que vem dar uma proporção de menos de um por mil. Não é preciso dizer que essas crianças são immediatamente enviadas para os sanatórios especiaes nas montanhas, a custa dos cofres municipaes. Para ultimar esta parte geral, e passar a parte propria regulamentar da inspecção medica escolar em Berlim, cumpre-nos informar ainda que se cogitava neste paiz de se estabelecer para as crianças das escolas publicas conhecido SEGURO contra A DOENÇA já axistente para os academicos da Univeridade. Consistirá esse seguro em uma contribuição semanal de um a dois marcos feita pelos paes dos alumnos, de modo que quando estes venham a adoecer possam receber tratamento completo, medico cirurgico, e dietetico nos sanatórios e polyclinicas já existentes e contractado pelos poderes publicos. Vejamos presentemente os regulamentos geraes e especiaes da inspecção medico escolar alemã e que nos foram gentilmente offerecidos pelo prof. Hoffmann: **ARTIGOS FUNDAMENTAES PARA A ACTIVIDADE DOS MEDICOS QUE TRABALHAM NOS ESTABELECEMENTOS OFFICIAES DE INSTRUCCÃO SECUNDARIA, MEDIA E PRIMARIA DA MUNICIPALIDADE DE BERLIM.**

A actividade dos medicos escolares nos estabelecimentos officiaes de instrucção secundaria, media, primaria da municipalidade, deve ser organizada igualmente para todos sobre base das disposições seguintes:

I) *Relações de serviços* — Segundo as disposições da direcção do Corpo de Saúde (D. Bl. VII — 1924, n. 48) devem os medicos escolares ser graduados immediatamente abaixo do chefe do Corpo de Saúde.

II) *Actividade* — a) *Generalidades* — O medico escolar, terá a vigilancia sobre todas as crianças que lhe são confiadas e sobre organizações da escola; cuidará que sejam evitadas perturbações á saúde das mesmas e que sejam removidas as perturbações á saúde das mesmas e que sejam removidas as perturbações que se apresentem. O medico escolar deve para isto alem da sua actividade na escola tambem ter em consideração o meio familiar da criança (1). (vide nota 1, no fim deste). O medico escolar é obrigado a manter continuamente escripturação regular de sua actividade e dos resultados desta (servindo-se das folhas de questionarios officiaes), igualmente é elle obrigado a fornecer á repartição da Saúde os relatorios requisitados para cumprimento dos seus deveres o medico escolar agirá em contacto

intimo com os orgãos da escola das instituições de Saúde officiaes e particulares, como tambem com as instituições sociaes de seguro. E' igualmente necessario ter elle uma estreita união com as organizações de assistencia á infancia. Deve o medico escolar acompanhar continuamente, além da orientação corrente sobre os progressos de cultivo da Saúde nas escolas e da medicina infantil, tambem o desenvolvimeto no dominio correspondente da politica sanitaria e social. (b) — *Decisões* — E' o medico escolar o profissional cuja decisão resolve todas as questões medicas da escola. A elle compete em particular dar attestados para dispensa dos exercicios de gymnastica, etc., segundo instrucção ministerial de vinte quatro de janeiro de 1920 (2), (vide nota n. 2 no fim deste).

c) — *Vigilancia e Conselho* — 1º Exame medico da totalidade das crianças —. Estes devem realizar-se nas seguintes classes: nas escolas publicas primarias, na entrada, na sexta na quarta, segunda classe e ao deixar a escola Nas Realschule e nas escolas medias femininas, na entrada na sexta classe depois nas quartas e segundas classes e ao deixar a escolas. Nos Lyceus, na entrada, na sexta classe depois nas quartas e segundas classes e ao deixar o Instituto. Nos gymnasios e Realgymnasios e Oberrealschule, na entrada na Sexta, Untertertia e Untersegunda e á sahida. (3) Vide nota 3 no fim deste).

Em regra devem os paes ou outros responsaveis pelas crianças ser convidados aos exames medicos. O exame deve ser feito de maneira a ser preenchida a ficha escolar de saude. Nella devem ser inscriptos os resultados do exame. Especialmente deve verificar-se, o peso, a altura, e o grau de visão e audição. (4) (Vide nota 4 no fim deste). «Crianças com doenças nervosas, de olhos ou ouvidos de diagnostico duvidoso, assim como psychopathas devem ser dirigidas aos correspondentes de consultorios medicos especialistas das escolas. (Vide as disposições especiaes.)

Crianças tuberculosas ou com propensão a tuberculose devem ser dirigidas ao posto existente de prophylaxia contra a tuberculose; tambem está a cargo do medico escolar recorrer aos convenientes postos de exame medico especializado para o esclarecimento de caso de diagnostico duvidoso. Se isto accarretar gastos pecuniarios è necessario o consentimento do posto.

Os resultados dos exames por especialistas devem ser escripturados nas fichas escolares de saúde e si por qualquer motivo isso não for possível, deve guardar-se a sua anotação de maneira a poder esta ser usada juntamente com a ficha escolar de saúde e a poder ser continuada no caso de mudar a creança da escola. (5) (vide nota 5 no fim deste).

Nos exames medicos realizados por occasião da entrada na escola, as crianças serão examinadas especialmente sobre sua aptidão para os cursos da escola. Na medida do possível os exames estarão terminados nos primeiros quatorze dias do anno lectivo. Havendo de principio suspeição de incapacidade para acompanhar as aulas o exame, realizar-se-á ainda antes do inicio do primeiro anno lectivo (6) (vide nota 6 no fim deste.)

Quando os alumnos deixarem a escola, deve ser dado alem das informações requeridas em geral, um julgamento sob a aptidão profissional do alumno, preenchendo-se assim a ficha da Repartição de Profissões. 2º — *Vigilância.* — Crianças cujo estado de saúde peça um controle medico continuo ficarão debaixo de especial vigilância (os exames medicos serão tão frequentes quando preciso, sendo porem feitos ao menos duas vezes por anno.) Si as fichas escolares de saúde forem guardadas na propria escola não è necessario fazer-se para essas crianças uma ficha especial de vigilância. Neste caso basta indicar-se o facto da vigilância por um signal correspondente na ficha escolar de saúde (com lapis de cor, p. e.). Si as fichas escolares de saúde não forem guardadas na propria escola serão feitas fichas especiais as quaes tambem devem ser feitas para todas as crianças que necessitam no ensino serem tomadas especialmente em consideração pelo professor da classe. Destas fichas constarão os conselhos do medico escolar, servindo ellas em particular para dar informações ao director da escola e aos professores. 3º — *Consultorios escolares* — Ao menos duas vezes por semana o medico escolar deverá ter, aproveitando os locais que tiverem a disposição horas fixas de consulta para as crianças e os paes destas do seu districto. Algumas destas horas de consultas devem ser dadas durante as horas de trabalho escolar (pela manhã.)

Na consulta o papel do medico é aconselhar. Só deve fazer um tratamento quando não houver garantias da criança o receber convenientemente em outro lugar. Os traços mais importantes notados durante o exame na consulta serão au-

notados na ficha escolar de saúde. (7) (Vide nota 7 no fim deste).

As creanças cujo exame mostrar precisarem de uma vigilância continua, devem, assim como está dito no numero 2 ser incluídas na lista das crianças a serem vigiadas especialmente.

d) *Medidas para a saúde da criança* — 1º Meios de obtenção do tratamento necessario e vigilância sobre o cumprimento de outros conselhos — O medico escolar cuidará para que as crianças que nos exames regulamentares ou no consultorio escolar mostrarem precisar de tratamento, recebam realmente esse tratamento. Para isso terá elle relações com os medicos clinicos e organizações para tratamento de crianças doentes, Polyclinicas e Ambulatorios. Deverá zelar para que os meios financeiros necessarios ao tratamento, sejam fornecidos pelas repartições competentes. Tambem o medico zelará pelo cumprimento de qualquer outra indicação sua. Para bom cumprimento das suas funções utilizará em primeira linha a visitadora escolar. Em casos apropriados poderá pedir o auxilio do professorado e dos órgãos de beneficencia publica ou privada. 2º — Da escolha para a participação á cantina escolar, colonias de férias, tratamento e descanso para escolares. — A escolha para frequencia á cantina escolar cabe unicamente ao medico escolar agindo de accordo com o professorado, os funcionarios officiaes e os representantes de instituições beneficentes. Sobre as minudencias o medico consultará os directores para a escolha na assistencia alimenticia.

Na selecção das crianças considerar se-ão primeiramente os resultados das observações feitas nos consultorios escolares e nos exames regulamentares. Tambem a escolha para a frequencia das colonias de ferias e do tratamento depende do medico da escola. Esta escolha tambem será feita pelo estudo do resultado dos exames regulamentares e de consultorio. (Vide os conselhos a respeito).

Antes de começar o periodo das remessas pode ser feito novo exame em todas as crianças em questão. Nesse tempo o medico estudará com cuidado o conjuncto das necessidades provaveis de remessas de alumnos em todo o anno escolar. Pela escolha só podem ser enviadas a estabelecimentos de cura e tratamento as crianças que correspondam as exigencias denominadas *Regulament* o qual versa sobre a

escolha de crianças a serem enviadas a estabelecimentos de cura e de tratamento.

Cabe ao medico escolar conservar-se bem orientado sobre as disposições e regulamentos dos estabelecimentos de que poderá dispor, assim como dos resultados obtidos por estes. 3º — Exercícios physicos — O medico escolar dirigirá constantemente sua attenção para exercicios corporaes, (exame de capacidade physica), excursões, etc. O medico da escola manter-se-á ao par das organizações já existentes de exercicios especiaes de cultura physica e dos regulamentos respectivos e enviar a ellas as crianças convenientes. (8) (Vide nota 8, no fim deste).

Sobre a contribuição do medico escolar, no sentido da natação existe uma circular especial do ministerio Decreto n. 6, de 31 de março de 1925. O medico da escola sempre estará attento para evitar que os escolares possam prejudicar a saúde com exercicios physicos inapropriados, feitos nas associações sportivas infantis, etc. Por isso estará ao par do progresso scientifico sobre aptidão para o sport, o perigo destes para poder examinar a aptidão sportiva da criança, antes de ingressar ella numa sociedade sportiva, no caso que não realize a propria sociedade este exame. Em caso de duvida entram em accção os postos de conselhos medico desportivo. (9) (Vide nota 9, no fim deste).

a) *Ensino hygienico* — Cabe tambem ao medico espalhar entre os professores, paes e alumnos os conhecimentos hygienicos sobre as principaes doenças e sobre prophylaxia. Tambem é sua obrigação aproveitar as reuniões escolares (conferencias ao professorado, sessões dedicadas aos paes, etc.), para espalhar estes conhecimentos fazendo conferências adequadas. Consta tambem das obrigações do medico realizar conferências explicativas sobre o perigo dos vicios. (Tabaco, alcool, etc. e das doenças venereas).

f) *Combate ás doenças contagiosas* — Irrompendo doença contagiosa numa escola deve o medico escolar immediatamente se por á disposição do Director da escola para a requerimento deste visita-la a qualquer tempo. Quando for necessario fechar uma classe ou uma escola o medico escolar se entenderá com a Directoria de Saúde do Districto ou com a Directoria Geral de Saúde e communicar a ordem de fechamento ao director da escola (Vide nota do Ministerio da Assistencia Publica de 5 de Abril de 1923.—J. M. II, 216

e D.—Bl. VII 1926, n. 30) Em todo o caso o medico avisará logo ao Director Geral da Saúde Publica assim como determinará a época em que voltarão a escola as crianças convalescentes.

Tambem se lembra aos medicos escolares a obrigação de declarar os casos contagiosos de tuberculose laryngea. Estas declarações devem ser feitas aos postos de saúde do Districto de residencia das crianças doentes. Sobre tudo isto vide «Do cumprimento do decreto sobre o combate á tuberculose em Berlim», D. Bl. VII 24, n. 22 de 29 de março de 1924). Ao medico escolar podem ser transmittidas as funções do medico vaccinador.

— *Inspeção* — 1º — Nas escolas —

As visitas ás escolas realizam-se em geral duas vezes por anno.

Seu fim é: a) — Exame do estado hygienico do predio e de suas dependencias, b) Exame do estado sanitario geral das crianças.

2º — Nos patronatos — A inspeção do estado sanitario dos patronatos situados no seu districto compete ao medico. Todas as vezes que se emprehender reforma nos predios o medico escolar deve estar presente.

1) — Vide decreto concernente ao trabalho infantil, em officinas de 30 de março de 1923 e tambem as «Disposições complementares».

2) — Instrução do Ministerio de Sciencia Arte e Cultura Publica, de 24 de janeiro de 1920 (Zentralblatt). (Boletim Central para todo o corpo de ensino, pag. 203) e circular de 12 de maio de 1923.

3) — Se a criança entrar na escola numa outra classe será examinada pelo medico escolar nas horas da consulta ou qualquer outra occasião.

4) — E' recommendado fazer-se regularmente exame de urina ao sentido do que dispõe a circular ministerial de 11 de maio de 1920 I. M. IV. 908 20. Havendo razões especiaes a Repartição de Saude existente no Districto pode mandar augmentar estes exames, ás crianças que mostraram precisar d'elle.

5) — As Repartições dos Districtos determinam conforme as necessidades locais, o modo de guardar as fichas de saúde escolar. Recommenda-se em geral, que sejam guardadas em ficheiros separados no consultorio do medico. Este cuidará para que em caso, de remoção da criança de uma escola para outra, as fichas escolares e outro material que tenha sobre o estado de saúde da criança sejam entregues ao medico da escola para a qual entra o alumno.

6) — Crianças surdas-mudas ou somente surdas, ou mudas ou ouvindo tão pouco que não possam aprender a falar pelos meios communs, ou que tenham apprendido a falar, não estejam mais em condições de entender pelo ouvido o que se lhes diz, como tambem crianças ce-

(N. 12.585) — *Decreto sobre o combate a tuberculose nas escolas de 4/8/23.*

O Congresso resolveu o seguinte:

1) Toda doença contagiosa e todo o caso mortal de tuberculose pulmonar e laryngea será levado ao conhecimento do medico do Districto, de residencia ou de fallecimento do enfermo dentro do prazo de 24 horas no caso de morte e oito dias no caso de doença; podendo a comunicação ser feita verbalmente ou por escripto.

2) O Ministro da Assistencia Publica pode permittir que os avisos sejam dados a postos de prophylaxia, e repartições beneficentes de assistencia medica, caso preencham as condições prescriptas. Neste caso não se precisa avisar o medico do Districto, a propria repartição o fará.

3) Num posto de prophylaxia que não preencha as condições prescriptas deverá o medico do posto passar adiante as comunicações.

4) E' obrigação do medico assistente fazer as comunicações.

2) I — Se um dos doentes muda de residencia é necessario, que immediatamente, se saiba para onde foi e avisar verbalmente ou por escripto, dando a antiga, e a nova

gas ou vendo tão pouco que se assemelham as crianças cegas devem quando se apresentarem á escola serem remettidas ao posto determinado pela Repartição do Districto, para dahi serem enviadas aos estabelecimentos especiaes. Em caso nenhum, alumnos com defeitos graves de vista ou ouvido deixarão de frequentar a escola, sem motivos especiaes. Aqui se lembra que a obriagação da frequencia á escola começa no fim do sexto anno de vida para os cegos e do setimo anno para os mudos, nas escolas especiaes. Crianças de faculdades mentaes fracas, mas bem desenvolvidas physicamente devem ir para a escola mas ser logo que for possivel re-ovidas para uma escola especial de debéis mentaes. Crianças idiotas não devem ir para escola commum. Deve-se apresentar a escola especial existente e indicada pelas Repartições do Districto, para serem encaminhadas.

7) — Caso não esteja á mão a ficha escolar de saude por occasião da consulta medica recommenda-se fazer as annotações primeiramente numa folha a parte. (Chamada «Besundbogen») Nesta folha tambem se annotarão convenientemente as comunicações de instituições de assistencia, attestados, sobre o resultado das remessas ás colonias de ferias e tratamento, etc. Estas folhas serão ligadas as fichas escolares de saude.

8) — Vide, instrucções para realização dos exercicios physicos especiaes para crianças e colares fracas D—Bl VII, 1926, n. 5.

9) — E' para desejar que o medico escolar conquiste o titulo de medico sportivo.

moradia, ao Districto da residencia antiga, sendo esta comunicação feita pelo chefe da familia ou seu representante.

2) Se com a mudança de residencia tambem muda o chefe de familia a obrigação de avisar pertence ao antigo chefe.

3) — Nos casos de doença e morte que tenham lugar em hospitaes asylos, maternidades, prisões, e outros estabelecimentos deste genero, o Director do estabelecimento ou a pessoa que o substitue tem obrigação de fazer comunicação no prazo maximo de 24 horas.

4) — Os districtos têm obrigação de fornecer, gratuitamente, cartões proprios, para comunicações por escripto.

5) — 1) Se o posto de prophylaxia da tuberculose achar necessario tomar providencias prophylacticas deverá exigir as pessoas que rodeiam o doente, que tomem de accordo com o medico assistente as medidas necessarias: isto é, enquanto não entrar directamente em acção o posto de prophylaxia.

2) Se no lugar não houver posto de prophylaxia, então o medico de saude publica, de accordo com o medico assistente, tomará todas as medidas previstas pela lei para evitar a extensão da doença e cuidar do doente e sua familia.

6) — A comunicação de mudança da moradia de um doente deve ser vista pelo medico de saude publica e pela Repartição de prophylaxia e por elle ser enviado ao districto da nova residencia do doente. O districto tomará as providencias, de accordo com o paragrapho 5.

7) — O posto de exame bacteriologico comunicará o resultado do exame de escarro ao medico que pediu exame, além disto comunicará tambem todos os resultados positivos ao respectivo districto.

8) — 1) O medico assistente ou o medico de saude publica ou o posto autorizado pelo ministro da assistencia poderá mandar effectuar uma desinfecção pela policia sanitaria, local. A desinfecção será feita de accordo com o regulamento das desinfecções.

2) Se a desinfecção for muito dispendiosa em relação ao valor dos objectos, então a autoridade policial poderá ordenar a distribuição dos mesmos.

3) Contra a ordem da autoridade policial poderão ser usados os meios legais.

4) O protesto contra decisão da policia sanitaria não adia a execução das medidas prophylacticas.

9 — 1) A contribuição do medico de saúde publica para cumprimento destes decretos é gratuita.

2) A despesa de desinfecção corre por conta dos meios publicos.

10 — Será multado em MK. 1.500: (3 contos em nossa moeda):

1º — Quem deixar propositalmente de fazer as communicações dos paragraphos 1 até 3 desta lei, salvo o caso da comunicação ter sido feita em tempo por uma outra pessoa, responsavel ou mesmo por terceiro.

2º — Quem usar ou entregar a outros, objectos sujeitos a desinfecção pela policia sanitaria, antes da mesma se ter realizado.

Eis aqui, senhores academicos, o que vimos, ouvimos e observamos na Alemanha, sobre hygiene das escolas publicas.

Possam estes simples dados, sob o alto paranymphado desta Academia, ser lido pelos responsaveis dos destinos do nosso povo, de modo a que não estejamos no casulo dourado da nossa egolatria indigena, com uma cegueira criminosa, um desamor monstruosamente impatriotico, preparando uma patria que venha a servir de cobiça e presa facil a outras nações de povos cultos e fortes. ”

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito enviou á Mesa o seguinte requerimento. Cumprindo um dever de inteira justiça e interpretando os nossos sentimentos de representantes do magisterio catharinense apresentamos as moções incluídas ao presente requerimento, rogando que vos digneis acceita-las como homenagem de applauso e merito aos dignos senhores e estabelecimentos de ensino: dr. Achilles Galotti que, como proficiente medico e Director do Instituto Polytechnico tem conquistado um circulo de sympathias e firmes adhesões, pela competencia e zelo com que se tem conduzido como lente e chefe de um curso superior trabalhando com denodo juntamente com a illustradissima Congregação de abalisados cathédricos que muito recommendam o estabelecimento ao conceito publico, aos altos poderes do Estado e da Nação, bem como ao dr. José Arthur Boiteux, como seu insigne fundador, dr. João Candido da Silva Muricy, como dedicado e competente director do ensino profissional da escola de Aprendizizes Artifices,

que evidentemente tem trazido ao nosso meio os mais avançados beneficios, visto que se vão consolidando com verdadeiro aperfeiçoamento as energias physicas e moraes da nossa mocidade. Professor Laercio Caldeira de Andrada, um escol das bellas iniciativas, o elegante prosador, o jornalista intemerato que busca dividir o tempo, escudado no amor as letras e ao trabalho, vem dirigindo com alta visão de competencia e energia, o Instituto Commercial de Florianopolis, recommendado pela sua organização e fins, cujos beneficios tem trazido a nossa terra, os mais e os melhores fructos. Sala das sessões, 10-8-1927. Ass. — Beatriz de Souza Brito, Marcilio Dias Santiago, Luis Trindade, Egydio Abbade Ferreira, Emilia Gastão, Maria Amorim, João Tolentino Jr., Laura da Luz Montenegro, Antonio E. dos Santos, João dos Santos Areão, Frei Evaristo Schurmann, Antonio Gasparello, Adriano Mosimann, Maura de Senna Pereira, Catharina Demoro.

Posto em discussão e votação foi approvada sem debates.

Com a palavra a professora Maura de Senna Pereira, enviou á Mesa a saudação da Liga do Magisterio Catharinense, concebida nos seguintes termos: Em nome da Liga do Magisterio Catharinense, saudo fraternalmente os dignos membros da Conferência Estadual de Ensino Primario, pelas preciosas conlusões obtidas do estudo e consideração das varias theses apresentadas, visando o melhoramento do aparelho educacional da nossa terra, facto que marcará época da historia e na vida da Instrucção Catharinense. Salas das sessões, 10 — 8 — 27. Ass. — Maura de Senna Pereira.

O sr. dr. Presidente declarou que á mesa ficava inteirada do assumpto e agradecia.

Com a palavra o professor Orestes Guimarães justificou-se dizendo: Venho justificar uma homenagem que julgo deve ser prestada por esta Conferência a um grande morto, cuja memoria me é muito cara e muito cara deve ser tambem para todos aquelles que se dedicam ao magisterio. Quero referir-me a um homem que durante o Imperio occupou cargos de grande destaque em nosso Estado e que depois da proclamação da Republica os continuou desempenhando e exercendo. Refiro-me a Abdon Baptista, o iniciador em ponto pequeno do ensino em Sta. Catharina, e que, mais

tarde, Vidal Ramos, estendeu a todo o Estado. Enviou, em seguida, á Mesa o seguinte requerimento: Indico que esta Conferência, por intermedio de sua Mesa telegraphica ao Conselho Municipal de Joinville, communicando que ella lançou nas suas actas um voto de homenagem a Abdou Baptista como fundador do Collegio Municipal daquela cidade, o qual, por assim dizer foi o embryão da reforma do ensino estadual. Florianopolis, 10—8—1927. Ass. Orestes Guimarães.

Posto em discussão e votação foi approved sem debates.

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito enviou á Mesa o seguinte requerimento. Baseado num principio de inteira Justiça pela igualdade de direitos adquiridos e amor aos nobilitantes serviços prestados á causa da Instrucção, por uma pleiade de servidores que muito cooperaram para a grandeza do Brasil e o conceito da sua civilização no dominio das outras nações cultas, vimos mui respeitosa e dignissima Mesa da Conferencia Estadual de Ensino Primario para que, com carinho e interesse, extenda suas vistas á classe dos professores publicos municipaes do Estado, muito embora seja de outro plano de legislação e não mantida pelos cofres estaduais, mas que entretanto empresta o seu valioso concurso, preparando os futuros servidores da Patria, sujeita, não só ao Regulamento da Instrucção como parte integrante das inspecções escolares e disciplinares.

Solicitamos, pois, com a devida venia, a benevolencia dos dignos. Membros, para que amparem esta pretensão, aliás bem justa e intercedam junto ao Poder Legislativo, afim de que conste dos trabalhos daquela Casa uma lei que faculte aos professores municipaes a contagem do tempo de serviço para os effeitos de aposentadoria. Sala das sessões, 10—8—1927 Ass.—Beatriz de Sousa Brito, Luiz Trindade, Emilia Gastão, João Tolentino Jr., Marcilio Dias Santiago, Laercio Caldeira de Andrada, Albano Monteiro Espinola, Antonio E. dos Santos, João dos Santos Areão, Frei Evaristo Schurmann, Taciano Barreto do Nascimento, Adriano Mosimann e Maura de Senna Pereira.

Posto em discussão e votação foi approved sem debates.

Com a palavra a professora Maura de Senna Pereira, leu o seguinte requerimento: Á vista da brilhante actuação que nesta Conferencia tem exercido a garrida professora d. Ma-

ria Amorim requeremos: a) que seja incluido em acta um voto de alta homenagem a essa illustrada educacionista, que intelligentemente cooperou connosco para o exito dos nossos trabalhos; b) Que se telegraphica ao exmo. sr. dr. Protasio Alves, dignissimo Secretario do Interior e Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, apresentando cumprimentos ao magisterio riograndense e louvando a capacidade e o merito da sua illustre representante junto a esta Conferência. Sala das sessões, 10—8—1927. Ass.—Maura de Senna Pereira, Beatriz de Sousa Brito, Laercio Caldeira de Andrada Luiz Trindade, Oscar de Oliveira Ramos, Mâncio Costa, Marcilio Santiago, Catharina Demoro, Raja Gabaglia, Edmundo Moreira, Mario Garcia, Egydio Abbade Ferreira, Isaura Veiga de Faria, João Tolentino Junior, Adriano Mosimann.

Ainda com a palavra apresentou um segundo requerimento do teor seguinte: Requeremos que a Mesa da Conferencia represente ao Congresso Representativo do Estado solicitando que, na elaboração da lei do orçamento para o anno de 1928, os vencimentos das professoras, sejam equiparados aos dos profesoress. Sala das sessões 18—8—1927. Ass.—Maura de Senna Pereira, Catharina Demoro, Laura da Luz Montenegro, Maria do C. C. de Andrada, Emilia Gastão, Isaura Veiga de Faria, Beatriz de Sousa Brito, Maria Amorim, Floscula de Queiroz Santos, Josephina Caldeira de Andrada, Postos em discussão e votação foram ambos approved sem debates.

Com a palavra o professor Marcilio Santiago disse: Eu não posso deixar neste momento srs. Conferencistas, de pedir um pensamento de amor e de gratidão para que foi um dos maiores senão o maior dos politicos catharinenses: Lauro Müller.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão enviou á Mesa o seguinte requerimento: Requeiro á Mesa da Conferencia para que se digne officiar ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, solicitando os seus bons officios no sentido de ser concedido ás creanças pobres moradores no Continente, que frequentam as escolas na Capital, passagem livre na Ponte Hercilio Luz. Posto em discussão e votação foi approved sem debates.

Com a palavra o P. F. Xavier Zartmann disse: Tenho deante de mim o Diario Official de Minas Geraes com as resoluções tomadas no primeiro Congresso de Ensino realizado naquelle Estado Entre outras conclusões a que se

chegou encontram-se as que passo a ler "A figura incomparavel de Jesus Christo exerce uma seducção irresistivel no espirito das crianças. Devem, por isso, os livros escolares versar scenas da vida, milagres e pregações de Jesus Christo. As creanças em idade escolar procurar-se-á incutir a crença em Deus. A religião é o primeiro elemento de educação moral." Temos nestes dias homenageado varios vultos. Falta-nos, porem, homenagear ao educador por excellencia, motivo por que peço licença para enviar á Mesa a seguinte Moção: A primeira Conferencia de Ensino Primario de Santa Catharina, segundo o exemplo do primeiro Congresso de Instrucção Primaria do Estado de Minas Geraes, declara que por ser o ensino official leigo, não é atheu. Está intimamente convencido de que a religião é o primeiro elemento de educação moral e que a figura augusta do divino Redemptor mestre dos mestres, e o ideal mais apto para accender na alma da criança o amor a virtude. Sala das sessões, 10 — 8 — 1927. Ass — P. e F. X. Zartmann, Raja Gabaglia, Frei Evaristo Schurmann.

Posta em votação foi approved sem debates.

Com a palavra o professor João dos Santos Areão fez uma apologia calorosa de escotismo, expondo a vida dos mesmos em acampamento e provando que é uma escola para formação do caracter.

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira disse: Tem-se occupado até hoje esta Conferencia das questões referentes ao ensino. Ella, porem, não pode nem deve encerrar-se sem que aproveemos uma mensagem de saudação aos ministros catharinenses dr. Victor Konder, general Sezefredo dos Passos e almirante Pinto da Luz que tanto vêm honrando o nosso Estado nos altos cargos que actualmente lhes estão affectos. Posta em votação foi approved, sem debates.

Com a palavra o professor Marcilio Santiago pede que se lance na acta um voto de louvor aos governos municipaes e chefes escolares presentes á Conferencia pela solidariedade que prestaram a mesma. Posto em votação foi approved.

Passou-se então a segunda parte da ordem do dia. Entra em discussão o parecer n. 27. Com palavra o professor Marcilio Santiago este declara: O Regimento organizado pelo professor Orestes Guimarães prevê tudo quanto o parecer encerra acerca da these do professor Mosimann pelo que julgo superfluas todas as suas indicações. O n. 14 do

art. 279 do Regimento preenche de modo cabal. Ao organizarmos os nossos relatorios attendendo ao estipulado no alludido artigo, referimos nesse trabalho todas as necessidades attinentes acautelar os interesses do ensino. Explicou em seguida o seu modo de proceder quanto ás reuniões pedagogicas de que trata o regimento.

Com a palavra o professor Mario Garcia justifica, como membro da commissão que subscreve o parecer, o modo de pensar da mesma. Trocaram-se apartes entre o prof. Adriano Mosimann, Mario Garcia, Gustavo Gonzaga, Orestes Guimarães, e Marcilio Santiago.

Com a palavra o professor Adriano Mosimann justificou o seu ponto de vista ao elaborar sua these. Diz que seu intuito é fazer com que os professores se dediquem aos factos referentes ao ensino.

Com a palavra a professora Beatriz de Sousa Brito disse que depois de ouvir os prós e os contras devia manifestar sua opinião. Considera a these do professor Mosimann como um trabalho de grande valor achando porem desnecessario sobrecarregar os professores com mais serviço. Trocaram-se apartes entre a professora Beatriz de Sousa Brito, Adriano Mosimann, Laercio Caldeira, Luis Trindade, dr. Heitor Blum.

Com a palavra a professora Catharina Demoro declara que acha que se deva aproveitar as suggestões do prof. Adriano Mosimann para a elaboração dos relatorios annuaes, enviando á Mesa o seguinte requerimento: Peço á Mesa para consultar si os Conferencistas concordam que as suggestões feitas pelo professor Mosimann sirvam como guia na organização dos relatorios annuaes dos Directores dos Grupos. Sala das sessões, 10 — 8 — 27. Catharina Demoro. Posto o parecer em votação foi regeitado. Posta a emenda em votação foi approved. Entra em discussão o parecer n. 29 o qual depois de uma troca de explicações entre os professores João Areão, Orestes Guimarães, Raja Gabaglia, Barreiros Filho foi approved em votação nominal a primeira parte que approva o uso dos mappas e a emenda que foi tambem approved em votação nominal, manda usa-las nas escolas isoladas, sendo portanto regeitada a ultima parte do parecer. O dr. Raja Gabaglia fez declaração de voto favoravel a 1ª parte e á emenda.

Com a palavra o professor Orestes Guimarães pede á Mesa, a fim de satisfazer a uma determinação telegraphica do sr. Ministro da Justiça que lhe seja dada copia da referida These. O sr. dr. Presidente declarou que o pedido seria satisfeito. Posta em votação foi approved sem debates.

Entra em discussão o parecer n. 31

Com a palavra o dr. Edmundo Moreira borda em torno do mesmo varias considerações acerca do ponto de vista de sua These, produzindo uma brilhante oração. Posto em votação foi approved. Findo a ordem do dia o professor Laercio Caldeira de Andrada pede a palavra e pede á mesa para ser rendida uma homenagem em memoria dos educadores como Bueno de Gouvea, Francisco Octaviano do Livramento, Paulo Schieffler, Horacio Nunes, e José Brasilicio que foi approved.

Com a palavra o dr. Raja Gabaglia regosija-se com o triumpho da Conferencia e felicita Sta. Catharina, terminando: "Encerramos contentes estes trabalhos onde procuramos cumprir o nosso dever a bem da Republica e a bem do Brasil.

Com a palavra o dr. Cid Campos agradece dizendo: Srs. conferencistas. Ao encerrar os trabalhos da Conferência Estadual de Ensino Primario, cabe-me dizer, que o Governo do Estado, do qual tenho a honra de fazer parte, como Secretario do Interior e Justiça, manifesta por meu intermedio, a todos, vós, srs. conferencistas, o seu profundo penhor de gratidão e intenso jubilo pelo modo elevado por que acceitastes o convite que foi dirigido e pelo brilho que vosso talento e pratica das questões pedagogicas emprestaram aos estudos nella apresentado. Seja-me permittido destacar, nesta gratidão, os nomes aureolados dos professores Raja Gabaglia, e o da professora senhorita Maria Amorim nomes vencedores no magisterio da Capital da Republica e no Estado do Rio Grande do Sul e que trouxeram a esta Conferência pedagogica as luzes de seus lucidos talentos e os ensinamentos sabios de seus profundos conhecimentos. A todos, emfim e principalmente á commissão organizadora pelos esforços empregados para que a Conferência tivesse o brilho que alcançou os meus agradecimentos muito sinceros. Paraphraseando, srs. Conferencistas, um celebre orador luso, eu vos digo, para exteriorizar o quanto de gratidão ficastes merecendo ao Ensino Primario Catharinense, um termo muitissimo portuguez que é tambem muitissimo brasileiro: Obrigado, muito obrigado.

Com a palavra o professor Raja Gabaglia enviou á

Mesa as seguintes indicações: I — Proponho um voto de louvor, muito especial e sincero aos professores Mancio da Costa, Orestes Guimarães, Barreiros Filho e Luis Trindade organizadores do Regimento Interno e Theses da Conferência Estadual de Ensino Primario. A elle a gratidão da Conferência Estadual de Ensino Primario para cujo exito muito fizeram constituindo a commissão preparatoria dos nossos trabalhos. Sala das sessões, 10—8—27. Raja Gabaglia. Posto á votação foi approved. II — Ao apresentar a indicação que segue o dr. Raja Gabaglia declarou não haver necessidade de ser posta em votação, visto que estava assignada pela maioria dos conferencistas, o que provava ser a mesma um acto de justiça. Indicação — A conferencia de Ensino primario encerrando as suas sessões ordinarias, reitera as propostas que formulou ao encerrar os seus serviços de tudo envidar em prol do ensino e em beneficio dos mais altos interesses da cultura nacional. Insere, na sua acta final um voto de vivo louvor, á digna Mesa com os mais francos applausos á actuação serena e elevada do illustre dr. Cid Campos, o seu distincto Presidente e á cuja cultura e labor presta as melhores homenagens. Outrosim renova os agradecimentos sinceros ao preclaro Governador dr. Adolpho Konder, pela proficua iniciativa que teve de auscultar o magisterio de sua terra no intuito de por elle se orientar na solução dos problemas da instrucção em Sta. e Catharina. Sala das sessões, 10 —8—27 Ass. Raja Gabaglia Marcilio Dias Santiago, Heitor Blum, Hyppolito Boiteux Adriano Mosimann, Antonio Gasparello, Taciano Barreto do Nascimento, Guilherme Wiethorn Filho, Adolpho Silveira, Barreiros Filho, Luis Trindade, Catharina Demoro, Maria Amorim Floscula de Queiroz Santos, Maura de Senna Pereira, Laercio Caldeira de Andrada, Albano Monteiro Espinola, Oscar Ramos, Beatriz de Sousa Brito, Irmã Bernwarda Michele, Alfredo Xavier Vieira, Ary B. Machado, P. F. X. Zartmann, Isaura Veiga de Faria, Edmundo Moreira, Mario Garcia, João Tolentino Jr. Antes de encerrar a sessão mandou o sr. Presidente que lançasse em acta o seguinte: I — A Mesa da Conferência determina que se insira na ultima acta os francos agradecimentos da Conferência ao sr. Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz, redactor principal da « Folha Nova » pelo muito que trabalhou em prol do fim collimado pela mesma dando ampla publicidade aos seus trabalhos; II—A Mesa da Conferencia determina que se lance em acta os

agradecimentos da Conferência à Imprensa em geral pelas elogiosas referencias feitas aos seus trabalhos. III—A Mesa da Conferência delibera que constasse em acta os seus agradecimentos ao sr. Jocelyn Viegas pela dedicação e criterio com que se houve na transmissão do serviço telegraphico exterior da conferencia. Nada mais havendo a tratar o sr. dr. Presidente encerrou os trabalhos da presente sessão, convidando os Conferencistas para a sessão de encerramento ás 19,30 no salão de Sessões do Congresso do Estado. E eu, Luiz S. B. da Trindade 1º secretario da Conferencia Estadual de Ensino lavrei a presente acta Sala das sessões, 10 de agosto de 1927.—*Luiz Sanchez B. Serra da Trindade*, 1º Secretario

Acta da sessão de encerramento da Conferência Estadual de Ensino Primario

Aos onze dias do mês de agosto de 1927, na sala das sessões do Congresso Representativo do Estado, ás 19,30, perante os membros da Conferencia Estadual, de Ensino o sr. dr. Cid Campos, deu por iniciados os trabalhos da presente reunião. Feita a chamada verificou-se a presença dos srs. conferencistas: Dr. Cid Campos, professores Antonio Mâncio da Costa, Orestes Guimarães, Francisco Barreiros Filho, Luis Trindade Flordoardo Cabral, João dos Santos Areão, João Tolentino Jr. Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Tacio Barreto do Nascimento, Albano Monteiro Espinola, Guilherme Wiethorn Filho, Antonio E. dos Santos, Mario Garcia, Honorio Gomes de Miranda, Catharina Demoro, Adriano Mosimann, Hercilio Zimmermann, Cesar Augusto de Carvalho, Antonio Gasparello, Germano Wagenfuhr, Marcilio Dias Santiago, Gustavo Gonzaga, Adolpho Silveira, Egydio Abbade Ferreira, P. e F. X. Zartmann, Frei Evaristo Schurmann Irmã Bernwarda Michele, dr. Fernando Raja Gabaglia, Oscar Ramos, Achilles Galotti, Edmundo Moreira, Alfredo Araujo, Carlos Corrêa, professora Maria Amorim, Laercio Caldeira de Andrada, Isaura Veiga de Farias, Alfredo X. Vieira, Maura de Senna Pereira, Josephina Caldeira de Andrada; Capm. Marcilino Coelho, Cirurgião dentista Ary B. Machado, Cel. Hyppolito Boiteux, dr. Heitor Blum, Major José Koerig, Cel. Marcos Konder, Francisco Alencar

de Azambuja, Henrique Bruggemann, Emilia Gastão, Maria do Carmo Caldeira de Andrada, Laura da Luz Montenegro. Foi lida e aprovada sem debates a acta da sessão anterior. Em seguida o sr. dr. Presidente nomeou as seguintes commissões: I—Para organizar as conclusões das Theses e Pareceres da Conferencia: Antonio Mâncio da Costa, Luis Trindade, Orestes Guimarães, João Tolentino Jr., Laercio Caldeira de Andrada, Barreiros Filho; II—Commissão para recepção dos convidados: prof. Albano Monteiro Espinola, Mario Garcia, Catharina Demoro, Maura de Senna Pereira e Beatriz de Souza Brito, III—Commissão para receber o exmo. sr. dr. Governador; Cel. Hyppolito Boiteux, Prof. Honorio Gomes de Miranda, Guilherme Wiethorn Filho, e Heitor Silveira. Em seguida o sr. dr. Presidente suspendeu a sessão para se aguardar a chegada do exmo. sr. dr. Governador. Tendo assumido a presidencia o sr. dr. Adolpho Konder declarou iniciados os trabalhos da sessão de encerramento da Conferencia.

Com a palavra o professor Mâncio Costa, pronunciou o seguinte discurso:

« Exmo. Sr. Presidente do Estado. Sr. dr. Secretario do Interior e Justiça. Srs. Conferencistas. Chegados ao término de nossos trabalhos em prol da resolução dos problemas mais instantes de educação e instrução da infancia; estudado á luz das modernas correntes pedagógicas a processuação de vários methodos de ensino; analysadas e esmerilhadas as falhas de nosso aparelhamento escolar, na excellente complexidade do systema educacional, que, de há muito, nos eleva no conceito da União; — vimos a V. Exa. prestar conta de quanto realizámos nestas memoraveis sessões da Conferência estadual de Ensino Primário.

A sciencia de instruir e de educar, em todos os tempos, mereceu a attenção e o estudo dos homens públicos e o carinho e a prégação dos pensadores.

Condoreet a quem Voltaire chamára *o meu caro mestre* affirmou algures « as nações que avançam através dos séculos têm necessidade de uma ins-

trução que, renovando-se e corrigindo-se sem cessar, segue a marcha do tempo; a prevê algumas vezes e não a contraria nunca.

Pensando assim, V. Exa. reuniu nesta Capital, em assembléa deliberativa, o professorado estadual e os elementos mais seléctos do magistério de outros estados da Federação, afim de, ouvindo-lhes suggestões e idéias, e apreciando-lhes os fructos da experiencia profissional, dotar o nosso systema de educação, com os processos mais vitaes da pedagogia hodierna.

Multiplos e preciosos problemas foram senão résolvidos, ao menos estudados e esclarecidos nesta Conferencia.

A generalização do methodo analytico ás escolas ruraes mereceu dos senhores Conferencistas, a attenção e o estudo, que se devem a assumpto de tanta relevancia, para a diffusão mais rapida e efficiente do ensino, ficando assente, em brilhante parecer da educadora gaucha, professora Maria Amorim, que fosse installado e annexado á Escola Normal, um curso de applicação, onde se preparem as futuras professoras, para tal fim.

Os programmas constantes das varias disciplinas do curso primario foram versados com maestria e carinho; suggestões valiosissimas, taes como as do sr. professor Raja Gabaglia, ácerca do ensino de geographia e da cartographia, são de util, necessaria e immediata execução.

A' inspecção escolar — pedra de toque — por onde se afere o equilibrio e se constata o rythmo do nosso systema educacional, coube tambem reparo de ordem technica e administrativa que, aproveitado, muito e muito melhora o funcionamento da escola, assegurando a sua finalidade.

Não passaram despercebidos dos senhores Con-

ferencistas as lacunas inda existentes em nosso Ensino Publico.

Assim é que, percebendo elles a falta de articulação entre varios graus da escala escolar, suggerem a criação inadiavel dos jardins da infancia; e como previo preparó para a sua consecução, aventam a idéa de se contratarem, fóra do Estadó, professoras capazes de os dirigir.

Mais ainda: O curso de nossa Escola Normal foi julgado defficiente e carecedor de disciplinas, que em muito virão especializar o preparo das nossas professoras, dilatando-se lhes o curriculo de tres para quatro annos.

A hygiene esclar, principalmente nas zonas ruraes, onde grassam as endemias que desfibram e anniquilam a primeira infancia, — ventilou os meios mais seguros e modernos, para coactar-lhe o seu poder malefico, traçando-lhe a prophylaxia.

A fuga de menores ás escolas publicas, ou particulares, nas zonas onde mais intenso é o trabaho fabril, encontrou no parecer altamente juridico do sr. dr. Edmundo Moreira, a resolução mais efficiente e prompta.

Versou-se, tambem, com galhardia e patriotismo, o problema da nacionalização do ensino, a que o parecer criterioso e excellente do sr. professor Mosimann deu esclarecimentos e suggestões cabaes.

E como remate a tanto labor proficuo, quizeram os illustrados Membros desta Conferencia ficassem assentados os meios de ensino para o estudo de historia patria e educação moral e civica, porque com elles é que se formam o character e a alma do brasileiro de amanhã.

E' pois, o que eu tenho a dizer a v. excia; acerca de nossos trabalhos.

Se não soubessemos sobejamente a abnegação e

o patriotismo que assistem á esclarecida orientação politica e administrativa de V. excia; esta Conferencia nol-o diria.

Não ha gesto mais altruistico, nem appelo mais patriotico.

O professor não é só o sementeiro da maravilha do abc: é o formador de caracteres, e, sobretudo, a alma da nacionalidade!

E V. excia. o sabe; e por isso v. excia. os reuniu!

Muito obrigado a V. excia. pelo estímulo e pela confiança a elle dispensados!»

Com a palavra o professor Orestes Guimarães disse mais ou menos o seguinte:

«Senhor Presidente do Estado! Ao encerrar-se a Conferencia Estadual de Ensino Primario, neste grande e prospero Estado, a que tenho dedicado parte de minha vida, e, ao qual depois do meu, tanto amo, tenho de congratular-me pelo exito da Conferencia, cujos resultados não podiam ter sido mais brilhantes nem mais beneficos.

Mesmo a respeito da Nacionalização do Ensino, as theses apresentadas foram de tal ordem dignas de apreço, que, encarregado por s. ex., o sr. Ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, de relatar o que por ventura observasse, devo confessar que me sinto satisfeito.

A nacionalização do ensino, meus senhores, é o que mais se prende á estrutura da nossa nacionalidade nascente. O maior castigo dado á humanidade foi a construcção da Torre de Babel, de onde proveio toda a confusão ainda hoje existente entre homens.

Todos devem pugnar pelo grande ideal da nacionalização, pois como bem disse Olavo Bilac, *a lingua é o expoente excelso das nacionalidades.*

Eu reclamo a primasia dessa santa cruzada a um grande vulto que a terra ha muitos annos guarda em seu seio. Eu reclamo a primasia desse patriotico ideal para o grande paulista que se chamou Bernardino de Campos, o qual, tendo como secretario Alfredo Pujol, foi quem no Brasil primeiramente tratou da Nacionalização do Ensino.

Em virtude de embates formidaveis, não poude ella ser posta desde logo em execução, tendo, porém, chegado ao seu apogeu, em 1901, sendo presidente do Estado de São Paulo, o actual Presidente da Republica, sr. dr. Washington Luiz.

Santa Catharina não pode olvidar de modo algum aquelles que mais batalharam para a conquista desse ideal, como Abdon Baptista creando em Joinville o Collegio Municipal; Vidal Ramos os Grupos Escolares; Felipe Schmidt as Escolas Reunidas, e, por fim, em 1918, o saudoso dr. Hercilio Luz installando nas zonas ruraes nada menos de 190 escolas.

E quantas lutas surgiram para se chegar a tal *desideratum*? Entretanto, o governo de Santa Catharina não poz em pratica tal medida para combater esta ou aquella lingua, fel-o, sim, unicamente, com o alevantado intuito de propugnar pela difusão da lingua vernacula.

No exercicio do cargo de Inspector Federal das escolas subvencionadas, desde o primeiro dia, tive a noção exacta do que me cumpria fazer em prol dessa cruzada, podendo servir de testemunha do modo como encarei tão importante questão, o sr. dr. Henrique Fontes, que, em 1919, exercia as funcções de Director da Instrucção Publica.

Desde os primeiros dias pugnei por que os mestres conhecessem a lingua das creancas que iam educar; formei uma pleiade de evangelisadores

que se não têm nomes conhecidos fóra das zonas que regem, são dignos de ser notados pelos relevantes serviços prestados ao ensino.

São justos, justissimos, Sr. Presidente, que quando tenha de historiar ao Sr. Ministro da Justiça, em obediência ás instrucções que recebi, o que foi esta Conferencia, eu saliente, além de tudo mais, a vossa condescendencia, propria de um grande liberal e de um grande democrata, honrando-nos com a vossa presença nas sessões realizadas e dizendo-nos: discutam á vontade.

Se dado me fosse pedir qualquer coisa a esta Conferencia, eu solicitaria mais uma vez, que não se olvidasse jamais 11 de Agosto de 1927, dia de luzes para o Paiz e de glorias para Santa Catharina.

Que este Congresso se repita e que este exemplo prolifere são os nossos votos mais ardentes e mais sinceros».

Com a palavra o professor Adriano Mosimann, leu o seguinte discurso:

« Exmo. sr. dr. Adolpho Konder, dignissimo governador do Estado!

Exmo. sr. dr. presidente.

Srs. conferencistas.

A grandeza mental e moral deste selecto auditorio ainda mais reduz a figura já em si insignificante, do modesto orador que, em nome do professorado primario estadual, tem a subida honra de cumprimentar na pessoa do exmo. sr. dr. Adolpho Konder, não só o administrador criterioso e competente, o dirigente modelar, mas tambem e sobretudo, o maior dos professores catharinenses, o mais habil pedagogo social. Pela maneira integra e admiravel com que desempenha a dupla função de

amigo sincero de seu povo e de guia esclarecido da actual geração, e ainda, pelo poder convincente do bom exemplo, tornou-se s. exa. o educador por excellencia da familia catharinense, a qual vai conduzindo de victoria em victoria, na campanha pacifica e gloriosa em prol do progresso e da civilização. Exmos. srs.! Meus caros irmãos em pejeja! Quando, nas sessões desta Conferencia, em boa hora convocada pelo exmo. sr. dr. Governador, eu assistia ao entrechoque tremendo das idéas, no relampejar rutilante de intelligencia, ao fulgor grandioso e inabalavel dos argumentos; quando, no afan de bem servir á santa causa do ensino, nós, humilde grupo de operarios intellectuaes, nos degladiavamos com a mais sublime das armas — a idéa, pela mais sublime causa — a educação, o meu coração de professor, embora muito sem merito, experimentava uma sensação extranha, um mixto de entusiasmo e de respeito, respeito de quem se aproxima de um tabernaculo. E' que ali se agitava, na onda impetuosa da discussão com toda a sua pujança, com todo o seu heroismo, a nobre alma do professorado catharinense, que se debatia no oceano da sciencia pedagogica, em busca da verdade.

Foi este o nosso escopo, foi este e não outro o objectivo dos calorosos debates que se travaram nesta Conferencia. E si, lá fóra, os descrentes, os scepticos, ousarem pôr em duvida os resultados deste Congresso, poderemos affirmar com orgulho, com a convicção de quem proclama a verdade, que o professor catharinense já não é uma energia perdida, isolada no deserto do desamparo, e sim uma potencia, uma força destruidora das fortalezas do mal, da ignorancia e do crime.

Eis á obra incontestavel desta Conferencia,

para cujo encerramento nos achamos aqui reunidos. Ao exmo. sr. dr. Adolpho Konder, que a convocou e que, por varias vezes, se dignou abrilhantala e prestigiala com a sua augusta presença; ao exmo. sr. dr. Cid Campos, que tão dignamente a presidiu; á insigne commissão de pedagogos, que a organizou peço licença para, em nome dos meus collegas do Estado, render o preito da nossa maior gratidão e do não menos profundo reconhecimento,

Ainda falta inclinar-me diante dos exmos. srs. educacionistas d. Maria Amorim e Raja Gabaglia que vieram, com a sua apurada cultura e elevado saber em assumptos de ensino, trazer ao nosso Estado as luzes de suas fulgurantes intelligencias, confraternizando connosco na mesma harmonia de idéas, na mesma lucta pelo ideal commum — o engrandecimento da nossa querida Patria, pelo exterminio do analfabetismo. E terminando faço os melhores votos para que esta Assembléa Pedagogica sazone os melhores fructos.»

Com a palavra o professor Laercio Caldeira de Andrada, pronunciou o seguinte discurso:

« Exmo. sr. governador do Estado; sr. Presidente da Conferencia do Ensino Primario e meus senhores.

Em toda parte do mundo, nestes dias que correm, floresce e fructifica, no ânimo das nações, o proposito de alicerçar sua grandeza na educação popular; e onde mais fundo penetra no ânimo dos governos o desejo de fazer a gente livre e a terra próspera, os cuidados escolares tomam a frente a outros cuidados administrativos ».

Assim falou o principe dos pedagogos paulistas, João Toledo.

V. exa. sr. dr. Adolpho Konder, no desejo de

fazer a gente livre e a terra próspera no Estado que v. exa. governa, appellou para os mestres e collocou os cuidados escolares á frente de outros cuidados administrativos.

A v. exa., pois, a primeira palayra de louvor e gratidão da Conferencia Estadual de Ensino Primario.

Sr. presidente.

Mandaram-me aqui, honrando-me, os membros desta Conferencia para que eu dissesse ao governo do Estado na pessoa illustre do sr. dr. Secretario do Interior e Justiça, palavras que procurassem traduzir o quanto de luz inundou o nosso espirito e o quanto de conforto sentiu o nosso coração nesses dias em que, reunidos sob a presidencia e orientação de v. exa., exercemos com inteira liberdade, no desejo governamental, a critica pedagogica sobre o ensino publico catharinense.

Ainda João Toledo, terminando o seu pensamento, que citei diz: as administrações, convencidas de que só ha um caminho para a felicidade dos povos, appellam bara os mestres, cujos serviços reclamam, e estes iniciam já a luminosa cruzada.»

O governo do Estado, que em tão alta valia tem « a função social da educação publica » e que já declarou que « cabe ao mestre-escola um papel importantissimo na estruturação mental da nacionalidade », appellando, como fez, para os mestres, firmou, por certo, sua convicção de que só ha, dentro das administrações publicas, sò ha um caminho para a felicidade do povo, para fazer a gente livre e a terra próspera, este: — o apostolado do ensino.

Quero salientar, sr. presidente, que esta é a mais confortadora impressão que nos ficou destes dias sadios da Conferencia. Sim, quando o modesto professor na sua sala de aulas tem a certeza de que

os altos poderes publicos nelle confiam e delle esperam, como « os abridores de novas perspectivas de engrandecimento e de valor para o nosso povo e o nosso Estado », esse homem como que sente ampliadas as suas energias, mais apurado o seu sentimento de mestre, mais firmadas as raizes do seu apostolado.

* * *

E se essa é a impressão precipua, outras ha que perdurarão como fôcos irradiantes de vitalidade e enthusiasmo, quando nas horas amargas e tristes, por que ellas virão sem duvida, sôffrer o professor as injustiças do meio, a má fé de uns, a ignorancia de outros, soffrer as pedradas inevitaveis a todos os apostolados.

Radicado ficou na consciencia de todos nós a função social da educação publica e o valor do mestre como elemento apreciavel na formação da mentalidade nacional. E aprendemos na liça dos debates, nos torneios preciosos de pontos de vista pedagogicos, nas pugnas das discussões onde cavalheiro de elmo d' aço puxaram espadas de experiencia de encontro a broqueis e escarcélos de outras experiencias aprendemos, sr. presidente, o valor da lingua, o valor da historia, o valor da geographia; e mais, a necessidade dellas não só constarem nos programmas, mas, que, como, já foi salientado, « ellas borbulhem vivas nos labios dos mestres, saturem o ambiente escolar e penetrem com suavidade e agrado, na mente e no coração dos pequeninos estudantes, enchendo-os de imagens bellas e de sincera alegria por haverem nacido neste pedaço do mundo ».

Essas, sr. presidente, as mais excellentes das

muitas impressões que guardaremos como estimulo e conforto quando nos afastarmos daqui.

Sr. presidente. Recordar-nos-emos sempre das palavras de s. ex. o sr. dr. governador do Estado quando disse, ha dias, que o ensino convem seja um complexo de processos tendentes a desenvolver todas as virtualidades animicas e physicas da crianças educando-lhe o coração, o cerebro e as mãos, para formar-lhe a intelligencia, o character e a aptidão creadora. E mais: « Assim, educando e instruindo, formando o cerebro e o coração dos homens — intervem o mestre na estruturação mental e moral das nações. »

Está traçado com precisão o programma e a pontada com segurança, a sua finalidade.

* * *

Atravessamos uma epoca de toques de rebate a campanhas luminosas. Miguel Couto, (nome que pronuncio neste momento sentindo as vibrações de respeito e veneração que brotam do espirito de todos vós) Miguel Couto ja lançou o grito: *Brasileiros, pensae na educação!* E citando os Estados Unidos, a quem chama a nação mas prospera sobre a face do globo, relembra as palavras do seu grande presidente: « Não se admire ninguem de ver a America do Norte tranquilla emquanto o resto do mundo se atormenta. Esta gloria a devemos aos nossos collegios e ás nossas universidades » E Miguel Couto, o grande sabio americano, termina o seu appello dizendo:

« Não ha grande povo que não possua grande saber. Nós tambem seremos um dia grande povo; mas emquanto não chega o redempção do Brasil pela cultura dos seus filhos, continuemos a gritar para todos os lados, entre alternativas de fé e de

desalento, anciosamente: *Brasileiros pensae na educação?*

Mas já é tempo, srs., de o Brasil ser um grande povo. Já é o dia, senhores, de haver um synchronismo entre o homem e a terra. A belleza de uma ao par da cultura do outro.

Ah! As bellezas do Brasil!

Caminha, na carta a D. Manoel de Portugal noticiando o esplendido achado diz que «a praia é muito formosa, com arvoredo tanto, tamanho e tão basto e de tantas plumagens que não póde o homem dar conta».

Um velho historiador, Rocha Pitta, na Historia da America Portugueza, affirma que o Brasil é um «felicissimo termo, em cuja superficie tudo são fructas, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas.

«Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella aurora.

«A formosa variedade de suas formas, na conformação das praias, compõe uma tão igual harmonia de obejtos que não sabem os olhos onde melhor possam empregar a vista.»

E o homem?

Vivendo no meio desses esplendores o homem não se coordenou ainda á grandesa natural da sua terra. Hoje diz illustre educacionista, nossa gente sem unidade racial, è u'a mescla de côres, de aspectos physionomicos, de proporções corporeas, de tendencias sociaes, de sentimentos e de ideias que, como colcha de retalhos berrantes recobre todo o paiz.»

Urge, entretanto, o trabalho patriotico desta ascensão do homem pela cultura á belleza prodiga da terra.

Carneiro Leão, já apontou a necessidade de organizarmos o Brasil, e já nos disse que dos mestres, «do professorado intelligente e pratico,

conhecedor dos processos modernos de educar affeito á faina dignificadora de fazer individualidades fortes e aptas para,—a vida è que e vae depender grande transformação social que desejamos.»

* * *

Vou terminar, sr. presidente.

Alberto de Oliveira numa orde civica, professa com amor uma lição de Patria. Elle a figura, a Patria, prostrado gigante, indifferente, sob um céu festival entre mattas virentes, a ouvir como elegia o chorc das correntes. Tudo ao trabalho o incita e o chama: humus no chão, calor no sol, seiva em caules, perfume em flor, voze o em aguas e arvores. E elle, o gigante, resupino, descuido so, dorme.

Vem o sol e diz-lhe: Accendi por estes céus escampos meus raios de mais luz para dourar-te os campos. Meu escritorio de rei ficou sem esmeraldas pois todas espalhei nas fraldas de teus serros e em teus bosques sombrios. Ergue-te! é dia ha muito! Amanhã essas campinas, semeia-as faze ouvir as tuas officinas, roqueje a forja, cante a serra, estronde o malho! E grato me ha de ser, baixando no horizonte, beijar num raio extremo o suor de tua fronte e abençoar-te o trabalho!

Vem o mar e diz-lhe: Dormes? Que dormir será esse? Accorda!

Das riquezas que tens carrega as minhas vagas, anima com trabalho estes portos e plagas, sae do topor, do somno!

Vem a terra e diz-lhe: Não beija o mar, o Sol não banha outra, como eu, tamanha em viço e em riquezas. Desperta! Talha com alvião as minhas carnes vivas, rodem por sobre mim as tuas locomotivas, mas vive, mas trabalha!

E é em vão o apello! Em meio as pompas e esplendores desta America, sobre um estendal de flores decahida a cabeça, o thorax arquejante, ou doente ou a dormir—jaz prostado o gigante

E havemos de o deixar nesta inacção nefasta em que todo o vigor lhe adormenta e gasta! pergunta o poeta.

Não! Quente sangue ainda em suas veias bate. Quebremos o deliquio ou morbidez que o abate, ergamos o Brasil!

* * *

Sr. Presidente.

E' sobre a impressão desse convite do poeta e aquelle do sabio, para a redempção do Brasil pela cultura dos seus filhos, que vou dizer a v. exa. a minha ultima palavra:

Anima-nos o conforto do governo, aquece-nos a chamma viva da nossa missão de luz; voltamos aos nossos grupos, retornamos ás nossas escolas amparados neste conforto, illuminados nesta luz; e ali, obreiros humildes, dentro das nossas salas de aula, formando o cerebro e o coração dos nossos alumnos, promettemos ser verdadeiramente, na expressão do dr. Adolpho Konder, aquelles que apostolizam o ensino em S. Catharina!

Com a palavra o exmo. sr. dr. Governador do Estado Adolpho Konder, pronunciou encerrando os trabalhos da Conferencia Estadual de ensino Primario, o seguinte discurso:

Senhores Conferencistas. Meus Senhores. Não fosse eu politico e, como tal, habituado a excessos de prudencia e a contar tambem e muito, com o veto inappellavel do tempo, annuciar-vos-ia agora a convocação de um segundo congresso pedagogico, a reunir-se, nesta capital, daqui ha dous annos.

Fica em todo o caso expresso aqui esse pro-

posito, que realisarei, si para tanto me soubrar vi da e saude.

Senhores!

Está encerrada a primeira Conferencia de Ensino Primario em Santa Catharina, e portanto, srs Conferencistas, finda, com inexcedivel successo, a alta e afanosa missão que aqui vos trouxe reunidos.

Agradeço-vos a solicitude com que acudistes ao meu convite e mais ainda o valioso concurso prestado ao meu governo.

Apurada assim, a lição da experiencia esquadrihados e revistos os programmas, feitas sugestões aconselháveis, e firmada, em difinitivo, a directriz a seguir em materia de ensinaça publica, resta-nos agora agir.

Agir rijamente agir com a fê vivissima agir com o entusiasmo recto e atrevido de quem sae a evangelizar as gentes, na predica de um credo libertador.

Sim! Não comprehendo o professor funcionario publico apenas, e nem creio que alguem ensine tão somente por dinheiro, porque o dinheiro não basta para compensar o mestre das injustiças e dos trabalhos insanos da aula e muito menos para remunerar o beneficio da instrucção ministrada.

Com que então, libertar o cerebro do carcere da ignorancia; com que, então, desenclaustrar a intelligencia; com que então, romper a muralha chinesa do analphabetismo; com que, então, dar ao homem discernimento e educar-lhe a vontade è lá cousa que se pague em moeda corrente?

Certo, que não!

A instrucção não constitue mercadoria que se pese na balança dos valores materiaes para que possa ser estimada em oitava de ouro sonante.

E o professor deve ser menos um empregado publico, do que um apóstolo que trabalhe — não pela paga recebida, mas sim na evangelisação de um credo, na propaganda de uma religião: — o credo do ABC, a religião da cultura.

Mestres, amigos, apóstolos!

Entrego-vos a defesa da causa do ensino, em Santa Catharina; confio-vos o futuro da nossa terra e da nossa gente.

Zelai pelo patriocinio dessa causa sagrada e pelo immenso cabedal confiado.

Sêde os cruzados dessa terra Santa: — a terra da Redempção pelo saber.

Combatei o bom combate—bravamente, fulgurantemente—instruindo, esclarecendo, educando: para elevar o homem em dignidade e valor, na gloria immortal do pensamento humano.»

E, eu, Luis Sanches Bezerra da Trindade, 1º. secretario da Conferência, lavrei a presente acta.

Florianopolis, 11 de agosto de 1927. — (ass.) *Luis Sanches Bezerra da Trindade*, 1º Secretario.



V

Theses e Pareceres

COPIA DA THESE N. 11

Conferência do Ensino Primario de Sta. Catharina

JULHO E AGOSTO DE 1927

Primeira These:

Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?

Apresentada pelo professor ADRIANO MOSIMANN, Director do Grupo Escolar Luis Delfino e da Escola Complementar annexa de Blumenau.

I

Conferência do Ensino Primario de Santa Catharina

JULHO E AGOSTO DE 1927

PRIMEIRA THESE: — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?

Creio, que não foi sem intuito, que o organizador do Regimento Interno desta Conferência do Ensino Primario de Santa Catharina, o muito illustre professor Orestes Guimarães, preclaro Inspector Federal das Escolas Subvencionadas deste Estado, collocou em primeiro lugar a these acima, que se compõe de duas questões distinctas, embora estreitamente relacionadas entre si:

Primeira questão: — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico?

Segunda questão: — Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?

O grande pedagogo, penso, procedeu assim na classificação das theses, porque visava dar a cada assumpto o lugar que pela sua importancia, lhe convem.

E' fora de duvida que, no quadro das disciplinas ensinadas nas nossas escolas, cabe o lugar de honra á leitura. Ella é o alpha e ómega de todo o ensino, a condição para a aquisição de todos os outros conhecimentos.

Por isso, é importante saber qual o processo mais economico e, sobre tudo, o mais proficiente para o ensino desta disciplina fundamental, que é sem exaggero, a chave de ouro que abre as portas da Sciencia.

Examinemos, pois, uma a uma, as duas questões constantes da presente these:

Primeira Questão: Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo Methodo Analytico?

Prevenção contra este methodo

Tem sido muito combatido este methodo do ensino da leitura. Mesmo pessoas cultas—e outros que o julgam ser têm-me dito, que o methodo, pelo qual se ensina a leitura nos Grupos, não dá resultado, porque os pequenos só lêem sentenças, mas não conhecem uma só letra.

Observações dessas são geralmente, feitas nos primeiros meses do anno lectivo, quando os alumnos estão na phase da sentencição.

E' difficil persuadir o reclamante das reaes vantagens deste methodo, porque essas só podem ser explicadas á luz da Psychologia, sciencia quasi desconhecida em nosso meio.

O professor habil defende-se, dizendo que mais tarde o alumno aprenderá tambem as letras, etc. mas não consegue dissipar as duvidas e desconfianças do pae, aferrado ao methodo da soletração, pelo qual aprendeu. Só no fim do anno lectivo é que o responsavel pelo alumno se convence da utilidade do methodo; e isso no caso do alumno ser aprovado no exame final da classe.

Essa prevenção contra o methodo de que tratamos, por parte dos paes dos alumnos, é a mesma que se oppoz a todas as innovações: ora, revoltando-se contra a vaccina obrigatoria e locomotiva, ora, revoltando-se contra a vaccina obrigatoria e as prescrições relativas á hygiene. E' prevenção oriunda, sempre, da falta de comprehensão dos motivos das innovações.

Razão de ser da primeira parte desta these

O que acima disse, fi-lo para demonstrar a razão de ser da primeira parte desta these, evidenciando a necessidade de destacar as innumeradas vantagens que auferem—o professor e alumnos—do ensino da leitura pelo methodo analytico.

Antes, porem, de entrar no assumpto propriamente dito desta these, estudemos, de relance, os principaes methodos até hoje estados em uso.

Methodos de leitura

Segundo Emerson E. White, autor d' «A Arte de Ensinar» todos os methodos de leitura conhecidos, alguns dos quaes já quasi completamente abandonados, tem sua origem em duas opiniões fundamentaes distinctas:

A primeira opinião considera a leitura como a arte de reconhecer, successivamente, as palavras escriptas ou impressas, pronunciando-as correctamente.

A segunda opinião a considera como a arte de assimilar o pensamento contido nas palavras escriptas ou impressas, exprimindo pela leitura oral o pensamento e o sentimento das mesmas apprehendidos.

Da primeira opinião nasceram:

Methodos nascidos da 1ª. opinião

- a) O methodo do a, b, c;
- b) " " syllabico;
- c) " " phonetico;
- d) " " synthetico.

São da segunda opinião:

Methodo da 2ª opinião

- a) O methodo da palavração;
- b) " " sentencição;
- c) O methodo intuitivo.

Os Methodos oriundos da primeira opinião

a) O methodo do a, b, c, ou alphabetico considero a palavra um conjuncto de determinadas letras. Por esse methodo as letras g, a, t, o, pronunciadas successiva e rapidamente, dão a palavra gato. Esta affirmção não é porem,

exacta, pois, "g" mas "a" mas "t" mas "o" dão *geatco* e não gato.

Esse methodo ainda tem o inconveniente de induzir o alumno a concentrar demasiadamente, a sua attenção sobre as letras e palavras, sendo, *ipso facto*, prejudicada a apprehensão do pensamento.

b) O methodo syllabico parte da syllaba, com a qual vae compondo palavras. E', portanto, como, aliás todos os methodos gerados da "primeira opinião" synthetico.

Tem o inconveniente de não permittir ao alumno uma leitura corrente, preocupado como elle está, sempre, com a composição das palavras as quaes forma juntando as syllabas, á medida que as reconhece e lê. E' *mutatis mutandis*, o mesmo defeito do methodo alphabetico.

c) O methodo phonetico ou phonico vê na palavra um conjuncto de elementos phoneticos. Nelle o alumno aprende a associar os sons das letras com as suas formas.

Como as palavras não são sempre, exactamente, o conjuncto dos sons de suas letras, segue-se que esse methodo é defeituoso e, embora adoptado, no seculo passado, na Inglaterra e nos Estados Unidos, cahiu em desuso, provavelmente em virtude desse mesmo defeito.

d) O methodo synthetico ensina a palavra pela synthese de seus elementos phonicos. Serve-se dos signaes diacriticos para indicar a pronuncia de palavras, os sons das vogaes, as letras mudas, etc. Os alumnos se tornam, por esse methodo, habéis na pronuncia de novas palavras, mas é só para estas que converge a sua attenção, sendo indifferentes quanto ao pensamento expresso.

Apreciação sobre os methodos syntheticos

Como acabamos de ver, os methodos da «primeira opinião» são todos syntheticos. Ora, a Pedagogia moderna, estribada em dados seguros da Psychologia Infantil, condemna, e com razão, o emprego de todo e qualquer methodo synthetico, no primeiro anno preliminar.

Não resta a menor duvida, que tambem só a analyse não seria sufficiente, pois, em regra, quem analysa, precisa, tambem, synthetizar.

O principal papel, no ensino ministrado aos principiantes, deve, porem, caber ao methodo analytico, que parte de *un todo concreto*, para a parte abstracta e artificial.

Todos os citados methodos syntheticos ainda peccam, uns

mais outros menos, por darem mais importancia á palavra material escripta ou impressa, do que à idéa que ella encerra.

Por isso, a leitura se torna fria, sem vida, sem expressão e sem sentimento. O alumno lê e não comprehende. Não pode portanto, ter amor á leitura.

E', talvez, a isso que devemos attribuir a falta de gosto e de interesse pela leitura, da grande massa do povo brasileiro. *A missão da escola é preparar o alumno para a vida e, sendo assim, devemos dar, aos nossos educandos, a condição para o aperfeiçoamento posterior, que consiste, antes de tudo, na possibilidade de se instruirem pelo livro, qualquer que seja o ramo de actividade a que elles se dediquem, depois de deixar a escola.* Precisamos, pois, ensinar a ler e comprehender.

Mas não basta só isso; é necessario que o ensino dessa disciplina seja attrahente, para que o alumno sinta o prazer em ler, para que a leitura se lhe torne uma necessidade, uma condição para o bem-estar.

Pelos defeitos que, na pagina anterior, tive ensejo de apontar, os methodos syntheticos. parece-me, não se recomendam para se alcançar esse desiderato, que só se pode conseguir por um dos methodos analyticos, dos quaes falei a seguir.

Os methodos oriundos da segunda opinião

a) O **methodo da palavração** toma base de operação a palavra, por ser esta a expressão verbal ou escripta da idéa.

Usado exclusivamente esse methodo não dá resultado, embora apresente algumas vantagens apreciaveis. Os alumnos terão sempre difficuldades em ler e formar palavras novas e as letras são, em geral, despresadas, do que resulta o terem os alumnos, nos seus trabalhos escolares, orthographia pessima.

b) O **methodo de sentenças, tambem chamado da sentencição** estuda a sentença como um todo. Conhecido certo numero de sentenças, o alumno aprende a distinguir as palavras, mais tarde as syllabas e, por fim, as letras, sendo que, primeiro as vogaes e depois as consoantes.

E' o methodo analytico por excellencia, embora não seja applicado por um processo genuinamente analytico, como evidencia o quadro synóptico, a pagina.

Ha o emprego da synthese: na « palavração » (formação de sentenças com palavras já conhecidas pelo processo

da analyse), e na phase da « syllabação ». (Composição de palavras novas com syllabas aprendidas pelo mesmo processo.)

c) O **methodo intuitivo** é mais uma applicação especial do methodo anterior, do que, propriamente, um methodo de per si.

Nos nossos grupos, é elle o processo, pelo qual se applica o methodo analytic (da sentencição).

(Cumprer notar a distincção que faço entre *methodo e processo*.)

Methodo é o modo pelo qual se transmite um conhecimento ao alumno, ao passo que *processo* é, a meu ver e, si não me engano, na opinião de alguns mestres no assumpto — a fórma, mais ou menos variavel, pela qual se emprega um determinado methodo.

Cada methodo pode ser applicado por diversos processos, uns mais restrictos e exclusivos, outros menos.)

Apreciação sobre os methodos analyticos.

Ao passo que os methodos nascidos da primeira opinião são syntheticos, como acabamos de ver, os da « segunda » são analyticos. Um destes, parte da palavra — expressão da idéa e outro tem por ponto de partida a sentença — expressão do pensamento. Quanto ao terceiro, o intuitivo — si é que pode ser considerado como um methodo á parte — o facto de ser intuitivo já mostra que elle não pode deixar de ser analytico.

E' uma verdade incontestavel, que todos os methodos de leitura são artificiaes, como tambem todos os processos pedagogicos o são. A razão de ser desse facto explica-se:

Todos esses processos, que pomos em pratica na escola não tem outro fim, senão *crear* um ambiente favoravel e as condições propicias ao desenvolvimento physico, intellectual e moral do alumno.

Ora, toda *creação* não passa de um artificio, facto este, que exclue a invenção de um methodo natural.

Mas não é ali que bate o ponto. A questão é saber qual, dentre todos os methodos artificiaes existentes, é o que mais vantagens offerece.

Já vimos, que os methodos syntheticos são inconvenientes.

Dos analyticos o da palavração, sendo bem applicado produz bons resultados, mas não estimula o alumno, ao passo que o methodo da sentencição tem todas as vanta-

gens daquelle e mais a de permittir que se dê ao ensino, desde as primeiras aulas, um cunho alegre e attrahente, como vamos ver.

O Methodo analytic (da Sentenciação)

O seguinte quadro synóptico esclarecerá, melhor do que o fariam muitas palavras, o processo pelo qual se applica esse methodo, nos grupos escolares deste Estado. Como se vê, não é puramente analytic.

QUADRO SYNOPTICO

Phases do methodo analytic da sentenciação

- a) Palestras com os alumnos;
- b) Leitura de sentenças completas, do quadro, formadas pelos proprios alumnos, á vista de uma estampa;
- c) Conhecimento das palavras (phase analytica);
- d) Applicação das palavras conhecidas, formando sentenças novas (phase synthetica da palavração);
- e) Conhecimento das syllabas (phase analytica);
- f) Formação de palavras novas com as syllabas conhecidas (phase synthetica da syllabação);
- g) Conhecimento das vogaes;
- h) Conhecimento das consoantes;
- i) Difficuldades especiaes (Leitura de grupos consonantes no corpo de palavras, etc.).

Nas linhas que seguem, procurarei destacar as principaes vantagens do methodo analytic (da sentenciação), que, penso, são as seguintes:

Principaes vantagens do methodo analytic da sentenciação

- a) O methodo analytic coaduna-se com bem fundados e seguros principios da Psychologia;
 - b) Baseia-se na intuição;
 - c) Desenvolve a linguagem;
 - d) Por esse methodo, a leitura torna-se corrente, mais expressiva, mais viva e mais sentida, do que sendo aprendida por qualquer outro, inclusive o da palavração.
- a) *O methodo analytic coaduna-se com bem fundados e seguros principio da Psychologias.*

Estudando-se a criança sob o ponto de vista psycholo-

gico, vê-se que ella adquire todos os seus conhecimentos acerca do mundo exterior, por intermedio dos seus sentidos.

Temos, pois, o seguinte *primeiro principio de Psychologia*. «Na evolução intellectual da criança cabe a primazia á sensibilidade.» (Prof. dr. F. P. Bittencourt — «Pedagogia escolar»).

Continúa o mesmo autor: «São com effeito, os sentidos que lhe fornecem as primeiras noções sobre o mundo physico, «sobre os phenomenos naturaes.»

Segue-se, que o professor, obedecendo ao aphorismo — *Natura non facit saltus* — deve, para ver os seus esforços coroados de exito, em qualquer disciplina de que se trate, valer-se dos agentes naturaes pelos quaes a criança se communica com o mundo em que vive, isto é, deve educar os sentidos dos seus alumnos, exercitando-os convenientemente. Da possibilidade de educar os sentidos ninguem mais duvida. Senão vejamos o que diz um entendido no assumpto, sob a epigraphie — *Education generale des sens*:—

«C'este beaucoup dvoir á sa disposition de bons outils; mais cela ne suffit pas; il faut savoir sen servir. *Comme toutes les facultes les sens sont perfectibles* (E. Rayot— «Précis de Psychologie»).

Para augmentar ao maximo a utilidade dos nossos sentidos, precisamos, pois educa-los.

E' o que fazemos applicando no ensino da leitura o methodo analytic, principalmente, nas suas primeiras phases.

Durante toda a phase *das palestras* (vide o quadro synoptico, á pag. 8) o professor mostrando e explicando estampas e objectos que impressionam as crianças pelo seu colorido, sua forma, seu tamanho, etc., não faz outra coisa senão exercitar os sentidos dos alumnos. O exercicio dos sentidos se evidencia ainda mais na phase da *leitura do quadro*:

O professor mostra ao alumno uma estampa e pergunta o que ella representa. O alumno *olha* para a estampa (sentido da visão) e responde. O professor escreve a resposta obtida no quadro e o alumno *vê*, «que o giz diz» a mesma sentença, que elle (alumno) acaba de pronunciar. (Ainda o sentido da visão).

Depois um alumno *lê* a sentença (visão e tacto: movimento da bocca) e *ouve*, quando os seus collegas lêem (audição).

Em seguida, o alumno escreve (visão e tacto): o que já leu.

Essa impressão repetida da mesma imagem (pela visão, pela audição e pelo tacto), no cerebro da criança faz com que esta retenha sem esforço (si ha esforço, é quasi nullo) o que é importante visto a criança de 7—8 annos de idade não ser capaz de grande esforço mental, sem ficar cansada, o que cumpre evitar.

Examinemos mais o seguinte *segundo principio de Psychologia*:

«Na creança a attenção é, geralmente espontanea» (Bittencourt—Pedagogia Escolar).

Sendo espontanea e portanto, inconsciente a attenção da criança deve ser despertada pela forma, mais ou menos interessante, que o professor imprime ás suas aulas.

M. Bomfim, em sua excellente obra «Lições de Pedagogia», é da mesma opinião, quando diz:

«A attenção voluntaria propriamente dita «não existe na criança, enquanto não existe «nella um querer educado e forte.»

E, mais adiante, escreve:

«Vimos que, para captar a attenção da criança ao iniciar o tirocinio escolar, só ha «um recurso logico—despertar a curiosidade» immediata, fazer o *ensino interessante*. (O grypho não é meu.) Não ha «instrução systematica sem attenção, e não» ha outro meio de obter a attenção, nas classes elementares senão pelo interesse directo «da lição».

Ainda aqui, o methodo analytic obedece ao preceito psychologico acima mencionado: Cada lição de leitura é para a criança um novo estimulo.

Vendo as estampas usadas na phase das palestras, o alumno contempla, com prazer, a viveza de seu colorido; na sua natural curiosidade quer conhecer as figuras com todos os seus detalhes; interessa-o saber como é que o gis» vae escrever» a historia da estampa; lendo (Phase da leitura no quadro) sentenças completas e suas (O bom professor aproveita para serem lidas no quadro, sentenças formadas pelos proprios alumnos.) o escolar sente-se estimulado, pois é bem mais agradável ler sentenças completas do que palavras isoladas; além disso, elle pode contar em casa que já sabe ler alguma coisa—o alumno está convencido disto embora não seja assim.

Emfim, não sendo o professor de todo destituído de habilidade, essas aulas de leitura, principalmente no primeiro periodo do anno lectivo, tem mil attractivos para a pequena-

da, o que não se pode dizer; com tanta razão, de nenhum outro methodo.

Além dos dois principios psychologicos indicados, muitos outros poderia eu citar a favor do methodo analytic.

Bittencourt, em sua já citada «Pedagogia Escolar», também o recommenda com as seguintes palavras:

«No inicio do ensino, quando o educando ensaia os primeiros passos de aprendizagem, certamente que o unico processo a seguir, é o analytic, pois devemos ministrar-lhe conhecimentos muito simples, noções elementares, de accôrdo com o seu desenvolvimento intellectual.»

b) *O methodo analytic baseia-se na intuição.*

Na criança não existe a faculdade da abstracção, porque esta depende do concurso da attenção, a qual é, por sua vez, quasi nulla. Só aos poucos, e a força de exercicios bem escolhidos pelo professor, é que o alumno aprende a abstrahir e raciocinar.

No primeiro anno preliminar, é preciso partir do concreto para o abstracto, cumprindo não obrigar o alumno a grandes esforços mentaes, que o cansariam.

Do exposto, se evidencia, que o processo mais razoavel e logico, o mais proficiente para o ensino de principiantes, deve ser o intuitivo.

Ouçamos o que diz a respeito um mestre:

«O processo *intuitivo*, também chamado do *ensino pelos olhos* tem um caracter especial; o seu emprego não depende da escolha, nem da preferencia do professor. E' um processo que corresponde precisamente a um certo grau ou momento do ensino, e que, nesse momento, tem de ser applicado, porque nenhum outro poderia substituir.—A intuição é o conhecimento immediato da realidade que se impõe á percepção.

Reserva-se em Pedagogia, esse nome de *intuição*, ao resultado da percepção que, de prompto, sem outro esforço nem preparo, dá o conhecimento do ser. A intuição dispensa explicação.»

(Bomfim—Obra já citada. Os gryphos não são meus).

Ora, em qualquer das phases da leitura pelo methodo analytic, (Vide o quadro synoptico à pag. 8 e phases de «palestras» e «leitura no quadro» a pags.), os conhecimentos são ministrados aos alumnos, «pelos olhos», isto é, pela ob-

servação directa dos objectos ou factos. Só na impossibilidade de apresentar o objecto de estudo aos olhos do educado, ou quando o processo intuitivo, só, é insufficiente, é que se recorre á explicação simples e concreta.

Isso, porem, no primeiro anno preliminar, principalmente no primeiro semestre, não é necessario ou só em casos raros; em geral, o processo intuitivo exclúe, no ensino ministrado a principiantes, a necessidade de explicações.

c) *O methodo analytico desenvolve a linguagem*

Quando a criança se matricula, traz de casa um vocabulario já relativamente rico, o que não causa estranheza dada a sua innata curiosidade de saber o nome de cada objecto que vê pela primeira vez, curiosidade mal comprehendida pelos paes, que não vem nella senão o desagradavel das constantes perguntas do filho acerca dos porques das coisas, que elle desconhece.

A linguagem do principiante é porem insufficiente e viciada.

Cabe ao professor completa-la e corrigi-la.

Como em tudo, tambem aqui é o exercicio constante que conduz ao fim almejado.

Em rigor toda aula qualquer que seja a disciplina a que pertença, é um exercicio de linguagem.

Assim e especialmente as aulas de leitura prestam-se admiravelmente para desenvolver a linguagem da criança.

Como o fim principal a attingir é dar ao alumno a faculdade de exprimir com facilidade é exactamente o que elle quer dizer a linguagem oral deve merecer da parte do professor cuidados especiaes.

E' o que se faz applicando o methodo analytic no ensino da leitura.

Na phase das palestras o professor entretém conversas com os alumnos deixando—não sem intuito—que estes digam livremente o que pensam exigindo somente que todas as sentenças pelos mesmos formados sejam completas.

Nessas aulas deve caber a parte mais activa aos educandos cumprindo, ao professor orienta-los e corrigir os erros que por ventura commettam.

E, Rayot, na sua já citada obra, diz referindo-se ao assumpto :

«L' apprentissage de la langue nationale est aussi

lune des principales oeuvres de l'école primaire proprement dite; Sans doute le maitre doit parler; mais il doit aussi faire parler les élèves ceux-cine doivent pas étre seulement des auditeurs passifs; il est necessaire qu'ils interviennent activement; les meilleures classes sont celles qui consistent en une conversation, en un échange d'idées entre le maitre et les enfants. Surtout le maitre doit veiller a ce que l'élève réponde toujours en faisant une phrase complète, offrant un sens précis, net».

Alem do exposto, ainda ha outro factor importante para augmentar a influencia benéfica que o methodo analytic tem sobre a linguagem do alumno;

Lendo só phrases completas, elle se habitua a proceder assim tambem quando fala não procurará exprimir idéas e sim pensamentos.

d) *Por esse methodo a leitura torna-se corrente, mais expressiva, mais viva e mais sentida do que sendo aprendida por qualquer outro inclusive o da palavração.*

Desde as primeiras aulas de leitura no quadro—quando esta ainda merece tal nome, porque o acto do alumno «lendo» as sentenças escriptas pelo professor, não constitui ainda leitura no verdadeiro sentido da palavra—desde as primeiras lições, pois o alumno lê *seus próprios pensamentos* visto como sentenças escriptas no quadro são formadas por elle mesmo.

O assumpto dessas sentenças é tirada do proprio mundo infantil e, portanto facilmente comprehensivel á criança.

Ainda ha a considerar, que não se lêem palavras isoladas e sim, phrases completas.

Ora lendo só «seus próprios pensamentos»; sendo o assumpto da leitura «tirado do proprio mundo infantil» e «lendo só sentenças completas»; o alumno lerá com entusiasmo e sentimento, e não terá grande difficuldade em habituar-se á leitura corrente e expressiva.

Aqui não necessita elle de occupar-se com as letras, syllabas ou palavras, habituado como está a reconhecer, de relance phrases inteiras.

Comprehendendo o que lê, ao que desde o começo, se acostuma elle pode ler e de facto lê com expressão e nisso está em ultima analyse a finalidade do ensino da leitura: dar ao educando a facilidade de ler sentir e comprehender.

Apreciação Final

Confrontando o methodo analytic da sentencição, que está sendo applicado nos grupos escolares deste Estado pelo processo intuitivo com os methodos synthetics—alphabeticos, syllabico, phonetico e synthetico propriamente dito—e com o methodo analytic da palavrção procurei destacar as principaes vantagens que o primeiro offerece conforme consta da pagina 12 e seguintes, deste modesto trabalho.

O quadro synoptico (pag. 8) mostra que embora mereça o qualificativo de—analytico por excellencia—o methodo da sentencição não exclue o emprego da synthese; pelo contrario cabe a esta completa-lo.

Sem ella, não daria o esplendido resultado que se obtêm pela fusão criteriosa e oportuna desses dois methodos oppostos. Nenhum methodo de leitura como do ensino em geral deve ser exclusivo: as circumstancias do momento a especie do assumpto, a capacidade intellectual dos alumnos e mesmo o temperamento do professor determinam quando e como se deve empregar este ou aquelle.

Mesmo o methodo analytic o mais logico de todos não deve ter caracter exclusivo.

Lembro-me a proposito de uma dessas palestras instructivas que tenho a honra de travar frequentemente com um dos maiores pedagogos brasileiros da actualidade o exmo. sr. Professor Orestes Guimarães esclarecido Inspector Federal das Escolas Subvencionadas de Santa Catharina, e que *data venia*, aqui registro:

Quando ha annos um grupo de illustrados professores progressistas do Estado de S. Paulo, entre os quaes Arnaldo Barreto, Theodoro Moraes, Pinto e Silva e outros pleitearam a favor da introdução do methodo analytic de leitura naquelle Estado o professor Alfredo Bresser da Silveira, Director da «Escola do Carmo» do mesmo Estado cujo primeiro anno estava desdobrado em seis classes, fez uma interessante experiencia; que deu resultado bastante significativo:

Em duas classes foi applicado exclusivamente o methodo analytic da sentencição; nas quatro restantes o methodo analytic-synthetico.

O resultado foi surprehendente:

No fim do anno lectivo os alumnos das duas classes

em que se applicara o methodo analytic puro—leitura de sentenças durante o anno todo—não souberam ler nos livros adoptados no segundo anno e tiveram por isso que repetir o primeiro ao passo que os que vieram das outras quatro classes liam correntemente. A experiencia feita pelo culto collega paulista parece á primeira vista absurda mas nem por isso deixa de ter muito valor, pois ella veio comprovar, que um methodo, por melhor que seja não produz resultado, quando applicado exclusivamente.

Segunda Questão: Pode esse Methodo ser generalizado a todas as Escolas Estaduaes?

Esta questão pode e deve ser estudada sob dois pontos de vista.

De pedagogico-psychologico e do economico.

A questão estudada sob o ponto de vista pedagogico psychologico

Encarando-a do ponto de vista pedagogico-psychologico a questão do emprego do methodo analytic em todas as escolas estaduaes não carece, aqui de ser commentada; as vantagens reaes e incontestaveis demonstradas nos capitulos anteriores desta these e comprovadas pela experiencia diaria recommendam a sua applicação em todos os estabelecimentos de ensino, sejam urbanos ou ruraes.

A questão toma com tudo, outro aspecto si a encararmos do *ponto de vista economico*.

A «Cartilha Popular» (methodo syllabico), actualmente em uso nas escolas ruraes, custa no maximo 800 reis cada exemplar; o preço da «Nova Cartilha (methodo analytic-synthetico), usado nos grupos escolares é de 2\$200 cada uma.

A generalização do methodo analytic a todas as escolas importaria, pois em um augmento de 175% do custo do livro adoptado.

Ora, 2\$200 representam para muitos paes, uma quantia consideravel de que não dispõe; o Estado por sua vez tambem não pode devido á crise financeira que atravessa fornecer a Cartilha gratuitamente á maioria dos alumnos das nossas escolas.

Peço licença para suggerir um meio que penso resolver este difficil problema:

SUGESTÃO: Mande o Estado organizar e imprimir por conta propria, uma cartilha analytic-synthetic que:

a) satisfaça a todas as exigencias da moderna Pedagogia.

b) corresponda ao nivel intellectual do nosso professorado: (Deverá ter um appendice especial em que seja minuciosamente explicada a forma por que esse methodo deve ser applicado.)

c) traga estampas representando scena da roça e do campo;

d) não seja muito cara.

Não nos faltem para realizar este importante melhora-mento os requisitos indispensaveis.

Temos a dirigir os destinos do Estado no exmo. sr. dr. Adolpho Konder um homem que pela maneira admiravel com que sabe conciliar a economia administrativa com o prudente emprego dos dinheiros publicos em melhoramentos de grande alcance, se vê prestigiado pela confiança da totalidade da população barriga-verde, cumprindo não esquecer tambem o vivo interesse de s. excia., pela nobre causa do Ensino Publico;

Temos, nas Secretarias do Estado, os exmos. srs. dr. Cid Campos—Estadista progressista e patriota—e dr. Henrique da Silva Fontes, grande pedagogo e ex-Director da Instrução;

Temos ainda para collaborar na execução do plano sugerido, uma pleiade de eximios educadores dentre os quaes se destacam os exmos. srs. Antonio Mâncio da Costa, actual e insigne Director da Instrução Publica; Orestes Guimarães organizador do Ensino em Santa Catharina a quem já me referi; Luis Trindade, Flordardo Cabral e João dos Santos Areão, zelosos e dedicados Inspectores Escolares.

Não minguem, pois, felismente no nosso Estado, corações patrioticos e cerebros que pensam; temo-los de mão cheia.

Assim, creio que não será inexequível o que venho de propor:

A organização e impressão, por conta do Estado, de uma cartilha analytic-synthetic, que corresponda ás necessidades das nossas escolas ruraes.

Conclusão

Primeira questão: *Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?*

Concluo do exposto, que o ensino da leitura, pelo methodo analytic, offerece as seguintes vantagens pedagogico-psychologicas:

a) *Coaduna-se com o bem fundados seguros principios da Psychologia;*

b) *baseia-se na intuição.*

Suas vantagens praticas são as seguintes:

a) *Desenvolve a linguagem;*

b) *obtem-se, por esse methodo, uma leitura corrente expressiva mais viva e mais sentida do que com qualquer outro.*

Segunda questão: *pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?*

Uma vez organizada e impressa por conta do Estado uma cartilha analytic-synthetic, que.

a) *Satisfaça todas as exigencias didacticas e do meio;* (Estampas e assumpto relativos á vida do sitio).

b) *corresponda ao nivel intellectual dos nossos professores ruraes;* (Appendice explicando, minuciosamente a applicação do methodo).

c) *não seja de custo muito elevado;* quer-me parecer não haverá inconveniente e sim muita vantagem, na generalização do methodo analytic, a todas as escolas publicas de Santa Catharina.

Blumenau, junho de 1927.—Ass.—*Adriano Mossimann.*

N.º 12 Para a Conferência de Ensino Primario

THESE I.ª

Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes?

Haverá, effectivamente, vantagens no ensino da leitura pelo methodo analytic? ou, antes, estará havendo vantagens

no Estado de S. Catharina? A resposta afigura-se-nos um arrôjo formidável, pois é tal o fascínio por elle exercido em tão grande numero de espiritos de escól, que, ainda em se t atando de conceitos offerecidos a um certame como a CONFERÊNCIA DE ENSINO PRIMARIO, onde a condição principal exigida por todos que a ella concorrem, deve ser a posse plena da mais plena liberdade de opinião, quem se abalance a discordar do quasi fanatismo com que se professa o methodo analytic, correrá o risco de ser tachado de iconoclasta!..

Entretanto, si bem ainda um tanto indeciso o nosso conceito, relativamente a esse methodo, e isso, certamente, em virtude de nos fallemos em nós os thesoiros de conhecimentos scientificos indispensaveis a se poder delle ajusar com segurança, vimos expender nossa desvaliosissima opinião—filha da observação directa de factos, os quaes, na sua maioria, infelizmente, não corroboram o prestigio com que elle se impôs ao ensino em S. Catharina.

O assumpto tem sido, no Brasil, amplamente discutido pelos mais conspicuos pedagogos do Estado de São Paulo, onde o methodo, embora producto de importação em sua essencia, adquiriu processuação original; e, comquanto didactas da envergadura de Sampaio Doria, Tolosa e outras tenham-no proclamado ultima palavra em methodologia, outros vultos não menos notaveis, como Renato Jardim e Quaglio, repudiam-no inelentes, negando-lhe toda eficiencia. A mais forte objecção é baseada pelos ultimos no facto decisivo de se ter verificado que o nivel da alphabetização no alludido Estado soffreu queda desanimadora, desde que foi imposta a generalização do citado methodo a todas as escolas.

A essas objecções, tem-se fartamente replicado que o insuccesso decorre: I, da deficiencia técnica dos executores do methodo; II, da falta de uniformidade na processuação do mesmo; III, da insufficiencia do aparelhamento exigido para a perfeita transmissão do ensino pelo methodo em discussão

A estas replicas, triplica-se, 1.º—si, a inefficacia do methodo decorre da deficiencia tecnica dos professores, os seus resultados actuaes são necessariamente negativos, o que constitue erro perseverar num ensino que traz maleficios á instrucção, sendo que, pelo menos, deve aguardar-se que exista essa eficiencia para pô-lo em pratica; 2.º—a falta de uni-

formidade na processuação, não deveria importar em inefficacia, porquanto o facto se contrapõe a um dos canones do methodo:—a unidade na variedade; e ainda: si ha falta de uniformidade na processuação, é porque o methodo comportando processos multiformes, é incapaz de se impor por um delles—o eficiente por excellencia; 3.º—si ha insufficiencia no aparelhamento exigido para a perfeita transmissão do ensino pelo methodo em apreço, é, no momento, inaconselhavel a sua adopção, porquanto o Estado de S. Catharina, conforme se assegura, sendo o que maior dotação destina á instrucção, não poderá majorar essa dotação; e, portanto, o methodo analytic, immediatamente, não pode offerecer vantagem. Voltando aos termos da primeira parte da these que estamos tentando discutir, affirmaremos sediciamente que as vantagens a esperar de qualquer methodo de ensino consistem na rapidez com que se consegue ensinar a ler. Ainda este postulado tem sido ponto de partida aos que repudiam o chamado methodo analytic, porque, em rapidez, não se tem ainda podido affirmar categoricamente que tenha suplantado o de syllabação.

Deve ser entendido que não estamos combatendo incondicionalmente o methodo analytic—ou o intuitivo analytic, como querem alguns. Nem nos abalançamos a fazê-lo, porque, para tal, fora mister penetrar a fundo os emaranhados principios psychologicos de que se soccorrem os propugnadores do methodo, para explicá-lo como sendo o que melhormente attende ás exigencias do espirito infantil.

A natureza deste trabalho, parece-nos, dispensa a ingressão em um mundo de cuja sciencia não nos apercebemos solidamente...

O que o nosso governo collima é indubitavelmente, a exposição incisiva de factos concretos, que o possam orientar no ingente emprehendimento de dotar o aparelho escolar de elementas capazes de assegurar resultados praticos insophismaveis.

Innegavelmente, pelo que tivemos oportunidade de observar nos grupos-modelos da capital paulista e em alguns estabelecimentos catharinenses, o que ensinam certos professores, e que diz enquadrar no methodo analytic, offerece resultados incontestavelmente entusiasticos. São, entretanto, para nos factos isolados, cuja scintillancia não abona methodos, antes confirma o aphorismo: —“a educação real depende, acima de tudo, da eficiencia didactica do professor.

Numerosas escolas, cheias de crianças, mas com professores ineptos, ou desleixados, são apenas, escoadros inúteis de dinheiro, de energias e de esperanças. O que essencialisa a escola, como órgão educativo, é a eficiência NOS methodos com que os professores ensinam"; e de outro:—"A excellencia do methodo é sempre relativa, depende de circumstancias varias cujas principaes se podem enfiar nestas duas categorias: a qualidade do alumno e, não só habilidade technica, mas, inteira a personalidade do professor".

Desses assertos, dão testemunho constante numerosissimos casos de crianças que, depois de, não raro, mais de um anno de frequencia ás escolas onde se adopta o methodo analytic, vão alphabetisar-se noutras, em poucos meses, onde se ensina por methodos diversos communmente pelo de syllabação. Podemos, nós mesmo, ainda que o facto não pareça bastante elucidativo, exemplificar com o caso de dois de nossos filhos, que, depois de terem frequentado os grupos de Tubarão e desta cidade o primeiro durante 14 mezes, o segundo, 6, terem aprendido a ler em pouco tempo com a applicação dos methodos syllabico e ideo-phonetic.

Ha uma circumstancia muito notavel que na actualidade depõe contra o methodo analytic praticado na maioria dos nossos estabelecimentos de ensino: é que em egualdade de condições o syllabico avanta-se-lhe enormemente; isto é da applicação actual dos dois methodos resulta mais vantagem do segundo. Calcule-se portanto a differença, existente entre o analytic de adoptação recente e, o que é mais, sem uma base scientifica solidificada pelo preparo technico indispensavel revolucionario, abruptamente revolucionarie, e o syllabico prestigiado pela tradição, pela força do numero instinctivamente aceito por todas as consciencias?

E a que dissabores è conduzido o professor, quando, elle mesmo, que apavorado, se interroga sobre as verdades e os mysterios do novo methodo, elle, a cuja intelligencia pouco esclarecida, escapam as subtilesas philosophicas do Briareau, que o constringe, soffre as consequencias da subversão, vendo a improficuidade dos seus esforços, a ogerisa da população pelo methodo que lhe não permite aos filhos os serões nocturnos em torno á mesa, a gorgear o ABC como já o fizeram os paes?!!

E o desespero dos exames oraes, presença de homens-austeros como radores, a mover a cabeça significativamente, quando se en garem os petises de secção A, verifi-

condições o syllabico avanta-se-lhe enormemente; isto é da applicação actual dos dois methodos resulta mais vantagem do segundo. Calcule-se portanto a differença, existente entre o analytic de adoptação recente e, o que é mais, sem uma base scientifica solidificada pelo preparo technico indispensavel revolucionario, abruptamente revolucionarie, e o syllabico prestigiado pela tradição, pela força do numero instinctivamente aceito por todas as consciencias?

E a que dissabores è conduzido o professor, quando, elle mesmo, que apavorado, se interroga sobre as verdades e os mysterios do novo methodo, elle, a cuja intelligencia pouco esclarecida, escapam as subtilesas philosophicas do Briareau, que o constringe, soffre as consequencias da subversão, vendo a improficuidade dos seus esforços, a ogerisa da população pelo methodo que lhe não permite aos filhos os serões nocturnos em torno á mesa, a gorgear o ABC como já o fizeram os paes?!!

E o desespero dos exames oraes, presença de homens-austeros como radores, a mover a cabeça significativamente, quando se en garem os petises de secção A, verifi-

cam a papagueação inexpressiva e a estatelção desconcertadora ante uma isolada palavrinha?!

Repetimos: não combatemos incondicionalmente o methodo analytic; pelo contrario, reconheceriamos nelle, uma vantagem, si applicado por professores de comprovada habilidade; a de preparar o espirito infantil para mais logica acquisição dos conhecimentos que lhe destinam os grammas; porque innegavelmente o analytic exige da juvenidade maior somma de movimentos mentaes infunde-lhe mais vivacidade. Isso, porem repetimos si o methodo estivesse sendo applicado com toda a efficiencia de que talvez seja capaz. Entretanto ao syllabico como a qualquer outro methodo quando desenvolvido por professores habeis não se pode negar a mesma vantagem.

Muito importante é que se não cante victoria á observação do que se colhe nos grupos escolares das nossas principaes cidades onde a população possui uma mentalidade capaz do discernimento pedagogico e a docencia desses estabelecimentos tem um criterio sufficiente para separar o joio do trigo...

Para julgar do modo por que é applicado o methodo analytic, observe-se o seguinte factó: ao diplomar-se, é o normalista obrigado a um tirocinio de 6 meses em grupo escolar, para que, é claro possa adquirir conhecimentos praticos das materias que irá ensinar e, especialmente — com a assistencia de 90 dias ás aulas dos primeiros annos — corporifique ou solidifique os conhecimentos theoreticos do methodo analytic que lhe forem ministrados na Escola Normal. Pois bem: em geral, é tão deficiente o tirocinio, que o diplomado é quasi sempre incapaz de expor verbalmente um juizo sobre o que assistiu, sendo que o relatorio a que está sujeito é, em regra — um ARRANJO do director do grupo.

Do que fica mui umbrosamente exposto, deduz-se o seguinte:

I — No estado actual do ensino, tanto quanto a nossa observação permite affirmar, o methodo analytic, na maioria dos nossos estabelecimentos, não offerece, sobre outros methodos, a vantagem, precipua, que fora de esperar, isto é, a rapidez no ensinar a ler. Do que se infere que, a persistir em o manter, será necessario attender aos itens seguintes: — efficiencia technica dos executores do methodo; determinação e imposição do processo julgado mais perfeito e

efficiente aparelhamento correspondente ás exigencias do methodo.

II — Não pode o methodo analytic ser generalizado a todas as escolas estaduaes, especialmente ás escolas isoladas, porquanto são estas, em geral, regidas por professores provisórios, aos quaes falta preparo tecnico, sendo que as escolas não dispõem do aparelhamento adequado.

Mafra, 30 de junho de 1927. — Ass. *Marcilio Dias Santiago*, Director do Grupo Escolar de Tubarão, com exercicio no Grupo Escolar de Mafra.

N.º 13 Illustres Membros da Commissão Preparatória da Conferencia Estadual de Ensino

Desobrigando-me do compromisso que muito me honra e desvanece pela prova de consideração com que me distinguiste, convidando-me a fazer parte dos trabalhos da Conferencia Estadual de Ensino, sou, deveras agradecida por essa elevada distincção considerando-me, tão feliz quanto embaraçada, para chegar ao fim desejado, que é o de discutir theses sobre a materia de ensino, quando justamente me reconheço desprovida de intelligencia e dos necessarios elementos para desenvolver e solucionar processos e methodos que incontestavelmente só podem ser desenvolvidos e discutidos satisfactoriamente por abalisados mestres e pedagogos que sem temor á critica, poem em voga varias disciplinas cujos processos intuitivos são approvados e usados com avantajados resultados.

Sujeitando-me entretanto ás observações emendas e finalmente á propria critica deposito nas mãos dos dignissimos membros da Commissão, o meu descurado trabalho procurando na medida dos meus diminutissimos prestimos com um esforço de vontade e sem nenhuma pretensão de reclame e merito entrar no assumpto a que me proponho, apenas, para contribuir com minha descolorida opinião respondendo algumas theses na introdução dos processos mais approváveis para o desenvolvimento das diversas disciplinas do ensino.

P — Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduais?

R—Tendo sido por mim processado o methodo analytico durante 5 annos como professora do Grupo Escolar Lauro Müller desde sua fundação no anno de 1912, época em que fora decretada a reorganização do ensino em nosso Estado pelo então governador Cel. Vidal de Oliveira Ramos e encarregado dessa missão o sr. Professor Orestes Guimarães, fui designada para reger o 1º anno, depois de ter praticado 3 meses, o alludido methodo com a competente professora, exma. sra. d. Cacilda Guimarães. O que me cabe dizer algo a respeito, é que realmente, o methodo analytico é incontestavelmente o mais rapido e proveitoso para o ensino de leitura, pois embora seja ainda combatido pelos que desconhecem seus fructos contem em si, recursos e vantagens para os analphabetos que na quasi totalidade luctam para chegar ao desenvolvimento de uma leitura corrente e expressiva. O methodo analytico prende-se a um systema basico directo e intuitivo, não so porque vai do todo para as partes, como pela variedade de meios que offerece á percepção e ao conhecimento, estudando a forma das palavras supprimindo muitos defeitos e vicios na leitura como outrora se usava com o methodo rotineiro da soletração que acarretava prejuizos de habitos e tempo, alem da sua fastidiosa monotonia de uma cantilena de letras e syllabas fora de toda a elegancia e vivacidade. Uma criança intelligente e applicada, pode ler com 4 e 5 meses ao passo que o methodo antigo precisa de um anno ou quem sabe, lustros para se saber ler.

Ha opiniões que discordam desse processo, por ter a criança a facilidade de decorar o que aprende mas nisso influe muito a perspicacia da professora que deve ter o maior escrupulo na variação das sentenças das primeiras paginas do livro procurando mesmo um manejo especial na troca das palavras das sentenças estudadas, a fim de que não tenha a decepção do alumno ler decorado.

Os resultados colhidos por esse methodo prova com as altas porcentagens que sempre obtive dando para exemplo, alguns alumnos que com o ensino da leitura analytica aprenderam a ler, em 5 meses; Oswaldo Bulcão Vianna, Armando Lima, Yan Correa, Luis e Frederico Cunha, Haroldo e Americo Pereira, Paulo Werner e muitos outros que despertaram a curiosidade dos paes mandando-os ler

em outros livros e jornaes para se certificarem da veracidade do adiantamento de seus filhos.

A criança de 7 annos completos, que por qualquer anomalia physica ou intellectual, não aprender a ler em 9 meses consecutivos vencerá forçosamente a sua etapa de aprendizagem em um anno completo o que não acontece com a A. B. C.

Sendo a leitura uma das mais importantes disciplinas, deve ter methodos especiaes e ser adquirida como um instrumento de utilidade para a aprendizagem de novos conhecimentos.

Tem por fim a leitura, a interpretação directa da linguagem impressa ou escripta e para isso precisa que a professora exercite o alumno na enunciação clara e expressiva das narrações que ler.

Antes de iniciar o ensino da leitura analytica a professora entreterá palestras com os alumnos, em linguagem simples, animada e interessant, desenhando mesmo, figuras no quadro negro, para despertar a atenção da classe.

Em seguida serão escriptos nitidamente no quadro, em letras manuscriptas ou forma as primeiras sentenças do livro adoptado.

Classifica-se essa phase, em 1º passo da leitura.

A professora terá o cuidado de habituar o alumno desde as primeiras lições, a ler as sentenças como um todo.

Permanecerá nesse passo até que o alumno saiba o manejo das phrases de distinguir facilmente as palavras destacadas.

Depois de alguns dias nesse exercicios a professora entrará então no ensaio do conhecimento da decomposição das sentenças em palavras de maneira que o alumno venha a ler em qualquer pagina, as palavras que com elle se relacionarem nas lições anteriores. Chama-se este o segundo passo da leitura analytica. E' de vantagem para a boa aprendizagem do alumno, escrever-se sentenças curtas não passando tambem á lição seguinte, sem que a anterior seja bem sabida. E' indispensavel a variação das sentenças para que o alumno não as decore, como já ficou explicado. A leitura deve ser acompanhada da escripta, desde o primeiro dia de aula, para haver a simultaneidade nas duas formas depressas.

O livro não deverá ser usado na leitura, enquanto o alumno não souber ler por si, as primeiras paginas no qua-

dro negro. Também a professora deve habituar o alumno, a leitura silenciosa, antes da oral; a primeira por ser util a reflexão e a segunda pela expressão clara do pensamento. Quando o alumno estiver apto no manejo das sentenças e na sua decomposição em palavras isoladas, passará então para a terceira passo que é o do estudo da divisão dos elementos em syllabas e destas, a deslocação em letras. Durante o periodo dos tres passos, a professora deverá corrigir a posição do alumno na leitura para evitar defeitos que mais tarde venham a prejudicar a saude, como: a myopia, o estrabismo, a torção da espinha, etc, etc.

Deve-se acostumar o alumno a não approximar o livro dos olhos não mover a cabeça em vez dos olhos, não apontar o que lê com o dedo, não fiar em posição obliqua, não ler a meia voz, não repetir as palavras, não fazer pontuação, não humedecer o dedo com a saliva para voltar a folha, não escrever deitado na carteira, nem com o busto torcido, saber pegar naturalmente na caneta, não cometter rasuras na escripta, etc.

Com esse rigor de disciplina na leitura e na escripta, a professora preparará o alumno com boa comprehensão, correcção de habitos e facil interpretação para o que venha a aprender nas outras disciplinas.

Ha muitos methodos para o ensino da leitura das primeiras letras, assim chamado.

Segundo a opinião do grande pedagogo Calkins, a leitura educa o ouvido e a vista e incute o rythmo e a expressão na voz, considerando-a como uma verdadeira arte, a maneira de ensinar.

Existem methodos que pela sua arbitrariedade de processos antiquados e enfadonhos, provocam estranheza, aridez e monotonia aos alumnos analphabetos.

Por exemplo, o ensino da leitura pelo *methodo do ABC* que é um dos mais antigos, consiste em discernir, em primeiro lugar, 26 letras do alphabeto, depois a combinação dellas em syllabas com um enorme esforço de exercicio dessa natureza, a junção em palavras. E' um systema fora de toda a logica, pois parte do abstracto para o concreto, das partes para o todo, sem nenhuma razão de sér, visto que o nome das letras trará um mundo de difficuldades para a criança aprender a ler correntemente, transviando o som a percepção dos elementos phonicos.

E' sabido que a criança começa a falar por palavra

e não por letras; dahi parte a controversia desse methodo.

Ha o *methodo phonico* que começa pelos sons applicados na enunciação das syllabas e das palavras; mais como verificou-se a incerteza dos seus valores pela variedade que apresenta a combinação dos mesmos sons na junção das consoantes vem de encontro aos bons principios do ensino da leitura; ademais consome muito tempo em apprender as expressões monosyllabicas e depois de um pesado trabalho para o professor e enfado para o alumno entra-se no estudo das palavras que não deixa de ter também os seus inconvenientes pela compaixão que apresenta na formação de linguagem falada.

O systema philosophico condemna tal desvio de ensino limitando-se ao meio natural que é aquelle em a criança apprende de todo para as partes e não da unidade provando que a linguagem parte do pensamento assim como as palavras são symbolos das ideas e as letras simples elementos dos sons.

Methodo Phonotypico é uma forma de que se reveste o methodo phonico, divergindo apenas nos caracteres. E' um systema fora de toda a ordem pedagogica pois divide o alphabeto em mais de 40 letras pela differença que tomam os sons na formação das palavras acarretando assim defeitos e dando á leitura o som arrastado e monotono.

Methodo verbal é o que ensina a leitura por meio de palavras orientando ás crianças o modo de discerni-las, como, se distinguisse um objecto do outro, dando-lhes os nomes.

Tambem tem esse systema a denominação de ensino rapido por que estuda as palavras, depois as syllabas e mais tarde as letras.

A Cartilha do professor Mariano de Oliveira é baseada nesse methodo que tem produzido bons resultados nas escolas onde os professores processam o ensino das primeiras letras.

Methodo objectivo também chamado intuitivo é o que se pratica em muitas escolas do Brasil, dirigindo a atenção dos alumnos para um objecto conhecido por elles, tendo o professor o cuidado de desenhal-o no quadro negro, imprimindo seu nome. Esse exercicio de leitura é também chamado ensino de cousas, mas não é e tanta vantagem como o methodo verbal.

Analygando certas particularidades, circumstancias e de-

feitos nos diversos methodos adoptados, opino para o ensino da leitura analytica nos Grupos Escolares, pelas vantagens que offerece aos analphabetos.

Não deve ser generalizado esse methodo em todas as escolas estaduais, visto que nem todo o professor publico está habilitado a processa-lo de accordo com as regras estabelecidas, a não ser aquelles que já tenham adquirido a competente pratica nos grupos escolares e mesmo assim é difficil seguir a risca, por ter a professora da escola isolada diversas classes a seu cargo e não dispor de meios didacticos e tempo para se occupar convenientemente com uma turma de alumnos analphabetos e prepara-los como deve. Sabendo-se que uma só professora não pode leccionar na classe do primeiro anno dos grupos escolares, sem uma auxiliar que é justo pela fiscalização e ordem que requer para poder attender as tres secções em que está dividida a leitura analytica, quanto mais a professora de escola isolada trabalhar com os tres annos do curso primario, a menos que tenha uma adjuncta para cuidar do resto da classe, enquanto estiver occupada com a turma dos analphabetos.

Ainda assim, é difficil processar o methodo analytico por ser subdividido o ensino nas tres secções pelo modo seguinte: *Secção A*—dos alumnos mais adiantados. *Secção B*—dos intermediarios. *Secção C*—dos retardatarios.

Ora, dessa forma, não pode ser adoptado o methodo analytico nas escolas que não sejam classificadas em Grupos, com professores que já conheça o mecanismo dessa disciplina.

Si uma professora de escola isolada processar o methodo analytico, tomará a maior parte do tempo escolar, por ter de ensinar não só a leitura como a escripta que deve ser uma compativel a outra na marcha dos exercicios. Alem de todos esses inconvenientes, precisará de uma auxiliar que fiscalize os alumnos que estiverem occupados em outras materias do curso.

E como é contrario aos preceitos pedagogicos, ficarem os alumnos em abandono, é contra-productente o systema de ensino nas escolas que não tenham a directa fiscalização do professor da classe.

Alem de tudo depende a organização do material escolar, que deve ser adequado. Por conseguinte o methodo da leitura analytica não pode dar resultados satisfactorio

nas escolas isoladas que para isso não estejam aparelhadas

A meu ver deve ser introduzido nas escolas isoladas o processo da syllabação verbal ou o mixto para o ensino da leitura enquanto não houver uniformidade na organização das escolas primarias do Estado e não tiver o professorado o conhecimento e a pratica para tal mister.

Ass — Beatriz de Sousa Brito, Directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa.

N¹⁴ Exmo. Sr. Presidente da Conferencia do Ensino Primario do Estado de Santa Catharina

Neste longo periodo de tempo (19 annos) que exerço o magisterio aqui neste municipio, tenho observado o seguinte:

Que o methodo analytico só dará resultados satisfactorios ensinado por professores que tenham exacta comprehensão desse methodo e da sua profissão de educador.

Acho pois, que vantagem nenhuma trará ao ensino o seu uso porque encontrar-se-a em porcentagem muito pequena professores que o possam ensinar com aproveitamento visto, pelo que tambem tenho observado, que uma grande parte do professorado exerce o magisterio simplesmente como um meio de vida e assim sendo o resultado seria um desastre, o que não se dá com o methodo da syllabação que é muito mais aproveitavel e racional. As crianças neste methodo mostram muita curiosidade em saber qual o sentido ou mais propriamente, qual a palavra ou sentença formada e por isso se esforçam em juntar as syllabas para compo-la e demonstram alegria quando comprehendida o que muito auxilia o professor e por isso os collegas, que ousou dizer que fazem do magisterio um meio de vida, darão menos prejuizo a instrução, porque a criança quasi que por si só aprende, servindo-lhe taes professores simplesmente de um fraco guia.

Muitissimo auxiliaria o methodo syllabico o ensino do alphabeto, uma vez por semana ao menos. Neste Grupo e especialmente nas escolas ruraes em que tenho funcionado, quasi que diariamente recebo reclamações dos paes dos

alumnos do 1º anno, de que seus filhos não conhecem uma letra do alphabeto. Portanto sou de opinião que o ensino do methodo syllabico auxiliado pelo conhecimento do alphabeto muitissimo mais aproveitavel seria e mais satisfação daria aos paes, especialmente nas escolas ruraes.

Grupo Escolar Professor David do Amaral. Araranguá, 1 de Julho 1927. Ass. — *Floscula de Queiros Santos* — Directora.

N. 15 Quaes as vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytic?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes?

O ensino da leitura pelo methodo analytic traz as suas vantagens pois alem de habituar a criança a uma leitura boa, expressiva e correcta, ainda facilita a aula de Liguagem oral; os alumnos não vacilam ao formarem uma sentença qualquer.

Porem para ser este methodo generalizado a todas as escolas estadaes acho quasi impossivel.

Primeiro porque seria necessario que a maioria dos nossos professores viesse fazer uma pratica nos grupos escolares ou outras escolas em que fosse usado o methodo analytic.

E em segundo lugar porque nas zonas ruraes o professor na escola usando um methodo e os paes em casa ao auxiliarem seus filhos, usando outro (sendo quasi sempre o da soletração) viria trazer grande confusão aos alumnos.

Acho que o methodo da syllabação é o mais vantajoso para ser usado nas escolas das zonas ruraes. Pois, em bora que os paes usem o processo da soletração ainda não traz prejuizo.

Digo que os paes nas zonas ruraes auxiliam em casa os filhos e não censuro porque o professor de uma escola isolada com cinco classes, por assim dizer, visto o primeiro anno estar dividido em tres secções (A, B, C.) não pode dispensar o auxilio dos paes de seus alumnos. Si prohibir

que os mesmos prestem o seu auxilio em casa aos filhos, allegando que assim prejudicarão o methodo de ensino ou, só podera dedicar-se aos alumnos do 1º anno, deixando estacionados os do 2º e 3º annos, ou então não terá resultado em toda sua escola.

Trabalhei durante quatro annos em uma escola isolada usando nos primeiros meses o methodo analytic e sendo obrigado a passar para o processo da syllabação por não ter eu grande pratica do ensino analytic ou seja por persistirem os paes em auxiliar os filhos ensinando-lhes pelo methodo da soletração, o que posso adiantar é que só vim a colher resultados quando mudei de methodo de ensino.

E mesmo o ensino da leitura pelo methodo da syllabação auxilia mais a linguagem escripta do que o methodo analytic. Em geral os alumnos que aprendem pelo methodo analytic, ao fazerem um pequeno dictado vacillam um pouco, ao passo que os do processo da syllabação desde as primeiras Lições, encontram facilidade em escrever qualquer palavra.

Tambem os alumnos que aprendem pelo methodo da syllabação, com poucos meses de aula tem melhor do que os que aprendem pelo analytic.

Ao assumir a direcção do grupo escolar «Jeronymo Coelho», encontrei uma classe desdobrada—o 1º anno—onde a professora d. Othilia Ulysséa estava usando a titulo de experiencia, o methodo da syllabação e com grande proveito. Vendo que as professoras dos dois outros 1º annos, D. Eugenia Gonzaga Coutinho e Adelia Varejão usavam o methodo analytic resolvi fazer um pequeno dictado entre os alumnos das tres classes acima referidas. O dictado constou das sentenças seguintes:

- 1º Paulo tem uma bonita bola.
- 2º A bola de Paulo é toda vermelha.
- 3º O menino brinca com o gatinho.
- 4º O gado bebeu desta agua.
- 5º A tinta preta está no tinteiro grande.
- 6º Meu pai comprou um boi e dois cavallos.
- 7º Esta menina está dando leite ao gatinho.
- 8º Eu gosto de meu pae.
- 9º O lapis preto não está aqui.
- 10º Lucia tem um vestido novo.

Observei que os alumnos da professora Othilia Ulysséa alem de escreverem com mais desembaraço e rapidez, ti-

nham melhor orthographia do que os outros das demais professoras, os quaes tambem apresentaram progresso.

Deve-se recommendar aos professores das escolas isoladas que não usem somente as syllabas e palavras da Cartilha Popular, organizada pelo dr. Henrique Fontes, quando Director da Instrucção Publica, e sim ter sempre uma lista ou caderno com grande quantidade de palavras em que entrem as syllabas que se quer fazer conhecidas do alumno.

Ha professores que se limitam somente a ensinar as palavras da «Cartilha», deixando de procurar outras desconhecidas dos alumnos, e nem se utilizando do quadro negro para auxilio da leitura, onde poderá apresentar muitas palavras que não se encontram na «Cartilha», e colher assim melhores resultados.

Pelo que acima acabo de expor julgo pois que o methodo de ensino que melhor se adapta ás escolas isoladas é o da syllabação.

Laguna, 25 de junho de 1927. Ass—*Herminio Hensi da Silva*. Director.

N.º 16

Exmo. Sr. Director da Instrucção

Venho respeitosamente á presença de V. Excia. agradecer em primeiro lugar, o honroso convite que me foi dirigido, para assistir á Conferencia Estadual de Ensino Primario.

Como é permittido o direito de representação escripta sobre quaesquer das theses formuladas, cumpro a obrigação de responder embora resumidamente, a uma das theses comquanto tenha consciencia da minha desvaliosa contribuição para tão elevados fins. Rogo aos Illustres e competentes Conferencistas, que me relevem a fraqueza, pois se me atrevo a apresentar esse pequeno trabalho, é tão somente para demonstrar a boa vontade com que me allio á causa do ensino.

A these que escolhi, de accordo com a classe que dirijo é a primeira:

Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytic? Pode esse methodo ser generalizado a todas escolas estadaes?

Principio por me revelar accórde, com a maioria dos pe-

dagogos modernos, que defendem o processo analytic, no ensino de leitura.

E' inegavel, no ponto de vista educativo, a superioridade desse methodo em relação a qualquer outro. E' um processo salutar que habilita o alumno a uma leitura expressiva, e desenvolvendo ao mesmo tempo o espirito infantil, formando assim a base de sua educação mental.

Dest'arte, exponho a juizo de minha experiencia, as vantagens do methodo em vigor nos grupos escolares e que tenho empregado durante meus oito annos de magisterio primario; si bem que, devo accrescentar que ao lado dessas vantagens, o methodo em questão, apresenta ainda algumas irregularidades, pois não facilita muito o exercicio de dictado, nem é grande auxiliar na leitura de um vocabulo novo que se apresente á criança. Nesses casos, o systema didactico da syllabação, dá melhores resultados, (mais rapidos).

Eu por essa razão procurei o modo mais pratico e natural de vencer ou remover essa difficuldade, sem contudo me afastar do programma escolar; demorando dois terços do tempo na 3.ª phase, isto é, da syllabação.

E' assim que tenho ministrado ultimamente, as aulas de leitura, no quadro negro, de forma a auxiliar a linguagem escripta, sem prejudicar a linguagem oral, usando respectivamente o livro de leitura adoptado; de—Arnaldo Barreto. Tenho conseguido desse modo, mais aproveitamento dos meus educandos. A classe inicial, como se sabe, é a base da instrucção primaria e todo o educador que possua tino pratico pedagogico, procura fortifica-la, para obter maior somma de aproveitamento, pois neste reside a finalidade do ensino.

Nem sempre os resultados geraes, obtidos numa classe correspondem aos esforços do professor, pois é sabido que alem de não haver uniformidade de intelligencias, luta-se as mais das vezes com crianças de indoles refractarias ao estudo; outras que não frequentam assiduamente á escola e que, desamparadas moralmente pelos paes que desconhecem ainda o valor da instrucção, não se interessando pelo adiantamento dos filhos, diminuem assim a influencia do mestre.

Embora, tenha nas linhas acima, me afastado um pouco do objecto principal da these que respondo, dou por terminada a resposta, concernente á primeira pergunta da these.

Quando a applicação do methodo analytic nas escolas ruraes, não posso responder sem vacillar, pois nunca tendo

dirigido escolas isoladas não possuo experiencia necessaria para dar opinião que satisfaça.

Como hei de perguntar pela sua adopção, sem estar convencida da sua utilidade ?

Portanto, não é opinião propria que emitto; tendo por-rem diversas vezes, occasião de falar sobre este assumpto a algumas collegas, professoras de escolas isoladas normalistas principalmente e que fizeram todo o tirocinio nos grupos escolares, ouvi invariavelmente a mesma affirmativa:—Que o methodo analytico nas escolas ruraes, não pode dar resultados satisfactorios, pois alem de outros factores, a maior difficuldade está na subdivisão das classes e que uma dellas ha de sahir prejudicada. Allegam tambem, que o meio inculto em que vivem as crianças, não as auxilia no desenvolvimento da parte educativa que contém esse methodo. De facto o bom convivio da criança, concorre poderosamente para esse fim, entretanto não seja esta a razão mais forte, pois os doentes é que precisam de remedios e no methodo analytico, encontra-se essa virtude de therapeutica educativa.

Mas pelos outros motivos que as minhas collegas expõem, concordo que não é este o methodo ideal, para ser usado nas escolas ruraes. Finalizo. Respeitosamente subscrevo-me.

De V. Excia. humilde servidora.

Laguna, 30 de junho de 1927. Ass--*Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho.*

Nº 17 Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytico ?

Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estaduaes ?

Antes de apresentar as vantagens que tem o methodo analytico para o ensino de leitura, apresento primeiro succinctamente os outros methodos e as vantagens que apresentam os seus defensores, para melhor se avaliar as vantagens que traz o methodo analytico, quanto a superioridade ao syntetico.

Os methodos para o ensino de leitura são dois: o analytico e o syntetico,

O analytico pode ser de sentenciação ou de palavração, conforme elle parte das sentenças ou palavras.

O syntetico pode ser o de syllabação ou soletração conforme parte das syllabas ou das letras.

O methodo de soletração é conhecido pelas seguintes denominações: alphabeticó, phononimico e o de emissão de sons. O ensino de leitura pelo alphabeticó, o professor ensina ao alumno o nome das letras: b... c... d... f... pronunciando, be, ce de éfe, e para formar syllabas; be, a ba; ce, a ca, efe a fa; O phononimico differe desse em attribuir as consoantes um nome approximado ao seu valor na formação das syllabas.

Dizem os defensores do methodo de soletração entre elles Mr. Mariote na sua 14ª conferencia, tratado do ensino que não ha necessidade alguma de supprimir a soletração quando fizer o alumno voltar; tanto para o ensino da orthographia phonetica como para habilita-lo a procurar palavras no dictionario. Não ha razão alguma em seguir o methodo mais trabalhoso para o professor, mais enfiadinho para o discipulo, para visar um fim meramente secundario. Vejamos; primeiro tem o alumno de aprender a ler para depois buscar palavras no dictionario, e para que escreva com orthographia não ha necessidade de conhecer as letras.

Tanto é verdade que para escrever com orthographia nada influe o methodo de soletração, que temos visto muitos alumnos recorrer ao dictionario para as letras com as quaes são escriptas certas palavras.

O alumno necessita o conhecimento das letras depois de um certo adeantamento para denominação de angulos no estudo de geometria, estudo de vogaes e consoantes, etc., na grammatica.

Para isso aprenderá o alumno o nome das letras para quando necessitar do seu conhecimento. E' por esse motivo que o methodo analytico não dispensa o conhecimento das letras.

Até para o proprio conhecimento das letras o methodo analytico tem mais vantagem porque está afastado dessa abstração e incompreensibilidade, que são as letras do alphabeto, inteiramente desconhecido da criança em idade escolar.

O methodo analytico está na observancia dos seguintes principios didacticos; porque torna o ensino claro, atra-

hente, e ao alcance das faculdades intellectuaes do discipulo.
Primeiro, por ser intuitivo, para prender a attenção do discipulo.

Segundo, por ser animado, por interessar-lhe vivamente.

Terceiro, por ser variado, afim de não fatiga-lo.

Quarto, por exercitar-lhe a actividade.

Primeiro principio. Sabemos que a attenção é o principal factor da educação. São, tanto a attenção quantos são os modos porque ella firma o sentido no objecto ou representação d'elle. Assim a attenção pode ser sensorial ou intellectual. Attenção perceptivel é a que o objecto por si interessa independentemente de relação com qualquer outro que interessa. A attenção voluntaria e activa ou espontanea, involuntaria e passiva, conforme ella firma dependente ou independente de esforço. A attenção voluntaria depende de um esforço, o que é provocada por um interesse afastado, do qual ella se inclina. Diz o dr. Carpentier que «a attenção voluntaria é um esforço resolutivo», a esforço de attenção voluntaria e de curta duração.

Temos aqui dois casos de attenção. Eu leio um ponto de historia que me interessa. E' sufficiente que o leia uma vez, para conhecer bem.

Ao passo que estudando um ponto de historia para exame, por mais que o estude não fico senhor d'elle como no primeiro caso.

E' que no 1º caso a minha attenção está firme no ponto que me interessa, independente de qualquer interesse eventual.

No segundo caso minha attenção é voluntaria é o caso da attenção forçada; não pode portanto fazer a vantagem da attenção sensorial espontanea.

2º principio—O ensino deve ser animado.

O ensino para ser animado é preciso que o interesse seja directo.

As letras a, b, c, nada interessa a criança, alem disso, são nomes desconhecidos afastados da sua consciencia.

Ella tem consciencia mesmo interesse quando se lhe apresenta uma gravura, e dalli ella mesma fazer a sentença. As sentenças que ella for formando o professor escreverá no quadro negro e para ler em ordem directa e inversa ou mudando o sentido da phrase. ex: o menino vê o gato, o gato vê o menino.

Dá-se exercicio variados no seis primeiros passos; es-

colhendo sempre lições que interessem ao discipulo, affectem a consciencia, por que a attenção sensorial espontanea firma a idea no objecto conhecido por tanto concebivel pela consciencia.

O 3º principio—O ensino deve ser variado.

No methodo synthetico as lições são repetidas: Todos os dias está o professor a martellar; a, b, c, d, etc., até que o alumno aprenda, ao passo que pelo methodo analytico as lições são abundantes e variadas, variando os exercicios conegue-se a attenção continua.

O menino vê o gato. O gato vê o menino. O gato chama-se Mimi. O menino chama-se Paulo. Paulo vê Mimi. Mimi vê José. José vê o gato etc.

Noutra lição por ex: O menino chama-se João. João tem um passarinho. O passarinho é de João. João vê o passarinho. Assim as lições deixam de ser enfadonhas e monotonas aos ouvidos da criança.

No entanto as syllabas são quasi as mesmas: pa, jo, me ni, no, cha, ma, se, ve.

Na 3.ª lição varia a aula e as syllabas são repetidas mais vezes:

E tudo o que se repetir em cousa variada, tende a ser objecto de uma consciencia distincta.

Aqui as syllabas e letras ainda que desconhecidas, forma-se um objecto de uma consciencia distincta. Aqui a criança já tem a idea dos pequenos signaes graphics que representam um som na formação da syllaba e da syllaba a idea.

Quanto a segunda interrogação da these, sou de parecer que difficilmente se generalizará a todas as escolas, porque este methodo para quem não é senhor d'elle é de resultado baldado.

Ainda que o methodo synthetico seja mais moroso, mais enfadonho e trabalhoso, tem a vantagem de ser de facil applicação por qualquer pessoa que tenha de ensinar uma criança; Para isso lhe basta somente paciencia.

Ao passo que o methodo analytico é um methodo scientifico, que demanda muita pratica e estudo. Um neophito não pode dar uma aula aproveitavel sem preparar adrede a aula que tem de leccionar.

Qualquer professor que lance mão d'elle sem conhec-lo pode esperar resultado nullo.

N.º 18

Exmo. sr. Director da Instrução Publica

Sendo-me impossivel tomar parte na Conferencia do Ensino Primario do Estado de Santa Catharina, então eu mando em lugar da minha presença pessoal a These proposta e junto a isto algumas declarações sobre a situação das escolas ruraes em geral.

Iª These — As vantagens do ensino da leitura pelo methodo analytico. Era por minha opinião de grande importancia: é fundamento de todo o ensino. Para minha escola a qual compõe-se quasi só de alumnos de origem allemã é preciso — uma grammatica portuguez — alemã. A grammatica usada nas escolas ruraes é aquella de «Rotermund» mas eu não acho isso bem bom.

IIª O ensino geographico é ministrado em minha escola pela traducção de allemão em portuguez e pelo dictado. O ensino geographico, pela cartographia só, nunca convem era preciso uma collecção de quadros de paizes e dos povos do mundo, especialmente da nossa patria Brasil.

IIIª O ensino da historia patria e educação civica concentra-se em geral ao conhecimento dos principaes pontos da historia nacional. A historia presente em verdade não desperta sentidos de enthusiasmo na mocidade.

IVª e Vª Não tem importancia para as escolas ruraes.

VIª O valor do mestre-escola na educação do povo conserva-se quasi só ao tempo em que os alumnos frequentam a escola e deixa de desejar muito. Em geral os alumnos ou alumnas frequentam a escola 4 annos. Enquanto deste tempo ha muitos dias de falta em serviço de agricultura, doença, tempestades e tantas outras desculpas. Por isto o ensino nas escolas ruraes é mais difficil do que aquelle nas cidades, principalmente nas escolas particulares. O professor fica sempre dependente dos caprichos dos colonos imprudentes quaes consideram o professor por seu creado.

As Theses seguintes não tem importancia para a nossa escola.

Aqui mesmo eu dou ainda algumas noticias que serão por interesse para a Conferencia. Quasi todas as escolas particulares são mais ou menos frequentadas porque a distancia entre uma da outra é muito grande, ás vezes mais do que 8 a 10 kilometros. O numero dos alumnos em

media è de-30. Conforme as leis da instrução publica o governo estabelece uma escola em cerca de 1000 habitantes, e isto já custa muito para o governo como os exmos. srs. estão sabendo. Para a desunidade dos colonos e a dessabedoria deste mesmo tem em geral um professor particular uma situação muito difficil, é quasi um martyr da civilização. O ordenado mensal é em geral 50\$000 á 100\$000. Um professor que é chefe de familia fica obrigado de trabalhar na roça como os outros colonos. Os mappas, os livros e qualquer outro material do ensino é em geral propriedade do professor mesmo. Eu sou professor da escola desde o anno de 1911. Se eu não tinha muito interesse e idealismo para a educação da mocidade então era quasi impossivel de manter uma posição tão mal gratos.

Quanto o Exmo. Sr. Director pode melhorar a posição dos professores particulares então estes fossem muito gratos por isto.

Nós todos temos o desejo de coração de dar para o Brasil juvenil uma boa educação patriotica por os nossos filhos serão bons cidadãos que cervem para o futuro da nossa patria linda — para o Brasil.

Era para mim de immenso interesse de ouvir os resultados da Conferencia. Vamos trabalhar sempre juntos como dous camaradas para a grandeza da nossa patria nova, mas de franco coração. Eu creio de certo que isto é tambem o fim da Conferencia.

Rogo o Exmo. Sr. Director de communicar-me a critica sobre as minhas declarações. Saúde e fraternidade. Fico seu Creado. *Germano Lauér*, professor particular na Escola em Rio das Cabras via Bella Alliança--Estado de Santa Catharina.

PARECER N. 1

Da segunda comissão permanente da Conferencia do Ensino Primario do Estado de Santa Catharina.

ASSUMPTO:— Quaes as vantagens do ensino de leitura pelo methodo analytic? Pode esse methodo ser generalizado a todas as escolas estadaes?

Do estudo das theses sob ns. 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17, respectivamente, dos professores Adriano Mosimann, Marcilio Dias Santiago, Beatriz de Souza Brito, Floscula de Queiroz Santos, Herminio Heusi da Silva, Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho e José Pontes, chegamos a seguinte conclusão, referente á 1.^a questão:

Todos os professores acima reconhecem vantagens no ensino da leitura pelo methodo analytic, sendo que Adriano Mosimann, Beatriz de Sousa Brito e José Pontes o recommendam incondicionalmente, por verem nelle o methodo mais perfeito; Marcilio Dias de Santiago não lhe nega a vantagem de «si applicado por professeres de comprovada habilidade, preparar o espirito infantil para mais logica aquisição dos conhecimentos que lhe destinam os programmas; porque innegavelmente, o analytic exige da juvenildade maior somma de movimentos mentaes, infunde-lhe mais vivacidade.»

Entretanto, este illustrado professor opina pelo methodo syllabico; Floscula de Queiroz Santos aconselha o methodo analytic, quando empregado por professor que o saiba applicar; do contrario prefere o da syllabação, por se este menos prejudicial, quando mal applicado; Herminio Heusi da Silva opina que o methodo analytic torna a leitura correcta e expressiva e facilita o ensino da linguagem oral; Eugenia Gonzaga de Moura Coutinho diz que este methodo torna a leitura expressiva e forma a base da educação mental da criança, achando, porem que, para tirar o maximo proveito do methodo, o professor precisa demorar-se muito tempo na phase da syllabação.

Quanto á segunda questão do assumpto em apreço, verificou-se que: O professor Adriano Mosimann opta pela generalização do methodo analytic a todas as escolas estadaes, desde que o Es ado mande imprimir uma cartilha que

satisfaça a todas as exigencias didacticas e do meio; sendo que os demais professores são de parecer que esse methodo não deve ser generalizado, aconselhando para as escolas ru rae a adopção do syllabico.

A' vista das opiniões acima exposta e baseando-se tambem em seu criterio proprio dá a comissão o seguinte parecer.

PARECER:

I—O methodo analytic é que mais vantagens oferece no ensino da leitura. Deve por isso ser mantido nos Grupos Escolares.

II—A generalização desse methodo a todas as escolas estadaes é por em quanto enexequivel:

a)—Porque muitos professores das zonas ru rae não tem conhecimento perfeito do methodo;

b)—Pela escassez de tempo, pois o professor de escola isolada tem que dividir a sua actividade entre quatro classes.

No intuito de augmentar a proficiencia do ensino da leitura pelo methodo analytic nos grupos escolares, pedimos licença para submeter á competente apreciação dos senhores membros desta Conferencia, a seguinte:

SUGGESTÃO:

Considerando que o regulamento da Escola Normal, approvedo pelo Decreto n. 1721, de 29 de fevereiro de 1924, determina no art. 4.^o que os alumnos da mesma escola façam pratica pedagogica para complemento das aulas de pedagogia e psychologia;

Considerando, que trará vantagem a pratica feita na mesma escola, sob as vistas do lente da referida materia:

Suggerimos o seguinte:

Art. 1.^o — Fica creado, anexo a Escola Normal, um curso de Applicação, cabendo ao Director da referida escola a fiscalização directa do mesmo, tanto quanto ao corpo docente como ao discente.

§ 1.^o — A parte disciplinar e administrativa do curso de applicação será regularizada de accordo com o regimento interno dos Grupos Escolares.

§ 2.^o — O Curso funcionará quatro e meia horas diarias e terá dois ou mais annos de estudos, obedecendo ao programma dos Grupos Escolares.

Art. 2.º — A matricula maxima do curso de applicação será de quarenta e cinco alumnos, vinte e cinco no primeiro anno, vinte no segundo e, no caso de serem creadas outras classes a matricula das mesmas nunca excederá de vinte, não podendo o director admittir alumnos, senão para o preenchimento de vagas.

§ Unico — A matricula de alumnos fora da epoca, para preenchimento de vagas, só será feita mediante exame, a fim de se verificar se a candidata pode acompanhar a classe sem prejuizo das futuras promoções as quaes serão feitas conforme as determinações do Regimento Interno dos Grupos Escolares.

Art. 3.º—O lente de pedagogia do Curso Normal, em hora de aula, acompanhará as suas alumnas na assistencia de aulas no curso de applicação, conforme determinar a Directoria da Instrução Publica.

Art. 4.º—O lente de Historia Natural e Hygiene do curso Normal visitará semanalmente as aulas no curso de applicação, surprehendendo-as em pleno funcionamento para constatar se as alumnas obdecem ás regras do asseio corporal e hygiene escolar.

§ Unico—De tudo que observar sobre a hygiene dará reservadamente, conhecimento ao Director da Escola,

Art. 5.º—As aulas geraes de canto serão ministradas pelo professor de musica do curso normal conforme horario approved.

Art. 6.º—Os normalistas continuam obrigados á pratica regulamentar, nos termos do Decreto n. 651, de 29 de janeiro de 1912.

Art. 7.º—O regimen de ferias do curso de applicação será o mesmo que têm actualmente os demais estabelecimentos de ensino primario do Estado.

Art. 8.º—Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 3 de agosto de 1927;

Ass—*Catharina Demoro*—secretaria *Maria Amorim*—relatora *Adriano Mosimann*—presidente.

Conferencia do Ensino Primario

13.ª THESE

Apresentada pelo Inspector Escolar Flordoardo Cabral

Inspecção Escolar como deve ser feita ?

De uma revista de ensino extrahi o seguinte:

«A Inspecção Escolar»

«Sabem quantos se interessam por esses assumptos que os inglezes attribuem á inspecção, principalmente, o progresso das instituições educativas, e consideram o inspector a *vertebra da escola*.

Diminuir-lhe as prerogativas é pois, desarticular um systema: extingui-lo, seria um desatino. Só os que conhecem o passado da instituição e os multiplos fins que lhes assignou Guizot, ao cria-la, podem aquilatar a altura de sua missão e que ha de árduo no seu desempenho.

Dê-m-lhe autonomia em suas funcções; attendam-lhe os reclamos; façam della um órgão técnico e não burocratico; facultem-lhe elementos de trabalho; rodeiem-na de garantias e verão os excellentes resultados que ella pode produzir.

E' preciso ver as coisas do alto e em conjuncto e não excepções e minudencias».

Aos que assim não pensam cabe aqui a resposta de Barrau.

«Que é um inspector ?

Aos olhos do vulgo é um homem, que conhecendo perfeitamente as necessidades das escolas, é encarregado de examina-las e redigir em seguida um relatorio.

O vulgo vê das funcções somente o que ellas tem de exterior.

O espirito esclarecido penetra o amago das coisas.

A seus olhos o inspector é o homem que estuda as escolas em suas relações particulares e geraes, que subordina a apreciação dos pormenores a comprehensão de conjuncto, que está para os mestres como os mestres para os alumnos e, relativamente ao ensino em geral, como o mestre para a sua licção de calligraphia ou de calculo. E' o homem que aprecia, que prega, que classifica, não somente factos mas pes-

soas. Ha nelle alguma coisa de administrador, de magistrado e de politico.

Lição autorisada pela eminencia de onde vem, e a que o tempo tem dado inteira confirmação.»

COMO DEVE SER FEITA ?

E como o articulista assim pensamos tambem. Para que o serviço de inspecção seja efficiente dê-se autonomia de acção aos inspectores. O Regulamento da Instrucção, no seu artigo 18 diz: «Os inspectores escolares residirão na Capital, onde todavia, não poderão permanecer por mais de 15 dias, excepto durante o periodo das ferias escolares.»

A Lei n. 1230, de 30 de outubro de 1918, diz no seu artigo 7. o seguinte: «Os inspectores escolares deverão visitar constantemente as escolas e os estabelecimentos de ensino estadual, particular e municipal, de seus districtos, etc, etc.»

Nada disso, porem, se executa. Os inspectores passam a mór parte do anno entregues a azaflama burocrática, na Directoria, (isto os que têm a verdadeira noção do trabalho), e ainda um outro, na respectiva sede, aguarda que a Directoria lhe determine serviço.

Não deve ser assim. O inspector «como órgão tecnico, deve estar em constante actividade. Não devemos confiar na acção dos Conselhos Escolares Familiares, que, em grande parte, não satisfazem ao fim para o qual foram instituidos, já porque os respectivos membros são quasi sempre, escolhidos á feição do professor, já porque os que prestam algum serviço o fazem sem a responsabilidade dos que o exercem com remuneração.

Para que a inspecção seja productiva e benefica é mister que seja permanente. O inspector ganha para trabalhar e si o seu trabalho consiste em *inspeccionar*, que o faça sem os obstaculos que lhe estorvem a acção.

São constantes as queixas, trazidas á directoria da Instrucção de faltas graves commettidas nas escolas ruraes. Ora si o inspector tivesse a autonomia de acção, taes faltas não se verificariam. A nossa pequena pratica nos tem ensinado a perceber que quando o inspector se encontra em certa circunscripção, os professores das circunscripções vizinhas trabalham, esforçam-se, receiosos de serem pilhados em algum flagrante. Donde se deduz que as irregularidades nas

escolas cessariam si o serviço fosse feito de accordo com os dizeres do citado art. 18 do Regulamento da Instrucção.

II—PARTE

Outro assumpto que deve merecer a maior attenção dos Poderes Publicos é o meio de transportes aos inspectores. Ahamos que o Governo deve fixar um meio definitivo e prompto de transporte, especialmente para os municipios desprovidos de Estradas de Ferro ou de boas estradas de rodagem. Todas as vezes que somos designados para inspecionar qualquer circunscripção nessas condições, as difficuldades de transportes surgem immediatamente. E, para solucionar, recorre a Directoria ao meio mais prompto, porem muito oneroso para os cofres publicos: aluga um cavallo a particulares e por preço nunca inferior a 10\$000 diarios. Ora numa excursão de 3 ou mais meses o aluguel do animal custaria mais do que si o governo dispuzesse de uma *aranha* com cobertura e um animal arriado para a respectiva tracção que poderia ser forrageado conjuntamente com os da Força Publica, quando permanecesse na Capital.

Um outro assumpto que consideramos de alta relevancia para os interesses da Instrucção Publica é o *afastamento completo da politica* em materia de ensino.

Não ha duvida que esse *phantasma*, que se envolve impiedosamente em todos os ramos de administração, ora procurando destruir o que está feito sob bases solidas, ora obstando as boas iniciativas, contanto que tudo corra ao sabor dos *chefetes* tenha um paradeiro. Urge que a tolerancia ponha treguas as ambições e insinuação politicas, para que os serviços a cargo da Directoria da Instrucção Publica não periclitem.

Um factio *typico* da politica aldeã, observamos em uma das nossas ultimas visitas de inspecção.

Em certo districto dum Municipio do Estado, os polacos nelle residentes, em numero superior a 40 familias, construíram um confortavel predio de alvenaria de tijollos, para — funcionar a escola e residir o professor. O Governador do Estado criou a escola, que se manteve durante largo periodo, e com grande gaudio da população local. Eis, senão quando, foi a escola dali retirada, a pedido, e removida para outra parte, aonde já existiam duas escolas que estavam sufficientemente aparelhadas para servir á respectiva população.

Emquanto que o Governo Federal gasta sommas consideraveis no serviço de nacionalização do ensino, os procederes de uma certa politica adversaria retiram a escola de um nucleo *exclusivamente de polacos* para dar azo á sua vingança partidaria!!!

E assim como esse caso muitos outros identicos poderiamos citar que redundam em desproposito dos altos interesses da Instrucção Publica. Quantas vezes, em nossas inspecções encontramos irregularidades, que apontamos sem odios nem prevenções, em nossos relatorios. A directoria da Instrucção, porem fica tolhida de qualquer acção proveitosa, porque os pedidos chovem e as irregularidades continuam.

E assim, a energia e o criterio do inspector ficam abalados e a sua actuação reduzida a simples *visitador de escola*. Já em 1910 o Conselho Municipal decretava a lei n. 312, concebida nestes termos:

«Lauro Marques Linhares, Presidente do Conselho Municipal de Florianopolis:

Faço saber a todos os habitantes deste Municipio que o Conselho Municipal decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º — Fica o executivo Municipal autorizado a convocar uma reunião, nesta Capital, de todos os demais Superintendentes Municipaes do Estado, a fim de se tratar:

a) —
b) — *do afastamento por completo da politica em materia de ensino*, entregando-se a regencia das respectivas escolas tão somente a professores julgados plenamente habilitados e de preferencia aos diplomados pela Escola Normal do Estado

Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrario. Conselho Municipal de Florianopolis, 31 de dezembro de 1910.— Ass.—*Lauro Marques Linhares*.

E' que o Conselho ou antevia o insucesso na reforma do ensino com a *intervenção da politica*, ou o executivo municipal já estava sentindo os seus efeitos perniciosos e por isso pedia ao referido Conselho a criação de uma lei pela qual podesse, sem embargos daquella intervenção agir desafogadamente.

O que ha legislado, quer referente á parte technica, (lei n. 1181, de 3 de dezembro de 1918) quer com relação á sua

regulamentação (Capitulo VI e seus artigos do Regulamento da Instrucção), é mais que sufficiente para que tenhamos um bom serviço de inspecção escolar.

O legislador demonstrou ser perfeito conhecedor das nossas necessidades e do nosso meio.

O que falta apenas é outorgarem aos inspectores para que essas leis sejam postas em pratica.

SUGGESTÕES:

Achamos opportuno apresentar as seguintes suggestões, que se nos afiguram vantajosas ao serviço de Inspecção Escolar.

PRIMEIRA

Os municipios do Estado ficarão divididos com cinco districtos escolares, assim distribuidos:

1º DISTRICTO—Séde Lages — Comprehende os municipios de Lages, Campos Novos, Curitybanos, São Joaquim e Bom Retiro.

2º DISTRICTO —Séde Laguna — Comprehende os municipios de Laguna, Tubarão, Imbituba, Orleans, Araranguá, Imaruhy, Cresciumo e Urussanga.

3º DISTRICTO —Séde Florianopolis — Comprehende os municipios de Florianopolis (interior da ilha), São José Palhoça, Biguassú, Tijucas, Porto Bello e Camboriú.

4º DISTRICTO —Séde S. Francisco — Comprehende os municipios de S. Francisco, Paraty, Porto União, Ouro Verde, Mafra, Chapecó, Cruzeiro e Campo Alegre.

5º DISTRICTO — (Fiscalizado pelo Governo Federal). Séde Blumenau — Comprehende os seguintes municipios: Blumenau, Joinville, Brusque, S. Bento, Itajahy, Itayopolis e Nova Trento.

SEGUNDA SUGGESTÃO

Creação do logar de Inspector Technico, a quem fica-

rá affe to a fiscalização do serviço de Inspeção Escolar, com uma regulamentação especial, e com a sanção do Director da Instrução.

TERCEIRA SUGGESTÃO

As inspeções serão feitas constantemente e durante os mezes de março, abril, maio e junho (ferias), agosto setembro, outubro, novembro e dezembro, até o inicio das grandes ferias.

QUARTA SUGGESTÃO

Os quatro inspectores terão 20\$000 de diarias cada um para a sua manutenção EXCLUSIVAMENTE quando em serviço de inspeção e mais a diaria de 15\$000 (cada um) para as despesas de transportes, quando estes não forem fornecidos pelo Governo.

Cada inspector terá 600\$000 correspondentes a 30 diarias ou sejam 2:400\$000 mensaes para os quatro—9 meses 21:600\$000 Despesas de transportes, 4 inspectores a 450\$000 —4:050\$000—Total—25:650\$000

Cada inspector munir-se-á de uma caderneta, onde serão registradas as diarias que for recebendo. Essas cadernetas serão apresentadas às repartições pagadoras para aquelle fim e o inspector só receberá novas diarias deante do roteiro do serviço já realizado, em que prove o destino que deu ás diarias recebidas por adeantamento. Essas diarias não poderão exceder de 30. Da mesma forma procederá quanto ás diarias para transportes, si a ellas tiver direito.

O Thesouro do Estado autorisará ás repartições competentes os pagamentos acima referidos.

QUINTA SUGGESTÃO

O Governo do Estado providenciará no sentido de melhorar o transporte dos inspectores, quando em serviço transporte esse que deverá ser compátivel com o cargo. Lembamos a suggestão apresentada na II parte desta these.

SEXTA SUGGESTÃO

Os inspectores, de 2 em 2 meses; poderão vir a séde

dos seus districtos, onde não poderão permanecer mais de 15 dias, salvo nos periodos das ferias ou por motivo de molestia, cabalmente comprovada.

SETIMA SUGGESTÃO

Considerando que a constante remoção dos professores traz ao ensino e ao serviço de inspeção graves prejuizos e irregularidades, nenhum professor poderá ser removido senão depois de cinco annos de effectivo exercicio na escola, salvo por molestia grave, plenamente comprovada por inspeção medica ou por conveniencia disciplinar.

OITAVA SUGGESTÃO

Tornar extensivo ás professoras complementaristas e provisórias o que dispõe o art. numero 15 de lei n. 1187, de 5 de outubro de 1917, que diz: " As candidatas ao magisterio publico, que se matricularem na Escola Normal, da data desta lei em diante, quando diplomadas e nomeadas professoras *perderão o cargo se contrahirem o casamento.*

Florianopolis, 25 de junho de 1927, Ass—*Flordardo Cabral*—Inspector Escolar.

N. 47

THESE 13

Inspeção Escolar. Como deve ser feita

A fiscalização do ensino precisa, dia a dia, receber um influxo novo de força. Não pode parar nem circumscrever-se a moldes mechanicos e estreitos. Tem de ser energia e movimento, resplandecer mesmo de vida e de exaltação para que o ambiente, em que se exerce, fique sempre impregnado do brilho e do calor deste impulso.

Ao chegar á escola não deve esquecer-se o inspector de que ali, a figura orientadora, que indica as falhas mas aponta os remedios, e leva assim o rumo novo a seguir como a scentelha do estimulo, para o mestre e para o aluno.

Verifica si o professor vae acompanhando através das leituras officiaes, o rumor da actividade que agita as rodas do ensino e si está ao pardo aperfeiçoamento que os novos methodos lhe traçam.

Indaga do programma, observa a sua execução, procura no adiantamento da classe o exito e a projecção do trabalho educativo que a escola apresenta.

Realizados, dentro da sala, um a um, os preceitos que o seu claro juizo indica e o Regulamento lhe marca, dá o inspector outro passo adiante e vai certificar-se, no meio social em que vive o estabelecimento, si esta escola ali realmente floresce, si as festas e as caixas escolares e outras esplendidas iniciativas encontram alerta a accessa a solidariedade publica e si todos fazem da vitalidade do ensino o vertice de incidencia a que vão ter as mais fortes correntes do entusiasmo colectivo.

Transforma-se então o inspector no conferencista, que a todos fala e transmite o mesmo fluido renovador, conversando provocando opiniões congregando os espiritos claros, desejando, enfim, envolver na campanha a *unanimidade da população*.

Sem a inspecção local, porem, a inspecção geral seria rematada burla.

E a inspecção local será necessariamente uma ficção absoluta, uma notoria irrisão — disse Ruy Barbosa — emquanto não reconhecerdes estes dois principios cardeaes:

1.º — A inspecção local ha de ser retribuida;

2.º — Essa inspecção demanda condições de capacidade profissional.

REMUNERAÇÃO — Não ha inspecção local sem salario. Por uma razão superlativamente obvia:

A inspecção local não existe, não pode existir realmente, se o inspector se não dedicar exclusivamente aos deveres desse cargo. Pela mesma razão porque subsidiaes o inspector geral, força é, pois, recompensardes os seus agentes no trabalho quotidiano da inspecção.

Do mesmo modo que o inspector geral não pode repartir a attenção por outros empregos, tambem o seu representante local (cada um na sua esphera) não pode, sem que a inspecção desapareça, distrahir noutras occupações o seu cuidado. Ambas as incompatibilidades são absolutas e radicaes. A legislação das escolas primarias do Estado, entre nós não estipendia a fiscalização local do ensino. Como quem á considerasse pouco mais ou menos um accessorio no organismo da educação popular.

Tal qual o architecto que dispendesse tudo na superstrutura apparatusa e brilhante de um edificio, considerando como

questão secundaria o alicerce, porque é modesto e obscuro! Construcções taes seriam fatalmente resiveis e chimeras. Si não quizerdes remunerar o inspector local, não quereis inspecção. Si não tiverdes inspecção, não tereis ensino; a ser certo, como dizia, a tres annos, o chefe da Repartição Nacional de Instrucção publica nos Estados Unidos, que, de todos os elementos dos quaes depende a educação popular num Estado, a inspecção é incompativelmente o principal.

Dahi este facto invariavel: todos os Estados que sinceramente querem escolas, pagam os inspectores locaes.

Si, portanto, não quizesseis retribuir, os inspectores locaes, só vos restaria um alvitre leal: abolir a inspecção; por outra: eliminar o ensino publico.

Mas se annuis a assalaria-los, cumpre que o salario seja effectivamente remunerador.

Assim argumentava Ruy Barbosa em seu memoravel *Parecer sobre o Ensino Publico* (pg. 295).

Seguindo este caminho de alma levantada, e impondo-se pelo equilibrio das attitudes, e imprimindo sempre, principalmente, uma nota detlagrante eficiencia pratica á acção que desenvolve o inspector regional não somente presta á causa, que tem nos hombros, um serviço que não morre. Elle realiza tambem, por assim dizer, o trabalho pessoal de levantamento de sua propria missão, e em vez de deixar a impressão de que é pequena ou apagada a sua tarefa, dá-lhe ao contrario linhas luminosas, tornando-a mais alta e mais nobre.

Mas para constituir um bom inspector de escolas, não basta querer selo, possuir as qualidades moraes ordinaria, dispor de um juizo são e de uma intuição clara das coisas, conhecer, enfim, o que pelos livros se aprende.

Sem certos titulos particulares de competencia intellectual, sem um cabedal de conhecimentos especiaes o inspector terá olhos, e não verá, ouvidos, e não perceberá no exame de um estabelecimento de ensino as feições mais caracteristicas do merito ou do derrancamento da educação; não discernirá entre o progresso real, austero nos seus meios, sobrio nas suas pretensões, e o verniz de apparencias habilmente polidas; não distinguirá entre a charlataria audaz e a superioridade discreta; não discriminará a multidão innumeravel de peccadilhos, de omissões, de excessos, de degenerescencias que se insinua occultos a vista profanas,

no ensino da primeira idade. (Ruy Barbosa) parecer citado).

INSPECÇÃO MEDICA ESCOLAR Um homem que mais de uma vez governou a Inglaterra, disse um dia, não ha muitos annos, numa reunião popular congregada em Manchester, discorrendo sobre os meios de felicitar a sorte das classes operarias: Emquanto a mim, o melhoramento da saude publica, é a questão que prevalece a todas as demais, a que devem meditar acima de outras quaesquer, todos os estadistas, todos os legisladores, pertençam a que partido pertençarem. Habitações sãs, viveres de boa qualidade, agua pura, ar abundante: eis as condições mediante as quaes nos será possível contribuir para o descanso e satisfação de todos os homens. Repito: *as questões de hygiene sob excedem pela sua importancia, a todas as outras, e para um estadista realmente pratico não as ha superiores.*»

Estas palavras de Beaconsfield, primeiro ministro então do Reino Unido, diz Ruy Barbosa, deixam aquilatar a immensidade do atrazo scientifico e administrativo de um paiz, como o nosso, onde pela hygiene escolar, aspecto duplamente grave da hygiene geral, ainda seriamente se não começou a fazer nada. (Ruy Barbosa, parecer citado, pag. 324). A inspecção medica escolar é um assumpto hoje considerado da maxima importancia.

A este proposito, em sua mensagem dirigida ao Congresso Nacional em 1923, o eminente estadista dr. Arthur Bernardes, externando conceitos de uma clarividencia admiravel, disse: «De modo algum poderá deixar o Governo de considerar com decisão esse ramo da Hygiene Publica, cumpre salientar que não é só a preocupação da doença que exige nesse terreno os cuidados do Estado; acima de tudo cumpre difundir entre nós os cuidados necessarios ao regular desenvolvimento physico das creanças e considerar, em summa em toda a sua complexidade o problema da puericultura.

Assim o fazem todos os paizes cultos que promovem, na perfeição de sua raça a grandeza da nacionalidade.»

Um povo ou mesmo uma agremiação sem Hygiene não vive como pode, não se desenvolve como deve.

O individuo são, é um capital que produz e a sua associação é uma força garantidora do progresso contrastando com o individuo enfermo ou com aquelle que tem o seu desenvolvimento retardado, e que são unidaes improductivas, formando a sua agremiação uma sociedade que se es-

terilisa. Leon Bourgeois nobre e veneravel espirito, grande servidor da humanidade, affirmou, com a approvação de todos os cultos espiritos, que «tudo será inutil, si o individuo ignora o perigo da molestia e as regras da Hygiene pelas quaes elle pode preservar-se della e preservar a collectividade».

Pois bem, eduquemos os nossos concidadãos, pelo menos, orientando-lhes a sua acção em face dos sãos principios da Hygiene. E assim, afastadas as hypotheses e doutrinas, que de momento podem conturbar a acção dos dirigentes e dirigidos, olhemos attentamente para a observação dos factos.

A observação mostra que a molestia de um, consciente ou inconscientemente, pode tornar-se a molestia de outro e então a Hygiene agindo bem orientada, dá combate à molestia evitando-a e o que é mais combatendo a molestia dá tambem combate à morte, e vence. Em trabalho recente, citado por um illustre clinico do Rio Grande do Sul, le-se aliás sem surpresa, um exemplo frisante do quanto pode a Hygiene.

Ha 30 annos, na Dinamarca a tuberculose pulmonar matava 20 individuos em cada grupo de 10.000 habitantes e hoje no mesmo grupo não mata mais de 8!

Em 1890 morriam annualmente 327 crianças de molestias gastros intestinaes, e hoje, guardadas as mesmas proporções, as estatisticas referem apenas 75 obitos. E assim por diante, para a febre typhoide, para a diphtheria e tambem outras molestias

Já não é mais uma utopia o combate à molestia e à morte pois aquelle poder da morte já vae cedendo ante a Hygiene.

O que se impõe o que se torna absolutamente necessario é o concurso de todos, a solidariedade com todos, os esforços synergicos—porque a saude de cada um não é mais do que a resultante da collaboração de todos.

CONSTRUCÇÃO DE CASAS ESCOLARES—A Directoria da Instrucção tambem deve fiscalizar e inspecionar os edificios escolares.

1º.—Fiscalizar os locais onde serão edificadas as escolas cujas plantas serão organizadas pela Directoria de Instrucção.

2º.—O Estado e o Municipio não poderão adquirir predios já construidos, para escolas sem approvação da mesma Directoria.

3º.—O Estado e o Municipio contribuirão em partes

proporcionaes para as despesas destinadas à construcção, compra e reparação dos predios escolares.

4.º — O Estado e as Municipalidades não poderão fazer nos edificios escolares, reparações, modificações ou quaesquer obras, sem que os planos respectivos sejam submettidos á approvação daquella Directoria.

CONCLUSÕES

I

Além da inspecção geral do ensino, deve ser creado o serviço de inspecção — *local, regional.*

II

O Governo creará o serviço de INSPECÇÃO MEDICA ESCOLAR!!

III

A inspecção tambem se extenderá aos *edificios escolares*, que não poderão ser localizados, adquiridos ou reparados, pelo Estado ou pelo Municipio, sem audiencia da Directoria de Instrucção Publica.

Boa—Vista — 8 — 7 — 27.—Ass.—*Ambrosina Maria Gomes.*

THESE N. 42

Exmo. Sr. D. D. Director da Instrucção Publica do Estado
Antonio Mâncio da Costa — Florianopolis.

Antecipando cordiaes saudações, agradeço sinceramente o convite que recebi, para assistir a Conferencia de Ensino Primario.

Dou o meu parecer por escripto que incontestavelmente é melhor do que vir a Conferencia e por acaso não ter occasião de exprimir minhas idéas.

Concluí que tudo o citado no programma da Conferencia é bom, para dar bons resultados na instrucção dos nossos Infantis. Entendo pelo meu julgamento que o « Esta-

belicimento de Ensino » é a pedra fundamental da Sociedade, Estado e Nação e é preciso cuidar desta pedra.

E' preciso que tivessesmos um Inspector que sempre esteja em viagem examinando as escolas — mas aqui é preciso dizer não só as isoladas — todas! Não seria possivel isto?

Um inspector que sempre esteja em viagem examinando as escolas, aconselhando os professores e dando de tudo relatorio ao Sur. Inspector Federal. Assim ficaria evitado o que hoje é ordem do dia: As questões entre as escolas Publicas e os estabelecimentos particulares de que temos grande quantidade em nosso Estado. Muitos professores das escolas isoladas, para manter a ordem são obrigados a sujeitar-se a vontade da população porque estes se não querem, mandam seus filhos para escolas que mantem a sua custa e onde elles fazem o que lhes convem, sem serem fiscalizados ao menos. E nós os professores calamos onde deviamos falar alto para conseguir isto. Esta ali o meu parecer.

Precisamos quanto mais antes, melhor, Inspecção Escolar, por todas as escolas, porque vivemos todos debaixo das mesmas leis e não pode haver privilegio para ninguem. Tomei a liberdade de participar a V. Excia. meu parecer e estou certo que sem. Inspecção Escolar é meio serviço que estamos fazendo. O presentê dou na mão de V. Excia., para como desejo contribuir na obra tão nobre da instrucção.

Rio da Luz, 24 de junho de 1927, Saude e fraternidade
Adalberto Haffner.—Professor.

PARECER N.º 2

A' primeira commissão foram presentes as theses ns. 10 e 47, de autoria do Inspector sr. Flordoardo Cabral «Inspeção Escolar. Como deve ser feita» e da professora d. Ambrosina Maria Gomes, do mesmo titulo.

A commissão é de parecer: a) — O trabalho apresentado pelo Inspector Escolar sr. Flordoardo Cabral merece acolhimento especial, porque o assumpto está plena e judiciosamente desenvolvido, exposto de tal modo que dispensa qualquer outras suggestões, dividindo o Estado em cinco

districtos escolares e creando o cargo de Inspector Technico, de indiscutivel utilidade. Todavia, não concorda com a oitava suggestão do alludido trabalho estatuindo que se torne extensiva ás professoras complementaristas e provisórias o disposto no art. 15 da lei n° 1187, de 5 de outubro de 1917, que diz: «As candidatas ao magisterio publico que se matricularem na Escola Normal de data desta lei em diante, quando diplomadas e nomeadas professoras perderão o cargo se contrahirem casamento». Seria matar o estímulo dos docentes e subtrahir ao magisterio justamente os elementos que sob o ponto de vista technico e moral, são mais necessarios á profissão. Nestes termos, deve esse trabalho ser indicado ao governo, como imprescindivel contribuição á regulamentação do aparelho de fiscalização do ensino, base sob que deve assentar qualquer melhoria do nosso ensino primario. b) — A these da professora d. Ambrosina Maria Gomes pode ser publicada como subsidio ao estudo do palpitante problema da fiscalização do ensino primario.

Sala das sessões, 3 de agosto de 1927.

Ass. — *Marcelio Dias Santiago, Raja Gabaglia, P. F. X. Zartmann, Barreiros Filho.*

N. 48 Como deve ser Ministrados o ensino de geographia e Cartographia nas escolas Primarias e Complementares ?

Qual a correlação entre essa e outra materia ?

Convem o Ensino de Cartographia nas Escolas Rurales ?
De que fórma ?

O ensino de geographia nas escolas primarias deve ser ministrado com o auxilio de uns taboleiros a que se refere o programma dos primeiros annos dos grupos, nos quaes se collocará areia, barro, ou outra substancia qualquer, que se possa amoldar á nossa vontade para que possamos representar quasi todos os accidentes naturaes que tivermos necessidade de ministrar; assim se gravariam melhor na memoria da criança, pois, com o auxilio dos presentes mappas, ella se confunde, em vista de estarem represen-

tados alli, muitas cousas que elle não tem ainda precisão de aprender. Por esse systema podemos dizer que o ensino desta disciplina se tornaria propriamente objectivo, porquanto a propria criança poderia modelar as montanhas, traçar os rios, lagos, etc.

Julgo ainda que, para se tirar proveito com o ensino desta materia, deveria o seu programma ser reduzido, porquanto, nos segundo, terceiro e quartos annos, elle é bastante extenso e complicado para o espirito simples da criança. No quarto anno, chega quasi ao exaggero, pois é relativamente mais exigente que o programma da mesma materia no primeiro anno da Escola Complementar, cujo programma é quasi igual ao do terceiro anno do Grupo, senão, vejamos: O programma do quarto anno pede o Brasil, quasi em geral; os Estados separadamente; definição e divisão dos continentes, de globo, oceanos, ennumeração e descripção de paizes que ficam nas zonas torridas, temperadas e glaciaes; paizes da America e da Europa e uma noção mais ou menos extensa de geographia astronomica. O programma de geographia do primeiro anno da Escola Complementar pede noções de geographia astronomica, como o quarto anno do Grupo, sendo bem verdade que mais desenvolvidas; o Estado de Santa Catharina em geral, que é estudado no terceiro anno do Grupo, sendo tambem mais desenvolvidamente na Escola; o Brasil em geral, quasi como no quarto anno do Grupo; os Estados separadamente, bem como no quarto anno apesar de bem mais desenvolvidamente. Organização do governo do Brasil, os tres poderes, sua composição e attribuições e as Armas e a Bandeira do Brasil, dos quaes o quarto anno do Grupo, estuda somente a primeira parte, constando este ponto do ensino de Educação Moral e Civica.

Entendo que esse augmento de exigencia devia ser gradativo e não mais ou menos repentinamente como se dá.

O ensino de geographia nas Escolas Complementares, parece-me que, deveria ser ministrado da mesma maneira pela qual o está sendo, porem com uma boa reducção principalmente no segundo anno onde é bastante extenso.

O ensino de cartographia nas escolas primarias, acho que deve continuar a ser ministrado por meio de escolas ou diagrammas e como complemento ao estudo de geographia. Da mesma maneira julgo a parte que se refere á Escola Complementar.

Julgo convir iniciar o ensino de cartographia nas es-

colas ruraes, pelos mesmos motivos e fórma já expostas.

Entendo que a mutua relação que esta mantém com a outra materia è de desenvolver os conhecimentos civicos e augmentar o amor á Patria pelo reconhecimento e conhecimento dos lugares onde se deram factos relativos á vida de nossa Patria. Esta correlação deve ser mantida com a Historia do Brasil.

Ass.—*Albano Monteiro Espinola*.—Director do Grupo Escolar de Tubarão.

PARECER N.º 3

A primeira commissão, examinando a these numero 48, de autoria do sr. professor Albano Monteiro Espinola, sobre o modo por que deve ser ministrado o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares, e si convem o mesmo ensino nas escolas ruraes—é de parecer que a mesma deve ser publicada. E' um truismo o caracter pratico que se deve imprimir sempre, em todas as classes, ao ensino de geographia. O ideal seria, em todas as classes, a creação de gabinetes de materia, onde seriam empregados até os apparatus de cinematographia e lanternas de projecções fixas, a fim de ministrar o ensino pela memoria visual, na realidade insubstituivel.

Em todo o caso, o uso dos taboleiros em gesso, areia ou em massa plastica e uma colleção de vistas photographicas com aspectos typicos dos differentes meios geographicos e dos modos de vida dos povos—é de facil installação e deve ser aconselhado.

A commissão toma, entretanto a liberdade de suggerir ao Governo o estabelecimento na Escola Normal de um gabinete modelo de geographia, ao lado dos de physica, chimica e historia natural.

Este deveria consistir em:

- a) — um apparatus cinematographico e uma lanterna de projecções fixas
- b) — uma colleção systematica de vistas photographicas;
- c) — uma colleção de typos humanos em bustos;
- d) — uma colleção de rochas brasileiras mais comuns na região, para estudo elementar;
- e) — uma colleção de instrumentos meteorologicos

mais usuaes, para explicação summaria do seu manejo (barometros, thermometros, pluviometros, mappas de nuvens);

f) — uma colleção completa de globos, mappas e cartas dos continentes e dos paes;

O exame de geographia na Escola Normal e Complementares teria sempre uma prova pratica consistindo num exercicio de cartographia e modelagem e no manejo do material do gabinete.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.

Ass. — *Raja Gabaglia, Barreiros Filho, Marcilio Dias Santiago, P. F. X. Zartmann.*

N. 28

Apresentado a Conferencia de Ensino Primario pelo professor Adolpho Silveira, director do Grupo Escolar «Professora Anna Cidade», da cidade de Ouro Verde.

O ensino de historia da patria é, bem se pode afirmar, o assumpto principal para a educação civica do povo de um país civilizado como o é o Brasil.

Não pode haver uma perfeita educação civica, tanto nas escolas primarias como complementares, sem que sejam estudados os factos mais importantes da vida da Nação.

Eis porque a Grecia, que dos paes antigos foi o que mais cuidou da educação civica de seus cidadãos, nunca descurou do ensino de sua historia e de suas lendas na instrucção que era ministrado ao povo. As poesias epicas de Homero, recitadas orgulhosamente pelos gregos em seus gymnasios, valeram mais levantando o sentimento de civismo, do que a força bruta dos exercitos persas.

A historia da patria é o ensino que mais serve para levantar o caracter nacional.

Povo que desconhece a historia de sua patria não sabe dar valor a sua propria existencia. É um nucleo de seres que nasce, vive e desaparece sem que saiba jamais porque e para que se acham os seus componentes congregados em uma organização social.

E' essa a razão porque todos os povos civilizados incluem nos programmas de ensino primario, a par da instrucção civica, o estudo obrigatorio da historia patria. E o

Brasil, cujo povo se conta naquelle numero, pode orgulhar-se, apesar de ainda haver pessoas que o julgam caminhar na retaguarda de todos os outros paizes em materia de instrucção, de ter essa medida em suas escolas desde o primeiro dia em que a instrucção primaria se libertou dos acanhados ensinos ministrados por particulares.

Não se deve, por essa razão, considerar o nosso paiz como sendo formado por um povo sem sentimento de civismo, sem nenhum conhecimento da historia nacional.

O que nos falta, porem é um methodo pelo qual seja o ensino de historia aproveitado para fazer nascer na alma da criança o orgulho nacional.

São pelos factos que enobrecem o nome de nosso paiz, são pelos actos que dignificaram os nossos antepassados, que se fazem brotar na criança brasileira o sentimento de patriotismo e o orgulho por tudo que se prende á vida politica da nação.

E' um erro, portanto, ensinar ás crianças factos que possam trazer sentimentos contrarios aos que lhes devem dar orgulho da sua nacionalidade.

Entre, nós, firmados em compendios de historia do Brasil que procuram justificar os lamentaveis erros dos primeiros povoadores, (do Brasil.) deste paiz, ha o habito de se ensinar nas escolas que os gentios eram perigosos que se deliciavam em banquetes macabros com a carne de seus inimigos.

Pessimas e de resultados contrarios aos que se devem esperar, são as aulas desta natureza, que, infelizmente, se gravam com muita facilidade no espirito da criança.

A palavra *brasileiro*—que tanto devemos enaltecer nas aulas de educação civica, já fica como que impropria á nossa nacionalidade, visto ella tambem ser applicada a um implacavel inimigo da civilisação trazida, a esta terra, pelos portuguezes, nossos avós.

São estas as idéas que pode fazer a criança que, depois de ouvir as narrações dos heroicos marujos luzitanos, tiveram tão triste e deprimentes informações sobre os nossos indigenas.

O professor deve ser o arauto da verdade, e por este motivo é seu dever esclarecer o que de facto se passou no tempo da colonização, sem entretanto abordar assumptos, verídicos ou não, que possam trazer uma natural aversão aos gentios, cuja vida, costumes, religiões devem ser ensinados de

modo a despertarem na criança um justo sentimento de sympathia pelos habitantes primitivos de sua patria.

Será assim que se pode crear espirito dos nossos pequeninos patricios o orgulho pela raça. Alguns topicos das obras de José Alencar lidos e commentados em aula, são de salutar effectos. Por elles poderá a criança apreciar o caracter e o costume dos indigenas, que foram narrados por aquelle escriptor brasileiro de uma fórma que enobrece e eleva a nossa nacionalidade desde o principio da historia patria.

Ainda outro defeito notavel em muitos estabelecimentos de ensino primario e complementar, tanto nas aulas de historia, como de educação civica, é o de se ministrarem pontos escriptos aos alumnos para que estes os decorem em casa.

Perderá o valor historico e a importancia educativa qualquer assumpto que a criança for obrigada a decorar.

E' preciso que essas aulas se tornem attrahentes e que despertem nos alumnos o desejo de elevarem o nome da Patria e de conhecerem profundamente a historia nacional.

Desde que a materia ensinada não atraia a attenção do alumno, ella se torna fastidiosa e inaproveitavel.

Assim, todo educador que ministrar aulas de historia patria e civismo deverá faze-las em fróma de narração, procurando sempre prender a attenção de seus alumnos aos factos mais importantes.

Deve-se repetir por muitas vezes os assumptos que mais agradarem a criança e nunca se discorrer longamente com adornos de literatura sobre uma massa de factos e acontecimentos.

Deve-se ter em vista que ambas essas aulas não tem por fim habituar a criança a recitar trechos literarios, como em geral acontece, mais sim o de educar o caracter nacional e o de avivar no delicado espirito infantil o sentimento de patriotismo.

Sabendo-se que a criança não pode reter em memoria todas as palavras com que o educador aborda um assumpto necessario é que o professor não seja prolixo e que faça acompanhar a exposição por perguntas sobre os factos a proporção que os for relatando.

Assim, descobrirá se seus alumnos estão recebendo com interesse a sua aula.

As fórmulas *expositiva e interrogativa* quando empregadas simultaneamente são muito vantajosas, como já teve occa-

sião de afirmar o professor Dario Vellozo, de sua cathedra na Escola Normal de Coritiba, e foram essas as fórmas adoptadas por Froebel, o creador do jardim da infancia, e que convem, segundo opinião do professor acima citado e externado na pagina 38 do seu Compendio de Pedagogia, ser adoptadas nas escolas primarias, «quanto possível». Arguindo sempre que se apresentar occasião, é como o professor despertará a attenção de seus alumnos para o que estiver ensinando. Por um systema de arguição bem orientado obriga-se o alumno a não preoccupar a sua attenção em coisas estranhas ao assumpto de que se trata em aula.

Os pontos para o estudo, portanto devem ser preparados pelo proprio alumno, auxiliado ainda por um questionario escripto pelo professor no quadro negro, segundo os assumptos abordados na aula expositiva.

Ainda é de grande importancia e de real aproveitamento o usar-se, como themas de aulas de linguagem oral e escripta, os assumptos dessas duas materias.

De fórma que o professor deve tomar o cuidado de expor os assumptos de certo modo, que os alumnos encontrem facilidade, não só de organizarem por si mesmos os seus pontos para exporem na 3ª phase do ensino, como tambem de aproveita-los como themas para uma boa redacção.

Nas escolas ruraes, devido ao pouco desenvolvimento intellectual do meio, facto que muito difficulta o ensino de certas materias, o programma de historia patria e educação civica deve simplesmente abranger os assumptos de maior importancia, mais de seus conhecimentos, não se devem privar as criancinhas sertanejas.

Um programma longo obriga o professor a fazer de seu alumno um declamador de trechos de literatura, cuja linguagem o que é peor sobretudo, inadaptavel ao meio, torna-se o maior embaraço ao proprio ensino, visto a creança, na maioria das vezes, não ter nenhuma comprehensão do que expõe.

O aproveitamento nunca se deve tomar pelo que for decorado, e sim pelo que for comprehendido.

De nada serve e em nada será aproveitavel, o obrigar a criança a decorar pontos, e mais pontos, sem que ella saiba interpretar palavra por palavra do assumpto estudado.

Esta é a razão porque seria conveniente para que as

escolas ruraes fosse organizado um programma em que, adiante de cada assumpto, fossem esclarecidos os factos que devem ser tratados em aulas.

Dada a obrigação em que me acho, já que me propuz a discorrer sobre esta 4ª these, de dizer «em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes,» apresento, para serem discutidas na Conferencia de Ensino Primario deste Estado, os seguintes pontos.

HISTORIA

1º Descobrimto do Brasil — (viagem de P. Alvares Cabral. O descobrimto — A 1ª missa).

2º — Povos que habitavam o Brasil — (As principaes nações, vida e costume do indios).

3º — As donatarias — (Porque foram creadas — As principaes).

4º — Governo Geral — (A criação do Governo — Os tres primeiro governadores).

5º — Invasão francesa — (A invasão, os tamoyos, a expulsão).

6º — Invasão hollandeza — (Da Bahia e de Pernambuco — O governo dos hollandeses — A retirada de Nassau e o abuso dos hollandeses contra os colonos — A expulsão — Antonio Felipe de Camarão, André Vidal de Negreiros e Henrique Dias).

7º — Inconfidencia mineira — (Causa — fracasso — a prisão dos inconfidentes — A morte de Tiradentes).

8º — A Independencia — (A vinda e regresso da familia real — A permanencia de D. Pedro — A attitude da corte — O Fico. A viagem de D. Pedro a S. Paulo — A mensagem da corte e a de José Bonifácio. A Independencia).

9º — O Imperio — (O 1º imperador, a regencia trina dos dois regentes — A maioridade e o 2º imperador).

20' — A Guerra do Paraguay — (Causa — Batalhas mais importantes — Terminação da guerra — Nomes dos heroes).

11 — A escravidão — (origem e sua abolição — D. Isabel, José do Patrocínio, Visconde do Rio Branco).

12º — A Republica — (D. Pedro II e seu estado de saude. D. Isabel — Proclamação — Marechal Deodoro da Fonseca).

13º — Datas nacionaes — (O que é feriado — O uso dos dias feriados entre todos os povos cultos — Os feriado

brasileiros e seus motivos — Os feriados estadoaes e os seus motivos resumidamente).

EDUCAÇÃO CIVICA

1' — A patria em geral — (O que é a patria)

2. — A patria brasileira — (A descoberta do paiz, a origem de sua população. A Independencia. A Republica Forma de Governo. Lingua falada — As bellezas naturaes)

3 — O Brasileiro — O caracter do Brasileiro, seus sentimentos altruistas, sua civilização — O espirito da liberdade, Tiradentes, Padre Roma, José Bonifacio, José Clemente Pereira e outros).

4' — Os deveres do homem com relação a patria — (A integridade do paiz — Quem a garante — O serviço militar — O fiel cumprimento dos deveres publicos).

5' — Os deveres da mulher e da criança com relação a patria. A mulher como mãe e a educação de seus filhos — A mulher como enfermeira e a Cruz Vermelha — O cuidado e o carinho que merece os enfermos — A criança e a escola — O nome da Patria eleva-se segundo a cultura do povo O escoteirismo — A necessidade das creanças se organizarem em batalhão de escoteiros).

6° — Como devemos enaltecer o nome do Brasil — A perfeição do caracter — A instrucção — A liberdade — O respeito á Constituição — A paz — José Bonifacio, Ruy Barbosa, José do Patrocínio, Brão do Rio Branco e outros devem ser citados como exemplos de homens que enaltecem o nome do Brasil).

7 — A bandeira — (O que representa a bandeira de cada povo — A bandeira brasileira e a sua criação — A festa de 19 de Novembro — As cores da bandeira nacional — O respeito a bandeira.

8° — O hymno nacional — (Os cantos guerreiros dos povos antigos. A musica e os sentimentos que ella provoca — Os povos cultos e seus hymnos — O hymno nacional — O que cantamos na primeira estrophe do nosso hymno).

9' — O voto — (O que quer dizer votar — A instituição do voto nos paizes cultos — A soberania do povo — a eleição, o voto livre — O dever do cidadão eleitor — Quem pode votar) Nesta aula o professor deve fazer entre seus alumnos um simulacro de pleito eleitoral, guiando-os em tudo quanto for preciso para que haja uma perfeita comprehensão, sem descurar, entretanto, de estudar o caracter da criança,

para elogia-la ou censura-la pelos actos que traduzam elevação ou baixaza do mesmo.

10 — Os poderes da nação — (A fórmula de governo — Os tres poderes e quem os exercem. — O que quer dizer poder legislativo — Idem executivo — Idem judiciario).

11 — Os poderes do Estado — (Indicação do ponto anterior).

12' — Os poderes do Municipio — (Idem, idem com as devidas restrições) — Devendo serem aproveitados os conhecimentos adquiridos pela pratica do 9° ponto para as organizações entre os alumnos dos poderes dos tres governos.

Todos ensinns destes pontos devem ser ministrados como já foi dito anteriormente, sendo distribuidos pelos tres annos do curso.

A criança, desde que entra para a escola, já deve ir adquirindo conhecimentos dos seus deveres civicos e sobretudo do principio da historia de sua patria. Portanto, não é exaggero, como muitos querem admittir, a introducção destas materias no 1' anno das escolas ruraes, desde que ellas sejam ministradas de accordo com a capacidade da criança.

Uma linguagem, facil em fórmula de narração, torna qualquer assumpto attrahente, e é isso bastante para que a criança, desde os seus primeiros dias de aula, já se vá habituando a prestar toda a sua attenção ás palavras de seu educador.

E assim dou por concluido esta 4ª these que me propuz desenvolver para ser discutida na Conferencia de Ensino Primario a realizar-se em Florianopolis.

Ouro Verde, 1º de julho de 1927.—Ass.—*Adolpho Silveira.*

N.º 50

4.ª THESE

Como deve ser ministrado o ensino de historia patria e educação civica nas escolas primarias e complementares?

Em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes?

Como todo o cidadão verdadeiramente nacional deve saber a historia de sua patria, os meios mais evidentes de aparelhar as crianças de fôrma que para a posteridade venham a ser cidadãos patriotas, executores adstrictos dos deveres patrios, e educar-lhes a historia do paiz, fazer-lhes conhecerem os grandes homeus que combateram pelo nosso engrandecimento, maravilhar os successos dos excelsos heroes já mortos e sacrosanto discernimento de veneração e assombro pelos nossos antepassados, a quem negavelmente devemos uma grande parte do bem estar que desfructamos; e o meio para ensinar-se essa disciplina nas escolas primarias e complementares, é o da narração seguida das gravuras, onde os alumnos depois de estudarem as lições comprehendam o que leram, possam mais tarde lembrarem-se do que aprenderam, por essa fôrma, pelos quadros da historia patria, os alumnos utilizando-se delles, sem duvida nem uma these um grande auxiliar e para base do ensino preliminar nas referidas escolas, convem que seja feito da seguinte maneira:

Aos alumnos do 2º anno das escolas primarias o ensino de historia patria, deve ser distribuido por essa fôrma: 1º que fiquem sabendo e conhecendo as datas nacionaes e seus motivos; 2º O descobrimento do Brasil; 3º Divisão do Brasil em capitancias; 4º Historia da função das capitancias; 5º Creação do governo geral — os tres primeiros governadores; — 6º Divisão do Brasil em dois governos; 7º O Brasil sob o dominio hespanhol. Empreheimentos conquistadores dos hollandeses na Bahia e em Pernambuco; 8º Expulsão dos hollandeses do Brasil; 9º Expedições dos francezes contra o Rio de Janeiro; 10º Guerra com os hespanhoes — empreheimentos conquistadores em Santa Catharina e

no Rio Grande do Sul; 11º Os vices reis do Brasil e conspiração do Tiradentes.

O ensino de educação civica, deve ser ministrado pela seguinte fôrma:

1º deveres dos alumnos para com seus progenitores, parentes, professores e pessoas mais idosas; 2º fôrma como devem se portarem á mesa nas horas de refeições e em logares publicos; 3º a necessidade que deve haver no asseio para a conservação da saude e os deveres que devem ter para com a sociedade; 4º os deveres que todos devem ter para com a Patria, a bandeira e o hymno nacional; 5º a organização do governo brasileiro. Quem faz as leis, quem as executa e quem as expõe; 6º organização do governo do Estado. Quem faz as leis, quem as executa e quem as interpreta; 7º organização do governo do municipio. Quem faz as leis e quem as expõe; 8º nomes dos presidentes da Republica, dos governadores do Estado e dos superintendentes ou prefeitos dos municipios nomeadamente.

O ensino de historia aos alumnos do 3º anno das escolas primarias, deve versar sobre os seguintes assumptos: 1º desde a chegada da familia real ao Brasil, principaes factos occorridos no governo de d. João VI, até a independencia; 2º factos occorridos no principio e fim do governo de d. Pedro I; 3º principaes factos occorridos no governo de d. Pedro II, guerra do Paraguay, factos occorridos depois da guerra; 4º a abolição da escravatura; 5º o governo republicano; 6º os presidentes da Republica e principaes factos occorridos; 7º noticias de alguns brasileiros illustres; 8º fundação das villas de São Francisco, Desterro (Florianopolis), Laguna e Lages, como primeiros nucleos da formação do Estado.

Para o ensino de educação civica, os alumnos devem repetir tudo o que ficou dito para o 2º anno. O ensino destas disciplinas nas escolas isoladas deve ser feito resumidamente. Nas escolas aggremiadas, grupos escolares e escolas complementares, o ensino de historia e educação civica nas primeiras, deve ser ministrado resumidamente e nos grupos e escolas complementares, as lições tanto de uma como de outra destas disciplinas, devem ser firmadas exactamente em cada anno e no que se relaciona ainda com o ensino de educação civica nessas escolas até a terminação dos respectivos cursos, deve ser repartidamente aos estudantes, que irão afirmando com convicção os pontos que forem estudando de

acordo com as respectivas series e cujas lições devem versar sobre a Patria, o Estado. — A Constituição — Forma de Governo, Territorio nacional. — A lei moral e as leis civis — Poderes do Estado — Poder legislativo — Poder executivo — Soberania nacional — Suffragio nacional — Poder Judiciario — Administração e Divisão judiciaria — Direitos civis e politicos — Administração dos Estados e dos Municipios.

Para as escolas ruraes, o ensino de historia patria e educação civica, deve ser o mesmo que ficou dito para os alumnos do 2º e 3º annos das escolas primarias.

Santa Emydia, no municipio de Ouro Verde, 1º de junho de 1927. — Ass. — *Antonio Ribeiro da Fonseca.*

N.º 23

Como deve ser ministrado o ensino de historia patria e educação civica nas escolas primarias e complementares?

Em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes?

R — A historia é a materia que mais interessa e prende a attenção do alumno, pela curiosidade que desperta em saber dos factos, como elles se deram, em que epoca se realizaram e onde se passaram.

Todas as crianças gostam de ouvir narrações e contos desde a primeira infancia e desses exemplos temos a prova frisante nos nossos lares, quando queremos desviar a petisada por alguns momentos, das suas travessuras, então falaremos dos fabulosos contos de mil e uma noites, etc. que tanto interesse produzem os seus enredos, nas tenras intelligencias que fazem um mundo de perguntas e mantêm-se numa verdadeira attitude de obdiencia e attenção, pelo modo com que são narradas pelas proprias mães ou institutrices.

É assim é nas escolas primarias, quando o professor sabe a maneira de explicar os pontos historicos.

É completamente negativo o ensino da historia patria,

nas escolas por meio de definições e narrações decoradas, reservando-se só para o curso superior e isso quando o alumno pode fazer por si, sem o auxilio dos compendios.

O professor que tiver gosto, pratica e base pedagogicas, será facil ensinar essa materia, mesmo nas classes mais atrazadas, pois procurará pelo modo intuitivo, expositivo e socratico, entreter nas aulas de historia, uma agradável palestra que embora rudimentar, produzirá o effeito desejado, esclarecendo, ensinando e inculcando o amor á familia a gratidão aos descendentes aos paes, aos irmãos e a união que deve existir, indagando o nome do logar onde nasceram, o emprego e a profissão dos paes, emfim, tudo que possa ser util, instructivo e agradável.

Com a continuação das aulas e depois que tiver colhido proveito dessas palestras, começará o professor a ensinar a criação da localidade, a fundação do estabelecimento e seus fins principaes, orientar os alumnos nos nomes das ruas, dos estabelecimentos, repartições publicas, falar dos homens que mais trabalham pelo paiz, pelo Estado, pela localidade e assim obterá optimos resultados sem se fatigar e sem causar tedio aos educandos.

Nessa parte, o programma dos grupos está bem desenvolvido.

Para os segundos annos, deve o professor ter outro estylo de linguagem e occupar-se do estudo mais desenvolvido, salientando os factos principaes, os logares em que se deram e as datas nacionaes.

O ensino da historia patria deve ser ministrado aos terceiros annos das escolas primarias sobre os factos mais importantes, desde sua colonização, como e quando se realizaram e as datas nacionaes.

Aos quartos annos dos grupos escolares, o ensino deve comprehender outros pontos mais desenvolvidos, mas não com narrações complicadas e com um programma tão rigoroso, como é o actual, nos proprios grupos.

O professor nunca deve dictar pontos e sim narra-los em linguagem clara e attraente, ao alcance dos alumnos, dividindo cada lição em tres phases:

1.ª — exposição do professor; 2.ª — arguição; 3.ª — exposição do alumno. O alumno com as explicações e a base dos annos anteriores sendo applicado e intelligente, poderá organizar perfeitamente por si, todos os pontos.

Convem que o professor faça um resumo de cada pon-

to, no quadro negro, depois da competente aula expositiva escrevendo as datas, nomes dos personagens e dos lugares em que se deram os factos e mandar que os alumnos tomem nota em seus cadernos, para organisarem os pontos em suas casas.

Nas escolas complementares o ensino de historia pode ser feito do mesmo modo, embora requeira mais exigencia no desenvolvimento dos pontos.

Os alumnos dos quartos annos dos grupos escolares e escolas complementares, com os conhecimentos adquiridos, poderão fazer um estudo de gabinete, consultando aos bons autores ou mesmo, pelo livro que for adoptado pela Instrução Publica, caso faculite o Regulamento. Deve o professor ter o escrupulo de preparar as lições em casa, para não ter a decepção de ser obrigado a abrir o livro na aula em presença dos alumnos, porque isso demonstrará o seu pouco conhecimento da materia que ensina, salvo para fazer á classe qualquer referencia ou contestação.

Si aos professores das escolas primarias, cabem processar o ensino das diversas disciplinas com um certo rigor, mais razão ha nas escolas complementares onde a introdução dos novos methodos são mais desenvolvidos, não só pelo preparo e grao de adiantamento por parte dos alumnos, como pela uniformidade das organizações das classes e a competencia e especialisação de cada lenie. Para esse fim deve cooperar o esforço do professor juntamente com a intelligencia e applicação do alumno.

Nas escolas ruraes o ensino de historia patria, deve consistir simplesmente nas datas nacionaes e pontos mais importantes e de facil comprehensão, como: fundação da localidade, nomes dos personagens que mais se salientaram pela agricultura, industria e commercio, dos homens mais illustres do paiz, dos Presidentes da Republica, do Estado, factos mais importantes do tempo colonial, do imperio, da Republica porque quasi sempre as crianças do interior estacionam seus estudos no terceiro anno do curso primario, pela difficuldade que lutam seus paes de matricula-los em outros collegios, salvo os que dispõem de recursos. Portanto, é admissivel um ensino rudimentar que sirva apenas para a vida pratica do alumno.

A educação civica deve ser ministrada nas escolas primarias sem decoraçào, despertando no alumno o amor aos seus semelhantes, á patria, a bandeira, explicando o profes-

sor a urbanidade, a economia, a pratica da caridade, modo de tratar aos paes, mestres, superiores, collegas, como deve portar-se convenientemente na escola, á mesa e nos logares publicos, habitua-los a agradecer favores por mais simples que sejam, pedir desculpas sempre que possar, causar incommodos, receber com gentileza as pessoas, por mais humildes que sejam, conduzir-se bem nas visitas, não tornando importuno, etc.

Essa aula deve servir de meio preparativo, ter um fundo moral e educativo e o alumno deve recebe-la mais por palestras e conselhos do que por pontos a decorar. Está na pratica, estudo e gosto do professor conhecer a psychologia individual para saber applicar com base os ensinamentos que possam supprimir erros e defeitos dos seus alumnos e prepara-los para uma vida methodica, moral e feliz.

Nas escolas complementares, o ensino de educação civica merece um desenvolvimento mais analytic, estando na alçada do professor explicar essa aula com certo entusiasmo, dando bellos exemplos de civismo moral, aproveitando-se para falar em linguagem familiar, dos direitos do cidadão brasileiro, dos deveres civico e militares, do imposto, do voto, do jury, respeito ás leis, autonomia, estudar a Constituição Federal em seus artigos, o regimen republicano, a união dos Estados, a Patria, bandeira brasileira, o municipio, os Tres Poderes e obrigar que toda a classe faça uma reprodução sobre os pontos explicados podendo dar theses a serem discutidas e desenvolvidas em aulas de linguagem escripta em suas casas, para depois serem vistas pelo proprio lente.

Florianopolis, 27 de junho de 1927.

Ass. — *Beatriz de Sousa Brito*, Directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa.

N. 20

O ensino de Historia e Educação Civica

(These para a Conferencia de Ensino Primario)

Se volvermos as nossas vistas para o passado, nelle encontraremos traços inapagaveis de quanto soffreram e trabalharam os homens eminentes daquelles tempos, para ele-

var e engrandecer esta patria formosa e bella, que hoje é o nosso alcandorado torrão.

Fazer um confronto entre os tempos idos e o presente, precisaríamos de dados bastantes para melhor discorrer sobre tão magno e palpitante assumpto. Mesmo assim encontramos, ao analisarmos por alto, uma era com outra, volumoso acervo de trabalhos fecundos adquiridos de uma certa epoca a esta parte, com resultados auspiciosos.

Rendendo homenagens aos grandes vultos da Historia Patria, pelo muito que fizeram em prol do nosso progresso moral e material, sinto-me orgulhoso, com os demais brasileiros, de estar com a minha modesta intelligencia procurando elevar o nivel intellectual da infancia, a fim de alcançar o nosso objectivo no concerto das nações cultas.

Infelizmente, não obstante os esforços que vimos dispendendo na obra da educação nacional, ainda não podemos chegar ao termo da nossa jornada. A ignorancia, que prolifera de um extremo a outro do Brasil, tem sido o maior entrave, nesse sentido. Muito temos que labutar ainda. Muito temos que tralhar em prol da Mocidade Brasileira.

O povo, hoje mais que nunca, precisa de instrução moral e civica, para poder desempenhar-se mais tarde, dos encargos sociaes e dos postos que o país lhe confiar. Em materia de educação, patriotismo e moral, a nossa gente vive atrazadissima.

O Brasil é um país grandioso e conhecido pelo mundo todo, e quasi desconhecido de seus filhos; por não conhecerem a sua historia e a sua posição geographica. Urge, que semelhante impatriotismo, desapareça da alma nacional. Preciso se torna conhecer-se o que foi elle atravez dos seculos; o que é no presente e o que será de futuro. O ensino de historia e de educação civica, as crianças, são factores preponderantes para isso.

Livros optimos, explicações suscintas pelos professores, a respeito concorrerão mais ainda para a sua finalidade. Estas cousas são necessarias á infancia escolar como o são á saúde e os alimentos do corpo. Nestas plagas, tão cheias de lendas e misterios, onde impera a ignorancia, alliado ao desvirtuamento da lingua, devido o contacto de raças extranhas que se estão mesclando, o nosso Estado e o Brasil, são quasi historicamente desconhecidos. As escolas, esses templos de saber, por muito que façam no ramo educacional, nunca podem attingir o fim collimado, pois alem de mal localizadas

e a resentirem-se de objectos apropriados ao ensino, ainda temem que repellirem os embates de opiniões do povareo ignorante a respeito das materias de ensino em vigor. Sou de parecer que todos os encarregados da instrução da infancia, devem ministra-la o ensino do amor pelo Brasil, pelo nosso Estado; o patriotismo e afinal, em larga escala, a historia do torrão amado; pois assim teremos cumprido com um dever e legado a Patria, cidadãos dignos d'amanhã.

Patriotismo e educação todos a devem possuir.

O individuo sem qualidades moraes e patrioticas, se me afigura um ente perigoso e nocivo para a communhão brasileira. É um mau filho; um mau cidadão e um mau patriota, do qual, nada, a Nação pode esperar. Façamos que a geração presente adquira uma esmerada educação e conserve a alma sempre cheia de patriotismo, de ideaes nobres, conhecendo a fundo a nossa historia, pois assim o Brasil será muito maior amanhã do que hoje.

Papanduva, 5 de julho de 1927.—Ass. *Tiburcio João de Carvalho*, Professor Primario.

N.º 25

THESE 25.º

Conferencia de Ensino Primario

Pode ser ministrado simultaneamente nas lições de Historia Patria, que, o professor, exigir dos alumnos, uma recitação correcta, franca e quasi imperturbavel. As interrogações que devem seguir estes exercicios, garantirão que as crianças comprehenderão aquillo que recitaram.

Por occasião de certo desenvolvimento, o professor deve dirigir-se a imaginação de seus discipulos, principalmente quando se tratar da vida de personagens illustres, dalgumas acções de heroismo e de virtude.

Nas escolas ruraes devem consistir sobre factos notaveis desde a epoca do descobrimento do Brasil, quem o habitavam, em referencia simples ao povoamento do territorio nos tres seculos de colonia o que occorreu em 7 de setembro de 1822, expondo o que era a monarchia, como se fez a Republica em 1889, que foi constituido no decreto de 19

de novembro de 1908, e, o que synthetisa o nosso Estandarte Nacional.

Alem de adoptar pequenos discursos civicos e patrioticos, hymno Nacional, da Independencia e varias outras canções patrioticas, o professor deve exercitar um pequeno batalhão infantil, (ensaiando nos recreios) principalmente nas datas nacionaes, chamará attenção seus alumnos explicando as causas, assignalando exemplos de civismo e de amor á patria, indicando as differentes etapas do progresso moral a que ellas se referem os feitos dignificadores da respectiva nacionalidade, cultivando nos corações infantis o sagrado amor do glorioso pavilhão Brasileiro.

Deve-se festeja-las com entusiasmo, porque ellas servem de exemplo as gerações que se succedem e cujo primeiro dever civicco é augmentar o patrimonio moral da nação.

Rio Bonito 11 de junho de 1927.—Ass.—Professor *Paschoal Meneguzzi*.

Nº. 4

Parecer sobre o Ensino de Historia do Brasil e Educação Civica

Considerando as theses ns. 20, 23, 25, 28, e 50 respectivamente dos professores Tiburcio João de Carvalho, d. Beatriz de Souza Brito, Paschoal Meneguzzi, Adolpho Silveira e Antonio Ribeiro da Fonseca, que tratam do Ensino de Historia Patria e Educação Civica a 2ª commissão supplemendar chegou as seguintes conclusões:

I -- Que os programmas dos grupos escolares quanto aos primeiros annos e segundos annos satisfazem plenamente.

II — Que o ensino de Historia Patria deve ser ministrado aos terceiros annos dos grupos escolares e das escolas isoladas sobre os factos mais importantes desde a colonização do Brasil até a actualidade, como, e quando se realizaram e sobre as datas nacionaes.

III — Que nos 4ºs. annos dos grupos escolares o ensino deve comprehender outros pontos mais desenvolvidos,

mas não por meio de narrações complicadas, como é o actual programma.

IV — Que convem o professor do 4º anno fazer um resumo de cada ponto, no quadro negro, depois da competente aula expositiva, escrevendo as datas, nomes dos personagens, e dos lugares em que se deram os factos e mandar que os alumnos tomem nota em seus cadernos, para organizarem os pontos em suas casas.

V — Que nas escolas ruraes o ensino de historia patria, deve consistir simplesmente nas datas nacionaes e pontos mais importantes de facil comprehensão, como: Fundação da localidade, nomes dos personagens que mais se salientaram na agricultura, na industria e no commercio, do Municipio; enumeração dos Presidentes da Republica, do Estado, factos mais importantes do tempo colonial do imperio, da republica; porque quasi sempre as crianças do interior estacionam seus estudos no terceiro anno do curso primario, pela difficuldade que lutam seus paes de matricula-los em outros collegios, salvo os que dispõem de recursos. Portanto é admissivel um ensino rudimentar que sirva apenas para a vida pratica do alumno.

VI — Que a aula de Educação Civica deva servir de meio preparativo, ter um fundo moral educativo e o alumno deve recebe-la mais por palestras do que por pontos a decorar. Está na pratica, estudo e gosto do professor conhecer a psychologia individual para saber applicar com base os ensinamentos que possam supprimir erros e defeitos dos seus alumnos e prepara-los para uma vida methodica, moral e feliz.

Sala das sessões, 3 de Agosto de 1927.—Ass.—*Laercio Caldeira de Andrada*, relator; *Beatriz de Souza Brito*, Presidente; *Albano Monteiro Espinola*, Secretario.

NOTA—Este parecer foi approved com a suppressão do capitulo IV.

REQUERIMENTO

Requeiro á Mesa que submeta a apreciação da casa a seguinte emenda ao parecer em discussão:

Supprima-se a IV Conclusão que recommenda o uso do apontamento.

Sala das sessões, 7 de Agosto de 1927.—Ass. *Luis Sanchez Beserra da Trindade*.

Parecer sobre a These N. 36

Considerando a these n. 36 apresentada pela professora d. Isaura Veiga de Faria—sobre o valor do mestre escola na formação educacional dos povos — e tendo em vista as suas ideas e as nossas, damos o seguinte parecer:

PARECER

Considerando a these questionada, apesar de contar optimas ideas e excellentes conselhos pedagogicos, julgamos estar em desaccordo com o titulo, por quanto ella expõe quaes as qualidades que deve possuir um bom educador, ao em vez de demonstrar o valor do mestre escola na formação educacional dos povos, que julgamos ser as responsabilidades e a sua acção para a formação do character, desenvolvimento da capacidade intellectual, na formação da sociedade, da familia e da Patria.

Neste caso pedimos á Mesa que apresente a These a primeira Commissão para estudá-la, visto haver nella conceitos relativos á formação do professor no Curso Normal.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.—Ass.—*Irmã Bernwarda Michele* — relatora; *Hercilio Zimmermann* — secretario; *Mario Garcia* — Presidente.

THESE N.º 34

JARDIM DA INFANCIA

Apresentada por João dos Santos Areão — Inspector Escolar

É cheio de satisfação que tenho a subida honra de entregar aos distinctos membros que compõem este Congresso Pedagogico, o meu trabalho sobre o Jardim da Infancia, trabalho esse que, embora revestido de senões, mostra qual o papel de tal instituição escolar e como pode o Governo organizar em nosso Estado, estabelecimentos que satisfaçam o ensino das crianças antes de penetrarem nos grupos escolares.

Pedindo aos illustres Congressistas desculpas pelas falhas que não pude observar, dada a falta de competencia e

as condições especiaes em que me achei na ocasião do feitiço deste trabalho, fico de antemão muito agradecido.

Jardim da Infancia — O nosso aparelhamento escolar resente-se da falta dos jardins da Infancia. Em vez de serem os primeiros annos dos grupos e escolas ruraes que iniciam a educação, ensaiando os primordios da evolução infantil, é ao jardim da infancia que está reservado esse importante mister. Antes de iniciar a aprendizagem nos grupos, a criança deve ser preparada nos jardins da infancia, que representam a sala de espera onde a criança se orna dos mais solidos preceitos para penetrar num recinto no qual o ensino é menos maternal.

No jardim da infancia não se procura desenvolver a intelligencia da criança, dando-lhe conhecimentos vastos, mas educar e educar — tão somente os sentidos, que serão poderosos auxiliares na desenvoltura da mente, fazendo delles alicerces poderosos para as vindouras sociedades.

Educando na arte, o jardim da infancia predispõe a criança para a sciencia. Attendendo ao facto de qualquer objecto apresentado exige primeiro o nome, depois a quantidade, depois a forma, teremos de exercitar a fala, o numero e o contorno, isto é, a lingua, a arithmetica e a geometria tres factores que podem ser estudados separadamente, mas numa escola de inicio como é a alludida, precisam ser entrelaçados para produzirem um só effeito.

Froebel, o grande pedagogo allemão que viveu até o meado do seculo passado, foi o creador dessas escolas que muitos outros têm procurado remodelar. Si elle tem sido a fonte onde todos vão buscar os moldes para a organização de escolas desse typo, não nos devemos furtar a essa norma, não para adoptar inteiramente o que elle deixou estabelecido, mas adaptando á nossa infancia a parte que ella pode aproveitar. Seria absurdo pensar em empregar os methodos Froebelianos em sua inteireza nessa escola, devido á desigualdade de condições existentes entre a criança europeia e a nossa, principalmente na ocasião em que desejamos organizar uma escola que ainda não possuímos. Não vamos copiar o typo europeu nem o americano, porque as condições das crianças obedecem ao meio em que vivem. Vamos primeiramente mostrar a sua necessidade como factor importante da educação e, em traços ligeiros, esboçar as materias que a compõem. Tudo não era possível ser explanado dentro dos limites desta these — horario, programma, me-

thodos e processos applicados, pois, alem de depender de um acurado estudo, não é materia para ser resolvida diante de uma simples leitura. Alem disso, não estou de todo habilitado para, dentro do prazo que tive para traçar estas ligeiras considerações, explanar esse novel assumpto, tanto mais que no preparo dessa escola pesa fortemente a formação da nossa gente.

Não precisamos de methodos nem de legislação faustosos, mas methodos e legislação que satisfaçam o interesse da nossa raça e até das nossas diferentes zonas. O que me preoccupa neste instante é fazer crer aos que aqui se acham que, com a criação do jardim da infancia, não teremos o nosso aparelhamento instructivo completo, mas augmentado, de fórma a satisfazer em grande parte a vontade nacional— a formação de homens educados.

Lembra-me ter lido allures, com referencia á instrucção americana, o seguinte: «As nossas escolas ao invés de formarem letrados, mathematicos, scientistas, artistas, deviam cuidar antes, de formar homens educados».

Educar, de facto, não é instruir. O nosso lemma escolar deve ser; instruir, educando.

O jardim da infancia resolve, em parte, esse caso, pois cuida exclusivamente da educação. Está assim provado que urge o desenvolvimento da nossa instrucção, creando esse novo typo de escola.

O primeiro cuidado de que necessitamos para com essa escola é saber quaes são as professoras que podem reunir as qualidades precisas para o desempenho desse elevado mister. As nossas normalistas que são em geral os melhores elementos que se preparam para o magisterio, não estão aptas para isso, porque a parte pedagogica por ellas estudada e praticada não especifica o jardim da infancia e, mesmo que o estudassem como um ponto capital, ellas não teriam a pratica indispensavel para auxiliarem habilmente tão fina instituição. Para provar essa affirmação, basta dizer que poucas são as professoras que conhecem o methodo analytic para o ensino da leitura, porque poucas são as que praticaram com verdadeiro interesse nos primeiros annos dos grupos. Esse methodo precisa de conhecimentos especiaes e de uma força de vontade a toda prova. Sô poder ser boa professora desse methodo, aquella que tem o dom especial para ensinar crianças. Para mim, são as que deviam merecer mais acatamento, porque são as que desenvolvem

melhor o seu papel de educadora. Si o que acima ficou dito é uma verdade, em condições mais especiaes estão as professoras do jardim da infancia, pois aqui se vê que a criança é trazida do lar ás primeiras manifestações de intelligencia, ao passo que lá ella já reúne principios que pensam fortemente na formação de sua educação.

J. Coelho, na sua pedagogia diz: «Os professores do jardim da infancia, pela fórma de educação que desenvolvem, poderiam chamar-se paes. Em face disto, escusado é encarecer quão nobre é a missão dos agentes encarregados, nas escolas infantis, de dirigir tão sympathica e risonha população; ás mulheres pertence essa missão, tanto mais nobre quanto é certo ser ella, a que, depois do officio de esposas e mães, melhor lhes quadra».

Como então preparar elementos para satisfazerem o ensino no jardim da infancia? Primeiramente, incluir no programma de pedagogia da escola normal essa parte e, para que tenhamos as professoras que iniciarão as futuras educadoras e desenvolverão o ensino na escola que iremos organizar, é preciso mandar duas das nossas actuaes normalistas que desempenham satisfactoriamente os methodos applicados ao nosso ensino, ao Rio ou a S. Paulo afim de que lá, nos jardins da infancia que se acham funcionando com vantagens requeridas, façam as suas praticas, observando, ensinando, consultando e relatando as suas pesquisas, para que dentro de algum tempo, possam reunir o cabedal preciso para dirigirem a nossa nova organização. Sem isso não é possível crear-se a nova escola.

O ensino precisa de conhecimentos vastos da psychologia e da applicação de certos e determinados detalhes que o leigo não descobre, mas pesam grandemente na formação dos futuros estudantes. A criança necessita uma aprendizagem que lhe faculte: julgar, agir, dirigir e corrigir.

Dando uma idéa ligeira sobre a formação dessa escola, tenho a dizer: que o processo educacional obedece ao principio da co-educação, ou educação em conjuncto; o programma é organizado em grupos, sendo o 1.º *jogos gymnásticos acompanhados de cantos apropriados*. São brinquedos que, além de desenvolverem a memoria com o decorar de quadrinhas faceis, ainda favorecem a educação do porte, obrigam á ordem e exercitam o physico.

2. — *cultura de pequenos jardins*. A esthetica, o gosto e amor dos vegetaes, são ensinados nesta divisão do ensino

cujo lemma deve ser: O trabalho de cada um contribue para o prazer de todos.

3. — *gymnastica da mão*. Consiste em variados brinquedos em classes com quadrinhas adequadas, jogando as crianças com bolas de cores, cylindro, cubo, tendo esses solidos diversas divisões, que ellas decompõem e compõem novamente.

4. — *trabalhos sobre planos* — Usam para isso taboinhas e folhas de papel, onde executam a dobradura, o recorte e a tecellagem, tal como se faz hoje nos primeiros annos dos nossos grupos escolares.

E' esse um exercicio bastante attrahente, porque reúne as condições de ser grande utilidade e ao mesmo tempo agradável a sua execução. Para sua processuação existe um variado numero de modelos.

5. — *linhas*, que consiste em trabalhos com pequenos bastões, executando a criança obras simples com madeira, sarrafos. Exercicio de entrelaçamento de papeis de cores, jogos com fios e anneis.

6. — *desenho decorativo*, cujos trabalhos consistem em ornamentação com vidrilhos, continhas, perolas, botões, perfurar o papel a mão, tendo desenhos riscados e fazer bordados simples de folhas e animaes em traços ligeiros, bem como a modelagem em areia. Vê-se pois, que necessita a dirigente dessa escola de um cabedal variadissimo de exercicios, para fazer a criança sempre ter novidade nos trabalhos, o que só se consegue, depois de uma longa pratica. Todos os exercicios devem desempenhar o duplo papel de instruir e educar. A instrucção neste caso é relativa, pois não passam de brinquedos todos os exercicios da aula, mas todos esses brinquedos têm uma applicação na vida.

A criança educada intelligentemente no jardim da infancia é mais viva e acha-se mais adextrada para apprehender os varios misteres.

O exito dessa escola como o das demais que já temos funcionando, depende em parte do auxilio que devem a familia prestar, conjugando os dois esforços para um só effeito. Ouçamos o que disse o sr. dr. Presidente de Minas na sua ultima mensagem: — «Sendo a escola actual a escola da vida, os professores e os paes devem conjugar o pensamento, de tal maneira que a criança, em casa, encontre um mestre e, na escola, encontre um pa».

Deixo assim, relatado nestas ligeiras linhas, o que pen-

so a respeito do jardim da infancia, que tem merecido o estudo de varios dos mais distinctos pedagogos, devido ao grande papel que elle desempenha na formação de uma raça.

Buisson, Froebel, Montsory, Spencer, Decroly, e tantos outros, não se dedicariam a estudalo si elle de facto não desempenhasse um saliente papel na educação. É pois com essas ligeiras observações que deixo expresso o meu desejo de ver, em breve, ao lado dos nossos grupos escolares, funcionando, em harmonia, a escola dessa risonha população, que enfeitará o jardim da infancia.

«Le petit grain de blé devient un bel épi doré».

Laguna — 1927.

Parecer sobre a These N. 34

Considerando a These n. 34 apresentada pelo Inspector Escolar Sr. João dos Santos Arcão, sobre Jardim da Infancia, e tendo em vista as suas idéas e as nossas, damos os seguintes pareceres:

PARECER N. 6

1ª — Julgamos conveniente a criação dos jardins da infancia junto aos Grupos Escolares como uma condição indispensavel ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes da creança, tornando-a apta para iniciar o estudo leccionado nos primeiros annos dos nossos grupos.

2º — Concordamos na parte referente á adaptação de horarios e methodos pedagogicos que se coadunem com as differentes zonas e ás condições ethnicas, supprindo assim a falta de educação no lar paterno.

3ª — Julgamos mui acertado que se escolha entre as melhores professoras catharinenses e de maior vocação para este ramo educacional afim de adquirirem, em São Paulo ou Rio, a pratica de processos que as habilitem á direcção dessa instituição junto á nossa Escola Normal, onde se exercitarão as normalistas praticantes que possuam qualidades exigidas para uma dedicada e carinhosa educadora da nossa meninice de tres a seis annos.

4ª — Approvamos os assumptos indicados para serem ensinados nos jardins da infancia acrescentando, como in-

dispensavel, diarias lições de cousas, como assumpto optimo ao desenvolvimento da expressão e dos sentidos.

São essas as considerações que fazemos sobre a suscinta mas substancial these, sobre as vantagens da criação dos jardins da infancia.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. — Ass — *Irmã Bernwarda Michele*—relatora; *Mario Garcia*—Presidente; *Hercilio Zimmermann*—Secretario.—Nota—Foi approved sem debate.

THESE N. 41

Quaes as noções de hygiene que, de preferencia devem ser ministradas nas escolas nas zonas ruraes ?

Nas zonas ruraes, onde ha grande numero de crianças rachiticas e oppiladas, mal esse muitas vezes occasionado pelo descuido ou inexperiencia do homem, deve o professor ao ministrar a hygiene aos seus alumnos, um dos pontos principaes do programma das escolas dessas zonas, assim como o da educação civica, não se limitar somente á hygiene individual, recommendando-lhes as unhas, as mãos limpas ás horas das refeições, etc. mas, tambem, advertindo-lhes que a morada do homem, sem agasalho que tanto concorre para a sua saude, deve obedecer as seguintes instrucções :

1ª. — Ser edificada em terreno arenoso, que receba ar sufficiente e a luz do sol, com alicerce de altura sufficiente, afim de evitar a humidade.

2a. Não deve existir aguas paradas no terreno, nem pântanos, que além do prejuizo que causam á saude do homem, ainda concorrem para diminuir a vida dos animaes que bebem essas aguas perigosas; as fructas de taes terras são venenosas á saúde.

3a. As casas dos animaes sejam retiradas da casa do homem, para evitar que os insectos nellas existentes prejudiquem tantas vidas

Se um dia, o homem se encorajar e lançar os meios ne-

cessarios a combater certos flagellos que atropelam a sua vida, como pode facilmente proceder, ingerindo uma boa agua tendo o cuidado de ferve-la, abrindo valetas para o escoamento das aguas, aterrando-as conservando as casas dos animaes com cinza, não frequentando continuadas vezes as casas de negocio, afim de satisfazer o seu gosto estragado pelas bebidas alcoolicas, pois será um mau exemplo para os meninos que apreciam essas scenas; essas bebidas, aos poucos, consomem o orçoão do homem e outros mais orgãos—então, nascerá a alegria nos lares, crescerá a lavoura e crescerá a matricula nas escolas, para o engrandecimento da patria.

Villa Nova, 14 de julho de 1927. — Ass — *Apollonia Capitulina Milles*.

PARECER N.º 7

Considerando que a these n. 41 apresentada pela sra. professora d. Apollonia Capitulina Milles traz preceitos, aliás, de grandes vantagens para o ensino, mas sem o historico necessario para della tirar-se as conclusões precisas, a commissão é de parecer: que a mesma these não seja tomada em consideração.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.

Ass. — *Dr. Alfredo Porphirio de Araujo*; Presidente — *Dr. Carlos Corrêa*; Secretario — *João dos Santos Areão*; Relator

NOTA — Este parecer foi approved com a emenda, apresentada pelo dr. Raja Gabaglia: — «Será, porém, a presente these publicada nos Annaes da Conferencia.»

THESE N.º 43

Illmo Sr. Professor Director de Instrução Publica do Estado.

Sou, de conformidade com a graça que se me concede no art. 36, referenda do no de numero 38 inherentes ambos

no artigo 2.º do Regimento Interno da Conferencia de Ensino Primario do Estado, seria o meu desejo remetter a Illustre Commissão que tem de estudar e dar provimento sobre os differentes assumptos escolares enviados á Conferencia um orgão que estou elaborando sob a eprigraphé — « *A Escala Primaria* » curso completo distribuido e methodisado para os sete dias da semana para o ensino nas escolas das zonas ruraes, regido de accordo com o programma da Instrucção Publica, o que seria, talvez, uniformizar o ensino preliminar dentro do Estado; mas como esse trabalho tem algum folego, e me não é possivel prepara-lo em tempo, limito-me ao seguinte parecer organísado em face da *Hygiene Escolar* approvada pela Instrucção Publica do Estado de São Paulo, para satisfazer a seguinte these:

Quaes as noções de hygiene que, de preferencia, devem ser ministradas nas escolas das zonas ruraes? que consentireis que eu vos envie, supposto que sem esperanza de o saber aca-tado pelos orgãos directores da Instrucção Publica, mas tão somente como um pequenino factor do que for mister ao cumprimento do meu dever.

O que se segue comprehende varios pontos hygienicos, especialmente therapeuticos; fica porém ao alvedrio da nobre Commissão servir-se do que for de aproveitada orientação e do que melhor se enquadrar para o ensino nas ditas escolas.

Vejamos:

1. — **HYGIENE DA HABITAÇÃO** — escolha do terreno, situação, ventilação, aquecimento, asseio e cousas de insalubridade de uma casa.

2. — **HYGIENE DO VESTUARIO** — roupas proprias para o verão e para o inverno, uso do vestuário com as idades, formato mais moral e mais adequado à saude, asseio e melhor agasalho ás meninas.

3. — **HYGIENE DA ALIMENTAÇÃO** — a qualidade da agua que deve beber e o cuidado que deve tomar quando ella não é boa, o alimento mais util, a qualidade e a quantidade que deve tomar e ás horas certas para a segurança de uma boa saude, e a precaução para com os dentes, como factor de uma perfeita digestão.

NOTAS — Para as molestias dos dentes o dr. Kenio Drummond, conceituado medico da clinica *Carioca*, receita o seguinte:

<i>Dôr</i> : — essencia de cravo	5 c. c.
Camphora	2 grammas
Mentol	3 grammas
Chlorhydrato de cocaína	50 centigrammas
Para usar em tampões na carie.	
<i>Abalo dos dentes</i> : — Tanino	40 centigrammas
A.c. de Cochearia	15 c. c.
Tint. hort. pimenta	11 gotas
Clycerina	15 c. c.
Pincelar a gengiva 3 vezes por dia.	
<i>Para clarear</i> : — Borato de sodio	15 grammas.
Mag. calcinada	10 grammas.
Chlorato de potassio	7 grammas
Greda	20 grammas.
Usar como dentifricio	
<i>Para conservar</i> : — Phenol cryst.	2, 50 cents.
Eucalyptol	15 gottas
Mentol	0,15 cents.
Thymol	0,15 cents.
Alcool	100 c. c.
Em gottas nagua, para bochechar.	
<i>Pasta dentrificia</i> : — Chlorato de potassio 15 gr.	
Greda preparada	15 gr.
Sabão medicinal	7 gr.
Ess. hort. pimenta	15 gottaa
Clycerina	q. s. p. pasta.

4. — **EXERCICIOS PHYSICOS** — Gymnastica em geral (sueca e respiratoria), marcha corrida, salto, *carrotagem e equitação*; as duas ultimas sem pratica nas escolas, devem, todavia, ser recommendadas pelo professor aos meninos, que as pratiquem em companhia de pessoas peritas.

5. — **REPOUSO E SOMNO** — repouso necessario depois de qualquer fatiga, antes de beber ou de tomar alimentos, hygiene do somno, como se deve dormir e a que horas, a duração do somno.

6. — **INSECTOS TRANSMISSORES DE ENFERMIDADES** — os mosquitos, as pulgas, os persevejos e as moscas, meios de os combater, as molestias que elles podem causar.

7. — **MOLESTIAS CONTAGIOSAS E INFECCIOSAS** — a) *impaludismo* — as causas, 2 hygiene que se deve tomar contra essa molestia e meio de a combater.

Nota — As pessoas do littoral devem usar como preservativo no periodo das febres palustres, quinze centigrammas de sulfato de quinino com infusão de café e assucar ou um comprimido de chlorhydrato de quinino de oito em oito dias. As crianças dá-se um xarope de café. Nos casos de febres

renitentes pode-se applicar com summa vantagem, depois do effeito de um purgativo salino, o seguinte:

Valerianato de quinino 25 cents.
Pyramidon 10 "

Para uma capsula n° 6

Tome uma antes do accesso e outra seis horas depois. Aos meninos a metade da dose.

Para cura das pessoas impaduiadas o dr. Drummond recommenda o *Anaphól de Wantuil*, para tomar segundo a bula; e se estiver com o figado engorgitado fazer uso do seguinte purgante:

Calomelanos 40 centigrammos
Rhuibarbo em pó 50 centigrammos
Jalapa em pó 50 "

Para duas capsulas.

Tome de uma vez, em jejum.

As crianças tomarão somente uma capsula, com a metade da formula. Si o doente estiver opillado e de bom uso a formula para o *Amarellão*.

b) — *Amarellão*, as causas, a hygiene que deve ter para evita-lo e meios de o curar.

NOTA — A opilação ou amarellão tem por causa um pequenino verme que se localisa no intestino, logo abaixo do estomago, chupando o sangue ou deixando-o escorrer pelas feridas que ei e produz.

O meio mais seguro para combater a molestia é fornecido pelo *mameiro do mato ou jaracatiá*

Estráhe-se o leite do tronco da arvores, fazendo-se á tarde uma incisão longitudinal e colhendo pela manhã seguinte, com uma colher de pau, o liquido resinoso que se esvaiu do mameiro durante a noite.

Tomam-se cinco colleres desse liquido e deixa ao sereno

No dia seguinte mistura-se-lhe dupla quantidade de leite ou de agua e filtra-se em algodão a mistura. Depois do que toma-se de uma vez. Tres horas depois obtem-se o seu effeito purgativo e a limpeza completa dos intestinos que ficam livres dos parasitas.

O dr. Drummond dá a seguinte receita:

Essencia C enopodio de Baiss 10 gottas

Para uma capsula gelatina — n° 3

Tome uma de 1/2 em 1/2 hora, de manhã em jejum, acompanhada de um copo de agua morna. Uma hora depois da ultima tome um purgante salino ou de oleo.

15 dias depois tome:

Acido thymico 3 grammas

Rhuibarbo em pó 10 centigrammos

Para 4 capsulas

Tome uma de 20 em 20 minutos, de manhã em jejum, tomando uma hora depois um purgante de sal de Glauber.

Para voltar a cor tome *Hemion* — 1 vidro. 2 pillsas por dia no intervallo dos dous purgantes e por algum tempo depois do ultimo.

c) — *Tuberculose*, a transmissão da molestia, o contagio,

o que determina e o que predispõe a ella, meios de evitar e tratamento, como se deve alimentar o tuberculoso.

NOTA — A tuberculose ataca todas as classes da sociedade, e com especial razão a classe operaria, frequentemente condemna a a viver em condições faveis a adquirir a molestia. As pessoas atacadas deste mal são geralmente magras, apresentando as faces cavadas, os olhos brilhantes e febris; tem as extremidades dos dedos achatadas e as unhas hypertrophiadas. O menor resfriamento é para ellas uma constipação grave e de longa duração.

O dr. Drummond preceitua o seguinte:

Externamente: Ampolas de Iodo-mentol radio-activas de jaboim. Uma injeção de 2 em 2 dias.

Contra a febre: Camphorado de pyramidon 0,15

Greogemina 0,10

Cafeina 0,05

Para uma capsula n° 6

Tome 3 por dia.

Contra os suores nocturnos e insomnia:

Sulfonal 50 centigrammas

Pós de Dover 20 centigrammas

Para uma capsula n° 2.

Tome uma ao deitar.

Para os tuberculosos e aos predispostos a isso, aconselha a seguinte mistura:

Glycero-phosphato de sodio 5 c. c.

Arrhenal 20 centigrammas

Sulfato de strychnina 20 centigrammas

Elixir de mamão 1 frasco

Tome 2 collerinhas por dia.

d) — *Trachoma*, a sua prophylaxia.

NOTA — A trachoma é uma inflamação dos olhos, que se manifesta por granulações purulentas; é perigosa, contagiosa e persistente, produzindo a cegueira, quando não tratada.

O tratamento é feito com pincel molhado em collyrio de agolato de prata, 5 a 6 vezes por dia, ou com collyrio de soluto de protoargol.

Ha um remedio caseiro que cura radicalmente em tres ou quatro dias, é o seguinte:

Cosimento de folhas ainda novas de algodoeiro com sal para banhar os olhos de 2 em 2 horas.

O dr. Drummond receita:

Collyrio do Dr. Freitas . 1 vidro

Para usar como manda o rotulo.

e) — *Ophidismo*, symptomias locais e geraes, os generos de cobras venenosas do Brasil — a cascavel, a jararaca, a jararacucú, a surucucú, a urutú e as coraes venenosas, prophylaxia, as cobras venenosas e não venenosas do Brasil, o

sôro anti-ophydico, modo de tratar em caso de mordedura de cobra, preparo e aquisição dos seruns anti-peçonhentos.

NOTA — O ophidismo sendo o resultado do envenenamento produzido pela inoculação do veneno no corpo do homem, nas mordeduras das cobras venenosas, ocasionando toxico que variam com a qualidade e a quantidade da peçonha, exige um immediato tratamento para neutralizar as funestas consequencias.

Os meios mais seguros da prophylaxia do ophidismo consistem em proteger, contra as picadas das cobras, as partes do corpo mais communmente atacadas como sejam; pés, perna e mãos, exterminar ou afugentar as cobras venenosas, é evitar de dormir as céstas no meio do matto ou perto delle, e ter os arredores da casa sempre limpos.

O meio mais effizaz que combate os accidentes ophidicos, é o emprego dos soros anti-peçonhentos; do dr. Vidal Brasil.

Antes de se applicar o soro anti-ophydico, o primeiro cuidado é verificar se a cobra que picou é ou não venenosa.

Podendo apanha-la, morta ou viva, para esse exame é de segura utilidade.

Não sendo a cobra venenosa, o caso não requer cuidados especiaes.

As cobras venenosas determinam dous ferimentos junctorios à pequena distância um do outro, apresentando-se exteriormente como dous pontos vermelhos, do tamanho da cabeça de um alfinete.

A's vezes vêm-se quatro ferimentos, mas apenas dous delles correspondem aos dentes do veneno e apresentam os caracteres indicados; os outros dous são dentes curtos e cortantes que só determinam ferimentos superficiaes.

As cobras não venenosas determinam quatro series de pequenos ferimentos, superficiaes e sangrentos, sem nenhuma importancia.

f) — *Lepra ou morphèa*, a sua prophylaxia.

NOTA — A lepra conhecida vulgarmente pelo nome de morphèa, é uma doença infecciosa largamente espalhada pelo mundo, desde remotissimas eras, sendo endemica em muitos lugares e entre os quaes o Brasil.

O bacillo da morphèa vive somente como parasita, não havendo dados de ter sido encontrado livre na natureza. Todos são accordes de que a morphèa é contagiosa, mas não se sabe ainda como se effectua o contagio. O dr. Mure na sua pratica elemental da Homeopatia é de parecer que a morphèa não é contagiosa.

g) — *Diphtheria*, a sua prophylaxia, sôro-anti-diphtherico, seu preparo e emprego.

NOTA — A diphtheria é uma enfermidade muito contagiosa que se desenvolve nas mucosas, principalmente da bocca. Manifesta-se pelo apparecimento de membranas esbranquiçadas sobre as amygdalas, que invadem rapidamente a larynge dando lugar ao *croup* tão funesto nas crianças. Pode produzir a morte por asphyxia. A transmissão da molestia é feita por meio

de particulas de membranas que o doente expelle quando tosse. As creanças que acabam de ter o sarampo, a escarlatina, etc. ficam facil de ser accommettidas pela diphtheria.

O cuidado hygienico deve ser rigoroso para com as pessoas atacadas deste mal.

O serum anti-diphtherico do dr. Roux é o que deve ser empregado em taes casos. Desde que a dor de garganta se declare e se tenha certeza de um caso de diphtheria, injecta-se sob a pelle *vingte centimetros cubicos* de serum anti-diphtherico. A febre abate-se rapidamente e as membranas desaparecem. Em caso de duvida deve-se ainda applicar a injectão logo no principio da molestia.

h) — *tetano*, como elle se manifesta, a sua causa, o seu tratamento pelo sôro anti-tetano.

NOTA — O tetano é uma molestia infecciosa que apparece mais frequentemente nas chagas ou nas ulceras cancerosas dos membros.

O bacillo desta molestia é propriamente um microbio da terra e da poeira e communmente dos estrumes das estrebarias. O *bicho de pé* é um conductor agil da molestia do tetano; por essa razão, no littoral onde as crianças são muito sujeitadas ao bicho de pé, devem ter o maior cuidado de o não exair antes de criar ovos; sendo de preferencia desenfecção-lo com tintura de iodo ou com acido phenico puro, assim qu sentir o primeiro prurido.

As pessoas que tiverem feridas nos pés ou nas pernas devem trata-las, limpando-as com *carvão em pó*, e trazendo-as sempre com tapões de gaze hydrophila e atadas convenientemente para não cahir-lhe em cima pó ou terra.

O tetano é tratado preventivamente pelo serum anti-tetano preparado segundo os dados dos Drs. Roux e Vaillard, por injectão de doses crescentes de toxinas tetanicas no cavallo.

A injectão no doente suspeito de tetano é feita na proporção de vinte centimetros cubicos de serum devendo ser repetida dez dias depois, que é o tempo que dura a imunisação do mesmo. Uma vez declarada a molestia o serum torna-se impotente, mesmo em grandes doses, e o doente sucumbe.

i) *raiva*, natureza e propagação da molestia, cuidados a serem dispensados ás pessoas mordidas de cão doente, preparo da vaccina antirabica e vaccinação.

NOTA: — A raiva parece desenvolver-se expontaneamente no cão, no gado, no lobo, e já tem sido observado tambem no porco e no cavallo.

O cão raivoso communica a molestia por suas mordidas, deixando no fundo destas um pouco de sua saliva virulenta; communica-a ainda lambendo simplesmente as mãos ou o rosto que apresenta uma ferida ou simples arranhadura. Daí o grande prejuizo que a muitas pessoas que tem o vesgo de deixarem que os caes lhes lembam as feridas com o pretexto de que es-

tas se curem, corre, não sabendo, ás vezes se o cão está acco-
mettido de raiva.

Como este mal é communissimo no interior do Estado, é de
bom aviso ter o necessario cuidado logo que uma pessoa seja
mordida de um animal raivoso; em primeiro lugar deve-se com-
primir a região mordida, acima da ferida, com o auxilio de um
laço ou ligamento fortemente amarrado, e exprimer o sangue
para fora, apertando com os dedos ou mesmo chupando a fe-
rida, tendo entretanto, o cuidado de não faze-lo si os labios
ou a bocca apresentarem escoriações. Depois com um ferro em
brasa se quimará a ferida. A dor será menos forte quanto mais
quente for o ferro.

Isto feito o doente tem que ser removido para o *Instituto
Pasteur* ou onde houver estabelecimento dessa natureza, para
ser vaccinado.

j) — *Variola*, descripção dos diferentes caracteres da
variola, vaccinação e revaccinação, sua utilidade, escolha da
vaccina.

NOTA — A variola é extremamente contagiosa; o sim-
ples contacto com a pessoa variolosa é bastante para adquirir
o mal. A variola ataca em qualquer idade e pode ser mortal.
Em virtude do que, é preciso isolar o doente logo que a moles-
tia se apresente. A desinfecção deve ser rigorosa onde o do-
ente esteve ou tocou.

Existe uma variedade de variola benigna, chamada varioloide
ou varicella, que ataca as pessoas e torna-os refractarias du-
rante a gum tempo a uma affecção mais grave.

Em muitos Estados do Brasil a vaccinação é obrigatoria tanto
para as crianças como para adultos. A vaccina a ser employada
é fornecida pela Directoria do Serviço de Saude.
Hoje está demonstrado que ha necessidade de uma nova vac-
cinação, todos os annos.

Si a vaccina não *pega* nestas vaccinações, tendo sido a opera-
ção bem feita e com vaccina de boa qualidade, é prova de que o
organismo é refractario á molestia mesmo benigna (que é a
vaccina da vacca) e, por tanto, está apto a resistir a uma va-
riola mais grave. Mas como esta resistencia pode desappare-
cer de repente, as crianças devem ser revaccinadas annualmente,
a partir de 10 annos de idade, até que a vaccina se communi-
que de um modo efficaz.

k) — *Typho*, a transmissão da molestia, medidas pre-
ventivas, o cuidado que se deve ter com os doentes e a hy-
giene das roupas e residuos fecaes, applicação do serum anti-
typhico.

NOTA — O typho é causado por uma infecção geral de
todo o organismo pela circulação do bacillo de Eberth no san-
gue. Elle produz diversas lesões sendo as mais importantes as
dos intestinos.

Os germens propagam-se por meio das evacuações nos doen-

tes. Quando elles são atirados em simples escavações terreas,
nos rios ou nas estrumeiras, como succede quasi sempre, onde
não ha exgotto, os germens são arrastados pelas aguas de in-
filtração e podem contaminar os poços e as fontes. O maior
cuidado hygienico com a agua nas estações typhicas não é de
sobra recommendar-se.

Os banhos nos rios ou lagos correm grande perigo si os que
se banham não têm o devido cuidado de evitar que lhes vá
agua á bocca.

Sendo o typho uma molestia violentamente contagiosa, as
pessoas que rodeiam o enfermo estão sujeitas a adquirir o mal
assim como lidando com roupas sujas ou dejeccções do doente.
Não se deve fazer uso de outra agua senão as mineraes por
ocasião da epidemia, ou então ferver a agua de poço até a
ebulição e filtra-la para ser usada como bebida.

O serum-typhico do dr. Chantemesse tem produzido optimos
resultados ás pessoas atacadas desta enfermidade.

l) *Sarna*. A sarna tão commum nas crianças que habi-
tam o littoral deve ficar em isolamento das outras crianças
nas escolas, assim appareça um destes casos, applicando-se-
lhes a seguinte formula do dr. Drummond.

Alcatrão de Noruega	1 grammas
Oleo de cade	2 grammas
Balsamo Perú	5 grammas
Banha sem sal	30 grammas

Ajunte. Para usar á noite depois de um banho morno e sabão.

Na certeza de que todos estes principios podem ser apro-
veitados no ensino das escolas das zonas ruraes, ficando os
necessarios detalhes ao cuidado da Commissão que este pa-
recer julgar.

Subscrevo-me com respeito e amizade.

Escola Mixta Particular « Rio Preto », em a Estação de
Rio Preto, 30 de junho de 1927. — O professor contractado,
Manoel Elpidio de Oliveira Malheiros.

PARECER Nº 8

Considerando que a these n.º 43 apresentada pelo sr.
professor Manoel Elpidio de Oliveira Malheiros é antes um
resumo de preceitos therapeuticos que poderá fornecer da-
dos para a organização do livro que em outro parecer va-
mos propôr;

Considerando mais, que não è possivel ensinar-se ás
crianças, formulas cujas composições chemicas são por ellas
completamente desconhecidas; somos do seguinte parecer:

que a mesma these seja archivada para opportunamente serem aproveitados os seus dizeres.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. — Ass. — Presidente — *Dr. Alfredo Porphorio de Azeijo* — Secretario — *Dr. Carlos Corrêa*. — Relator — *João dos Santos Areão*.

NGTA — Este parecer foi approved sem debates.

THESE Nº 9

Provimento das escolas isoladas, material que lhes é indispensavel e sua fiscalização.

These apresentada pelo professor Egydio Abbade Ferreira, Director do Grupo Escolar Vidal Ramos.

A instrucção primaria é o ponto de partida para a entrada na lucta pela vida. É na escola que se obtem a primeira noção de sociedade, nascida espontaneamente da convivencia em classe, com os condiscipulos. Laboratorio de trabalho, exemplo de labor ininterrupto, accrescido do despertar do patriotismo e da formação do character, tem a escola por unico guia o mestre.

Si é, pois, o mestre, o centro irradiador de onde emanam as scintillas despertadoras do saber, do patriotismo, do character, da educação, do trabalho, porque não se ter na sua escolha o maximo cuidado? Desde muito que dentre os demais estados da União occupamos lugar de destaque no tocante á Instrucção Publica.

As estatisticas nos dizem, o crescente numero de escolas á larga disseminadas no territorio catharinense confirmam esta asserção. Não necessitamos, entretanto, apenas de numero, de escolas por todos os cantos, de professores por toda a parte.

O que muito especialmente nos deve interessar no problema da alphabetização, além da boa ordem na distribuição das escolas, localizando-as em pontos que bem possam servir ás populações circumvisinhas, é a sua regular instal-

lação, com material embora rustico, mas sufficiente, sua constante fiscalização por parte dos inspectores escolares e a escolha do professor. Disto, verdade seja dita, pouco se tem cuidado. Tratando-se do provimento temos, é verdade, uma pleiade de excellentes professores cujos conhecimentos pedagogicos, preparo intellectual e dedicação ao ensino são reconhecidos. Não me refiro a estes cujos bons serviços não podem deixar de ser prestados nas cidades, nos grupos escolares e escolas complementares. Ha tambem, por excepção, alguns casos, de professores isolados em idênticas condições. Excluindo os normalistas, são rarissimos, porem.

Sendo o professor primario o combatente ao analfabetismo que impede o desenvolvimento e o progresso, andando o progredir de um povo a par com a educação popular, evidencia-se a eficiencia da contribuição do mestre-escola no incremento de progresso do povo. E quem são estes guias em grande numero das nossas escolas isoladas, si não pessoas que do valor do seu encargo não têm a menor noção? Dá-se explicação a este facto com a falta de docentes em condições, que se queiram encarregar da regencia de taes escolas. E porque igualar os vencimentos de todos os professores? Qual a razão por que não se estabelece uma melhoria razoavel e justa nos vencimentos dos normalistas, complementaristas ou mesmo provisórios (approved em exame um tanto mais rigoroso), que aceitem a direcção de umas tantas escolas situadas em zonas afastadas? Acaso a vida no interior de um municipio serrano como Lages, Campos Novos, Curitybanos, São Joaquim e outros, custará tanto quanto nas cidades do littoral, onde tudo é facil? Esta alteração não acarretaria grandes despesas como á primeira vista parece. A differença seria a seguinte: o Estado dispende hoje uma determinada somma com os professores incapazes, que passam a metade do mês sem dar aula e que não trazem á collectividade nenhum proveito. Passaria a dispende um tanto mais, o dobro que fosse, e as populações do interior gosariam do mesmo direito, que é dado aos habitantes do littoral. É evidente que sem remuneração compensadora a uma vida afastada de todo o convívio social, dedicada apenas ao mister de desanalfabetizar, vivendo entre o nosso bom e hospitaleiro, mas rude caboco ou no meio do simples ignorante caipira, as pessoas que dispoem de preparo sufficiente a lhes proporcionar um outro emprego nas cidades e suas visinhanças, não o trocarão pelo arduo tra-

balho do professor. Enquanto isto não se conseguir não se alcançará nas escolas isoladas das zonas centraes o resultado que bem poderiam dar.

A preparação da criança para a vida escolar, isto é, a sua primeira educação, é em excesso deficiente nos vinte e poucos milhões de analphabetos que povoam o nosso paiz. Os paes que não frequentaram escola, que soffrem o acanhamento da nossa educação popular, matriculam os filhos no collegio por um desengargo de consciencia, por conselhos de outros ou mais communmente por exigencia do professor que precisa ter uma determinada frequencia exigida por lei, o que não conseguira sem um numero maior de matriculados. O professor pouco habil, sem nenhum conhecimento da sua elevada missão entra a citar leis, a ameaçar com multas e de começo se incompatibiliza com grande parte da pequena população. Vem os primeiros dias de aula. Reprimindo e corrigindo, sem grande conhecimento do assumpto, erros oriundos de todas as maneiras paternas de educar, recebendo em commun crianças de todas as classes e condições sociaes, nem sempre podendo usar exclusivamente de brandura—meio infructifero em determinados casos—continua o professor a cahir no desagrado dos paes. No que toca ao interesse pelo ensino, pelo aproveitamento dos alumnos, trata secundariamente. O essencial é que o numero de matriculados seja o bastante para lhe dar a frequencia media exigida. De passagem pode-se dizer que o numero de matricula não precisa ser muito maior do que o exigido para a frequencia. Logo que ultrapasse a dois ou trez, chega. O professor não comprehende ou finge não comprehender que a Directoria da Instrucção vê, logo á primeira vista, ser impossivel a percentagem de mais de 80 e ás vezes de mais de 90 que elle apresenta mensalmente.

Interrogado poderá o professor explicar: Vieram quasi todos ou mesmo, todos durante o mês inteiro. Aqui neste lugar não chove.

Os alumnos moram dentro da escola. Não botam roças, não cuidam dos irmãos menores, não tem outros encargos. A prova está no boletim que "sob a fé de meu cargo está perfeitamente de accordo com o livro de chamada". Veja-se: Matricula 25, Frequencia média 25, Percentagem 100. Como poderiam deixa de combinar livro e boletim, si este é feito por aquelle? Si ha aqui exaggero não deve elle ser tamanho a ponto, de destruir o argumento. Si a percentagem não for de

100, será de 80 ou 90, como já ficou dito, o que ainda é increditavel em determinadas zonas. Dir-se-á que o professor em condições de o ser poderá usar do mesmo estratagema. É verdade. Para evitar, porem, esta irregularidade, precisamos de uma methodica e regular fiscalização, outro ponto de capital importancia no magno problema que nos angustia.

Os conselhos familiares creados pelo decreto n. 1882, de 7 de maio de 1925, poderiam fiscalizar a assiduidade do professor, o aproveitamento dos alumnos, a obrigatoriedade do ensino e da frequencia e emfim, prestar ao Estado relevante serviço. Um ou outro poderá dar o resultado almejado, satisfazendo o fito com que foi instituido. A memoria, porém, por motivos varios, não cumprirá á risca, o seu mister. Começa pelas desinteligencias que irremediavelmente surgem entre o professor e os membros dos conselhos, paes de alumnos. Nos municipios de população de origem allemã, em alguns dos quaes trabalhei sob a direcção do sr. Inspector Orestes Guimarães, a quem sou gratissimo pelo muito que colhi na sua maneira criteriosa e justa de trabalho, ha uma coisa semelhante—as sociedades escolares. Sobre ser outro povo, começando por terem os paes dos actuaes alumnos passado pelos bandos escolares, o que infelizmente não se dá em outros meios. Lá está o sr. Inspector Orestes Guimarães, vigilante sempre, inspecionando constantemente, viajando com regularidade, chegando quando menos é esperado. As sociedades escolares são constituídas pelos paes interessados pelo aproveitamento dos filhos nas escolas. Nos conselhos familiares do interior dar-se-á o mesmo? A memoria dos membros dos conselhos familiares do interior saberá o que seja dia lectivo, frequencia, assiduidade? O de que se precisa é de inspectores em numero sufficiente ou chefias escolares remuneradas, não recahindo em funcionarios do fisco que, accumulando as funções de chefe escolar e pagador dos vencimentos do professor, collocam-se no papel de patrão. Chefes escolares que entendam do assumpto, que visitem as escolas, presidam pessoalmente aos exames, apresentem relatorios, não permittam que os professores vivam na sêde, deixando a escola de portas fechadas confiantes no seu visto no boletim mensal, emfim, chefes escolares que façam o mesmo serviço dos inspectores. Si tal organização trouxer ao Estado a mesma despeza que o augmento do numero de inspectores, então deve-se optar pela creação de inspectorias escolares.

Professor habilitado e fiscalização continua são, pois, dois poderosos elementos para a obtenção de um resultado algumas vezes maior do que o até hoje conseguido.

Ainda um ponto não deve ser descurado: o fornecimento ás escolas ao menos do material indispensavel ao seu regular funcionamento. Descreio que hajam muitas escolas isoladas no Estado que possuam um mappa de uma das cinco partes do mundo.

O ensino de tão util disciplina como é a geographia é sabido, é incompativel com a inexistencia de cartas geographicas. Preceituam os ensinamentos pedagogicos, por maneiras varias, obedecendo a differentes methodos, o ensino de cartographia, optimo auxiliar do estudo da geographia. A linha contornante do esboço de um paiz ou estado, com suas reintrancias e saliencias, a sinuosidade dos rios ora numa ora noutra direcção, mais grossos uns que outros, a collocação das cidades ora juntas ora afastadas da costa, as seras aqui em traços mais fortes ali mais brandos, gravam tenazmente na memoria a situação, o tamanho e configuração da parte estudada, a extensão dos rios, determinando suas grandezas, a situação das cidades, as nascentes, e altitudes, enfim, todos os conhecimentos geographicos do alumno. Tudo isto é reconhecida verdade, e a pratica tem demonstrado seus bons effeitos. Mas, para um ensino completo claro, comprehensivel dos alumnos, torna-se imprescindivel a presença do mappa de parede. O professor poderá, é certo, conforme estatue mesmo um excellente methodo de ensino de cartographia, desenhar no quadro negro para que os alumnos, copiem. Isto, porem, não exclue a necessidade da presença do mappa lithographado em cores brilhantes, bonito mesmo, que muito mais facilmente prende a attenção da criança. Os professores devem ter notado o interesse com que os alumnos fitam as cartas mesmo em aulas de outra materia, ficando como que alheios ao objecto da aula. Quantas vezes o professor o adverte por não estar com attenção. Seja a combinação de cores, o oceano mostrando a sua immensidade, a desigualdade nas extensões territoriaes das diversas partes ou outro motivo qualquer, o facto é que a criança entrega á ficção do mappa todas a sua attenção. Olhando-o está aprendendo.

Alguns mappas contador ou quadro de Parker, quadro negro e giz, pois, e o professor, si habil, com algum conhecimento pedagogico, preparo que baste á sua missão e

continuamente debaixo das vistas da fiscalização, attingirá ao fim collimado.

Lages, 25 de junho de 1927.

PARECER N.º 9

A these n.º 9 — *Provimto das escolas isoladas, material que lhes é indispensavel e sua fiscalização* — de autoria do professor sr. Egydio Abbade Ferreira, é um trabalho bem inspirado. Publica-lo, será algo util, como suggestão necessaria á orientação que se deve ter, quando se trate de occorrer aos serviços que a these comprehende.

O trabalho apresentado discute tres pontos importantes, essenciaes ao ensino, pontos sobre os quaes passamos a expender nossa opinião.

I — *Provimto das escolas isoladas.*

Sobre o assumpto, são muito criteriosas as observações do professor Egydio. Effectivamente, é necessario, indispensavel, mesmo, que se ponha todo cuidado na escolha do professor, pois, é evidente, o successo do ensino depende precipuamente da capacidade e da dedicação dos mestres. Escolas providas de professores inhabeis, faltos desse espirito de sacrificio que caracterisa os expoentes da docencia dos nossos estabelecimentos escolares, falham de modo absoluto no mistér para que são creadas.

II — *Material que lhes é indispensavel.*

Quanto a esta parte, o autor reedita o que já está sufficientemente previsto nos regulamentos, entendendo que nem sempre elles tem sido fielmente observados, o que acarreta males reaes para o ensino.

Inegavelmente, a deficiencia de material didactico é causa de grandes inconvenientes. Bastará, entretanto, que a administração publica observe com exactidão o que exigem os regulamentos para que se alcance o beneficio dependente dessa exigencia.

III — *Fiscalização.*

Relativamente a este assumpto, abtemo-nos de qualquer opinião, por já existir um trabalho (o do inspector escolar sr. Flordardo Cabral) que sobre isso discorre com segurança de modo completo.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.—Ass.—*Marcilio Dias de Santiago, Barreiros Filho, Raja Gabaglia, P. F. X. Zartmann.*

NOTA — E te parecer foi approved sem debates.

THESE N.º 51.

Nacionalização e Ensino

O português, com os traços vigorosos da sua individualidade de povo, na phase aurea da sua existencia, quando, por toda a parte os descobrimentos alargavam os seus domínios e a sua influencia, o português, senhor primeiro do Brasil, não podia deixar de imprimir nos destinos raciaes do brasileiro, o sinete de sua nacionalidade.

O negro africano, o indigena, o hollandez, que em maior porcentagem entraram para o amalga de que saú o povo brasileiro, foram absorvidos pela raça portugüesa, nas tendencias, e na lingua. Predominou com esta, o typo que Portugal fizera emigrar para este lado do continente sul-americano, naturalmente diferenciado pelas condições do meio e pela influencia dos typos raciaes que aqui a defrontaram. E tal é essa predominancia, que ao portugüês chamamos povo irmão e a elle somos mais affeioados do que a qualquer outro povo, pelas affinidades da raça e da lingua.

E se não ha um typo social fixo, habitando esta parte do nosso continente, como diz OLIVEIRA VIANNA (1), porque a extensão do territorio com os climas e condições physicas as mais diversas influenciaram a sua formação, determinando nuanças varias, se não ha um typo unico, è innegavel que o povo brasileiro é, pelas suas tradições e pela sua historia, pela propria religião, e, sobretudo, pela lingua, uma nacionalidade de contornos definidos.

Ha, do norte ao sul do paiz, uma só consciencia, em que se fundem as aspirações, as tendencias e os melindres nacionaes.

Apertado entre povos de procedencia hespanhola, guardando deste amla prevenções historicas, o brasileiro das re-

(1) — Populações Meridionaes. Prefacio, pag. 11.

giões as mais distantes, se solidarizou, para manter a unidade territorial e formar o espirito de uma nação unica. E esse espirito póde evoluir, tomar feições novas, com o correr dos tempos, mas não se fragmenta, é uno, constitue a consciencia collectiva, que é o substractum da nacionalidade.

Um melhor aperfeçoamento do homem, pela instrucção e pela educação, deve ser o interesse dos estadistas, para que essa consciencia mais se revigore. E' o que, num paiz da extensão que o Brasil tem, mais imperioso se torna, a bem da unidade nacional.

O ABANDONO DO IMMIGRANTE E DO CABOCLLO

De 80 annos para cá, o Brasil começou a soffrer o choque das levas immigratorias européas.

Interessados tambem nessa transfusão de elementos raciaes novos no nosso meio, não só aceitamos como temos favorecido a entrada de estrangeiros em o nosso territorio.

É natural que a nacionalidade brasileira precise ter alguma consistencia, para sustentar os embates raciaes dos povos vigorosos que a Europa nos tem mandado e nos manda.

E é auspicioso para os destinos da nossa nacionalidade, a resistencia que ella vae mantendo galhardamente, nesse entre-choque ethnico.

O portugüês no Rio de Janeiro; em São Paulo o italiano, e o alemão nos Estados do Sul, quando se não deixam absorver, é para viver vida á parte, porque o brasileiro não se enfraquece diante delles.

Mas 80 annos na vida de um povo, são apenas um momento, que servirão quando muito, para adverti-lo dos perigos, dos males, que os esperam.

Se de um lado, é preciso fortalecer cada vez mais o sentimento da nacionalidade, pelo combate ao analphabetismo, e integração do cabocllo no rithmo da vida collectiva, do outro lado é necessario aproveitar as energias raciaes dos povos estrangeiros, fundindo-os na massa commum do nosso povo.

Assim, não só aprimoraremos o typo nacional, aproveitando as qualidades boas, que em geral distinguem as raças européas, como previniremos atrictos futuros que poderiam ser fataes á nossa unidade politica.

Ao envez porém, e cuidarmos de instruir, que é a função primordial do Estado no dizer de SERGI, e de naciona-

lixar, que num país de emigração não pôde ser função secundaria, abandonamos uma cousa e outra.

O brasileiro ficou analfabeto e o allemão, por exemplo, continuou estrangeiro, e nessa condição persistiu pelas gerações adiante.

Houve um tempo — durante a guerra europèa — em que as attenções dos alliadophilos se voltaram contra Santa Catharina, para lhe malsinar o germanismo. Foi então uma grita que attingiu ás raías do exaggero.

Em Santa Catharina só havia allemães no juizo dos que tinham apenas idéa vaga do nosso pequeno Estado; e era preciso, no pensar delles, emprehender uma guerra de exterminio nessas regiões.

GERMANISMO

Tão culpado é o descendente de allemão pela sua condição de estrangeiro, dentro da propria patria, como é o analfabeto, por não saber lêr, aquelle apenas visto para ser censurado e este para ser motejado no seu atrazo.

O brasileiro inculto sem orientação nenhuma na vida collectiva, se deixa ficar inerte na sua ignorancia, sem procurar adiantar o alcance da sua intelligencia.

O allemão, ao contrario, reagiu contra a differença do meio, e, com o espirito de iniciativa que a educação lhe deu abre logo, no primeiro povoado que funda ao lado da igreja, a escola. E como o pastor que o acompanhou na emigração, o professor é tambem da mesma raça, porque outro não se lhes dá e outro mesmo que procurasse não teria.

Habitado a lêr, procura logo o jornal que o informe do que vae pelo mundo e o instrua. Funda o jornal e assim se foi elle mantendo estrangeiro, e prolongando o mesmo espirito através das gerações que foi creando, desappercebido do mundo em que vivia como o caboclo na sua casinha de palha, sem nada que o detivesse na orientação educativa que adoptava.

A nacionalidade pode fixar-se pela influencia da religião, das tradições historicas, das tendencias raciaes de um povo, mas a lingua é o elemento que lhe dá cohesão, que, formando a literatura nacional e estabelecendo a comprehensão mutua entre os individuos, crea entre elles essa sympathia de que nos fallava STUART MILL.

Foi porque tinham uma só lingua e uma só literatura,

que a Italia e a Allemanha conseguiram fazer a sua unidade politica, porque na literatura e na lingua tinham os traços da physionomia nacional (2).

Se ha povos que falam dialectos como o italiano, o hespanhol, o belga, e outros que falam não apenas dialectos, mas linguas varias, como o suíço, é porque naquelles, os dialectos não passam de variantes da lingua de que todos são affins e nestes, a communhão de tradições historicas, de interesses politicos, são elos bastante fortes a manter integro o espirito da nacionalidade. (3).

E afinal, casos como estes, são excepções que não destroem a verdade que procuramos demonstrar.

Ora, no Brazil, como já succedera com Portugal, cuja formação ethnica é um amalgama dos mais variados elementos raciaes, no Brasil é a lingua que tem mantido o espirito da nacionalidade, e é por meio della que havemos de atrahir para a comunidade brasileira e fundir nella os nucleos de populações estrangeiras, que a immigração tem carregado para o nosso territorio.

E', pois, uma realidade desoladora, a que se nos depara nos meios de povoação teutonica, em Sta. Catharina, embora, valha a verdade, graças á organização que temos dado ao ensino nos ultimos 15 annos, ao estacionamento de um batalhão do exercito em Joinville, a acção inestimavel do cinema, já se nota, principalmente nas cidades, uma sensível mudança no antigo estado de coisa.

Mas os lusos e os teutos, ainda estão longe de se identificarem, e dir-se-ia lavar entre uns e outros intimas animosidades. Com as suas sociedades á parte, raro confundindo-se nas reuniões onde se acham, uns e outros fazem-se incomprehendidos, accusando-se mutuamente de antipathias e prevenções que nada justificaria.

O teuto, com predicados excelsos, de povo, trabalhador, honêsto, asseiado, ordeiro, inspira no luso a maior admiração como descendente que è do melhor elemento de immigração.

Haverá, então, por nossa parte, o desejo de mante-lo a distancia ?

Porque chamá-lo allemão quando elle nasceu como nós,

(2) Serpa Pimentel — Questões de Politica Positiva.

(3) Serpa Pimentel — obra já citada.

debaixo do mesmo céu e não conhece leis que protejam a sua condição de cidadãos, senão a brasileira?

É possível que haja teuto-brasileiro em cujo espirito se esconda o desejo de ser alemão, mas na maioria delles, os mais incultos, quando não se aperceberam ainda de que são brasileiros, tambem nunca pretenderam conscientemente manter a nacionalidade dos seus antepassados; e a outra parte, a maior, insiste em ser brasileira.

A LINGUA

Não impórta, porém, que insistam nisso; o juizo do luso-brasileiro está feito, a affirmação de um desejo não basta a convencer ninguem, quando esse desejo se não positiva em factos.

Os teutos de Joinville e Blumenau, são vistos cultuando tradições allemães, e lendo apenas jornaes e livros allemães, e falando em casa, com os filhos, na rua, nos cafés, a lingua allemã como lingua propria.

E eis ahi a chave do que parece um enigma, — a certa incompreensão em que ainda vivem lusos e teutos.

A lingua é o factor unico da separação entre uns e outros.

O teuto poderá, em muitos casos, responder que sabe falar tambem o portugûes, e que o fala tambem quando é preciso.

Sim, mas ahi é que está a differença, — o teuto fala apenas quando é preciso, o que qualquer de nós, com alguma cultura, o faz tambem com os idiomas estrangeiros que aprendeu, e o luso fala sempre o portugûes como a sua propria e verdadeira lingua.

No dia em que o teuto ensinar os filhos a dizer *mande*, em vez de *mutter*, na expressão de BASTOS TIGRE e puder falar o idioma portugûes com a mesma naturalidade com que o faz qualquer outro brasileiro, elle perderá a tendencia que tem de procurar sempre outro teuto para entreter relações, de evitar assistir uma representação de peça brasileira, para encher os salões onde se representam peças allemães:

Desse módo, unico, elle ingressará na communitate brasileira, vivendo com a alma nacional as vibrações e os anseios que não sente, integrando-se enfim, na consciencia ampla da nacionalidade brasileira.

É só a lingua lhe permittirá sahir dessa situação esquerda em que o vemos, com vida quasi a parte na sociedade brasileira, lamentando—se, muitos, com frequencia, desse afastamento, sem atinar, ingenuamente, com as razões que o determinam.

NACIONALIZAÇÃO

Um país onde, pela extensão do seu territorio, e pela variedade do meio physico, já se constituem varios typos sociaes da mesma raça, não se pôde cruzar os braços diante da formação e permanencia de nucleos dominados por tendencias oppostas ás da nacionalidade brasileira. O esforço dos bons brasileiros em manter a unidade nacional, precisa abranger, na sua acção, este aspécto dos nossos problemas politicos. E a orientação a seguir no sentido desse desiderato, não pôde ser senão de cathequização, por meios suaves porque, tenhamos sempre em vista, o germanismo, como o analfabetismo, não são crimes que se punam, mas molestias que se curam, com paciência e com tempo.

Faz-se necessario agir, sem provocar attrictos, nem crear prevenções e animosidades que mais distanciariam o descendente de estrangeiro do convívio e dos habitos nacionaes, procurando atrahi-los mais a nós com brandura, para habitua-los ao nosso espirito e podermos dizer-lhes, com o franqueza de amigos, as verdades que o espirito nacional nos dita, e mostrarmos aos que sabem falar, a necessidade e o dever mesmo de fallarem o portugûes de preferencia, como lingua propria e aos analfabetos da nossa lingua, faze-los aprenderem-na como convém a brasileiros.

Quanto aos meios praticos de que se devem lançar mãos, temos a instruir-nos as lições da historia.

Na antiguidade, vemos Roma imperial lidando com os povos que submettia aos seus domínios, para os absorver, assim como a Allemanha dos nossos dias, em face dos polacos que lhe couberam na partilha da indomita Polónia. Em ambos os casos, vemos sempre a preocupação da lingua, considerada ahi tambem o mais poderoso elemento nacionalizador, como temos sustentado.

Roma, usando de meios benignos, fazia impôr a sua lingua, pela colonização, espalhando pelas regiões submettidas ao seu poder, levas de romanos, e pela legislação, prohibindo aos governadores e aos seus funcionarios, romanos

todos, de falar ou escrever a lingua dos paizes conquistados.

A Allemanha já foi mais violenta, obrigando, como fez, os polacos a falar e aprender o alemão; e até o cathecismo só era ensinado nessa lingua (4).

Accresce notar, que nesses casos, tratava-se de povos dominados pela força, que se viam na contingencia de acceitar dominação estranha, ao passo que entre nós, trata-se de nacionaes, que devido ao abandono dos governos, mantiveram no espirito, as tendencias da nacionalidade de seus antepassados, por que em Sta. Catharina por exemplo, o numero de estrangeiros, é insignificante em face do nacional estrangeiro.

Não ha violencia portanto, nos dispositivos legais que obrigam o ensino da lingua portugueza, nas escolas estrangeiras, onde a quasi totalidade das crianças é nascida no Brasil, antes cumpre o Estado um dever assim agindo, por exerce como se desanalphabetizasse, uma das suas funcções primordiaes.

Os processos directos como os indirectos podem, portanto, e devem ser postos em pratica para fazer o nivelamento da consciencia collectiva do pais.

A ESCOLA

Em Sta. Catharina, graças ao esforço e á dedicação de Orestes Guimarães, o funcionario a quem todos os elogios nunca irão além dos seus merecimentos, em Santa Catharina, a escola vai exercendo a sua influencia nacionalizadora.

Mas, com deficiencia de verbas, as escolas ruraes, espartadas pelos municipios de populações estrangeiradas, ficam, quasi sempre, aquem do que se devia desejar.

Com a insignificancia dos ordenados, não era possivel arremeter um corpo de professores que, sem dissonancias, estivessem á altura da sua missão e pudessem grangear prestigio bastante a influenciar o meio em que actuam, em concorrência com o prestigio dos pastores, sem excepção estrangeiros.

E os proprios professores, em muitos casos, de origem alemã, sem maior desembaraço no expressar a nossa lingua, um tanto indifferentes ás palpitações da vida nacional, não poderão falar da patria aos seus alumnos, com entusiasmo

e sinceridade communicativa que desperte uma mentalidade differente daquellas com que vão elles para a escola.

FISCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS

E alem dos mais, o que a nosso ver seria capital, abandonam-se esses professores, bisonhos quasi sempre, ao seu criterio pessoal; não ha uma fiscalização mais assidua nas escolas que estimule os professores, e os oriente melhor, quanto ao modo de praticarem o seu mistér. Os Conselhos de Familia são uma engenhosa idéa de fiscalização, mas quanto ao fim de nacionalizar, parecem-nos deveras insufficientes, porque os seus membros, sendo elementos da população onde a escola funciona, padecem do mesmo mal que ella visa combater—o estrangeirismo—e, pois, não são aptos a influencia-la no sentido contrario a essas tendencias.

Sem a cooperação de um corpo de fiscaes intelligentes e com um nivel de cultura alguns grãos acima do preparo que tem os professores, parece-nos insufficientissimo o trabalho que se vem fazendo e desenvolvendo em favor da nacionalização das populações ruraes.

Orestes Guimarães só, é muito, mas ainda é pouco, se lhe não favorecem outras condições que estão na mão dos governos proporcionar.

A mesma deficiencia notamos no regimen das escolas estrangeiras.

O Dec. n° 1063, de 8 de novembro de 1917 creou para ellas a obrigatoriedade de ensinarem disciplinas de character brasileiro, como linguagem, historia, geographia, cantos, etc. Quanto ao que sabemos porém, a observancia desses dispositivos legais, tem ficado ao criterio de quem dirige taes estabelecimentos. Si ahí encontramos ainda horarios fixados para as referidas disciplinas, não vemos que isto baste ao fim que ellas têm em vista.

O professor que as ensina é, no geral, de origem estrangeira, e num forte ambiente alienigena, esse professor quasi se deixa absorver, e tem uma influencia insignificante no espirito da escola e na formação da mentalidade que interessa ao nosso patriotismo. A visita, com possivel assiduidade, do fiscal, prestigiará o professor das disciplinas nacionaes, e com a sua inspecção minuciosa, cooperaria com elle, para o fim de coaseguir o maximo aproveitamento dos alumnos no ensino da nacionalização.

JARDIM DE INFANCIA

Instituição de uso nos grandes centros, pelas vantagens que offerece na preparação dos espiritos infantis, para o cultivo gradual eficiente, o Jardim de Infancia seria de real proveito em logares, como Joinville e Blumenau, no desenvolver ahi, o espirito nacional.

O mais difficil, talvez fôsse encontrar um estabelecimento apropriado ao funcionamento de um Jardim de Infancia, porque o mais, como professoras que não passam de «governantes», seria de somenos, pelo numero reduzido dellas que requerem taes instituições.

Com pouco tavez se poderia, nos nucleos de populações estrangeiradas, completar com um Jardim de Infancia, o systema escolar delineado para o fim de nacionalização, pois o espirito da criança, muito mais plasmavel, adapta-se mais facilmente á mentalidade que deve nivelar os habitantes brasileiros do nosso territorio, sejam de que origem lórem.

MEIOS INDIRECTOS DE NACIONALIZAR

Além dos meios directos ha os indirectos que seriam de incontestavel alcance para a consecussão desse objectivo.

Os teutos são, em geral, homens de methodo, de trabalho, e mesmo os mais infimos colonos, de alguma cultura. Trabalham com orientação firme, e assim produzem em geral de sobra para as suas necessidades.

A sua mesa é farta, sabe como evitar as molestias ou remedia-las; lê o seu jornal e tem a educação que seculos de cultura dos seus maiores lhe sedimentaram no espirito. E' prospero e tem na vida, uma situação de confôrto.

Ao contrario, o luso offerece, em regra, desolador contraste ao lado do teuto. Não têm nos seus antepassados uma tradição de trabalho, por que, num meio de vida facil, quando desapareceu o escravo que era a besta de carga, não se fez nunca necessario maior esforço para a satisfação das suas necessidades immediatas.

Analfabeto, não tem podido desenvolver a sua mentalidade; é rotineiro e pobre, quando não é impaludado. Tambem as ambições não vão muito além do desejo de adquirir os bens estrictamente necessarios ao consumo de cada dia.

Ha excepções esplendidas, é verdade, que são a segurança dos excellentes predicados do nosso povo. Quando se nos depara um brasileiro sadio, com um descortinio mais amplo dos destinos do homem, é de ver como elle sobrepuja, muitas vezes pela capacidade de acção, o trabalhador de qualquer nacionalidade. A massa, porém, dos elementos que estão integrados no espirito da nação, offerece um nivel mental muito aquem da que vemos no commum dos teutos.

Dahi o conceito pouco lisongeiro, que estes, com razão apparente, costumam fazer do «Brasileiro» como nos chamam elles, distinguindo-se de nós, sem talvez o perceberem.

Dahi, a presumpção de superioridade da sua raça sobre a nossa e a tendencia instinctiva para se afastarem de nós.

Diante desses factos, é intuitiva a necessidade de melhorarmos o homem de character nacional, instruindo-o e educando-o como melhor convenha aos interesses collectivos.

Dando ao seu espirito preparação mais eficiente, não ganharemos apenas valores novos para a nossa economia, senão que tambem daremos maior prestigio ao nacional, em face do elemento estrangeiro ou estrangeirado, e imprimiremos consistencia maior ao espirito da nacionalidade.

Assim, a pressão desse espirito se exercerá mais impetativo na alma das populações germanizadas, o que facilitaria sobremodo o trabalho de nacionalização.

A desanalfabetização, a educação do elemento genuinamente nacional, prestará um concurso inestimavel á acção dos factores que se queiram jogar para o fim que de vimos falando.

Não entremos na apreciação da flagrante injustiça que está soffrendo o nosso caboclo, abandonado na indigencia do seu estado mental, quando abrimos escolas a descendentes de estrangeiros, instruindo-os e preparando-os como o exige um povo civilizado.

Não seja um impulso de justiça que nos leve a cuidar com o mesmo carinho, do nacional que ahi pelas ribeiras dos rios e dos nossos mares definha de ignorancia.

Mas que seja então uma necessidade imposta pelo desejo de nacionalizar, o aproveitamento dessas energias adormecidas da nossa nacionalidade. Porque não é possível abandonar o ambiente em que vive o alienigena localizado entre nós, e os seus descendentes.

Nacionalizar não é função do professor apenas, porque é problema complexo e ingente demais para as suas forças.

É preciso, como, em todos os problemas sociaes, que o meio com elle coopere. Fortalecendo o espirito da nacionalidade e prestigiando o homem nacional, o estrangeiro ou os de sua origem não verão entre nós e elles, barreiras que uma falsa presumpção de superioridade étnica, levanta no seu animo.

Sem o nivelamento da cultura na massa popular, não ha como fundir elementos étnicos tão varios, como os que compõe a collectividade brasileira.

CONCLUSÃO

I

A fiscalização das escolas nos nucleos de população estrangeirada, só ganhará a efficiencia necessaria se for feita por fiscaes que os visitem com assiduidade.

II

Para completarmos a organização do systema escolar destinado á nacionalização, é conveniente crear Jardins de Infancia, ao menos, em Blumenau e Joinville.

III

Se nos problemas sociaes não se pode descurar do ambiente como factor ponderavel na solução delles, é intuitivo de devermos construir e educar o elemento genuinamente nacional, fortalecendo o espirito da nacionalidade, e prestigiando a ante os olhos do estrangeiro e seus descendentes, de modo a prepararmos um ambiente apto a influencia-los e absorve-los.

Para isso, se faz mister agir perante o governo federal, para que o programma de aproveitamento e instrucção das nossas populações littoraneas superintendido pela DIRECTORIA DA PESCA se amplie, em o nosso Estado, permitindo augmentar a subvenção dos professores que percebem a ninharia de 50\$000 mensaes e o numero das escolas na zona norte do Estado que é de 12, quando ha crianças para encher 100. E por outro lado abrir escolas federaes, não só nas zonas onde predomina o espirito estrangeiro, mas tambem nas onde ha apenas a necessidade de desalphabetizar o caboclo.

Ass. — *Carlos Gomes d. Oliveira*, Ex-Chefe Escolar em Joinville.

PARECER N.º 10

Da commissão especial de estudos das questões relativas á Nacionalização e Ensino

These n.º 51—Nacionalização e Ensino—do dr. Carlos Gomes de Oliveira, ex-chefe escolar de Joinville.

No intuito de inteirar os srs. congressistas do assumpto tratado na presente these, procuramos resumi-lo na seguinte conclusão:

O culto autor, que, pela fidelidade e exactidão com que descreve os elementos ethnicos que constituem a população do Estado e do Brasil em geral, mostra ser conhecedor do assumpto, discorre sobre a evolução do povo brasileiro, affirmando, com Oliveira Vianna que «si não ha um typo social fixo, habitando esta parte do nosso continente, porque a extensão do territorio com os climas e condições phisicas as mais diversas, influenciaram a sua formação, determinando nuanças varias, se não ha um typo unico, é innegavel que o povo brasileiro é, pelas suas tradições e pela sua historia, pela propria religião, e, sobretudo, pela lingua, uma nacionalidade de contornos definidos.»

A seguir, passa a demonstrar o abandono em que ficou, por seculos, o caboclo e, por longos decennios, o estrangeiro e os seus descendentes, reconhecendo, contudo, o muito que tem sido feito pelo governo do Estado no sentido de nacionalizar estes e integrar aquelle «no rythmo da vida collectiva.»

Friza, ainda, a necessidade de não só nacionalizar a população estrangeira ou estrangeirada, como tambem, e sobretudo, a de alphabetizar o luso, para que os seus excellentes dotes de character, desenvolvidos pela cultura, exerçam a sua influencia benefica sobre os grupos ethnicos ainda não assimilados, contribuindo, assim, indirectamente, para a fusão de todos os elementos raciaes, que é, em ultima analyse, a finalidade da santa campanha de nacionalização. O illustrado autor traduz exactamente o modo de pensar desta commissão, affirmando que o principal factor que separa o luso do estrangeiro e seu descendente, é o não conhecimento da lingua vernacula, por parte destes.

Para maior clareza, transcrevemos, na integra, o topico seguinte: «a lingua é, o factor unico da separação entre uns e outros. O teuto poderá, em muitos casos, responder que sabe falar o portuguez, e que o fala tambem, quando é preciso. Sim, mas ahí é que está a differença — o teuto fala apenas quando é preciso, o que qualquer de nós com alguma cultura, o faz tambem com os idiomas estrangeiros que aprendeu, e o luso fala sempre o portuguez como a sua propria e verdadeira lingua.

Neste ponto, a commissão é de parecer, que o ideal seria o conhecimento por parte do descendente, das duas linguas, vernacula e paterna, devendo, porém, caber o primeiro lugar á lingua vernacula.

Como meio directo para se alcançar o desiderato acima, indica o autor a disseminação de escolas, em todo o territorio do Estado e, principalmente, uma assidua fiscalização das existentes, quer sejam publicas, quer particulares. Justifica o seu ponto de vista com as seguintes palavras: «..... não ha uma fiscalização assidua nas escolas, que estimule os professores e os oriente melhor, quanto ao modo de praticarem o seu mistér.

Os Conselhos de Família, (O autor refere-se aos Conselhos Escolares Familiares, instituidos pelo Decreto n.º 1882, de 7 de maio de 1925) são uma engenhosa idéa de fiscalização, mas quanto ao fim de nacionalizar, parecem-nos deveras insufficientes, porque os seus membros, sendo elementos da população onde a escola funciona, padecem do mesmo mal que ella visa combater — o estrangeirismo.»

Lembra a creação de jardins da infancia nos centros maiores, como Joinville e Blumenau, para completar «o systema escolar delineado para o fim de nacionalização», e suggere a idéa de um appello ao Governo Federal, por parte do Estado, no sentido de serem melhoradas as condições das escolas de pescadores e augmentado o numero das mesmas.

Julgamos ter traduzido, neste resumo, o esclarecido modo de pensar do autor, sobre cujo trabalho damos o seguinte parecer:

PARECER

Considerando, ser necessario augmentar, quanto possivel, o numero de escolas primarias no Estado;

Considerando, que as escolas primarias têm o duplo fim de nacionalizar e alphabetizar a infancia barriga-verde;

Considerando, que essas escolas não preenchem o seu duplo fim, quando não são continuamente fiscalizadas:

Considerando que os conselhos escolares familiares, embora sejam de muita utilidade como fiscaes da assiduidade do professor, não têm, contudo, competencia para fiscalizar e orientar a parte technica do ensino nas escolas ruraes, visto que o decreto n.º 1892 lhes nega esta attribuição;

Considerando, que os jardins da infancia nos maiores centros do Estado constituiriam um valioso elemento nacionalizador e a base das nossas escolas primarias;

Considerando, porém, que os cofres do Estado não supportam, actualmente, um grande augmento das despesas para fins escolares, com os quaes já dispense cerca de 14% da receita total:

Sugerimos as seguintes medidas:

1ª. — Augmente-se ao maximo, dentro dos limites orçamentarios, o numero de escolas isoladas estaduais e tomem-se providencias, directa ou indirectamente, no sentido de melhorar as condições das escolas de pescadores federaes.

2ª. — Organize-se um perfeito systema de fiscalização das escolas: a) — creando o cargo de Inspector Geral de Ensino, que, subordinado ao Director da Instrução seja o intermediario entre este e os Inspectores regionaes, dos quaes será o orientador technico;

b) — obrigando os inspectores regionaes a residirem nas sedes dos seus districtos, para que possam, continuamente, fiscalizar os grupos escolares e escolas isoladas, publicas, municipaes e particulares, sob sua jurisdicção, orientando os respectivos directores e professores, na parte technica do ensino e na interpretação das leis em vigor;

c) — fixando o numero de visitas de inspecção a serem annualmente, feitas em cada escola, para evitar que sejam fiscalizados somente os estabelecimentos proximos ás sedes.

3ª. — Crie-se, nesta Capital, a titulo de experiencia, um jardim da infancia, deixando, contudo de o fazer nos outros centros, já em vista da despesa que acarretaria o seu aparelhamento, já pela falta de elementos idóneos para dirigi-los, e, ainda, pela quasi certeza de que estes estabelecimentos ficariam sem matricula nos centros de descendencia estrangeira.

A Commissão justifica o seu modo de pensar sobre a ter-

ceira medida alvitrada, baseando-se no facto de já existirem, nas cidades de Joinville e Blumenau, jardins de infancia particulares.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. — (Ass.) *Walter Wagenführ* — Secretario;—*Adriano Mosimann* — Relator;—*Germano Wagenführ* — Presidente.

N. 22

Como devem ser Ministrados o Ensino de Geographia e Cartographia nas Escolas

Primarias e Complementares?

Qual a Correlação entre essa e a outra Materia?

Convem o Ensino de Cartographia nas Escolas Ruraes? De que fórma?

Por ser a geographia uma materia das mais importantes, occupa lugar saliente no programma das escolas. Ella fornece uma serie de conhecimentos e informações que pela sua generalidade muito concorre para o progresso e o engrandecimento dos diversos ramos espalhados na natureza e, para beneficiar a humanidade nas suas multiplas emprezas.

Liga-se perfeitamente a um grupo de sciencias e artes, e, como se sabe, relaciona-se mais intimamente com a mathematica e a historia pelos elementos subsidiarios que a emprestam.

E' conhecido que na parte descriptiva, a geographia tem papel preponderante na origem e na fórma da Terra, occupando-se perfeitamente dos seus accidentes e que na parte politica e administrativa estuda as raças, costumes e divisão dos paizes, estados, lugares, linguas, governos e que é ainda uma cooperadora directa da industria, agricultura e commercio.

Por justa razão, deve ser completamente intuitivo o en-

sino dessa materia porque, sendo ella um instrumento giratorio para a vida pratica dos homens, convem deixar lacunas que possam tolher os passos da criança que tem necessidade de preparar-se com base nos seus conhecimentos elementares afim de tornar-se mais tarde util a si e aos seus semelhantes.

Suggestindo a idéa dos seus principios e fins, deve ser ministrado o ensino de geographia com escrupuloso cuidado, não vacillando o professor no que venha futuramente a prejudicar, pois compete inculcar no espirito dos alumnos que em primeiro lugar a attenção é o elemento capital para o estudo, que a percepção, pelo processo descriptivo concreto, deve predominar em todas as lições, que o vicio da decoraçáo mental deve ser banido em certos casos, para evitar que o professor tenha um esforço infructifero e o alumno perca o seu tempo escolar, sem nenhum resultado.

Em geographia devem ser *decorados* apenas, os nomes, superficies e populações.

As cartas geographicas são indispensaveis como principaes guias do ensino pratico e intuitivo. Portanto, o professor terá o cuidado de explicar as lições no mappa e desenhar todos os accidentes no quadro negro, para que os alumnos comprehendam o que aprendem e retenham facilmente com a decoraçáo visual todas as lições e possam com precisão reproduzi-las na aula de cartographia, como tambem, escrever em seus cadernos todas as explicações com as legendas que forem passadas.

Cada lição de geographia deve ser dividida em tres phases, a exemplo de que se faz nos grupos escolares: Primeiro, explicação do professor; segundo, arguição; terceiro, exposição pratica do alumno.

Sendo a cartographia um complemento da geographia, é necessario para a boa ordem, disciplina e aproveitamento, munir-se cada alumno do seu material didactico, não só como meio pedagogico, mas tambem como effeito de esforço proprio.

Durante essa aula, o professor não perderá tempo de fiscalizar toda a classe, corrigindo os defeitos que encontrar, chamando a attenção dos alumnos mais atrasados, animando-os e guiando-os nos seus trabalhos.

As viagens são tambem aulas de grande proveito no ensino pratico e são consideradas como verdadeiras aulas

instructivas, porque o professor entabolará um periodo de palestra agradável, por meio de explicações e perguntas, chamando a attenção da classe com narrações de factos que se deram e episodios historicos, as difficuldades que sofreram os povos antigos pela falta de meios de transporte a percorrer os mesmos logares que são facilmente visitados.

A geographia e a cartographia são indispensaveis no ensino das escolas primarias como nas complementares e cursos normaes, sendo nestas ampliada com mais desenvolvimento e rigor, porque si uma materia é correlacta da outra, claro está que a Cartographia seja incluída no programma das escolas normaes, convindo até haver aulas especiaes de desenho cartographico a fim de que melhor se habituem e pratiquem os normalistas no exercicio do magisterio primario, como aulas praticas.

O ensino de cartographia não pode ser proveitoso nas escolas ruraes, tanto quanto nos grupos, primeiro: porque nem todos os professores têm o conhecimento dessa disciplina, a não ser os normalistas e complementaristas ou professores que já frequentaram os grupos escolares; muitos limitam-se até a um simples concurso sem nenhuma pratica assumem as responsabilidades do magisterio que na maior parte delles, acarretam infelizmente, serio prejuizo á instrucção e uma inutil despesa para os cofres publicos. Segundo, pela difficiencia de recursos de muitos paes, que em geral, lutam com meios de vida para a manutenção da familia e que difficilmente mantem seus filhos nas escolas. Terceiro, pela falta de material didactico que geralmente se nota em muitos logares do interior do Estado.

Entretanto, talvez possa ser introduzido o ensino de cartographia nas escolas ruraes com o desenho dos principaes accidentes feitos pelo professor, no quadro negro, acompanhando os alumnos os mesmos exercicios em suas lousas, como verdadeiras aulas preparativas, de entretenimento, sem obrigatoriedade dos cadernos apropriados.

Independente da minha humilde opinião, declaro com franqueza que o actual programma dos Grupos Escolares, nessa materia, não satisfaz a sã pedagogia do ensino moderno, em virtude do accumulo de pontos para serem proccessados num periodo annual, difficilmente a exposição intuitiva ao professor e o embaraço que se apresenta ao alumno de preparar-se convenientemente para attender todas as

partes do programma correspondentes á uniformidade do ensino e ao Regulamento Interno em vigor.

Poderia ser reduzido o programma de geographia nos grupos escolares ou então augmentado para mais um anno escolar, formando uma outra classe e com essa divisão, melhoraria as vantagens do curso primario, evitando a defficiencia de muitos pontos capitaes para os exames de admisão do curso complementar, normal e gymnasial.

Considero o trabalho dos professores de quarto anno dos grupos escolares, bem exhaustivo para corresponder ás exigencias do Regulamento Interno e o programma em vigor.

Sou apologista dos compendios para as classes primarias mais adiantadas, porque embora produza resultado o ensino expositivo, do professor, deve o alumno acostumar-se ao regimen do estudo de gabinete, fazendo consultas aos bons autores e assim tomará o gosto e o interesse pelos livros que devem ser sempre considerados os principaes e os melhores amigos dos estudantes.

Florianopolis, julho de 1927. Ass— *Beatriz de Souza Brito.*

THESE N.º 26

Conferencia de Ensino Primario do Estado de Santa Catharina

THESE 3a.

Como devem ser ministrados o ensino da geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares ?

Qual a correlação entre essa e a outra materia ?

Convem o ensino da cartographia nas escolas ruraes ? De que fórma ?

O ensino primario moderno, acabando com o uso dos compendios, libertou a intelligencia da criança das decorações servis, da sobrecarga de nomes, regras e numeros de

sentido abstracto ou mesmo sem sentido para o espirito infantil. E ministrando noções dos principaes ramos do saber humano, quer a escola de hoje fazer de cada alumno um pequeno ser que sabe ver, pensar, sentir.

E que ensino mais proprio para se alcançar esse fim que o da geographia? Talvez não haja em todo o curso primario materia mais attraente. É uma inesgotavel lição de cousas da natureza e da vida tambem, pois estudo da Terra, tudo nella se relaciona com a vida do homem.

Uma lição de geographia resuvida á sequidão de uma lista de nomes indicados nos mappas e, por fim, de tão repetidos, citado machinalmente, é enfadonha.

É preciso que ella fale á imaginação, que a encha de quadros. Uma ideal lição de geographia devia produzir um effeito assim mais ou menos de cinematographo: a criança sem sair do seu lugar, anda por outras terras, vê outras gentes, observa outros costumes.

Seja a lição: rios do Brazil. Fala-se no Amazonas. Quanto se poderá dizer acerca do rio-mar! Diga-se da sua grandeza, comparando-o com os grandes rios do mundo, da sua importancia para o commercio; mostrem-se photographias de suas margens, etc.

O estudo é produções? — porque não consegue viver no sul uma planta que ha em quantidade no norte; porque temos que mandar vir alguns productos de fóra do país; necessidade que ha de aproveitar as qualidades da terra para certas culturas que façam diminuir a importação.

E assim se conversando em todas as lições a par dos conhecimentos puramente geographicos que fôr adquirindo, terá a criança uma visão do mundo, a sua curiosidade despertará e lhe fará sentir que vale bem a pena saber de tanta coisa interessante que ha por ali afóra.

Parece inutil dizer que a geographia e historia são materias correlatas, pois o estudo das duas anda quasi sempre ligado.

Tem tambem relação a geographia com a educação cívica. E' tão grande e tão bello o nosso país, que em qualquer aula de geographia encontra o professor occasião de fazer vibrar a fibra patriótica dos alumnos.

E' a mathematica tambem materia indispensavel no estudo da geographia. Quando se trata do levantamento de plantas, de escalas de mappas, de diagrammas, são precisos bons principios de arithmetica e geometria.

A cartographia como complemento que é do estudo da geographia, devia seguir-se a cada lição. Seria uma como recapitulação graphica, não confundida nunca com um desenho, uma simples copia de mappa. Parece-me mais razoavel não figurarem nos horarios aulas especiaes para esse trabalho. Poderia talvez fazer-se da seguinte maneira:

- 1º — estudo oral da lição, o quanto possivel nos mappas.
- 2º — o professora desenhará no quadro o mappa da lição estudada e o mandará ler pelos alumnos.
- 3º — o mappa será feito pelos alumnos no quadro.
- 4º — os alumnos farão o mesmo exercicio no papel.

É possivel que assim se retarde um pouco o desenvolvimento do programma; mas não será tanto, porque o numero de aulas de geographia augmenta. E evitar-se-ia deste modo o facto de estarem os alumnos dando nas aulas oraes uma lição, ao mesmo tempo que fazem o mappa de outra.

Sempre fui professor da cidade e portanto não conheço as escolas do interior. Mas julgo conveniente o ensino da cartographia nas escolas ruraes, uma vez que elle seja dado de um modo pratico e principalmente regional: plantas, mappas ou pelo menos um esboço approximado do lugar seguindo-se então com o tempo as cartas do municipio, estado e país.

Isto póde parecer difficil, mas creio que com repetido exercicio se conseguirá bom resultado. Aos rapazes em especial interessa muito esse estudo. Filhos quasi todos de lavradores, elles estão naturalmente destinados a continuar o trabalho de seus paes; é preciso então habitua-los a vêr com intelligencia, com comprehensão a terra que mais tarde terão que cultivar.

O ensino bem orientado da cartographia, além do conhecimento da materia em si, tem para a criança dos sitios diversas vantagens: habitua-se a manejar com facilidade a regua e o compasso; educa-lhe a mão e a vista; familiariza-o com os numeros; dá-lhe o sentido exacto das dimensões; e quem sabe? pode, bem ser que esta minuciosa observação do terreno desenvolva nos alumnos o bom gosto e faça futuros agricultores progressistas, preocupados não só com o plantar e o colher, mas tambem com os melhoramentos, a ordem, o traçado, a belleza dos seus ampos.

Trabalho apresentado por Catharina Demoro.

THESE N° 27

Congregação do Professorado

METHODOLOGIA

A escola é uma officina onde dos golpes do cinzel vai surgindo a bella estatua do homem integral.

Desviando-nos hoje um pouco do nosso primeiro objectivo visado nesta serie de artigos, vimos hoje tratar aqui de um ponto que nos envolve agora a attenção com referencia a uma das theses a serem discutidas na Conferencia do Ensino.

Trata-se da 3ª. these apresentada.

Não nos facultamos ao direito de desenvolvê-la ou analysá-la pedagogica e integralmente, não.

Nem de longe... Arrojar direito de outrem a nós, de modo nenhum.

Commentar essa questão, por sympathia e interesse colectivo, isto sim.

Tomamos pois, a liberdade de passar esta columna a referida these que na integra é a seguinte:

Tres partes componentes encerra a these em questão: por isso tres conceitos essenciaes queremos emitir.

1 — No nosso modo de encerrar o estudo da Geographia pensamos que ella é para o ensino elementar o que é o Raio X para o Medico, a Psychologia para o Educador e a Mathematica ao alumno, intelligente ou mediocre...

E assim sendo o seu árido estudo não só é de summa importancia, mas tambem de complicado engrenagem para ser transmittido ao educando.

2 — E sendo assim, a taboa de salvação que nos resta é sem duvida a Cartographia que é, para assim dizer-se a chave de ouro para o ensino da Geographia com quem ella intuitivamente se relaciona.

E' evidente, pois que conforme a nossa opinião supra o ensino de Cartographia não só convem nas escolas primarias e ruraes, mas até constitue uma necessidade. — Esta é a nossa conclusão.

Resta-nos agora apontar aquillo que é mais importante no assumpto em questão: é o meio pratico que deve orientar o mestre.

Antes porem, digamos de passagem que dilatado é o espaço que medeia a escola rural da escola em centro civilizado ou urbano; e por isso para desenvolvermos esta these tão longa num só artigo temos que nos limitar a uma synthese apenas...

Outrosim somos forçados a tirarmos a media pedagogica dos tres systemas de pedagogia pratica hodierna: a de Manjon, de Froebel e de Ruiz Amado para então chegarmos a uma conclusão satisfactoria ao ensino primario em geral... embora tratemos aqui de uma só disciplina...

3) Simplificação dos 3 systemas.

Antes de procurarmos a medida desses systemas, cumpre-nos lembrar que o alumno analphabeto da cidade é um geographo perspicaz de nascimento, ao passo que o alumno desanalphabetizado da colonia, ou do campo, é um desconhecedor legitimo da materia, forçada pela circumstancia do meio em que vive, sem novidade e sem recurso...

Facto. Provemo-lo.

Mais de uma vez temos observado que estes individuos até homens, não ligavam a photographia ao mesmo dono della que a apresentava sendo que a criança de 3 annos do centro culto, acostumada a exposições, etc., logo á primeira vista reconhecia o retrato pela physionomia que se lhe revelava.

Parece em principio, simples e ingenuo o que asseveramos e o exemplo citado, mas é original e razoavel a primeira revelação basica no estudo da geographia que é o conhecimento rapido e perspicaz da forma do contorno e das arestas dos objectos em geral.

Eis pois a necessidade da cartographia e do mappa feito no quadro negro (o debuxo) á vista dessa classe de alumnos.

Razão e exemplos. O facto é que Manjon reconhecendo a deficiencia em tantos outros methodos ou pelo menos concluindo que por muito recommendados que sejam os methodos heuristicos, de Pestalozzi e de Descartes, não satisfazem inteiramente o espirito atilado da mocidade destes ultimos seculos, elle dependura no pescoço de cada creança uma letra do alphabeto, chamando-a por essa letra.

O professor começa, fazendo a chamada e os alumnos respondem — sou a letra A, B, C, ...

Cada creança se apresenta, bradando o seu cartaz, e logo entrando em movimento com outras, formam-se as pa-

lavras... Enquanto Froebel funda o seu systema essencialmente na acção e nada se pode oppor á invenção, visto que a educação se ha de dirigir para a vida, que apenas se aperfeiçoa pela acção.

O seu systema applica-se sobretudo na escola profissional, visto que aperfeiçoa praticamente ao conhecimento dos instrumentos do trabalho que hoje mais que em outros seculos disto não se póde prescindir.

E ao passo que, enquanto estes assim applicam os seus systemas, o festejado pedagogo jesuita Ruiz Amado que bem soube interpretar as theorias educativas, condena o verbalismo, o memorismo e o technismo enquanto discrimina a falsa orientação desses pontos de vista.*

Chegamos, pois, do pratico ao theorico, precisamos, porém, passar do facil para o difficil e finalmente concretisar um systema particular que chegue á finalidade do estudo da materia que vimos tratando e que como a Historia é irmã gêmea da Geographia necessita de um methodo intuitivo que a torne mais suave e menos rigido.

Si o methodo Manjon é applicavel pelo seu lado pratico, o Froebel é util pelas vantagens que se nos offerece no desenvolvimento sempre crescente das industrias.

Por bem, aperfeiçoados praticamente esses systemas por Ruiz Amado, ou antes simplificados pela orientação que elle tem traduzido nas suas importantes obras e na Revista Educacion Hispano-Americana podemos fazer do seu um nosso systema que com justiça lhe pode ser attribuido e classificado como 3.º methodo hodiérneo.

E aliás attendendo-se que pouco ha de rotineiro nessa triplice communhão de methodologia, adoptamos a pratica um pouco de theorica de outros para a transformação radical do metaphysico antiquissimo e complicado.

Sigamo-lo de visu amoldando as nossas escolas á pratica de sua possivel realização. Cuidemos, porém, antes de outra cousa, das nossas salas escolares que pelo menos bem arejadas, não apresentem o aspecto de casas vazias, fechadas pelo inquilino que se mudou...

É preciso que as paredes estejam cobertas de mappas e quadros, que cada escola primaria possua uma pequena bibliotheca e que haja tambem um modesto apparatus educativo no gabinete do professor.

Mas ha falta do que apontamos, sobretudo nas escolas ruraes e municipaes (ha honrosas excepções); mas temos ob-

servado, pelo tirocinio e interesse tomado, que alguns professores de certos municipios, com muito custo conseguiram pelo menos um quadro preto indispensavel ao ensino... ora isso não é grande despeza para uma Prefeitura que installa uma escola.

Felizmente esses maus tempos ha muito passaram.

Surge agora uma nova epoca de resurgimento pedagogico, e todos os elementos do Estado, e assim dos municipios, conjugados pelo mesmo ideal, seguem garbosamente a aprazivel e visada orientação do Chefe do Executivo.

Em relação ao que estamos tratando haja vista o exemplo que se está fazendo nesta capital, no tocante á fiscalização e syndicancia aos Collegios que resulte em beneficio do ensino, fornecendo-lhes o material necessario e indispensavel.

Estamos certos pois de que os senhores Prefeitos actuaes não se limitarão a votar uma verbasinha que se limite á insignificante subvenção ao professor. (Elles antigamente eram tambem pagos pelos paes dos alumnos)...

Pois o apparatus do ensino — dizemos o material escolar — é o alimento pedagogico do professor e do alumno.

Resolvida afinal essa difficuldade, ponha o preceptor em pratica o methodo que em resumo é o seguinte:

- a) — Leia-se e explique-se a lição (de geographia);
- b) — Faça-se o desenho, no quadro, o mappa do livro: plan-ta de villa, cidade; estradas, rios, montanhas, etc, com referencia á lição do dia.
- c) — Conte-se a historia da fundação daquella villa, cidade; si for possivel citando o nome do seu fundador.
- d) — Mande-se o alumno copiar a lição dada.
- e) — Faça-se o uso do globo mostrando ao alumno a possibilidade da Terra girar...

Ensaie-se isto duas a tres vezes e ha de chegar a bom resultado no ensino de geographia, dotando os alumnos da zona rural e mesmo urbana, do elemento para a idéa precisa e completa da vida.

É com referencia ás escolas complementares pensamos do mesmo modo, favorecendo-lhes outras circumstancias...

De outra fôrma parece-nos será difficil infiltrar no espirito do alumno os accidentes geographicos do globo terra-queo.

Porém é conveniente em tudo isso seguir o lemma dos sete sabios da Grecia: « Ne quid nimis ». Nada de mais.

(Do ensino primario). Ass. — *Alfredo Xavier Vieira*.

THESE N.º 29

Como a geographia e a historia parecem nascerem juntas, pois uma não pode existir sem a outra, respondo conjunctamente.

O ensino da geographia deve ser auxiliado por meio de mappas, nem deve ser muito desenvolvido, idéa geral do globo, continentes, paizes principaes, mares, rios, capitaes, e ainda os compendios escriptos de accordo com o programma, com clareza deve muito concorrer a mesma clareza, a mesma simplicidade, nos compendios de historia apenas os principaes factos, despídos de grande numero de particularidades que as intelligencias infantis não podem ainda comprehender.

Um programma muito elevado e carregado de materias nunca será desenvolvido em uma escola rural. A carencia de livros é um dos factores do analfabetismo. Ao sahir das escolas as crianças não tem mais que ler. A fundação de uma imprensa escolar seria um grande auxilio, ainda que cada empregado tivesse que concorrer com uma diminuta percentagem para tal fim. Os livros não podem fazer mal ás creanças — tirar-lhes os livros é como se negasse ao operario os instrumentos de sua arte. O magistrado, o juiz, o medico, o militar, o engenheiro, o professor nada fazem sem os livros — o que farão as creanças mais debeis em memoria, sem os livros para lembranças e consultas.

Os apontamentos, quadros synopticos, absorvem maior tempo e trabalhos. Se a decoracão é perniciosa, dê-se-lhe os livros que contenham as materias explicadas e ensinadas, assim: os compendios de historia, de geographia, geometria, synonymos, grammatica, educação civica, etc., não podem prejudicar as crianças antes prejudicará os apontamentos puramente decorados...

O erro é natural do homem.

Ariú, 28 de junho de 1927. — Ass. *Antonio Victor de Sousa.*

THESE N.º 24

Como devem ser ministrados o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares?

Do modo mais pratico possível e ensinada pelo metho do synthetico (nas classes inferiores). Deve ter ainda as seguintes qualidades, desenvolvimento intellectual; despertar interesse, patriotismo, não cançar a memoria (classe superior).

Qual a correlação das duas materias? A cartographia é o complemento da geographia e auxiliar da criança que comprehende muito melhor depois de ter feito o desenho do país etc. de que a lição trata.

Convem o ensino da cartographia nas escolas ruraes? Sim, porque é de grande utilidade.

De que fórma?

Relacionada com a lição.

Saúde e fraternidade. — (Ass.) A professora — *Maria Isabel Falcão.*

PARECER N.º 11

Parecer sobre o ensino de geographia e cartographia

A 2.ª commissão suplementar considerando as theses ns. 22, 24, 26, 27 e 29 respectivamente dos professores d. d. Beatriz de Sousa Brito, Maria Isabel Falcão, Catharina Demoro, srs. Alfredo Xavier Vieira e Antonio Victor de Sousa, que tratam do ensino de geographia e cartographia chegou as seguintes conclusões:

I — Que deve ser completamente intuitivo o ensino dessa materia porque, sendo ella de grande utilidade para a vida pratica, convem não deixar lacunas que possam tolher os passos da criança que tem necessidade de preparar-se com base nos seus conhecimentos elementares, a fim de tornar-se mais tarde util a si e aos seus semelhantes.

II — Que as cartas geographicas são indispensaveis como principaes guias do ensino pratico. Portanto, o professor terá o cuidado de explicar as lições no mappa e de senhar todos os accidentes no quadro negro, para que os alumnos comprehendam o que aprendem e retenham facilmente com a decoracão visual todas as lições e possam, com precisão, reproduzi-las na aula de cartographia, como tambem,

escrever em seus cadernos as explicações com as respectivas legendas.

III — Que sendo a cartographia um complemento da geographia, é necessario para a boa ordem, disciplina e aproveitamento, munir-se cada alumno de seu material didactico, não só como meio pedagogico, mas tambem como effeito de esforço próprio. A cartographia como complemento que é do estudo da geographia, devia seguir-se a cada lição. Seria uma como recapitulação graphica, não confundida nunca com um desenho, uma simples copia do mappa.

Parece mais razoavel não figurarem nos horarios aulas especiaes para esse trabalho. Poderia, talvez, fazer-se da seguinte maneira:

- (a — estudo oral da lição, o quanto possivel nos mappas;
- (b — O professor desenhará no quadro o mappa da lição estudada e o mandará ler pelos alumnos.
- (c — o mappa será feito pelos alumnos, no quadro.
- (d — Os alumnos farão o mesmo exercicio no papel.

E, possivel que assim se retarde um pouco o desenvolvimento do programma, mas não será tanto, porque o numero de aulas de geographia augmentará. Por este systema evitar-se-ia que os alumnos, nas aulas oraes estudassem um ponto e nas de cartographia graphassem outro.

IV — Que as viagens imaginarias são tambem de grande proveito no ensino pratico e são consideradas como verdadeiras aulas instructivas, porque o professor entabolará um período de palestra agradável por meio de explicações e perguntas, chamando a atenção da classe com explicação dos factos que se deram e episodios historicos, as difficuldades que soffreram os povos antigos pela falta de meios de transporte, para percorrer os mesmos logares que hoje são facilmente visitados.

V — Que o ensino de cartographia não pode ser proveitoso nas escolas ruraes, tanto quanto nos grupos, — *primeiro* — porque nem todos os professores tem o conhecimento dessa disciplina, a não ser os normalistas e os complementaristas ou professores que já frequentaram os grupos escolares; *segundo*, pela difficiencia de recursos de muitos paes, que em geral lutam com os meios de vida para manutenção da familia* e que difficilmente mantêm seus filhos nas escolas; *terceiro*, pela falta de material didactico que geralmente se nota nas escolas do interior do Estado. Entretanto, talvez o ensino introduzido o ensino de cartographia nas

escolas ruraes com o desenho dos principaes accidentes feitos pelo professor no quadro negro, acompanhando os alumnos os mesmos exercicios em suas lousas, como verdadeiras aulas preparativas, de entretenimento, sem obrigatoriedade dos cadernos apropriados.

VI — Que o actual programma dos grupos escolares, nessa materia não satisfaz a sã pedagogia do ensino moderno, em virtude do accumulo de pontos para serem processados no periodo annual, difficultando ao professor a exposição e ao alumno o preparar-se convenientemente para attender a todas as partes do programma, correspondente á uniformidade do ensino e ao Regimento Interno em vigor.

VII — Que poderia ser reduzido o programma de geographia nos grupos ou então augmentado de mais um anno escolar. Melhorar-se-ia o curso primario, evitando a difficiencia de muitos pontos capitaes para o exame de admissão do curso complementar, Normal e Gymnasial, pois o trabalho dos professores do terceiro e quarto annos dos grupos escolares é bem exaustivo para corresponder ás exigencias do Regimento Interno e programma em vigor.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927.

Ass. — *Laercio Caldeira de Andrada*, relator; — *Beatriz de Sousa Brito*, presidente; — *Albano Monteiro Espinola*, secretario.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

1. Cadeira. Português e principios de Literatura da lingua

NOTA—Há um objectivo que o professor de lingua e bellas letras vernaculas, deve ter sempre ao alcance de sua visão e patente á sua orientação pedagogica; e é que as aulas, os programmas, as divisões e sub-divisões didacticas, os methodos relativos áquellas disciplinas collateraes e entre si integrantes, visam apenas o falar e escrever com acerto e graça a lingua Portuguesa. Atravez da analyse syntactica mais elucidativa, ou na pesquisa de uma particula de multiplas funcções, ou em um bem memonizado quadro de verbos, ou ainda em cem outros grammaticaes,—o fim é chegar ao conhecimento da lingua: falar e escrever bem. Fim unico, para vingar o qual são varios os meios. Qualquer capitulo de grammatica é um contingente para tão ludo desiderato. Não é, com outro proposito que se cursam aulas de lingua materna! Insistimos no ponto, por mais prou homnesco que, á prima vista, se nos queira figurar

E, neste particular nos detemos, porquanto basta versar manuaes e programmas que por ahi correm, para se verificar o esquecimento dos autores que garram desse principio basico, descambando para tecnologias ociosas, perdendo-se na traça grammatical de enredada contextura, tratando, em summa, a grammatica por amor da grammatica, quando deveriam trata-la por amor da Lingua!

Aprender a Lingua é o nobilissimo desejo dos estudiosos, quer sejam professores, quer sejam discipulos, augmentando aquelles o seu cabedal de saber, iniciando-se, estes no patriotico apprendizado do vernaculo.

Desejo, sim; e mais: sonho e anhelos vivo de mestres e estudantes, uns na expectativa de tão formosa conquista, outros no labor de lha tornarem accessivel è elle que, realizado, imprime ao moço um flagrante cunho de individualidade patricia, e è elle ainda que ha de manter cohesa a corporatura gigantesca da brasilica Nação—como accentuou o professor Henrique Fontes, em seu curioso discurso aos magistrandos de 1918. E accentuou bem, já que, «na lingua, verdadeiramente reside a nacionalidade», consoante ensinava a discreta sabedoria de Fradique Mendes...

II

Desenganadamente somos partidarios dos propositos menos theoreticos, e achamos que, num curso de 3 ou 4 annos, prazo nimio escasso para o conhecimento cabal do idioma,— só com a relegação do theorismo para plano secundario, e pelo regimen das lições de leitura e redações frequentes, corrigidas e commentadas prosodica, orthographica, syntactica e estilisticamente pelo professor; de grammatica relativa aos casos occorrentes, dosando-se tudo de accordo com o adiantamento da classe; só por esse meio repetimos, poderão ser levados os alumnos à posse do mais necessario no uso vivo da Lingua Patria.

Todavia, esse criterio pratico não vai cortar de razo generalizações e preceitos, abstractos, muitos dos quaes se requerem até imprescindivelmente para o estudo consciencioso de nossalingua; mas, justamente pela grammatica applicada é que iremos ter às generalizações: «è o exemplo que conduz á regra, o uso constante e concreto que lembra o dictame abstracto.»

Dessarte não nos desviaremos do conselho de Herbert Spencer (1):

«A grammatica feita após a lingua, deve ser ensinada depois da lingua.»

E estaremos que — segundo Herder (2) — «... a grammatica deve ser aprendida pela lingua, não a lingua pela grammatica.»

(1) Apud Compayré : Cours de Pedagogia, pg. 311

(2) Idem, ibidem, loc. cit.

III

Com esse roteiro e com esses principios, julgamos acertada uma tabella de estudos do vernaculo, que vão aqui parcelados para um triennio e para um quadriennio normal.

Português — 1.º anno

1. Palavra e syllaba, com exemplos. Monosyllabos, dissyllabos, trissyllabos, polysyllabos.
2. Letra e phonema: explicação tendente a estabelecer no espirito do alumno a differença entre o som elementar e a sua figura.
3. Vogaes e consoantes, grupos vocalicos, consonantais; som proprio e som accidental das letras.
4. Notações lexicas, Regras de accentuação; accento tonico e accento graphico.
5. Orthographia; systemas orthographicos, ensinados summariamente.

NOTA: Depois desse estudo, o professor fará a synthese do ponto, explicando que tratou de phonologia, prosodia e orthographia; dictará ao alumno schemas que o façam abranger tanto quanto possivel, num relance, a materia dada.

6. Conhecimento do substantivo, do adjectivo, do pronome e do verbo — precisa, mas não pormenorizadamente.
7. Classificações e flexões do substantivo, do adjectivo e do pronome.
8. Sub-divisões do adjectivo e do pronome.

NOTA: O verbo será tratado em ponto especial. As categorias inflexivas serão estudadas no 2.º anno, pois melhor se comprehendem com o auxilio da analyse syntactica.

9. Conhecimento do sujeito, do predicado e do complemento.

NOTA: Sem noções do sujeito e do predicado, não è possivel o estudo sério do verbo.

10. Verbo: conjugação, themas e flexões verbaes, modos finitos, infinitivos; tempos primitivos, derivados, simples e compostos.
11. Divisão e minucioso estudo do verbo quanto à conjugação (regulares, irregulares, auxiliares, defectivos).
12. Divisão do verbo quanto ao sujeito: activos, passivos, reflexivos e neutros.

13. Divisão do verbo quanto á significação: augmentativos, diminutivos, imitativos e frequentativos.

NOTA: Faça o professor a synthese da materia, recordando-a ao alumno, e explicando-lhe que tratou de taxonomia, flexionismo, categorias flexivas.

14. Prefixos encontrados: in, per, pre, bem, des, com ante, sub, etc.

15. Suffixos e themas dos pluraes, dos diminutivos, dos augmentativos, dos superlativos e dos participios.

16. Vocabulos primitivos e vocabulos derivados: compostos por juxtaposição, prefixação, agglutinação; derivados proprios, e imp oprios.

NOTA: Synthetizando o ponto, o professor dirá o que explicou, determinando o sentido da palavra «orphologia, definindo ainda os termos prefixo, suffixo, desinencia, thema, raiz, etc.

17. Emprego da letra maiuscula. Regra pratica para a formação do plural dos diminutivos. Ensaio sobre o plural dos nomes de tonica fechada.

18. Schemas com a divisão e a subdivisão do estudo de Grammatica Portuguesa.

NOTA: Todos os pontos devem ser, quanto couber, acompanhados de exercicios numa Selecta, adoptada na Escola Normal.

19. Língua e linguagem; distincção technica e divisões.

NOTA: O facto de virem as definições e divisões como remate dos pontos, significa que caminhamos «do concreto para o abstracto, dos casos particulares para as classificações, da lingua viva para a theoria generalizadora».

Estudámos as manifestações e os factos grammaticaes, e, em seguida, encarando-os em suas linhas de conjunto, organizámo-los e denunciamos-los.

PARTE PRATICA

20. Leitura expressiva e explicação, pelos alumnos, de um trecho lido; synonymia dos termos occorrentes e dictados.

21. Exposições e descripções faceis, dando-se como themas o interior da escola, o trajecto da escola, uma chacara, o dia do estudante, uma procissão religiosa, a casa de moradia, etc,

NOTA: A correcção se fará em aula e o professor commentará o trabalho de cada alumno, assignalando os

defeitos e suggerindo a errata. Um só thema deve ser repetido duas ou mais vezes consecutivas, até resultado satisfactorio.

22º Analyse lexicologica das categorias variaveis.

Português — 2. anno

1. Sujeito, predicado e complemento: explicação acompanhada de ensaios na Selecta de aula. Periodo simples e periodo composto, conhecido praticamente.

2. Preposição, conjunção e adverbio: estudá-las comparando-lhes as funcções; assignalar a mobilidade do adverbio e a fixidez dos connectivos citados. Exercitar muitissimo na Selecta de uso.

3. Conjunção coordenativa e conjunção subordinativa.

4. Divisão dos verbos quanto ao complemento: transitivos (directos, relativos, bi-objectivos), intransitivos e de ligação ou attributivos.

5. Coordenação e subordinação.

6. Oração principal e oração secundaria. Signaes de subordinação.

7º Estudo especial dos complementos. (Adopção do quadro de complementos applicavel ás orações secundarias.)

8. Divisão das orações secundarias quanto á funcção syntactica (subjectivas, objectivas, predicativas, attributivas e circumstanciaes;) quanto ao connectivo (relativas, conjunccionaes, indefinidas e infinitivas;) quanto á funcção lexica (substantivas, adjectivas e adverbias).

9. Concordancia do verbo com o sujeito: regra geral e casos particulares. Concordancia do predicado nominal e pronominal com o sujeito. Concordancia do adjectivo com o substantivo: regra geral e casos particulares.

NOTA: Far-se-á, após o estudo dos pontos acima, o confronto da lexicologia com a syntaxe, discriminando-se o objecto de cada uma dellas, para que os alumnos percebam a utilidade dessa meação basica do campo grammatical.

PARTE PRATICA

10 — Emprego das pessoas grammaticaes no tratamento epistolar, no dialogal, no oratorio: manutenção e uniformidade dos pronomes pessoas e de reverencia, e do possessivo correspondentes.

11 — Ensaios de concordancia do verbo com o sujeito composto de differentes pessoas grammaticaes.

Imperativo positivo e imperativo negativo.

12 — Descrições de scenas da natureza: um passeio ao Continente, o nascer do dia, uma noite de luar, etc.

Impressões subjectivas provocadas por uma das seguintes scenas: a volta ao lar, um batalhão em marcha, um pobre, um hospital, etc.

Cartas de amizade a um pai, a um collega, a um professor (repetidas até resultado satisfactorio).

13 — Na Selecta de uso, analyse lexiologica, principalmente das particulas e analyse syntactica.

Português — 3.º anno

1 — Genese do Português: a Iberia, os celtas, os Iberos; a denominação romana; o latim popular; a invasão germanica; os arabes; o romança.

2 — Funções lexicologicas do que e funções syntacticas do se.

NOTA — Não é decorar quantas e quaes as funções que exercem essas particulas. E', sim, de Selecta em punho, í-las registrando nos casos que occorrerem. Dois proveitos colhe o alumno com tão util exercicio:

a) Verificar a riqueza e a elegante mobilidade do idioma;

b) Ensaïar o raciocinio e assignalar por analyse propria, categorias grammaticaes e funções syntacticas peculiares a essas particulas.

3 — Crase e partição de palavras em fim de linha.

4 — Orthographia : systemas; reforma lusitana.

5 — Collocação de variações pronominaes.

6 — Figuras syntacticas e vicios de linguagem. Lista dos gallicismos vitandos.

7 — Infinito pessoal e impessoal.

8 — Formação do vocabulario da lingua: herança latina, derivação e composição populares, formação erudita, importação estrangeira.

9 — Ordem analytica e ordem synthetica.

10 — Pontuação.

11 — Grammatica expositiva portuguesa, da qual fará uma synopse o professor, dando assim, em resumo, e num conjuncto o mnemonico, a materia dos tres annos.

PARTE PRATICA

12 — Exercicios sobre collocação de encliticos, infinito pessoal e impessoal, pontuação, crase, etc.

13 — Cartas de cortesia, amizade e negocios.

14 — Officios e requerimentos.

15 — Analyse lexica e syntactica na Selecta de uso.

NOTA — Se o curso normal vier a ter 4 annos, dar-se-á ainda Grammatica Historia da Lingua no 4.º anno, com os seguintes pontos capitaes.:

1 — Leis gloticas. Exemplificação com vocabulos latinos e portugueses correspondentes.

2 — Metaplasmos, explicados do ponto de vista das transformações phoneticas.

3 — Vocabulario latino abundante e suas modificações na Lingua Portuguesa.

4 — Evolução da arte de escrever.

5 — Evolução das categorias grammaticaes.

6 — Comparação entre a conjugação latina e a portuguesa.

7 — Etymologia das categorias flexivas.

8 — Etymologia das categorias invariaveis.

9 — Historia da disciplina grammatical em Português.

10 — Português no Brasil e em Portugal. Diferenças.

Principios de Literatura da Lingua — 3.º anno.

(COMPOSIÇÃO LITERARIA)

1 — Rapido estudo comparativo entre Syntaxe e Estilistica.

2 — Como se adquire e aperfeiçoa o estilo. Escola litteraria.

3 — Composição litteraria: invenção, disposição, elocução.

4 — Especies liricas e especies dramaticas.

5 — Poetica. Versificação: versos e estrophes. Rimas. Pé, Rythmo, Cadencias.

6 — O Jornal. O romance. A novella. O conto. A critica litteraria no Brasil: Araripe, Romero e Verissimo.

7 — A palavra Litteratura, no sentido lato, no restricto e no pedagogico.

Principio de Literatura da Lingua — 4.º anno

(PARTE HISTORICA)

1 — A litteratura portuguesa na epoca mediavel: escolas provençal e espanhola. Cancioneiros, nobiliarios, novel-las de cavallaria, chronicas.

- 2 — A arte literaria portuguesa no sec. XVI. Renascença. Renascença portuguesa e seus grandes vultos.
- 3 — A arte Literaria do seiscentismo: Cultismo, origens. Vultos notaveis do sec. XVII.
- 4 — A arte literaria do sec. XVIII; reformas, arcadias, grandes escriptores.
- 5 — Arte literaria dos sec. XIX e XX. Romantismo, Realismo, Decadismo, Parnasianismo, Futurismo.
- 6 — Periodo de formação da Literatura Brasileira. Anchieta, Frei Vicente de Salvador, Bento Teixeira Pinto, Gregorio de Mattos e Rocha Pitta.
7. Periodo de desenvolvimento autonómico da Lit. Brasileira. — os inconfindentes, Santa Rita Durão, José Basilio da Gama.
8. Romantismo, 2ª. phase; Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Laurindo Rabello, etc.
9. Romantismo, 1ª. phase: Alvares de Azevedo, Auretiano Lessa e Bernardo Guimarães, Junqueira Freire, Casimiro Varella, Castro Alves, Tobias, etc.
- 10 Parnasianos e decadentes: os maiores representantes.
- 11 — Prosadores, jornalistas e oradores contemporaneos de nomeada.
- 12 — Ruy Barbosa e Machado de Assis.

2ª. CADEIRA — Francês

Observação — A lingua falada em aula será o francês. O alumno adquirirá o vocabulario por meio de exercicios de linguagem, sob a forma de lições de cousas. O lado pratico terá preferencia ao aspecto theorico. A traducção frequente—eis o que o aprendiz deve conhecer, pois só com ella é que poderá haurir conhecimentos posteriores nos livros francezes.

PRIMEIRO — ANNO

- 1 — A escola: descripção da sala de classe, mobiliario, actos escolares, o pessoal discente e docente, ordens conselhos, etc.
- 2 —O tempo: leitura das horas, o dia, a semana, o mês, o anno, as festas annuaes, etc. as variações do tempo, temperatura, estações, etc.
- 3 — Exercicios de calculo: leitura e escriptas dos numeros: datas, pesos e medidas, etc.

- 4 — O corpo humano: partes do corpo, descripção, movimentos, funcções dos principaes orgãos, sentidos, cuidado e doencas.
- 5 — O vestuario: descripção, uso, fabricaçção das roupas.
- 6 — A alimentação; alimentos, preparo, uso, etc.
- 7 — A vida de casa e da familia: descripção e uso do mobiliario e compartimentos da casa; os membros da familia, as festas, o luto, etc.
- 8 — A cidade: a vida economica, a rua, os vehiculos, o correio, o telegrapho, o telephone, as lojas, os armarinhos, as principaes industrias.
- 9 — A vida intellectual: as escolas, as instituções, as academias, as artes, os theatros, a justiça, as classes armadas
- 10 — A vida rural: trabalhos annuaes, plantas, etc.
- 11 — O universo: montanhas, planicies, desertos, mares ceus, astros, etc.
- 12 — Uma Selecta, francesa para leitura, explicado o sentido, na propria lingua, por termos mais faceis e accessiveis ao entendimento dos alumnos.
- 13 — Dialogo entre o professor e os alumnos.
- 14 — Phrases escriptas, dictados graduados.
- 15 — Applicação das regras de grammatica, occorrentes na leitura e nos dialogos.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Continuação do methodo precedente. Recapitulação.
- 2 — Leitura, dialogos, dictados, dadas as explicações do sentido e noções de grammatica da lingua francesa.
- 3 — Traducção de excerptos autores contemporaneos commentadas as regras que os aquelles suggerirem.
- 4 — Versão de phrases e trechos faceis.

NOTA — O programma de francês, aqui exposto, servirá indifferentement: para um curso de 3 ou de 4 annos

3ª. CADEIRA — Arithmetica, Algebra, Geometria e Noções de Trigonometria

(Programmas para um curso de 3 annos)

Primeiro anno — Arithmetica

- 1 — Quantidade, unidade, numero, numeração, Operações sobre numeros inteiros; provas.

2 — Divisibilidade dos numeros. Theoria dos restos. Theoria do maximo Divisor Commum. Theoria dos numeros primos. Menor Multiplo Commum.

3 — Potencia e raizes dos numeros. Raiz quadrada e rais cubica.

4 — Fracções ordinarias, definições, propriedades e operações. Raizes quadradas e cubicas dos numeros fraccionarios.

5 — Conversão das fracções: ordinarias em decimales e vice-versa. Dizimas periodicas e fracções continuas.

6 — Systema metrico decimal; systema antigo; numeros complexos; conversão de medidas.

7 — Theoria das razões e proporções: equidifferença, proporções; propriedades das proporções.

8 — Grandezas proporcionaes e inversamente proporcionaes.

9 — Regra de tres, simples e composta; methodo de redução á unidade.

10 — Regra de juro simples; divisor fixo; desconto racional e desconto commercial.

11 — Regra de divisão proporcional; regra de sociedade, simples e composta.

12 — Regra conjuncta; cambio interno e externo.

13 — Progressões por differença; progressões por quociente.

14 — Logarithmos: definições e theoremas; logarithmos vulgares; tabuas de logarithmos; uso das tabuas, cologarithmos.

15 — Regra de juros compostos e de annuidades.

Primeiro anno — Algebra

1 — Notação algebraica; expressão algebraica, termos semelhantes; valor numerico.

2 — Addicção, subtracção, multiplicação e divisão algebraicas.

3 — Origem e interpretação do expoente; expoente negativo. Divisibilidade por $(x-a)$.

4 — Fracções algebraicas; redução ao mesmo denominador, simplificação. Operações e propriedades.

5 — Calculo do expoente negativo. Potenciação das quantidades algebraicas.

6 — Binomio de Newton; permutações, arranjos e combinações.

7 — Radiciação das quantidades algebraica; origem e interpretações do expoente fraccionario.

8 — Quantidades imaginarias. Radices.

9 — Equação do primeiro grau: principios, resolução e discussão; problemas dos correios.

10 — Systemas de equações: methodos de eliminação, redução, substituição comparação de Bezouth, regra de Cramer.

11 — Discussão de um systema de duas equações a duas incognitas.

12 — Calculo indeterminado do 1º grau.

13 Equação do 2º grau: dedução das formulas; composição, discussão.

14 — Equação reductivel ao 2º grau.

15 — Equação irracional.

16 — Equação exponencial do 1º grau.

Primeiro anno — Geometria

1 — Definições preliminares, corpo, superficie, linha, ponto geometrico.

2 — Angulos.

3 — Parallelas e secantes.

4 — Perpendiculares e obliquas.

5 — Triangulos e quadrilateros.

6 — Circulo.

7 — Polygonos regulares, medida.

8 — Das rectas proporcionaes entre si e consideradas tambem no circulo.

9 — Medidas dos lados dos polygonos.

10 — Medidas das areas.

Segundo anno — Trigonometria

1 — Objecto da Trigonometria, definições preliminares.

2 — Relações entre as linhas trigonometricas.

3 — Variações das linhas trigonometricas.

4 — Redução ao primeiro quadrante.

5 — Formulas do seno da somma e da differença, e do coseno e da differença dos dois arcos.

6 — Senos e cosenos do dobro e da metade de um arco, tangente do dobro.

7 — Formulas para tornar calculaveis por logarithmos certas expressões.

8 — Construcção e uso das tabuas trigonometricas.

9 — Principios para a resolução dos triangulos rectangulos.

- 10 — Resolução dos triangulos rectangulos.
- 11 — Principios para a resolução dos triangulos obliquangulos.
12. — Resolução dos triangulos obliquangulos. Area dos triangulos.

NOTA — Se o curso normal vier a ter 4 annos, as materias retro distribuidas, terão outra ordem, que será a que se segue: os primeiros 6 pontos de Arithmetica ensinar-se-ão no 1º anno; os restantes 9, no 2º anno, os primeiros 9 pontos de algebra caberão no 2º anno; os 7 restantes, ao 3º annos os primeiros 10 pontos de Geometria serão ensinados, no 3º anno; ao 4º restantes, no 4º anno; a Trigonometria dar-se-à no 4º anno.

Esse é o criterio do lente.

4ª. CADEIRA — Physica e Chimica

NOTA: Esta materia deve ser dada no 1. e 2. anno quer o curso venha a ter 3 ou 4 annos.

Primeiro anno — Physica

- 1 — Physica, sua divisão e importancia. Corpo e materia. Leis e theorias physicas. Observação e experimentação.
- 2 — Estados physicos dos corpos. Propriedades da materia. Filtros e filtração.
- 3 — Noções de Mecanica, força e movimento. Machina em geral. Estudo das alavancas.
- 4 — Atração universal e estudo da gravidade.
- 5 — Queda dos corpos e equilibrio dos corpos solidos.
6. Estudo do pendulo e suas applicações.
- 7 Peso e densidade, estudo das balanças e methodo de pesadas.
- 8 Hydrostatica. Compressibilidade dos liquidos. Principio de Pascal. Prensa hydraulica. Equilibrio dos liquidos e suas applicações.
- 9 Bombas em geral e suas applicações.
- 10 Principio de Archimedes. Equilibrio dos corpos mergulhados e fluctuantes.
- 11 Gases e suas propriedades geraes. Athmosphera e pressão athmosphérica. Barometros.
- 12 Principio de Archimedes, applicados aos gases. Aerostatos e aeroplanos.
- 13 Estudo do calor. Dilatação dos corpos. Thermometria e thermomestros.

Primeiro anno — Chimica

- 1 — Historia da Chimica.
- 2 — Chimica; sua definição e divisão. Corpos simples e compostos. Mistura e combinação. Metaes e metalloides.
- 3 — Leis que regem as combinações.
- 4 — Estabelecimentos de formula. Formulas em geral.
- 5 — Nomenclatura.
- 6 — Peso atomico e mollecular.
- 7 — Reações chimicas.
- 8 — Theoria e valencia dos radicaes.
- 9 — Acidos, bases, saes.
- 10 — Typos molleculares e estrutura mollecular.
- 11 — Allotropia e isomeria.
- 12 — Propriedade dos corpos.
- 13 — Reconhecimento de saes.
- 14 — Hydrogenio.
- 15 — Oxygenio.
- 16 — Ozone.
- 17 — Agua.

Segundo anno — Physica

- 1 — Metereologia e climatologia.
- 2 — Luz: sua propagação e intensidade.
- 3 — Reflexão da luz. Espelhos e laryngoscopios. Refracção da luz.
- 4 — Lentes e sua classificação. Dispersão da luz. Theoria das cores. Achromatismo. Espectroscopia e analyse espectral. Photographia.
- 5 — Estudo dos instrumentos opticos.
- 6 — Formação dos vapores no vacuo. Vapores saturantes e não saturantes. Maximo de tensão.
- 7 — Calor latente de vaporização. Frio produzido pela evaporização. Machinas de vapor.
- 8 — Electricidade. Seu desenvolvimento pelo attricto. Corpos bons e maus conductores.
- 9 — Electricidade por influencia e por indução. Electros copios.
- 10 — Magnetismo. Campo magnetico. Polos dos imans. Bussolas.
- 11 — Electricidade dynamica. Experiencias de Galvani e Volta.
- 12 — Pilhas em geral.

Segundo anno — Chimica

- 1 — Ar atmosferico
- 2 — Agua
- 3 — Fluor
- 4 — Phosphoro e seus principaes compostos
- 5 — Arsenico e seus principaes compostos.
- 6 — Enxofre e principaes compostos
- 7 — Ferro
- 8 — Ouro
- 9 — Cobre
- 10 — Zinco

5ª. CADEIRA — Historia Natural e Hygiene

NOTA - Conforme o criterio do lente, esta cadeira deve ser dada no 2º e 3º anno, se o curso da Escola Normal tiver um triennio; na hypothese de o mesmo curso abranger 4 annos, a materia que aqui vai distribuida caberá ao 3º e 4º anno.

Segundo anno -- Historia Natural

1— Definição e divisão da Historia Natural e suas relações com as outras sciencias. Reinos da Natureza. Caracteres differenciaes de cada reino. Distincção entre corpos organicos e inorganicos e organizadas.

2—BOTANICA. Morphologia e physiologia. Cellula. Tecido cellular. Tecido fibroso. Tecido vascular. União e composição dos tecidos.

3—Divisão geral das plantas. Raiz em geral; seu estudo morphologico, variedades, importancia industrial de algumas raizes brasileiras.

4—Caule em geral: crescimento terminal e intercalar; ramificação do caule e seus caracteres morphologicos e estruturales, variedades e importancia dos caules na industria.

5—Folha em geral: variedades; formas e nervação do limbo; ramificação da folha, do limbo e do peciolo. Prefolição e Phylotaxia.

6—Importancia da chorophylla. Papel physiologico do anhydrido carbonico. Estudo da função chrophylliana. Distribuição da chlorophylla no mundo das plantas

7—Estudo morphologico e microscopico da flor; flor em geral; origem das flores e suas modalidades; flores regulares e irregulares; unisexuadas, hermaphroditas. Estudo especial da morphologia do androceu e do gynecceu.

8—Morphologia microscopica dos estames e carpellos.

variedades de ovulos e seus elementos estruturales. Formação do polen.

9 — Pollinisação. Phenomenos intimos da fecundação nos phanerogamicos. Formação do ovo e seu desenvolvimento.

10 — Desenvolvimento do ovario após a fecundação. Estudo dos elementos de um fruto. Classificação.

11 — Da semente e seus elementos. Classificação elemental. Da germinação. Causas intrinsecas que favorecem a germinação.

12 — Seiva e sua circulação. Nutrição dos vegetaes. Plantas parasitas. Nitrificação do solo.

13—ZOOLOGIA—Cellula e tecidos animaes em geral. Caracteres, modalidades das cellulas, seu estudo microscopico. Physiologia da cellula. Movimento, respiração e multiplicação das cellulas.

14 — Tecidos e sua classificação: epithelial, conjuntivo, cartilaginoso, osseo, muscular, nervoso e sanguineo.

15 — Funções da nutrição e anatomia do apparelho digestivo.

16 — Classificação dos alimentos. Phenomenos mecanicos e chimicos da digestão.

17 — Sangue. Globulos vermelhos e brancos. Composição chimica do sangue e seu papel physiologico. Coagulação.

18—Anatomia do apparelho circulatorio.

19—Anatomia do apparelho respiratorio. Phenomenos mecanicos e chimicos da respiração. Calor animal. Nutrição da cellula. Equação da vida elemental. Vida. Reserva.

20— Funções de relação. Anatomia do apparelho locomotor.

21—Systema nervoso em geral. Cellulas e fibras nervosas. Anatomia do systema nervoso.

22—Anatomia dos orgãos do tacto, gosto e olfacto.

23—Anatomia e physiologia da visão.

24—Anatomia do apparelho auditivo.

25—AULAS PRATICAS: a) reconhecer qualquer orgão precisando suas relações; b) manejar o microscopio; c) reconhecer qualquer osso solto do esqueleto humano e descreve-lo; d) caracterizar as transformações da cellulose; e) reconhecer as zonas de uma raiz e as modalidades do caule; f) classificar a folha; g) demonstrar a função chlorophylliana e a respiração vegetal; h) classificar uma flor e localizar o ovario; i) reconhecer as partes componentes de uma flor qualquer; j) classificar os fructos.

Terceiro anno -- Historia Natural

- 1—MINERALOGIA. Objecto da mineralogia. Appreciação geral e classificação dos mineraes. Propriedades physicas e chemicas dos mineraes.
- 2—Fases, arestas, angulos como elementos do crystal. Constancia dos angulos.
- 3—Eixos cristallinos. Variedades de formas cristallinas. Estructura e constituição do crystal. Varios systemas cristallinos. Forma primaria e derivada.
- 4—Passagem artificial de uma para outra forma. A reflexão da luz no crystal. Refracção simples e dupla.
- 5—GEOLOGIA. Sua definição e divisão. Importancia de seu estudo theorico e pratico. A terra considerada como entidade cosmica.
- 6—Estudo geral das rochas.
- 7—Acção mecanica e chimica da agua doce e salgada. Alluviões, delta das barras, geleiras, blocos erraticos, morenae e *ice berg*.
- 8—Calor interno do Globo. Fontes *thermaes*, depositos, veios metaliferos.
- 9—Vulcões, erupções, tremores de Terra.
- 10—Phenomenos geologicos actuaes e antigos.
- 11—HYGIENE. Seu objecto, importancia social e relações com os demais conhecimentos humanos. Divisão, historia e evolução da hygiene.
- 12—Alteração da saúde por agentes mecanicos physicos.
- 13—Alterações da saúde por agentes chemicos.
- 14—Alterações da saúde por agentes vivos.
- 15—Infecção e molestias infecciosas.
- 16—O solo. Temperatura, arejamento, humedecimento e poder fixador do solo; phenomenos chemicos e biologicos que nelle se passam. Syntaxe da materia organica e sua regressão. Microbios, saneamento e correções do solo. Depuração das aguas dos esgotos urbanos. Remoção e destino final dos affluentes urbanos. Depuração biologica e artificial.
- 17—A agua. Importancia, usos e estudos geologicos. Permeabilidade natural e accidental. Lençol de agua subterraneo, superficial e profundo. Fluctuações do lençol superficial. Proveniencia e captação das aguas. Aguas superficiaes e profundas. Poços, fontes e resurgencias. Composição, exame geologico e physico, temperatura, densidade, conductibilidade electrica e radio-actividade da agua, suas propriedades organolepticas, exame chimico e biologico, analyse mi-

crobiologica, depuração natural, artificial, pelo calor e chimica. Filtros.

18—O ar: composição e propriedades physicas e chemicas, pressão, temperatura, humidade, electrecidade e radio-actividade; nocividades e microbios; contagio pelo ar. Ar confinado, asphyxia lenta. Renovação e regeneração do ar. Polluções, poeiras, pneumonioses. Lucta contra as poeiras, poeiras das vias publicas. Conservação do asseio dos calçamentos.

19—A pelle, seu aspecto; estructura, excreções e microbios. Sabão. Asseio total do corpo. Banhos, immerção, aspensão, duchas. Cabellos e couros cabelludo. Rosto, bocca e seus microbios. Lavagens. Escovas de dentes. Palito e fio de linha. Orelhas, nariz, mãos e pés. Orgãos dos sentidos e aparelho phonador. Hygiene do ouvido, nariz, garganta, olhos e do aparelho phonador.

20—Hygiene do vestuario e alimentar.

21—Edificio situação e hygiene escolar. Area do terreno. Orientação. Typo do edificio. Sala de aula, sua forma e dimensões. Pavimento, paredes, tecto, janellas e portas. Illuminação natural e artificial. Ventilação, aquecimento e refrigeração. Asseio, annexos da escola.

22—Material escolar. Bases scientificas para a construção do banco carteira. Attitude normal do corpo. Banco-carteira. Quadro negro, quadros ruraes. Cathedra do professor.

23—A leitura e a escripta, Hygiene da leitura. Leitura no quadro negro, no caderno, na ardosia e no livro. Condições em que deve ser feita a leitura. Hygiene da escripta. Posição symetrica.

24—Desenvolvimento corporal e psychico da creança. Estatura e peso. Perimetro thoraxico. Capacidade vital do pulmão. Força muscular. Medida do desenvolvimento psychico. Relação entre o desenvolvimento corporal e psychico.

25—Educação physica e suas bases physiologicas. Physiologia do trabalho muscular. Effeitos physiologicos dos exercicios physicos, fadiga e estafa. Trenamento. Resultados physiologicos da educação physica. Gymnastica. Gymnastica respiratoria. Precauções higienicas geraes.

26—Educação intellectual e moral.

27—Doenças escolares.

28—Inspeção Escolar.

6ª. CADEIRA — Historia Universal, do Brasil e de Santa Catharina.

NOTA : Segundo o leute, o programma que segue servirá para um curso normal de 3 annos, sendo distribuida a materia pelo 2º anno.

Segundo Anno -- Historia Universal

- 1 — Prolegomenos. Definição, importancia e divisão da Historia. Idéas geraes sobre os tempos prehistoricos.
- 2 — Antiguidade oriental, estudo succinto: egypcios, assyrios, babilonios, phenicios, hindús, hebreus e medo persas.
- 3 — Antiguidade classica: Grecia, região e povo: tempos primitivos e tempos heroicos, religião e instituições; Sparta e Athenas; guerras medicas e do Peloponeso; decadencia da Grecia.
- 4 — Antiguidade classica: Roma, país e formação do povo, religião e instituições politicas e sociaes, a realeza, a republica, luta das classes e progressos da democracia, conquistas dos romanos, guerras punicas, decadencia da Republica, imperio, sua divisão e queda, importancia da civilização romana.
- 5 — Christianismo: suas origens, suas lutas e triumphos.
- 6 — Os barbaros e suas invasões, reinos barbaros, a monarchia franca; Carlos Magno.
- 7 — O Islamismo e sua propagação.
- 8 — Feudalismo. As cruzadas. A Igreja Catholica e as instituições politicas e sociaes da Edade Media.
- 9 — A Europa na Idade Media: Inglaterra, França, Alemanha, Italia, commercio e cidades livres; reconquista christã da Hespanha; a guerra dos cem annos, a Invasão Turca.
- 10 — As grandes invenções e suas consequencias: bussola, polvora, papel e imprensa; os descobrimentos maritimos.
- 11 — Renascença.
- 12 — A Reforma e Contra-reforma.
- 13 — A Europa no seculo XVIII; França Luís XIV—Espanha — Guerra de Successão; Inglaterra: formação da Constituição Inglesa.
- 14 — Revolução Francesa: causas e consequencias. Napoleão.
- 15 — Formação e independencia dos Estados Unidos e das colonias ibero-americanas.

16 — A Europa no seculo XIX. Estabelecimento do Regimen Constitucional, reformas e questões sociaes. As grandes guerras. Movimento intellectual e economico.

Terceiro Anno -- Historia do Brasil

- 1 — Antecedentes do Descobrimento do Brasil.
- 2 — Descobrimento. Primeiras explorações.
- 3 — Os indigenas. Raça que posteriormente se estabeleceram no Brasil.
- 4 — Colonização. Expedições de Christovam Jacques e Martim Affonso.
- 5 — Capitaniaes hereditarias.
- 6 — Governo Geral: tres primeiros governadores.
- 7 — Os jesuitas, seus principaes serviços, lutas com os colonos.
- 8 — Invasões francesas.
- 9 — Invasões hollandesas.
- 10 — Bandeirantes. Emboabas. Palmares.
- 11 — Revolta de Beckmann. Mascates.
- 12 — Lutas com os espanhoes.
- 13 — Inconfidencia Mineira.
- 14 — Transmigração da familia Real Portuguesa para o Brasil. Revolução Pernambucana em 1817.
- 15 — A Independencia.
- 16 — Primeiro Reinado. Revolução Pernambucana de 1824.
- 17 — A Regencia. Guerra dos Farrapos.
- 18 — Segundo Reinado. Lutas do Prata. Guerra do Paraguay. Progressos do Brasil. Abolição do elemento servil.
- 19 — Republica: presidentes, factos de maior vulto occorridos no regimen republicano.

Terceiro Anno -- Historia de Santa Catharina

- 1 — Descobrimento da costa catharinense e primeiros reconhecimentos. Estabelecimento dos primeiros europeus em Santa Catharina.
- 2 — Pretensões castelhanas. Povoamento vicentista.
- 3 — Creação da capitania de S. Paulo. Elevação de Laguna e Desterro a villas.
- 4 — Colonização açoriana e madeirense. Creação da ouvidoria.
- 5 — Fundação de Lages.

- 6 — Invasão espanhola. O regimento dos Barrigas verdes.
- 7 — Governadores mais notáveis.
- 8 — Creação da Provincia. Os farrapos. Republica Juliana. Presidentes mais notáveis.
- 9 — Adhesão à Republica e administração do periodo republicano.

NOTA. Se o curso normal vier a ter 4 annos; a Historia Universal será ensinada no 2º e 3º anno; e a Historia do Brasil e Sta. Catharina no 4º anno. Os pontos, entretanto, terão mais desenvolvimento.

7ª. CADEIRA — Geographia e Cosmographia — Curso de 3 annos

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Universo. O cèu: as estrellas, nebulosas, constellações, planetas, satellites, meteoros, cometas. O systema solar. A Terra e a lua.
- 2 — A Terra: forma, dimensões, duplo movimento; o dia e a noite; as estações.
- 3 — Polos, equador, tropicos, circulos polares. Zonas. Pontos cardeaes e collateraes; orientação. Parallelos e meridianos; longitude e latitude. A hora. Os climas.
- 4 — Repartição das aguas e das terras.
- 5 — A atmospheria. Os ventos: constantes, periodicos, regionaes; seus effeitos. As chuvas; repartição, chuvas periodicas, secura; acção das chuvas. Os climas: acção sobre os vegetaes, os animaes, o homem.
- 6 — Os continentes; as partes do mundo: forma, recortes, macissos, depressões. As montanhas; os valles. Os planaltos. As planiceis. Influencia do relevo e depressão sobre o clima, a flora, a fauna, a humanidade.
- 7 — As modificações actuaes da Terra; vulcões, tremores de terra elevações, depressões. Acção dos ventos e das aguas sobre o relevo.
- 8 — As aguas. Aguas terrestres: neves, geleiras; aguas de infiltração; aguas correntes. Declive e regimen. Estuario e delta dos rios. Bacias fluviaes; os divisores de aguas. Utilidade dos cursos de agua. Os lagos.
- 9 — Os mares e as costas. Os oceanos e os grandes mares interiores. Profundidades, relevo submarino, movimento do mar, mares e correntes marinhas. A vida nos mares. O mar e as populações litoraneas. As costa. As ilhas.

- 10 — A vida na Terra. A exploração dos mineraes. A flora; areas de vegetação. A fauna; repartição de animaes. O homem: repartição, densidade, raças, evolução e decadencia. Migração. Linguas e religiões. Systemas politicos. A civilização.
- 11 — Noções elementares de cartographia. A leitura dos mappas; a elaboração das cartas geographicas. Exercicios.

SEGUNDO ANNO

- 12 — A Europa; situação, limites, forma e dimensões. Pininsulas. Mares e correntes.
- 13 — O relevo europeu: systemas orographicos; as bacias fluviaes. Caracteres dos rios europeus. Lagos.
- 14 — As costas, acção do mar e dos rios. O continente. Clima.
- 15 — Recursos naturaes: mineraes, flora, fauna. A agricultura, a industria e o commercio.
- 16 — População: povos, linguas, religiões. Constituição politica e social
- 17 — A Inglaterra. Escocia e Irlanda: geographia physica, politica, economica. Dominio colonial.
- 17 — A França: geographia physica, politica, economica. Colonias.
- 19 — A Belgica; geographia physica, politica, economica. Colonias.
- 20 — Hollanda: geographia physica, politica, economica. Colonias.
- 21 — A Alemanha: geographia physica, politica, economica. Expansão alemã.
- 22 — A Austria — Hungria: geographia physica, politica, economica.
- 23 — A Russia: geographia physica, politica, economica. Expansão russa.
- 24 — A Italia: geographia physica, politica, economica.
- 25 — A Espanha. Portugal: geographia physica, politica, economica.
- 26 — A Asia: situação, limites, forma e dimensões. Aspecto physico: relevo, mares, rios, costas, climas.
- 27 — Recursos naturaes. População: raças, linguas, religiões. A partilha politica.
- 28 — O Japão: geographia physica, politica, economica. Expansão japonesa

- 29 — A China: geographia physica, politica, economica.
30 — A Africa: situação, limites, forma e dimensões. Aspecto physico; relevo, hydrographia, climas.
31 — Recursos naturaes. População: raças, linguas, religiões. Partilha politica.
32 — A Oceania: situação, composição. Aspecto physico. Recursos naturaes. População. O pacifico.

TERCEIRO ANNO

- 1 — A America: situação, limites, forma e dimensões. Mares e correntes.
2 — O relevo americano: systemas orographicos; as bacias fluviaes: caracteres dos rios; lagos.
3 — As costas e o continente. Clima.
4 — Recursos naturaes: mineraes, flora, fauna. A agricultura a industria o commercio.
5 — População: povos, linguas, religiões. Constituição politica e social.
6 — Os Estados Unidos da America do Norte: geographia physica, politica, economica. A expansão americana.
7 — O Mexico e a America Central: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
8 — A Colombia, a Venezuela, as Guyanas: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
9 — O Equador, o Perú, o Chile: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
10 — A Bolivia, o Paraguay, o Uruguay: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
11 — A Republica Argentina: geographia physica, politica, economica; o desenvolvimento argentino.
12 — O Brasil: situação, limites, forma, dimensões.
13 — O relevo brasileiro: systemas orographicos. O planalto central.
14 — Bacias fluviaes: caracteres dos rios brasileiros.
15 — As costas: correntes, mares, rios, ilhas.
16 — Climatologia geral. Climas do littoral, do interior, das altitudes, do Norte e Sul do paiz. Salubridade do Brasil.
17 — Recursos naturaes: os mineraes, a flora, a fauna.
18 — Industrias extractivas, lavoura, criação, mineração. Industria e commercio.
19 — O homem: os arborigenes, os colonisadores, as

sub-raças derivadas. Immigração, colonização, povoamento do Brasil.

20 — As vias de penetração e contorno. As estradas viação ferrea, os rios navegaveis. Os portos e a navegação de cabotagem. Correios e telegraphos.

21 — Divisão politica: administrativa, judiciaria, ecclesiastica. A educação nacional.

22 — O Pará e o Amazonas: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

23 — O Maranhão e o Piahy: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

24 --- O Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, populações.

25 --- Pernambuco e Alagoas: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

26 --- Bahia e Sergipe: superficie, relevos, hydrographia, recursos naturaes. População.

27 --- Estado do Rio de Janeiro e Espirito Santo: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

28 --- Minas Geraes: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população. Goyaz e Matto Grosso: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

29 --- São Paulo: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

30 e 31 --- Paraná e Santa Catharina: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

32 — Rio Grande do Sul: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

33 — O Districto Federal: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

34 — A Cidade do Rio de Janeiro: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

QUARTO ANNO

Revisão de assumptos essenciaes do programma.
Exercicios de cartographia e modelagem geographica.

NOTA - O programma antes exposto servirá para um curso de 3 e ainda de 4 annos, podendo, nesta ultima hypothese, distribuir-se a materia em menores proporções para cada anno.

8.^a CADEIRA — Psychologia, Pedagogia e Instrução Moral e Civica.

NOTA: — Conforme o criterio do lente, o programma que segue servirá para um curso normal de 3 annos, distribuindo-se as materias do mesmo pela maneira subsequente.

Terceiro Anno — Psychologia

- 1 — Definição, objecto, importancia e divisão da Psychologia.
- 2 — Methodo da Psychologia.
- 3 — Phenomenos psycholicos e physiolicos.
- 4 — Determinação das faculdades humanas.
- 5 — Sensibilidade: inclinações, sensações e paixões. O prazer e a dôr.
- 6 — Classificação e hierarchia dos sentidos.
- 7 — A Intelligencia e sua evolução. Operações sensitivas e intellectuaes.
- 8 — Attenção, percepção, imaginação, memoria, associação de idéas, comparação, generalização, juizo e raciocinio.
- 9 — A vontade: caracteres, papel, qualidades e doenças da vontade.
- 10 — A liberdade da vontade. Fatalismo e determinismo.
- 11 — Habito e instincto.
- 12 — Idéa do eu ou personalidade. Temperamentos e caracteres. Os anormaes escolares.
- 13 — A linguagem: origem e relação com o pensamento.
- 14 — A criança e o homem.

Quarto Anno — Pedagogia

- 1 — Definição e importancia da Pedagogia.
- 2 — Noção, divisão e especies de educação.
- 3 — Relação da Pedagogia com outras sciencias.
- 4 — Idéa geral dos processos e methodos pedagogicos.
- 5 — Educação physica; processologia e methodologia na educação physica.
- 6 — Educação intellectual; processologia e methodologia; condições geraes de applicação dos processos na educação intellectual.
- 7 — Educação moral; processologia e methodologia.
- 8 — Caracter especial da Instrução primaria.
- 9 — A familia, a escola infantil e a escola primaria como centros educativos.

- 10 — Organização das escolas publicas de ensino primario. O edificio e material escolares. O programma das materias. O emprego do tempo. Regras para a formação de um horario escolar.
- 11 — A formação das classes. O educando collectivo. Modos de ensino.
- 12 — A disciplina das classes.
- 13 — Methodologia contemporanea do ensino da leitura, linguagem, calligraphia, arithmetica, geographia, historia, sciencias physicas e naturaes.
- 14 — Educação dos sentidos.
- 15 — A criança e a fadiga.
- 16 — Educação da memoria.
- 17 — Papel do prazer e da dôr na educação moral.
- 18 — Educação da vontade.
- 19 — Pestalozzi e Froebel.

Quarto Anno — Instrução Moral e Civica

- 1 — Fim da Instrução Moral e Civica.
- 2 — Sociabilidade do homem.
- 3 — Necessidade de uma organização.
- 4 — Amor á Patria. Apego á terra natal, á familia, aos patricios e ás instituições.
- 5 — Deveres geraes para com a patria.
- 6 — Solennização das datas nacionaes.
- 7 — Perigos do egoismo individual e do cosmopolitismo.
- 8 — Independencia, soberania e autonomia.
- 9 — Direito de intervenção e direito de separação.
- 10 — Diferentes formas de governo.
- 11 — Liberdades: Individual e collectiva; civica e politica.
- 12 — Igualdade. Chimera da igualdade absoluta. A verdadeira igualdade.
13. — Igualdade de direitos.
- 14 — Fraternidade. Deveres da nação para com o individuo.
- 15 — Conhecimento da Constituição da Republica e da Constituição do Estado de Santa Catharina.

NOTA: Se o curso normal vier a ter 4 annos, as materias da cadeira retro, ensinar-se-ão assim; Psychologia, no 3.^o anno; e Pedagogia e Instrução Moral e Civica, no 4.^o anno. O programma será o mesmo que antes se viu.

9.^a CADEIRA — Musica e Canto

(Curso de 3 annos)

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Da musica e sua divisão: Notas — Pauta
- 2 — Escalas ou tons. Claves.
- 3 — Collocação das vozes nas respectivas claves.
- 4 — Valor das notas. Duração.
- 5 — Pausas. Ponto de augmento. Ligadura.
- 6 — Quialteras.
- 7 — Do compasso. Tempos de compasso.
- 8 — Compasso simples e compostos. Signaes indicativos.
- 9 — Graus da escala. Tons e semi-tons.
- 10 — Signaes de alteração e seu emprego.
- 11 — Da escala chromatica.
- 12 — Alterações precisas para a formação das diversas escalas.

PARTE PRATICA

Leitura metrica na clave de sol. Dictado muito facil no tom de *do* maior. Solfejos na clave de *sol*. Canticos e hymnos escolares.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Dos modos. Escalas modelos nos dois modos.
- 2 — Escalas ou tons relativos.
- 3 — Dos intervallos. Das especies.
- 4 — Inversão dos intervallos. Intervallos consonantes.
- 5 — Collocação dos intervallos nos graus das escalas maiores e menores. Intervallos dissonantes.
- 6 — Ordem de sustenidos e bemóes.
- 7 — Inversão de claves.
- 8 — Tons e semi-tons.

PARTE PRATICA

Entoação dos intervallos. Solfejos nas claves de sol e fá na 4.^a linha. Canticos com palavras a uma e duas vozes, sem auxilio de instrumentos. Pequeno solfejo facil á primeira vista. Canticos e hymnos escolares.

TERCEIRO ANNO

- 1 — Da musica e sua divisão. Notas—Pauta.
- 2 — Escalas ou tons. Claves.
- 3 — Collocação das vozes nas respectivas claves.
- 4 — Valor das notas. Duração.
- 5 — Pausas. Ponto de augmento. Ligadura.
- 6 — Quialteras.
- 7 — Do compasso. Tempos do compasso.
- 8 — Compasso simples e compostos.
- 9 — Signaes indicativos.
- 10 — Graus da escala. Tons e semi-tons.
- 11 — Signaes de alteração e seu emprego.
- 12 — Da escala chromatica.
- 13 — Semi-ton diatomico e chromatico.
- 14 — Alterações precisas para a formação das diversas escalas. Ordem dos sustenidos e bemóes.

PARTE PRATICA

Entoação dos intervallos. Solfejos nas claves de sol e fá na 4.^a linha com palavras a uma e duas vozes sem auxilio de instrumento. Dictado mui facil no tom de *dó* maior. Canticos e hymnos escolares. NOTA: Se o curso normal vier a ter 4 annos, repetir-se á toda a materia antes vista, theorica e pratica, no 4 anno.

10.^a CADEIRA — Desenho e Gymnastica

Primeiro Anno -- Desenho

DESENHO LINEAR A' MÃO LIVRE

- 1 — Em papel quadriculado: linhas rectas, obliquas, curvas, perpendiculares, parallelas, mixtas, etc.
- 2 — Em papel quadriculado: angulos rectos, agudos e obtusos, triangulos equiangulos, rectangulos, obtusangulos, acutangulos, equilateros, isosceles e escalenos.
- 3 — Em papel quadriculado: polygonos regulares e irregulares; quadrilatero, trapezio, parallelogrammo, losango, rectangulo e quadrado; polygonos: convexo e concavo, regular, irregular e symetrico; polygonos inscriptos e circumscriptos.
- 4 — Em papel liso: ampliação e redução de figuras, traços de força, motivo, diagramma, mosaicos, disposições

radiadas; curvas de concordancia e de sentimento, flora ornamental.

5 — Desenho de ornato e objectos do natural: emprego de utilidade no desenho á vista ou á mão livre, da linha de prumo e da linha horizontal para a copia de qualquer objecto.

Exercicios a traço, de copias do natural, da pyramide, do cubo, do prisma, do cone, do cylindro, da esphera, etc.

Segundo Anno — Desenho de ornato — Efeitos de luz

1 — Traçado de perspectiva linear dos solidos geometricos segundo o seu ponto de vista e as suas diversas posições.

2 — Applicação desse estudo e suas regras, á copia dos objectos do natural, formas geometricas e concretas: como mesas, bancos, armarios, carteiras, vasos, etc.

3 — Copias de pequenos ornamentos de linhas simples com marcação de luz (a gis) e sombra.

Terceiro Anno — Desenho de ornato — Efeitos de luz

1 — Copias de ornatos de gesso, de difficuldade gradualmente ascendente.

2 — Estudos de folhas naturaes, com marcação de luz a gis.

3 — Estudos variados de modelos concretos de uso commum.

4 — Estudos de folhagem, flores e frutos do natural.

Quarto Anno — Desenho de ornato — Efeitos de Luz

1 — Exercicios de desenho e figura: Copias de modelos de gesso, de olhos, nariz, boca, orelhas, mãos e pés.

2 — Copias a claro e escuro, de mascaras, cabeças e bustos, sendo a luz marcada a gis.

NOTA: Se o curso normal se conservar no triennio actual, a materia, antes exposta, será a que se contém nos tres primeiros annos.

Primeiro Anno — Gymnastica

Nota: Quer o curso venha a ter 4 annos quer se mantenha em 3 annos, a Gymnastica só será ensinada no primeiro e segundo.

1 — Da gymnastica escolar, sua definição, suas divisões,

vantagens do seu ensino e resultados physiologicos da mesma.

2 — Regras por observar no ensino: o canto e a musica applicados á Gymnastica; passos rythmicos; a Gymnastica nas aulas; marchas e efeitos physiologicos das mesmas.

3 — Da gymnastica pratica e da applicada; dos apparelhos moveis e fixos de gymnastica, desenvolvimento muscular por meio dos mesmos.

4 — Formaturas diversas para exercicios; tomar distancias, formar cadeias, posições fundamentaes.

5 — Exercicios de cabeças, do tronco, dos membros superiores e inferiores.

6 — Gymnastica applicada.

7 — Entrada em ordem na aula e nos bancos; estabelecimento das distancias nos bancos: posição de attenção, de pé, continencia; numerar, saida da aula.

8 — Bater com as palmas das mãos, com cadencia sobre as carteiras. Compasso accentuado, sem accentuação e compasso variado.

9 — Marcar o passo, com ou sem accentuação; com ou sem interrupção; combinação dos exercicios cadenciados das mãos com os pés.

SEGUNDO ANNO

1 — Exercicios elementares da cabeça, do tronco, dos braços e das mãos, das pernas e dos pés. Posições, extensões, circumdações voltas, flexões, inclinações. Movimentos combinados.

2 — Vantagens da gymnastica entre os bancos; horario, modo de ordenar as aulas para entrada e saida. Da disciplina: ordem e jovialidade dos alumnos.

3 — Marchas. Exercicios preparatorios para a marcha importancia da marcha.

4 — Passos differentes para a sua execução.

5 — Marcha com variação dos passos; marcha circular, espiral, formando diversas figuras geometricas; triangulos, quadrados, circulos, semi-circulos, cruces, estrellas, etc. Contra marcha.

6 — Bastão gymnastico. Posições fundamentaes. Exercicios elementares. Combinações.

7 — Halteres. Posições fundamentaes; exercicios elementares; combinações. Regras geraes para a boa execução.

11.ª CADEIRA — Trabalhos Manuaes

(Curso de 3 annos)

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Pontos de marca: direcção dos pontos, vertical e obliqua.
- 2 — Letras, numeros; ramos, etc.
- 3 — Trabalhos de etamine e linho.
- 4 — Marcar lenços, toalhas, etc.
- 5 — Bordado em filó: com applicação de fazenda, com flores, ramos em serzido.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Tunisia. Ponto simples e enviezado.
- 2 — Ponto de Margarida ou de concha.
- 3 — Modo de augmentar e diminuir.
- 4 — Applicação em sapatinhos, mantas, toucas, etc.
- 5 — Bordado em branco Recortes simples.
- 6 — Ilhós e salpicos.
- 7 — Bordado inglês e italiano.
- 8 — Costura francesa
- 9 — Ponto enviezado.
- 10 — Roupas de recém-nascido, combinação, etc.

TERCEIRO ANNO

- 1 — Filet: Posições das mãos. Rede em quadro.
- 2 — Filet bordado e em crivo.
- 3 — Pastilhas em filet.
- 4 — Toalhas, colchas, trilhos, etc.
- 5 — Bordado a matiz: pontos de haste e de nó.
- 6 — Bordado com applicação.
- 7 — Matizado e cheio.
- 8 — Hastes, folhas, flores, passaros, etc.

NOTA: Se o curso normal augmentar de um anno, ensinar-se-á no 4. anno, além da revisão do ensino precedente, a materia seguinte:

- 1 — Crochet simples com pontos fechados e abertos.
- 2 — Estrellas e quadrados.
- 3 — Crochet em relevo: toalhas, fronhas, blusas, etc.

LATIM

Advertencia -- Latim, não está ainda no curso normal. Mas, já se estuda no CURSO FEMININO DE SCIENCIAS E LETRAS, annexo á Escola. O professor desta materia fez concurso brilhantissimo e memoravel. E, principalmente, como a lingua latina, é a senha da grammatica historica portuguesa, mister é que seja o seu alicerce no estudo do nosso idioma. Sem muito latim, diz Castilho Antonio, não é possivel nem pouco portuguez. Propomos, portanto, que o latim se introduza no proprio curriculo normal.

O programma que segue é para o curso de 3 annos.

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Pronuncia. Primeira e segunda declinação.
- 2 — Adjectivos da 1ª e 2ª declinação. Terceira declinação dos nomes.
- 3 — Adjectivos da 3ª declinação. Quarta declinação e quinta.
- 4 — Comparação dos adjectivos. Formação dos adverbios.
- 5 — Os numeros. A declinação dos numeraes.
- 6 — Os pronomes.
- 7 — Continuação do estudo dos pronomes.
- 8 — O verbo. Conjugação. Recapitulação. Versão de phrases constantes da Grammatica de José Ladislau Peters, que será adoptada.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Revisão da materia estudada no 1º anno, com desenvolvimento da flexão nominal e verbal.
- 2 — Relação dos verbos principaes e suas formas thematicas da 1ª conjugação.
- 3 — Continuação do estudo dos mesmos verbos.
- 4 — Verbos principaes da 2ª conjugação.
- 5 — Verbos principaes da 3ª conjugação.
- 6 — Continuação do ponto precedente.
- 7 — Depoentes.
- 8 — Verbos da 4ª conjugação e verbos irregulares.
- 9 — Verbos irregulares, defectivos e impessoaes.
- 10 — Recapitulação. Versão de phrases faceis. Tradução; Epitome H. S. e De Bello Gallico.

TERCEIRO ANNO

- 1 — Recapitulação.
- 2 — Syntaxe, Uso dos casos, tempos, modos, conjugações.
- 3 — Nominativo e accusativo com infinitivo, Oração obliqua.
- 4 — Uso dos participios, gerundio e gerundivo, etc.
- 5 — Versões facéis da Grammatica adoptada, Tradução de Cicero (Obras philosophicas) e de Virgilio (Eneida).

NOTA: Se o curso da Escola Normal tiver 4 annos accrescentar-se-á o seguinte programma:

QUARTO ANNO

- 1 — Revisão da materia estudada nos annos anteriores.
- 2 — Desenvolvimento da mesma. Tradução de Cicero (Catilnarias) e Vergilio (Eneida, etc.)
Esboços de um Programma de Ensino para a Escola Normal—elaborados pelos Lentes e Professores da mesma Escola, e coordenados pelo professor Barreiros Filho.

Ass. *Barreiros Filho*

Fpolis, Julho de 1927.

PARECER N.º 12

A 1ª. commissão estudou, com a maior attenção, o «esboço de um programma de ensino para a Escola Normal, elaborado pelos lentes e professores da mesma escola e ordenados pelo Director». Trata-se de materia da mais alta relevancia, qual seja o da organização do instituto destinado a fornecer a materia prima do magisterio primario, e seu professorado. Não se demora a commissão redigindo-lhe o presente parecer, em considerações theoricas, mas procura synthetizar em rapidas, incisivas conclusões o que pensa dever suggerir ao governo no concernente ao ensino Normal a ser ministrado na Capital. Assim, conclue:

- a) — O ensino na escola deve ser de quatro annos, sem prejuizo do curso de applicação;
- b) — As cadeiras constantes do curso serão as actuaes, creando-se mais a de Literatura, passando-se o latim para o curso Normal e separando-se o desenho da gymnastica;

c) — São aconselhados os programmas, salvo ligeiras alterações que a administração poderá fazer, constantes do esboço apresentado ao exame da primeira commissão. Todavia, ao de francês deve ser dado maior desenvolvimento á parte grammatical e aos de physica accrescentar-se-á a parte de acustica, omittida que está involuntariamente. A mathematica será ministrada nos quatro annos do curso, no ultimo sendo leccionada geometria no espaço e trigonometria rectilinea. A lingua portugüesa será ensinada nos quatro annos e a literatura em dois; o latim em tres, começando no segundo. Será, pois, necessario a criação de uma aula de gymnastica e a nomeação de dois professores, um de portugües e outro de mathematica.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927

Ass. — *Raja Gabaglia, Marcilio Dias Santiago, P.F. X. Zartmann, Barreiros Filho.*

THESE N.º 35

Da necessidade da uniformização da orthographia nas escolas

Consoante doutrina dos philosophos de Hellas, constitue um dos requisitos indispensaveis á belleza, á perfeição e ao ideal das coisas, a ordem e a uniformidade em todas as suas partes, afim de se obter um conjuncto harmonico, em que se casem, á maravilha, a unidade com a belleza ao par de encantadora simplicidade.

A belleza reside, pois, na ordem e na uniformidade, na singeleza e na bondade.

Partindo deste ponto de vista, claro está que a ordem se acha inseparavel da belleza, e o bello inseparavel do bom e do justo.

Applicando tal theoria aos principios pedagogicos, forçoso é concluirmos que a boa pedagogia não pode prescindir da disciplina e da uniformidade em todas as espheras que lhe são affectas.

Mister se torna a disciplina nas aulas, releva ordem nas formaturas, necessaria se faz a disciplina nas marchas, nos recreios.

Entretanto, um campo ha, aliás vasto e fecundo, intimamente ligado ás actividades escolares que, de ha muito, vem se resentindo desta uniformidade tão preconizada pelos pro-dromos hellenicos da antiguidade classica.

Referimo-nos á uniformização da orthographia, reforma esta que julgamos inadiavel e urgente, afim de se completarem as louvaveis iniciativas que a actual Directoria da Instrução Publica vem realizando, com geraes applausos, em todos os departamentos que lhe são confiados.

Santa Catharina, mui merecidamente destacada na vanguarda da Instrução dentre as demais Unidades brasileiras, não pode deixar de iniciar uma campanha em prol dum assumpto tão adstricto ao ensino, qual seja o da uniformação da orthographia nas escolas.

Com o fito de dar algum impulso a tão momentoso problema; nos propuzemos demonstrar, com os poucos recursos ao nosso alcance, quão urgente e imperiosa se torna a uniformização orthographica, bem como quaes os meios a adoptar, afim de se obter tão alevantado desiderato.

Começamos, pois, affirmando que a uniformização é uma necessidade porque a falta de uniformidade torna-se um elemento de descredito nosso aos olhos do estrangeiro. Basta citarmos um exemplo. Data ainda de bem pouco a irregularidade com que gravamos o nome do nosso país, a palavra *Brasil*: Ora, uns a escreviam com *s*, outros com *r*. Para um estrangeiro, tal estado de coisas não devia deixar de provocar certo ar de riso, insinuando-lhe sermos um povo que ainda não sabe escrever o nome de seu país. O mesmo poderá o estrangeiro alegar relativamente á falta de regularidade com que graphamos muitissimos vocabulos! Ora, tal apostrophe fere a fundo as nossas susceptibilidades nativistas! Tal insinuação compromette seriamente os nossos foros de povo culto e civilizado!

E no entanto quantas oscillações graphicas se nos apresentam em um sem numero de vocabulos!

Haja a vista; tão somente, as seguintes irregularidades: *mez e mês; prezado e presado; egreja e igreja; circumstancia e circumstancia; mau e mão; ceu e céu, etc.*

Urge, portanto, uniformizarmos a nossa orthographia, para não nos expormos ao ridiculo perante os estrangeiros.

Outro ponto, ao qual já nos referimos anteriormente, é a necessidade de haver uniformidade em o nosso padrão

orthographico, para cingirmos cada vez mais os élos que nos prendem á vernaculidade, e á nacionalidade.

Como já disse allures Herculano, em seu purissimo vernaculo, que a lingua e a religião são duas cadeias de bronze que unem as gerações presentes ás futuras, assim cumpre a nós, preceptores e educadores, zelar pela pureza e integridade e uniformidade não só do nosso bellissimo idioma, como tambem de sua orthographia, afim de que ella sirva para, mais e mais, estreitarmos os laços que nos devem unir ao cerne da nacionalidade.

Um terceiro ponto cumpre ainda considerado — e este julgamos de capital importancia, porque mais de perto nos diz respeito, — é que a uniformização se impõe, porque os proprios professores se vêm a braços com difficuldades innumeradas, djante do chaos tenebroso em que tateia, as apal-padelas, a orthographia corrente.

E' que diante de confusão tamanha, não raro os professores, por mais habilitados que sejam, inaptos se acham em discernir qual a graphia de certa palavra deveriam inculcar a seus alumnos, si bem que os mesmos livros didacticos as representam de formas differentes.

Supponhamos a palavra *circumstancia*. O professor escreve com *m*, porque assim a traz a sua grammatica expositiva, de Eduardo Carlos Pereira, e, um alumno mais activo pergunta se não pode escrever a mesma palavra com *n*, porque assim a viu graphada em um livro de Candido de Figueiredo, que é outro philologo de incontestavel valor. Afinal, qual das duas graphias vem a ser a mais correcta? O professor, provavelmente, responderá que ambas são exactas. Mas, onde fica a uniformidade? e assim vão surgiado as duvidas. Está, pois, patente que urge acabarmos com taes anomalias, afim de esclarecermos o professorado, evitando o desprazer de o collocarmos numa situação desairosa perante seus alumnos, mediante a adopção de uma certa uniformidade em nossa arte de escrever.

Mas, como deve ser introduzida a reforma? Qual o systema a ser adoptado?

Respondemos preliminarmente que a simplificação orthographica deve ser ministrada desde os primeiros annos do curso primario, chamando a attenção dos jovens escolares para os modos mais simples e correctos de serem escriptas as palavras; mediante a adopção de livros didacticos, — a começar pela cartilha, — redigidos de accordo com a refor-

ma introduzida; por meio de explicações e prelecções *had hoc*, destinadas a esclarecer os alumnos acerca dos pontos duvidosos. Respondemos, outrossim, que tal iniciativa deve partir dos poderes publicos, das autoridades escolares.

Alguna coisa, valha a verdade, já se tem feito neste ponto em o nosso Estado. Lembramos a simplificação introduzida em livros didacticos, compilados pelo ex-director da Instrucção e actual Secretario da Fazenda, dr. Henrique Fontes.

Foi uma contribuição valiosa que não deixou de produzir os seus fructos.

Entrementes, precisamos ir adiante, resolvendo outros casos duvidosos que a pratica suggere e a evolução natural das coisas reclama.

Qual, então, o systema a adoptar, o mixto *com todas as suas incongruências*, como diz Othoniel Motta, ou o phonetico? a reforma portugueza ou a brasileira?

Achamos que o systema mixto, embora seja o usual, não satisfaz cabalmente, devido aos motivos já apontados de sua falta de sequencia logica. A reforma portugueza que, mau grado nosso, se nos afigura a melhor, tambem não pode ser introduzida com todos os seus pormenores, porque, como é sabido, a pronuncia portugueza muito differe da nossa e, alem disso, certas graphias, — como, *prorrumper, prorrogar, quere, rial, rialeza, pior, milhor, lial, artelharia, tejolo, dezaseis, dezasete, dezanove*, — e determinados signaes diacriticos, — como o grave em *equivaler, agüentar*; o accumulo de dois accentos numa só palavra — Estêvão, órgão — e a prodigalidade do emprego do hyphen, nos compostos — a-pesar-de, ocu-lo-de-ver-ao-longe, — não lograram e, a nosso ver, não lograrão jamais acceitação entre nós.

Semelhantemente acontece com a reforma brasileira, regeitada pela propria Academia. Entretanto, algo da reforma brasileira pode ser aproveitada. Estão neste caso a proscripção do h e do g insonoro, a substituição de y por i, do w por v, do k por qu ou c; a representação das vogaes naszaes ão, atouo, por am, e da tonica, por ão; a representação dos diptongos oraes æ, œ, e ue, por ai, oi, e ui, respectivamente.

Em resumo, o que convem adoptarmos são as simplificações que vem surgindo aos poucos, coadunadas com a nossa pronuncia e consagradas pelo bom uso generalizado.

Partilhamos da opinião de Eduardo Carlos Pereira, sus-

tentando que as reformas alludidas e, muito especialmente, a brasileira, não conseguiram resultado satisfactorio, não só devido ao seu character revolucionario, como ainda em razão de quererem impor, de chofre, uma orthographia toda alheia ao systema que vinha sendo praticado até então.

As simplificações devem vir apparecendo aos poucos paulatinamente, sorrateiramente. Cumpre-nos abolir o z entre duas vogaes, substituindo o por s, já que este em tal caso substitue perfeitamente o valor daquelle. Releva evitarmos as muitas incongruências do systema usual. Evitem-se as irregularidades de se orthographarem bençam com m, e órgão com ão, mau com au, e grão com áo, ceo com éo e chapeu, com eu. Mister se torna, igualmente, introduzirmos certas regras relativas aos prefixos em ex, que têm o valor de ez, é necessario abolirmos as conscantes dobradas; urge estabelecer regras attinentes as palavras terminadas em æ, œ e ue, precisamos uniformizar a graphia dos vocabulos estrangeiros que já passaram para o dominio de nossa lingua, adaptando-os á pronuncia que lhes damos.

Como justificativa e em additamento do que vimos afirmando, lembramo-nos de submeter á apreciação dessa illustrada Directoria, bem como da colenda Conferencia de Ensino, uns apontamentos sobre a uniformização da orthographia nas escolas, os quaes, no caso de offerecerem alguma utilidade, poderiam contribuir com uma pequena parcella para resolver, de algum modo, as muitas duvidas e difficuldades da nossa intrincada e complicada arte de escrever. E, uma vez estabelecidas essas regras, deveriam ser ensinadas ou dictadas aos alumnos dos nossos estabelecimentos officiaes, exigindo-lhes as graphias da forma ensinada e rejeitando como erro o contrario.

Oxalá a proxima Conferencia de Ensino, que tão vivo interesse vem despertando em todos os circulos escolares, não sò do Estado, como do proprio país, alem dos multiplos problemas que necessariamente deverá resolver, a bem da Instrucção, tambem volte suas vistas para um assumpto de tão premente oportunidade e que tão de perto relaciona com o ensino em nossa sonora e maviosa lingua vernacula.

Trajano José de Souza.

Vocabulario Orthographico ou a Orthographia Usual

Apontamentos para a uniformização da orthographia nas escolas por
Trajano José de Sousa

A quem ler.

Não ha negar que a tendencia moderna no campo orthographico é para a simplificação, ou ainda, para a introdução do systema phonetico.

Após os esforços da Academia Brasileira de Letras em adoptar uma reforma, muito se tem feito em prol da simplificação do nosso padrão orthographico.

Em 1911, a Academia de Sciencias, de Lisboa, por sua vez, adoptou a reforma portuguesa. Já muito antes destas iniciativas, os mestres da Lingua os philologos mais em evidencia, tanto patricios como lusos, recommendavam graphias tendentes á simplificação, conforme já estavam sendo praticadas em outras linguas latinas, como na hespanhola e italiana.

Entretanto, sendo a pronuncia portuguesa muito diferente da nossa e não logrando certos signaes diaeriticos, acouselhados pela orthographia lusa, popularidade entre nós, a reforma portuguesa não tem sido aceita em toda a extensão pelos nossos escriptores.

Muito embora as reformas mencionadas não fossem adoptadas de vez, no emtanto, paulatinamente foram apparecendo as simplificações, coadunadas ao nosso meio, de sorte que, hoje em dia, ninguem ignora quanto o systema prosodico tem se avantajado aos seus congeneres.

Attendendo a estas circumstancias e, como educador, visando em primeiro logar, uniformisar a orthographia dos alumnos nas lições de português, nos abalançamos a publicar os presentes Apontamentos, com o intuito de orientar nossos alumnos na difficil arte de escrever conforme as regras orthographicas e o bom uso generalizado. Escusado é mencionar que a maior parte das graphias introduzida no presente opusculo, vem recommendadas por mestres notabilissimos, como João Ribeiro, Candido de Figueiredo, Eduardo Carlos Pereira, Gonçalves Vianna, Othoniel Motta, Carlos de Laet, Fausto Barreto, Epiphanyo Dias, Ruy Barbosa e outros, bem como pelo ex-director da Instrucção Publica, dr. Henrique Fontes, que a introduziu em livros didacticos adoptados oficialmente.

Creemos que um systema phonetico, introduzido aos poucos, e não de chofre, e, devidamente adaptado á nossa pronuncia e escoimado das incongruencias do systema usual, acabará por cantar victorias.

Para facilitar a consulta, fizemos seguir as palavras em ordem alphabetica, á guiza de pequeno lexico, começando pelas vogaes e os phonemas vocalicos.

Queira a indulgencia dos competentes e dos collegas do magisterio, relevar as falhas destes *Apontamentos*, e suggerir emendas mais plausiveis, que serão aceitas de muito bom grado pelo Autor.

I PARTE

As vogaes e os phonemas vocalicos

Am

O ditongo *ão*, atono, escreva-se com *am*, em:

Acordam, s. m. (jur.) sentença.

Bençam.

Frangam, s. m. augm. de frango.

Golfam, s. m. (Bot.) planta aquatica.

Lodam, s. m. erva.

Medam, s. m. augm. de meda, grande monte de capim.

Oregam, s. m. (Bot.) planta.

Orgam.

Orpham, s. m.

Pedrogam, (Geographia) freguesia de Portugal.

Pegam, s. m. pégo, abysmo grande.

Rabam, s. m. rabanete, variedade de rabano.

Satam, s. m. satanaz.

Sotam, s. m. o pavimento mais alto do edificio; (pop) sôte.

Zangam, s. m. abelha macho.

Damos apenas a significação dos vocabulos menos usados, afim de facilitar o seu conhecimento aos alumnos, poupando-lhes o trabalho de consultar um dictionario — Quem escreve *bençam* com *m*, consequentemente deverá graphar todas as demais palavras acabadas em *ão*, atono, tambem com *m*, como *orgam*, *acordam*, etc.

O systema usual, ora escrevendo *bençam* com *m*, ora *orgão*, com *ão*, accentuando a 1ª vogal, pecca pela incongruencia e pela introdução de dois signaes diacriticos numa só palavra, o que nos parece contra a indole da lingua e a simplificação, tão preconizada por philologos e grammaticos.

Forma-se o plural dos substantivos terminados em *am* e *an*, accrescentando-se á terminação um *s*, exs: o *orgam*, os *organs*; o *orpham*, os *orphans*; a *orpham*, as *orphans*.

AN

O phonema nasal *ã*, na syllaba final átona, represente-se por *au*. em: Imam, s. m. mineral que atráe o aço e outros metaes magnete. Orphan, s. f.

AI

Seja graphada com *i*, e não *e*, a subjunctiva do ditongo final *ai* nos substantivos acabados em *ae*, as flexões verbaes dos verbos da 1ª. conjugação, nos da 3ª. conjugação que terminam em *air*, e ainda no plural dos substantivos e adjectivos terminados em *ai*; exs:

- | | |
|----------------------|-------------------|
| Atai s. verbo. | Currais, s. pl. |
| Animais, s. pl. | Dedais, s. pl. |
| Arsenais, s. pl. | Estai (s), verbo |
| Atrai (s), verbo | Falai (s), verbo |
| Aventais, s. pl. | Gerais, adj. pl. |
| Brincai (s), verbo | Jornais, s. pl. |
| Cai (s), verbo | Mãe (s), s. f. |
| Canais, s. s. pl. | Metais, s. pl. |
| Capitais, s. pl. | Mortais, s. pl. |
| Cristais, s. pl. | Sai (s), verbo. |
| Negociai (s), verbo. | Sais, s. pl. |
| Odiai (s), verbo | Signais, s. pl. |
| Orais, adj. pl. | Vai (s), verbo |
| Pai (s) s. pl. | Verbais, adj. pl. |
| Passcai (s), verbo. | Vogais, s. pl. |
| Quintais, s. pl. | |

Aconselha-nos a experiencia escrever as palavras supracitadas com *i*, visto a sua pronuncia pender mais para *i* do que para *e*. (Confere a reforma Portuguesa e a Brasileira).

Cumpre-nos, todavia, adoptar este modo de escrever em todas as palavras acabadas em *ae* (s), afim de haver uniformidade.

ÃO

Graphê-se com *o*, e não *u*, a substantiva do ditongo *ão*, occentuando-se a 1ª vogal, nas palavras.

- Bacalháo, s. m.
- Bacuráo, s. m. ave nocturna.
- Berimbáo ou Marimbáo, s. m. instrumento tocado pelos pretos.
- Bilbáo, cidade da Espanha.
- Bo'esláo, nome de pessoa.
- Blumenáo.
- Cacáo
- Caláo, cidade e porto de Perú.
- Coláo, s. m. mandarim chinêz.
- Estanisláo.
- Giráo, s. m. armadilha de páos para seccar carne; (pop.) sotant.
- Gráo.
- Ladisláo, nome de pessoa.

- Landáo, s. m. carruagem de luxo.
- Máo.
- Macáo, cidade da China, pertencente a Portugal; especie de suinos-porco-macáo.
- Miáo.
- Mingáo.
- Náo, s. f. embarcação antiga.
- Nicoláo.
- Páo.
- Picapáo, passaro.
- Saráo; s. m. reunião nocturna.
- Urutáo, s. m. passaro do Brasil.
- Varapáo, s. m. páo comprido e fino.
- Wencesláo.

A graphia dos vocabulos terminados em *au*, com *áo*, accentuando-se a 1ª vogal, se nos afigurara mais portuguesmente, ao passo que a terminação *au*, se nos antolha mais propria das linguas germanicas, — haja vista a alemá, em *Au, blau*, grau, Tau, etc. Contudo, tambem neste ponto, mister se torna a congruencia.

Muito embora não ignoremos que a palavra Blumenáo, seja de origem alemá, provindo do sobrenome do fundador desta cidade — o dr.

Hermann Blumenau, contudo recomendamos que a syllaba final lhe seja orthographada com *áo*, visto tratar-se de uma cidade brasileira tendo já o seu nome abasileirado e seguindo desta arte, a regra geral das palavras terminadas em *áo*.

Ê

Escreva-se com um só *ê*, levando accento circumflexo, e não *ee*, a 3ª. pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *crer*, *ver*, *vir*, *prover*; e a 3ª. pessoa do plural do presente do subjunctivo do verbo *dar*.

- Têm, e não teem.
- Crêm, e não creem.
- Vêm, e não veem, do verbo *vir*.
- Vêm; e não veem, do verbo *ver*
- Provêm, e não proveem.
- Dêm, e não deem.

E e não I

Seja graphada com *e*, e não com *i*, a 2ª vogal da palavra Ceremonia

Achamos desnecessaria a representacão de certos phonemas por *ee* o que faz lembrar o inglês em *green*, *spleen*, etc. Julgamos que o *ê*, levando accento circumflexo, substitui perfeitamente o valor phonetico de *ee*. Recommendam os grammaticos, grapha-se 2ª. vogal da palavra *ceremonia*, com *i*, em attenção á sua etymologia latina.

E e não EN

Supprima-se o *n* da terminação *en* átona, nas palavras. Regime, s. m. governo, direcção, regra.

Tentame, s. m. ensaio tentativa, exame, experiencia.
Certame, s. m. luta, combate, disputa, concurso.
Dictame, s. m. regra doutrinal, maxima, opinião.

Lembra-se a conveniencia de ser abolido o *n* em todas as palavras terminadas em *en* átono, como especime, abdome, albume, etc. Em todo caso, a tendencia moderna aconselha esta simplificação.

EN e não EM

O suffixo *em*, átono, seja representa 'o por *en*, em Aden (Geogr.) possessão inglesa, na Arabia.
Abdomen, s. m. metade; inferior do tronco.
Alumen, s. m. Chim, sal neutro.
Albumen s. m. substancia que contem a semente; a clara do ovo.
Amen ou Amém.
Dictamen, s. m. regra doutrinal maxima.
Dolmen, s. m. (Archeol.) Monumento druido ou celtico, anta.
Eden, s. m. o paraizo terrestre.
Especimen, s. m. modelo, amostra, exemplar.
Gluten, s. m. (Histo, nat.) materia que liga as partes de um corpo solido. (Chimi) Materia que entra na composição da farinha dos cereaes.
Hymen s. m. (Anat.) membrana do orificio da vagina (Bot.) Envoltorio da corola.
Hyphen, s. m. risco ou risca de união.
Lichen ou Liquen, s. m. musgo, planta.
Pollen, s. m. (Bot.) pó fecundante dos vegetaes.

Afim de haver a uniformidade, suggerimos a idéa de se applicar a regra acima, a todas as demais palavras terminadas em *em*, átono v. g. a *ên* e *Anden*, cerumen, homem, imagen, joven, nuven, onten, orden, outren, pa gen, sa'sugen, vantagen, vertigen, etc.

ÉA ou Eia

O ditongo oral éa, seja representado por éa, accentuando-se a la. vogal, ou por eia, facultativamente, em

Athéa ou Atheia, adj. fem. de atheu que não crê na existencia de Deus.

Assembléa ou Assemb'eia.
Basiléa ou Basileia, cidade e cantão da Suissa.
Boléa ou Boleia s. f. peça de pão e parte de uma carroagem.
Cesaréa ou Cesareia cidade da Asia.
Coréa ou Coreia, s. f. pais da Asia.
Dorotheá ou Doroteia.
Epopéa ou Epopeia, s. f. poema epico.
Erythréa ou Erytareia, s. f. dominio italiano, na Africa.
Estréa ou Estreia, s. f. primeiro uso: começo de alguma coisa.
Galiléa ou Galleia, s. f. região da Palestina antiga.
Galatéa ou Galateia, nome de pessoa.
Ge'ea ou Geleia, s. f. succo de carne condensado com assucar.
Idéa ou Ideia, s. f.
Judéa ou Judeia, s. f. região da Palestina antiga.

Platéa ou Plateia.
Uréa ou Ureia, s. f. substancia que entra na composião da urina.
Vencéa ou Vedeia s. f. departamento da França.

A regra acima, estabelecida por bons mestres de portuguez, como Barreiros Filho e outros, está de accordo com a logica e o bom uso. Entretanto releva optarmos por uma das duas formas. Lembramos que idea e epopeia já estão sendo usadas entre nós, emquanto que os portuguezes dão preferencia a esta graphia em todas as palavras terminadas em éa, o que tambem achamos mais euphonico.

ÉA ou Eia

O ditongo final éa, seja graphado facultativamente ou com éa ou com eia nas palavras.

Aldéa ou Aldeia.
Colchéa ou Colcheia. s. f. nota de musica.
Corréa ou Correia.

ES

O prefixo *ex*, seja representado por *es*, em:

Esagero	Esplendor
Esforço	Espontaneo
Esforçar	Estenso
Esgoto	Estensão
Esgotar	Estranho
Esplendido	Estrangeiro

NOTA — Lembramos a conveniencia de se orthographar todas as palavras, cujo prefixo seja *ex*, tendo o *x* o valor phonetico de *z*, com *es*. E' uma simplificação necessaria e consentanea com a nossa orthoépia.

ÊS

Graphem com ês, e não ez.
Calabrês, natural da Calabria, Italia.
Chinês, Dês, (verbo) Dinamarquês, Emdriaguês, Escossês, Finnês, filho da Finlândia, Europa, Francês, Freguês, Genovês, (proveniente de Genova, Italia), Irlandês, Japonês, Javanês, (oriundo de Java, Oceania, Marquês, Mês, Norueguês, Polonês, natural da Polonia, polaco. Portuguez, Lianês, procedente do reino de Sião na Asia—Três, Vês, (verbo).

ÉO e EU

O ditongo final *eu* seja graphado com *éo*, quando a prepositiva fôr aberta, e com *eu*, quando fôr fechada (Eduardo C. Pereira):
Alvéo, s. m. leito de um rio.
Boléo, s. m. pancada, queda, baque.
Chapéo.
Céo.

Escarcéo, monte que faz o mar agitado, alarido.
 Léo s. m. vagar, ensejo, occasião.
 Mundéo, s. m. armadilha de caça.
 Poviléo.
 Réo.
 Solidéo s. m. barretinho dos ecclesiasticos.
 Trop'éo s. m. despojo do inimigo vencido.
 Véo.
 Atheu.
 Atheneu.
 Amadeu.
 Aristeu.
 Alpheu.
 Androceu, s. m. parte da flôr.
 Clineu.
 Dirceu.
 Europeu.
 Egeu.
 Gyneceu, s. m. parte da flôr.
 Hymeneu s. m. nupcias. O deus das bôdas.
 Judeu.
 Phariseu.
 Pygmeu, s. m. homem pequeno sem valor; anão.
 Sandeu, adj. mentecapto, tolo.

I

Seja graphada com i, e não e, a inicial das palavras.
 Idade.
 Igreja.
 Igual.
 Igualmente.

Comquanto seja etymologicamente mais exacto escreve-se as iníciaes das palavras idade, igual e igreja com e, visto provirem dos vocabulos latinos, aetas aequalis, e ecclesia, respectivamente, todavia costumamos graphar-lhes a 1ª vogal com i, por ser mais conforme a boa pronuncia.

Substitua-se, outrosim, o y por i, em

Coritiba.
 Coritibanos.
 Hippódromo, s. m. área para corridas a cavallo.
 Hippico, adj. relativo ao cavallo.
 Ipiranga; Nitéroí. Presbítero, s. m. sacerdote, clérigo
 Presbíterano, adj. sectario do presbiteranismo
 Presbiteranismo, s. m. seita religiosa.
 Sátira, s. f. poema em que se censuram costumes.
 Satirico, adj. relativo á sátira:
 Tisica, s. f. tuberculose.

IO e IU

O ditongo final iu graphe-se com u, e o semiditongo e o hiato, com o; exes.

Bramiu, Caiu, Feriu, Riu, Viu.
 Feio, Meio, Seio, Veio, Canario, Estuario, Vigario, Aceterio, Cemite-
 rio, Valerio, Delirio, Lirio, Martyrio, Espurio, Murmurio, Tugurio.

As palavras terminadas em io, accentuado, sejam escriptas com io levando a 1ª vogal o accento agudo: arrepio, estio, assobio, frio, etc. No emtanto, a bem da logica, haveria conveniencia em se graphar-lhes a ultima syllaba tambem com io, conforme a regra, exs. naviu, paviu, piu, vasiu, desviu, etc.

Ô e Ó

Escrevam-se com ô e ó, respectivamente:
 Consôlo e Consôla.
 Côrte e Côrte.
 Fôrma e Fôrma.
 Rôla subs. e Rôla, verbo.

ON

Graphem-se com on, as syllabas final átona dos vocabulos:
 Asyndeton.
 Cácóphaton.
 Cãnon
 Còlon
 Hypêrbaton
 Léxicon
 Maçon

NOTA — Quanto às palavras maçon e Solon, seria mais conforme a congruencia, graphar-se-lhes a syllaba final com om, visto esta ser tônica, assim: maçom e Solom.

OI e não OE

Grapha-se com i, e não e, a subjunctiva do ditongo final oi. em:
 Congoi, Constroi, Doi, Destroi, Heroi, Moi, Soi, verbo.

OI e não OU

Escrevam-se com oi, e não ou:
 Açoite
 Afoito, biscoito, coisa, coice, doido, endoidecer, foice, foito
 dois, noite, pernoite, toicinho.

OA e UA

Represente-se por oa o ditongo final ua, átono e por ua, o tonico, em:
 Amendoa. Fragoa. magoa, nodoa, legoa, espadoa, nevoa, Quiloo (ci-
 dade), taboa.
 Actúa, amúa, enxagúa, fluctúa, desagúa, jejúa, recúa.

U

Graphem-se com u, e não com o, as palavras,
 Lugar, lugarejo.

Não obstante originar a palavra lugar do latino locus, achamos, contudo, mais razoável graphar-lhe a la. vogal com u, por ser este uso mais de acôrdo com a pronuncia gera mente adoptada.

Um e UN

Representem-se por um a syllaba final tonica, e por un, a átona, dos vocabulos:

Jejum, lundum e
Albun, ultimatun.

UI e não UE

A syllaba final ue, represente-se por ui (cfr. Reforma Portuguesa e Basileira) em:

Allu, afflúi argúi, contribúi, dilúi, exclúi re largúi, conclúi.

II PARTE

As consoantes e os phonemas consoantes.

B

A consoante dobrada bb, reduza-se a uma só, um: abreviar, abreviatura, sabado sabatina, sabatista.

C

Escrevam-se com um só c: ação, aceitar, acordo, acordar, condição, contrição, edição, lição, mal-tradição.

Exclua-se o. c. de: completo, contrito, data, dito, fruta, fruto, frutifero.

Graphem-se com c, e não ss: Socego e socegar.

CH

O phonema consoante ch, seja reduzido a c, em: Aristarco, catecismo, cristal, éco, época, exarco, Heresiarca, monarca, patriaca, pascoa, poscoal pascoe'la.

G

Reduza-se a um só, em: Exagero e exagerar.

H

Elimine-se o h das palavras: cair, categoria, espanha, espanhol, exuberante, empreender, compreender, compreensão, ombro, ontem, sair sobresair, teór, tesoura, Tiago, Thomás.

J

Sejam graphadas com j, e não com g; as palavras: Ajeitar, jeito, laranja, laranjeira, lisonja, isonjeiro,, majestade, majestoso.

K

Substitua-se o k por qu ou c, respectivamente, em: Cágado, quermes, quilo, quisto, quépi.

L

As palavras que seguem, sejam graphadas um só l: Alemanha, ali, cautéla, coligação, coligir, colina, corruptela, fala, querela.

LH

Supprima-se o h do phonema lh nos nomes em que não formar digramma; exs: Philarmonica e separa-se por hyphen Gentil-homem.

M

O m dobrado deduz-se a um só, em: Comigo.

Escrevam com m, e não n:

Circumdar, circumstancia, circumspecto, circumnavegar, circumnavegação, comsigo (com+sig.) comvosco.

N

Sejam graphadas com um só n: Aniquilar, anotar, inundar, inundação.

NH

Supprima-se o h do phonema nh, nas palavras em que não formar, digramma; exs:

Bonomia, inumáno, inabil inibir.

P

Graphem-se com um só:

Aprender, aprendizagem, aproximar aproximação.

Proscreeva-se o p, de:

Escrita, escrito, escritura, escriturar, escrituração, escultura, escultor.

PH

Elimine-se o ph de:

Ditongo, asma, asmatico.

QU

Graphem-se com qu, e não ch nem k, as palavras: Almanaque, caquetico, conhaque, fraque.

S

Sejam graphadas com s, e não com z, as palavras:

Após, assás, atrás, através, Brasil, compús, detrás, defeza, despesa, gis, Luís, país, pús, (verbo) quis, quiser. Tomás, três.
Escrevam-se com s, e não com c, nem ç:
Ansia, ansiar, cansar, consaço, dansa, descanso.

T

A consoante dobrada tt, seja reduzida a um só t, em:
Brito, esgoto, esgotar, gota, mato, (substantivo) litoral, letra, literatura, neto, mate, (substantivo).

V

Substitua-se o w por v, em:
Valdemar, valsa, Valdemiro, Vencesláo.

X

Exclúa-se o x das pa'avras que seguem, substituindo-o por ce:
Caíce, índice.

Z

Escrevam-se com z, e não com s:
Atroz, capaz, fiz, luz, talvez, traz.

III PARTE

Outros assumptos

NOMES PROPRIOS

Havendo muita irregularidade na graphia de certos nomes proprios, convem estabelecer a seguinte orthographia, nos nomes que seguem:

Luís, Tomàs, Christovam, Estevam, Aleman'a, Espanha, Niteroi, Tiago, Versalhes, Lyão, Mato-grosso, Manãos, Ilhéos, Antuerpia, Romania.

VOCABULOS ESTRANGEIROS

Certos vocabulos estrangeiros, que passaram para a nossa lingua, já soffreram a influencia da nossa pronuncia e, devidamente aportuguesados, ou antes abrasilairados, devem ser escritos consoante a pronuncia que lhes damos. Estão neste caso os seguintes:

Paletó, boné, bonde, futiból, clube, vagão, bife, crochê, buquê, de bouquet, abajúr, foclór, de folk-lore, plató, pequenique, de pic-nic, miting, de meeting, pincenê, de pince-nez, comité, ider, de leader.

Nomes dos menses, dias da semana, estações do anno e titulos honoríficos.

Conforme a boa tendencia moderna, graphe-se com minuscula a inicial dos nomes acima, como: janeiro, fevereiro, segunda-feira, terça-feira, primavera, outono.

dr. (doutor)
sr. (senhor)
d. (com)

rev. (reverendo)
pe. (pa're)
fr. (frei)
v. s. (vossa senhoria)
v. excia. (vossa excellencia)

APÓSTROPHO

Não levam apóstropho as contracções:
(a i, cáhi, dalém, daquem, dacojá, daquelle, de,le, deste, desse có (de +o), donde, dum, duma, mo, me+o, no, não e o, lho, lhe e o, naquelle, nesta, neste, nisso, nisto, naquelle, naquillo, naquilloutro, disso, nisso, noutro, nestoutro

Conserve-se, porém o apostropho na poesia e nos compostos, como em:

P'ra, esp'rança, c'roa, co'a (com + a), stão, mãi d'agua. Sant'anna, De'rei, out'ora, d'oravante, dest'arte.

Ass — Trajano José de Sousa.

PARECER N.º 13

Estudando a these sobre o thema da necessidade da uniformização da orthographia nas escolas, apresentada pelo professor Trajano José de Sousa, a 3a. commissão dá o seguinte parecer:

PARECER

O trabalho em questão merece os melhores applausos pelo modo como está disposto, pela ordem e clareza do assumpto e pelas justificadas e bem argumentadas razões com que prova a necessidade da uniformização da orthographia em nossas escolas, o que demonstra a habilidade, competencia e interesse que tem o seu autor pela nobre e dignificante causa da diffusão do ensino primario.

O sr. Trajano rejeita com boas argumentações o systema mixto, geralmente adoptado; mostra tambem a inconveniencia que ha em se adoptar a reforma portuguesa e a reforma brasileira rejeitada pela propria Academia, aconselhando que se tome algo da reforma brasileira e outras modificações que se coadunem com a nossa pronuncia. Segundo a opinião do autor será preciso modificar o actual modo de graphar muitas palavras o que importa na modificação da orthographia da lingua portuguesa.

Assumpto de tanta importancia e responsabilidade não é para ser tratado por simples e obscuros professores pri-

marios como os que compõem esta comissão, os quaes julgam não ser este tambem o fim a que se destina a nossa Conferencia de Ensino Primario. Pelas razões expostas deixa á Mesa o julgamento do presente trabalho.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — *Irmã Bernwarda*, relatora; *Hercilio Zimmermann*, secretario; *Mario Garcia*, Presidente.

NOTA — Este parecer foi aprovado sem debates.

THESE N.º 31

Congresso do Ensino Primario do Estado de Sta. Catharina

A EFFICIENCIA DA «ESCOLA NOCTURNA» NA DESANALPHABETISAÇÃO DO PAIZ

Memoria apresentada á Conferencia do Ensino, em Santa Catharina.

Pelo Engenheiro - Civil

OSCAR DE OLIVEIRA RAMOS

Florianopolis, Julho de 1927.

A eficiencia da «Escola Nocturna» na desanalphabetisação do Paiz.

A desanalphabetização deve ser a preocupação maxima dos verdadeiros patriotas que desejam o Brasil unico e forte.

O analphabetismo é o peor dos cancos sociaes. Um povo que o possui, não pode ter a consciencia dos seus direitos, nem a percepção do seu valor moral.

Sem a instrucção diffundida amplamente, não ha respeito á lei, nem obediencia á autoridade constituida.

O direito do voto, que é a mais sagrada de todas as conquistas democraticas e que decide da soberania do povo, não tem applicação consciente.

O individuo que não é analphabeta, está habilitado a defender e a exercer os seus direitos civis e politicos.

Entre os homens que saibam lêr e escrever, é mais facil pregar-se a educação civica, os principios da moral e emfim todas as idéas liberaes.

Ainda mais.

As estatisticas criminaes constataam que o maior numero de criminosos advem dos analphabetos.

A instrucção, é verdade, não faz expungir da face da terra o crime, mas inflúe poderosamente para a diminuição de attentados violentos entre os que podem raciocinar e medir as consequencias de qualquer delicto commettido.

A defficiencia de instrucção facilita a pratica do crime.

E' deverás impressionante o coeffericiente de analphabetos que o nosso paiz ainda possui, apezar dos patrioticos esforços empregados pelos governos das mais prosperas unidões da Federação.

Estatisticas de 1920 a 1926 fornecem informes apavorantes, na logica insophismavel dos seus algarismos e que registo, nestas linhas, com o mais vivo pesar.

Cito apenas os Estados que mais têm collaborado na obra benemerita do combate ao analphabetismo.

Os coeffericientes de suas percentagens são:

Pernambuco	82,15
Minas Geraes	79,83
Estado do Rio	75,21
Paraná	71,82
Santa Catharina	70,43
São Paulo	70,17
Rio Grande do Sul	61,13

Deprehende-se, pois, a necessidade de intensificar-se, cada vez mais, a diffusão da instrucção primaria.

O Brasil precisa emergir illuminado da aurora esplendente que desponta, no horizonte das modernas conquistas, sob as bençans luminosas de todos os brasileiros.

Santa Catharina tem, a esse particular, concorrido, de maneira honrosa e digna de imitação, para a diffusão do ensino, dando, todos os annos, as maiores dotações da sua renda para o serviço de tão alta relevancia social.

Collocando-se á frente desse desiderato, nesta hora de fecundas realizações praticas, convocou o seu professorado para traçar novas directrizes ao ensino, sob um pensamento modernizador.

Todo o seu labor viza um objectivo eminentemente patriotico: a diffusão, mais ampla, da instrucção primaria, através dos recantos mais afastados do territorio catharinense.

Um dos mais efficazes colaboradores dessa obra bene-

merita deve ser, a meu ver, a escola nocturna, templo modesto, onde geralmente o operario e os seus descendentes receberão a luz da civilização.

A *escola nocturna* presta relevantes serviços ao ensino.

Localizada nas maiores agglomerações urbanas, de preferencia agricolas ou industriaes, ella produz resultados admiraveis.

A sua organização deve ser a mais simples possível, observando-se a economia e o tempo.

O seu programma, nestas condições, não comportará estudos superfluos que só servem para prejudicar os objectivos visados.

A tendencia educacional moderna é para a simplificação dos methodos de ensino.

Tal como se pratica na America do Norte e como se vem adoptando no Rio Grande do Sul.

Nestas condições a escola nocturna deve ter um programma pratico, de accordo com as necessidades utilitarias do individuo.

Entendo que o seu melhor programma pratico é o seguinte:

I — Leitura até o Quarto Livro;

II — Escripção e dictado;

III — Arithmetica: Quatro operações- Fracções- Systema metrico;

IV — Geometria: Estudo das figuras planas e suas areas;

V — Historia patria e educação civica: Somente o conhecimento das datas nacionaes, explicadas nas vespersas. Canto dos hymnos nacional e da Bandeira.

Moldado, portanto, o curso nocturno no programma acima estabelecido, lucrará a instrução publica e o Estado ou o paiz o diffundirá, cada vez mais, o ensino, reduzindo assim o coefficiente do analphabetismo existente.

Alphabetizar dentro desse methodo é produzir alguma cousa de utilitario.

É pois com subido prazer que tenho a honra de apresentar á consideração da douta Conferencia do professorado catharinense o meu desvalioso trabalho, á guisa de contribuição ao estudo dos profissionaes.

Florianopolis, 24 de julho de 1927.

Ass — *Oscar de Oliveira Ramos.*

Engenheiro civil e lente do Instituto Polytechnico.

PARECER N° 14

A 3ª comissão estudando a these n. 31, sobre a eficiencia da escola nocturna na desanalphabetização do país, apresentada pelo engenheiro civil dr. Oscar de Oliveira Ramos apresenta o seguinte parecer:

PARECER

Na primeira parte desta these o seu autor evidenciou a deficiencia do ensino primario no Brasil em geral, apesar dos governos federal e estadual sempre terem as suas vistas dirigidas para este assumpto tão importante para a grandeza de um país ou de um Estado.

Na segunda parte elle mostra clara e insofismavelmente as vantagens da criação dos cursos nocturnos, principalmente nas maiores agglomerações urbanas, de preferencia agricolas ou industriaes. De facto os centros geralmente se resentem desta necessidade, porquanto as familias operarias, geralmente desprovidas de recursos pecuniarios, têm que recorrer ao auxilio do trabalho de seus filhos, mesmo quando em idade escolar, razão esta porque as crianças nestes centros, muito cedo deixam a escola diurna, outras não a frequentam para ganhar o pão diario.

Desta forma tornam-se homens sem terem recebido os indispensaveis rudimentos de instrução. Ao atingirem a idade adulta sentem, então, a falta de instrução e o desejo de ainda instruir-se e que só poderão conseguir se existirem escolas nocturnas onde possam estudar. O operario e o agricultor que labutam o dia inteiro, necessitam tambem de muito repouso, razão porque a escola nocturna, na sua organização, deve ser a mais simples possível, observando-se a *economia e o tempo.*

Necessario se torna, portanto, adoptar-se um programma que não comporte estudos superfluos que sirvam somente para prejudicar os objectivos visados. Nestas condições a escola nocturna deve ter um programma pratico, de accordo com as necessidades utilitarias do individuo.

Porisso julga acertada a escolha das materias apontadas para constituirem o programma das ditas escolas. Pelas razões que acaba de expôr a comissão é de parecer que se criem escolas nocturnas onde se fizerem necessarias, porque ellas não só contribuirão efficazmente, mas serão um

meio indispensavel para resolver o importante problema da desanalphabetização do país.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927.

Ass. — *Irmã Bernwarda*, Relatora; — *Hercilio Zimmermann*, Secretario; *Mario Garcia*, Presidente.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

THESE N° 38

Caracteristicos de uma bôa Professora

«A idéa do mestre, disse G. White, encarado como um guia na educação, suggere immediatamente determinadas aptidões exigidas naquelle que deseja bem desempenhar-se dos seus deveres».

Recordo com prazer a professora do primeiro anno da Escola Americana de S. Paulo, em 1907, a quem muito devo nas alegrias colhidas durante o meu magisterio. Sem os artificios da moda actual, era ella moça ainda, loura, olhos azues, estatura baixa, mais sympathica que bonita, aos nossos olhos, não obstante, os seus alumnos dizerem enlevados: «minha professora é linda!» E lindo, realmente, era o seu coração a attrahir os coraçõezinhos ainda implumes daquellas criancinhas, muitas dellas de quatro annos e meio. Ao apparecer a sua figura na porta do pateo corriam alvoroçadas aquellas figurinhas desejosas todas de a abraçar, de lhe passar os braços ao redor da cintura, anciosas por lhe prender as mãos avidas por chegar primeiro. E, então, aquella professora, amada assim, desejava retribuir, distribuindo carinhos para todas e sentia ter apenas dois braços. E aquellas criaturinhas procuravam lhe ser agradaveis e, num ambiente perfeito, não sentiam passar as horas e sem esforço aprendiam a lêr, a escrever e a contar.

É isto porque ella era professora de verdade, dessas que, no dizer de Betts, possuem o devotamento capaz de deixar sua impressão na vida das crianças; e realizava aquelles requisitos que estabelecem a harmonia imprescindivel entre o professor e o alumno: sinceridade, sympathia, padrão de procedimento.» (1).

(1) Segundo C. Oliveira — Preparação dos Professores.

Analysemos rapidamente esses caracteristicos de uma bôa professora.

I — SINCERIDADE

O professor «precisa combinar em si as qualidades de vida e de caracter. Elle precisa encarrar sua personalidade como a fonte de sua influencia e como a medida de sua força. A influencia da personalidade do professor sobre o alumno é de summa importancia, é o contacto da vida com a vida» no dizer de Sheridan.

Resalta dahi que o professor deve ser sincero na sua profissão, amar o seu trabalho, devotar-se á sua missão e possuir aquillo que Itard chamou «o espirito da abnegação do scientista que prepara uma experiencia e espera o que ella lhe revelará».

Um exemplo de inteiro devotamento á instrucção, é a vida do dr. Horace Lane, que se sentindo vocacionado para o magisterio abandonou a brilhante carreira de medico, consagrando-se ao Mackenzie College e prestando á mocidade brasileira serviços inestimaveis. Seus funeraes, em S. Paulo, constituiram uma verdadeira apothéose aos méritos desse educador sincero que mereceu do dr. Herculano de Freitas, no Senado paulista, as seguintes palavras ao comunicar o seu fallecimento: — « Poucos brasileiros terão feito quanto esse americano de origem aqui fez com o maior desprendimento, com a maior modestia e com a mais extraordinaria competencia, não só encaminhando-nos para novos horizontes desconhecidos, quando aqui chegou e iniciou o seu ensino como tambem pode-se assegurar, collaborando pela sua acção moral e até pela sua acção intellectual na organização primitiva e desenvolvimento do ensino publico, que faz a nossa honra e a nossa gloria no Brasil inteiro.»

II — SYMPATHIA

Charles Oliver diz com muita sabedoria: « O professor que desejar obter exito no seu trabalho, precisa penetrar na vida intima da creança. Certo interesse na familia do menino, ás vezes, consegue o que de outra maneira não se poderia alcançar. Um favor prestado á mãe do menino, um serviço, um acto de sympathia, uma refeição com a familia, qualquer destas coisas pode servir de laço poderoso para unir o coração do alumno ao do professor.

O encarar com sympathia as faltas dos alumnos, sem prejuizo da energia e com grande porcentagem de amor, é elemento apreciabilissimo nesta penetração do professor na vida intima do alumno. Ha na nossa experiencia de professora da Escola Americana desta Capital um facto typico: Certa vez procurou-nos um venerando senhor para matricular tres netos seus. Depois de terminados os passos da matricula julgou o bondoso ancião, de seu dever, communicar á Directora que os pequenos matriculados eram meninos insubordinados, já expulsos de todos os collegios da capital.

Assustou-se a Directora com a alarmante confissão e procurou dissuadir áquelle senhor de deixar alliseus netos, numa escola em que só tres moças ensinavam. O ancião chorou e supplicou que experimentassemos fiar com aquelles tres meninos, « seria um grande favor ». Passam-se os dias e, certa vez, houve necessidade de uma palestra com aquelles tres meninos. As palvaras bondosas da Directora repassadas de sympathia e carinho influíram de tal sorte sobre elles que se tornaram os melhores alumnos da escola, sinceros amigos das suas professoras. Teve razão Sheridam quando disse que o professor é « um transformador de conductas ».

III — PADRÃO DO PROCEDIMENTO

Oliver exprime uma grande verdade quando affirma que na esphera moral o professor representa para a creança a illustração concreta do bem e do direito.

O proposito ultimo do professor é « estabelecer modalidades de vida e influir sobre a conducta, » pois ensinar já foi definido como « exercer uma função de guia do aprendizado, regulando o seu processo ». Salienta-se ahí o valor extraordinario das attitudes. O grande Emerson escreveu à sua filha que estava num Internato: importa pouco saber o que tu estudas ahí, mas quero muito saber como são os teus professores.

Temos em nossa passagem pela escola uma viva impressão da personalidade de um professor, Monsieur Caperan, grande «padrão de procedimento» para nós.

Extremamente justo e rigoroso no julgamento das provas todos nós o tinhamos como inflexivel na correcção dos themas.

De uma feita appareceu-nos elle, cabeça baixa, pensativo, ao contrario do seu ar costumado alegre e até barul-

hento. Causou-nos estranheza. Elle explicou: Hoje fiz uma injustiça. Ha tantos annos que lecciono procurando sempre ser justiceiro. Mas elle, o alumno X, merecia . . . Deixou de accentuar um *e*, unico erro de seu thema perfeito como elle o sabe fazer. Corrigi, fiz o accento . . . e dei-lhe nota optima. Elle a merece . . . mas fiz uma injustiça, a primeira nestes longos annos de ensino.

E todos nós ficamos sabendo daquella falta, augmentada pela lente daquelle caracter impolluto.

Ah! Caracteres assim nunca se apagam da memoria de quem teve a ventura de com elles tratar. Betts foi feliz quando externou com segurança esse sentimento, dizendo: Quando retrocedemos em espirito aos nossos dias de escola, afigura-se nos que as impressões que se prendem á nossa memoria não são, principalmente, impressões de cousas ensinadas ou de lições aprendidas, mas impressões da personalidade do professor.

Nós podemos ter esquecido muitas das verdades que nos foram apresentadas e a maior parte das conclusões inferidas, mas o calor e o brilho do traço humano permanecem ainda».

Expostos assim os caracteristicos de uma bõa professora, desejamos, antes de terminar, fazer algumas considerações sobre o «tirocinio» das normalistas que desejam dedicar-se ao magisterio. Pena é que durante esses meses de pratica não tenham ellas uma pessoa habilitada que as guie, orientando-as na difficil arte de ensinar e corrigindo as faltas, que naturalmente apresentarão, nesse inicio de novo trabalho.

Posso dar meu testemunho pessoal do grande valor de uma classe de methodos na formação da pratica das professoras. Após o nosso curso normal no Mackenzie College, fizemos um aprendizado de methodos que nos foi de grande proveito.

Fomos entregues a uma Directora, especialista no trabalho, que nos ministrava lições, criticando as nossas faltas e louvando-nos quando aptas nos mostravamos. Durante um anno, sem remuneração alguma, preparavamos os nossos corações e as nossas intelligencias no ensino primario. De quando em vez uma da turma tomava a direcção de uma classe, sendo observada pelas companheiras e pela solícita Directora.

E o anno corria, cèlere, os nossos animos se robusteciam e iam os pouco a pouco sentindo-nos capazes de enfrentar o grave problema da educação primaria. O segredo do nosso exito futuro estava nesse primeiro anno percorrido com tino e entusiasmo.

Com esta suggestão ao tirocinio das nossas normalistas, concluimos nossas pallidas considerações em derredor dos *Caracteristicos de uma bôa professora.*

Florianopolis, 29 de julho de 1927.

These apresentada pela professora *Josephina Caldeira de Andrada.*

PARECER N° 15

These apresentada pela professora d. Josephina C. de Andrada.

A commissão acceta os principios apresentados na these n° 38, como magnificos conselhos pedagogicos.

Claro é que, tratando-se, no magisteiro, de temperamentos não uniformes, difficil será conseguir-se, principalmente nas nossas escolas ruraes, onde o meio bastante deficiente actua sobre o espirito do mestre, um paralelo entre o espirito infantil ainda embryonario e o espirito do professor intellectualmente preparado, mas bastante contaminado pelos costumes locais.

Acha por isso a commissão que aos professores sejam dirigidas circulares recommendando a abservancia total, não só dos principios, aliás excellentes, mencionados pela autora da these citada como tambem sobre out os predicados indispensaveis a um bom mestre, como sejam: Preparo intellectual e previo das lições que diariamente deve ministrar; imparcialidade, prudencia, tolerancia, sem prejuizo da disciplina; carinho, indicando os meios para os conseguir.

Considerando a conclusão da referida these, que é sem duvida a parte mais importante deste trabalho, approvamos a idéa que expõe de haver junto á Escola Normal um curso modelo para o tirocinio pedagogico das magistrandas.

São estas as suggestões que a commissão tem a honra de apresentar.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. — Ass — *Irmã Eberwarda* — Relatora; — *Hercilio Zimmermann* — Secretario; *Mario Garcia* — Presidente.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

THESE N° 37

Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos?

A' interrogação desta these respondem duas escolas irreconciliaveis, de doutrinas alicerçadas em experiencias e observações scientificas, tendo, ambas, à frente, a defender-lhes as idéas, mestres de renome no mundo da socialogia, da psychologia e da pedagogia.

Pela forma que está redigida a these, ha que indagar, se se trata da formação educacional por meio de educação propriamente dita, tendo por base os modernos ensinamentos da pedagogia ou se se trata de instrucção educadora, o que é assumpto completamente diverso.

Embora Herbart tenha proclamado: "Eu confesso que não concebo uma educação sem instrucção, assim como reciprocamente não conheço nenhuma instrucção que não eduque", mister se faz saber o sentido em que elle toma os vocabulos instrucção e educação e qual seja aquella que impossivel se torna obte-la, sem que, com isso, accarrete, como sequencia logica, a posse de outra.

Porque, quer me parecer, nem Herbart, nem os seus discipulos, podem attribuir, sempre, semelhante effeito educador a toda a instrucção.

Dahi o oppor a duvida que envolve a interrogativa inicial com relação ao sentido por que deve ser tomada a redacção, formação educacional da these, tendo em vista a disparidade das theorias que discutem o assumpto, que encerra, por si só, um vasto e profundo programma da socialogia e pedagogia, porquanto todo o systema de Pedagogia presuppõe um fim de educação e de instrucção.

Onde esse fim? Qual seja elle?

Mais uma vez divergem os mestres no assumpto: Herbart o encontra na "força moral do character"; para Basedow

o fim é «a possibilidade de uma vida altruística, patriótica e feliz»; para Schleirmacher é «a capacidade de vida colectiva.»

Si o mestre escola pesa nos destinos da formação educacional dos povos e se a these é, justamente saber-se qual o valor dessa contribuição formadora, Schleirmacher está com a razão quando attribue a finalidade da educação e da instrução, isto é, de todo o systema pedagogico: «á capacidade de vida colectiva.»

AS DUAS ESCOLAS

O pessimismo de Schopenhauer fe-lo descrever do factor educacional como capaz de regenerar habitos, mudar indoles torcer caracteres. Para elle—é a sua doutrina—assim como todo o objecto da natureza tem as suas qualidades, o homem tem o seu chamado caracter—intelligente, innacto, invariavel que se manifesta em seu caracter empirico, o que vale dizer, em suas acções, e que o homem, pela educação, só se enriquece em conhecimentos, porem não pode ser desviado de sua direcção fundamental.

Foi o que escreveu em seu livro «Sobre a liberdade da vontade». O máo, continua Schopenhauer, o egoista, pela educação se torna, apenas, mais prudente; assim como o arrependimento não significa variação da vontade, se não que delle se usa quando nos convencemos de que o acto realizado não corresponde ao nosso desejo e ás nossas intenções.

Assim tambem os bons se deixarão jámais perverter por maus exemplos e doutrinas más. O caracter, a indole, o Eu interior são productos da hereditariedade, de factores multiplos, tornando-se, por isso, inuteis para os modificar todo o exemplo, todo o systema de instrução ou educação. Tão somente admite que as grandes commoções são capazes de produzir uma mudança completa, fazendo de um homem do mundo um asceta, e cita o exemplo de São Francisco de Assis. E, dominado pela idéa do fatalismo na hereditariedade, adduz varios exemplos para demonstrar o seu poder invencivel. Entre elles, apresenta a analogia de caracter entre Alexandre VI e seu filho Cesar Borgia e a de Nero que, em seus actos de crueldade, muito cedo se manifestou digno filho do cruel Domicio, apezar de ter sido educado por Seneca.

Segundo, portanto, a theoria do philosopho allemão, seja

qual for o systema educacional, este de nada influe na formação dos povos, nos caracteres delles, tendo-se em mente que o ficto, a razão unica dessa educação, é gravar na indole delles, o principio de Schleirmacher: a capacidade de vida colectiva».

Lamarck e Darwin, notadamente este ultimo, dá total importancia as leis de hereditariedade na formação da psyché humana, ou não.

Attribuia-se á hereditariedade um poder absoluto.

Broca e Lombroso, se bem que distanciados em épocas, pensaram da mesma forma. Ibsen nos Espectros, Zola na Bete humaine, imbuídos dessas doutrinas, descrevem, descendo a detalhes impressionantes, como o que herdamos de nossos paes, actua em nós.

E' demasiadamente conhecido e exemplo celebre apontado por H. Ellis, no seu O Criminoso: — Entre os descendentes de um alcoolatra hollandez chamado Juke, nascido em 1750 e que levou uma vida pouco civilizada em uma região penhascosa e deserta dos Estados Unidos, se poude estudar até 709 pessoas em cinco gerações successivas, e dessas 709, vivam da caridade publica 180, 79 eram criminosos e 52/4 por 100 das mulheres (portanto mais de metade, seu numero attingia a 170), viviam da prostituição.

Guyou, na obra Educação e hereditariedade, apresenta cifras desanimadoras e cita numerosos casos descendentes de povos primitivos que haviam sido, muito jovens, levados ao seio da civilização europêa, e nella educados segundo as exigencias da cultura dessa época, tornaram-se, não obstante tudo isso, a acceitar a sua antiga vida selvagem, mal tinham occasião de voltar á patria.

Claro está que, seguindo-se esta escola, nullo se torna o valor do mestre escola na formação educacional dos povos.

Vejamos a adversa:

Velha é a idéa que se creou em favor da educação, na formação e do caracter do sêr humano.

A antiguidade classica, affirma, em sua Pedagogia, Barth, depositava uma grande confiança na educação.

Já desde Socrates, ensina elle, se tinha uma concepção muito elevada na verdadeira educação ou seja a formação da vontade.

Assim é que, para o philosopho grego, tudo era susceptivel de ser apprendido, até mesmo a Virtude. Platão, seguindo as pegadas do Mestre, concedia á educação um grande

poder, e doutrina: « Quem conhece o bem o pratica, quem não o faz è porque, naturalmente não o conhece, visto como, não tem idèa exacta do bem e do mal. » E, embora o discípulo de Socrates, em A Republica, reconheça o poderoso influxo da hereditariedade, distinguindo naturezas nobres das que não o são, de modo algum diz que a educação nada consiga das naturezas innobres, parecendo, tão somente, temer que ellas não alcancem o grau de moralidade e formação espiritual que constituem o nivel normal das outras classes sociaes. Aristoteles proclama: « O legislador tem que se occupar, de preferencia, com a educação da juventude. »

Os judeus tambem davam á educação de seus filhos muita importancia, não obstante erroneo ser o meio empregado para tal lhes inculcar. A educação Judaica era demasiadamente severa, baseada em castigos corporaes. Na lei antiga desse povo, varias são as citações recommendando a doutrina rigorosa que usavam: « Quem ama seu filho o tem debaixo de sua vara, porque, mais tarde, experimentarà alegria, » le-se nos escriptos da época.

Em toda a Edade Média se considerou como illimitado o poder da educação, apesar do dogma religioso do peccado original.

A theoria completa da educação está baseada nesta phrase: « O temor de Deus é o principio da sabedoria. » A Pedagogia do Renascimento reproduz, em essencia, o criterio da antiguidade classica.

Campanella, em sua Cidade do Sòl, concede novamente tanto valor á educação como Platão em sua Republica. Um dos tres poderosos ministros daquelle Estado ideal era o de Instrucção, e os muros da cidade estavam pintados com figuras instructivas e cobertas de notas scientificas para a diffusão do ensino.

A crença no poder da educação chega ao maximo nos seculos XVII e XVIII, nos quaes se preparou e triumphou a « epoca das luzes. »

Kant disse: « O homem só poderá chegar a ser homem pela educação ». Elle não é mais nem menos se não o que educação o fez. »

Locke escreveu: « Quasi me atrevo a affirmar que por dez homens que encontramos, nove, pelo menos— sejam bons ou maús, uteis ou prejudiciaes á sociedade—o são pela educação que receberam ».

Modernamente, nos estudos e observações sabiamente collidos e analysados, mais e mais se acentua a convicção de Socrates, Platão, Aristoteles, Leibniz e Kant viram as cousas mais profundamente do que Schopenhauer, Zola e Ibsen.

O proprio Darwin observou, na Ilha dos Galápagos, animaes que viviam em ilhas não habitadas pelo homem e que por isso, não tinham nenhum medo delle, mas que, adquiriam esse temor rapidamente, desde que vissem entre elles e que tal temor transmittia-se, como instincto, a seus descendentes. Ora, nada parece ser mais arraigado, mais solido, do que o instincto—que é a acção fundamental na vida dos animaes, obtida, herdada atravez innumeradas gerações e que formam para elles o elemento indispensavel na lucta pela existencia.

Não ha character, tudo o indica, normal, que possua elementos hereditarios e atavicos que possa ser comparado á força dominadora do instincto dos seres irracionaes. No entanto, os instinctos selvagens se perdem tambem pela domesticação, depois de algumas gerações.

Não ha animal que se não domestique.

A infalibilidade da hereditariedade em que se assenta a escola contraria—a primeira que rapidamente estudamos—é posta em duvida por A. Odin, em seu livro *Genese des grands hommes*, dado á publicidade em 1895, em Pariz.

Esse escriptor crê que pode sustentar, sob a base de uma ampla investigação—(havia estudado a procedencia e educação de 6348 literatos franceses que viveram em terras de França de 1300 a 1830)—de que não ha hereditariedade; mais sim a educação è a regra, se não para dar a origem do talento ao menos para o seu desenvolvimento.

De que a vontade se domina, se amolda á determinação de outra vontade, ahi estão, conhecidos hoje em demasia, os estudos de suggestão. A physiologia, desde as observações e applicações de Braid em 1841, é o maior argumento contra o fatalismo da hereditariedade.

Os exemplos são innumerados. Os trabalhos de Voisin na Salpêtriére e os Liébaut, em Nancy, robustecem a certeza da fallibilidade da hereditariedade para o effeito de nullificar a acção da educação nos varios moldes dictados pelos principios da pedagogia moderna.

Assim como a suggestão domina e torce, paciente e dominadora mente, a vontade do suggestionado, assim tambem,

o educador moderno, pela suggestão dos varios periodos ensinados na pedagogia moderna, modifica e transforma a indole do educando, sobre isso, tem-se obtido verdadeiras maravilhas. Cita-se, entre mil o conhecido caso do neto Luiz XIV — o duque de Borgonha que, quando menino, era furioso, cruel, ironico, egoista e depreciador da humanidade, e, devido a seus educadores, o duque de Bonvilliers, o bispo Fenélon e o abbade Fleury — transformou-se por completo. Aos dezoto annos tornara-se um ser sociavel, amavel, humano, moderado e paciente, e não raras vezes, mais humilde do que a sua condicção social permittia.

Tudo nos leva a crer que, máo grado os ensinamentos em contrario, o homem é um ser em demasia facil de se tornar adaptavel a ensinamentos racionaes e elevados, capazes de, modificando-lhe a indole, torcendo-lhe as inclinações más, faze-lo apto a formar uma sociedade que tenha por base os principios altruisticos e superiores que devem ser a regra e finalidade dos povos modernos.

CONCLUSÃO

Provado, assim, a possibilidade da formação de caracteres, de indoles, por meio da educação, vê-se o quanto de grandioso e de sublime mesmo é o valor do mestre escola na formação educacional dos povos.

Barth, a quem viemos sempre seguindo, doutrina: «A educação é a propagação espiritual da sociedade», mas, para tal se conseguir, é necessario que o mestre escola esteja na altura de sua nobre missão.

A sociedade spartana não se propagou pelo facto dos meninos em Sparta terem nascido, mas porque esses meninos foram educados segundo o espirito e a conducta de seus predecessores. Tudo depende, portanto, do preparo da intelligencia, do espirito e da conducta do mestre escola. Já Erasmo affirmava: «A natureza ao dar-te um filho, não te dá outra cousa se não uma massa tosca. De ti depende dar melhor forma a essa materia flexivel e maleavel. Si a abandonar produzes uma besta; mas se fores cuidadoso, produzirás, por assim dizer, um deus.»

Não ha um mez que esse apostolo da Sciencia e do Bem, o grande brasileiro Professor Miguel Couto, em uma conferencia brilhante e erudita feita na Associação Brasileira de Educação, affirmou altiva e praticallymente que: «No Bra-

sil só ha un. problema nacional—A educação do povo. «Narrou como ha pouco menos de cincoenta annos o povo japonéz em «pleno regimen feudal, sob o governo nominativo de um mikado, mas realmente subdividido desde a usurpação shogunal do XII seculo em castas e seitas, dos danyos, dos sumarais, dos clans, dos Kuges, em continuas e ferozes luctas de hegemonia e de esterminio» se transformou no que hoje é, num dos povos mais cultos do universo, numa das mais poderosas nações do mundo, pelo milagre unico da disseminação do ensino da propagação da educação. Mutuahito publicando em seu primeiro manifesto a phrase: «Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeioar os vossos dotes moraes,» aconselhava e indicava a seu povo o caminho da felicidade.

E. indaga Miguel Couto: «Ora, se com o successo feliz que assombrou o mundo, o Japão imitou a Alemanha, exemplario das virtudes da cultura em todos os departamentos do saber humano, porque não seguirmos nós o modelo do grande Imperio do Sól Levante?»

«Pelo milagre da cultura do povo, só e só» deve-se, diz ainda o insigae professor, o soerguimento da nação japoneza.

Entre nós penso que, com honrosas excepções, para obtermos os resultados beneficos que advem do milagre da educação do povo, deve-se antes de tudo, multiplicar escolas em todo o territorio nacional onde se formem, se eduquem, se aparelhem mestres—escolas aptos para formarem a nossa sociedade de amanhã, podendo assim elles, em verdade, possuir o valor que lhes faz mister, para dirigirem a formação educacional dos povos.

Palhoça, 20 de julho de 1927.—Ass—Albino Sá Filho,

PARECERN.º 16

Estudando a these n.º 37 apresentada pelo dr. Albino Sá Filho, sobre—Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos—damos o seguinte parecer:

PARECER

Considerando as esclarecidas idéas sobre o vocabulo educacional e o profundo estudo e considerações sobre as

duas escolas e seus emulos, das quaes uma refuta e a outra, demonstra as vantagens da educação. julgamos que a conclusão tirada torna bem patente o valor do mestre escola na formação educacional dos povos, visto ser elle o agente primordial na phase propria á preparação da indole dos factores componentes da sociedade futura.

São essas as conclusões a que nos referimos:

«Provada, assim, a possibilidade da formação de caracteres, de indoles, por meio da educação, vê-se quanto de grandioso e de sublime mesmo, è o valor do mestre escola na formação educacional dos povos.

Barth, a quem viemos sempre seguindo, doutrina: «A educação è a propagação espiritual da sociedade», mas, para tal se conseguir, è necessario que o mestre escola esteja na altura de sua nobre missão. A sociedade Spartana não se propagou pelo facto dos meninos em Sparta terem nascido, mas porque estes meninos foram educados segundo o espirito e a conducta de seus predecessores.

Tudo depende, portanto, do preparo, da intelligencia, do espirito e da conducta do mestre escola.

Já Erasmo affirmava: «A natureza ao dar-te um filho, não te dà outra cousa senão uma massa tosca. De ti depende dar melhor forma a essa materia flexivel e maleavel. Si a abandonas produzes uma besta; mas se fores cuidadoso, produzirás por assim dizer, um deus».

Não ha um mês que esse apostolo da sciencia e do bem o grande brasileiro Professor Miguel Couto, em uma Conferencia brilhante e erudita feita na Associação Brasileira de Educação, affirmou activa e patrioticamente que: «No Brasil só ha um problema nacional — A educação do povo. «Narrou como ha pouco menos de 50 annos o povo japonês em pleno regimen feudal, sob o governo nominativo de um mikado, mas realmente subdividido desde a usurpação shogunal do XII seculo, em castas e seitas dos damyos, dos sunarais, dos clans, dos Kuges, em continuas e ferozes luctas de hegemonia e de esterminio» se transformou no que hoje é, um dos povos mais cultos do Universo, uma das mais poderosas nações do mundo pelo milagre unico da disseminação do ensino, da propagação da educação. Matusahito publicando em seu primeiro manifesto a phrase: «Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeicoar os vossos dotes moraes», aconselhava e indicava a seu povo o caminho da felicidade.

E, indaga Miguel Couto « Ora, se com o successo feliz que assombrou o mundo, o Japão imitou a Alemanha, exemplario das virtudes da cultura em todos os departamentos do saber humano, porque não seguirmos nós o modelo do grande Imperio do Sol Levante? »

« Pelo milagre da cultura do povo, só e só « deve-se, diz ainda o insigne professor, o soerguimento da nação Japoneza.

Entre nós penso que, com honrosas excepções, para obtermos os resultados beneficos que advem do milagre da educação do povo, deve-se antes de tudo, multiplicar escolas em todo o territorio Nacional, onde se formem, se eduquem, se apparelhem mestres escolas aptos para formarem a nossa sociedade de amanhã, podendo assim elles, em verdade possuir o valor que lhes faz mister, para dirigirem a formação educacional dos povos. »

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. — Ass. — *Irmã Bernwarda* — Relatora; *Hercilio Zimmermann* — Secretario; — *Mario Garcia* — Presidente.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

THESE N.º 6

O ensino de portugûes nos Grupos e nas Escolas Complementares. Esbôço de um programma.

«Na lingua reside a nacionalidade.»

Eça de Queiros.

«Sim, recebe-o, guarda-o
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portugûes na terra.»

Almeida Garrett.

Professora de portugûes da Escola Complementar annexa ao Grupo Escolar Lauro Müller e do Instituto Commercial de Florianopolis, tenho sentido o desamor que se vota ao ensino da lingua materna.

Extingui-lo eu quisera, e dos seus escombros fazer surgir o desejo de conhecê-la, o orgulho de sabê-la manejar na

penna e na palavra — como um genuíno attestado de patriotismo e de cultura.

Por isso, concomitantemente, hei observado os programmas que orientam o ensino da lingua e, particularizando as minhas observações, estudado o do Grupo e o da Escola Complementar. E' que, muita vez, da má orientação que se dá ao ensino desde os primeiros annos escolares do educando, dos programmas congestionados e sem encadeamento—surge o seu desgosto em estudar matéria tão árida, como seja o portuguez, e vae perdendo o enthusiasmo, a curiosidade de desvendar-lhe os encantos, as multiplas surpresas, e, direi mesmo, de sentir-lhe, maravilhado e orgulhoso, —e eu lembro o aforisma de Affonso Lopes Vieira—a extensão inalcançavel.

Recebendo, todos os annos, novas turmas de alumnos diplomados pelos Grupos Escolares, não lhes verifiquei ainda o preparo que devo exigir dos primeirannistas da Complementar, ao iniciarem o curso. Estudando e observando, concluí que ha flagrante falta de concatenação entre o programma do 4º anno preliminar e o 1º complementar.

Para confronto, ei-los na integra:

4º. Anno

A — Leitura e linguagem oral

- 1 — Leitura corrente e expressiva.
- 2 — Estudo completo da significação das palavras da lição; sentido real e figurado; synonymos, antonymos, homonymos; palavras de significação análoga.
- 3 — Reducção de verso a prosa.
- 4 — Estudo dos signaes de pontuação para os efeitos da leitura.
- 5 — Exercícios de declamação.

Grammatica

- 1 — Estudo elementar completo das categorias grammaticaes.
- 2 — Divisão do periodo em orações. Noções summarias sobre a classificação das orações.
- 3 — Conhecimento elementar completo do sujeito, predicado e complementos.
- 4 — Applicação dos conhecimentos da analyse syntá-

ctica no ensino elementar da concordância, regência e collocação.

- 5 — Estudo elementar da pontuação.

C — Linguagem escripta

- 1 — Dictados.
- 2 — Exercícios de analyse grammatical e logica.
- 3 — Exercício de correcção de sentenças e palavras erradas.
- 4 — Reprodução de assumptos desenvolvidos pelo professor.
- 5 — Reprodução de assumptos de outras aulas.
- 6 — Redacção de cartas e officios, requerimentos, recibos e procurações.
- 7 — Reducção de verso a prosa.

1º Anno

(Doutrina)

Palavra — Syllaba — Monosyllabo, disyllabo, trisyllabo, polysyllabo.

Letra e phonema.

Vogaes e consoantes. Vogal oral, nasal.

Distinctivos da vogal. Consoante, seus distinctivos.

Grupos vocálicos, Ditongos, tritongos, semiditongos, monotongos, hiatos.

Grupos consonantae. Letras dobradas, digrammas.

Sons proprios e accidental do s; sons do x; sons brando e forte do r, do g e do c.

Consoantes sonoras e insonoras.

Accento tonico, accents gráphicos. Syllaba tónica átona. Oxytonas paroxytonas, proparoxytonas. Regra pratica do agudo e do circumflexo. Synthèse da materia exposta: phonologia, suas divisões (phonética, prosódia, — orthographia.)

Conhecimento os substantivo, adjectivo, pronome e verbo.

Flexões do substantivo, adjectivo e pronome.

Divisão do substantivo: appellativo, proprio, simples, composto e collectivo.

Divisão do adjectivo: qualificativo, determinativo.

Subdivisão do adjectivo: restrictivo, explicativo; demons-

trativo, conjunctivo, interrogativo, possessivo, quantitativo, indefinido, articular.

Divisão do pronome: pessoal, adjectivo.

Subdivisão do pronome: recto, obliquo, demonstrativo, conjunctivo, interrogativo, indefinido, etc.

Ligeiro conhecimento do sujeito e do predicado.

Verbo: conjugação, themas e flexões verbaes, modos finitos, infinitos; tempos primitivos, tempos derivados, tempos simples, tempos compostos.

Divisão e minucioso estudo dos verbos quanto á conjugação: regulares, irregulares, auxiliares, defectivos (pessoaes, impessoaes, unipessoaes).

Divisão dos verbos quanto o sujeito: activos, passivos, reflexivos (pronominaes, accidentaes, essenciaes, reciprocos) e neutros.

Divisão dos verbos quanto á significação: augmentativos, diminutivos, imitativos e frequentativos.

Synthese da matéria exposta: taxionomia, flexionismo, categorias flexivas.

Prefixos.

Suffixos dos diminutivos, dos augmentativos, do plural, dos participios, thema dos diminutivos, dos superlativos, dos pluraes, etc.

Vocabulos primitivos e vocabulos derivados; compostos por juxtaposição, por prefixação, por agglutinação; derivados próprios e derivados improprios.

Synthese da materia exposta: morphologia.

Emprego da maiúscula. Regra pratica para a formação do plural dos diminutivos. Ensaio sobre o plural dos nomes de tónica fechada.

Divisão da grammática: lexiologia e syntaxe: Subdivisão da lexiologia; phonologia, morphologia, taxionomia.

Linguagem: fallada, escripta, mimica.

Lingua: viva, morta, extincta.

Pratica

Leitura expressiva e explicação, pelos alumnos, de um trecho lido; synonymia dos termos occorrentes; dictados.

Exposições e descrições faceis.

Analyse lexiologica das categorias variaveis.

Ficou provado que o alumno que cursa o 4º anno do Grupo deve sair com o conhecimento de analyse léxica e ló-

gica, syntaxe de concordância, regência e collocação, elementos de pontuação, redacção desenvolvida e leitura corrente. Ora, como em 50 % dos novos alumnos matriculados todos os annos no 1º anno Complementar, noto entre outras deficiências:

a) leitura má.

b) orthographia indesejavel.

c) redacção difficultosa.

d) confusão entre as mais faceis categorias grammaticaes, chego a ilação de que o programma dos Grupos deve soffrer subtracções na parte grammatical, para mais suavemente ficar ligado ao do curso que se lhe segue. Só na parte grammatical ? Sim, pois a linguagem oral e a linguagem escripta carecem mesmo do desenvolvimento que o programma exige e o professor, livre da obrigação de encher o espirito do alumno de um excesso de doutrina, verá, com prazer, sobrar-lhe o tempo para, mais amplamente, mais efficientemente, cuidar da leitura e da escripta. Os resultados ? Os conhecimentos grammaticaes serão mais sólidos, a redacção e a leitura mais bem desenvolvidas, mais claras, mais seguras.

Reflectindo da forma que acabo de expôr, tive o arrôjo de traçar o esbôço de um programma de português para as varias classes do Grupo, deixando, porém, inalteradas as partes atinentes a linguagem oral e á linguagem escripta, por achá-las imprescindiveis, perfeitas e viaveis.

Ei-los:

1.º Anno

Com autoridade, será discutida, por vários educadores, a these que versa sobre o método analytico na leitura, de que sou apologista, e, por isso, em silêncio, aguardo a palavra illustre dos meus collegas.

2.º Anno.

Noção clara e prática de phrase, palavra e syllaba.

Vários grupos de palavras:

a) monosyllabas, disyllabas, trisyllabas e polysyllabas (quanto ao numero de syllabas.)

b) oxytonas, paroxytonas e proparoxytonas (quanto á accentuação tónica).

c) synonymas antonymas paronymas e homonymas (quanto á fôrma e á idéa).

Relação das categorias grammaticaes variaveis e invariaveis.

Conhecimento pratico do substantivo e do adjectivo. Estudo das flexões. Formação do feminino e do plural. Exercícios sobre o grau dos substantivos e dos adjectivos qualificativos.

Regra geral da concordancia do adjectivo com o substantivo.

3º Anno

Revisão do programma do anno anterior.

Noções mais desenvolvidas sôbre o substantivo e o adjectivo.

Conhecimento do pronome e do verbo e das suas variações. Exercícios sobre as flexões das quatro categorias flexivas, confrontando-as e estudando-lhes as analogias e diversidades.

Noções de periodo e oração. Conhecimento do sujeito, predicado e complemento. Regra geral da concordância do verbo com o sujeito.

Conjugação dos verbos auxiliares, regulares, irregulares. Estudo dos verbos defectivos. Verbos quanto ao sujeito e quanto ao complemento.

4º. anno

Revisão dos programmas anteriores. Estudo mais desenvolvimento do substantivo, adjectivo, pronome e verbo. Advérbio. Conhecimento práctico baseado na ligação que esta categoria tiver com o adjectivo, verbo ou outro advérbio. Divisão do advérbio quanto á forma e significação.

Preposição. Conhecimento pratico das preposições, isto é, indicação das duas palavras por ellas ligadas e da especie de relação por ellas estabelecidas.

Conjunção. Conjunções coordenativas e subordinativas. Orações ligadas por coordenação e por subordinação.

Interjeição. Acompanham o actual programma do segundo anno as seguintes notas: a) Nos meios onde a maioria dos alumnos não conhecer correntemente o vernáculo, antes da leitura, o professor poderá dar uma explicação do assumpto que vai ser lido.

b) Nestas noções de grammática deve o professor abster-se de definições e regras. Deve empregar, quanto possível, o methodo socrático, pois os alumnos, em geral, já fa-

lam com alguma correção, isto é, conhecem praticamente muitas regras grammaticaes. E' preciso que o professor, desse conhecimento empírico do alumno, vá fazendo, sem violência germinar os factos da linguagem que estiverem ao alcance da intelligencia infantil. Estou perfeitamente de accordo com ambas e quanto ao conselho exarado na primeira, direi mais: será utilissimo que o professor, em qualquer meio, em todas as classes do grupo, faça uma rapida e accessivel explicação antes de os alumnos começarem de fazer, nos seus cadernos, as cartas, as descrições, as composições.

Quando eu era alumna do grupo, usada era então a excellente serie de cadernos para linguagem, com estampas, de autoria do laborioso e illustre professor Arnaldo Barreto. As gravuras correspondiam á situação intellectual dos alumnos e iam apresentando difficuldades á medida que estes se robusteciam mentalmente. Penso que seria de óptimo effeito a repetição do seu uso. Falo por experiencia própria: é a professora que se lembra de como a alumna que já foi, amava as lindas e ensinadoras figurinhas que devia descrever.

Quanto ao modo de correção dos trabalhos escriptos

Acho que o professor não pode nem deve restringir-se á correção individual sem commentarios. Parece-me a mim plausivel que, feita a correção de todos os trabalhos, deve o professor fazer a critica dos mesmos em plena aula, visando o aproveitamento colectivo (sem declarar nomes, está claro, a fim de não ferir susceptibilidades.)

Tomará, por exemplo, um caderno qualquer. O professor percebe o seguinte erro de concordância. *E os bons meninos obedecer a seus paes.* Mandará escrever a phrase errada no quadro negro e provocará a sua correção. Acho tão digno da attenção do professorado, tão importante o problema da correção dos trabalhos escriptos, que me daria por muito satisfeita se merecesse elle uma troca de idéas, para proveito mais completo e animador.

O programma do 3º. anno faz-se acompanhar da seguinte nota:

As lições devem ser acompanhadas de abundantes exercicios, para os quaes se servirão de trechos do livro de leitura.

Para todos os annos do curso do Grupo e da escola Complementar, porem, ella deve valer.

Theoria sem prática, regra sem exemplo, lição sem ser exercitada—tudo é insignificante, desvalioso e incompleto.

Proponho tambem que se mantenha a nota que acompanha a parte B (grammática) do programma do 4º anno:

Neste anno, é adoptado compêndio. Assim como a criança ao entrar para a escola, se procura dar aos métodos do ensino um cunho todo familiar, para estabelecer a transição entre o aprendizado suave e espontâneo do lar e as lições systematizadas das escolas, assim tambem é preciso estabelecer a ligação entre a escola e a vida prática, entre o aprendizado com o professor e o aprendizado com o esforço individual.

E' preciso que já na escola o alumno aprenda a aprender pelo livro.

O compêndio é o traço de união entre a escola e a vida prática. O compêndio servirá ao alumno para recordação e aprofundamento da matéria estudada, e para o exercitar no estudo por meio do livro.

Note-se, porém, que ao professor é vedado mandar o alumno decorar páginas do compêndio. Delle devem ser aprendidas de cór somente as definições mais importantes. Nem o professor deve usar do compêndio sem prévia explicação do ponto e sem que os alumnos tenham summariamente apprendido a materia.

Devendo o compêndio ser um guia do alumno depois que este já não contar com a ajuda do professor, cumpre que esteja sempre á mão, para que, em frequentes consultas, fique patente como por meio do livro, podem resolver-se os varios casos occorrentes.

Deve fazer-se com o compendio o mesmo que se faz com o dictionário, com cujo manejo devem tambem os alumnos habituar-se.

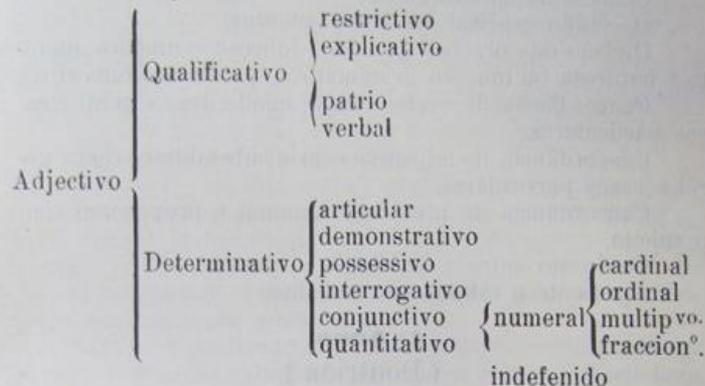
De facto, será bom que o alumno do 4º. anno já se acostume a manusear o compêndio e o dictionário.

Esta nota existe desde 1920 e, no entanto, outro dia ainda me suprehenderam algumas complementaristas com a declaração de que não sabiam usar do léxico!

O uso da grammatica é importante, para o alumno que attinge o ultimo anno do curso primário — mas só exclusivamente para consulta. Como se deve então ministrar o en-

sinamento grammatical? Dictando pontos ao alumno para que sejam, ás mais das vezes, unicamente decorados?

Eu apóio, o ensino e prégio o methodo dos quadros synopticos. Elles são como que alma, a essência, o centro da lição. As explicações lhes geram em tórno. Um exemplo: a divisão do adjectivo.



Depois de as definições serem claramente explicadas, virá a exemplificação abundante. E' bom o professor tenha sempre presente o seguinte principio: «O caminho longo pela regra é breve e efficaz pelo exemplo.» E, finalmente, tanto para o discipulo do Grupo, como para o da Escola Complementar, as lições serão exercitadas e assimiladas nas páginas do próprio livro de leitura—a linguagem viva, cujos factos a grammática acabou de expôr.

Parece-me a mim tambem que o programma do 1º anno e do 2º anno do curso complementar precisa de que se lhe façam algumas alterações. O do 1º anno, já o citei, para o confrontar com o do ultimo anno do Grupo, e cito agora, excluido da sua pratica, que é boa, o do 2.º anno.

(Doutrina)

- Sujeito, predicado, complemento.
- Periodo simples e periodo composto (conhecimento pratico).
- Preposição, conjunção e advérbio.

Estudo comparativo de suas funções.

Conjunções coordenativas e conjunções subordinativas.

Divisão dos verbos quanto ao complemento.

Coordenação e subordinação

Oração principal e orações secundarias.

Signaes de subordinação.

O estudo especial dos complementos.

Divisão das orações quanto á funcção syntactica, quanto a natureza ou funcção grammatical, quanto ao connectivo.

Concordância do verbo com o sujeito: regra geral e casos particulares.

Concordância do adjectivo com o substantivo: regra geral e casos particulares.

Concordância do predicado nominal e pronominal com o sujeito.

Confronto entre a lexiologia e syntaxe.

Apresento o esboço que trabalhei:

1.º Anno

(Doutrina)

Grammática. Definição e divisão. Linguagem e lingua. Palavra e phrase. Phonética. Letra e phonema. Vogaes e consoantes, seus distinctivos. Grupos vocálicos e grupos consonantae. Letras dobradas, digrammas. Consoantês sonoras e insonoras. Sons proprio e accidental do s; sons do x; sons brando e forte do r, do g, e do c.

Prósodia. Accento tonico. Estudo da syllaba. Vocabulos quanto ao numero de syllabas e accentuação tónica. Principaes figuras de metaplasma. Orthographia. Accentos gráphicos. Ensinaimentos práticos das principaes regras orthográphicas. Emprego dos accentos agudo e circumflexo. Emprego da maiúscula.

Taxeonomia. Conhecimento amplo das categorias grammaticae, flexivas e inflexivas.

Outras categorias de palavras.

(Pratica)

Descripções e cartas. Ligeiros exercicios de analyse syntactica.

Analyse phonologica e lexica. Ditados. Leitura, larga synonymia, reproducção oral e escripta das lições da Selecta.

Reducção de verso a prosa.

2.º Anno

(Doutrina)

Etymologia. Prefixo. Suffixos dos diminutivos, dos augmentativos, do plural, dos participios. Thema. Vocábulos primitivos e vocábulos derivados; compostos por prefixação, por juxtaposição, por agglutinação; derivados próprios e derivados improprios.

Syntaxe.

Periodo simples, periodo composto, periodo complexo.

Orações principaes, orações secundarias.

Coordenação e subordinação.

Termos da oração: sujeito, predicado e complemento.

Divisão das orações quanto á especie, quanto aos membros, quanto ás funções lexica e syntactica, quanto ao connectivo.

Concordância, regencia e collocação (excepto á collocação dos pronomes obliquos).

NOTA—Para tornar mais interessante, divertida e transparente a analyse syntáctica (em verso e prosa), seria bom que o professor combinasse com o methodo geralmente usado o methodo por diagramma, divulgado no Brasil pelo professor Othoniel Motta.

Penso, sem vaidade, que dará excellentes resultados a fiel execução dos programmas que traçei: visam a suave transição do curso primário para o complementar, relativamente ao conhecimento do vernáculo.

Cumpre que se dê o maior desenvolvimento á parte de redacção, de sorte que, ao penetrar o alumno os humbraes da Escola Normal (e é ahí, a meu ver, depois de solidificado em seu espirito o amor ao idioma e, principalmente mais tarde, no estudo de gabinete, se lhe sobrar tempo e gôsto, que elle deve defrontar as difficuldades grammaticae) esteja em condições de redigir linhas correctas e ame a sã e pura vernaculidade.

Necessário, pois, se torna que se supprimam as fontes que deturpam o interêsse pelo estudo da lingua, desvalorizando-a a muitos olhos. Sim, pois certos professores das demais disciplinas não dão importância aos erros commetidos contra a boa linguagem nas sabbatinas e nos exames e muitos livros didácticos estão eivados de incorrecções e deslizes grammaticae.

Glória, pois, e sempre, ao «rude e doloroso idioma» e podemos cantar com o «mago da palavra de ouro».

«Em que da voz materna ouvi; «meu filho!»
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O genio sem ventura e o amor sem brilho.»

These apresentada pela professora Maura de Senna Pereira.

Florianopolis, julho de 1927.

PARECER N.º 17

A Comissão conscienciosamente, fez o estudo do trabalho intitulado « O Ensino de Português nos grupos e nas Escolas Complementares — Esboço de um programma » — e da autoria da prof. Maura de Senna Pereira, que o apresentou à Conferencia E. de E. Synthetizando as impressões e observações, a Comissão conclue que:

a) O titulo da these corresponde exactamente á explanação e desenvolvimento dado á mesma;

b) introdução e exposição de motivos, além de revelar o plano pedagogio da expositora, mostra que ella maneja a lingua com explicita facilidade, não sendo daquella casta de grammaticos que « sò escrevem com penna de chumbo em papel borrador »;

c) razão assiste, e muitissima, á proponente da these, quando accusa o programma de Português, em vigor nos grupos escolares, de theorico em excesso e grammaticalista sobre — posse, visto como a parte pratica da materia, os exercicios frequentes de linguagem, as correções de fala e escripta, deveriam ser ali os preferidos e de maior relevô, dando-se aos pequeninos aprendizes do idioma antes a parte dinamica do que a parte estatica, ou, por outros termos, ministrando-se-lhes mais os factos do que as regras e theorias da materia;

d) outro tanto se verifica do programma das Escolas Complementares, onde a autora da these propõe maior desenvolvimento ao capitulo das redacções, «de sorte que, ao penetrar o alumno os humbraes da Escola Normal, esteja em condições de redigir linhas correctas», e não de a impressão de que mais não conhece além do seu mau dialecto familiar;

e) sem embargo dos solidos conhecimentos da apre-

sentante da these, deve ser repellido o processo, por digramma, da analyse syntactica, por ter elle o inconveniente de oferecer duas difficuldades ao alumno: uma — a da analyse; outra — a de traçar o digramma, que se torna complicado quando se trata de periodos extensos, facto esse que o professor Othoniel Motta, vulgarizador no Brasil, de tal methodo, deixa patente, embora sem o querer, aos olhos de quem examinar o seu livro «Lições de Português»;

f) reconhecendo, sem favor, as vantagens dos esboços de programmas, propostos para substituirem os actuaes dos Grupos e Escolas Complementares, deve ainda ser cortada, nos ditos esboços, a parte referente ao 4.º anno dos Grupos, e que trata de Conjuncções coordenativas e subordinativas, orações ligadas por coordenação e subordinação, por esse ponto de estreita ligação com a provincia syntactica da Regencia, inacessivel ao espirito menos preparado dos discentes dos Grupos Escolares;

g) pelos mesmos motivos da letra precedente, seria util eliminar, ibidem, o estudo da preposição;

h) os altos dotes espirituaes da illustre proponente impressionaram os encarregados de dar parecer sobre a these n. 6, os quaes protestam a sua admiração pelo brilhante trabalho que a mesma these encerra.

Florianopolis, 6 de agosto de 1927.

Ass. — *Raja Gabaglia*. — *Barreiros Filho*. — *P. F. X. Zartmann*. — *Marcilio Dias de Santiago*.

NOTA — Este parecer foi approvedo sem debates.

THESE N.º 46

Excellentissimos Senhores Presidente e mais
dignos Membros da Conferencia Estadual
de Ensino Primario.

FLORIANOPOLIS.

Por pouco tempo, muito pouco, tomarei a preciosa attenção dessa illustre Conferencia: O meu precario estado de saúde, consoante prescripções medicas, não me permite trabalhar. Esta memoria já é um grande esforço.

Ademais, tratando com essa Conferência, composta, na sua maioria, de dedicados e competentes technicos, será ocioso alongar-me em assumpto da natureza a que se refere este trabalho.

Basta como estou certo, a idéa, afim de que sua scintilla ellucide o meu pensamento perante vós, e, dahi, as vossas conclusões que receberei com honra e acatamento.

Sexta these: — «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo nas escolas do Estado, em particular, e no Paiz, em geral? De que fórma?»

Para tratar desta These, que se me afigura adstritca á 12.^a «Como deve o Estado encarar o ensino profissional», usarei de louça estranha ao nosso paiz, porque demasiadamente parca é a baixella domestica.

O introito que vos acabo de fazer exige uma analyse retrospectiva do que observei e realizei no decurso de 37 annos de magisterio, na parte referente ao ensino de trabalhos manuaes.

Analyse Retrospectiva

1890 — 1927

Desde que me vi, pela primeira vez, no salão das aulas de desenho e trabalhos manuaes da Escola Normal de São Paulo, tomei-me de indiscriptivel antipathia ao ensino de taes materias, ambas dirigidas e regidas, n'aquella epocha, por bachareis em direito.

Ainda hoje, decorridos 38 annos, me recordo do ensino de desenho e trabalhos manuaes, por mim recebido na Escola Normal de São Paulo. Aulas sem nenhum senso pratico, sem nenhuma finalidade immediata ao ensino primario—segundo preceitos que já, então, recebiamos no desdobramento de boas lições de pedagogia.

De 1887 a 1889, a frequencia da Escola Normal (e isto tem muito valor para provar o que desejo) era a mais selecta possivel, quanto á idoneidade de seus numerosos alumnos.

Sò no 1.^o anno existiam 217 alumnos, dos quaes 104

homens e 113 senhoras, sendo eu o Benjamin da turma, com 16 annos.

Afim de o mais possivel resaltar este depoimento, esclarecendo as conclusões a que, de antemão, me proponho, cito os nomes de alguns collegas: João Lourenço Rodrigues, Oscar Thompson, José Feliciano de Oliveira, Ramon Rocca Dordal, Romão Puigari, Alfredo Bresser, todos muito além dos vinte annos, outros abeirando aos trinta e alguns já ultrapassando a média da vida.

Em 1890, ingressamos no magisterio. Poucos foram os que fizeram corrida, quasi todos fizeram carreira na grande cruzada que Abelardo Laurindo de Britto ergueu na terra de Anchieta.

João Lourenço Rodrigues, Oscar Thompson, José Feliciano, depois do curriculo regulamentar pelas etapas do ensino primario, galgaram esplendidas situações no magisterio.

Apresentada que está, a parte testemunhavel da prova que pretende fazer, peço licença para proseguir.

No entretanto, a pleiade de paladinos do Ensino publico de São Paulo muito pouco poude fazer de 1890 a 1906, em pról da orientação do ensino de desenho e trabalhos manuaes naquelle Estado!

Tal ensino, lá, como aqui, como no Brasil, em geral, não se enquadrou ás nossas necessidades de povo novo e emprehendedor; não se enquadrou á sua grande finalidade, quer nas escolas primarias, quer nos cursos complementares, como materias basicas do ensino profissional.

O porque do desastre, cuja prova procuro adduzir, de modo sui generis, talvez, mas de maneira franca e leal, dar-vos-ei adeante.

Antes de tudo, cabe-me provar o desastre, portanto, continuo.

Em 1906, Santa Catharina se lembrou de pedir a São Paulo um professor que viesse, em commissão, reorganizar o Collegio Municipal de Joinville. Pela Inspectoria Geral de Ensino e pela Directoria Geral da Instrução Publica do Estado de São Paulo foram apontados dois nomes, como os mais idoneos para desempenhar a importante commissão — Fernando Martins Bonilha, em 1.^o lugar, que não acceitou e o meu, em 2.^o

Era eu, então director, do grupo escolar Cardoso de Almeida, na cidade de Botucatu.

A nova caiu alviçareira na imprensa paulistana, cujos prêlos gemeram engenhosos à justa fama do ensino Paulista (jornaes de São Paulo, de 27 de setembro a fins de novembro de 1906).

Antes de minha partida para este Estado, consciente do meu encargo e desejoso de acertar, voltei á Escola Normal Secundaria, depois de dezaseis annos de ausencia (1890 a 1906). Frequentei, por alguns dias, as aulas de desenho e trabalhos daquelle saudosa Escola, onde me foram offerecidas abundantes e variadas collecções de desenhos e trabalhos manuaes, afim de transplanta-los para Joinville.

Exercicios froebelianos como alinhavos em cartões picotados, teceduras polychromicas de numerosos feitiços, dobraduras de formatos polyformes, cartonagem de objectos de uso domestico, como porta-cartões, porta-toalhas, porta-escovas; cestas, jardineiras, etc.; modelagem, em argila e gesso, de cubos, cones, cones truncados, pyramides, espheras, etc. Tudo purissima tautometria.

Elementos da mais alta efficiencia na trama, cada vez mais complexa, da economia nacional, o desenho e trabalhos manuaes continuavam a ser ministrados, em 1906, com escopo meramente educativo.

No Collegio Municipal de Joinville, que, ha vinte annos deixou nome na organização do ensino catharinense, procurei correlatar, no primeiro e segundo anno, o ensino de desenho com o de trabalhos manuaes, mas tudo debalde, por me faltar a technica do processo, embora tivesse a theoria do methodo.

Mas, não nos precipitemos.

Em novembro de 1910, para fins que todos vós conheceis, regresssei a este Estado.

Antes, porem, tal como em 1906, fui de novo á fonte principal da orientação do ensino do meu Estado, afim de observar si algo havia de novo relativamente ao ensino de desenho e trabalhos manuaes.

Pura perda de tempo, não augmentei o meu cabedal pedagogico, acerca de desenho e trabalhos manuaes, embora verificasse muita cousa util e nova, sobretudo acerca do ensino de linguagem.

Ao iniciar a minha segunda commissão, neste Estado tantos foram os trabalhos a assoberbar-me, que jamais me sobrou vagar para a especialização da didactica do desenho e trabalhos manuaes...

Não tive tempo, não era opportuno e me faltava a technica da proccussuação dos methodos a seguir.

Os meus labores relativos à reorganização do ensino de 1911 a 1918, muitos de vós os conheceis, por te-los acompanhado *in situ* e de *visu*.

Eles se acham expostos nas Mensagens e Relatorios de 1911 a 1918, sobretudo no de 1914, pag. 114 a 167.

Gizei e consegui realizar as bases geraes da remodelação do ensino estadual, que hoje sem lisonja e favor, é igual aos dos Estados mais adeantados na materia.

Campanhas derrotistas não empanarão a consciencia de juizes rectos sobretudo d' aquelles que se entregam aos mestres do ensino.

A remodelação do ensino publico catharinense é um factio axiomatico, como a luz meridiana do sol da nossa terra. Ella, alem do vosso valioso testemunho, tem, tambem, o testemunho de Governo e governados deste prospero e grande Estado.

A' vista do exposto, e devido á minha incapacidade, já confessada, não pude especializar o ensino de trabalho manuaes, com a finalidade que lhe é dada nos paizes adeantados da Europa e, sobretudo, na America do Norte.

No entanto, tal defeito, existe, tambem, conforme me referi, nas escolas de São Paulo, as quaes sabeis bem minhas conhecidas; existe nas escolas do Districto Federal, onde, por vezes, visitei diversas, algumas optimas sob o ponto de vista geral, como a Deodoro e Rodrigues Alves, mas cujo ensino de trabalhos manuaes é tal qual o de São Paulo e Santa Catharina, a saber: ampliado e com a finalidade domestica nas secções femininas, restricto e com méra funcção educativa, nas secções masculinas.

Quer nas escolas paulistas, quer nas cariocas, quer nas catharinenses a entrosagem dos trabalhos manuaes nos respectivos programmas é méramente educativa, decorrente do principio:

• Toda idéa, uma vez manifestada no espirito do

educando, tende a exteriorizar-se em acção». (L'Education démocratique. A Moulet).

De tal principio, surge a resultante, talvez, da ingresso, quasi automatica, incondicional, dos trabalhos manuaes nos programmas das escolas em geral.

Digo em geral, porque, tambem, nas escolas particulares dá-se o mesmo que se dá nas escolas publicas.

No entanto, continuando a minha delenda, affirmo:

«O ensino de trabalhos manuaes, aqui, como no Brasil em geral, não se enquadrou ainda, ás nossas necessidades de povo novo e emprehendedor; não enquadrou á sua grande finalidade, quer nas escolas primarias, quer nos cursos complementares, como materias basicas do ensino profissional (paginas 2 a 7). Do exposto, sem ambages de linguagem, resulta a minha negativa quanto á segunda interrogativa da 6.^a these, com a seguinte restricção: SIM SOMENTE COMO DISCIPLINA EDUCATIVA, SEM APPLICAÇÃO POST ESCOLAR».

* * *

Passo, agora, a responder á la. interrogativa da 6a. these, a saber "Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares?"

Acerca desse quesito, vejo-me no dever de fazer uma exposição summarissima, do ensino de trabalhos manuaes nalguns paizes.

Comenius, no seculo XVII, traçou, pela primeira vez, um plano educativo popular—«ubi omnes omnia omnino doceantur»; Rousseau, no seculo XVIII, queria que o seu Emilio aprendesse um officio, mas já nos tempos heroicos da Grecia e Roma, Ulysses preparava o seu leito (com madeira de oliveira) e Cincinato conduzia charrúa. Perdoae-me a tirada, quiz com ella dizer que o assumpto, além de ser por demais vasto, é tambem excessivamente velho.

A necessidade do homem manusear é por assim dizer, innacta e só a vaidade e ignorancia o levaram, em dado momento historico, ao repudio dessa sua mais eminente fonte de força e virtudes.

Rousseau disse: «Vous vous fiez á l'ordre actuel de la société, sans songer que cet ordre est sujet á des revolutions inevitables et qu'il est impossible de prévoir ni de prévenir celle qui peut regarder vos enfants. Le grand devient petit, le riche devient pauvre, le monarque devient sujet; les coups du sort sont-ils si rares que vous puissiez compter d'en être

exempt? Nous approchons de l'état de crise et du siècle des revolutions. Qui peut vous répondre de ce que vous deviendrez alors?... De toutes les conditions, la plus indépendant de la fortune et des hommes est celle de l'artisan. L'artisan ne dépend que de son travail, il est libre... (L'Instruction Primaire. F. Buisson, 1915. Pagina 1.204).

Para provar que o ensino de trabalhos manuaes não corresponde, entre nós, á sua primordial finalidade, passo a expôr como elle é ministrado na America do Norte.

Ao usar de baixella extranha serei parcimonioso... Usemo-la, porque nos convém, pois, poupamos sacrificio de tempo e economia; usemo-la, examinando-a, entanto, «com olhos e lentes brasileiras».

Em nenhum paiz europeu, mesmo na Alemanha e Suissa, a theoria e pratica dos trabalhos manuaes tomaram desenvolvimento igual ao da America.

«La lois dans les vertus de ce mode d'enseignement est générale. Dans les «kindergarden» qui reçoivent les enfants âgés de trois ans á six ans, les travaux manuels interviennent comme des facteurs dans l'éducation; ces travaux pénètrent les programmes des écoles primaires et s'appliquent dans toutes les branches d'enseignement; ils s'étendent dans les écoles secondaires; pour trouver leur couronnement dans les collèges et universités techniques.» (Omer Buisse. Méthodes Americaines d'Éducation. Pagina 449).

O ensino de trabalhos manuaes entrou nas escolas americanas por dois caminhos diametralmente oppostos: Pelos jardins da infancia (systema froebeliano) e pelas escolas superiores, que adoptaram o systema Della Voss, de origem russa.

Dos jardins da infancia, systema froebeliano, elles passaram, em escala ascendente, para as escolas primarias, complementares e secundarias; das escolas technicas superiores, em escala descendente, systema Della-Voss, elles passaram para as escolas secundarias e primarias, lutando nestas com o systema *slol*, de origem suæca.

O systema froebeliano que ficou incompleto, devido

à morte prematura do seu autor, consiste em occupaões destinadas às crianças até seis annos, a saber:

—Sólidos—

1° — Variadissimas construcções com pedaços de madeira;

2° — Modelagem com argila;

3° — Cartonagem.

—Superfície—

1° — Corte, recorte, dobradura e collação com papel e papelão;

2° — Variadas armações ou construcções com taboinhas;

3° — Variadas construcções com applicação de couro.

—Linhas—

1° — Composição de diversas figuras, usando varinhas;

2° — Tecelagem de papel;

3° — Combinações polychromicas de tecelagem.

—Pontos—

4° — Picotar cartões;

5° — desenho, etc.

A engenhosidade dos americanos estendeu, como me referi, os exercicios de Froebel a todas as escolas primarias: primary grades e grammar grades.

Começaram os pedagogos daquelle grande paiz por estabelecer a mais estreita relação entre o desenho e os trabalhos manuaes.

Para dar uma ligeira finalidade do desenho e trabalho manuaes e da correlação entres elles existentes, nas escolas americanas, descreverei a organização de taes disciplinas nalgumas escolas daquelle invejavel republica.

ESCOLAS DE NOVA YORK

Nas escolas Nova Yorkinas o desenho e trabalhos manuaes gravitam em torno de certas idéas fundamentaes, denominadas "centres d'intérêt".

Os assumptos «centres d'intérêt», são:

1° — a casa da familia, as occupaões dos habitantes do lugar, as occupaões domesticas;

2° — a vida do municipio: meios de transporte, occupaões dos habitantes, etc.

Os pequenos americanos começam os seus desenhos ou antes os seus trabalhos manuaes, segundo os annexos ns. 1 e 2.

Por elle vereis, que, antes de tudo, os americanos não pro-

curam fazer artistas, mas sobretudo despertar idéas e concretizar a imagem mental. Isto é que é transcendente e o principal.

Nenhum trabalho é iniciado sem que os professores, estabelecendo verdadeiras palestras com os alumnos, estejam conscientes de que elles comprehenderam os assumptos propostos; sem que os professores estejam conscientes de que despertaram a imaginação e o desejo de realização dos seus educandos.

A technica do desenho é variadissima, como os fins dos trabalhos manuaes.

Os alumnos desenhavam sempre à mão livre, ora nos quadros negros, ora nas lousas para depois, no 3° anno, utilizarem-se do papel.

Realizam esboços e desenhos das idéas suggeridas durante as palestras (centres d'intérêt), para depois concretiza los nos trabalhos manuaes.

ESCOLAS DE NEWARK

Nas classes inferiores das escolas de Newark (1° ao 3° anno) os exercicios de desenho e de trabalhos manuaes caminham, tambem, com tal connexão que é impossivel, a separação dos mesmos.

Nas, no 3° anno preliminar, entram noções de calculos nos trabalhos, como sejam:

uma caixa de 1 cm. x 1x1, de 2x2x1;

uma casa de comprimento de 42 cm. por 30 cm. de largura, 20 cm. de altura, com portas 12 cm. janellas 6 cm.

Os alumnos constroem a casa e os respectivos moveis, depois de esboça-los em desenhos rapidos; tudo antecedido de exposições, questionarios e palestras entre os professores e alumnos, de forma a dar a estes a noção do que vão fazer.

Emfim, de modo geral, pode-se dizer que o ensino americano de trabalhos manuaes e desenho são correlatados, quotidianamente, e que os educacionistas consideram sem o menor valor as cópias de modelos de desenho, maximé nas classes elementares (1.º ao 4.º anno — primary grades, para crianças até 12 annos).

Nos annos superiores do curso primario (5.º, 6.º, 7.º e 8.º) frequentados per alumnos dos 12 aos 15 annos (escolas complementares, como as catharinenses) os programmas de desenho e trabalhos manuaes variam muito de forma e de fins.

ESCOLAS DE MASSACHUSETTES

Nas «grammars grades» de Massachussettes, correspondentes ás escolas complementares catharinenses, aos exercicios de trabalhos manuaes das escolas de «primary grade» (grupos escolares) seguem-se os trabalhos suécicos de *sloyd*.

SLOYD

Nos exercicios de *sloyd*, digamos, em resumo, predomina, por assim dizer, o espirito tecnico, quer pela finalidade dos trabalhos, quer pelo variadissimo emprego de instrumentos.

Os educandos recebem madeiras adequadas e já algo preparadas, consoante aos fins dos trabalhos a que ellas forem destinadas, sendo que os trabalhos de *sloyd* feitos á faca ou canivete tomam o nome de Wittling.

Finalmente, o *sloyd* sua doutrina e seus principios são resumidos da seguinte forma, por Omer Buyse:

1º— os professores de *sloyd* devem ser homens de ensino e não artistas sómente;

2º.— o ensino deve ser progressivo, systematizado, com a excepção de certas explicações, em classe, por occasião da manufacturação de qualquer objecto;

3º.— os trabalhos devem ser de fórma a proporcionar o desenvolvimento physico dos educandos pelos seus movimentos livres e vigorosos;

4º.— os trabalhos deverão representar, unicamente, o esforço pessoal dos educandos;

5º.— a transição do trabalho mais facil ao mais difficil é indispensavel, devendo-se dar preferencia áquelles cujo uso puder ser comprehendido pelos alumnos;

6º.— os trabalhos de *sloyd* não atingirão, somente, os objectos que puderem ser realizados, com exactidão, pelo emprego de instrumentos, elles devem ser executados á mão livre, tendo em vista, sobretudo, *exercitar o sentido das formas, das proporções, pela vista e tacto* (grypho a ultima parte para chamar a attenção da analogia do *sloyd* com os trabalhos froebelianos, Mutessori e Decroly);

7º.— E' de capital importancia a exactidão no acabamento dos objectos, bem como o asseio dos mesmos.

Sendo de grande relevancia, a escolha dos modelos, apresento alguns nos annexos ns. 1 a 4, tirados do citado autor.

Depois de havermos passado um rapido olhar ás escolas americanas, vejamos o que se faz nos paizes do norte europeu, (Suecia, Noruega, Dinamarca e Filandia) cujas escolas mais se destacam em trabalhos manuaes.

Os mencionados paizes, é sabido, se acham em condições economicas assas diversas da America do Norte.

As grandes industrias, até ha pouco tempo, pode se dizer, não existiam.

O magnifico ferro suéico era exportado, em bruto, para a Inglaterra e Alemanha.

A industria naquelles paizes, por longos annos consistiu em trabalhos manuaes domesticos.

Cada habitante, digamos, fabricava os instrumentos de que necessitava: vehiculos, mobiliarios, utensilios usuaes da lavoura e industria.

A concorrência estrangeira, de natureza machinária, enfiltrou-se de tal forma naquelles paizes, que a industria domestica, manual, foi suffocada.

Tal situação preoccupou, seriamente, os patriotas tenazes dos povos do rio e norte europeu.

SUECIA

Em 1877, por iniciativa de associações auxiliadas pelo Estado, foram creadas escolas de trabalhos manuaes em Upsala, Claestorp e Nåas. Este soffreu reforma radical em 1890, reforma que despertou a attenção do mundo pedagogico.

Da escola de Naas saíram, em poucos annos, cerca de 3.000 professores de trabalhos manuaes, de 32 nacionalidades, sendo: 2.300 suécicos, 30 inglezee, 100 dinamarquezes, 60 americanos do norte, etc. (Otto Salomão, Escola de Naas, Buisson.)

Peço a esclarecida attenção dessa illustre Conferência para a forma por que foi realizado o plano da systematização dos trabalhos manuaes na Suecia, plano que, mutatis mutandis, foi o mesmo seguido pelos paizes scandinavos.

Começaram pela fundação de escolas technicas superiores, cujo fim foi a formação de professores de trabalhos manuaes e desenho.

Os professores nomeados para taes escolas tiveram a incumbencia da diffusão dos methodos e, sobretudo, da processologica das escolas primarias.

Os trabalhos de *sloyd* nas escolas suécicas (*Slöjd, husflid*) constam de artefactos diversos sobre marcenaria: en-

talhes, esculturas, tonelaria; fer arias (forjas simples), rodas e molas de carros, carroças, enfim tudo que mais se aproxima das industrias de madeira e de ferro, materias primas abundantes na Suecia (Buisson).

Na Alemanha (segundo os dados adeante, fornecidos pelo professor Curt Boetner, director da Escola Nova, em Blumenau, e traduzidos pelo professor Adriano Mosimann, director do grupo escolar Luiz Delfino, da referida cidade) a Conferencia das Escolas Allemãs, realizada em 1920, resolveu o seguintes:

1º — A adopção obrigatoria do ensino profissional, em todas as escolas de determinada categoria.

2º — A creação, installação de officinas e organização de jardins escolares; aperfeiçoamento do professorado em trabalhos manuaes para lecciona-los nas escolas em geral.

A' vista do exposto, podemos afirmar, de modo geral, pondo de parte questiunculas sem importancia, que, quer na America do Norte, inclusive entre nós, do Amazonas ao Prata, quer nos paizes adeantados da Europa, as questões attinentes ao ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias crearam dois systemas: o systema economico e o systema pedagogico.

Aquelles que se batem pelo systema economico, querem que a escola primaria encaminhe o ensino de trabalhos manuaes de forma a dar aos seus educandos um officio ou profissão que lhes assegure um meio de vida.

Entendem que estas, organizadas segundo o seu systema, contribuirão para a formação mais efficaz da economia nacional.

A' corrente do systema economico filiam-se, geralmente, os educacionistas de gabinete, os letrados, e, tambem, alguns estadistas.

Os partidarios do systema pedagogico consideram o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias, como meio educativo: da vista, dando aos educandos as noções de forma, dimensão, côr, comparação, etc.; das mãos, dando-lhes destreza; da democracia, pela especie de trabalho em si; da educação, em si, por despertar, com segurança, os habitos da attenção, da percepção e intuição.

Para os que assim pensam, a escola primaria tem, apenas função social e politica.

A' corrente deste systema se aferram, geralmente, os pedagogicos e educacionistas de profissão, os que mourejam ou mourejaram na gloriosa carreira do a, b, e do b-a-bá.

No entretanto, sem grande esforço as duas correntes podem e devem ser conciliadas, maximé nos paizes ou Estados onde o estagio das escolas primarias offerece graduação conveniente, como em Santa Catharina, que poderá seguir nessa materia o exemplo dos americanos, povo pratico por excellencia.

Contestada, sob o ponto de vista economico, a proficuidade do ensino de trabalhos manuaes nas escolas do paiz, em geral, paginas 2 a 7, e exposto o modo por que tal disciplina é ministrada nas escolas americanas e suécas, paginas 1 a 19, paizes em que tal ensino me parece modelar, passo a responder o 1º quesito da 6ª. these.

A meu ver, o plano da remodelação dos trabalhos manuaes nos grupos escolares (primary grades americanas), assim como nos cursos complementares (grammar grades) deverão satisfazer, em parte, ás justas aspirações do systema economico, sem fugir aos preceitos do systema pedagogico.

Assim pensando, opino para que o ensino de trabalhos manuaes nos grupos escolares conte:

1º — No 1º anno, 2º, 3º e 4º, quer para meninos, quer para meninas, de exercicios froebelianos, adoptados progressivamente, e processados segundo os methodos americanos.

2º — Nos 4ºs annos (meninos e meninas) inicio de exercicios de *sloyd* ou de Whittling.

3º — Na secção feminina, os programmas actuaes.

Nas escolas complementares:

1º — No primeiro anno, construcção de trabalhos pelo systema Whittling;

2º — Nos segundos e terceiros annos, trabalhos manuaes de Froebel e de *sloyd*, usando os instrumentos necessarios, em officinas que poderiam ser installadas nos proprios galpões dos grupos.

Os exercicios froebelianos e as suas regras adaptadas aos programmas dos grupos constam da pagina 5; as regras para os exercicios de *sloyd* constam das paginas 15 a 16,

sendo que estes, a meu ver, deverão ser iniciados pelos trabalhos de Whittling, por ser a forma mais facil e menos dispendiosa do *sloyd*, pagina 15.

A questão, no entanto, não é de arrazoar ou de arrazar programmas.

Os programmas de trabalhos manuaes das escolas do paiz, em geral, e do Estado, em particular, poderão ter os seus defeitos, cujo exame vos cabe, mas defeitos que, a meu ver, constituem méras rugas no conjuncto de planos de ensino.

O que necessitamos, penso eu, é atacar de frente, sem perda de um só momento, o modo de se formar professores primarios que conheçam a technica, muito especial, dos trabalhos manuaes, como base da processiologia do ensino profissional, da educação nacional.

Excluo a conveniencia e a possibilidade do ensino de trabalhos manuaes nas escolas isoladas, devido aos motivos que, em 1924, expuz nas «Sugestões sobre a Diffusão do Ensino», a saber:

«O ensino de desenho nas escolas primarias ruraes, de reduzido estagio, sem o material necessario, em lugares onde esse material é de difficil aquisição — ensino sem finalidade immediata nessas zonas — repito, pareceu-me, tambem, uma inutilidade. Antes do mais, para que o desenho correspondesse ao seu fim, deveria elle ser dado segundo o methodo directo (*Liberty Trade*), ou conforme as conclusões do Segundo Congresso Internacional de Ensino de Desenho, em 1904, em Berne, no qual se fizeram representar: a Alemanha, Inglaterra, Austria, França, Belgica, Italia, Japão, Argentina, Russia, Estados Unidos, Hespanha, etc. Só faltou o Brasil.

Ora, tal methodo não pode ser ministrado por professores que o desconheçam, pois, desenhar, repito, não é emplastrar traços e cores sobre um pedaço de papel, mesmo a titulo de reproducção do natural. Nas escolas das zonas ruraes, onde, por decerto, o A, B, C do Agricultor prestará melhor serviço do que a copia servil de alguns traços de modelos que ainda por ahi correm pelas escolas publicas, a titulo de desenho, entendi conveniente substituir por noções de hygiene rural.

Passo, finalmente, a responder o 3º e ultimo quesito da 6ª these:

«Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular, e no Paiz em geral? De que forma?»

Este quesito, penso eu, é a pedra angular do edificio; é a alavanca magica de Descartes, com a qual os poderes publicos do Estado, em particular, e do Paiz, em geral, poderão instituir seguros alicerces do ensino profissional.

A forma por que, a meu ver, o Estado poderá tornar mais proficuo o ensino de trabalhos manuaes, dando-lhe como convém, finalidade compativel com o systema economico (pagina 19) é contractar professores que se obriguem a introduzir, em derteminado tempo, na Escola Normal Catharinense e nas escolas complementares, a technica, (toda especial para ser productiva) da alludida disciplina.

Para isto vos offereço o seguinte projecto:

1º — As Escolas Normaes do Estado terão por principal fim a formação do professorado necessario ao ensino primario e a erecção das bases indispensaveis ao ensino profissional.

2º — O ensino normal será ministrado na Escola Normal Catharinense, externato para homens e mulheres, e no Collegio Coração de Jesus, internato para moças, equiparado á Escola Normal official.

3º — Aos alumnos que houverem concluido o curso do Gymnasio Catharinense, será expedido para todos effeitos, o diploma de normalista depois de concluida a pratica referente ao ensino profissional.

4º — As escolas Normaes terão os seguintes cursos: curso normal curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes.

5º — O curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes correrá paralelo ao curso normal e constará de dois annos obrigatorios para os alumnos do 2º e 3º anno do curso normal, para o que serão correatados os respectivos horarios.

6º — A orientação do curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes caberá a profissional de reconhecida capacidade, contractado no paiz ou no estrangeiro, por quatro annos.

7º — O contracto poderá ser rescindido ou prorogado á juizo do Governador.

8º — O profissional contractado será auxiliado por dois normalistas, nomeados pelo Governo.

9º — Extincto o prazo do contracto, as attribuições e regalias do contractado serão conferidas ao auxiliar que mais se houver distinguido, sendo o segundo nomeado inspector tecnico nos Grupos e escolas complementares.

10º — Ao professor contractado caberá organizar o programma do curso profissional que será apresentado ao Director da Escola, ao qual será subordinado, afim de que este providencie sobre as medidas administrativas que se fizerem necessarias.

11º — Anualmente, poderá ser designado um professor de cada grupo escolar, sem prejuizo dos seus vencimentos e do ensino, afim de fazer o curso normal profissional.

12º — A matricula na Escola Normal só será permittida a complementaristas.

13º — O governo adaptará o actual prédio da Escola Normal Catharinense, afim de nelle funcionarem: o curso normal

o curso tecnico de desenho e trabalhos manuaes.

14º — O Governador poderá facultar a frequencia do curso tecnico aos professores normalistas em exercicio.

15º — Para a referida frequencia, o Estado pagará dois terços dos vencimentos do cargo que exercer o professor.

16º — Findo o curso, o professor que houver recebido auxilio, indemnizará o Estado da metade, em tantas quotas de um terço dos vencimentos quantas forem necessarias.

17º — O Executivo incumbirá o professor contractado de organizar o programma de desenho e trabalhos manuaes dos grupos escolares e escolas complementares, correlatando-os com o programma do curso tecnico de desenho e trabalhos da Escola Normal Catharinense.

Penso que, por tal forma, mutatis-mutandis, a União deverá realizar o projecto Fidelis dos Reis, focalizado, de novo, na Camara Federal, por José Bonifacio. Missões temos tido para o nosso Exercito, Marinha e Fazenda, tenhamos-las, tambem, afim de que se torne uma grande realidade o ensino profissional no Paiz, baseado na aprendizagem de trabalhos manuaes nas escolas primarias graduadas.

Como não temos technicos e improvisa-los, para tal fim, é perder tempo e dinheiro, contractemo-los.

Já o famoso vate lusitano o disse:

* A disciplina militar prestante
Não aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando
Senão vendo, tratando e pelejando. *

Elegantes e profundos versos que o utilitarismo americano resumiu na formula «To learn by doing», a que eu acrescento — fazendo certo.

A União, para encaminhar o ensino profissional sobre bases seguras, deverá segundo penso, estabelecê-lo sobre solidos alicerces

Tal alicerce seria, a meu ver a fundação de uma grande Escola Technica, seria precedido de um curso preparatorio, que entre outras disciplinas, ministrasse o ensino de desenho e trabalhos manuaes, de conformidade com os methodos americanos.

Quer o curso superior, quer o curso de preparatorios, seriam regidos por technicos de reconhecida competencia contratados em paizes cujo ensino profissional esteja mais em evidencia.

Foi o que fez São Paulo com a sua instrução publica, com a sua Escola Polytechnica e de Medicina; foi o que fez o Rio Grande do Sul, se não me engano, com a sua grande escola de Parobé.

O curso superior profissional seria organizado visando aproveitar industrialmente as principaes materias primas brasileiras, entre as quaes a madeira, a borracha, as variadas fibras texteis, couros e pelles, etc.; o curso preparatorio visaria o desenvolvimento integral dos methodos de Froebel, Montessori, Dacroyly, Whittling e sloyd.

Os Estados enviariam, anualmente, segundo as suas forças e as circumstancias os seus normalistas mais distintos afim de frequentarem o curso preparatorio.

Desse modo, em poucos annos, o ensino de desenho e trabalhos manuaes, no paiz, aproximar-se-ia dos principios do systema economico (pagina 19) e actuaria como elemento indispensavel á educação economica brasileira.

Eis em traço muitos geraes, Srs. Membros da Confe-

rencia de Ensiao, o meu modo de pensar acêrca do assumpto sobre o qual gravita neste momento felizmente, a at-tenção dos nossos patriotas e estadistas, entre os quaes com a maior justiça, se destaca o eminente governador Exmo. Sr. Dr. Adolpho Konder; entre os quaes avulta o preclaro Presidente Sr. Dr. Washington Luis, a quem o ensino do meu estado, São Paulo, muito deve, maxime as suas escolas profissionaes,

A' vista do exposto concluo:

Quanto ao 1º quesito:

1º — Que o ensino de trabalhos manuaes deve ser excludido das escolas primarias ruraes.

2º — Que nos grupos escolares, do 1º ao 3º anno, os trabalhos manuaes devem consistir em exercicios froebelianos, adaptados, progressivamente e relacionados com o desenho, segundo methodos americanos.

3º — Que nos 4.º annos dos grupos escolares, a par da continuação dos exercicios de trabalhos dos annos anteriores, se adoptem os trabalhos de Whittling.

4º — Que nos cursos complementares se adoptem os trabalhos de *sloyd* em todo o seu desenvolvimento.

Quanto ao 2º quesito:

5º — Que o ensino de trabalhos manuaes, nas escolas do Estado, em particular, e do paiz em geral, só tem correspondido ao systema pedagogico, fugindo á finalidade do systema economico.

Quanto ao 3º quesito:

6º — Que o Estado pôde, com grande beneficio ao seu futuro economico, tornar inteiramente proficuo o ensino de trabalhos manuaes contractando especialista de reconhecida competencia para introduzil-os na Escola Normal Catharinense.

7º — Que a União, por igual forma, poderá fundar uma grande Escola Technica, precedida de curso preparatorio, versando este, entre outras materias, sobre desenho e trabalhos manuaes de Froebel, Montessori e Decroly para a frequencia dos normalistas estaduaes.

Fpolis, 3o — VI — 27.

Ass — Orestes Guimarães.

PARECER N.º 18

A 2ª comissão suplementar considerando o memorial apresentado pelo illustre professor sr. Orestes Guimarães sobre a 6ª these official — «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular e no País em geral? De que forma?»

O grande mestre condensou no seu memorial as observações feitas na parte referente ao ensino de trabalhos manuaes, no decurso de 37 annos de magisterio.

Trabalho valioso calcado na longa experiencia e na vasta competencia do seu autor, a comissão se sente pequenina para juizo, porem entusiasta para louvar tão completo estudo.

A comissão tem a honra de apresentar as seguintes conclusões, após a leitura do memorial em apreço:

I — O ensino de Trabalhos manuaes deve consistir:

a) nos grupos escolares:

1.º anno, 2.º e 3.º — Exercicios froebelianos, adoptados progressivamente, e processados segundo os methodos americanos.

4.º anno — Inicio de exercicios de *sloyd* ou de Whittling.

b) Nas escolas complementares:

1.º anno — Construcção de trabalhos pelo systema Whittling.

2.º e 3.º annos — Trabalhos manuaes de Froebel e de *sloyd*, usando os instrumentos necessarios, em officinas que poderiam ser installadas nos proprios galpões dos grupos.

II — O ensino de trabalhos manuaes não tem sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz; apenas tem sido apreciavel como disciplina educativa, sem applicação post-escolar.

III — Para que se torne mais proficuo, no Estado, o ensino de trabalhos manuaes, ha mister de se contractar professores que se obriguem a introduzir, em determinado tempo, na Escola Normal e nas escolas complementares, a technica da alludida disciplina.

No país, para que mais proveitoso se torne o ensino de trabalhos manuaes, ha necessidade da creação de uma grande Escola Technica, precedida de curso preparatorio, versando este, entre outras materias, sobre o desenho e trabalhos

manuaes, de conformidade com os methodos americanos, para a frequencia dos Normalistas estaduaes.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927.

Ass. — Presidente — *Beatriz de Sousa Brito*; — Secretario *Albano Monteiro Espinola*; — Relator — *Laercio Caldeira de Andrade*.

NOTA—Este parecer foi approved sem debates

THESE N.º 8

Geographia e Cartographia

Por João dos Santos Areão, Inspector Escolar

Deixando neste trabalho algumas opiniões sobre o ensino da geographia, tenho a satisfação de entrega-lo ao julgamento dos illustres membros deste Congresso Pedagógico.

Meu lemma — *o que se aprende bem, fica eterno: è como a riqueza que se obtem com o sacrificio.*

Tomando o encargo de manifestar-me neste Congresso sobre a these numero tres, isto è •Como se deve ministrar o ensino da geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares? Qual a correlação entre essa e outra materia? Convem o ensino de cartographia nas escolas ruraes? De que forma? quero, baseado na pratica de alguns annos, apresentar algumas idéas a respeito da geographia, que è para mim de summa importancia, pois vamos com esse estudo, dar a conhecer aos alumnos o corpo da nossa Patria, emquanto que a historia completa essa disciplina, estudando a sua alma. Não tenho a pretensão de obter desta distincta assembléa a completa approvação das idéas aqui exaradas, não passando as minhas palavras de uma simples exposição sobre o ensino da geographia e cartographia tal qual executei no estabelecimento que acabo de dirigir. Respondendo ao primeiro tópicio da questão suggerida pelos illustres organizadores deste Congresso Pedagógico, tenho a dizer que o ensino da geographia deve compor-se de quatro ou cinco phases, assim distribuidas;

1ª phase — explicação do ponto pelo professor;

2ª phase — arguição do ponto explicado;

3ª phase — exposição oral pelo alumno;

4ª phase — exposição escripta e

5ª phase — cartographia.

Disse, quatro ou cinco phases, porque nem sempre o professor terá occasião de aproveitar o ponto de geographia para linguagem escripta, pois dentre as materias ensinadas haverá algum ponto que mais se prestará a preencher essa disciplina. Passemos a descreminar cada uma dessas phases, mostrando a forma a seguir pelo professor.

Na 1ª phase, o professor terá o mappa em lugar bem visível e por elle irá explanando o ponto que tomou por these, tendo a preocupação de tornar attrahente o ensino de forma a conseguir que a attenção das creanças esteja somente na materia que explica. Por isso, è bom de vez em quando, a titulo de melhor exposição, riscar no quadro negro a parte que os alumnos não possam observar de seus lugares.

Em vista da organização do programma, cada phase destas passará de duas ou tres aula. Nas segunda phase o professor arguirá os seus alumnos, tendo o cuidado de fazer com que todos sejam arguidos.

As perguntas poderão seguir uma ordem, ou salteados, mandando em seguida o alumno mostrar a resposta no mappa que estará aberto na frente da classe.

Na 3ª. phase o professor, que anteriormente observou quaes eram os alumnos que menos sabiam o ponto explicado, manda-los-á fazer a exposição do ponto todo, primeiramente junto ao mappa e depois sem auxilio deste, em vista de não haver o mappa mudo que muito auxilia a aprendizagem da geographia.

A 4ª phase è, como já disse, facultativa pois, não havendo necessidade da exposição escripta do ponto para melhor ficar gravado na memoria do alumno, será dispensada pelo professor, que uma ou outra vez aproveitará a explicação para um thema da linguagem escripta.

Terá, por exemplo, occasião de, ensinadas as ilhas do Estado, rios, portos e bahias, cidades etc., mandar o alumno descrever uma viagem, applicando os conhecimentos que obtivera de um ou mais pontos de geographia. Finalmente temos a 5ª phase, na qual, ao lado dos conhecimentos theoreticos ganhos pelos alumnos, será applicada a parte pratica com o confeccionamento do mappa referente ao ponto ex-

postos. Para isso, o professor lançará mão do caderno de modelos que possuirá, passando-o para o quadro negro e dahi é que convem que as creanças copiem. Acho conveniente que o caderno de modelos só esteja em mão do professor, que se servirá delle como guia na formação do ponto, como tambem de auxiliar para a feitura no quadro do mappa-modelo para copia de toda a classe. Esta phase terá sempre de completar o ponto de Geographia, explanado pelo professor e não será necessario que no horario conste um periodo para cartographia.

Elle é parte integrante da geographia. Sem a pratica do mappa, o ponto dado não estará completo. O mappa não só desenvolve o gosto pelo estudo da geographia mas exercita a mão no desenho e grava na memoria da criança o aspecto geral da zona estudada. Observei muitas vezes (e infelizmente ainda hoje se pratica em muita das nossas escolas) o seguinte: o professor, com a cartographia, não tem a preocupação de fazer o estudo intelligente da geographia, mas de apresentar aos visitantes da exposição que se organiza em fim de anno, mappas grandes, pomposos, que nem sempre foram previamente estudados.

Nesse caso, o mappa nada mais é sinão um desenho, sem o fundo pedagogico que cada um necessita representar, e, quando toda a classe não é capaz de fazer uma reprodução que satisfaça aos circumstantes, então o professor emprega os seus dotes, preparando trabalhos que irão figurar com o nome de José de tal, Pedro ou Francisco, não passando tudo isso de um illusorio meio de impingir um falso ensino da geographia. E' muito simples essa observação.

A leveza da mão, o colorido, as letras, a limpeza do trabalho, varia de alumno para alumno e não é difficil encontrarem-se mappas que apresentam os mesmos aspectos embora em differentes trabalhos. Isso não só acontece com mappas, mas com trabalhos de agulhas, desenho e nos demais trabalhos manuaes. Tenho observado trabalhos de pinturas feitos por alumnos que não sabem ainda debuxar; tenho visto bordados em seda com o nome de alumnos que não são capazes de riscar um trabalho. Terá por ventura tudo isso, um cumho pedagogico? Não, porque desde o instante em que os alumnos deixem a escola não serão capaz de por si executarem trabalhos semelhantes. Na instrução não ha meios termos: o alumno sabe, ou não sabe. Deve

haver o auxilio do professor, e elle é necessario mesmo, mas de forma que fique patente que o alumno aprendeu.

E' para evitar que a cartographia seja feita somente no fim do anno como meio de ter o professor trabalhos bonitos para exposição, que se deve adoptar o seguinte: somente ficará completa a aprendizagem de um ponto de geographia, quando toda a classe tiver feito o mappa que representa a parte estudada. Para isso organizei uma serie de mappas, que, caso sejam tomados em consideração as suggestões que aqui deixo, poderá o Estado mandar ampliar e publicar em cadernos pequenos. Todos os professores deverão ter essa serie, com a obrigação do seu completo desenvolvimento. Assim, pois, encontrarão junto os seguintes mappas: limites, rios, montanhas, bahias e portos, ilhas, zonas, produções e municipios.

Poderia augmentar a serie, com o estudo sobre o Brasil, America, Europa, Asia e Africa, porem não quiz avançar tanto, temendo, que o meu esforço fosse baldado. Como porem o meu fim é mostrar como devemos encarar o ensino da geographia, ali fica a minha idéa. Passando á segunda parte desta these, isto é, si ha correlação entre a cartographia e a geographia, acho que ficou evidentemente demonstrado na primeira resposta, donde se conclue que sem a cartographia, o ensino da geographia é falho. A cartographia de por si não passa de uma copia ao passo que como complemento da geographia e um estudo. O ensino da geographia, é um estudo. O ensino da geographia, tal qual ficou demonstrado, deve fazer parte do programma das escolas ruraes, pois nessas escolas o ensino da geographia é obrigatorio. Sem os modelos referentes ao ensino que permitem aos professores provisorios a organização dos pontos necessarios a uma boa aprendizagem e sem o auxilio do mappa geral do Estado que infelizmente, uma boa parte das nossas escolas isoladas não possui, o ensino da geographia nessas escolas, raras excepções, não passa de noções muito elementares.

De que forma, pois, conseguiremos nas escolas isoladas um ensino perfeito dessa disciplina? Distribuindo o Estado os mappas imprescindiveis, incluindo no exame para professor provisorio a cartographia e mantendo uma fiscalização assidua por meio dos inspectores escolares.

Terminando o meu despretencioso trabalho acerca de tão util disciplina, ousou firmar a opinião de que seja refor-

mado o programma das Escolas Complementares de modo que venha a ser o ensino uma verdadeira sequencia do Grupo Escolar. Necessarios, portanto, se tornam: o confeccionamento de um caderno que abranja um bom numero de modelos para o ensino, a inclusão da cartographia no rol das disciplina para o exame de professores provisorios e uma rigorosa e continua fiscalização. Finalizo, agradecendo aos distintos membros deste Congresso Pedagógico a atenção que me prestaram, não podendo deixar de paten-tear tambem a minha admiração pelo amplo descortineo de vistas que possui o Exmo. Sr. Dr. Adolpho Konder, congre-gando neste ambiente, os elementos que embora represen-tem o maior factor da educação nacional, eram esquecidos com todos os seus sacrificios com todas as suas virtudes lá no recanto das mattas, nos povoados distantes, longe ás ve-zes de sua propria familia e cuja esperança unica é ensi-nar. Merece, pois um acatamento especial o professorado e bem haja aquelle que vem acorda-lo da sua lethargia.

Laguna — 1927. Ass.— *João dos Santos Areão* Inspector Escolar.

PARECER N.º 19

A primeira commissão examinou, com a maior atenção a these n.º 8, de autoria do inspector escolar sr. João dos Santos Areão, versando sobre o ensino de geographia e car-tographia nas escolas estadaues.

Applauda a commissão as suggestões do autor, o qual encarece o cunho pratico que se deve emprestar sempre ao es-tudo da geographia, generalisando-o a todas as classes. Em boa hora, e partidario do uso dos taboleiros com areia ou massa plastica, de sorte a figurar os accidentes fundametaes do solo; seria da maior vantagem torna-lo obrigatorio no pri-meiro anno de estudo, familiarisando os alumnos com a cons-trucção dos diversos typos do relevo terrestre. Outra inter-essante suggestão e merecedora de acolhimento, é a do Es-tado tomar o encargo de organizar (a exemplo do que existe no estrangeiro e, entre nós, em S. Paulo) um caderno-tipo, contendo todo o programma de geographia das escolas primarias em mappas que seviriam para os exercicios carto-graphicos e tambem de guia ao ensino. Pode-se-ia construir para cada continente, para o Brasil e para S. Catharina, em particular, folhas referentes ao relevo, ao litoral, á hydrogra-

phia, ás fronteiras, ás regiões naturaes, aos recursos econo-micos e ás divisões administrativas.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927.

Ass. — *Raja Gabaglia*.—*Marcilio Dias Santiago*.—*P. E. Xavier Zartmann*.—*Barreiros Filho*.

NOTA— Este parecer foi approvedo sem debates

THESE N.º 40

Assistencia Dentaria Escolar

Ary Bittencourt Machado, Cirurgião Dentista

E' preciso dar ás criancinhas o «com que comer,» dar-lhes os dentes, dar-lhes ou preserva-los da perda ou ruina certa, cuidando-os, melhorando-os pelo exame, pela asepcia prévia. Florianopolis, 30 de julho de 1927.

ASSISTENCIA DENTARIA ESCOLAR

Florianopolis mais do que qualquer capital de outro Esta-do do Brasil, necessita de uma «Assistencia Dentaria Escolar».

Escrevendo esta these com dados precisos do grande flagello de Florianopolis, que é a carie dentaria, citarei diver-sos casos, factores precipuos deste grande mal.

Examinando com os meus collegas cirurgiões dentistas Achilles Santos, Cassio Luz, Eudacio Corrêa, os grupos es-colares Lauro Müller e Silveira de Souza, encontramos o as-pecto bucco-dentario, em pessimas condições de hygiene, mór-mente entre as creanças pobres, que em absoluto não fazem uso da escova.

A média deste exame attingio a um grão enormissimo; 98% de affecções dentarias, algumas complicadas.

Os alumnos que menosprezam o asseio são em numero elevado, apresentando um character tristonho e debilidade ner-vosa, e são os que mais falta tem nas aulas.

Examinando tambem a Escola S. José, dirigida pelo edu-cacionista frei Evaristo Schürmann, encontrei, no rapido exa-me que fiz, a mesma média dos grupos escolares, todos sem asseio buccal, dentes infeccionadissimos, fistulosos, gengivas purulentas, e um máo halito geral.

O que falta fazer em vista destes dois exemplos? Ve-jamos qual é o maior mal, o que mais afflige as nossas cre-

anças, o que mais apavora, o que mais depauperava e sacrificava a saúde das mesmas?

E' a carie! E um dente cariado provoca a odontalgia a pulpíte: é um phantasma que persegue atrozmente a criança nas mais serenas horas de sua vida. A dor de dente não conhece condições sociaes, não conhece a riqueza nem a miséria, ella é forte para todos.

E como nem sempre nos é dado uma occasião como esta, — a formação de um Congresso de Ensino, onde bondosamente um punhado de verdadeiros amigos de Santa Catharina, numa conhecida aspiração de elevar e dignificar o ensino primario no Estado, — uso-a, sahindo de minha modesta officina de trabalho, para expor uma pequena these, aliás muito simples na parte litteraria, mas grandiosa, sublime, e philantropica na parte pratica. Devemos trabalhar com abnegação na criação da «Assistencia Dentaria Escolar», pois só desta forma teremos feito o exterminio dos soffrimentos dos dentes das creanças que frequentam as nossas escolas.

O governo deve amparar esta humanitaria iniciativa, installando nos dois grupos da Capital, uma assistencia, favorecendo os desprotegidos da sorte, esses milhares de creanças que noite e dia soffrem e se deformam pela falta de tratamento dos dentes.

A Assistencia Dentaria Escolar é quasi tão necessaria como o proprio ensino primario. Tratar dos dentes das creanças é uma necessidade igual a da primeira alimentação. Pode-se avaliar o gráo de civilização moderna de um povo pelo cuidado que elle tem com os dentes das creanças.

A sciencia moderna nos ensina que nos numeros molestias geraes são causadas pelos máos dentes. Precisamos cuidar seriamente da saúde da população infantil escolar de Florianopolis. O numero de tuberculosos cresce dia a dia e o primeiro passo na lucta contra esse terrivel mal, está no tratamento dos dentes das creanças.

Para melhor facilitar o estudo desta these, apressei-me a organizar os quadros respectivos e regulamentos para a criação da «Assistencia Dentaria Escolar, certo de que todos os membros que compõem esta conferencia não deixarão de apoiar esta altruistica iniciativa.

PLANO DE ORGANIZAÇÃO

Assistencia Dentaria Escolar

Da séde, fins, subvenções. A Assistencia Dentaria Esco-

lar, será fundada por iniciativa do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, com séde no grupo Escolar Lauro Müller, ou mesmo em outra qualquer sala indicada pelo governo terá por fim o tratamento dos dentes das creanças pobres e a diffusão da hygiene dentaria, por meio de publicação, conferencias, conselhos e distribuição de folhetos de propaganda em todas as camadas sociaes.

a — Será uma causa de caridade pelo serviços dentarios gratuitos que prestará ás creanças pobres.

b — Será nomeado um dentista idoneo, formado, com longa pratica do serviço.

c — O dentista será nomeado por acto do governo do Estado.

d — O dentista será autonomo no seu serviço, marcando a hora do trabalho de accordo com o director do grupo.

e — O dentista perceberá a quantia de..... por mês, como recompensa dos seus trabalhos.

f — O gabinete dentario será installado por conta do governo do Estado ou contractará o gabinete do dentista que fôr nomeado.

g — O material será fornecido parte pelo governo do Estado e parte pelos alumnos, que concorrerão com a gratificação de \$500, por mês.

h — O serviço que se deverá fazer, é o seguinte: obturações simples, tratamento de odontalgia, tratamento de fistulas e abcessos e outras molestias, extracções dos dentes completamente infeccionados.

i — O dentista fará todos os meses uma palestra sobre hygiene da bocca, mostrando as vantagens e os programmas que a assistencia está fazendo.

Para que o serviço seja bem feito é mister seguir a praxe do serviço clinico da «Assistencia Dentaria Infantil» no Rio de Janeiro, sob a competente direcção do professor dr. Frederico Eyer.

A seguir:

Todo o alumno terá um cartão de matricula do modelo junto.

No verso deste cartão será escripto: «Sendo o tratamento destinado exclusivamente ás creanças pobres, será cassada a matricula aquella que se verifique dispôr de recursos para fazer este tratamento. Além deste cartão de matricula a assistencia terá um outro de archivo de gabinete. Conforme modelos:

ASSISTENCIA DENTARIA ESCOLAR

Numero de matricula.....
 Nome.....
 Hora..... Dias.....
 O Cirurgião dentista.....

Este cartão é de uma utilidade extraordinaria, podendo-se fazer um calculo da entrada do alumno no consultorio e da sahida do mesmo, e as vantagens que obteve durante o tratamento.

ASSISTENCIA DENTARIA ESCOLAR

Anno Mez
 FLORIANOPOLIS — SANTA CATHARINA

Nome.....
 Idade.....: Anos..... Côr.....
 Nacionalidade.....
 Residencia.....
 Filiação.....
 Escola que frequenta.....
 Antes do tratamento.....
 Peso.....
 Depois do tratamento.....
 Altura.....
 Alimentação.....
 Proporção dos dentes cariados.....
 Escova os dentes?..... Existe tartaro?
 Cor dos dentes..... Articulação.....
 Início do tratamento.....
 Conclusão do tratamento.....
 O Cirurgião dentista.....
 Registrado no livro n. pag.....

Anno	N. das consultas	Dentes temporarios		Exp. polpa	S. exp. da polpa	Gutta Percha	Cimento	Porcelana	Almagama	Total	N. dos novos clientes			Alta			Observações
		Meninos	Meninas								Total	Meninos	Meninas	Total	Meninos	Meninas	
Florianopolis	N. de obturações	Dentes permanentes		Total	Total	Total	Total	Total	Total	Total	N. dos novos clientes			Alta			Observações
Santa Catharina	Diagnos-tico	Meninos	Meninas								Meninos	Meninas	Total	Meninos	Meninas	Total	

Eis em pallido historico, o resumo para a organização de uma Assistencia Dentaria Escolar em Florianopolis. Será um acto de verdadeiro patriotismo si as nossas autoridades competentes se interessarem pelo assumpto criando com a maxima brevidade a Assistencia, pois uma hora que se perde é mais um avanço para o grande flagello.

Destruamos em Florianopolis este terrivel mal, CARIE DENTARIA, que assim teremos um futuro mais grandioso reservado para os nossos filhos.

Ass — *Arv de Bittencourt Machado*. — Cirurgião dentista
Floriapolis, 30 de julho de 1927.

THESE N.º 44

Ligeiras Considerações Sobre a hygiene Escolar

Apresentadas à Conferencia Estadual do Ensino pelo Dr. Alfredo Porphiro de Araujo

1927

HYGIENE ESCOLAR

A hygiene é a conservação da saude. A saude é a integridade organica. A integridade organica é a vida, logo a hygiene é a vida.

A hygiene infantil tem por fim proteger e desenvolver a saude corporal e intellectual das crianças.

Portanto não nos devemos limitar a conservar a integridade organica do menino, mas cuidar da sua integridade ou perfeição intellectual, ensinar-lhe os meios capazes de evitar as molestias, de conservar a sua saude e desenvolver methodicamente o seu physico e a sua intelligencia.

E' esta a base scientifica da hygiene geral e particular.

A creança deve ser iniciada nos conhecimentos praticos de hygiene desde que começa a locomover-se, desde os seus primeiros passos. Esta parte compete a seus paes. Ao entrar na Escola é ao professor que se impõe ministrar a seus discipulo o conhecimento pratico e methodico dos

meios efficazes para a conservação da sua saude e seu desenvolvimento physico e intellectual.

Aos primeiros esta obrigação se impõe, naturalmente, porque os mais ardentes desejos dos paes é tornar os seus filhos sãos e robustos, para depois poderem ser o sustentaculo de sua velhice.

Aos mestres se impõe esta obrigação, porque deverá lembrar-se que é a mocidade que exalta o futuro da Patria cuja força, cuja grandeza, cuja pujança augmenta a sua prosperidade, a consideração e o respeito das demais nações. A mobservancia das leis de hygiene na educação das creanças, redunda em serios perigos e consequencias fastidiosas que se reflectem até em gerações futuras. Si nos quizermos reportar ao estudo que se tem feito sobre os meios de conservar a saude teremos de recapitular toda a historia da humanidade, o que não cabe no pequeno espaço que temos, nem no tempo de que dispomos para um estudo retrospectivo sobre assumpto de tão magna importancia.

Basta seguirmos os methodos adoptados na Grecia classica, onde reinava a mais feliz harmonia entre a cultura do espirito e a do corpo.

O começo do seculo XIX tornou-se censuravel pelo esquecimento da hygiene escolar. Só depois de uma lucta infrene, iniciada por Pestalozzi e seus discipulos, e dos trabalhos de Lorisner, é que levantou o alarme entre os medicos, pedagogicos e autoridades, que começou o movimento em prol da salvação das creanças pela hygiene.

Uma das primeiras reformas foi a introdução, nos programas de ensino, da gymnastica. Foi a Dinamarca e a Suecia, os primeiros a adoptarem tão salutar medida de hygiene; depois, a Prussia em 1842, que reconheceu, por meio de uma lei de Estado a conveniencia dos exercicios corporaes como indispensaveis ao desenvolvimento viril.

Esta medida foi propagada em diversos outros Estados da Alemanha, sem que entretanto, este ensino fosse obrigatorio. Começaram pela reforma nos predios escolares, que lentamente se foi fazendo, até os dias actuaes em que incontestavelmente se tem introduzido na construcção desses predios todas as medidas de hygiene inherentes aos fins a que são destinados. O que é mais importante, é que não só na Alemanha como em todas as cidades principaes da Europa e da America do Norte, nada se faz, que diga respeito a

hygiene escolar sem o controle de medicos especialistas no assumpto. As visitas de inspecção escolar deverão ser feitas com a assistencia do medico higienista. Começemos a arazoar a nossa asserção pela gymnastica escolar. O professor por mais douto que seja, não pode, por si só, resolver si o alumno A ou o alumno B está em condições de fazer tal ou qual gymnastica ou outro exercicio physico qualquer.

É preciso examina-lo detidamente e ausculta-lo, para poder coahecer a sua capacidade organica a saber a sua resistencia physica, para poder distribuir o exercicio que deve fazer, o tempo e hora em que o deve executar. A gymnastica sueca, a natação, o jogo de bola, o jogo de law-tennis, o foot-ball, o jogo de bilboquet, o bilhar, o halteres o saltar a corda, são exercicios corporaes que reforçam e exercitam especialmente o lance de vista, os musculos dos braços, das pernas, as facultades de attenção, e da observação, as funcções respiratorias, etc, etc. Todos estes jogos ou exercicios physicos desenvolvem nas crianças todas as suas funcções organicas, mas para que produzam seus effeitos higienicos, é indispensavel que sejam executados methodicamente, em horas apropriadas, durante um tempo determinado, afim de que não produzam o cansaço.

Alem destes jogos gymnasticos, existem outros que fortificam a memoria: jogos arithmeticos, os que aguçam a facultade de combinação e reflexão, os de perguntas e respostas, o jogo das damas, do moinho, do gamão, do lobo e o gato, e ate o dos soldados de chumbo.

Alem disto ha os que se acompanham de cantos: a Senhora D. Sancha, a dansa do anel, etc, que servem para augmentar e crear bom humor das crianças e o instinetto de sociabilidade, exercitando ao mesmo tempo o ouvido e a memoria; quasi todos são proprios para ambos os sexos havendo, entretanto, alguns mais proprios para meninas, e outros para rapazes.

Alem destas gymnasticas ou jogos, que não dependem de aparelhamentos, temos a gymnastica de aparelhos fixos taes como o trapezio, a barra, etc. Esta é mais difficil e mais arriscada a desastres, entretanto não deixa de ser boa desde que obedeça ao methodo rigoroso sob o ponto de vista higienico. Alem destes cuidados de hygiene geral, precisamos observar a creança relativamente á parte de grande importancia sob o ponto de vista-psychologico.

Precisamos lembrar-nos que a mocidade escolar sof-

fre muitas perturbações em sua saude em grande parte de certa gravidade.

Estas perturbações em sua maioria apparecem quando a creança começa frequentar a Escola. Entre algumas devemos citar a myopia e a scoliose lateral. Tambem encontramos nas creanças que frequentam o collegio, dispepsia, anemias, fraquesas musculares, cephalalgias, bem como são expostas a diversas molestias contagiosas, as quaes muitas vezes propagam. Alguns ophthalmologistas dizem que a myopia é herediataria mas Colsmann nega categoricamente. Nagel diz que augmenta a proporção que o menino sobe de classe na escola. Como é que a escola produz a myopia? Em primeiro logar é devido a illuminação defeituosa das salas de estudo, porque quando a illuminação é má, o menino precisa aproximar mais o livro de sua vista, e é precisamente isto que o torna myope, porque faz um grande esforço para accomodar á sua visão.

A myopia é tanto mais pronunciada quanto a sala de estudos è menos illuminada. Hanel observou que entre alumnos que estudavam em salas bem illuminadas era a seguinte a proporção da myopia entre elles: nos primeiros, a molestia apresentava á proporção de 15 a 25% emquanto nos segundos era de 9 a 13%. Outra causa de myopia é o uso de livros impressos com typos pequenos e pouco legiveis. Alguns especialistas accusam o emprego de ardosias para a escripta. A attitude da creança tem uma grande importancia. Toda inclinação da cabeça determina uma congestão nas veias do cerebro e do globo ocular, podendo produzir a *sclerectasia*. Pensemos, entretanto, que, apesar de opiniões abalidas sobre o assumpto, não é a escola a causa exclusiva da myopia; porque em casa, muitas vezes, os meninos fazem seus estudos durante o crepusculo, escrevendo sobre mesas mal dispostas, e em salas ou quartos mal illuminados. O mestre tem o dever de conhecer este assumpto e corrigir as faltas corporaes de produzirem a myopia; mas em casa os paes devem tambem proporcionar aos seus filhos os meios capazes de evitarem as molestias. A *escoliose* é outra molestia attribuida a attitudes viciosas. E' verdade que os meninos quando escrevem dão ao tronco uma attitude que corresponde justamente a do menino que sofre de *escoliose*. Inclnam o busto para a frente e o apoiam pela parede thoraxica anterior sobre o bordo da mesa; fazem salientar a espadua direita para cima e para frente;

collocam seu caderno á esquerda e á medida que este se vae afastando, o tronco o vae acompanhado.

E' o que se observa, quando o menino se vê obrigado a erguer todo o busto, se a mesa em que escreve é muito alta. E' assim que se justifica a escoliose lateral nas escolas. O mesmo que se dá com o laço direito pode se dar com o lado esquerdo do tronco: isto é, a escoliose pode ser direita ou esquerda. Pode mesmo acontecer, e realmente acontece, que apesar de todas as regras exigidas pela hygiene, escolar o menino tome posições viciosas, por preguiça ou mal habito, e torne-se escoliotico, o que cabe ao professor vigiar e corrigir.

As molestias das vias respiratorias — Não se incrimine a escola como um dos factores das molestias dos orgãos respiratorios. Diversos autores pathologicos affirmam ser a escola uma fonte productora destas molestias, mas nenhum apresenta uma razão ou prova demonstrativa de tal asserção; nenhuma estatística se tem apresentado sobre o assumpto. Podem apresentar grande numero de alumnos atacados de molestias broncho-pulmonares, mas não quer dizer que ellas foram adquiridas na escola. Não ha duvida que se deve ter a maior vigilancia na admissão de alumnos, não devendo ser admittido o menino, que, depois de ser inspecção medica, for reconhecido como um portador de bacilos de Kocce.

As molestias contagiosas — E' um assumpto importantissimo a vigilancia dos alumnos sobre o ponto de vista das molestias contagiosas. Qualquer alumno, apresentando symptomas de molestia contagiosa, deve ser immediatamente isolado, afim de que não propague o mal aos demais alumnos, como até á propria população. Outro ponto de vista importante de Hygiene Escolar é a fiscalização da agua ministrada aos alumnos. Não ha quem não desconheça a importancia que exerce sobre a saúde a agua que se bebe. Entretanto, temos sido testemunha ocular do descuido de certos collegios, onde o alumno bebe a agua de uma torneira collocada no pateo de recreio, vinda directamente do encanamento geral da rede de aguas, com a circumstancia agravante de ser superaquecida pelos rios do sol: excellente cultura de germens de diversas especies! A agua deve ser filtrada em velas Pasteur, que não deixam passar germens, nem substancias organicas de diversas especies que nella se encontram em suspensão. E' um verdadeiro crime

de lesa-saude dar a quem quer que seja agua de má qualidade. Todo o collegio, ou outra qualquer casa de educação deve possuir bons filtros para agua e não consentir que seus alumnos bebam agua do encanamento geral. O asseio geral do corpo deve ser baseado no banho quotidiano, o que infelizmente não se dá entre nós. Conheço collegios onde os alumnos tomam banho uma vez por semana! E' irrisorio tal procedimento. A pelle tem alem das funções eliminatorias, a de respiração. A pelle que não é cuidada, desembarrada das substancias contidas na poeira atmospherica e mesmo nos residuos das eliminações resultantes das combustões organicas, não pode exercer o papel mais importante que lhe assiste na defesa do organismo. A pelle suja irritase, descama-se e facilita a entrada muitas vezes de germens perigosos que pode produzir desde a eczema até a erysipela e outras infecções microbianas.

Nos alumnos dos externatos esta vigilancia deve caber aos Paes, mas nos internatos é obrigação dos professores; obrigação que se impõe pelas Leis de hygiene, pelo dever de humanidade, cujo descaso redunda um grande prejuizo para a saúde individual não só dos alumnos, como da primeira sociedade. E' indispensavel a fiscalização rigorosa dos governos, dessas medidas imprescindiveis de hygiene e de saúde publica.

O que não se passará nos asylos e orphanatos onde faltam essa inspecção de saúde? Resumindo a nossa these; concluímos que a hygiene escolar, já ministrando-lhe os meios necessarios ao desenvolvimento physico e intellectual por meio da gymnastica, já preconizando os meios capazes de evitar as diversas molestias organica, já preconizando os meios de curar a grande maioria das diversas molestias que assediam a humanidade.

Uma parte compete aos Mestres, outra aos Paes.

Si assim cumprimos os nossos deveres de vigilancia sanitaria das crianças, teremos mais tarde uma Patria constituida por filhos fortes, são de corpo e são de espirito.

E só assim poderemos augmentar a nossa população, embellezando com a cultura do corpo e do espirito os nossos filhos, para mais tarde nos tornarmos invejados, pelos demais povos ao mesmo tempo que engrandecemos a nossa querida Patria.

Fecit qui potuit, faciant meliora potentes.

Florianopolis, 29 julho de 1927.

Ass — Dr. Alfredo Porphirio de Araujo

THESE N.º 39

O ensino de Noções de Hygiene nas Escolas Publicas do Estado de Santa Catharina

These apresentada por Oswaldo Rodrigues Cabral, Diplomado pela Escola Normal do Estado o alumno da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro

1.ª — Os objectivos geraes da escola primaria são os seguintes:

Extinguir o analfabetismo, ministrar noções de Hygiene, formar o character dos alumnos e dar-lhes educação civica;

2.ª — Os valores, actividades e ideaes da escola primaria consistem na formação do povo instruido, sadio, operoso, normalisado e solidario a ordem e progresso da Patria.

(Conclusões approvadas em o Congresso da Instrucção Primaria realizado no Estado de Minas Geraes em maio do corrente anno.)

APRESENTAÇÃO

Tendo accupado, por prazo relativamente curto, uma cadeira no magisterio publico do Estado, não é escudado em annos de experiencia que tenho a ousadia de vir apresentar o presente trabalho aos illustres membros componentes da Primeira Conferência de Ensino Primario.

Vinte e poucos dias, si tantos, professor do Grupo Escolar Felipe Schmidt, da cidade de S. Francisco, alguns meses do Grupo Escolar Conselheiro Mafra, da de Joinville, bastaram-me, no emtanto, para notar quão descurado é, em Santa Catharina, o ensino de indispensaveis noções de hygiene.

Dahi a idéa do presente trabalho. Procurei nelle encarrar o assumpto sob todos os aspectos, desde as vantagens e necessidades, que talvez superfluo será encarece-las, até o modo pelo qual devem ser ensinadas as noções de hygiene. Afastado do magisterio, não estou affeito ás intimidades, ás pequeninas cousas da vida de professor.

Por isso, não serão encontrados aqui conceitos pedagogicos, que me seriam dictados por uma experiencia que não possuo. Tambem não tenho a pretensão de vir aqui ensinar rudimentares principios de hygiene, o que seria um absurdo. Muito outro é o meu ponto de vista — e elle ficará plenamente conhecido com a leitura do presente trabalho.

O que se ensina, nas escolas primarias, ás creanças, sobre o Brasil ?

Certamente ainda hoje, o que a mim me ensinaram:—é o Brasil um paiz grande, sublime, onde ninguem morre de fome ou de frio, que, em se plantando, tudo dará nelle» com quasi todos os climas da Terra, um paiz privilegiado, fertil, saluberrimo, rico, magestoso !

Grande pela sua extensão, maior pela riqueza dos seus solo e sub-solo, magnanimo pelas suas leis! E no cerebro das creanças, povoado de lendas e phantasias maravilhosas, o Brasil se apresenta, como um daquelles paeses maravilhosos, de que falam os contos orientaes, onde tudo é ouro e pedrarias. Mais tarde, quando das historias e viagens adoraveis de Julio Verne se passa para os jornaes, quando sabidos da phantasia se ingressa na realidade, a primeira desillusão se delineia: — O Brasil não é tudo aquillo que nos contou o professor.

Poderia, apenas, se-lo !... E' o paiz de elevada proporção de analfabetos, é uma terra de doentes, doentes de doenças evitaveis em sua maioria, e que não são evitadas pela ignorancia do seu povo. O seu progresso é moroso porque a doença reduz a impotencia muitos braços que poderiam trabalhar; a maior parte das suas riquezas ficam inexploradas, desconhecidas...

Lendo um dia o «Saneamento do Brasil», de Belisario Penna, um apostolo e um sabio que andava, bondoso, a falar ás creancinhas, encontrei aquella phrase que queima como ferro em brazas, e que mais accentuou o travo da minha desillusão, aquella phrase de Miguel Pereira: «O Brasil é um vasto hospital!...» E tambem no meu espirito enraizou-se a crença de que tudo era obra da ignorancia. Ignorancia do povo que desconhece os males que espreitam: incuria dos governos, que para tão grandes males tem tomado tão pequenas providencias ! E aquelle livro que citei, mostra a verdade em toda a sua nudez. Elle somma, elle confronta, traz-nos estatisticas, mostra o mal que devemos combater. Indica providencias, implora, clama, rebela-se, revolta-se contra a incuria, brada contra aquelles que não querem ver! Sancie-se o Brasil, dê-se remedio ao enfermo, cure-se o caboclo, tão diffamado quando é apenas um doente, ensine-se ao povo os mais corriqueiros preceitos de hygiene e o Brasil será, em breves dias, aquelle paiz de maravilhas que existia em nossa imaginação. O caboclo curado, forte, é um braço a trabalhar pelo

nosso progresso, superior a qualquer outro que de fóra nos venha. Porque então o não curar? Porque o não instruir na pratica de actos que o resguardem dos males que hoje o affligem? Ao iniciar o meu desvalido trabalho eu não poderia esquecer tudo isso. Si com elle quero propugnar para que maior se torne o ensino de hygiene nas Escolas!...

Trabalhar para isso é preparar o terreno, e amanhã, quando outras providencias foram tomadas em prol dos atacados pelos males que nos são endemicos, outra geração estará reformada, prompta para receber com o agrado com a qual nem sempre a de hoje, pela sua ignorancia, recebe, as mesmas providencias. Teremos trabalhado o terreno e nelle depositado a semente. E quando, amanhã o brasileiro, livre das endemias, curado e dellas sabendo defender-se, apresentar-se forte e grande, podemos dizer com orgulho: «A semente germinou — e se fez arvore — e a arvore fructificou!...»

UM POUCO DE ESTATISTICA

Lancemos os olhos pelos horrorosos quadros, que são aliás communs, e que se nos mostram, tendo como causa inicial os males que atacam o paiz: — O opilado é um homem que não serve para nada. O verme que lhe corroe os intestinos, suga-lhe o sangue, deixa-o impotente para qualquer serviço, incapaz de qualquer actividade. Malandro, vadio, nada lhe anima e o alcool é o seu remedio e o seu consolo.

— o impaludado vive a tremer em seus repetidos accessos febris, que lhes esgotam as forças em pouco tempo;

— o atacado da molestia de Chagas, nota que dia a dia lhe cresce o papo;

— a tuberculose torna o homem diaphano, quasi porcellana, deforma-lhe a espinha, causa-lhe innumerous horrores;

— a lepra a variola, emfim para não me alongar demasiadamente neste capitulo, completam a serie tetrica de quadros que viemos mostrar.

E a quem interessar sobre o desfalque do paiz, com as vidas uteis que perde para o trabalho, basta ler o quadro abaixo, em que damos a percentagem dos atacados:

Ankylostomiase — 70%

Impaludismo — 40%

Molestias de Chagas — 15%

E isto, de molestias perfeitamente evitaveis e que o povo não evita por desconhecer as medidas necessarias para tal, por falta de instrucção, portanto. Os numeros acima forne-

cidos pelas repartições do Governo, encarregadas do serviço de estatistica, falam mais que quaesquer commentarios. Houve quem dissesse, ha tempos, no emtanto, que nem tão grave é tudo isto. Por accusarem as fézes de 70% de individuos ovos de ankylostomo ou de necator, não quer dizer que 70% sejam doentes. Que importa, no emtanto, se, embora não sejam elles doentes, são pelo menos portadores de germens, e, portanto, estão aptos para levar adeante a semente do mal? Não seria sinão ridiculo pretender sanear o Brasil, unicamente por meio da educação hygienica. Belisario Penna, mesmo, diz: «Propaganda e conselhos poderão ser bons auxiliares da lei que imponha medidas hygienicas.»

E esta é, realmente, a verdade.

O ensino de principios hygienicos conduzido por professores habéis e capazes, como medida cooperante para o saneamento do paiz, é imprescindivel. Porque educando o povo, tornará accessivel a este a comprehensão das leis que forem sancionadas em prol do mesmo saneamento, tornando portanto, mais facil a execução das mesmas. O povo comprehenderá a vantagem e a necessidade dessas leis, facilitando a sua execução, construirá as habitações obedecendo ás prescripções, destruirá e afastará dellas os insectos e parasitas, causadores e transmissores de molestias prejudiciaes á collectividade.

«A educação hygienica do nosso povo, que será a sua incorporação real á civilisação, só se fará, não quando elle souber ler e escrever, e puder ser eleitor, mas quando for obrigado a construir a sua habitação obedecendo ás prescripções hygienicas, e forçado a destruir ou afastar della os insectos e parasitas causadores de molestias transmissiveis e prejudiciaes, á collectividade.» (Belisario Penna — Saneamento do Brasil). E como irá elle construir a casa nestas condições, si desconhece os preceitos a que se refere o mestre?

Mister se faz ensina-los, para depois, como ainda exige o sabio professor, serem «as medidas hygienicas impostas por leis e regulamentos, com penalidades para os recalitrantes, e rigorosamente executadas.» No dia em que o povo estiver sufficientemente educado, pôde vir a legislação com as penalidades, que estas não serão applicadas.

Um exemplo sómente darei deste importante factor que é «Comprehensão da necessidade» das medidas hygienicas e prophylacticas.

Annos atraz, não constitue novidade alguma, o espiri-

to esclarecido de Oswaldo Cruz exigio, obteve e impoz a medida da vaccinação obrigatoria na Capital Federal, para combater a variola.

Contra essa medida do mais illustre sabio brasileiro se levantaram protestos. Levanta-se a Escola de Guerra. Faz-se do caso hygienico um caso politico e, em face do Direito, no Senado, Ruy Barbosa, a grande aguia brasileira, protesta contra a vaccina. Isso passou-se, por assim dizer, hontem. Hoje, o que vemos? Mal apparecem na Capital Federal casos de variola, é o proprio povo que pede, exige, que reclama lymphas ao Governo. Os postos de vaccinação multiplicam-se pela cidade, nas escolas, nas repartições publicas, nas redações dos jornaes: o povo comprehendeu as razões do grande scientista e a necessidade da vaccinação.

Lei alguma, com as mais rigorosas penalidades, daria os resultados que hoje temos. Para que então, exemplo mais cabal? Assim, quando, como com a vaccina o povo comprehend a necessidade e as vantagens de executar os preceitos hygienicos, elle proprio se incumbirá de zelar pela sua habitação, pelo seu corpo, pelos objectos do seu uso. O que se faz necessario é ensinar quaes são estes preceitos.

« Propaganda e conselhos poderão ser bons auxiliares da lei que imponha medidas hygienicas ». E nós que vimos aquelle velhinho bom que escreveu isto andar pelas escolas a ensinar ás creancinhas, em uma linguagem clara, facil, simples, concluiremos: « são talvez os melhores ».

A NECESSIDADE

A necessidade do ensino de hygiene é flagrante. Vir tratar della depois do que tenho escripto desde o inicio desse trabalho, não seria mais do que estar a repizar a mesma tecla. Depois de tudo o que disse, ella è patente, é evidente. Si eu não estivesse convencido da necessidade de semelhante estudo, não teria a coragem de vir tomar o tempo dos illustres membros da Conferência do Ensino cujo trabalho não é pouco. Mas não me sobra autoridade para julgar (1). E então direi que si tal necessidade fosse menos certa, não andariam os sabios a ensinar as creanças.

Estas, principalmente as que vivem afastadas dos centros mais adeantados são as que devem merecer, em maior gráo, a nossa attenção.

Adquirem o habito de praticar o que praticam os seus maiores. Andam descalços não se resguardam dos mosqui-

tos, não temem a mosca. Adquirem por isso, as mesmas molestias, são victimas dos mesmos males que seus paes. As suas roupinhas estão quasi sempre sujas, por desleixo paterno mais do que por falta de meios. Não lavam as mãos antes das refeições, não limpam nem cortam as unhas, não usam do banho com a frequencia desejada, não se curam si doentes; não collocam abaixo grandes cabelleiras que tem, « habitat », as mais das vezes, dos mais nojentos parasitas.

São habitos, são usos, são costumes condemnaveis e que urge modificar.

Necessario portanto é que se lhes ensine, inculca outros habitos, outros usos, outros costumes. E quando o horror pelos primitivos usos se manifestar, estaremos no caminho de preparar outro povo, outro Brasil.

AS VANTAGENS

« Ensinar ás creanças as mais uteis e rudimentarês noções de hygiene » lá está a phrase, « é um dos bons auxiliares da lei que as imponha ». E o porque já foi dito. Não se ensina, desde as classes mais atrasadas, ás creanças recém-ingressadas nas escolas, rudimentos de Instrucção Civica? Para que? Com que fim? Para preparar, é claro, o cidadão do futuro, o homem que será do Brasil de amanhã, o patriota, o brasileiro consciente dos seus deveres civicos. E todos nós conhecemos os proveitosos resultados obtidos com o ensino desta disciplina. Assim será tambem o dos principios de hygiene, pois esta completará aquella, porque esta preparará o homem são do futuro, o braço forte que propugnará pelo progresso da nação, o brasileiro que deixa de ser e de representar um valor negativo, passando ao erario publico, para ser e representar um valor real, positivo, fonte de renda para a nação, cooperando, trabalhando, produzindo. Que differença então deste para aquelle outro, o mirrado, o barriga de porungo, o papudo, o vadio. Que differença daquelle que vive a afogar no alcool a sua desdita, tido como um preguiçoso, como imprestavel, quando era apenas um doente! Eis a grande vantagem. Não será então um grande beneficio, não será uma grande obra, não será um motivo de justo orgulho trabalharmos, contribuirmos para esta grande obra de transformação do Brasil—vasto hospital—de hoje, no Brasil—terra promettida—de amanhã?

Anos que passem as creanças dos Grupos Escolares ou de outras escolas a ouvir uma vez por semana, que seja a voz-amiga do professor a aconselhar, a ensinar, produzirão resultados, apresentarão seus efeitos, na intelligencia viva das mesmas, sempre prompta a receber tudo o que lhes ensina. Será annos que levará o professor a mostrar, a exemplificar, a convencer os alumnos, em uma serie progressiva de conhecimentos, dos mais simples aos já algum tanto complexos. Será estes mesmos annos que o professor levará a mostrar como se praticam os preceitos ensinados, e attento, solícito, vigilante, patriota, exigirá do discipulo o cumprimento de todos os principios que ensinou. Exigir, exigir sempre até que a pratica dos mesmos tome raizes fortes, se accentua, se evidencie e substitua aquelles habitos condemnavéis adquiridos muitas vezes nos proprios laros, onde são desconhecidas as regras da hygiene. São estas as vantagens, pois educadas as creanças sem a menor noção destes conhecimentos, mais tarde, na mesma vida continuarão, sem combater, sem evitar os males advindos da pratica de habitos, pouco recommendaveis. Continuarão a não cuidar da limpeza do vestuario e muito menos da do corpo. Não haverá asseio no lar, que estará sempre prompto a dar asylo a toda a sorte de insectos que na sua maioria representam outros tantos transmissores de males. O completo ensino de hygiene tende a combater este mal. E, repetindo, fará do «eterno descontente» o homem valido de amanhã.

Concluindo, o ensino a que me referi, além de todas as vantagens expostas, além de constituir uma necessidade extrema e inadiavel, apresenta-se como uma maneira efficaz, pratriotica e economica de contribuição para a resolução do grande problema que é o Saneamento do Brasil.

A DISCIPLINA A ENSINAR

Dada a deficiencia ou, talvez melhor, a inexistencia do ensino de hygiene no Estado, a medida inicial seria a criação da disciplina a ensinar. Ficaria assim creada a cadeira de rudimentos de Hygiene ou Noções Elementares de hygiene, como melhor parecer. Sem cogitar por emquanto da distribuição da materia, segundo os dictames da Pedagogia, delinção em traços ligeiros succintamente, o que se irá estudar nesta cadeira. Não só, como de começo poderá ter parecido, não só o estudo da prophylaxia das varias ende-

mias e epidemias communs entre nós deve ser objecto do estudo. Muita ontra cousa, cuja vantagem nos parece real, deve ser tambem e constituir materia a ministrar. Assim, passo a expor a materia:

PRIMEIRO — Cuidados para com o corpo — O corpo-suas partes. Germens que poderão ser encontrados ahí. Cuidados especiaes para com os cabellos, unhas, dentes, olhos ouvidos, mãos, etc... Banhos. Exercicios phisicos. Repouso, etc.

SEGUNDO — Vestuario: Cuidados especiaes. Asseio. As roupas; os chapéus e os calçados. Necessidade destes. Roupas de dormir. Roupas brancas. Roupas de cama, etc.. Objectos de toilette.

TERCEIRO — Habitação: Cuidados, Logares proprios para edificação. Ventilação, iluminação, etc...

QUARTO — Alimentação. — Alimentos e sua divisão. Carnes. Leite e derivados. Seus parasitas e microbios. Intoxicação e causas. Conservação e esterilização. Cereaes, legumes fructos. Perigos decorrentes da alimentação feita com generos mal cozidos: Bebidas. Agua, chá, matte, café, O alcool. O alcoolismo, etc...

QUINTO — Sólo. Agua. Ar. Temperatura, ventilação, humidade, germes e saneamento do sólo. Composição, germes, depuração esterilização das aguas. Filtros. Aguas mineraes, potaveis, etc... Elementos, germens do ar. Poeiras, etc.

SEXTO — Climas: Diversidade. Zonas e altitudes. Ventos e correntes maritimas. Salubridade.

SEPTIMO — Transmissores e elementos que favorecem as trasmissões das doenças. Alimentos, ar, animaes domesticos, insectos, etc...

OITAVO — Endemias e epidemias communs no Brasil. Neste ponto estudaremos, as doenças endemicas ou epidemicas que mais abundantemente se encontram no Brasil, São ellas as seguintes, salvo alguma que haja escapado.

- a) Ankylostomiasis
- b) Impaludismo
- c) Outras Verminosas
- d) Trypanosomiasis americana (molestia de Chagas)
- e) Lepra
- f) Tuberculose
- g) Leishmaniose americana a (ulcera de Baurú)
- h) Trachoma
- i) Febre amarella
- j) Variola

k) Typho

l) Peste bubonica

m) Meningite cerebro—espinal

n) Dyphtheria

o) Sarampo.

Em a letra c «outras verminosas,» o professor tratará, em linhas geraes sem outros detalhes, da Teniasie, Bottriocephalose, Ascaridiose, Trichinose, Oxyurose, Trichocephalose, etc... Exclui deste quadro, propositadamente, por desnecessaria para conhecimento da infancia, a syphilis.

Das doenças acima ennumeradas, serão estudadas:

1) Agentes

2) Sua acção no organismo humano (rudimentos)

3) Hospedeiros a transmissores

4) Vias de penetração dos germens

5) Contagio e propagação

6) Prophylaxia

Das constantes das letras «k» a «o», apenas ligeiras noções

Finalmente, para completar o estudo serão dadas noções sobre ophidios, estudando-se:

a) habitos destes animais, meios de evita-los e comba-
te-los.

b) medicação immediata em caso de ataque por parte
delles.

Na ennumeração destes pontos não me preocupou, como disse, a divisão da materia de modo a ser ensinada, do curso mais elementar ao mais adeantado. Em capitulo á parte esboço um projecto de programma onde procuro obedecer ás leis da difficil «sciencia e arte de ensinar», partindo do mais geral para o mais complexo, attendendo ao grau de adiantamento dos discentes e á progressão natural com que devem ser ensinadas as sciencias.

O MODO DE ENSINAR

A parte pedagogica, com já disse, não pode ser por mim tratada com a pericia daquelles que têm a sua vida quasi toda dedicada á Instrucção com a pratica adquirida em longos annos de exercicios no magisterio.

Seria erro imperdoavel querer ensinar como ministrar uma disciplina, base apenas em rapidas leituras de caderno de Pedagogia que ainda conservo do meu tempo de estu-

dante da E. Normal. Entretanto, não me esquivo de dar o o meu parecer, procurando com isso apenas completar o mais que possivel o meu desvalioso trabalho. Inicialmente como para as demais disciplinas, deverá ser levado em conta o grau de adiantamento em que se encontra a criança a quem se vae ministrar as noções.

As menos adiantadas ficarão apenas conhecendo as molestias que são mais communs no Brasil, ao mesmo tempo que lhes forem ministradas noções de asseio corporal, da habitação e do vestuario. Ser-lhes-ão contados os horrores causados pelos diferentes males, os estados a que elles costumam reduzir os individuos. E o professor então se referirá ao meio de evita-los. O professor se limitará, naturalmente a licções curtas, claras e tratando do assumpto de um modo muito geral, evitando minucias que não seriam comprehendidas. O dr. Amaury Medeiros, que foi Director da Hygiene e hoje é Deputado Federal pelo Estado de Pernambuco, tem a este respeito, escriptas varias paginas interessantes em seu livro «Saude e Assistencia», que merecem ser lidas. Assim relata aquelle illustre cientista as experiencias levadas a effeito no Grupo Escolar dos Afogados, que apresentaram optimos resultados. Uma dellas, muito interessante, é a seguinte: O professor encarregado de ensinar noções de hygiene ás creanças entra em aula e, dirigindo-se aos discentes, interroga: «Quem é dos meninos aqui presentes (ou das meninas) aquelle que deseja ficar bonito?» Após um silencio de hesitação sempre apparecia um ou outro que dizia: «Eu quero!» Então o professor iniciava a sua lição, explicando «o que deveria fazer o menino para ser bonito, cumprindo os preceitos de asseio, etc...» Acontece, porem, que uma das vezes um menino exclama: «Eu não quero. Eu quero ser feio.» O professor não se perde. «Pois não. O menino faz mal em querer ser feio. Para não ser bonito faz-se isto, etc., e dava normalmente a sua lição. Ao terminar perguntava então: O menino ainda quer ser feio?»

E como este exemplo citado, muitos outros.

Nos annos adiantados já o ensino toma outra feição. O alumno adiantou-se, evoluiu, póde receber conhecimentos mais complexos com facilidade relativa, tendo sempre o professor o cuidado de não deixar cousa mal comprehendida ou não comprehendida pelos alumnos. Os exmplos deverão ser abundantes. Nos ultimos annos será o ensino aperfeiçoado com o conhecimento mais minucioso dos agentes ethio-

logicos, referindo-se o professor aos damnos causados por elles. Serão estudadas as zonas onde se encontrem os males, noções sobre alimentação, seus vícios e insufficiencia.

Combaterá o professor os vícios que por ventura se possam entregar as crianças, o que aliás não é raro.

As estatisticas, nestes ultimos annos, serão bem impressionadoras para os alumnos. O professor deve aproveitá-las, estudando-as, comparando-as, calculando qual seja o numero de doentes, de victimas, etc. Usará, enfim, todos os meios recommendaveis que estiverem ao seu alcance para a melhor comprehensão da disciplina e para o maximo aproveitamento possivel por parte dos discentes.

O MELHOR MEIO

O melhor meio será aquelle que completar o esforço do professor—e elle depende ainda do professor: o cumprimento á risca dos preceitos ensinados. O professor deve exigir o cumprimento do que ensinou sob pena de ver todo o seu trabalho resultar improficuo. Obrigará o asseio nos trajés, recommendará o banho com frequencia, examinará a roupa, as partes descobertas do corpo do alumno. Merecerão seus cuidados especiaes as unhas, os dentes e os ouvidos. Obrigará o uso do cabello curto. Aqui desejo fazer especial reparo a um ponto de vista errado e que no entanto é frequentemente observado. Muito professor ha de achar, e não falará quem lhe dê razão, que as questões de asseio « como de religião, » dizem, são da alçada paterna, que não cumpre ao professor dar banho e cortar as unhas aos pirralhos.

Está errado. Os filhos de paes ignorantes, analphabetos, desconhecedores dos principios de hygiene, pouco habituados ao asseio, nada poderão aprender em casa de quem tudo ignora. Si o professor não exige o cumprimento das noções que ensinou, a criança ouve, aprende talvez... e segue os exemplos paternos. No entanto, o professor culto, patriota, requer, exige que sejam obedecidos os principios que ensinou, examina, zela pelo asseio dos seus alumnos. E os resultados serão outros! Agora é o alumno quem vai dizer em casa, aos paes, o que lhe ensina o professor. Elle sente na necessidade de justificar as exigencias do mestre e irá contar; será com elle, então, que os paes irão aprender as vantagens do asseio. Este é o verdadeiro ponto de vista —e o professor mais que nunca, principalmente nos centros

cultos, caberá zelar pelo asseio dos seus alumnos, quando os paes desconhecerem os mais rudimentares, os mais elementares, os mais corriqueiros preceitos de limpeza. As leis em vigor procuram instruir os filhos dos analphabetos. Por ser filho de um ignorante não deve a criança ser condemnada a ficar ignorante, igualmente. O professor que sustentar o ponto de visita erroneo a que me referi, sustentará que o filho de um sujo deve ser condemnado a ser eternamente sujo, porque ninguem lhe obrigará ou ensinará a ser limpo.»

OS RESULTADOS

Uma vez que me referi ás vantagens e á necessidade da criação de um estudo mais ampliado de Hygiene, não será demasiado expor aqui os resultados praticos advindos de tal estudo. Dos Estados da União, aquelle que tratou com muito carinho a questão da educação hygienica foi o de Pernambuco. Ali foram postos em pratica os mais modernos processos e os resultados colhidos foram surprehendedentes, tendo o Director da Hygiene do Estado, cujo livro tenho sobre a minha mesa, e ao qual já me referi mais de uma vez, chegado á seguinte conclusão: « O serviço de educação executado para as novas gerações, é pois de resultados absolutamente seguros. Naturalmente demorarão, porque são penosas e precisam annos de paciencia, em um meio onde quasi tudo está para fazer.»

«Este esforço é de effeitos lentos, mas certos, e pode ser tranquillamente feito com a mesma segurança de quem planta arvores que custarão a crescer, mais uma vez crescidas resistirão ao sol e á chuva, e hão de dar fructos sem conta e sombra larga.» (Amaury de Medeiros Ob. citada, pags. 121).

E' a experiencia quem diz que a arvore ha de dar fructos sem conta e sombra larga. Para que dizer mais?

O ENSINO

O ensino de noções de hygiene a que me venho referindo desde o inicio do presente trabalho será ministrado obrigatoriamente:

A) Na Escola Normal do Estado, por professor cathedraico;

B) Nas Escolas Normaes e cursos equiparados;

- C) Nas Escolas Complementares;
- D) Nos Grupos Escolares da Primeira e Segunda Classe;
- E) Nas Escolas Publicas, Isoladas, Ruraes, etc....
- F) Nas Escolas particulares gozando de favores do Estado.

Creio que ainda, como no tempo em que eu cursei a Escola Normal do Estado, o ensino da cadeira de hygiene se faz em curso annexo ao ensino da cadeira de Physica e Chimica. Geralmente este curso não é dado como acontece no anno em que estive matriculado na 3ª serie da Escola. Isto porque o professor não dispõe de tempo sufficiente para leccionar physica, chimica, em noções que não poderão ser muito rudimentares, e ainda lhe o sobre para ensinar hygiene. Com a ampliação do ensino desta disciplina é mister que seja creada na Escola Normal uma cadeira a parte que somente cuide de tal ensino, regida por professor habilitado em concurso, como para as demais cadeiras. O ensino feito desta maneira, garantirá um preparo efficiente daquelles que mais tarde irão ensinar e exigir a pratica de tão uteis principios. Nas Escolas Complementares o ensino será feito nos tres annos do curso, como na Escola Normal é feito nos quatro, por professor escolhido pelo mesmo criterio com que são para as demais cadeiras.

Nos Grupos e demais escolas o ensino será ministrado em todos os annos do curso pelos respectivos professores em aulas de quarenta minutos no maximo e quinze no minimo, de accordo com a serie, trez vezes por semana.

Será esta a medida, pode-se dizer, inicial, sem a qual toda a tentativa de ensino de hygiene, sejam quaes forem as providencias tomadas, resultará improficua. E' necessario antes de tudo a criação de uma cadeira a parte, com seu programma, com seus docentes, de tal maneira dispostos as normas que, do primeiro anno de um Grupo ou de uma Escola Publica, ao ultimo da Escola Normal, seja o ensino feito numa ordem progressiva de conhecimentos, dos mais geraes para os mais particulares, desde as noções mais simples até as mais aperfeiçoadas, sendo o ensino dos annos anteriores completado, aperfeiçoado, melhorado, nas series consequentes.

PROGRAMMA

Esbocei um ligeiro projecto de programma a ser adoptado nas escola ruraes, isoladas e grupos, obedecendo aos principios acima mencionados.

Não tenho a vaidade de julga-lo isento de falhas; bem ao contrario, quero com elle, trazer apenas um subsidio para a criação, ou melhor, para a organização de um programma definitivo. Para a Escola Normal e Escolas Complementares, no entanto, excusei-me de organizar, isto porque naquella, são os programmas, creio eu, apresentados pelos respectivos docentes e submettidos á approvação da respectiva Congregação; nestas, o programma será baseado pelo daquella. Passemos então a dizer como comprehendemos o programma:

PROGRAMMA

1º ANNO

- A) Noções sobre o asseio corporal. Cuidados especiaes para com o corpo. Banhos As partes descobertas. Asseio das unhas, dentes, cabellos, mãos, etc.
- B) Vestuario. Cuidados para com elle. Asseio do mesmo. O calçado e a sua necessidade, etc.
- C) Habitação. Asseio do lar. Noções geraes.
- D) Alimentação. As aguas impuras. Alimentos mal cozidos, etc.
- E) Brinquedos e habitos infantis perigosos e prejudiciaes à saude. Exercicios physicos recommendaveis.
- F) Perigo das cobras. Como evita-las.

NOTA - O ensino será ministrado da maneira mais geral possivel. O professor desdobrará o programma em um numero sufficiente de lições, que terão aspecto de palestra. O cumprimento dos preceitos ensinados será exigido à risca. Ponto E, com respectiva pratica.

2º ANNO

- A) Recapitulação, em noções mais completas do programma do 1º anno.
- B) Generalidades sobre a transmissão das doenças. Transmissores.
- C) Males que atacam as populações do Brasil e como evita-los.

D) Exercícios physicos proveitosos ao desenvolvimento e á saúde.

E) Noções sobre a ventilação e iluminação das habitações.

F) Alimentação. Fructas, legumes e cereaes. Bebidas. Filtros e meios de depuração das aguas.

C) Vícios e habitos condemnaveis.

H) Solo. Temperatura, humidade, etc. Climas. Noções sobre....

I) As cobras. Como combate-las.

NOTA — A mesma do anno anterior.

3.º ANNO

A) Idem do Segundo Anno.

B) Noções rudimentares sobre microbios e parasitos.

C) Acção dos transmissores. Vias de penetração dos germens.

D) Epidemias, endemias e suas causas, do Brasil.

E) Generalidades sobre prophylaxia.

F) Meios que favorecem o desenvolvimento e transmissão das doenças.

G) Germens. Onde podem ser encontrados, no corpo. Germens do solo, da agua, do ar. Constituição. Aguas mine-
raes, potaveis, etc. Composição, etc. do ar. Saneamento do
sólo. Salubridade. Depuração das aguas.

H) Alimentos. Sua divisão. Carnes, leites e derivados. Seus parasitos mais communs. Idem, seus microbios. Intoxi-
cações alimentares. Noções geraes.

I) Noções geraes sobre a Ankylostomiase.

J) Idem Impaludismo.

K) » Leishmaniose.

L) » Tuberculose.

M) » Variola.

N) » Sobre outras verminoses.

O) Ophidismo. Soccorros immediatos aos atacados pelas cobras.

NOTA — Das doenças acima ennumeradas de I a N inclusive, estudar o que já referimos no capitulo «A disciplina a ensinar.»

4.º ANNO

A) Idem, do 3.º anno.

B) Noções mais completas sobre microbios, parasitos e transmissores.

C) Alimentação. Noções completas. Conservação das carnes. Noções sobre a esterilização. Bebidas. Condimentos.

D) Alcoolismo. Perigos inconvenientes, etc. Toxicos e entorpecentes. Vícios modernos e suas victimas.

E) Solo e ar. Noções sobre constituição, ventilação, humidade, germens, etc. do sólo; climas; diversidades de zonas; altitudes, ventos, correntes maritimas. Humidade, germens do ar.

F) Fontes de germens.

G) Noções mais aperfeiçoadas dos pontos de I a N do 3.º anno.

H) Trypanosomiase.

I) Lepra.

J) Trachoma.

K) Febra Amarella.

L) Ligeiras noções sobre Typho.

M) Ligeiras noções sobre Peste bubonica.

N) Ligeiras noções sobre Meningite cerebro espinhal.

O) Ligeiras noções sobre Dyphtheria.

P) Ligeiras noções sobre Sarampo.

NOTA — A materia constante do ponto D já se acha incluída no ensino dos Grupos e demais escolas por ordem da Directoria da Instrucção Publica, attendendo ao solicitado pelo Exmo. Sr. Ministro do Interior.

Eis como eu concebo o programma. Sem numero exíguo de pontos para as primeiras series, sem demasiado para as ultimas, a materia estará assim dividida de modo a ser comprehendida com relativa facilidade pelos discentes. O professor, completará o programma em sua melhor parte, usando dos methodos e processos didacticos que achar conveniente, mostrando, exemplificando, aperfeiçoando, afinal, o ensino e muito principalmente, como temos repizado, exigindo a pratica dos preceitos que ensinar.

OUTROS PROBLEMAS

Não se deve encarar aqui unicamente o problema do a que ensinar, como ensinar e porque ensinar. O problema mais importante é aquelle que encara o aproveitamento do ensinado. E a este aproveitamento se referirão os capitulos que se seguem. Com elles procurei completar quanto possivel a exposição despretençiosa que venho fazendo.

Si a materia fôr ensinada com criterio, de accordo com os dictames da moderna Pedagogia, si a exigência fôr cumprida por parte dos discentes, restará ao professor ainda fazer alguma cousa, que estudo nos proximos capitulos. Outros problemas nelles igualmente estudados, dependem unicamente do Governo, que, resolvendo-os, virá auxiliar bastante a missão do professor. Referem-se elles á hygiene das Escolas, áquella dos objectos de uso, ao asseio dos docentes e discentes e finalmente ás despesas para a organização de um serviço o quanto possivel, perfeito.

A ESCOLA

2ª. A Escola Infantil além do edificio em condições hygienicas, area ajardinada e arborizada, deve ser aparelhada com mobiliario proprio; (Conclusão da 4ª. these approvada no Congresso de Instrucção Primaria realizado no Estado de Minas Geraes, em maio do corrente anno.)

A hygiene, o asseio da Escola depende, quer do governo, quer do professor.

Não se pode comprehender que este obtenha bons resultados do ensino que fizer, si a Escola não estiver nas condições apregoados por elle, si não estiver de accordo com os preceitos ensinados. Assim o asseio da Escola deve ser o mais rigoroso possivel.

As suas instalações hygienicas devem ser as melhores possiveis. Si não for possivel o exgotto, por falta de rêde no local da Escola, a existencia de fossas sanitarias modernas é imprescindivel. As salas de aula deverão ser amplamente arejadas e illuminadas convenientemente, apresentar o soa-lho extremamente limpo e os moveis livres de pó. As carteiras serão zeladas pelos alumnos, responsabilizando-os o professor, pela falta de asseio que apresentarem. A agua para uso dos alumnos deverá ser contida em filtro especial. As paredes e tecto deverão apresentar-se extremamente limpos.

O pateo da escola merecerá tambem cuidados do professor. Os objectos serão collocados em depositos especiaes, simples caixas de madeira que serão collocadas nos angulos do mesmo.

As sentinas não serão esquecidas quanto ao seu estado de limpeza.

OS OBJECTOS

Os objectos escolares serão individuaes o mais que possivel. O material de cada alumno deverá ser completo, afim de evitar emprestimos. Sobre elles, objectos, se reflectirá o asseio exigido, impedindo o professor a pratica de habitos condemnaveis, como seja o velho habito das creanças de levarem o lapis á bocca, etc.

Material da Escola — mappas, quadros, globos, etc. . . . igualmente limpos.

Guardai-me para tratar neste capitulo de um objecto que geralmente pertence ao material da Escola e que deve pertencer ao do alumno: — o cópo.

E' o mais perigoso objecto que se encontra nas Escolas. Nelle todos os alumnos bebem agua, doentes ou não, transmittindo uns aos outros males as mais das vezes evitaveis. Os Estados Unidos da America do Norte, onde a cultura já attingio a elevado grau, resolveram de uma intelligente maneira tão serio problema: adoptando nas Escolas o copo de papel. Custa uma insignificancia e è inutilizada immediatamente após o seu uso.

Não existe, infelizmente, entre nós, a industria de cópo de papel. Os alumnos das escolas continuam todos a beber agua em um unico copo, geralmente collocado sobre a toalha, ao desabrigo, sujeito ás poeiras e ás moscas. O professor deve procurar remediar este mal, exigindo que cada alumno traga o seu copo. Ainda agora, ha poucos meses, realizou-se no Districto Federal, uma interessante festa escolar: a festa da caneca — em que cada alumno recebeu a sua, só podendo della fazer uso. No caso de não se poder exigir o cópo ou a caneca individual poder-se-ia exigir que o alumno antes de utilizar o da Escola o lavasse em agua abundante e corrente. Esta exigencia será ainda menos possivel! Ideal seria o bebedouro hygienico!

OS ALUMNOS

Não tornarei a dizer aqui tudo o que deverá o professor exigir dos alumnos, quando tudo já foi dito, nos differentes capitulos anteriores. Não falarei da posição do alumno na carteira, do grau de acuidade dos mesmos, quando isto é objecto de estudo da Pedagogia, propectamente leccionada na Escola Normal do Estado. O professor capricho-

so certamente não esqueceu estes ensinamentos. Sobre o asseio dos alumnos a que tanto me tenho referido, devo dizer que na sua exigencia obtive os melhores resultados no Grupo Escolar «Conselheiro Mafra» da cidade de Joinville, quando ali fui professor. Depois que cortei uma vez as unhas a alguns delles, nunca mais tive oportunidade de ver na minha classe unhas sujas ou compridas. Mandei varios a cortar o cabello e algumas vezes fiz descer alguns a lavar os pés. E apesar de lidar com o segundo anno, composto quasi que de creanças de idade inferior a 12 annos, obtive resultados surprehendedentes. A limpeza do vestuario não deve ser esquecida. Seria preferivel que o Governo, a exemplo do Estado do Paraná, obrigasse o uso de aventaes para as creanças de ambos os sexos. Pratico, util, não depende de grandes posses, è economico porque evita que se rasgue a roupa, que se manche, que se estrague. Creio mesmo que na Capital já estão sendo postos em voga taes aventaes. O verdadeiro seria impo-lo obrigatoriamente no Estado como fez o governo do Paraná. A maior difficuldade no emtanto que os professores encontrarão será para tornar habitual o uso do sapato. Os pobres dirão que não poderão dar aos seus filhos «luxo». E na maior das vezes o que economizam evitando esse «luxo», pagam com juros, pela perda da saúde. A boa vontade, a tenacidade do professor, neste caso ha de conseguir algo. Finalmente depois do que tudo ficou dito a respeito dos alumnos, poderá dizer-se ao concluir «o profesor será o responsavel pela pratica de actos em desacordo com os preceitos ensinados, por parte dos alumnos».

OS PROFESSORES

Cousa alguma sem duvida poderá auxiliar efficazmente ao professor na sua tarefa, como o exemplo. Os professores das cidades e centros adiantados pelas exigencias do proprio meio em que vivem, habituados a elles, e mesmo pelo grau de adiantamento que possuem, não se desviam da pratica corrente dos preceitos que serão obrigados a ensinar. Nos centros menos adiantados, não quero dizer que não existam professores de cultura sufficiente, mas, já por influencia do meio, já porque se habitua a ouvir dizer continuamente que «na roça não ha luxo», muitos delles deixam de cumprilos. Eu mesmo já vi um professor com os cabellos a cahirem so-

bre as orelhas, collarinho sujo, barba por fazer e tendo á mostra, arrastando pelo chão, os cadarços de antiquissimas ceoulas. Que exemplo poderá dar um professor de tal feitio? As professoras, (por uma questão de sexo?) talvez menos se esquecem de certas regras de asseio...

O governo do Estado do Paraná, ao mesmo tempo que instituiu o uso do avental para os alumnos, obrigou-o tambem para as professoras. E' um uso recommendavel pois, o avental branco, além de gracioso, é pratico e economico. No emtanto seria ridiculo para os professores, é claro, e por isso necessario se faz que estes, embora modestamente, se vistam com asseio irreprehensivel.

DESPESAS

Não resta a menor duvida que uma radical reforma, como se impõe, do ensino de noções de hygiene, acarretaria despesas inevitaveis. Sem no emtanto attingirem a cifras exorbitantes, não são, tambem, tão diminutas que não pesem ao herario publico. Com a cadeira a ser creada, na Escola Normal, dispenderá annualmente o Governo 6:000\$000 (seis contos de réis) para o pagamento dos vencimentos do respectivo lente.

Calculando-se em dez o numero de Escolas Complementares, para o pagamento dos respectivos professores, que ganham creio eu 130\$000 (cento e trinta mil reis) mensaes, elevar-se-á a despesa de 15:600\$000 (quinze contos e seiscentos mil reis) annuaes. Nos Grupos e demais escolas, para o simples ensino da disciplina não haverá despesas extraordinarias. Será esta a parte menos dispendiosa. As cifras, no emtanto elevar-se-ão quando se tratar de melhorar as condições hygienicas das escolas e do seu material respectivo. Installações sanitarias, filtros, objectos de uso, etc... estarão ahi comprehendidos. Verdade que grande numero de escolas, grupos, etc... encontram-se em perfeitas condições. Nestes, algumas e ligeiras modificações cuja necessidade fôr evidente, não acarretarão excessivas despesas. Nas outras onde tudo falta, onde tudo é imperfeito, ellas não serão poucas.

Assim, embora, as despesas não sejam poucas, mas que tambem não serão excessivas, ter-se-á creado no Estado um importante serviço, cujos fructos e beneficios compensarão perfeitamente os gastos exigidos.

Com a boa vontade do patriotico governo que vem

tendo Santa Catharina, tudo será executado, para completar neste ponto o notavel desenvolvimento que, em todos os ramos, se vem notando no Estado, nestes ultimos tempos.

ULTIMAS NOTAS

Uma vez que procurei atacar todos os pontos a respeito do ensino de Hygiene no Estado de Santa Catharina, restam-me apenas, salvo melhor juizo, algumas notas que guardei para o fim. Estou plenamente convencido de que a maior parte dos trabalhos para a realização e eficiencia do ensino de Hygiene, depende unicamente da nobre classe dos professores.

O apoio do Governo é imprescindivel: mas sem o trabalho do professor nada se fará. Elle é quem vae realizar, verdadeiramente a obra patriótica de preparar o homem são de amanhã, ensinando, zelando, trabalhando, fiscalizando, obrigando o cumprimento das noções que tambem a elle cumpre ensinar. Terá o seu trabalho accrescido, uma cadeira a mais para ensinar. E este trabalho obriga-o a um outro: terá que estudar. Não que desconheça os preceitos hygienicos, as normas do asseio.

Mas o bom professor não vae para a sala de aula sem primeiro recordar a materia, para que nada seja esquecido, para ministra-la com methodo efficientemente. Isto se faz com a arithmetica, com a grammatica, com a geographia; e mister se torna que tambem se faça com a hygiene. Alias isso não vem a constituir novidade. Mas para isso, necessario é um compendio que traga as noções exigidas no programma retro— e este compedio não existe. Não faltam nas livrarias obras de Hygiene dos mais abalisados autores nacionaes ou estrangeiros. Mas estes tratados além de complexos, nunca se occupam de uma variedade tal de assumptos.

Geralmente tratam da materia por secções especiaes e isto incorreria em obrigar o professor a possuir uma verdadeira bibliotheca sobre a Hygiene, para afinal de contas ir ensinar ás creanças do Grupo que não devem andar com os cabellos grandes e unhas sujas. Livro proprio para os professores estudarem como ensinar methodicamente a materia com o essencial apenas, não existe. Portanto, é necessario que a algum professor competente e trabalhador, seja confiada a compilação de um pequeno livro que virá sem

duvida preencher uma lacuna existente, e que representará uma facilidade para os seus collegas. Quanto ao mais, a materia não é difficil e nem mesmo se exige que seja o professor um verdadeiro cientista, para ensinar com aproveitamento noções de tal ordem rudimentares.

CONCLUSÃO

Chegado ao fim do meu trabalho, creio ter feito alguma cousa em prol do ensino de hygiene, demonstrando principalmente as suas vantagens e a sua necessidade. Não foi a vaidade quem me levou a fazer o presente trabalho, que para mim representa apenas o grito inicial em prol da criação de uma ordem de serviços que serão bastante uteis ao Estado.

E' insignificante, eu bem o sei, a pedra que trago mas nem por isso deixa ella de representar uma contribuição. Quanto á vaidade talvez exista, de minha parte mas apenas aquella de ter procurado ser util ao meu Estado natal. E' o que tenho a dizer, com os votos que faço pelo melhor exito possivel dos trabalhos da Primeira Conferencia do Ensino Primario.

—Ass— *Oswaldo Rodrigues Cabral*. Rio de Janeiro, junho de 1927.

PARECER N.º 20

A these n. 39 do sr. Professor Oswaldo Cabral é um brado á pratica de medidas e conselhos de hygiene aos alumnos das nossas escolas. Solicitando a carencia dessa disciplina tão necessaria á vida e de tão inestimaveis prestimos á hygiene dos alumnos dos nossos estabelecimentos de ensino o seu autor propõe a criação dessa disciplina na Escola Normal do Estado, professada ahi por professor cathedrático, estendendo o seu estudo e a sua pratica, sob os modos mais modestos, aos grupos escolares e escolas complementares, escolas isoladas, rurales e particulares quando estas gozarem dos favores do Estado. No seu programma expositivo elle menciona o estudo da hygiene individual, do vestuario, domiciliar bem como prelecções sobre as endemias, epidemias e molestias outras, repugnantes umas, transmissiveis

todas, com conselhos que devem ir desde a sua forma, pathogenia, transmissibilidade, acção e agentes até seus hospedeiros e sua prophylaxia. Trabalho apreciavel que denota segura orientação no assumpto e severa convicção com que o desenvolve. Entretanto, pondo de lado a real vantagem da creação da cadeira de hygiene no curso normal, por cathedratico senhor do assumpto, difficil seria extendê-lo nos mesmos moldes aos grupos escolares, escolas complementares, isoladas, ruraes, etc. por professores, que não medicos, e que não poderiam tratar com segurança do assumpto, sob tão vasto programma, onde temas ha, que mesmo em medicina, tem a sua pathogenia, prophylaxia e até a sua pathologia ainda em controversia como o sarampo, a lepra e outros. Ademais, nem de todo seria possivel o estudo de certos hospedeiros, vehiculadores de males mais communs, como as proprias verminoses, porque nem todos esses factores de propagação, são ainda conhecidos. E considerando ainda, que a hygiene já constitue uma especialidade que demanda conhecimentos regulares de histologia, pathologia e historia natural, que absurdo seria o se exigir de professores taes conhecimentos, que nem siquer aprenderam no seu curso, mas que, elevado foi o proposito do autor da referida these, a commissão dando-a por bem recebida e louvando os seus patrioticos intuitos, propõe, como synthese dos mesmos, que se indique a esta Conferência a necessidade de um livro que possa dar ao professor, quem quer que elle seja, noções de hygiene em geral a que se poderia dar o nome de *brevariario d hygiene escolar*.

A these n.º 40 do sr. cirurgião dentista Ary Machado é o grito de alarma do profissional que vê descurada pelo mundo escolar do Estado a hygiene de bocca.

Escrepta com a elegancia peculiar á cultura do seu autor, ella suggere a creação do dentista escolar, medida salutar, util e pratica, mas que ao juizo da commissão não parece e não é de facto, mais do que o comprimento de uma medida geral, mais util, mais salutar, o que é a inspecção medico escolar nos moldes e como a concebeu Dufastel e Mosny, ou ainda como se a pratica no Rio. Pela inspecção medico escolar, cada alumno terá a sua fixa sanitaria, onde assignalado será o estado de conservação do seu apparelho dentario, e, munido do seu cartão sanitario frequentará elle, a assistencia dentaria, tal como se faz ainda na França, na

Alemanha, na Suíça, na Italia e na Belgica. Pelo que, a commissão louvando a iniciativa, a idéa e os intuitos do autor da these n.º 40, suggere, a necessidade de uma assistencia dentaria ou escolar como um complemento da inspecção medica escolar.

A these n.º 44 é um esplendido trabalho do provector profissional dr. Alfredo de Araujo, e na qual o seu autor, clinico dos mais competentes, revela altos e grandes conhecimentos de hygiene escolar. Fazendo o estudo das leves molestias e perturbações, oriundas de um máo regimen escolar e do mau apparelhamento do mobiliario, com carteiras defeituosas, sem uma natural e racional distancia; da situação higienica do predio, as mais das vezes, sem aeração, iluminação e aquecimento sufficientes, passa o seu autor á serie de males dahi resultantes que retardam, se não de vez, mas temporariamente o escolar, e que vão desde a scoliose, lordose e syphise, ás myopias auditiva e visual, ao presbitismo e aos desvios thoraxicos que occasionam perturbações respiratorias. Cita os jogos escolares, as mais das vezes ocasionantes de males e traumatismos e entrando na necessidade de um regimen de hygiene para o escolar, resalta a vantagem que ha, de se lhe dar noções de hygiene, que só pelo medico e não pelo professor, podem ser dictados.

Pelo que, a commissão apreciando o trabalho magistral do competente conferencista e medico, acceita as suas conclusões e approvando-as, indica á Mesa a necessidade da creação de um serviço de inspecção medico escolar como um dos factores do progresso e da grandeza da Patria.

Sala das sessões, 8 de agosto de 1927.

Ass. — Carlos Corrêa, João dos Santos Areão, Dr. Alfredo Porphirio de Araujo, (com restricções quanto ás referencias lisongeiras feitas a sua pessoa).

NOTA— Este parecer foi approved sem debates

Emenda

... propõe, como synthese dos mesmos que se indica a esta Conferencia a necessidade da separação da cadeira de Hygiene da de Historia Natural, bem como a necessidade... etc. etc. — Ass — Galloti.

Emenda

Requeiro á mesa que submetta á consideração da casa, a seguinte suppressão ao parecer n.º 20 «que absurdo seria o se exigir de professores taes conhecimentos, que nem siquer aprenderam no seu curso;

«do mau aparelhamento do seu mobiliario, com carteiras defeituosas, sem uma natural e racional distancia.»

Sala das sessões, em 9 de agosto de 1927. Ass. — *Mânicio da Costa.*

THESE N.º 52

O Ensino de Hygiene nas escolas ruraes pelo Dr. Plácido Gomes

SOLUÇÃO Á THESE

Apresentada ao Congresso do Ensino-Primario-Estadual, de feliz e louvavel iniciativa do actual governo dr. Adolpho Konder.

Quaes as noções de Hygiene que de preferencia devem ser administradas, nas escolas ruraes?

Propõe a introducção nas escolas publicas ruraes, de uma obra para leitura diaria, especialmente, destinada á hygiene das nossas populações agricolas.

Dr. Plácido Gomes. — (Tendo já publicado sobre medicina e hygiene: «A Freqüencia da Verminose no Estado de Santa Catharina», 1910; «Considerações Pathologicas Regionaes», 1926, apresentado ao 9.º Congresso Brasileiro; «Molestias Agudas», 1927, para divulgación popular de medicina.)

(QUESTIONARIO)

Quaes as noções de hygiene que de preferencia devem ser administradas nas escolas ruraes?

Solução — Devem ser administradas, de preferencia, as noções que têm mais proxima relação com os habitos anti-hygienicos e com as molestias endemicas mais communs dessas populações.

Em nosso Estado as molestias predominantes na lavoura são o impaludismo e a verminose. E predominam de tal modo que só por si constituem a doença quasi única.

Mas como essas enfermidades se acham ligadas a um conjunto de circunstancias que as aggravam, embora virtualmente independentes, como habitos de vida, de alimentação e de residencia defeituosas seria insufficiente e falso um ensino de hygiene rural, exclusivamente circumscripto a essas duas entidades mórbidas. Comquanto attendendo a esta ultima particularidade prophyláctica, o ensino tem que enveredar para os conhecimentos de hygiene em geral, como caminho de transito, ao attingir o assumpto especializado das duas endemias citadas e o enfermidades mais frequentes. Assim encarado, o ensino terá que ser subdividido em licções de hygiene em geral e em licções de hygiene especializada.

OBRA DE OBSERVAÇÃO

Antes de mais, é mister que se comprehenda que um tentamen desta natureza não pode ser elaborado de cópia.

A hygiene é uma sciencia e aqui, como algures, é uma só. Mas não seria acertado, ensinar-se em nosso meio agricola, hygiene rural de outro paiz e mesmo do nosso paiz, sem outras modificações que se adaptassem ás nossas necessidades e condições sociaes e nosographicas proprias.

Cá temos que attender á observação do meio, costumes e habitos das populações ruraes, que alteram ou solicitam processos educativos diversos. Se as molestias são universalmente eguaes e eguaes os meios de contágio e transmissão, já o não são os costumes dos diversos povos que conferem a essas mesmas molestias, modalidades dissemelhantes na frequencia do contágio e transmissão.

Aqui, por exemplo, o habito do descalçado é um processo a mais a juntar aos que se infeccionam de ankylostomiase, quando na Europa, o uso commum do calçado, restringe a frequencia desta via de inoculação pelos pés. Os ferimentos frequentes dos pés dos nossos lavradores, por motivo do mesmo habito, ferimentos e infecções muitas vezes mortaes, são tambem desconhecidos nos lavradores de outros paizes, onde o calçado é uma necessidade, como a bluzza contra o frio.

A carie precóce da dentadura das nossas populações ruraes, está em flagrante contraste com o que succede na generalidade dos paizes europeus. E pois, o ensino de hygiene rural em nosso Estado tem que se inspirar e fundamentar na observação das molestias mais communs dos nossos lavra-

dores e tambem no conhecimento familiarizado dos seus habitos domesticos. Só assim prestará serviço util e duradouro ao trabalho de prophylaxia rural, nas prelecções do ensino publico escolar primario.

LIÇÕES DA OBSERVAÇÃO

A observação da vida do lavrador do littoral cathari-nense nos mostra que em sua generalidade, elle alimenta-se mal, erside desconfortavelmente, soffre varias endemias e ignora hygiene. Com frequencia, a alimentação habitual é incompleta, no sentido chimico e biologico do termo. A farinha e o café formam, na ração diaria o alimento mais assiduo e abundante, em detrimento da collaboração physiologica de outras substancias que compensassem o deficit chimico dos primeiros. O leite, o pão, as graxas, os assucares, chegam esporadicamente, como alimentos deshabituaes, quando o deviam ser de regra costumeira. Consequencia: o individuo resente-se da insufficiencia, fraqueja ao trabalho, multiplica cada vez mais uma descedencia débél e caminha para a inutilidade.

O desconforto da moradia, desassôalhada ou sem vidraças que lhe permittam a acção esterilizante do sól; ou ainda, toda fenestrada ás intempéries e bruscas oscillações thermometricas, provocadoras de frequentes molestias graves do aparelho respiratorio, quando não contigua a estabulos e afogada de pomares que se tornam viveiros permanentes de moscas e mosquitos, equivalentes a impudismo, typhos e dysenterias, tudo concorre a apressar a necessidade urgente de uma reforma, a começar pelos habitos do lar e a terminar pela pratica da hygiene moderna. Que valeria, portanto, o ensino das medidas prophylacticas, contra a verminose e o impudismo, nas escolas ruraes do Estado, se não se lhes proporciona, ao lado os conhecimentos da hygiene da habitação, dos alimentos, das véstes e dos habitos domesticos?

Um ensino desta ordem e com este fim, ha de ser forçosamente pratico, embora attingindo todos os pontos capitaes a modificar.

Pontos a desenvolver no ensino:

DA HYGIENE RURAL

I

TERRAS DA LAVOURA — húmidas e seccas. Suas relações com a saúde e meios de correção da humidade

AGUAS POTAVEIS — e condições de salubridade. Aguas de pôços e de rios. Construcções de pôços, economicos e hygienicos. Aguas cruas e fervidas.

II

A RESIDENCIA RURAL — e condições do local e edificação hygienica. Residencia pobre pode ser hygienica e vice-versa. Vidraças sem janellas.

Necessidade de insolação e ventilação dos compartimentos. Vantagem da protecção ás intempéries. Vantagens da construcção sobre chão nú, em raio minimo de 50 metros, distante de bosques, pomares e capoeiras, contra pernilongos e mosquitos. Mesmas vantagens na construcção de estabulos e estrumeiras, distantes da residencia, contra moscas.

Necessidade da construcção de latrinas; sua localização. Latrina economica; a simples fôssa,

Plano a conceber na localização das varias dependencias da moradia segundo o curso do escôamento das aguas pluviaes ou subterraneas, de cima para baixo; poço, residencia e estabulos.

III

AS VESTES — Necessidade de se vestir de accôrdo com a estação e intempéries. Vantagem do uso do calçado e tamancos nos trabalhos ruraes.

IV

O TRABALHO — e sua hygiene. Repouso. O methodo e a ordem como factores de hygiene e prosperidade no trabalho.

V

A ALIMENTAÇÃO — completa e deficiente. Consequencias individuaes, familiares e raciaes. Vicios e defeitos alimentares. Medidas praticas e economicas a introduzir no trabalho do lavrador para a aquisição de alimentação completa, carnes, cereaes, legumes, pão e leite. O leite como alimento de adultos e creanças. O pão domestico. Exemplos de regimens alimentares diários, indispensaveis á robustez e saúde do lavrador.

VI

A SAUDE DOS FILHOS DOS LAVRADORES — e do que depende. Regras de alimentação da primeira idade; até tres annos e posteriormente. O valor da amamentação ao seio.

Maleficios da liberdade á inconsciencia infantil e beneficios da submissão á educação domestica. Trabalho admissivel e exigivel nas creanças ruraes.

VII

METHODO PARA A CONSERVAÇÃO DA SAUDE — combate ás superstições médicas. Valor da medicina e da cirurgia actuaes; exemplos. O charlatanismo ou curandeirismo com os seus maleficios; exemplos. Necessidade do habito da consulta ao doutor em medicina e ao dentista

HYGIENE ESPECIALIZADA

Quaes as doenças mais communs a gente da lavoura no Estado, adultos e creanças!

Impaludismo, Verminose, tuberculose, resfriados e pneumonias, dyarrhéas infantis, molestias dos dentes, ferimentos dos pés e mãos, molestias epidemicas em geral—molestias parasitarias cutaneas.

I

IMPALUDISMO — Resumo symptomático — agudo e chronico. Causas, prophylaxia e tratamento.

II

VERMINOSE — Resumo symptomático. Causas, prophylaxia e tratamento.

III

TUBERCULOSE — Idem, Idem.

IV

RESFRIADOS E PNEUMONIAS -- Idem, Idem.

V

DYARRHEAS INFANTIS — idem, idem.

VI

MOLESTIAS DOS DENTES: CARIES/ — Idem, idem.

VII

FERIMENTOS DOS PÉS E MÃOS — Idem, idem. Tétano e infecções graves.

VIII

MOLESTIAS EPIDEMICAR EM GERAL; variola, sarampo, cachumba, caimbras de sangue. Prophylaxia geral; individual ao enfermo.

IX

MOLESTIA PARASITARIAS E INSECTOS NOCIVOS E TRANSMISSORES—Moscas, mosquitos, sarnas, bicho de pé. Resumo do habitat e cyclo vital.

Meios de combate.

LIVRO A ADOPTAR E METHODO DE EXPOSIÇÃO.

O ensino terá de ser claro, conciso e pratico. o qual posto em leitura habitual e frequente, nas escolas ruraes, será como o fecho das horas lectivas.

Como processo para ensino primario, o methodo a adoptar seria o de exposição sob forma do cathecismo, mais facil á leitura e retenção de memòria. Por ex. : ao abordar o capitulo da Residencia:

A RESIDENCIA — deve ser hygienica, em lugar secco, batido pelo sol e ventilado.

— As residencias nos lugares húmidos e sem ventilação prejudicam a saúde, porque despertam resfriados, pneumonias e rheumatismos. A ventiação renova o ar respiravel e afasta os insectos nocivos, como as moscas e mosquitos.

Toda residencia deve ser assoalhada e ter, pelo menos, algumas janellas de vidro.

Casa sem assoalho e sem janellas é insalubre. O assoalho é indispensavel contra a humidade e as janellas de vidro, para que a luz entre nos aposentos. Quartos escuros e húmidos, são verdadeiros tumulos.

QUALQUER RESIDENCIA POBRE PODE SER HYGIENICA, desde que seja assoalhada, fechada contra as intempéries e contenha janellas de vidraças.

As intempéries accarretam varios inconvenientes á saúde, como resfriados e pneumonias.

A RESIDENCIA DEVE SER construida sobre o chão nú, espaço aberto em raio minimo de 50 metros, distante de bosques, pomares e capoeiras, assim como guardando a mesma distancia de estâbulos e estremeiras.

Pomares, capoeiras e capinzaes perto da residencia, favorecem a creação e protecção de pernilongos e mosquitos, que são transmissores de molestias, como impaludismo e febre amarella. Do mesmo modo as moscas que procreiam nas estrumeiras, transmittem diversas enfermidades como typho e dysenteria.

TODA RESIDENCIA deve possuir latrina, pelo menos constituida de uma fossa ou buraco profundo.

O habito da construcção de latrinas é indispensavel porque protege a superficie da terra da infestação de muitas molestias como as dysenterias, vermes intestinaes e febres typhoides.

NA CONSTRUCCÃO DAS VARIAS DEPENDENCIAS DAS MORADIAS deve-se collocar o poço em primeiro lugar, em seguida a residencia e estábulos, no sentido de cima para baixo e de accordo com o escoamento das aguas.

Quando o poço é collocado abaixo da residencia, dos estabulos ou de latrinas, está sujeito a receber as immundicies que se escóam destas e agua, assim contaminada, é uma ameça constante à saude dos moradores.

Outro exemplo, ao explicar um dos capitulos de hygiene especializada, como impaludismo:

O impaludismo é uma doença que aparece quasi sempre repentinamente, com arrepios de frio, muita febre e por fim suor. A febre pode se repetir no dia seguinte, de dois em dois ou tres em tres dias; muitas vezes é continua. Quando a febre volta de mês em mês ou annualmente, chama-se chronica e deixa o doente fraco, amarello, cansado e com o baço crescido.

A febre do impaludismo é causada pela picada de uma variedade de pernilongos.

Onde não ha pernilongos, não ha impaludismo. No planalto catharinense não ha pernilongos e não ha por isso impaludismo. O insecto, tendo picado um doente desta molestia, transmitta o impaludismo a outra pessoa quando lhe suga o sangue. Assim, dentro da mesma casa, um pernilongo pode transmittir a molestia a todos.

O unico meio de evitar a febre do impaludismo é combater e exterminar os pernilongos.

Combatendo-se os pernilongos, evitam-se as febres do impaludismo:

1 — Conservando a moradia em lugar secco e afastado de pomares, pelo menos 50 metros e, dos capinzaes, 100 metros e mais. 2—Drenando os charcos visinhos da casa. 3—Fechando as janellas antes do pôr do sol e não as abrindo de manhã, senão depois do seu apparecimento. 4— Afugentando os pernilongos do interior da residencia ou exterminalos com lumaças ou queima de pós insecticidas, durante o dia.

Como veremos, os pernilongos são insectos que precisam de aguas paradas para desovar. Onde não haja aguas estagnadas por mais reduzidas que sejam, não ha pernilongos. Um caco de vidro, num quintal, é ninho para desóva e viveiro de pernilongos. Depois de nascidos, elles procuram os sitios protegidos dos ventos, como pomares, capoeiras, cafesaes. Casas contiguas a estes são portanto prejudiciaes.

Os lavradores devem empregar todos os esforços em evitar a existencia de pernilongos dentro de casa.

Ficarão assim protegidos do impaludismo e economisarão gastos com medicamentos.

Todas as pessoas doentes de impaludismo, devem se tratar com energia.

Um doente chronico de impaludismo, dentro de casa, é um perigo constante para osque estão com saude.

Sendo um doente picado por um pernilongo é de esperar que este o transmitta aos outros moradores da mesma residencia.

O melhor e mais seguro tratamento do impaludismo é tomar-se quinina, até o restabelecimento completo.

Ninguem deve perder tempo tomando outros remedios aconselhados por leigos da medicina. Quanto mais tempo se perder no tratamento, mais grave se torna o enfermo e de cura mais difficil e demorada.

A quinina cura sempre, desde que seja tomada em quantidade necessaria e com perseverança. Em caso de duvida, consulte-se o doutor em medicina.

Ainda que resumido o ensino de cada capitulo, pelo desenvolvimento da obra, os seus sentidos se devem completar, dando ao leitor uma noção geral do conjuncto e particularizada de cada caso.

Joinville, 27 de julho de 1867.—Ass.—Dr. *Placido Gomes*.

PARECER N.º 21

Estudando a quarta commissão a these n. 52 apresentada á Conferencia de Ensino Primario pelo sr. dr. *Placido Gomes*, versando sobre a hygiene nas escolas ruraes onde se acham explanados conceitos de alta consideração e estudo, reunindo alem da parte scientifica, um acurado trabalho pedagogico que merece conhecido de todos os srs. conferencistas, já propondo a introdução de uma obra para a leitura diaria dos escolares com o preiso methodo, já historicando as molestias que são mais frequentes nas zonas ruraes e meios prophylaticos, dando prova de um conhecimento profundo da nossa gente do interiuro nos termos abaixo:

«A observação da vida do lavrador do littoral catharinense nos mostra que em sua generalidade, elle alimenta-se mal, reside desconfortavelmente, soffre varias endemias e ignora hygiene.

Com frequencia, a alimentação habitual é incompleta, no sentido chimico e biologico do termo. A farinha e o café formam na ração diaria o alimento mais assiduo, mais abundante, em detrimento da collaboraçao fisiologica de outras substancias que compensassem o deficit chimico dos primeiros. O leite, o pão, as graxas, os assucares, chegam esporadicamente, como alimentos deshabetuaes, quando o deviam ser de regra costumeira. Consequencias: o individuo resente-se da insufficiencia, fraqueja ao trabalho, multiplica cada vez mais uma descendencia debil e caminha para a inutilidade.

O desconforto da moradia, desassoalhada ou sem vidraças que lhe permitem a acção esterilisante do sol; ou ainda toda fenestrada ás intemperies e bruscas oscillações thermometricas, provocadoras de frequentes molestias do aparelho respiratorio, quando não contigua a estabulos e

afogada de pomares que se tornam viveiros permanentes de moseas e mosquitos, equivalentes a impaludismo, typho e dysenterias, tudo concorre a apressar a necessidade urgente de uma reforma a começar pelos habitos do lar e a terminar pela pratica da hygiene moderna.

Que valeria, portanto, o ensino das medidas prophylaticas contra a verminose e o impaludismo, nas escolas ruraes do Estado, senão lhes proporcionam, ao lado, os conhecimentos da hygiene da habitação, dos alimentos, das vestes e dos habitos domesticos ?

E' de parecer que o trabalho apresentado pelo sr. dr. *Placido Gomes* seja aproveitado na organização dos futuros programmas que serão elaborados para o uso dos grupos escolares e escolas isoladas, bem como na obra que o governo precisa mandar organizar para guia dos professores, em virtude de não haver um livro que satisfaça a exigencia desse ensino.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. Secretario — *Dr. Carlos Corrêa* — Presidente. — *Alfredo P. de Araujo* — Relator — *João dos Santos Areão*.

NOTA — Este parecer foi aprovado sem debates.

THESE N.º 33

Exmo. Sr. Presidente da Conferência do Ensino

FLORIANOPOLIS

Lembrado, embora tarde pelo Exmo. Sr. Professor *Orestes Guimarães*, M.D. Inspector Federal das Escolas Subvencionadas, a escrever alguma cousa para a Conferência de Ensino, a realizar-se no mês vindouro nessa capital, resolvi fazer ligeiras considerações sobre a instrucção e educação das creanças anormaes, problema este assaz importante para a reforma do ensino.

Peço a vossa benevola attenção para as considerações abaixo nas quaes procuro mostrar a possibilidade da criação dumª classe de aperfeiçoamento para anormaes, ou classe auxiliar, nos grupos escolares, onde se fizer necessaria.

Na sessão de 14 de outubro de 1921, apparecia no Congresso Nacional o Projecto n. 480, que autoriza a criação

de escolas de aperfeiçoamento para anormaes. A principio tal Projecto causou grande sympathia, sendo então divulgado pela imprensa (jornaes e revistas, como «A Educação», «A Escola Primaria», «A Illustração Brasileira» e outras), mais tarde, porem, foi cahindo em esquecimento.

A missão social da escola é hoje, mais do que nunca, prover as crianças dos elementos necessarios para a vida pratica e activa; é formar homens de character, uteis á sociedade e á patria. Não levará, comtudo, a effeito esta sua missão, si as condições individuaes da creança não corresponderem ao methodo de ensino. Não raro se observa nas primeiras classes das escolas communs, crianças que, de forma alguma, acompanham a marcha dos trabalhos escolares: são distrahidas, muitas vezes desobedientes e malcriadas,

Será, pois, conveniente ao bom funcionamento duma escola, manter entre os alumnos taes crianças de reconhecida insufficiencia psychica? Ellas só aproveitariam si houvesse nas escolas communs uma classe adequada á sua organização psychica.

Diz o referido projecto, Art. 1º — E' o Governo da União autorizado: a) a crear escolas de aperfeiçoamento e classes especiaes, nas escolas communs, para infancia mentalmente atrazada, em cada uma das capitaes dos Estados sobre o melhor meio de tornar effectiva esta autorização, dando preferencia àquelles que para a abertura de taes escolas forneçam os predios apropriados; c) a attender á solicitação de qualquer municipio que tenha preenchido a condição final do disposto na letra b.

Porque, pois, sujeitar as crianças mentalmente atrazadas a um regimen, que lhes não convem?

A criação de escolas para anormaes, como ha noutros paizes, seria, não só dispendiosa, mas talvez, até repellida por muitas familias, que não desejariam ver seu filho em taes estabelecimentos; ao passo que pouco se teria a objectar, si a criança, matriculada no grupo escolar e observada a sua influencia psychica, fosse incluída numa classe á parte, até que estivesse em condições de acompanhar o ensino nas classes communs. Mas ha então em nossa população escolar tantas crianças mentalmente atrazadas assim, que seria necessaria uma class especial para ellas? E' quasi desconhecida a proporção da anormalidade de nossa infancia escolar, que vive miseravelmente nas ruas ou nos ser-

ções, abandonada e entregue á vagabundagem, porque, infelizmente, ainda não temos medicos escolares.

Em S. Paulo trataram de apurar o numero de anormaes nas escolas communs, e só na capital, Clemente Quaglio registrou em 24882 alumnos, 2884 anormaes, portanto 11,59%. Si se avaliasse tambem nos outros Estados a porcentagem de crianças anormaes nas escolas communs, ficaria então evidente a utilidade que ha em organizar nos grupos escolares uma classe de aperfeiçoamento, ou auxiliar, para as mesmas.

E quem dirigiria esta classe de aperfeiçoamento?

Diz o mesmo Projecto acima mencionado, Art. 2º — Para a efficiencia dos serviços com a educação desses anormaes poderá o Governo instituir no Districto Federal, um curso de pedagogia scientifica applicado aos retardados.—1º Para esse fim contractará em França ou nos Estados Unidos, professores idoneos, ou mandará a esses paizes uma commissão de medicos e professores brasileiros. 2º — Na primeira hypothese cada Estado terá direito de matricular nesse curso até cinco professores; na segunda apenas um, para a commissão.

E' sabido que aquelles paizes possuem verdadeiras autoridades no que diz respeito a este ramo da Pedagogia. Mas, por ventura, não possuímos nós tambem no Brasil professores notaveis e competentes?

Diz o Art. 3º — Ficarã sem effeito o disposto nos paragraphos 1º e 2º do artigo antecedente se dentro mesmo do paiz o Governo encontrar professores idoneos que preencham o objectivo do projecto, e com os quaes contractará.

Seria, segundo a minha fraca opinião, conveniente, depois de se lançar as bases para a educação dos anormaes no Districto Federal, extender tambem este curso ás Escolas Normaes dos Estados, onde seriam ministradas aos normalistas as noções mais necessarias para a manutenção da classe especial nas escolas communs, onde se achar necessaria.

Dada, pois, a possibilidade da criação duma classe de aperfeiçoamento nos grupos escolares, pergunto agora, se daria ella de facto resultados uteis á sociedade?

Por um methodo racional e individual, combinado com o tratamento medico correspondente á maior ou menor gravidade dos casos tem-se conseguido melhorar consideravelmente, na Alemanha, a capacidade physica, intellectual e moral de cerca de 70% dos anormaes nos diversos estabe-

lecimentos profissionaes, de tal forma a torna-los aptos para exercer um officio ou emprego, onde ganham a sua existencia. Submettidas, pois, as creanças a um tal tratamento, sob a direcção de especialistas e professores idoneos, não ha um unico caso onde não seja possivel melhorar o nivel intellectual e moral das mesmas.

E' pois, concludente, que ao nos occuparmos da reforma do ensino neste Estado, não nos esqueçamos tambem de socorrer aquellas crianças, cujas debilidades intellectual e moral facilmente levaria ao crime.

A educação destas crianças, não só constitue hoje parte integrante de toda a instrucção bem diffundida e organizada, de que este Estado se pode ufanar, mas é tambem uma obra nobre e de reconhecido valor patriotico.

Queira a Conferencia do Ensino, que seriamente encara o delicado problema da instrucção publica, acolher com sympathia as suggestões que acabo de apresentar. Talvez se poderá instituir no proximo anno, na Escola Normal deste Estado, um curso de pedagogia applicada aos retardados, para experiencia.

Blumenau, 22 de junho de 1927.— Ass — *Alberto Ferraz*.

PARECER. N° 22

A 3ª. commissão estudando a these n° 33, apresentada pelo professor Alberto Ferraz, relativa ao thema «ligeiras considerações sobre a Instrucção e educação das crianças anormaes.» chegou ao seguinte parecer:

PARECER

A these apresentada não deixa de ser importante no seu ponto de vista, já pelo modo intelligente com que foi elaborada, já pelo fim nella collimado.

Todavia a commissão é de parecer que para a fundação de taes instituições ainda não chegou o momento propicio, tanto para o país como para o Estado:

1 — Porque o Estado não está em condições de custear o aparelhamento das mesmas.

2 — Porque taes estabelecimentos requerem um corpo docente especializado na parte pedagogica referente ao tratamento dos anormaes.

3 — Porque não possuímos taes professores especialistas.

4 — Porque os cursos de anormaes exigiriam a criação do cargo de medico escolar, medida, em si muito louvavel, porem inexequivel.

5 — Em virtude da prevenção provavel contra taes estabelecimentos, por parte dos paes, que não permittiriam a inclusão de seus filhos em classes de anormaes.

Pelas razões expostas a commissão opina que não devem, por enquanto ser postas em pratica as medidas suggeridas pelo professor Alberto Ferraz.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927.

Ass — *Irmã Bernwarda* — Relatora — *Mario Garcia* — Presidente, *Hercilio Zimmermann* — Secretario.

Emenda

Que seja indicado á Mesa a criação da Inspecção medica escolar, como um dos elementos de selecção entre os fal-sos anormaes e os anormaes.

9 — 8 — 27. — Ass — *Carlos Correia*.

THESE N° 32

Requisitos de uma boa pergunta

John Gregory, ex-presidente da Universidade Estadual de Illinois, no seu preciosissimo trabalho — As sete Leis do Ensino, (1), resume a do Processo de ensinar nesta aurea regrinha: Aceitar e dirigir as actividades proprias do alumno, e nada lhe dizer que elle possa aprender por si mesmo.

Ensinar, pois, requer observações que fogem ao preparo intellectual do professor e se focalisam no alumno.

O alumno está sendo agora, em nossa terra, mais estudado, mais comprehendido, graças ás modernas conclusões

(1) Já em Português, edição da Casa Publicadora Baptista, Rio. Nesta obra o grande educacionista, em capitulos especiaes, trata da lei do Professor, do Alumno, da Linguagem, da Lição, do Processo de Ensinar, do Processo de aprender e da lei da Revista.

de pedagogia que o considera o objectivo em derredor do qual giram os methodos, o equipamento, a disciplina, tudo. Assim o que contribuir possa para a direcção sabia das actividades proprias do alumno, deve ser cuidadosamente empregado como excellentes material no processo de ensinar, predominando sempre a preocupação de nada ser transmitido pelo professor que o alumno possa aprender por si.

O verdadeiro ensino, não è aquelle que dá conhecimento mas o que estimula o alumno a ganha-lo (este conhecimento), o que levou o illustre pedagogo citado a observar: *ensina mais o professor cujos alumnos aprendem mais sem serem ensinados.* (2)

A moderna pedagogia chegou á conclusão brilhante de que «ensinar é a arte de estimular o desenvolvimento da intelligencia». Já lá vae o tempo dos grandes torneios da memoria e da intoxicação litteraria.

Hoje o que se recommenda e logra resultados surpreendentes impossiveis em outros tempos, apesar de optimos equipamentos e professores eruditos, é «acordar e usar a mente do alumno, de modo a formar nelle a concepção ou pensamento desejado». E esse acordar e esse usar da mente do alumno de modo que elle seja «não apenas um receptor da verdade, mas um descobridor da verdade», se consegue, integralmente, na applicação do verdadeiro estimulante da mente HUMANA — A PERGUNTA.

A pergunta, surge, assim, como elemento precipuo do processo de ensinar; e a *bôa* pergunta, a que estimula a intelligencia do alumno, desde o velho Socrates, vem sendo o *pivot da arte de ensinar*.

O professor H. H. Horne, do «Darmouth College» E. Unidos, escreveu precioso trabalho sobre a *Arte de fazer perguntas*, (3) que um illustre amigo meu o rev. dr. William Kerr, passou para o portuguez, um livrinho que deve figurar em toda a bibliotheca de professor «como um dos melhores subsidios para a difficil arte de ensinar pelo methodo socratico». Para assinalar o alto valor deste trabalho do

(2) E' com grande prazer que dou o testemunho de que há no Grupo Escolar Lauro Müller uma professora que realiza esta sabia conclusão do grande Gregory. Acompanhando os estudos de meus filhos noto num delles o reflexo apreciavel dessa criteriosa observação do mestre americano.

(3) Editado pela União das Escolas Dominicães do Brasil — rua 1º de março 6, 1º andar.

dr. Horne, citarei apenas o reflexo que delle se nota numa das mais valiosas obras nacionaes ao aspecto educacional: — A Escola Brasileira — do grande pedagogo paulista dr. João Toledo.

Foi inspirado neste trabalho, sentindo-lhe a sua extraordinaria valia, tendo mesmo applicado na minha vida de professor muitas das suas recommendações, que resolvi, quasi ás portas da abertura desta Conferência, trazer-vos algumas considerações sobre os *Requisitos de uma bôa pergunta*.

João Toledo, o illustre Inspector Geral do ensino em S. Paulo, já mencionado nesta these, salienta, em erudito trabalho, (4) a justeza da regra de ensinar de John Gregory quando diz: «A educação da criança é um producto directo de sua propria actividade que o mestre organiza, guia e dirige. Essa actividade ou esforço mental intimo, para comprehender e sentir e para exteriorisar em actos as ideas e as emoções, é o agente educativo por excellencia, o unico de defeitos reaes e impereciveis». E, considerando o processo de ensinar pela arguição, acrescenta: o chamado processo socratico tem virtudes educativas soberanas e torna-se, por isso, nas classes elementares, recommendavel sem restricções. Elle faz pensar, e, pensando, chegam as crianças ao conhecimento de verdades novas, ou á correção de êrros em que porventura estejam incidindo. E mais adiante conclue: «A eficiencia deste processo depende, em grande parte, do modo pelo qual as perguntas são formuladas e dirigidas aos alumnos, pois a arte de interrogar tem segredos que só a intuição innata ou um estudo acurado revelam.»

Consideremos pois alguns desses segredos da arte de interrogar, fixados em tres *Requisitos de uma bôa pergunta*:

I — A BOA PERGUNTA DEVE SER CLARA

Todas as obras por nós consultadas para a exposição presente e que vão recommendadas, na bibliographia, salientam, como primarcial, este caracteristico de uma boa pergunta. «A pergunta deve ser expressa em linguagem simples, linguagem que como o assumpto esteja ao alcance da criança.» Horne admiravelmente observa: A pergunta é apenas o meio de comunicação do professor com a intelligencia do alumno, e não deve ser prejudicada por uma linguagem dubia ou ambigua. Pelo contrario, deve ser tão trans-

(4) Escola Brasileira, edição da Imprensa Methodista, São Paulo — 10 ruas da Liberdade 117.

parente como o crystal e tão brilhante como uma joia. Ella é a lente atravez da qual o discipulo vê o que o professor deseja delle, e nella não deve haver pontos opacos.»

2 — A BOA PERGUNTA DEVE SER BREVE

Ensina João Toledo que as perguntas devem ser curtas, mas que exprimam o desejo completo do arguente em relação á resposta esperada. Ao que Horne acrescenta: «Tem-se dito que a concisão é a alma do raciocinio; pode-se dizer que a concisão é o que dá á pergunta a scintilla da vida. A pergunta breve, penetrante e rapida, desperta a classe como um choque electrico. A pergunta demorada, vagarosa, complicada, propaga uma especie de lethargia, que torna a classe inerte. Os profsssores falam muito e os alumnos pouco. E' este provavelmente o peccado dominante da profissão. O golpe rapido e certo decide.

—A BOA PERGUNTA DEVE ESTIMULAR O PENSAMENTO.

« O horizonte mental da criança alarga-se quando ella mesma aprecia as cousas e os factos, quando ella pensa e exprime um juizo seu, proprio, acerca do objecto de seu estudo. « Sheridan (5) escreveu: O alumno interrogado em vez de ficar advinhando, precisa pensar; ao que a sabedoria do dr. Horne acrescenta: O discipulo deve participar no ensino de si mesmo. Deve haver um esforço mental em cada resposta. Perguntas destas instruem; são verdadeiramente socraticas. E' erroneo pensar que Socrates foi um mero perguntador. Platão (Menão) mostra que Socrates fazia a resposta desenvolver da mente do alumno; e isto faz de Socrates o mestre do mundo na arte de interrogar. Ao estudo e observação dos illustres professores, deixamos aqui essa tripeça em que, a nosso ver, se firma a efficiencia de uma boa pergunta, condição precipua no processo de bem ensinar.

E, á guisa de suggestões, vamos a enfileirar um punhado de bons conselhos, dez, colhidos aqui e alli no estudo desta pequenina these.

I — Faça-se a pergunta antes de dar o nome do alumno que deve responde-la.

(5) Harold J. Sheridan e G. G. White, Aprender e Ensinar — Edição da Imprensa Methodista de S. Paulo.

2 — Não se interroguem os alumnos sempre na mesma ordem.

3 — Evite-se repetir a pergunta uma vez bem feita. Si o alumno chamado não a souber responder, decline o nome de um outro sem repetir a pergunta; tres ou quatro não a podendo responder, é que a pergunta foi mal feita; formule-a de novo, conservando-lhe a essencia e mudando apenas a formula.

4 — Deve haver uma pausa depois da pergunta e antes de se nomear o alumno, que deve responder, para que todos na classe pensem na resposta. Cada mente é assim posta em actividade.

5 — Evitem se as perguntas que tenham como respostas um sim, ou não.

6 — A pergunta não deve ser facil demais, nem deve ser difficil demais.

7 — Reprima a sua impaciencia, de modo a que possa esperar que o alumno dê a sua propria explicação, sem lhe tirar as palavras da bocca; do contrario elle se resentirá, irá queixar-se aos companheiros e dizer-lhes que teria respondido direito se lhe desse tempo para isso.

8 — Procure sempre em todas as lições excitar novo interesse e actividade. Dê aos alumnos perguntas para investigarem fóra da classe. A lição que não finda com novas perguntas, finda mal.

9 — A resposta errada, as mais das vezes, é filha de uma pergunta mal formada.

Muitas respostas consideradas más não o são de facto, pois constituem aspectos do assumpto que não importam no momento. E' util preparar as perguntas e tambem pensar varias respostas que se lhe podem dar.

10 — E para concluir: «Fale o mestre sem gritar; não apresse a linguagem; fale e faça o alumno falar tambem; dentro da lição, escute o que elle quizer dizer; não o interrompa com frequencia para o corrigir, nunca revele enfado, ao contrario, sintam as crianças o seu interesse em ouvi-las, pois seu entusiasmo será a alma da lição.»

Ass.—Laercio Caldeira de Andrada, Director do Instituto Commercial de Florianopolis.

Florianopolis, 25 de julho de 1927.

BIBLIOGRAPHIA

John M. Gregory, L. L. D. *As sete Leis do Ensino*, casa Publica-

dora Baptista, Rio, cap. VI — *A Lei do Processo de Ensinar* especialmente.

De Garmo, *Interest and Education*, chapter XIV.

Harold J. Sheridan e G. C. White *Aprender e Ensinar* edição Imprensa Methodista, S. Paulo, cap. XVII. *Como se fazem perguntas, passim*.

João Toledo — *Escola Brasileira*— edição Imprensa Methodista S. Paulo pgs. 235—154.

Fich, S. G. -- The art of Questioning, in « The Teacher, Mentor. C. W. Bordeen, Syracuse, N. Y.

Rev. dr. H. H. Horne *A Arte de Fazer Perguntas* — Pags. 7 a 15 especialmente — Edição Charles. A. Oliver — *Preparação de professores* Quinta parte, ps. 173 a 201, edição Imprensa Methodista, S. Paulo.

João Toledo — *Crescimento Mental*, ed Imprensa Methodista S. Paulo. Especialmente pags. 256 a 280.

George H. Betts. *Como se ensina a religião*—cap. I e XI — pags. 13—30 e 214 a 235.

Platão, *Meno Protagoras e Republica*.

PARECER N.º 23

Considerando a these n.º 32 apresentada pelo competetissimo educador sr. Laercio Caldeira de Andrada sobre « Requisitos de uma boa pergunta » — damos o seguinte parecer.

PARECER

Estamos de pleno accordo com os requisitos apresentados pelo referido professor, a respeito de se formular uma boa pergunta.

Aliás é esse o processo usado nos nossos grupos escolares pelos mestres mais abalizados.

A generalização dessa forma do perguntar deve preoccupar a atenção dos directores de estabelecimentos de ensino e dos professores primarios, motivo porque achamos de muita utilidade tirar-se copia dos requisitos contidos nas paginas 3 e 4 da valiosa these, para serem distribuidas entre os professores do Estado.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. — Ass — *Irmã Bernwarda* — Relatora; *Hercilio Zimmermann* — Secretario; — *Mario Garcia* — Presidente.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

THESE N.º 7

Como deve o Estado encarar o Ensino Profissional

Desenvolvida e apresentada por Heitor Thomás da Silveira, professor no Grupo Escolar «Professor Joaquim Santiago» de Joinville.

ADVERTENCIA — Encarando o ensino profissional na forma que julguei dever o Estado encarar, foi que tracei as presentes considerações.

Muito francamente, quem apreciar o presente trabalho pode ficar sabendo que o seu autor não teve competencia para mais. O amor ao ensino e o esforço de collaborar, ao menos desta maneira, na Conferencia, obrigou-me a dar o que tinha.

Releve a mesa a pequenez do subsidio e dignese aceita-lo, não deixando de considerar que o inutil que aqui houver, pareceu, ao autor, de alguma utilidade.

Por esse motivo, ficará capacitada a força do autor neste ramo de educação.

Seja a Conferencia de grande utilidade pratica.

Ass. — *Heitor Thomás da Silveira*.

O ENSINO PROFISSIONAL — O analfabetismo é um dos grandes males que atacam o Brasil — ouve-se a cada instante, a cada hora. Os jornalistas, os professores, os governos, todos, profligam esse cancro terrivel que tanto deprecia nossas condições moraes, sociaes, politicas, religiosas e economicas. Poucos são, creio, os paizes que falam tão mal de si mesmo. Nós entramos nesse pequeno numero. E tudo por via do analfabetismo. Ha, porem, má comprehensão do nosso atrazo. Comprehende-se que somos atrazados porque nosso povo não sabe ler nem escrever; e julga-se que preenchen-do essas lacunas, ha probabilidades de progresso. Ainda mais se afeiçoa essa concepção quando notamos que os que leem e escrevem é que alcançaram um emprego no commercio ou nas repartições publicas. Os analfabetos são os roceiros, os quitandeiros quando muito. E quanto mais alfabetizados ha, menos progresso nas profissões, mais candidatos a empregos e crescente o numero de desoccupados, descontentes, geradores da miseria, da ociosidade, da anarchia.

Observe-se que as nossas cidades tem grande numero

delles. Poucos são os que moram, nas colonias. Porque? Acham que como educados, não podem tomar á frente, obra de analfabetos . . . Eis o nosso atrazo . . . Por ali é visível que mister se faz uma obra que faça o povo trabalhar. Sem o trabalho não haverá transformação alguma e por consequente, progresso. Considera-se que a educação è frequentar o grupo escolar e escola complementiar. E' incompleta, e integralisa-la deve ser o educacional objectivo.

A educação profissional em connexão com a educação intellectual eis o valioso tentamen que solucionará o problema do progresso do nosso Estado. Escolas de todos os generos e de todas as profissões educação profissional e technica deve ser o assumpto da diffusão do ensino em Santa Catharina. O que são a Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos da America do Norte? São nucleos de labor, de trabalho, de progresso. Cada homem, cada operario, tem a sua profissão nella mais ou menos aperfeiçoado. E o Genero e o producto sae dalli manufacturado, prompto quer para o consumo local, quer para a exportação, e que assim dilata o valor economico e politico da nação.

Foi talvez considerando os magnificos resultados que ha de produzir o ensino profissional, que o governo do Estado formulou como these para a Conferencia de Ensino a questão **COMO DEVE O ESTADO ENCARAR O ENSINO PROFESSIONAL.**

A efficacia da educação profissional será um facto. Inumeros moços para quem a vida é um pesado fardo, incapazes para a lucta, percebendo o peso esmagador da propria vacuidade, moços nullos pela guerra entre a moral hereditaria do lar e as faltas que os atenazam e que vão formando lugubre batalhão dos derrotados da vida, encontrarão uma forte felicidade. Na Camara Federal, em 1916, o dr. José Augusto valoroso paladino da campanha pela educação nacional, perguntava: «Como melhorar e fortalecer a economia nacional se não cuidamos precipuamente de preparar o principal factor — o homem — dando-lhe solida educação profissional e technica?»

O Estado deve pois encarar o ensino profissional como um grande factor do nosso desenvolvimento economico, uma força propulsionadora do nosso progresso, um dos melhores meios de completar a educação nacional.

Para uma completa organização de estabelecimento es-

colar desse genero, um preparado corpo de professores indicará e suggerirá programmas ou regimentos,

Julgo desnecessario dizer por outras palavras o que o professor João Luederitz relatou ao sr. Ministro da Agricultura no governo de Epitacio Pessoa, e que vem a pélo em tão oportuna occasião: a) Deve ser dado ensino profissional a menores e adultos de ambos os sexos; os menores podem ser analfabetos ou ter conhecimento das primeiras letras e saber contar (isto é: ter o nosso ensino elementar commum); os adultos podem ser operarios ou empregados do commercio ou mesmo funcionarios com ou sem cultura intellectual rudimentar.

Assim impõe-se desde logo o agrupamento dos cursos em:

- 1 — Cursos de adaptacão;
- 2 — Cursos profissionaes;
- 3 — Cursos de aperfeiçoamento.

Os cursos de aperfeiçoamento, dados de preferencia á noite, pois a elles affluirão os operarios, empregados e funcionarios que durante o dia estão nas suas occupaões, com que garante o seu meio de vida, deverão offerecer oportunidade ao operariado de aprender, tanto as primeiras letras, como os aperfeiçoamentos mais modernos de suas profissões.

Os cursos profissionaes devem poder attender as exigencias do meio industrial local e ao possivel desenvolvimento, com secções de actividades humanas diversas, variaveis conforme o caso.

Os cursos de adaptacão podem servir de transição das escolas elementares para os cursos profissionaes, pois, seria impossivel dar ensino technico a alumnos com preparo rudimentar das escolas publicas.

b) O ensino nos cursos profissionaes deve ser strictamente adaptado ás finalidades visadas, isto é: deve consistir no estudo de humanidades indispensaveis á cultura intellectual, que precisa ter um profissional moderno, por um lado e por outro, na aprendizagem das tres disciplinas que caracterizam um operario de preparo technico: desenho industrial, technologia e pratica dos officios correlactos, agrupados em secções de quatro a quatro e que abranjam a especialidade que define a profissão.

No curso de adaptacão, como muito bem explica o termo, devem ser ensinadas humanidades complementares, que

ampliem os conhecimentos do alumno elementar, para torna-lo capaz a vir receber na escola profissional technica os ensinamentos do urso acima citado.

No curso de aperfeiçoamento devem vir completar seu preparo os operarios, que em seu tempo de aprendizagem pelo antigo methodo e estagio longo em officinas, não puderam adquirir os conhecimentos indispensaveis ao operario moderno.

O ensino nessas condições requer naturalmente uma distribuição toda especial de dependencias adequadas para aulas theoricas-praticas e de aprendizagem; exige um corpo de professores capazes de administrar conhecimentos scientificos, uteis ao alumno que visa aprender uma profissão; necessita absolutamente de officinas installadas modestas, mas racionalmente e, antes de tudo precisa de um programma que, sem fatigar inutilmente o alumno com exposições e de monstrações theoricas e abstractas não tenha porem, falhas de indispensaveis disciplinas, sem as quaes ficaria incompleta a educação technica.»

No Brasil — vasto paiz que é — tudo é incipiente em materia de industria; o movimento industrial que temos — infimo que o é em proporção com as nossas vantajosas condições — é rudimentar; não ha tradições nem aggremações com programma educativo que esteja em condições de servir de referencia. Os nossos operarios fizeram-se nas proprias officinas, sem educação technica, sem nada a não ser a simples pratica.

Provam-no os operarios que abundam nas cidades industriosas de Joinville e Blumenau. «O operario que tem algum preparo vem da Alemanha ou da Suissa. Os daqui são meros serviçães.

Precisamos diz o citado professor do operariado com cultura geral, sufficiente para acompanhar os progressos modernos da technica, mas não devemos esquecer que antes de tudo, o objectivo da educação de operario, é preparar homens capazes de serem uteis á sua patria produzindo e isto com certa urgencia; logo da escola o aprendiz-artifice deve sair com uma dada profissão e conhecer as que podem, relacionar-se com ella.»

Quando pudermos produzir com perfeição e fartura tudo o que consta de artes decorativas, trabalho em madeiras, construcções mecanicas, construcções metallicas electrotechnica, artes graphicas, artes textis, trabalhos em couro, acti-

vidades commerciaes, actividades ruraes, industrias domesticas, trabalhos manuaes e tudo que requer indispensavel consumo, então Santa Catharina poderá se orgulhar de ser um Estado civilisado.

E isso só poderá ser conseguido se montarmos officinas, pondo como director um contra-mestre habilidoso e laborioso, chefe, amigo e educador da sua turma de alumnos que com elle queiram aprender o officio.

CONCLUSÃO

Faço idéa de que se o Estado conseguisse adoptar o ensino profissional nos moldes que este illustre educador mineiro apresenta e eu venho ellucidando com minhas rudimentares considerações, relevantes seriam os resultados.

Não podendo e não devendo o governo começar a fazer despesas sem conveniencia certa, haverá por bem fundar uma escola profissional a titulo de experiencia, e conforme os resultados ou diffundi-lo ou suspende-lo.

Será grande a despesa na elaboração dessa instituição, porem compensador o fructo, estou certo.

Não mais se estende sobre o assumpto a minha opinião. Basta.

Ass. — *Heitor Thomàs da Silveira.*

PARECER N.º 24

Parecer sobre como deve o Estado encarar o Ensino Profissional

A segunda comissão suplementar considerando a these n. 7 do professor Heitor Thomàs da Silveira, que desenvolveu a suggestão official n. 14 COMO DEVE O ESTADO ENCARAR O ENSINO PROFISSIONAL, nota que o seu autor, trouxe á Conferencia o concurso da sua intelligencia e o seu amor ao ensino, estudando o assumpto com carinho.

Acha o professor Heitor Silveira que o Estado deve encarar o ensino profissional como um grande factor do nosso desenvolvimento economico, uma força propulsora do nosso progresso, um dos melhores meios de completar a educação nacional.

E cita as palavras do conhecido especialista em escolas profissionais, professor João Luederitz, traçando o programma apresentando ao sr. Ministro da Agricultura no governo Epitácio Pessoa, programma que divide o ensino em:

- a) — Cursos de adaptação.
- b) — Cursos profissionais.
- c) — Cursos de aperfeiçoamento.

A these é interessante e tem um caracter informativo bastante precioso. A comissão, pois, a recommenda á consideração e estudo desta Conferencia.

Sala das sessões, 8 de agosto de 1926. — Ass. — *Laercio Caldeira de Andrade*—relator;—*Albano Monteiro Espinola*—Secretario;—*Beatriz de Souza Brito*—Presidente.

THESE Nº 4

Exmos. Srs. Membros da Comissão Preparatória da Conferência Estadual de Ensino Primario

De accordo com a circular n. 7, de 20 de janeiro do corrente anno, elaborei um pequeno trabalho para a Conferência, concernente á

THESE N. 11

Ha vantagem em descongestionar o Ensino Normal e o Complementar, no Estado, do acervo de disciplinas que os compõem ?

Decidi discutir sobre este ponto, por eu mesmo ter experimentado o excesso de materia, nas diversas disciplinas, como ex-alumno da Escola Complementar de Lages, da Escola Complementar de Blumenau e da Escola Normal Catharinense.

Relativamente a este ponto tambem se refere o grande pedagogo sr. Orestes Guimarães no seu livro **SUGGESTÕES SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL**, nas paginas ns. 112 e 113, attinente aos programmas e o estagio escolar.

Acho tambem eu, que os programmas são demasiadamente extensos para serem de todo e convenientemente ex-

gotados, e vi que os programmas, (durante a minha frequencia nas referidas escolas estive sempre munido de um programma e podia assim confrontar no fim do anno lectivo a materia dada pelo professor e de quanto se compunha os mesmos) não estava esgotado, ou não era sufficientemente explicado e por isso tambem não assimilado por nós alumnos. Notei tambem o mesmo facto com o meu irmão que ha dois annos terminou o curso complementar em Blumenau. Em São Francisco na minha gestão no Grupo Escolar Felipe Schmidt, aconteceu o mesmo, os professores foram incapazes de esgotar o ensino das diversas disciplinas ou explical-as claramente.

Por isso acho acertadamente em descongestionar o ensino normal, principalmente o complementar e até o dos Grupos Escolares.

Baseio-me tambem na asserção «que pouco, bem sabido, vale mais do que muito, mal sabido.» Pois um saber modesto, bem comprehendido, tem sem duvida, muito mais valor, do que um extenso ao qual falta firmesa, segurança e clareza.

A força de toda illustração do espirito, consiste no profundo conhecimento e comprehensão da materia.

Dá-se com o aprender, ou com a percepção do alimento espiritual o mesmo como na alimentação corporal: O alimento não somente quer ser ingerido, mas tambem quer ser digerido, e cada sobrecarga do estomago estorva a digestão e prejudica a alimentação do corpo, ao envez de favorece-la.

O mesmo facto se dá na aprendizagem: Cada exaggero com disciplinas atraza o desenvolvimento intellectual. O alimento espiritual não deve somente ser apprehendido mas tambem assimilado e incorporado á imaginação perceptiva e deve passar, como se diz, figuradamente, «in sucum et sanguinem».

Faltando isto, não haverá eficiencia intellectual, e nem poderá resultar dahi seguro dominio do saber.

A illustração não consiste na quantidade do saber, mas sim no profundo conhecimento do mesmo.

Tambem não consta sómente na apprehensão do estudado, porem, é preciso que os conhecimentos possam facilmente ser reproduzidos e que a memoria os revele quando delles se necessitar.

Para isto deve haver associação das disciplinas para im-

plantá-las convenientemente em a intelligencia, concentrando-as.

Havendo porem, acervo de disciplinas, o professor impossivelmente poderá effectuar este trabalho psychologico, por faltar-lhe para isso o tempo necessario. (Obra consultada *Pedagogische Psychologie* de L. Habrich).

São Bento, 28 de junho de 1927. — O Director. — (Ass.)
Germano Wagenführ.

THESE N. 5

These apresentada pelo Inspector Escolar Luís Sanches Bezerra da Trindade.

11ª -- Do descongestionamento do curso complementar, do acêrvo das disciplinas e da ligação do referido curso com o primario.

EXPOSIÇÃO

As escolas complementares estão satisfazendo as exigencias hodiernas; estão preparando os futuros professores da melhor maneira e no mais alto grau possivel ?

Ellas, de facto, tem melhorado o professor, porem a sua organização apresenta falhas que as inhihem de produzirem os fructos collimados. De um lado, temos a considerar as falhas dos programmas de ensino que não foram, como deviam, organizados de modo que o estudo no curso complementar fosse a sequencia do curso primario.

De outro lado, resentimo-nos de docencia nos referidos estabelecimentos.

Ha actualmente nas escolas complementares apenas dois lentes, cuja nomeação obtiveram depois de se submeterem ao concurso exigido pelo regulamento. Na maioria das Escolas os docentes são interinos: professores dos Grupos Escolares que percebem uma gratificação mensal de cento e dez mil reis pelo serviço que prestam.

Ha ainda a categoria dos provisorios que percebem duzentos mil reis para leccionarem somente no referido curso.

Os primeiros, isto é, os professores aproveitados dos grupos, apesar do esforço que fazem e do qual podemos dar provas, pelas inspecções que temos feito nos referidos

curso, não podem dar pleno desenvolvimento ás suas disciplinas.

O trabalho de cinco horas no curso primario é esta-fante, e, ainda mais tres 1;2 horas no Complementar!!!

Que tempo resta para preparo das lições e para o des-canço tão necessario ao educador?!

Os professores provisorios são em geral pessoas que não vivem só dos proventos desse cargo. Tem outras oc-cupações. O cargo de professor é um achego para melho-rar as condições de vida! Em geral taes professores, não se podem dedicar, como deviam á causa do ensino. Tem a maior parte do tempo absorvido em outros misteres.

O professor deve viver para a sua profissão; desde que se envolva em outros affazeres o ensino será prejudi-cado.

Melhorar a docencia das Escolas Complementares, é pois, necessidade inadiavel, augmentado é claro, os seus proventos.

Oxalá fosse possivel provêr todas as cadeiras das Com-plementares com professores idoneos, cuja idoneidade fosse comprovada pelo concurso de que fala o Regulamento!

Temos entretanto, obtido resultados, si bem que não sejam os almeçados, porem, esses são devidos quasi que uni-camente á dedicação ou melhor ao sacrificio do professo-rado.

Com melhores proventos teriamos docencia apropriada e, attendendo a abnegação do actuaes professores, podemos affirmar que as Escolas Complementares preencheriam ca-balmente os fins a que se destinam.

As Escolas Complementares creadas no Estado pelo decreto n. 604, de 11 de julho de 1911, tinham por fim com-pletar o ensino dos Grupos Escolares e facilitar o accesso á Escola Normal conforme verificaremos pela leitura dos considerandos do supra citado decreto, abaixo transcripto:

«Considerando que para tornar a reforma da Instruc-ção Publica, ultimamente decretada, em virtude da autori-zação contida na Lei n. 846, de 11 de outubro de 1910, um corpo de disposições capazes de preencher na pratica pela correlação e efficacia das suas applicações ao objectivo ba-sico da reforma, que é a formação do professorado, pelo ensino profissional;

Considerando que uma *transição sensível* existe entre a instrução ministrada nos grupos escolares, e a que constitue desde o primeiro anno, o curso da Escola Normal, que convem ser facilitado aos candidatos ao magisterio publico, que nem todos podem permanecer na Capital, pelo tempo daquelle curso exigido, ou porque difficeis são as communicações com os pontos centraes do Estado, onde residem ou porque circumstancias outras de natureza economica ou de regimen domestico embarcem aquella permanencia, e, que do conjuncto dessas circumstancias resulta ficarem inaproveitadas decididas vocações para aquelle nobre sacerdocio;

Considerando que é de toda a conveniencia o ensino intermedio que o facilite aos alumnos que completarem o tirocinio escolar, a matricula na Escola Normal, em condições de abreviar o tempo do curso, sem prejuizo do preparo profissional, exigido;

Considerando que tal objectivo será conseguido com a instituição de Escolas Complementares, organizadas sob o regimen adoptado na citada reforma.

Resolve crear no Estado ad referendum do Congresso Representativo, Escolas Complementares, sob o regimen do Regulamento que com este baixa, assignado pelo Secretario Gerál dos Negocios do Estado».

O decreto nº 1204, de 19 fevereiro de 1919, reformou o primitivo regulamento, com o intuito de se obter a intima ligação entre as escolas Complementares e Normal.

«DECRETO: nº. 1204, de 19 de fevereiro de 1919.

O Engenheiro Civil Hercilio Pedro da Luz, Vice Governador no exercicio do cargo de Governador do Estado de Santa Catharina.

Considerando a *intima ligação* existente entre as Escolas Complementares e a Escola Normal Catharinense;

Considerando que todas as modificações feitas no regimen deste estabelecimento devem ser adaptadas ás Escolas Complementares;

Considerando que, em virtude da reforma feita no regulamento e programmas da Escola Normal, devem as Escolas Complementares ter novo regimen.

DECRETA:

Art. 1º. — Ficam approvados o Regulamento e Program

mas de ensino das Escolas Complementares, que com este baixam, assignados pelo Secretario do Interior e Justiça.

Art. 2º. — Revogam-se as disposições em contrario.»

Entretanto quando se reformou os programmas dos Grupos Escolares (Decreto n. 1322, de 29 de janeiro de 1920), não se cogitou da necessidade de fazer a intima ligação entre os programmas existentes (os das complementares) e os dos Grupos que estavam sendo reformados!

Como vimos o programma em vigor nas Escolas Complementares é approvedo pelo Decreto nº 1204. Penso: estes não resolvem a situação do ensino quanto á seriação desejada e aliás tão necessaria.

Relacionou o curso das Complementares com o da Normal, porem commetteu o erro de não coadunar o ensino dos primeiros, isto é, das Escolas Complementares, com o dos Grupos Escolares.

Uma ligeira leitura dos programmas questionados faz resaltar esta grande falha, que fatalmente accareta serios prejuizos ao ensino.

Vejamos algumas provas.

O programma de portuguez dos quartos annos dos Grupos Escolares é o seguinte:

A — *Leitura e linguagem oral*

1 — Leitura corrente e expressiva

2 — Estudo completo da significação das palavras da lição; sentido real e figurado; synonymos, antonymos, homonymos; palavras de significação analoga.

3 — Reducção de verso a prosa.

4 — Estudo dos signaes de pontuação para os efeitos da leitura.

5 — Exercicios de declamação.

B — *Grammatica*

1º — Estudo elementar completo das categorias grammaticaes.

2º — Divisão do periodo em orações. Nocões summarias sobre a classificação das orações.

3º — Conhecimento elementar completo do sujeito e predicado e complemento.

4º — Applicaçào dos conhecimentos da analyse syntactica no ensino elementar da concordancia, regencia e collocação.

5º — Estudo elementar de pontuação.

C — *Linguagem escripta*

1º — Dictados.

2º — Exercícios de analyse grammatical e logica.

3º — Exercícios de correção de sentenças e palavras erradas.

4º — Reprodução de assumptos desenvolvidos pelo professor.

5º — Reprodução de assumptos de outras aulas.

6º — Redacção de cartas, officios, requerimentos, recibos e procurações.

7º — Reducção de verso a prosa.

EXERCICIOS CALLIGRAPHICOS: Calligraphia vertical e exercicios livres.

As escolas Complementares tem o seguinte programma de portuguez:

Palavra — syllaba — monosyllabo, dissyllabo, trisyllabo, polysyllabo. Letra e phonema.

Vogaes e consoantes. Vogal oral e nasal.

Distinctivos da vogal. Consoante, seus distinctivos.

Grupos vocalicos. Diphthongos, triphthongos, semiditongos, hiatos.

Grupos consoantaes. Letras dobradas, digrammas.

Sons proprios e accidentaes do s; sons do x; sons brando e forte do r, do g e do c.

Consoantes sonoras e insonoras.

Accento tonico, accents graphicos. Syllaba tonica, atona. Oxytonos, paroxytonos, proparoxytonos.

Regra pratica do agudo e do circumflexo.

Synthese a materia exposta; phonologia, suas divisões — phonetica, prosodia, orthographia).

Conhecimento do substantivo, adjectivo, pronome e verbo

Flexões do substantivo, adjectivo e pronome.

Divisão do substantivo: appellativo, proprio, simples, composto e collectivo.

Divisão do adjectivo: qualificativo e determinativo.

Subdivisão do adjectivo: restrictivo, demonstrativo, explicativo, conjunctivo, interrogativo, possessivo, indefinido, articular.

Divisão do pronome: pessoal, adjectivo.

Subdivisão do pronome: recto, obliquo, demonstrativo, conjunctivo, interrogativo, indefinido, etc.

Ligeiro conhecimento do sujeito e do predicado.

Verbo: conjugação, themas e flexões verbaes, modos infinitivos e finitos; tempos primitivos, tempos derivados, tempos simples, tempos compostos.

Divisão e minucioso estudo dos verbos quanto á conjugação; regulares e irregulares, auxiliares, defectivos (pessoaes, passivos, reflexivos, pronominaes, accidentaes, essenciaes, reciprocos e neutros).

Divisão dos verbos quanto á significação: augmentativos, diminutivos, imitativos e frequentativos.

Synthese da materia exposta: taxionomia, flexionismo, categorias flexivas.

Prefixos.

Suffixos dos diminutivos, dos augmentativos, do plural, dos participios, thema dos diminutivos, dos superlativos, dos pluraes, etc.

Vocabulos primitivos e vocabulos derivados; compostos por justaposição, por prefixação, por agglutinação, derivados proprios e derivadas improprios.

Synthese da materia explicada; morphologia.

Emprego da maiuscula. Regra pratica para a formação do plural dos diminutivos.

Ensaio sobre o plural dos nomes de tonica fechada.

Divisão da grammatica: lexiologia e syntaxe. Subdivisão da lexiologia; phonologia, morphologia, taxionomia.

Linguagem: falada, escripta, mimica.

Lingua: viva, morta, extincta.

PRATICA

Leitura expressiva, e explicação pelos alumnos, de um trecho lido; synonymia dos termos occorrentes; dictados.

Exposição e descripções faceis. A correção se fará na aula e o professor commentará o trabalho de cada alumno, assignalando os defeitos e suggerindo errata:

Um mesmo tema deve ser repetido duas ou mais vezes consecutivas até resultado satisfactorio. Analyse lexiologica das categorias variaveis.

Ora o alumno, no Grupo Escolar aprende, a divisão do periodo em orações e a sua classificação; deve ter conhecimento elementar completo do sujeito, predicado e complementos, deve applicar os conhecimentos de analyse syntactica relativos á concordancia, regencia, e collocação.

Entretanto — terminando o curso primario — ingressa no 1.º anno complementar onde ha poucos pontos dessa natureza : — Ligeiro conhecimento do sujeito e predicado.

Na parte pratica só se exige delle analyse lexicologica das categorias variaveis, quando no grupo já estudou as categorias invariaveis e teve noções de regencia, concordancia e collocação.

Só no segundo anno Complementar é que se estuda as categorias invariaveis e analyse logica, conforme se pode notar do programma:

«Sujeito, predicado, complemento.

Periodo simples e periodo composto (conhecimento pratico).

Preposição, conjunção e adverbio.

Estudo comparativo de suas funcções.

Conjunções coordenativas e conjunções subordinativas.

Divisão dos verbos quanto ao complemento: transitivos (directos, relativos, objectivos), intransitivos e de ligação ou attributivos.

Coordenação e subordinação.

Oração principal e orações secundarias.

Signaes de subordinação.

O estudo especial dos complementos.

Divisão das orações quanto á funcção syntactica (subjectiva, objectiva, predicativa, attributiva, circumstantial); quanto ao connectivo (relativa, conjuncional, indefinida, infinitiva); quanto á natureza ou funcção grammatical (substantiva, adjectiva, adverbial).

Concordancia do verbo com o sujeito: regra geral e casos particulares.

Concordancia do predicado nominal e pronominal com o sujeito.

Confronto entre a lexicologia e syntaxe.

PRÁTICA

Emprego de pessoas grammaticaes no tratamento epistolar, no dialogo e no oratorio: manutenção e uniformidade dos pronomes pessoaes e de reverencia e dos adjectivos possessivos correspondentes.

Ensaio de concordancia do verbo com um sujeito composto de diferentes pessoas grammaticaes.

Imperativos, positivo e negativo.

Descripções de scenas da natureza, por exemplo: o nascer do dia, uma noite de luar; e de impressões subjectivas, por exemplo: a volta ao lar, um pobre, etc.

Cartas de amizade (repetidas até resultado satisfactorio)
Analyse laxiologica, principalmente das particulas.
Analyse syntactica.

—
Outra anomalia que devemos considerar:

O programma de geometria do 3.º anno Complementar unico do curso em que se lecciona esta materia é o seguinte:

1.º — Corpo linha, superficie, ponto.

2.º — Linhas perpendiculares, obliquas paralelas.

3.º — Angulos.

4.º — Triangulos, quadrilateros, polygonos em geral. Calculos de area.

5 — Circulo. Medida da circumferencia. Area do circulo.

Nota — O estudo será dado do modo mais pratico possível e com grande abundancia de exercicios.

Esta materia é ensinada nas Escolas Complementares para integrar-lhes o programma. É estudada na Escola Normal com mais desenvolvimento e sob ponto de vista diverso.

Afim de melhor se fazer o confronto que deseamos, transcrevemos, os programmas dos 3.º e 4.º anno dos Grupos Escolares.

PROGRAMMA DO 3.º ANNO

1.º — Construção, por meio de instrumentos, de perpendiculares, paralelas, angulos, triangulos, quadrilateros. Divisão de uma recta em partes iguaes.

2.º — Conhecimento pratico e traçado da circumferencia e de suas linhas.

3.º — Conhecimento pratico e traçado do circulo de suas partes.

4.º — Modos praticos de construir polygonos regulares.

5.º — Avaliação dos graus dos angulos.

6.º — Avaliação das areas dos triangulos e dos quadrilateros em geral.

Nota — Abundantes exercicios praticos, para desenvolver o raciocínio. Calculos numerosos de accordo com os conhecimentos arithmeticos dos alumnos.

Os exercicios de avaliação de areas deverão ser feitos sobre superficies, que devem ser medidas pelos alumnos. Exemplos: avaliar a superficie do tampo da mesa, de capas de livros, do soalho, da sala, do pateo, de polygonos desenhados no quadro negro, etc."

PROGRAMMA DO 4º ANNO

- 1º — Polygonos regulares e irregulares; construcção e avaliação de suas areas,
- 2º — Relação entre o diametro e a circumferencia; o valor de PI.
- 3º — Formula da area do circulo.
- 4 — Avaliação do volume dos prismas, pyramides, cylindros e cones.
- 5º — Superficie e volume da esphera.

Nota — A medição dos corpos deve ser feita directamente pelos alumnos, em exercicios abundantes e variados.
Exemplos: avaliar a capacidade de uma sala, de um caixão, de uma gaveta, de latas quadradas e cylindricas, de esp'heras, etc'.

Não ha negar, pelo exposto, que o programma dos Grupos Escolares nesta disciplina, é muito mais desenvolvido do que o da Complementar.

Nota-se tambem que muitos pontos de geographia do 1º anno são repetidos no segundo, tomando assim o tempo necessario ao desenvolvimento do referido programma.

No programma dos 4º annos dos Grupos Escolares ha os seguintes pontos:

Ponto I — Brasil — Limites, linhas divisorias, superficie, população. Comparação do territorio e da população do Brasil com os de alguns paizes. Produções. Principaes productos de exportação.

Commercio e portos principaes. Estradas de ferro principaes. Montanhas, rios, portos, ilhas, etc. bacias principaes. Divisão do Brasil em cinco regiões naturaes.

2º Ponto — De cada Estado — limites politicos, população aproximada, comparação da superficie com a de paizes estrangeiros, portos, cidades principaes.

Comparemos a materia exigida no programma da referida disciplina acima com a que deve ser ministrada no 1º anno Complementar.

10º — Ponto — Brasil, posição, paizes limitrophes, aspecto e clima. Montanhas, rios, lagos, cabos, bahias, ilhas. Divisão do pais em cinco regiões naturaes. Divisão administrativa.

11º — Ponto — Estudo discriminado dos Estados: ca-

pitais e cidades principaes, aspecto e clima, produções, vias de comunicação.

Verifica-se, pois, pelo que acima transcrevemos, que o alumno do curso primario recebeu ensinamentos mais completos do Brasil do que o promovido ao segundo anno do Curso Complementar.

Os programmas provisorios, adoptados em 1924 para cumprimento do decreto nº 1072, de 12 de janeiro de 1924, decreto este que foi revogado pelo nº 2035, de 2 de março do corrente anno, apresentavam uma sobre carga de materia que muito prejudicou a marcha do ensino nas complementares, e não modificarem as falhas acima apontadas; os programmas das referidas materias ficaram sendo os mesmos, apenas foram accrescidas novas materias.

Que interesse pode ter o alumno do 1º anno Complementar em estudar ligeiras noções sobre o sujeito e predicado, quando no 4º anno do curso primario dividiu o periodo em orações e as classificou e achou a relação entre os termos das orações designando o sujeito, predicado e complementos.

Temos ouvido muitas vezes, nas inspecções escolares, queixas dos docentes das Escolas Complementares sobre a falta de interesse aos estudos manifestada pelos alumnos.

E' claro que tal deva acontecer, pois «Despertar a curiosidade innata ao homem e vivacissima ao menino, eis o primeiro empenho do professor num methodo racional.

Da curiosidade nasce a attenção, da attenção a percepção e a memoria intelligente. Ensinar a quem não tem a curiosidade de aprender é semear num campo que não arrou» (Ruy Barbosa — Parecer sobre a reforma do Ensino Primario apresentado á Camara dos Deputados em 12 de setembro de 1882).

«Entiende-se por doctrina o ensenanza la transmission de aquello que uno conoce a que no lo conoce. (Vives — Tratado del Alma).

Roehrich analysando a modalidade da attenção denominada *espontanza aperceptiva*, estabelece quatro leis curiosas que vem ao encontro do assumpto tratado.

I — Para que haja apercepção é necessario que ás antigas associações de idéas venham juntar-se uma ou algumas noções novas.

II — Para que se produza um phenomeno de attenção aperceptiva, é necessario que as noções novas sejam semelhantes às antigas, porque as coisas absolutamente novas não prendem a attenção.

III — As noções novas devem ligar-se ás noções adquiridas, por meio de transições feitas de noções intermediarias que formem uma serie ascendente de esclarecimentos successivos.

IV — Entre dois pontos culminantes da attenção é necessario deixar um tempo de repouso.

Estas leis são para o professor um instrumento precioso do qual se deve utilizar para conseguir que seus alumnos o sigam no desenvolvimento do ensino de suas disciplinas.

Si, porem os alumnos que terminaram o curso primario nos nossos grupos escolares e se matricularam no 1º anno Complementar, tem conhecimentos mais amplos em certas materias, como vimos, do que se lhe exige no novo curso, poderá o professor conseguir desses a attenção exponentanea aperceptiva ?

Si o professor não lançar mão dos meios racionaes para transmittir os ensinamentos obterá resultados reaes que satisfaçam as exigencias da mente de seus educandos e os preparem para a vida ?

Merece tambem a consideração a distribuição das materias pelos tres annos das Escolas Complementares; a actual não obedece a um plano pedagogico.

Augusto Conte classificou as sciencias observando o principio da complexibilidade crescente e da generalidade decrescente.

«Na natureza os phenomenos mais simples são os mais geraes; toda ordem de existencia superior suppõe, como condição as ordens de existencia — mais simples e mais geraes; a difficuldade de conhecer augmenta a razão directa da complexidade dos phenomenos.

A classificação do philosopho francês é na verdade, rigorosamente objectiva, e até certo ponto representa a propria ordem pedagogica» (Jonathas Serrano — Classificação das sciencias) Eis a classificação do Conte: — Mathematica — Physica chimica — biologia — sociologia.

A organização actual do programma obedece a esta classificação a qual o professor Jonathas Serrano, diz ser

rigorosamente objectiva e até certo ponto representar a propria ordem pedagogica ?

Com o programma actual póde o professor applicar as leis de Roehrich acima citada ?

Pensamos que não seja possivel.
Natura non fecit saltus !

CONCLUSÕES

I — Ha necessidade de se modificar os programmas das Escolas Complementares, organizando-os de modo mais perfeito.

II — Urge simplificar os dos Grupos Escolares, afim de seriá-los devidamente, ou ampliar os das Complementares de modo que o ensino nestes estabelecimentos seja o complemento dos conhecimentos adquiridos nos cursos primarios.

III — Convem distribuir as disciplinas pelos annos do curso de modo racional e pedagogico.

IV — Devemos incluir nas Escolas Complementares o ensino de educação moral e civica.

V — Melhorar a docencia das referidas Escolas Complementares melhorando seus vencimentos.

Ass. — *Luís Sanches Bezerra da Trindade*, Inspector Escolar.

Tabella das Aulas Semanaes

PRIMEIRO ANNO	SEGUNDO ANNO	TERCEIRO ANNO	
Português	6	5	Português 4
Arithmetica	6	3	Arithmetica 3
Geographia	4	3	Histor. Natural
Educação	2	2	Zool. Hyg. 4
Musica	2	3	Botanica 2
Desenho	2	2	Phys. e Chim. 2
Trabalhos	2	2	Hist. do Bras. 3
Gymnastica	1	2	Geometria 2
		2	Musica 1
		1	Desenho 1
		2	Trabalhos 2
		1	Gymnastica 1

PROGRAMMAS

Educação Moral e Civica — 1º anno.

COMPLEMENTAR

1º — DEVERES PARA COM O CORPO: — Asseio Temperança. A simplicidade no traje. O alcool e o fumo.

2º — DEVERES PARA COM A ALMA.

3º — DEVERES PARA COM A INTELLIGENCIA: O dever de instruir-se e aperfeiçoar-se. A sinceridade. A mentira.

4º — DEVERES PARA COM A VONTADE: — A dignidade pessoal. A modestia. A paciencia. A resignação. A perseverança. O valor nas batalhas e o valor na vida diaria. A iniciativa. A colera. A avareza. A imprevidencia. A paixão do jogo. A preguiça. A vaidade. O trabalho e suas relações com a felicidade e com a liberdade.

5º — DEVERES PARA COM A FAMILIA: — A familia é o fundamento da sociedade. Deveres para com os paes. Deveres para com os irmãos.

6º — DEVERES NA ESCOLA: — Assiduidade, applicação, comportamento, lealdade. Deveres para com os mestres e condiscipulos.

7º — O ESCOTISMO E SUAS VANTAGENS: — Sua organização.

2º ANNO

1º — DEVERES PARA COM A PATRIA: — A Patria.

O primeiro dever do cidadão é amar honrar, e servir sua Patria. Obediencia e respeito ás autoridades. Necessidade do imposto. O serviço militar. O dever de votar. Principaes serviços publicos. Dever dos cidadãos de cooperar nelles. A conservação das estradas.

2º — DEVERES PARA COM OS HOMENS EM GENERAL OU DEVERES SOCIAES: — A sociedade é necessaria e indispensavel para sua segurança e progresso indefinido. Os deveres de caridade e justiça repousam sobre as maximas: «Não faças a outrem o que não queres que te façam;» «faze aos outros o que queres que te façam.» A necessidade da cooperação entre os individuos e entre os povos. Cooperação nas sciencias, nas artes, na industria, no commercio. Respeito á vida humana. Direito de legitima defesa.

A guerra. Respeito á liberdade humana. Liberdade de consciencia e de pensamento. Respeito á propriedade. O roubo. Respeito á dignidade alheia. A calunnia. A diffamação. A maledicencia. Deveres de caridade. Caridade publica e privada. Sociedades de beneficencia.

4º — DEVERES PARA COM DEUS: — A idèa da existencia de Deus entre todos os povos. Sentimento de respeito, veneração e gratião que devemos ao Creador de todas as coisas. O Decalogo.

GEOGRAPHIA

Para o 4º anno dos Grupos Escolares.

1º — Brasil — limites, linhas divisorias, superficie, população, produções, portos, principaes. Estradas de ferro principaes. Montanhas, rios, ilhas etc. bacias principaes. Divisão do Brasil em cinco regiões naturaes.

2º — De cada Estado — limites politicos, população approximada, portos, cidades principaes, produções.

3º — Continentes, partes do globo, oceanos. Comparação entre aguas e terras. Os oceanos e seus limites. O aspecto dos países situados na zona torrida, e nas temperadas e frigidias. Clima, influencia da latitude, ventos, correntes maritimas.

4º — Países da America — nomes e capitães, cidades principaes, países limitrophes.

5º Países da Europa — nomes e cidades principaes. Conhecimento no mappa e no globo.

6º — Estudo mais desenvolvido do systema planetario. Planetas, cometas, bolidos. Estrellas fixas.

Nota: Viagens simuladas pelas partes estudadas. Exercícios cartographicos dos pontos ensinados. Fazer mappas dos Estados do Brasil correspondentes á divisão em 5 regiões.

Para o 1º anno da Escola Complementar

1º — Definição e divisão da geographia. Geographia physica, astronomica, politica.

2º — Geographia astronomica. A Terra, seus movimentos e forma. A inclinação do eixo sobre o plano da ecliptica. O dia e a noite.

O anno, as estações o calendario. Annos communs bissextos e seculares. Movimentos apparentes do Sol. Climas e causas que os modificam.

3º — Estrellas fixas, astros opacos, constellações nebulosas. O nosso systema solar. O sol, planetas, cometas, satellites, bolidos, aerolithos. Eclipses. Marés.

4. — Equador, parallelas e meridianos, tropicos, circulos polares, eixo da Terra, polos, zonas.

5º. — Dimensão dos meridianos. Medidas derivadas dessa dimensão. Metro, Milha e legua maritimas.

6º. — Noções summarias sobre a representação da superficie da Terra. Globos e mappas. A escala dos mappas.

7º. — Definições de geographia physica. Continentes e oceanos. As cinco partes do mundo.

8º. — Geographia physica e politica do Estado de Santa Catharina. Posição, limites, superficie e população, aspecto, clima, montanhas, rios, lagos, bahias e enseadas, cabos, pontas, ilhas. Divisão administrativa e judiciaria: municipios, comarcas, districtos de paz. Cidades, villas e principaes povoações.

9º. — Organização do Governo do Estado. Os tres poderes; sua composição e attribuições. Organização do governo municipal. Os seus dois poderes. As armas do Estado.

10º. — Estado de Santa Catharina. Portos, rios navegaveis, linhas de navegação, estradas de ferro e de rodagem. Principaes productos de exportação. Importação, sua especie e origem.

11º. — Brasil. Divisão administrativa. Posição, limites, linhas divisorias, superficie, população. Comparação do territorio e da população do Brasil com os de alguns países. Aspecto e clima. Produções. Principaes productos de exportação. Commercio e portos principaes. Estradas de ferro principaes. Montanhas, rios, portos, lagos, ilhas, cabos, bahias, bacias principaes. Divisão do Brasil em cinco regiões naturaes

Para o 2º. anno Complementar.

1º — Estudo descriminado dos Estados do Brasil: Limites politicos, superficie e população, comparação da superficie com a de países estrangeiros, capital e cidades principaes, aspecto, clima, portos, produções, principaes vias de comunicação.

2º — Raças humanas. Religiões. Formas de governo e estados sociaes. Linguas.

3º — America. Geographia physica e politica.

4º — Europa. Idem.

5º — Asia. Idem

6º — Africa. Idem

7º — Oceania. Idem

Programma para a Escola Complementar

Physica e Chimica

2º ANNO

PHYSICA

1º — Physica, sua definição e importancia. Corpo e materia. Phenomeno physico. Conservação e experimentação.

2º — Estados physicos dos corpos, Propriedades geraes da materia.

3º — Estudo das alavancas.

4º — Attractão universal; estudo da gravidade. Queda dos corpos. Equilibrio dos corpos solidos.

5º — Peso e densidade: balanças.

6º — Equilibrio dos liquidos e suas applicações. Principio de Archimedes, equilibrio dos corpos mergulhados e fluctuantes.

7º — Capillaridade e applicação dos phenomenos capillares.

8º — Gazes e suas propriedades geraes.

9º — Atmosphaera e pressão atmospherica. Barometros. Machinas pneumaticas e de compressão. Bombas e siphões.

CHIMICA

1º — Importancia da chimica. Phenomeno chimico. Definição de chimica. Sua divisão.

2º — Corpos simples e compostos. Atomos e moleculas. Affinidade e cohesão.

3º — Mistura, combinação e decomposição.

4º — Notações chimicas. Representação dos corpos compostos.

3º ANNO

PHYSICA

1º. — Estudo do calor. Dilatação dos corpos. Thermometros. Mudança de estado. Fusão e dissolução. Evaporação e ebulição Liquefação. Solidificação.

2º. — Machinas thermicas, machinas a vapor.

3º. — Luz e sua propagação, velocidade e intensidade.

Reflexão da luz, espelhos. Dispersão da luz. Refracção da luz. Instrumentos de optica.

4º. Som, sua producção, velocidade e propagação. Considerações sobre os sons da musica.

5º. — Considerações geraes sobre a electricidade. Machinas electricas. Pilhas. Effeitos das correntes.

6º. — Imans e magnetismo.

7º. — Idéas geraes sobre a meteorologia e climatologia.

CHIMICA

1º. — Noções geraes sobre o oxygenio. Ozona.

2º. — Noções geraes sobre o hydrogenio.

3º. — Estudo da agua.

4º. — Noções geraes sobre o azoto.

5º. — Estudo do ar atmospherico.

6º. — Noções geraes sobre o carbonio.

7º. — Estudo geral de alguns metaes e metalloides.

Ass. — *Luis Sanches Bezerra da Trindade*, Inspector Escolar.

Florianopolis, 24 de junho de 1927.

PARECER N.º 25

As theses nos. 4 e 5, a la. de autoria do professor Germano Wagenführ e a 2ª. do inspector escolar sr. Luis Trindade, versam sobre o seguinte:—« *Ha vantagem em descongestionar o ensino normal e o complementar, no Estado, do acervo de disciplinas que os compõem?* O trabalho offercido pelo professor Wagenführ traduz criterio pedagogico consentaneo com as theorias vencedoras; é, porem, apenas doutrinario, um tanto impreciso; ao passo que a do inspector Trindade, vasado em moldes empiricos, é trabalho de utilidade pratica immediata e corresponde, na realizade, a uma das mais prementes necessidades do aparelho escolar catharinense.

Do paciente estudo comparativo das disciplinas ensinadas nos cursos elementar e complementar, feita pelo autor, evidencia-se um defeito capital dos programmas: é que correspondem á finalidade do ensino ministrado nos grupos escolares e escolas complementares, pois, como determina o decreto n.º. 604, de 11 de junho de 1911, reproduzido pelo autor, as escolas complementares tem por fim completar o ensino

dos grupos escolares e facilitar o acesso á Escola Normal. O autor demonstra que não existe uma sequencia logica entre os dois programmas, resultando dahi o absurdo de, na maioria das materias, ser o estudo nos grupos escolares mais elevado que nas escolas complementares.

E o professor Trindade soluciona perfeitamente o problema da ligação que deve existir entre os dois cursos, offerecendo, annexo ao trabalho apresentado, um programma para grupos escolares e escolas complementares de modo satisfactorio. Esse programma refere-se á Educação Moral e Civica e Geographia physica e chimica.

O autor demonstra que a maior disparidade se verifica entre os programmas de geometria dos dois cursos, pois os dos grupos escolares são muito mais desenvolvidos que os das escolas complementares.

Opina, ainda, o autor pela introducção, nos programmas do curso complementar, de mais uma materia: educação moral e civica — o que applaudimos vivamente, considerando que essas disciplinas só podem concorrer para mais completo preparo da docencia.

O autor começa seu trabalho declarando que « ha actualmente nas escolas complementares apenas dois lentes, cuja nomeação obtiveram depois de se submeterem ao concurso exigido pelo regulamento » extendendo-se em outras considerações tendentes a demonstrar que a docencia nas escolas complementares não está satisfazendo ás exigencias do curso. São muito procedentes essas observações. E' obvio que somente com a observancia dos regulamentos, haverá docencia idonea.

As conclusões a que chegou o autor, e que se encontram no trabalho proposto, teem a vantagem de synthetisar perfeitamente toda a materia, e devem, portanto, ser adoptados.

Sala das sessões, 6 de agosto de 1927. — (Ass.) *Marcilio Dias de S. Thiago — Barreiros Filho — Pe. F. X. Zartmann, Raja Gabaglia.*

THESE Nº 2

E' compativel o ensino normal com uma adapta- ção do mesmo aos cursos gymnasiaes ?

Apresentada á Conferência do Ensino Primario pelo
Professor Mâncio da Costa.

O ensino público estadual resente-se de tres lacunas que lhe não asseguram a continuidade nem a uniformidade que fôra para desejar ao seu plano educacional

Faltam-lhe a escola material, o jardim da infancia e o curso secundário de humanidades, a raiz, caule e fronde da arvore da instrucção, sob cuja sombra salutifera se vae formando a brasilidade.

Iniciando-se por um gráu médio de instrucção e terminando-se por uma única e inevitavel finalidade, o ensino público estadual restringe-se tão somente a alphabetizar e a guindar ao professorando a possa escolaridade.

O nosso systema de instruir e educar não delira, de algum tempo a esta parte, da escola isolada, rural ou urbana ao grupo escolar e da escola complementar á normal.

Foi e é sempre o mesmo: desconnexo e incompleto, por que amputado dos seus membros mais nobres.

Apezar das excellências que lhe reconhecemos, sensíveis e apreciáveis, sobreleva notar que essa descontinuidade de seu plano fá-lo claudicar na pratica, e balburdiar o que devêra ser, por todos os sentidos, simples, homogêneo e uniforme.

A Alemanha depois da guerra pôs em pratica aquillo que a Prussia, annos antes, havia realizado com vantagens demonstraveis, após successivas reformas pedagógicas, isto é, a continuidade do curso primário em seus diversos gráus, com o secundário de humanidades.

A *aufbauschulen* (escola secundária de continuação) é o liame immediato do *grundschulen* (a escola-base), na Alemanha e na Prussia.

Nos Estados Unidos da America do Norte, servidos de quarenta e nove systemas autônomos de ensino, a escala educativa não soffre, em algum de seus gráus, solução de continuidade. Ao kindergarten segue a escola elemental e a essa, as *junior high school* e *senior high school* e o collegio de

artes e sciências, que se vinculam immediatamente com o curso profissional e superior.

Assim tambem é no Chile e em outras republicas hispano-americanas. Entre nós, porem, a solução de continuidade no plano educacional é tão manifesta e notavel que merece commentada.

As nossas incipientes industrias já occupam diariamente um numero não pequeno de operarios de ambos os sexos, cujos filhos na primeira infancia carecem de alimentação sadia, de educação physica intellectual e moral que os seus paes só parca e interruptamente lhes podem dispensar, adstrictos como estão á lucta pela subsistência. Com a criação das escolas maternas nos centros industriaes e junto ás fabricas, cujas direcções se comprometterem a custear pelo prazo minimo de tres annos, a despesa com a alimentação dos filhos de seus operarios e com a séde respectiva da escola, o Estado poderia concorrer como mobiliario, material escolar e os professores, afim de não sò ellas lhes serem um como complemento do lar formador de sua psyché, mas tambem a antecâmara, onde beberiam os ensinamentos indispensaveis para a formação de seu espirito e de seu caracter. Dewey de que Decroly não discorda, confirma:

«Aprender ? Certamente: mas vivendo primeiramente, e apprendendo para a vida e pela vida.»

Não pensava de outra maneira Herbart (1) quando affirmou: «É de maior importância saber em que medida e de que modo passa a criança ás mãos do educador. Uma instrucção começada desde cedo e que seja principalmente synthética, pode contar de certo modo com o poder que exerce pelos resultados obtidos.»

Mas não bastam as escolas maternas.

Os jardins-da-infancia são tambem indispensaveis ao nosso falho apparelhamento escolar.

Não os do velho molde froebeliano, mas esses que constroem na Alemanha, na Austria, na Suiça, na França, na Belgica e em Montevidéo a «escola activa, ou colmeia bulhosa de Calpatede, onde o ensino é adaptado á criança e não a criança ao ensino.

São os a que o dr. Decroly deu origem e método, educando anormaes e retárdatarios, a principio; e mais tarde, os normaes. Só depois dessas duas relevantes etapas educacionais, só depois de dois ou mais annos de processo educativo decrolyano é que a criança está apta a ingressar, natural

e suavemente, no curso primário propriamente dito, que se continúa ou articula, entre nós, com o da escola complementar, num lapso de tempo que vaé dos 6 aos 13 annos de idade. O ingresso da criança no currículo de quatro annos do curso primário dos nossos grupos escolares, sem o estágio recommendavel num jardim da-infância, não é regular nem consulta actualmente, aos principios basilares da pedagogia hodierna.

E' extrema vantagem para professores esse estágio inicial da criança no jardim-da-infância, donde ella commummente sae com os sentidos mais ou menos educados e desenvolvidas as faculdades de concepção, comparação, imaginação, raciocínio, etc. não só como uma notavel concessão á methodologia pedagogica, mas tambem por ser elle um como laboratorio preciso em que se realizam as experiencias cruciaes sobre a mentalidade infantil e se apuram e se seleccionam as verdadeiras vocações para o magisterio.

Depois de transposto os tres annos do curso complementar, quando « o moço tende instinctivamente a armar-se para a lucta seria da vida, mediante um methodico accrescentamento de forças aos varios exercicios dos sentidos e dos músculos », quando inda « uma só visada penetrante ou um conhecimento íntimo podem reconhecer deste realismo e deste racionalismo, em apparencia frio, algo já do fogo daquelle idealismo que no moço, sem embargo, só está adormecido e necessita sómente de ser despertado com vigor para abrolhar na juventude todas as suas forças, rompendo então com facilidade todas as barreiras cuidadosamente levantadas do seceo sentido da realidade objectiva » (2); depois de transposto os tres annos do curso complementar, diziamos, é que ao escolar, entre nós, se apresenta inevitall dilemma: finalizar mesquinhamente os seus estudos na complementar ou cursar a escola normal.

A finalidade do magisterio impõe-se, então, ao estudante diligente e aproveitando. Normalista *tout court*.

Não tem actualmente o Estado um estabelecimento de ensino secundario que possa intruir vantajosamente, sôbre o ponto de vista pecuniário, os filhos daquelles a quem a fortuna desajudou, e não desejam cursar a nossa escola normal, por lhes faltar o natural pendor para o magisterio.

Não é justo, portanto, que se lhes neguem materiaes intellectuaes para tal.

Porque o nosso claudicante aparelhamento escolar não

se inicia como devera ser iniciado, não se conclue que se não deva, tambem prover, já e já a falta de sua mais sensivel e graduada etapa.

Demais, muito e muito aproveitaria a collectividade se o Estado custeasse um curso secundario de humanidade, officina intellectual, onde se forjariam novas energias que ora se estiolam e se perdem por falta de estímulos e, o que é mais, á mingua de recursos pecuniarios.

O desejo de reduzirmos cada vez mais a percentagem de analfabetos sobre o censo urbano e rural não é só obra benéfica e patriótica que em muito nos ennobrece aos olhos da Federação, mas tambem o incentivo para coroarmos essa benemerencia e esse patriotismo, dotando o nosso systema de ensino com um curso secundário que plasmaria integralmente o cidadão de amanhã.

Estima-se hoje mais do que ontem as nacionalidades pela sua emancipação econômica tanto quanto pela maneira por que servem á coletividade em todas as províncias do ensino público, disseminando a instrução gradual ás camadas mais densas do proletariado.

Mas como poderá provir o Estado as lacúnas do aparelhamento escolar? Será possível adaptar o curso de nossa Escola Normal ao Gymnasial? Não solveria o problema do ensino secundario e não corresponderia aos interesses dos filhos dos proletarios a criação de um gymnasio estadual?

Discutamos a

14.^a

These — E' compativel o ensino normal primário com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes?

Discussão:

A adaptação do curso normal, seja qual fôr o seu desenvolvimento e excellência de programma, a um curso secundário literário ou de humanidades e vice-versa, sobre ser um desacerto educacional, é uma heresia pedagógica a que todos devemos fugir, por não desejar-mos formar professores sem a proficiencia e praticas necessarias, nem diplomar estudantes em disciplinas escolares que lhes são de some nos valor, serão inúteis aos cursos superiores a que se destinam. Exemplifiquemos:

Sabemos sobejamente que os programmas do curso normal e os do (curso normal) e os do curso gymnasial não são equivalentes. Nos primeiros abundam as artes e as sciências concretas; nos últimos escasseiam as artes e abundam

as sciências abstractas e as letras clássicas. Esses programas ministrados conjunctamente não se completam, nem se integram num todo lógico, porque servem a fins dissemelhantes. Comtudo aproveitaria muito, como logo veremos, o ensino normal, ao normalista que tivesse um curso secundário literário-preparatorio. Mas assim não acontece entre nós. Nem em algum Estado da União. Se ao normalista são indispensaveis e imprescindiveis conhecimentos desenvolvidos e copiosos de psychologia, de pedagogia, de methodologia, de didactica, de musica, de trabalhos manuaes, etc; ao estudante gymnasial só aproveitam os ministrados acerca da primeira, sendo-lhe totalmente despiciendos as das ultimas materias, no caso irregular, anti-pedagogico e esdruxulo de cursarem ambos um estabelecimento de ensino, que tivesse um programma mixto, isto é, normal-gymnasial.

Demais disto, o curso normal é destinado a uma certa e determinada vocação do educando; o secundário literário ou de humanidade, um como preparo para o ingresso em varios cursos profissionaes superiores. Um restringe a sua acção, outro amplia.

Não se completam; separam-se.

Cotejemos os programmas dos dois cursos.

Escola Normal (3) Santa Catharina

CADEIRAS	DISCIPLINA
1ª.	Português e principios de Liter. da Lingua
2ª.	Francês
3ª.	Mathematicas
4ª.	Physica e Chimica
5ª.	Historia Natural e Hygiene
6ª.	Geographia e Cosmographia e Historia
7ª.	Psych. pedagogia e Instr. moral e civica
8ª.	Desenho e Gymnastica
9ª.	Musica e Canto
10ª.	Trabalhos Manuaes.

Curso Gymnasial (4) (Collegio Pedro II) Rio de Janeiro

Português	Algebra
Francês	Geometria e Trigonometria
Inglês ou Alemão	Physica
Latim	Chimica
Lit. do Brasil	Historia Natural
Lit. das linguas	Philosophia
Instr. Moral e Civica	Histor. da Philosophia
Geogr. Geral	Sociologia
Chorographia do Brasil	Desenho
Cosmographia	Italiano (facultativo)
Historia Universal	Historia do Brasil
Arithmetica.	

Curso Gymnasial (4) Curso Normal (3)

Para tornar mais saliente a disparidade das disciplinas entre esses cursos, citemos inda os das escolas normaes de Victoria, do Espirito Santo e de S. Salvador, da Bahia, continuando como termo único de comparação o gymnasial, do Collegio Pedro II, por ser o paradigma de outros que lhe são equiparados em quasi todos os Estados da União.

DISCIPLINAS	DISCIPLINAS
Português	Lingua portuguesa e Lit. nacional
Geographia	Lingua francesa
Chorographia	Mathematica elementar
Noções de Cosmographia	Geog. geral, noções de Cosm. e Chorographia do Brasil
Historia Universal	Historia Universal e Historia do Brasil
Historia do Brasil	Pedagogia, Psychologia infantil
Arithmetica	Didactica
Geometria elementar	Physica e Chimica applicadas às industrias e agricultura
Sciencias physicas e naturaes	Agricultura
Noções de algebra	Anatomia e Physiologia do homem.
Francês	Biologia vegetal e animal
Hygiene escolar e infantil	Hygiene geral e escolar
Pedagogia	Noções de Direito Publico e Constitucional. Educação moral e civica
Methodologia	Desenho, Callig. e Dactylographia
Educação Civica	Musica e canto oral
Desenho	Prendas e Economia Domestica
Calligraphia	Educação Civica
Musica e canto vocal	
Gymnastica pedagogica	
Pratica de ensino	
Trabalhos manuaes	

As disciplinas dos cursos normaes são, mutatis mutandis as mesmas, salvo algumas variantes nas denominações, em todos os estados do Brasil, e todas são organizadas com uma unica finalidade-preparar theorica e praticamente o professor. Uma simples leitura dos quadros dos cursos normaes e a sua comparação com o quadro do curso gymnasial nos dão a vêr a impossibilidade de se adaptar um curso a outro, sem desviá-los dos fins a que se propõem. Ainda quanto aos professores normalistas se quere dar um preparo mais solido das disciplinas que lhes auxiliam o tirocinio profissional criam-se escolas superiores de educação, onde elles aperfeiçoam os conhecimentos de methodologia, pedagogica, psychologia infantil hauridos no curso normal.

Haja vista, entre outros, o curso normal superior da Bahía, cujas materias de ensino são: grammatica historica e literária, inglês, latina historica e critica das doutrinas e methodos pedagogica, psychologia infantil e pedagogica, sociologia pedagogica, psychologia experimental, legislação escolar, organização e inspecção escolar, hygiene e assistencia infantil.

Os Estados Unidos da America do Norte possuem escolas de magisterio onde os professores primários durante um curriculo de quatro annos, completam os seus estudos, preparando-se então difinitivamente para os trabalhos do ensino secundario e administração e fiscalização dos estabelecimentos escolares.

E', estamos a ver, uma ampliação do plano duma especialização profissional, concorrendo para formar a elite de mestre em pedagogia.

A mesma grande Nação norte-americana imitavel em muitas sinão em todas as modalidades da actividade technica, economica e financeira, é nesse particular, optimo modelo a seguir. Os seus vários systemas educacionaes tem uma base commum profundamente caracterizada na articulação sempre crescente da graduação do ensino.

O curso do collegio de artes e sciencias que corresponde ao nosso curso gymnasial, não é de modo algum adaptavel ao ensino normal; é o preparo vestibular ao estudante para o ingresso na Universidade.

Instruir e educar não são confundir e balburdiar.

Portanto o ensino normal é ao nosso parecer, inadaptable ao gymnasial.

I — por ter uma base scientifico-technica;

II — por ser um curso profissional;

III — por ter uma applicação pratica mediata;

Conclusões:

Pode o Estado preencher sabiamente as lacunas do nosso aparelhamento escolar, seguindo os modernos dictames da hodierna, da seguinte maneira:

a) — criar escolas maternas nos centros fabris; e jardins da—infancia, annexas aos grupos escolares de 1.^a classe e á Escola Normal.

b) — reformar o programma da escola normal, dotando-lhe com as cadeiras de latim, grammatica historica da lingua, didáctica e psychologia infantil, e modificando o curriculo normal de 3 para 4 annos, annexando uma escola—modelo primaria para a respectiva pratica pedagogica dos alumnos.

c) — criar um gymnasio equiparando-se ao collegio Pedro II, onde, como no conceito de Comte, possa ser ministrada a instrucção que o Estado «não deve sinão aos proletarios.»

Ficaram então perfeitamente articulados, entre si, os varios gráus do ensino público estadual, com a assistencia educacional á infancia e a instrucção secundaria ao proletariado.

E aos que se admirarem de desejarmos nós o restabelecimento do ensino da lingua latina no curso normal, diremos não só que o estudo da grammatica historica da lingua não pode ser feito sem o seu previo conhecimento, como tambem sabemos de sobejo a lição excellente de Comte: «si l'habitude du grec intéresse surtout nos origines esthétiques, celle du latin est encore plus utile su plein sentiment de noble filiation sociale.» (7).

Ass. — *Mâncio Costa.*

(1)

(2) Pablo Natorp, *Pedagogico social*; pag. 275—277.

(3) Regulamento da Escola Normal de Santa Catharina; 1925

(4) Regimento interno do Collegio Pedro II; Rio. 1926.

(5) Decreto nº 6501 Regulamento da Secretaria da Inst. Victoria 1925.

(6) Decreto n.º 4216, de 30 de dezembro de 1925, Bahia. 1925.

(7) Aug. Comte, *Système de Politique positive*; pag. 177. vol. I.

THESE Nº 3

Conferência de Ensino Primario

Considerações concernentes à decima these.

Pergunta a decima these: E' compativel o ensino normal primario com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes?

Para responder a esta pergunta, seja-me licito fazer confrontação entre o ensino primario, complementar e normal, de um lado e o ensino gymnasial de outro.

Tem-se introduzido, entre nós, o costume de os meninos se apresentarem ao exame de admissão ao gymnasio logo depois de terem cursado o quarto anno do grupo. A maior parte destes candidatos — é verdade — se preparam para o dito exame ainda por um curso particular de dois meses, nas ferias.

Será este estado de cousas sustentavel, normal, sadio?

A esta pergunta podemos responder de duas maneiras: theoreticamente, pela comparação dos respectivos programmas, e, praticamente, pelos resultados da experiencia.

1) — Comparando o programma dos grupos com o de admissão ao gymnasio, verificamos que, em Português, o programma dos grupos vai mais longe que o de admissão, porquanto aquelle exige a analyse syntactica e este só a lexica. Dá-se o mesmo em Arithmetica, onde o programma dos grupos vai mais longe que o de admissão pelos capitulos sobre raiz quadrada, razões e proporções. Em Geographia o programma dos grupos é mais restricto que o de admissão, porque este trata dos países de todo o globo, quando aquelle abrange apenas os de America e Europa. Em Historia do Brasil os dois programmas são quasi iguaes, mas o do grupo dá importancia particular á historia do Estado de Santa Catharina. Nas noções de Sciencias, não differem muito, mas o do grupo estende-se por todos os quatro annos. Em desenho o dos grupos exige, no quarto anno, a copia do natural, o de admissão é apenas a applicação da morphologia geometrica. Em Geometria o programma dos grupos já trata da avaliação das areas dos triangulos e rectangulos e do volume dos corpos, quando o de admissão é apenas morphologia. Em Instrução Moral e Civica o de admissão é mais vasto, mas, em compensação, o dos grupos é mais pedagogico.

Esta comparação theorica dos dois programmas prova

que um menino, depois de ter cursado os quatro annos do grupo, pode apresentar-se ao exame de admissão ao gymnasio, principalmente quando aproveita os dois meses de ferias para uma recapitulação do que aprendeu e para uma preparação immediata e exclusiva dos pontos do dito exame.

2) — Que nos diz, porem, a experiencia? Está o candidato, depois de ter cursado os quatro annos do grupo, habilitado a fazer um curso gymnasial?

a) — A experiencia nos ensina que a melhor idade para entrar no primeiro anno do gymnasio, é a de doze annos. Pois o programma do gymnasio é tão complicado e sobrecarregado de materias, principalmente no segundo anno, que não basta um menino ser intelligente: é indispensavel ter o mesmo uma certa madureza physica. já no primeiro anno o programma traz duas linguas estrangeiras: francês e inglês. No segundo anno, apresenta mais duas: latim e alemão, accrescendo ainda a theoria da arithmetica, summamente difficil e a chorographia do Brasil, materia vastissima.

Ora o menino que entra com seis annos no grupo, terá, dez, ao completar o quarto anno do mesmo.

b) — A experiencia prova tambem que os meninos que, antes de entrarem no gymnasio, cursaram, além dos quatro annos do grupo, ainda o primeiro ou até o segundo anno dum bom curso complementar, vencem, com relativa facilidade, as difficuldades do programma gymnasial e são classificados entre os melhores alumnos do curso. Dos outros, porém, muitos — para não dizer a maior parte, arrastam-se, a custo, pelo primeiro anno e desfallecem, quasi com certeza, no segundo, de sorte que o devem repetir.

Poderá ser remediada esta difficuldade pela Lei. Mas, precisamente o decreto n. 16.782 A, de 13 de janeiro de 1925, fixa, no artigo 55, a idade minima para admissão ao gymnasio, dizendo que não poderá ser inferior a dez annos. Aproveitam-se della os paes que querem ver seus filhos, quanto antes no gymnasio, uns por vaidade, outros por necessidade, conforme dizem, porque os filhos devem começar a ganhar a vida o mais breve possivel.

Mas assim há o perigo de educarmos gerações sem conhecimentos aprofundados, encyclopedistas, um proletariado scientifico, um elemento pernicioso á vida da nação.

RESUMINDO: Para prestar o exame de admissão basta que o candidato tenha cursado os quatro annos do grupo.

Para fazer, porem, o curso gymnasial com bom resultado, é preferivel ou até necessario que tenha ainda frequentado um bom curso complementar, e que complete, ao entrar no gymnasio, doze annos de idade. — Se o numero dos annos do grupo for reduzido a tres, claro está que o candidato, para fazer o exame de admissão, terá que frequentar pelo menos o primeiro anno complementar ou o curso annexo do gymnasio, chamado Curso Médio.

II

Tratámos, até agora, do exame de admissão ao gymnasio. Resta-nos falar sobre os exames de seriação, que reclamam um espaço de cinco ou seis annos conforme o decreto supra citado. Pois o fim da decima these, a meu ver, não é nem pode ser o de aperfeiçoar o ensino normal, pela adaptação do mesmo ao programma gymnasial, senão o de proporcionar ás normalistas a possibilidade de prestar, juntamente com os da escola normal, os exames do gymnasio. Não se trata, tão pouco, da transformação da escola normal em gymnasio, porque, neste caso a dita escola devia abandonar o seu proprio programma e adoptar o gymnasial.

Seria, pois, adopção do programma gymnasial e não adaptação ao mesmo como diz a decima these.

Fala ella da adaptação do ensino normal, não do complementar, ao programma gymnasial. Neste caso, para proporcionar ás normalistas a possibilidade de adquirirem os certificados gymnasiaes e seguirem depois uma carreira academica, a escola normal devia abranger um curso de cinco ou seis annos; pois se o seu programma se restringisse tão somente a tres ou quatro annos, a carreira gymnasial das normalistas ficaria truncada, e teriam ellas que recorrer á preparação particular, para prestarem os exames dos ultimos dois annos do gymnasio.

Não se querendo, porem, estender o curso normal a cinco annos e sendo o fim da adaptação o acima exposto, devia principiar-se esta adaptação já no segundo ou terceiro anno complementar, conforme a duração do curso normal.

Comparando os respectivos programmas, isto é, de um lado o complementar e de outro o gymnasial, verificamos que o gymnasial tem apenas tres materias que não se encontram naquelles: inglês, instrucção moral e civica (mas esta se ensina nos grupos) e trigonometria.

Se compararmos, porem, a distribuição das materias

nestes programmas, os pontos que ellas abrangem, as horas por semana que lhes são designadas, impõe-se-nos a conclusão de que uma adaptação do ensino complementar e normal ao do gymnasio, significa para aquelles alteração fundamental e essencial, com prejuizo do proprio systema; pois a normalista, a meu ver, estuda para ensinar. Mas este fim do ensino normal ficaria suffocado debaixo do acervo de disciplinas e pontos que, para a missão de professora, são de pouco ou nenhum valor.

Querendo proporcionar-se ao sexo feminino a possibilidade de seguir uma carreira academica, acho indispensavel a criação duma secção gymnasial separada, com ou sem equiparação.

Florianopolis, 12 de julho de 1927. (Ass.) — *F. Francisco Xavier Zartmann.*

PARECER N.º 26

A 1.ª commissão foram presentes as theses nos. 2 e 3, de autoria respectivamente dos srs. professores Mâncio da Costa e Revmo. Padre F. X. Zartmann, ambos referentes ao 10.º quesito organizado para a Conferencia, a saber: «E' compativel o ensino normal primario com uma adaptação do mesmo aos nossos cursos gymnasiaes?»

As duas theses são de real valor e merecem os mais francos applausos. A do P. F. X. Zartmann, prevector Director do Gymnagio Catharinense, consta de uma serie de notaveis considerações, chegando á conclusão judiciosa de que uma adaptação do ensino complementar e normal ao do gymnasio significa para aquelles alteração fundamental e essencial, com prejuizo do proprio systema, pois a normalista estuda para ensinar e este fim do ensino normal ficaria suffocado debaixo do acervo das disciplinas e pontos que, para missão da professora, são de pouco ou nenhum valor.»

A' mesma conclusão, aliás a dos signatarios do presente Parecer, chega, *mutatis, mutandis*, em sua exhaustiva memoria, o professor Mâncio Costa, digno Director da Instrucção Publica.

O professor Mâncio Costa examina o ensino publico catharinense e evidencia que o numero se resente de tres lacunas que lhe não asseguram a continuidade nem a uniformidade que fôra para desejar ao seu plano educacional. São: a escola maternal, o jardim da infancia e o curso secunda-

rio de humanidades, «a raiz, o caule e a fronde da arvore da instrucção, sob cuja forma salutifera se vae formando a brasilidade.»

Ao assumpto que diz propriamente á these da Commissão organizadora da Conferencia, refere-se o sr. Professor Mâncio Costa quando estuda a possibilidade e da adaptação do ensino normal nos nossos cursos gymnasiaes, concluindo que além de uma heresia pedagogica, tal adaptação seria uma inutilidade, já provada pelo cotejo de um curso normal ao do Collegio Pedro II, o typo do ensino secundario da Republica. Realmente, onde num curso, equiparado ao do Collegio Pedro II, terá cabimento uma cadeira de Pedagogia, imprescindivel em qualquer estabelecimento destinado a formar professores?

A 1.^a Commissão applaude, pois, vivamente as conclusões da memoria, propondo a criação de escola maternas; a da reforma do programma da Escola Normal, nos termos de parecer já apresentado e que foi approved pela Conferencia; não vê inconveniente na criação de um Gymnasio estadual para o sexo feminino desde que para tal fundação disponha o Estado de meios necessarios.

Sala das sessões, 7 de agosto de 1927.—Ass. *Raja Gabaglia* — *Marcilio Dias Santiaço*. — *P. F. X. Zartmann*. — *Barreiros Filho*.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates

THESE N.º 30

Conferencia do Ensino Primario de Santa Catharina

JULHO E AGOSTO DE 1928

SUGGESTÃO: A adopção de processos pedagogicos, condizentes com o nosso meio, constitue um dos problemas mais actuaes. O papel do professor primario de Santa Catharina na solução desse problema.

UM ERRO — E' um erro grave de muitos educadores, o pensarem, que os methodos de educação e de ensino,

applicados em paizes mais cultos do que o nosso, sendo adoptados no Brasil, devem produzir, aqui os mesmos magnificos resultados, que no paiz de sua origem.

Os que assim pensam, não contam com dois factores de maxima importancia:

- a) a variedade dos elementos ethnicos em parte ainda não assimilados, que constituem a nossa população;
- b) — a ignorancia da mesma, em relação á importancia da escola.

No meu obscuro modo de pensar, os processos pedagogicos devem, para produzir resultado, condizer, sempre, com o meio social, em que são applicados. Seria absurdo, submeter um caboclinho, em uma região só habitada por caboclos, ao mesmo tratamento pedagogico que se emprega com um alumno teuto, em lugar, onde predominam os descendentes desta raça: Aquelle é brasileiro pelo sangue, pela lingua e pelas tradições que herdou; este, carece de ser nacionalizado, sem, comtudo, se offender os seus paes, nas suas multiplas susceptibilidades, quando estas são justas.

Durante os meus nove annos de exercicio no Magisterio, tive ensejo de entrar em contacto com crianças de descendencia lusa (em Tijucas e Tubarão), teuta (em Brusque e Blumenau) e italiana (na escola de Encruzilhada do Lago e Planicie Alta, Brusque), e adultos, pertencentes a todas as classes sociaes.

Pude assim, estudar de perto, a criança barriga-verde e o ambiente social em que ella vive, o que, penso, é tão, quando não mais importante do que o conhecimento (theorico) dos processos pedagogicos, ultra-modernos, adoptados na França, na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa, nos Estados Unidos e, ultimamente, tambem no Japão.

OS PROCESSOS PEDAGOGICOS IMPORTADOS DO ESTRANGEIRO, DEVEM SER ADAPTADOS AO NOSSO MEIO.

Como já disse acima, esses processos pedagogicos, que dão optimos resultados nos citados paizes, não devem ser transplantados para o nosso Estado e o Brasil em geral, sem serem, convenientemente, adaptados ao nosso meio, muito diferente do europeu ou qualquer outro.

PRECISAMOS, ANTES DE TUDO, CRIAR UMA PEDAGOGIA NOSSA. — O que devemos importar do estrangeiro, mais adestrado no assumpto, é, apenas, o arcabouço — os preceitos basicos geraes da moderna arte de educar — dan-

do-lhe aqui a forma mais conveniente, para o fim que temos em vista: nacionalizar e educar a actual geração infantil.

A REDUCÇÃO DOS ACTUAES PROGRAMMAS DE ENSINO E' UMA NECESSIDADE.

Condição essencial para a criação de uma pedagogia é, entre outras, a redução dos nossos programmas. Sendo o fim principal da escola primaria o preparar o individuo para a vida, cujo exito depende, em ultima analyse, do emprego criterioso de todas as faculdades mentaes de que é dotado, conclúe-se que a escola não deve tanto instruir como educar; deve ensinar ao educando a saber tirar o maximo proveito das energias intellectuaes de que dispõe. Educar, no sentido mais lato da palavra, quer dizer corrigir, melhorar, adestrar. A educação (e instrucção), na escola deve, pois, consistir em corrigir, melhorar e adestrar, harmonicamente, o maior numero possivel de faculdades naturaes do alumno, para que este, ao deixar os bancos escolares, esteja em condições de servir-se dellas com proveito.

A FINALIDADE DA ESCOLA PRIMARIA — A finalidade da escola primaria não é, portanto, instruir o alumno e sim, dar-lhe a possibillidade de instruir-se na vida, que é a mestra por excellência.

Não é possivel processuar devidamente o ensino, com o actual programma, cujo unico defeito, é ser pôr demais extenso; por conseguinte, não se pôde, com esse programma, alcançar o desiderato acima: o desenvolvimento, paralelo e equilibrado, de todas as faculdades e energias, que se acham, na criança, em phase de evolução.

E' missão do professorado primario, imprimir á nossa pedagogia o character, que corresponda ás necessidades locais; missão difficilissima, sem duvida, dada a multiplicidade dos factores os mais complexos, que nella influem e das quaes deve ser a resultante.

Estudemos, ligeiramente, o primeiro dos dois, já mencionados, principaes factores:

a) A VARIEDADE DOS ELEMENTOS ETHNICOS, EM PARTE AINDA NÃO ASSIMILADOS, QUE CONSTITUEM A NOSSA POPULAÇÃO.

A diversidade das raças, que povôam o nosso Estado, é um problema digno de ser seriamente encarado, pelo menos do ponto de vista, que ora mais nos interessa. Para o seu estudo, devemos distinguir, na população catharinense em geral, dois grupos:

I — O dos lusos;

II — O dos descendentes de outras raças.

O GRUPO DOS LUSOS. — Ao primeiro desses grupos, pertence o nosso caboclo, com o qual, especialmente, me occuparei.

Elle é quasi sempre intelligente, porém ignorante; forte em seu rachtismo, proveniente da falta de hygiene e, em ultima analyse, da ignorancia; indolente, em parte por atavismo, em parte, porque o seu estado de saúde não lhe permite um trabalho regular e proveitoso; elle é hospitaleiro e franco; valente por indole e vingativo. Eis, o pobre caboclo, esquecido do Governo e desprezado pelos seus patricios mais bem situados; o caboclo, que vive sempre á margem da civilização, da qual fôge, á medida que ella avança. Elle representa o traço de união entre o selvagem e o homem civilizado.

Só ha um meio de arranca-lo da matta-virgem e da margem do rio, onde vegeta; E' substituir, quando criança, o «pica-páo» e a tarrafa pelo livro e pela penna, para que, uma vez adulto, lance mão do machado, manejando-o com o mesmo enthusiasmo, com que laça, agora, os macucos.

O caboclo é brasileiro e sabe que o é; fala embora mal e viciada, a lingua vernacula.

O QUE SE DEVE ENSINAR AO CABOCLO — Aqui, a missão da escola consiste em civilizar o educando, ministrando-lhe conhecimentos rudimentares de linguagem, arithmetica, geographia, historia patria e hygiene. O fim principal a attingir é habituar o alumno ao trabalho util e systematico e convencê-lo do valor delle proprio, como membro de uma collectividade organizada.

O GRUPO DOS DESCENDENTES DE ESTRANGEIROS — Ao segundo grupo pertencem todos os descendentes de raças estrangeiras. Cada uma dessas raças, aqui estabelecidas, conserva, quasi integraes, os costumes da velha patria, cuja historia é estudada em detrimento da historia brasileira; em virtude do que, o individuo, embora nascido no Brasil, não é nem pode ser brasileiro de coração. Elle re-nuncia, muitas vezes, contra a aprendizagem da lingua vernacula, porque julga, aliás sem razão, que o conhecimento desta o faria esquecer o idioma herdado de seus paes.

Porém, justiça lhes seja feita: uma vez convencidos de que o uso do vernaculo não exclúe a conservação de sua lingua paterna, que elles veneram como uma reliquia dos

antepassados, tanto o teuto, como o italo brasileiro aceitam a aprendizagem da nossa lingua, sem reluctancia.

Tornemos a entrar no nosso assumpto.

Não conhecendo a lingua vernacula, o descendente não pode conhecer o character nacional, nem tão pouco os nossos costumes, cuja origem ignora, por desconhecer a nossa historia e a evolução do povo brasileiro.

Fica, assim, boa parte dos nossos melhores patricios suspensa entre duas patrias, com grave prejuizo para elles mesmos e para a nossa nacionalidade. No meu aviso de 15 de março do corrente anno, baixado ao corpo docente deste estabelecimento, referi me a este assumpto com as seguintes palavras:

«Muito ha, que alguém disse, que um povo vive, emquanto sabe conservar a sua lingua.» Sendo certo isso — do que não resta a menor duvida, pois a historia no-lo demonstra — sendo certo, que a conservação da nossa nacionalidade depende do gráo de perfeição com que falamos a lingua vernacula; considerando, que os filhos de estrangeiros não podem conhecer e, muito menos, amar a nossa patria, que é tambem a delles, sem ser por intermedio da nossa lingua; sendo certo, que só a lingua patria pode servir de vehiculo para a perfeita comprehensão do character, da historia, das tradições e costumes nacionaes; sendo certo, finalmente, que o individuo só pode amar e respeitar a Patria, si a conhece; sendo certo, como é, o que acima ficou exposto o professor, que sabe dar uma boa aula de lingua-gem, merece a benção da Patria».

O descendente do estrangeiro é ordeiro, trabalhador, progressista e geralmente culto; qualidades, que fazem d'elle um importante factor economico nacional. Si lhe soubermos ministrar o conhecimento da nossa lingua, teremos nelle um brasileiro modelo, sob todos os pontos de vista, de que se queira encará-lo.

O QUE DEVEMOS ENSINAR ÁS CRIANÇAS DE ORIGEM ESTRANGEIRA — O alumno de origem estrangeira tem, pois, todos os requisitos para ser, mais tarde, um optimo brasileiro; cabe á escola nacionanalizá-lo, ensinando-lhe a lingua vernacula e a historia patria.

Em resumo: Temos, nas nossas escolas, dois typos distinctos de alumnos, cuja diversidade racial e social impõe a applicação de processos pedagogicos differentes. O luso,

que devemos civilizar e habituar ao trabalho systemático e productivo, e o descendente de estrangeiro, que carece de ser nacionalizado.

Não se póde, naturalmente, adoptar processos de ensino e programmas especiaes, para cada um desses dois typos, porque isso complicaria muito a distribuição e direcção da instrucção no Estado.

Um inconveniente da dualidade de processos de ensino e programmas.

A dualidade de processos pedagogicos e programmas tambem prejudicaria a uniformidade do ensino, tão necessaria e dificultaria justamente o que aspiramos: A assimilação do elemento estrangeiro e a fusão, pelo menos espiritual, de todas as raças componentes da população do Estado, para formar um todo, coheso e solidario.

A pedagogia deve ser uma só.

Cumprer, para todo o Estado, uma pedagogia unica, que seja applicavel, com proficiencia, tanto nas escolas frequentadas, por lusos, como nas, em que predominam os descendentes de estrangeiros.

Em outra parte desta suggestão indicarei como, a meu ver, pode ser executada a organização dessa pedagogia.

Passemos a estudar, á pressa o segundo factor determinante dos processos pedagogicos a serem applicados nas nossas escolas.

b) — **A IGNORANCIA DA NOSSA POPULAÇÃO, EM RELAÇÃO A' IMPORTANCIA DA ESCOLA.** — Quando, annos atrás, o Governo começou a occupar-se da multiplicação das escolas em todo o territorio do Estado, a grande massa do povo não acolheu com agrado essa nobre iniciativa, que tão bons resultados vem produzindo. Hoje, felizmente, já não è assim, mas poucos, ou antes, muito poucos paes sabem dar á escola o valor, que realmente tem.

Dahi surge a necessidade de dar ao ensino, sem prejuizo para a causa, uma feição que se adapte ao meio local, para que a escola se radique na sympathia da população.

Na Europa é effectiva a obrigatoriedade da frequencia escolar, ao passo que aqui não dispomos de meios efficazes de coerção, a não ser o de persuadir o responsavel pelo alumno da proficiencia do ensino ministrado. O recurso das multas é falho por diversas razões:

a) Alimenta desconfianças já existentes e gera ódios contra o professor e a escola publica, o que cumpre evitar;

b) — as multas quasi nunca são cobradas, porque os pobres, que dão o maior contingente de infractores, não têm com que pagá-las e os contraventores que tem recursos não pagam, porque sabem arranjar pretextos que justifiquem apparentemente, a infracção da lei da obrigatoriedade.

Conclusão — De exposto, chegamos á seguinte conclusão:

a) Nos paizes, atrás mencionados, as populações fórman unidades ethnicas, quando a nossa é composta de elementos heterogeneos;

b) — lá, o fim unico da escola é educar e instruir crianças já nacionalizadas, quando aqui sua finalidade consiste em chamar para o seio da Patria os decendentes de estrangeiros, e incorporar na collectividade, productora o caboclo semi selvagem;

c) lá, os habitantes, com poucas excepções, sabem aquilatar o alto valor social da escola, quando aqui dá-se, geralmente, o contrario;

d) nesses paizes, a frequencia escolar é obrigatoria, quando aqui por falta de meios de coerção a matricula das escolas augmenta na proporção da proficiencia do ensino ministrado; isso, no caso de não haver, desde o começo, prevenção contra o professor ou a escola publica.

Applicados em condições e meio tão differentes, é evidente que os processos de ensino, usados em outros paizes, não devem ser adoptados nas escolas deste Estado, sem serem, convenientemente reformados.

Resta, agora, saber, de que fórma havemos de organizar uma pedagogia, que corresponda ás nossas necessidades.

A PEDAGOGIA, BEM COMO OS PROGRAMMAS DE ENSINO DEVEM RESULTAR DA COLLABORAÇÃO CRITERIOSA, DE TODOS OS PROFESSORES, SOB A DIRECCÃO E FISCALIZAÇÃO DO SR. DIRECTOR DA INSTRUCCÃO E OS SRS. INSPECTORES ESCOLARES.

—Todas as predigiosas conquistas feitas pela humanidade, quer no campo das sciencias, quer nas artes, não são mais do que os resultados de pesquisas individuaes, muitas vezes insignificantes, accumulados, atravez do tempo, e devidamente seleccionados. Sendo a arte de educar e ensinar uma das mais difficeis, julgo que para chegar-se a um resultado satisfactorio, deve seguir-se o processo acima descripto; *reus-*

nir as pesquisas individuaes de cada professor, expurga-las de erros eventuaes que podem occorrer ao mais arguto dos estudiosos, e aproveitar o que de bom e applicavel contiverem.

Para esse fim, o meio ideal seria a convocação annualmente do professorado primario para uma conferencia nos moldes da actual o que porem, não me parece praticavel em vista da crise financeira que o Estado atravessa.

Ha, contudo um outro recurso menos dispendioso para resolver satisfactoriamente, este problema.

Consiste na adopção das seguintes medidas, que peço licença para submitter á elevada e competente apreciação do exmo. sr. dr. Presidente e dos demais illustres membros desta Conferencia.

PROPOSTA

Art. 1º — Os directores de grupo e de escola complementar, bem como os professores desses estabelecimentos que tenham mais de um anno de exercicio apresentarão, biennalmente, em dezembro um trabalho sobre qualquer dos assumptos especificados no artigo seguinte.

§ 1º — O cumprimento do disposto neste artigo é facultativo aos professores das escolas isoladas.

§ 2º — Os trabalhos dos professores de grupo serão remettidos, até o dia 31 de dezembro, pelos respectivos directores ao sr. Director da Instrucção devendo os professores de escolas isoladas, remette los por intermedio dos chefes escolares.

Art. 2º — Os assumptos, a que se refere o artigo anterior, são os seguintes:

a) — De que meios dispõe o professor, para augmentar a matricula de sua escola?

b) — É conveniente o actual systema de promoções? Podem estas ser feitas sommando-se a média das notas dos trabalhos graphicos, feitos pelo alumno durante o anno com a média obtida nos exames finaes e dividindo a somma por dois para ter-se a média geral?

c) — O programma prescripto é praticamente exequivel? Quando não, porque? Quaes as alterações que propõe?

d) — Qual o melhor methodo de ensino da linguagem oral? Quando e como deve o professor corrigir a linguagem do alumno?

e) — Como deve ser ministrado o ensino da lingua-

gem escripta, dictado, reproducção, composição e redacção?

f) — Como se ministra uma aula de calligraphia? Qual o typo de letra que recommenda, o vertical ou o inclinado?

g) — Qual o processo mais economico e proficiente de coadunar o ensino de leitura com o da linguagem oral e escripta?

h) — Em que anno do curso deve começar o ensino da geographia e historia? Como deve ser dado em cada classe?

i) — A educação moral e civica deve ser ensinada em aula especialmente consignada no horario e de accôrdo com um programma estrictamente prescripto? Pode ser ministrada, em uma ou duas aulas semanaes, explicando o professor um assumto que as circumstancias do momento lhe dictem?

J) — Como e em que ordem devem ser ensinadas as diversas partes da arithmetica?

k) — Em que anno deve começar o ensino da geometria? Qual deve ser o programma de cada classe do grupo e da escola complementar?

l) — De que modo devem ser ministradas as noções de sciencias naturaes no grupo? Qual deve ser o programma de sciencias no curso complementar?

m) — Qual o fim da gymnastica na escola? Como deve ser ministrada?

n) — Como se consegue uma disciplina effectiva na escola?

o) — Como deve o professor proceder, para radicar-se na confiança dos seus alumnos? De que meios dispõe elle para esse fim?

p) Como se habitúa o alumno á obediencia consciente e espotanea?

q) Como se lhe prende a attenção durante o periodo das aulas?

r) Como desenvolve o professor, no alumno, o espirito de iniciativa? Como deve elle encaminhar o educando gradativamente, para o governo de si proprio?

Art. 3º — Os trabalhos apresentados serão, durante as ferias, examinados por uma « Comissão de Julgamento », composta dos Inspectores Escolares e presidida pelo Director da Instrucção.

§ unico — Por delegação deste, qualquer dos Ins-

pectores poderá assumir a Presidencia da « Comissão de Julgamento ».

Art. 4º — Compete á « Comissão de Julgamento » estudar as questões apresentadas, extrahindo dellas, o que de util e pratico contiverem.

Art. 5º. — As medidas propostas, que forem, pela « Comissão de Julgamento », consideradas proveitosas ao ensino, serão, pelo Director da Instrucção, apresentadas á autoridade competente, para serem legalmente, postas em pratica.

Art. 6º. — Nos trabalhos que apresentarem, será vedado aos directores e professores:

a) — Criticar actos ou a pessoa de qualquer de seus superiores hierarchicos;

b) — tratar de questões pessoais;

c) — dar, a seus trabalhos, feição que não se coadune com o fim que temos em vista;

d) — usar de linguagem descortês.

Art. 7º. — A infracção do artigo anterior será, pelo Director da Instrucção, punida com as penas constantes do Regulamento Geral da Instrucção Publica.

VANTAGENS QUE ADVIRÃO DA ADOPÇÃO DAS MEDIDAS PROPOSTAS. — São evidentes as vantagens que offerece a adopção das medidas, que tenho a honra de propôr:

a) Todos os directores e professores de grupo e de escola complementar serão obrigados a dedicar-se ao estudo das multiplas questões relativas ao ensino, com grandes vantagens para si e para a nobre causa, por que pelemos;

b) será estimulada a iniciativa de muitos professores de escola isolada;

c) — a Directoria da Instrucção ficará sempre a par das necessidades de cada grupo, escola complementar e escola isolada, cujo professor apresente trabalhos pedagogicos, podendo, *ipso facto*, com mais acerto, adoptar as medidas reclamadas.

d) — pelos trabalhos apresentados, a Directoria da Instrucção poderá aquilatar a competencia e a dedicacção dos professores primarios, promovendo, em caso de necessidade, os que se tiverem salientado dentre os demais.

e) em poucos annos teremos programmas e processos pedagogicos condizentes com o nosso meio e um professorado apto para a sua difficil missão social, que consiste na formação dos homens de amanhã.

CONCLUSÃO FINAL — Para resumir o assumpto constante da presente «Sugestão», direi o seguinte:

Considerando, que os processos pedagogicos adoptados em paizes mais cultos do que o nosso, não podem aqui, ser postos em pratica, sem serem convenientemente, adaptados ao nosso meio.

Considerando, que a diversidade dos elementos ethnicos, que formam a população do Estado impõe o estudo minucioso dos, tambem differentes, meios sociaes;

Considerando, que deve caber aos professores primarios estudar o meio social e racial, em que se acha localizado cada estabelecimento de ensino;

Considerando, que o conhecimento do meio constitúe condição, *si ne qua non*, para a organização e systematização dos processos pedagogicos a serem adoptados nesse mesmo meio;

Considerando, que a collaboração de todo o professorado primario, na solução dos multiplos e complicados problemas do Ensino, trará vantagens reaes e incontestaveis para a Instrucção, em geral; *propunho*, sejam postas em discussão, nesta Conferencia, as medidas que tive a honra de suggerir, na pagina 12 e seguintes deste modesto trabalho.

Blumenau, julho de 1927. — Ass. *Adriano Mosimann*, Director do Grupo Escolar Luís Delfino e da Escola Complementar anexa.

PARECER N.º 27

Estudando attentamente a importante these n. 30 — *A adopção de processos pedagogicos condizentes com o nosso meio, constitue um dos problemas mais actuaes. O papel do professor primario de Santa Catharina, na solução desse problema.* — apresentada pelo professor Adriano Mosimann, actual director do Grupo Escolar Luis Delfino, de Blumenau, chegou a commissão á seguinte conclusão: Com a experiencia e observação adquiridas em nove annos de magisterio, exercido nos meios, os mais diversos, onde o referido professor entrou em contacto com crianças e adultos pertencentes a todas as classes sociaes, de descendencia lusa, teuta e italiana, descreve elle o ambiente social e racial em que se acham localizados os nossos estabelecimentos de ensino. Distingue o autor desta these dois grupos distinctos de alumnos nas nossas escolas:

os lusos e os descendentes de outras raças. Demonstra de modo cabal a necessidade de adoptar processos pedagogicos que condigam com os nossos meios — nacional e estrangeirado — mas condemna a dualidade de programmas, porque esta complicaria muito a distribuição e direcção do ensino e «dificultaria justamente o que aspiramos: a assimilação do elemento estrangeiro e a fusão pelo menos espirital de todas as raças componentes da população do Estado para formar um todo coheso e solidario.» Diz que dos paizes mais cultos — França, Inglaterra, Alemanha, Suissa, Estados Unidos, Japão, — só devemos importar «o arcaboço — os preceitos basicos geraes da moderna arte de educar — dando-lhe aqui a forma mais conveniente para o fim que temos em vista: — nacionalizar e educar a actual geração infantil. «Depois de discorrer com acerto, sobre os meios por que pode ser creada uma pedagogia nossa, cuja necessidade elle evidencia, chega á seguinte conclusão, que transcrevemos na integra:

CONCLUSÃO: — a) — nos países, atraz mencionados, as populações formam unidades ethmicas, quando a nossa é composta de elementos hecterogeneos;

b) — lá, o fim unico da escola é educar e instruir crianças já nacionalizadas, quando aqui sua finalidade consiste em chamar para o seio da Patria os descendentes de estrangeiros, e incorporar, na collectividade productora, o caboco semi-selvagem;

c) — lá, os habitantes, com poucas excepções, sabem aquilatar o alto valor social da escola, quando aqui dá-se geralmente o contrario;

d) — nesses países, a frequencia escolar é obrigatoria, quando aqui por falta de meios de coerção, a matricula das escolas augmenta, na proporção da proficiencia do ensino ministrado; isto, no caso de não haver, desde o começo prevenção contra o professor ou a escola publica.

Applicados em condições e meios differentes, é evidente que os processos de ensino, usados em outros países, não devem ser adoptados nas escolas deste Estado, sem serem, convenientemente reformados.

Resta, agora, saber, de que forma havemos de organizar uma pedagogia, que corresponda ás nossas necessidades.

A pedagogia, bem como os programmas de ensino devem resultar da collaboração, criteriosa, de todos os professores, sob a direcção e fiscalização do sr. Director da Instrucção e os srs.

Inspectores escolares.—Todas as prodigiosas conquistas feitas pela Humanidade, quer no campo das sciencias, quer nas artes não são mais do que os resultados de pesquisas individuaes muitas vezes insignificantes, accumulados, através do tempo, e devidamente seleccionados. Sendo a arte de educar uma das mais difficeis, julgo que para chegar-se a um resultado satisfactorio, deve seguir-se o processo acima descripto: *reunir as pesquisas individuaes de cada professor, expurgar-las de erros eventuaes, que podem occorrer ao mais arguto dos estudiosos e aproveitar o que de bom e applicavel contiverem.*

Para esse fim, o meio ideal seria a convocação annualmente, do professorado primario, para uma conferencia, nos moldes da actual, o que, porem, não me parece praticavel, em vista da crise financeira que o Estado atravessa.

Ha, contudo, um outro recurso, menos dispendioso, para resolver, satisfatoriamente este problema.

Consiste, na adopção das seguintes medidas, que, peço licença para submeter a elevada e competente apreciação do exmo. sr. dr. Presidente e dos demais membros desta Conferência.

PROPOSTA

Art. 1 — Os directores de grupo e de escola complementar, bem como os professores desses estabelecimentos, que tenham mais de um (1) anno de exercicio, apresentarão, biennialmente, em dezembro, um trabalho sobre qual-quer dos assumptos especificados no artigo seguinte.

§ 1 — O cumprimento do disposto neste artigo é facultativo aos professores das escolas isoladas.

§ 2 — Os trabalhos dos professores de grupo serão remetidos, até o dia 31 de dezembro, pelos respectivos directores, ao sr. director da Instrucção, devendo os professores de escolas isoladas, remette-los por intermedio dos chefes escolares.

Art. 2 — Os assumptos, a que se refere o artigo anterior, são os seguintes:

a) — de que meios dispõe o professor, para augmentar a matricula de sua escola?

b) — E' conveniente o actual systema de promoções? Podem estas ser feitas sommando-se a media das notas dos trabalhos graphicos, feitos pelos alumnos durante o anno, com a média obtida nos exames finaes dividindo a somma por dois para obter-se a media geral?

c) — O programma prescripto é praticamente exequivel? Quando não, porque? Quaes as alterações que propõe?

d) — Qual o melhor methodo de ensino da linguagem oral? Quando e como deve o professor corrigir a linguagem do alumno.

e) — Como deve ser ministrado o ensino da linguagem escripta, dictado, reprodução, composição e redacção?

f) — Como se ministra uma aula de calligraphia? Qual o typo de letra que recommenda, o vertical ou o inclinado?

g) — Qual o processo mais economico e proficiente de coadunar o ensino da leitura com o da linguagem oral e escripta?

h) — Em que anno do curso deve começar o ensino da geographia e historia? Como deve ser dada em cada classe?

i) — A educação moral e civica deve ser ensinada em aula especialmente consignada no horario e de accordo com um programma estritamente prescripto? Pode ser ministrada em uma ou duas aulas semanaes, explicando o professor um assumpto que as circumstancias de momento lhe dictem?

j) — Como e em que ordem devem ser ensinadas as diversas partes da arithmetica?

k) — Em que anno deve começar o ensino da geometria? Qual deve ser o programma de cada classe do grupo e escola complementar?

l) — De que modo devem ser ministradas as noções de sciencias naturaes no grupo? Qual deve ser o programma de sciencias no curso complementar?

m) — Qual o fim da gymnastica na escola? Como deve ser ministrada?

n) — Como se consegue uma disciplina effectiva na escola?

o) — Como deve o professor proceder, para radicar-se na confiança de seus alumnos? De que meios dispõe elle para esse fim?

p) — Como se habitua o alumno á obediencia consciente e espontanea?

q) — Como se lhe prende a attenção, durante todo o periodo das aulas?

r) — Como desenvolve o professor, no alumno, o espirito de iniciativa? Como deve elle encaminhar o educando, gradativamente, para o governo de si proprio?

Art. 4.º — Os trabalhos apresentados serão, durante as

ferias, e examinados por uma «Commissão de Julgamento», composta dos Inspectores Escolares e presidida pelo Director da Instrucção.

§ Unico — Por delegação deste, qualquer dos Inspectores poderá assumir a presidencia da «Commissão de Julgamento».

Art. 4º. — Compete á «Commissão de Julgamento» estudar as questões apresentadas, extrahindo dellas, o que de util e pratico contiverem.

Art. 5º. — As medidas propostas, que forem, pela «Commissão de Julgamento», consideradas proveitosas ao ensino, serão, pelo Director da Instrucção, apresentadas á autoridade competente, para serem, legalmente, postas em pratica.

Art. 6º. — Nos trabalhos que apresentarem, será vedado aos Directores e professores:

a) — Criticar actos ou a pessoa de qualquer de seus superiores hierarchicos;

b) — tratar de questões pessoas;

c) — dar, aos seus trabalhos, feição que não se coadune com o fim que temos em vista;

d) — usar de linguagem descortez.

Art. 7º. — A infracção do artigo anterior será pelo Director da Instrucção, punida com as penas constantes do Regulamento Geral da Instrucção Publica.

VANTAGENS QUE ADVIRÃO DA ADOPÇÃO DAS MEDIDAS PROPOSTAS — São evidentes as vantagens que offerece a adopção das medidas, que tenho a honra de propor:

a) — Todos os directores e professores de grupo e de escola complementar serão obrigados a dedicar-se ao estudo das multiplas questões relativas ao ensino, com grandes vantagens para si e para a nobre causa, por que pelejamos;

b) — será estimulada a iniciativa de muitos professores de escola isolada;

c) — a Directoria da Instrucção ficará sempre a par das necessidades de cada grupo, escola complementar e escola isolada, cujo professor apresente trabalhos pedagogicos, podendo, *ipso facto* com mais acerto, adoptar as medidas reclamadas;

d) — pelos trabalhos apresentados, a Directoria da Instrucção poderá aquilatar a competencia e a dedicação dos pro-

fessores primarios, promovendo, em caso de necessidade, os que se tiverem salientado dentre os demais;

e) — em poucos annos teremos programmas e processos pedagogicos condizentes com o nosso meio e um professor apto para desempenhar a sua difficil missão social, que consiste na formação dos homens de amanhã.

CONCLUSÃO FINAL — Para resumir o assumpto constante da presente «Suggestão,» direi o seguinte:

CONSIDERANDO, que os processos pedagogicos adoptados em países mais cultos do que o nosso, não podem, aqui, ser postos em pratica, sem serem, convenientemente, adaptados ao nosso meio;

CONSIDERANDO, que a diversidade dos elementos technicos, que formam a população do Estado, impõe, o estudo minucioso dos, tambem diferentes, meios sociais;

CONSIDERANDO, que deve caber aos professores primarios estudar o meio social, em que se acha localizado cada estabelecimento de ensino;

CONSIDERANDO, que o conhecimento do meio constitúe condição *sine que non*, para a organização e systematização dos processos pedagogicos a serem adoptados nesse mesmo meio;

CONSIDERANDO, que a collaboração de todo o professorado primario, na solução dos multiplas e complicados problemas do ensino, trará vantagens reaes e incontesteis para a Instrucção em geral; proponho, sejam postas em discussão, nesta Conferencia, as medidas, que tive a honra de suggerir, na pagina 12 e seguintes deste modesto trabalho.

Até aqui as palavras do illustre professor sobre cujo trabalho a commissão dá o seguinte parecer:

CONSIDERANDO que o autor traduziu, na sua these, exactamente o modo de pensar desta Commissão;

Considerando que as reuniões pedagogicas prescriptas pelo Regimento Interno dos grupos escolares, produzem bons resultados, quando feitas com criterio e habilidade;

Considerando ser de conveniencia facilitar ao professor a aquisição de livros referentes a assumptos pedagogicos.

Suggere o seguinte:

I — Ponha-se em pratica todas as medidas suggeridas pelo autor deste trabalho.

II — Façam-se, sem prejuizo das disposições regimen-

taes em vigor trimestralmente, nos grupos escolares de 1.^a e 2.^a classe, conferencias pedagogicas de caracter pratico, presididas pelos respectivos directores, nas quaes tomarão parte:

- a) — O corpo docente dos grupos e das escolas complementares e as praticantes se houver;
- b) — Os professores das escolas isoladas vizinhas;
- c) — Eventualmente a convite do director do Grupo, directores e professores de estabelecimentos particulares ou pessoa de reconhecido saber em materia de ensino.

III — Organize-se, annexa a Directoria da Instrucção uma sessão de orientação dos professores a quem caberá recomendar a estes as melhores obras pedagogicas, facilitando-lhes a aquisição das mesmas.

Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. -- (Ass.) *Irmã Bernwarda*. Relatora; — *Mario Garcia* — Presidente; — *Hercilio Zimmermann* — Secretario.

Requerimento

Requeiro seja aproveitado o trabalho do sr. Adriano Mosimann sobre Processos pedagogicos para orientação dos directores na organização dos relatorios annuaes.

Sala das sessões, 10 de agosto de 1927. — Ass. — *Catharina Demoro*.

THESE N. 36

Qual o valor do mestre-escola na formação educacional dos povos ?

Positivando o assumpto, na summula categorica da these proposta, formulo a seguinte sub-these: O valor da escola está na razão directa de seu aperfeiçoamento moral-intellectual.

E' claro que o professor primario, como elemento de imprescindivel necessidade possui um valor intrinseco sem contestação, vasto e de profundo alcance; infelizmente nem

sempre attinge o maximo grau de eficiencia, isto é, não resulta efficaz, falseando então o designio de sua prerrogativa.

RAZÃO DE SER DO MESTRE-ESCOLA

Para bem nitida se nos apresentar a idéa thermometrica deste valor, mister se faz antes orientar-nos sobre a razão de ser do mestre escola. Será simplesmente a instrucção popular, ou modernamente, a desanalphabetização? Papel muito secundario emprestariam ao mestre escola os que lhe quizessem restringir a acção ao mistér de um simples mechanic, que tal é o exercitar-se apenas algumas faculdades intellectivas, deixando no olvidio outras inherentes ao homem racional.

Não é deste parecer a conspicua assembléa que se apresenta para o grande certamen de que os mais promissores resultados se esperam: não fora assim e a these em questão não surgiria attestando o louvavel intuito dos nossos governantes na elevação da classe do magisterio, delle fazendo o organ por excellencia prestimoso na formação educacional dos povos.

Mas., em que consiste esta formação educacional ?

EDUCAR E ENSINAR

Diz illustre pedagogo: «A formação vale tanto como a educação e esta é synonymo de elevação de qualquer modo mas totalmente, abrangendo assim a parte physica, intellectual e moral do homem.»

Educar é desenvolver racionalmente as faculdades e energias do homem.

Ensinar tem um sentido mais restricto e secundario e consiste em mostrar, assignalar (de in — signare) ás faculdades cognoscitivas o objecto que por sua vez o discipulo apprehende, e dahi o seu correlato aprender.

Resulta então que o Ensino alveja a Educação e, portanto, ensinar é o meio necessario, mas sempre meio, que tende ao fim ideal - educar.

Ainda mais: é certo que para educar precisamos ensinar, mas muitas veses, ensinando, não educamos.

Ora, tomar o ensino como fim, o que infelizmente se tem observado, é falsear a formação do individuo e por consequente a dos povos, pois o homem não é só intelligen-

cia que se satisfaça de conhecimentos, mas um composto physico-intellectual — moral, abrangendo corpo e alma; nem tão pouco só a intelligencia requer a formação: propria physiologia humana demonstra a evolução progressiva do individuo.

Pelas varias condições da vida a educação, que principia no lar, ahí não se completa. Surgiu então o methodo de educação collectiva de que, desde os primeiros tempos do Christianismo, as ordens e congregações religiosas deram bellos modelos.

Os governos, reconhecendo que a formação integral do individuo reclama o proprio interesse das collectividades instituiu as escolas populares, cujo organ é o professor primario.

O meio de que se serve o professor primario é o *ensino*; eis então que, no empenho de aperfeçoar seus methodos tornou-se elle o *abstractum* da escola primaria, olvidando-se não poucas vezes sua finalidade que é a *educação*. Não obstante resta por conclusão: a razão de ser do mestre-escola não é o ensino 'simplesmente,' mas a *formação educacional*.

O VALOR DO MESTRE ESCOLA EM FACE DA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DOS POVOS — O valor do mestre pode descer de muito no thermometro de sua verdadeira efficacia: pode ser deficiente.

Enfrentemos alguns casos:

O professor que tem como preocupação exclusiva o programma de ensino em sua forma intrinseca, sem cuidar de methodos e meios adequados, contentando se com os pontos decorados, sem mesmo inteirar-se de que o alumno comprehende ou não as lições — não educa absolutamente, não desenvolve o que quer que seja no educando, antes favorece a tendencia para o memorismo.

Ha professores, entretanto que, intelligentemente preparados, exigem de seus educandos alguma coisa mais: esforçam-se por interessa-los, provocam a attenção, procuram exercitar-lhes o raciocinio. Intellectualmente educam. Todavia foi negligenciado o ponto principal — a educação moral não mereceu do mestre cuidado outro que não o de uma simples materia do programma. E não é a isto que se vai chamar educação.

Tenho observado que nas épocas de sabbatinas, a materia em que menos difficuldade encontram nossos escolares

e em que raramente saem reprovados é em Educação. A razão é simples: Os pontinhos são pequeninos e faceis de decorar; depois isto é infallivel: ou cá o 1º. ou o 2º. ou 3º. e assim por diante. Chamar-se-á isto educar? e sobretudo educar moralmente?

Mas o que é de lamentar neste systema de divorciar a educação moral de a intellectual é a sua consequencia funesta para collectividade:

De onde vem p. ex. o sophisma da Liberdade absoluta? de onde, sinão das paixões que não se aprendeu a domar, a ponto de cegar o homem a propria razão e não lhe deixar ver que toda a liberdade é relativa, como na propria ordem da natureza. Dahi que ameaças constantes á estabilidade das nações e dos povos, em face sempre do desrespeito á autoridade constituída, sujeitas sempre ás revoltas e guerras civis!...

A raiz destas e outros muitos males sociaes não se vá dizer que é a desanalphabetização, pois é facil observar que a maior parte das vezes os cabeças são homens instruidos, intelligencias até.

APERFEIÇOAMENTO MORAL E INTELLECTUAL

Para educar deveras é necessario que o mestre-escola esteja perfeitamente apto, o que só se conseguirá por um consciente aperfeçoamento intellectual e moral.

Como se o há de conseguir? Entremos no seminario deste sacerdocio de nova ordem, entremos na Escola Normal.

A EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

Sempre me pareceu, que, embora deva haver meticoloso exame na escolha das materias a serem ministradas na Escola Normal, maior attenção e cuidado se devêra collocar nos methodos de ensino, de modo a formar dos conhecimentos adquiridos uma base indestructivel sobre o qual o proprio magistrando edificaria seu aperfeçoamento.

Neste sentido o lente se apresentará ao alumno, não como scientista literato, especialista na materia emfim (embora, não resta duvida, deve se-lo), mas como pedagogo. O methodo ideal é o que leva o alumno a attenção primeiro para depois abstrahir-se, raciocinar, ajuizar, comparar, generalizar; a memoria deve simplesmente exercer o seu papel, aliás importante, sem que se descambe para o memorismo.

As interrogações progressivas e regressivas sobre o assumpto da lição apresentam melhores resultados do que as longas prelecções que só tem merito de informar o aluno sobre a erudição do mestre, dando-lhe ainda a convicção de não lhe ser possível alcançar o verdadeiro conhecimento do que lhe foi exposto.

A theoria da Pedagogia deveria ser eminentemente pratica; assim, seria de desejar que um anno do curso se dedicasse exclusivamente á essa materia de combinação com a Psychologia e a Methodologia, mas de uma maneira pratica em que o proprio lente conduzisse os magistrandos ao exercicio. Não me quero arvorar em pedagogo, nem mesmo aqui será lugar em que minuciosamente se trate o assumpto grave da methodologia ministrada na Escola Normal; melhor se o fará numa exposição de programma, que uma outra these apresentada comporta.

A EDUCAÇÃO MORAL

Em que consiste a educação moral?

A educação moral consiste na formação da vontade, directriz de todo o acto consciente. Sempre é certo que a vontade ha de ser dirigida para o bem. Robustecer-se-á então o character.

O Pe. Ozamiz em seu «Principio de educação» aponta como factores na constituição do character a herança, a força de vontade e a educação. Tem pois o mestre escola a tarefa nobilitante de formar characteres. E como conseguirá.

As noções de educação moral e civica dadas em forma disciplinar como qualquer outra materia com tempo determinado no horario não conduz ao fim collimado. Não, que a vontade, á qual se dirige a educação moral, é uma força e não faculdade cognoscitiva, e tanto pode pender para o bem como para o mal.

Dahí se faz necessario um constante desbastar e cinzelar, o que simples noções por certo não realizarão.

«A educação começa e termina com a vida», escreveu S. Smiles. Ella deve ser o sangue que penetre por todas as celulas da formação. Mas, para este sangue vivificar e desenvolver, necessario se torna colloca-lo nas condições exigidas de alimentação sadia, de ares puros e renovados. Ora como ha de a criança de si por si collocar-se nestas condi-

ções, si o professor a cujos cuidados foi confiada, não souber inculcar-lhe o alimento da vida moral, proporcionar-lhe ares puros, constantemente renovados?

Resulta, então, que o mestre-escola, si ha de ser preparado intellectualmente, com mais summo cuidado o ha de ser moralmente. Qual a escola conveniente a este aperfeiçoamento e na qual por sua vês o mestre guiará a vontade de seus educandos? Por outra, qual a moral que convem a este *desideratum* de formação que pretendemos? A moral agnostica? Si é moral é integrante da Religião? Só esta sim, pode de facto educar moralmente o homem, porque só ella aponta-lhe o seu principio, só ella informando o homem sobre sua finalidade, possui paralelamente a sanção do bem e do mal em toda a plenitude; conseqüente só ella pode formar characteres nobres.

E' na escola do Divino Mestre que o professor ha de buscar o mel dulçoroso que, suavizando as agruras de seu encargo, lhe proporcionará manancial inexgotavel da mansidão, paciência, abnegação e espirito de sacrificio, ao mesmo passo que vai formando, suave e docemente, os corações infantis. Como não ha de ser puro o ambiente moral da escola, si o ar premiana das culminancias celestes? Como não será sadia a alimentação, si ella é a propria verdade?

Eduque-se o mestre e por conseguinte, a infancia, na Moral do Catecismo, não um catecismo simplesmente theorico, mas vivido nas suas reaes expressões.

Então sim a Patria se engrandecerá não somente, mas se reafirmará em characteres nobres que saberão engrandecela até a dedicação, até o heroismo.

Ao lado pois de cuidadoso aperfeiçoamento intellectual do mestre escola, ha de se lhe inculcar as fontes da Moral no Catecismo; só elle será capaz de desvendar os segredos da verdadeira formação educacional dos povos.

Ass.—*Isaura Veiga Faria*, professora da Escola São José, Julho de 1927.

PARECER N.º 28

No estudo da these n. 36, sustentada pela professora Isaura Veiga de Faria, these essa que versa sobre o Valor do Mestre Escola na formação Educacional dos Povos, a Commissão verificou o seguinte:

1) — A explanação da these está feita em 6 capitulos, epigraphados na ordem que segue:

— Qual o valor do mestre-escola na formação educacional dos povos?;

— Razão de ser do mestre-escola;

— Educar e ensinar;

— O valor do mestre-escola em face da formação educacional dos povos;

— Aperfeiçoamento moral e intellectual;

— A educação moral.

2) — No primeiro capitulo supra citado, a epigrapha é assambarcadora da these; no entanto, a explanadora apenas lhe dedicou 10 linhas... Mas, numa phrase, realmente compendiou com intelligencia os predicados essenciaes do professor, enunciados neste gosto. «O valor do mestre-escola está na razão directa, de seu aperfeiçoamento moral e intellectual».

3) — No segundo capitulo (Razão de ser do mestre-escola, a conspicua expositora faz duas interrogações, quando deveria antes dar conta dessa razão de ser do professor primario. E acrescenta que é papel muito secundario a desalphabetização, se attribuída como função unica do mestre-escola.

4) — No capitulo Educar e Ensinar, define a apresentadora da these essas palavras, concluindo que educar tem sentido mais amplo que ensinar, sendo o ensino o meio necessario para o fim, que é educar.

5) — No capitulo quarto, condemna a autora os professores que adoptam o memorismo, isto é, o processo de decorar os alumnos os pontos do programma. Neminè discrepante... a não ser a pouquissima relação entre o cabeçalho... e a explanação do capitulo: O valor do mestre-escola em face da formação educacional dos povos.

6) — Bem tratado o quinto capitulo, ainda que se deva deixar de parte o titulo para apreciar somente o texto. Acha a autora da these que o professor da Escola Normal deve ser sobretudo pedagogo, e que um anno do curso normal se reserve á conducção dos magistrandos ao exercicio do ensino.

7) — No capitulo final, uma profissão de fé catholica encerra o trabalho. Propõe a expositora que a infancia se eduque na moral do catecismo. A Commissão substituiria com a devida permissoão da autora, a palavra catecismo pela de DECALOGO, compendio e summula da moral humana.

Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass. — *Barreiros Filho*. — *P. F. X. Zartmann*, não se pronunciando sobre o 7º ponto, respectivamente com restricções, *Marcilio Dias Santiago*.

THESE N.º 49

Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no Ensino Inicial de Arithmetica Pratica? Será possivel a usança desses mappas nas Escolas Rurales?

Procurarei desenvolver esta segunda these, tambem sem fazer citações de pessoas idoneas na materia por não ter encontrado compendio algum que trate do assumpto. Antes de iniciar estas observações convem notar que, toda a creança quando vai pela primeira vez para uma escola, leva em geral consigo um pequeno conhecimento de numeros adquiridos em seus folguedos e, urge que o professor aproveite esta circumstancia para, applicando o methodo de Parker e seus conselhos, desenvolver este conhecimento.

As vantagens que julgo encontrar no ensino inicial de arithmetica pelos mappas de Parker são:

1.ª — porque o mappa de Parker ensina racionalmente, principiando por mostrar estampas á creança que representam cousas que está acostumada a ver na vida commum. Manda-se a creança contar quantos objectos ou animaes, vê em um determinado grupo de objectos ou animaes e assim contando aprenderá em pouco tempo uma boa quantidade de numeros.

2.ª — porque augmenta gradativamente o numero desses objectos ou animaes e augmentando esses agrupamentos augmentará o conhecimento da creança, mormente sendo estes augmentos de uma duas ou tres unidades.

3.ª — porque, como complemento do ensino oral de arithmetica apparecerá o ensino escripto, que è iniciado juntamente com o oral, embora a creança não saiba traçar um algarismo siquer porem irá riscando sempre acompanhada do estimulo do professor, que deverá corrigir este trabalho com brandura, os achando bons, mas dizendo tambem que a cre-

ança tem aptidões para os fazer melhor. Assim continuando, em pouco tempo a creança terá adquirido um regular conhecimento de numeros. Continuando a ensinar por estes mappas, observando o modo simples nelle empregado para iniciar a creança nas complexas operações da arithmetica, pois, em vez de apparecerem agora augmentados os agrupamentos referidos, apparecerão com o mesmo numero e ao lado, mais um ou dois ou tres agrupamentos: isto para ensinar a sommar.

Para iniciar a subtracção, em vez de mandar juntar o objecto ou animal, mandará que se supprima ou tire do grupo, um, dois ou tres e etc. objectos ou animaes.

No ensino da multiplicação elle nos apresenta dois ou mais grupos tendo cada grupo o mesmo numero de objectos ou animaes e perguntará á creança quantas vezes estão repetidos os objectos ou animaes em cada grupo e quantos grupos alli se apresentam, por exemplo: tem dois grupos e em cada grupo estão dois gatos, logo nos dois grupos quantos gatos estarão? Facilmente a creança saberá arranjar resposta porque irá contar, sommando o numero de gatos dos dois grupos. Para o ensino da divisão, o systema é mais ou menos identico, isto é: apresenta-nos por ex.: dois grupos, tendo um delles quatro objectos e no outro somente dois e nos manda perguntar a creança: si aquelles quatro objectos tivessem de ser repartidos por aquelles outros dois, quantos objectos do primeiro grupo caberiam á cada um dos dois do outro grupo? Tambem não encontrará a creança grande dificuldade para responder, porquanto irá separando um por outro os quatro objectos, dando um á cada um dos objectos de outro grupo, até esgotar o numero de objectos do primeiro grupo.

Augmentando tambem gradativamente o numero de objectos dos dois grupos se conseguirá que a creança aprenda a dividir; naturalmente sendo o divisor um só algarismo.

Pelo que acima ficou dito, vê-se que este ensino deve ser objectivo concreto, embora, depois que a creança tenha adquirido alguns conhecimentos destas operações, tenhamos que torna-lo o mais abstracto possivel.

Ass. — *Albano Monteiro Espinola.*

THESE N.º 21

Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial da arithmetica pratica?
Será possivel a usança desses mappas nas escolas isoladas ruraes ?

O uso dos mappas de Parker no ensino de arithmetica tem suas vantagens, si o professor souber dar o seu valor intuitivo, entabolando palestras, pois ao contrario acarretará desvantagens para o alumno porque só com o habito da decoraçào visual do mappa, atrophiará a decoraçào intellectual que é a base do raciocinio.

Para o professor adquirir o progresso de sua classe por esse systema, começará pela contagem dos numeros, escrevendo, antes, bolinhas e traços de 1 a 9 e assim successivamente. Deve chamar tambem a attenção de toda a secção para o ensino de cousas ou então procurar para despertar a intelligencia, como: a quantidade de objectos que tem na aula, o numero de carteiras na fila direita e na fila esquerda, quantos alumnos sentados e quantos de pé, o numero de janellas e portas que circulam a sala, contar os passos que derem, etc, etc, e munir-se ainda o professor de canetas, reguas, taboinhas e bolas de vidro e dessa variedade de objectos irão comprehendendo as creanças o valor e a clareza da denominação ordinal dos numeros. Convem tambem o professor desenvolver as idéas por perguntas e respostas sobre os exercicios já estudados e observando com rigor, os alumnos que mais queda mostram para essa disciplina, pelo modo com que fazem o raciocinio e nessa marcha deve evitar que se habituem a contar pelos dedos. Desde o primeiro dia de aulas os alumnos deverão copiar em suas lousas, apenas, as bolinhas do mappa de Parker. Seguindo o professor as palestras na aula de arithmetica, despertará a leitura no mappa de Parker, isto, quando todos já souberem ler e escrever os algarismos e terem exacto conhecimento da combinação dos numeros dígitos. O professor deve permanecer nesse systema de ensino até que veja o adiantamento da creança e então passará a ensinar no mappa de Parker, isto é, não esquecendo de procurar o modo intuitivo e concreto, iniciando o raciocinio e assim terá o resultado do esforço

de cada um. Ao professor compete procurar os meios mais praticos para o desenvolvimento do calculo de Parker, formulando problemas faceis com os numeros escriptos e dessa forma terá recurso para desenvolver as aulas de arithmetica.

Alguns pedagogos condemnam o ensino de arithmetica pelas taboadas, mas incontestavelmente ha necessidade desse recurso para a boa aprendizagem, baseando-se então o professor, nos exercicios do mappa de Parker, entrará no exercicio das taboadas para effectuar com exactidão o ensino das 4 operações; sem esse manejo radical não haverá resultado efficaz para as soluções dos problemas e raciocinios. O ensino de arithmetica no primeiro anno não está de accordo com a idade das creanças por ser insufficiente o periodo annual de aulas, pois é bem difficil para uma creança de tenra idade e analphabeta, vencer essa etapa, attendendo não só a numeração, calculos, problemas, como as 4 operações, embora rudimentares.

O passo do primeiro anno para segundo é tambem incompativel, com o adiantamento dos alumnos.

Para sanar essa irregularidade deveria haver nos grupos escolares duas classes de primeiro annos em cada secção, com programma preliminar. A minha opinião diverge da adopção dos mappas de Parker nas escolas isoladas ruraes, por apresentar serias desvantagens para os professores que desconhecem esse systema elementar de calculos.

Seria então mais conveniente o uso do contador mecanico, usado nas escolas allemãs e americanas, em muitos collegios do Brasil, cujos resultados são bem vantajosos e uteis e assim daria ás nossas escolas estadaes, um outro caracter de aperfeiçoamento mais pratico.

Ass — *Beatriz de Sousa Brito.*

PARECER N.º 29

Da segunda commissão permanente da Conferencia de Ensino Primario de Santa Catharina.

Questão — Quaes as vantagens do uso dos mappas de Parker no ensino inicial de arithmetica pratica? Será possivel a usança desses mappas nas escolas isoladas ruraes?

Os trabalhos estudados pela commissão foram as the-

ses ns. 21 e 49 de autoria dos professores Albauo Monteiro Espinola e Beatriz de Sousa Brito.

O assumpto dessas theses relaciona-se com uma das mais importantes disciplinas escolares a Arithmetica — materia cujos conhecimentos terá o alumno de empregar amplamente na vida; portanto, tudo quanto a ella se refere, deve ser pratico, util e verdadeiro.

Dahi a grande vantagem que não podemos deixar de reconhecer no uso dos mappas de Parker que, como diz o professor Espinola, ensina racionalmente, e, fazendo a creança contar objectos e animaes, fa-la adquirir em pouco tempo o conhecimento de uma boa quantidade de numeros, pois augmenta gradativamente o numero desses objectos ou animaes; e, como complemento do ensino oral de arithmetica, faz apparecer o ensino escripto, que é iniciado juntamente com o oral.

Tem sobre o contador mecanico a vantagem de não offerecer o risco que offerece esse aparelho de os meninos o memorizarem com facilidade. Razões por que consideramos o mappa de Parker auxiliar poderoso na concretização dos calculos arithmeticos no conhecimento racional da quantidade.

Não cremos, porem, possivel a usança desses mappas nas escolas ruraes:

a) — porque, como diz a professora D. Beatriz de Sousa Brito, apresenta serias desvantagens para os professores que desconhecem esse systema elementar de calculos;

b) — porque o fornecimento desses mappas a todas as escolas tiraria aos cofres do Estado um onus consideravel.

Sala das sessões, 8 de agosto de 1927. — Ass — *Catharina Demoro. — Maria Amorim. — Adriano Mosimann.*

THESE N.º 19

O ensino da leitura nas escolas subvencionadas, onde os alumnos na sua maioria são descendentes de allemães, de gente que só sabe falar o allemão, a cartilha em uso (Fontes) está adequada ao ensino. O professor tem de ler, traduzir e explicar cada palavra por si, faz o alumno ler e traduzir e de vez em quando repetir o lido. Poesias para os alumnos da cartilha são muito difficeis de ensinar. Alem

disto a impressão desta cartilha é pessima, os typos deviam ser muito mais nitidos.

Dos alumnos do primeiro anno lectivo, a maioria precisa de um e meio até dois annos até absorverem a cartilha e, mesmo assim, no fim deste tempo não sabem a significação de tudo que esta contem, porque para elles a lingua vernacula é um idioma completamente estranho e o motivo, porque aprendem com difficuldade e só nas horas das aulas a ouvem e falam durante o resto do dia o idioma em uso entre elles é o allemão em que se sabem exprimir com mais facilidade e por isto preferem.

Quando o alumno começa a ler no Primeiro Livro de Leitura, já comprehende algo do vernaculo, porem o professor precisa continuar a traduzir e explicar oração, povoação palavra por palavra, synonymo por synonymo e, quando o alumno é transferido para o segundo anno lectivo, ainda não absolueu o primeiro livro por exiguidade de tempo e, como pelo programma o alumno do segundo anno lectivo é obrigado a ler no Segundo Livro de Leitura, tal leitura é ainda muito difficil para elle. O alumno do segundo anno devia só ler no Primeiro Livro e o do terceiro anno no Segundo Livro de Leitura; outros livros de leitura não são precisos para nossas escolas, porque o tempo não dá para mais e a leitura deve ser uniforme para todas as classes em traducção, etc: senão o professor não dá vencimento da materia e se estes livros tambem contivessem algo da educação civica, seria muito util.

Arithmetica.—O alumno que fala a lingua vernacula, aprende, facilmente a contar, porque sabe logo a significação dos numeros, em vez de os nossos alumnos, para elles as denominações dos numeros são palavras estranhas e não ficam facilmente na memoria delles, porque elles não sabem pensar em vernaculo, é o mesmo que se dá com a leitura e o ensino em geral, por isso leva meses até que o alumno comprehenda o sentido do que aprende.

Para o ensino da arithmetica falta um livro adequado as necessidades do filho do colono, contas como elle precisa na vida pratica, como contas de arrobas, kilos, metros, palmos, litros, quartas, contas de superficie, para elle saber fazer a conta da medição de um lote de terras, etc.

Historia ensino lendo e fazendo ler e traduzir os respectivos trechos de Rocha Pombo e depois faço as perguntas, assim consigo que o segundo anno lectivo, no fim do anno

sabe responder as perguntas que faço da historia até o anno de 1922, e isto só consigo repetindo sempre. O terceiro anno então absorve a historia, inclusive a de Santa Catharina porem nenhum alumno chega ao ponto de saber contar trechos da historia.

De grande utilidade seria tambem, se o Rocha Pombo contivesse um supplemento da historia do nosso Estado. O que por enquanto podemos conseguir é, que nossos alumnos, paes de futuros alumnos, sabem alguma coisa do vernaculo, que conhecem o paiz delles e que sentem como brasileiros. Os futuros alumnos, isto é, os filhos de nossos alumnos já aprendem o vernaculo com muito mais facilidade, porque os paes delles já os podem ajudar em muitas cousas referentes ao ensino, o que aos nossos alumnos falta por completo.

A difficuldade com que se lucha, só conhece quem já leccionou em dois idiomas todas as materias de uma escola por isso o curso na minha opinião devia ser pelo menos de seis annos em vez de tres subindo gradativamente uo curso até absorver o ultimo anno lectivo e os paes dos alumnos deviam ser obrigados a mandarem seus filhos à escola até estes terem absorvido o ultimo anno do curso, o que seria um grande proveito para o ensino e, como as escolas publicas são fiscalizadas pelo sr. Inspector Federal, assim tambem as escolas particulares deviam ser fiscalizadas por inspectores debaixo da direcção do mesmo senhor, e aquellas escolas então têm de cumprir o programma do governo, não podem fazer concorrência às escolas publicas e os professores destas escolas particulares devem prestar exame para poderem leccionar, porque dantes os professores eram obrigados a isto os actuaes não prestam exame e fazem concorrência ilheita aquelles e a nós, porque não se importam com as disposições do governo. Tambem em nossas escolas é muito necessario que se leccione oficialmente cada dia durante vinte minutos o allemão que é o bastante para que o alumno possa fazer seus apontamentos e annotações em allemão, o que muito auxilia a memoria dos alumnos, porque se elles têm a noção daquillo que aprendem, muito mais facil aprendem e este ensino de allemão reverte em beneficio da lingua vernacula.

Por exemplo: Depois de lido e traduzido o trecho da leitura, historia ou outro assumpto, faço, no caderno para este fim destinado, os alumnos escreverem os synonymos que

houverem nesta lição; os alumnos no dia seguinte, depois de terem decorado a lição, respondem promptamente, se podem então pergunte a significação em allemão, não sabem responder e por conseguinte todo este ensino é sem proveito pratico.

Alem disto, o alumno, quando vai a doutrina precisa saber o allemão, porque tudo que o pastor protestante ensina é pergunta é em lingua allemã, tudo que o alumno tem de lá aprender e escrever é em allemão.

Agora, lá na doutrina encontram-se os alumnos de diversas escolas, tanto particulares como publicas. Os alumnos das escolas particulares sabem ler e escrever em allemão, em vez de que os alumnos das escolas publicas ficam vexados, porque não sabem ou sabem mal ler e escrever naquella idioma e os paes delles por isto não ficam satisfeitos com o ensino das escolas publicas e o que é um mal para a expansão e renome dellas nos districtos coloniaes.

Blumenau, julho de 1927. — Ass. — *Fernando Steinhauer.*

PARECER N.º 30

Parecer da commissão especial encarregada do estudo dos assumptos referentes á Nacionalização do Ensino.

These n. 19 — Do professor Fernando Steinhauer.

Do estudo da these acima, chegamos á seguinte conclusão:

Fala o autor, das escolas subvencionadas em geral e de um modo, por que não são ministradas algumas disciplina constantes do programma das mesmas. Acha que a Cartilha Popular em uso, tem os defeitos de ser pessima a sua impressão, devendo, tambem, os typos serem mais nitidos. Quanto á leitura em si, diz, que o professor da zona que está sendo nacionalizada precisa, para obter resultados, traduzir palavra por palavra, porque a grande maioria dos alumnos desconhece a lingua vernacula, razão porque os escolares só terminam a cartilha no fim de anno e meio a dois annos de frequencia escolar. Opina pela adopção da cartilha no primeiro, do primeiro livro no segundo, e do segundo livro no terceiro anno do curso achando não ser necessario mais outro livro. Continúa textualmente: «si estes livros tambem contivessem algo de educação civica, seria muito util. Demonstra ainda a difficuldade de ensinar arithmetica nas escolas daquella zona, porque os alumnos não sabem, siquer,

pensar em vernaculo, o que atraza muito a comprehensão da materia. Quanto á historia patria ensina-a o professor pelo methodo socratico, não dispensando o recurso da traducção imprescindivel naquellas escolas, qualquer que seja a materia que se leccione. Sobre o exposto; damos o seguinte parecer:

a) — Opinamos que na proxima edição da Cartilha Popular, sejam tomados em consideração os defeitos apontados pelo autor dessa these;

b) — que a Cartilha seja exgotada no primeiro anno lectivo, o que se pode fazer;

c) — que a traducção dos termos desconhecidos pelos alumnos é uma necessidade; comtudo esta commissão não a recommenda incondicionalmente, visto como a lingua official da escola deve ser sempre a vernacula;

d) — que os livros adoptados preencham o seu fim, salvo os defeitos já referidos da Cartilha; parece-nos, porem, ser de conveniencia a adopção do terceiro livro da serie Fontes, que está sendo impresso;

e) — concordamos que as noções de historia sejam dadas pelo methodo socratico.

Salas das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass. — *Mario Garcia*, — Secretario; — *Adriano Mosimann*, — Relator — *Germano Wagenfuhr*, — Presidente.

THESE 45 THESE 14ª

Como deve o Estado encarar o ensino profissional ?

THESE 6ª

Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares ?

Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz ? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular, e no Paiz em geral ? De que fórma ?

A reforma do ensino está novamente em fóco nos paizes civilizados, a medida que os progressos nos dominios da Pedagogia vêm revelando as falhas dos diferentes metho-

dos de educação até hoje postos em pratica, e a insufficiencia das diversas organizações encarregadas de ministra-la.

Assim, as sciencias pedagogicas vão assumindo uma importancia cada vez maior na vida dos povos, pois a solução das questões sociaes e economicas depende, em grande parte, da directriz que se houver de imprimir ao ensino.

Por isso, a Liga das Nações, da mesma sorte que procurou solucionar os problemas da producção e do trabalho, tambem não descurou as questões referentes ao ensino, crendo-se sob seus auspicios a primeira Universidade Internacional, em Bruxella, onde será ventilado o importante assumpto. O principal objectivo do referido instituto è reunir, em épocas determinadas os professores e alumnos de todas as Universidades do mundo, em um movimento de alta cultura.

O curso respectivo comprehende o estudo dos temas pedagogicos relativos á organização das Universidades, á vida universitaria, occupando-se o programma de conferencia de todos os problemas internacionaes de ensino. Tambem na Universidade Livre daquela cidade tornou-se obrigatorio o estudo da Pedagogia e da Historia da Pedagogia em cada uma de suas Faculdades, sendo este exemplo imitado em outros paizes.

Nos Estados Unidos e na Argentina ha o Conselho Nacional de Educação, denominado no Uruguay Conselho de Instrução Secundaria e Superior, de sorte que as modificações concernentes ao ensino, podem ser feitas gradualmente, com os melhores resultados.

O Brasil não deveria ficar alheio a essa transformação, tanto mais porque, em consequencia dos nossos methodos educativos, ainda não estamos aparelhados para enfrentar a formidavel luta economica travada entre as nações.

Semelhante facto não escapou á percepção de notavel estrangeiro que nos visitou, e que diante «of the boundless wealth which nature has lavished upon man in this vast land» — «da incalculavel riqueza que a natureza prodigalizou ao homem neste vasto paiz,» perguntava pressuroso: — «Is the people worthy of a such an inheritance?»

Poderemos continuar a reter esse colosso?

Sim, desde que saibamos educar e instruir o nosso povo.

No presente estado de cultura, affirma Leroy Beaulieu, è superstição acreditar-se em que a instrução publica

tenha a magica virtude de modificar a moralidade do homem, como é anachronismo absurdo pretender formar gerações medidas por certo typo intellectual.

Mantegazza, como Huxley e Angiulli, combateu o moderno preconceito dos que «na sua arcádica beatitude», «na sua virgem ingenuidade», da só extincção do analphabetismo fiam a solução do complexo problema da cultura popular, e advertiu que «se pode ser barbaro barbarissimo, e saber ler e escrever»; que «o alphabeto deve ser uma das pedras fundamentaes sobre que é mister apoiar a civilização humana, mas que não deve ser a unica», e que «nada é mais perigoso do que um povo muito instruido, mas muito faminto; nada ha peor do que um desequilibrio entre o progresso economico e o progresso intellectual de um paiz.

Seja como fór, é graças ao ensino que «as associações humanas se iniciam no seu passado, se ligam á sua existencia presente e se preparam para as suas evoluções futuras.»

E' pela instrucção, que a Suissa, a Belgica, a França e outros paizes marcham sobranceiramente á testa da civilização!

E' pelo ensino, principalmente pelo ensino agricola, que a Argentina e outros Estados visinhos avançam a passos largos para a conquista de sua independencia economica.

Foi pela instrucção que a Allemanha operou o milagre estupendo de seu grande desenvolvimento agricola, industrial e scientifico: foi o mestre escola que, trabalhando no silencio, mas com perseverança, erigiu essa Alemanha monumental, admiravel pela sua producção, pela sua disciplina e pela sua cultura, e cuja expansão e poderio chegou a ameaçar o mundo inteiro!

Já Bismarck attribuia a victoria de 70 ao mestre-escola e aos sabios das Universidades.

Não é differente a Alemanha de agora.

Segundo o testemunho do Senador Eduardo Herriot «l'Allemagne est affolée de science et de technicité. Et l'on doit affirmer que dans la lutte économique de la paix, elle se défendra avec le même acharnement que dans la lutte militaire. Elle n'abandonnera rien au hasard ou á la fantaisie individuelle»

Chamberlain, cujo valor de estadista não se calcula unicamente pela craveira do imperialismo, não pensa de outro modo. «Estimaria», disse elle, «ver o tempo em que, neste paiz, nenhum homem pudesse conseguir um emprego dos

melhores, em as nossas fabricas, em as nossas officinas ou escriptorios commerciaes, sem que exhibisse provas de que o seu curso universitario lhe fizera merecer o cargo offerecido ».

«A opinião é a mesma nos Estados Unidos.»

A crise do trabalho, hora a hora augmenta », escreveu dos seus publicistas.

«Para lutar com tantos e tão diversos productores, que, de toda a parte; nos fazem concorrência, os nossos industriaes, os nossos agricultores, não podem deixar de ser homens de sciencia. E, acima de tudo, attentemos bem que não basta mais aos nossos operarios que saibam ler e escrever.

Foi pela instrução, que aquelle povo lutador e tenaz, premido em pequeninas ilhas, como o japonéz, conseguiu surgir inesperadamente como potencia mundial. Será pela idéa, pois, pelo talento de seus filhos e de seus estadistas, pela educação do seu povo, pela aprendizagem technica e profissional do mesmo, que poderemos realizar as grandes conquistas do trabalho e do pensamento.

Só assim poderemos melhorar a nossa apoucada educação politica, praticando o regimen para a qual ainda não estavamos nem estamos preparados.

Como disse Aulard, todo povo tem ao lado de sua carta legal uma carta real.

Esta é a que vive realmente e, como emanação que é dos costumes politicos de um certo paiz, dá, muito mais que a outra, idéa justa do seu verdadeiro estado.

Por enquanto, andámos ás cegas, convencidos de que praticamos o regimen constitucional de uma sociedade diversissima da nossa, operando o estupendissimo milagre de nos transformarmos a pouco e pouco em cidadãos anglo-saxões. Qual, porém, não fóra o nosso assombro, si em um momento de grande lucidez pudessemos comparar a nossa constituição «real» com a dos norte-americanos, a quem quizemos imitar, mas só conseguimos macaquear!

Em materia de educação tambem se observa a mesma lei geral. Um povo não póde modificar, á sua vontade, suas instituições. Toda reforma no nosso ensino, boa ou má, será filha das nossas necessidades, e sobre estas não poderemos actuar tão fortemente. As unicas reformas efficazes são as pequenas reformas de detalhe, feitas de maneira continua

e successiva. Le Bon compara-as aos grãos de areia, cuja somma acabará por formar montanhas.

A Directoria de Instrução Publica e a Conferencia de Ensino virão executar esse programma.

Não basta, porem, cuidar do ensino profissional e tecnico.

«E' do mar alto», escreve Jules Huré, «que deve soprar o vento para poder levantar as ondas; è das alturas que deve partir a idéa para revolucionar o mundo». Mensagitat molem. E' da cultura das élites, do seu gráo de preparo, da sua capacidade directiva, do dispendio de suas energias, dos seus esforços conjugados, que depende em muito a educação das massas populares — porque as multidões são, por sua natureza passivas, indifferentes, refractarias a todo o movimento, a todo progresso.

O duelo de hoje e de amanhã e conforme sustenta vigoroso articulista, não é, não pode ser um combate entre as multidões e os intellectuaes. O duelo è, será, entre duas élites que têm «concepções differentes da so iedade e da vida.» O homem que passou o dia a cavar a terra ou toda a noite a conduzir um expresso contra o vento ou a guiar um barco em meio de tempestade, ou a manejar o ferro aquecido ao branco no orificio de uma fornalha, diz Ruskin, não é, não pode ser, no fim do dia ou da noite, o mesmo homem que aquelle que ficou sentado em um quarto tranquillo, rodeado de livros, trançando o plano de um avião, resolvendo um problema de alta mathematica, calculando as leis de desintegração do radium.

Andaram, portanto, bem inspirados o sr. Governador do Estado e o sr. Director da Instrução, procurando conhecer tambem as necessidades do ensino normal superior, ora em crise.

Porque a escola primaria não póde prosperar sem o influxo das universidades. Quando em um paiz ha um numero sufficiente de espiritos altamente educados, tanto maior é o impulso da instrução popular.

«La luz de arriba se refleja abajo; la Universidad sostiene á la escuela. Inversamente, classes directoras em quienes la anterecha del saber se ha pagado, rodean de sombras el ámbito en que viven las nuevas generaciones. Ni vale decir que es un privilegio de que disfructam muy pocos, en primer lugar, porque, ensanchando el circulo de la luz, se extiende la orbita de los deberes y responsabilidades; en se-

gundo, porque la Universidad dá un contingente grandemente apreciable el professorado de los institutos inferiores. » (Diego Mendoza, Apuntaciones sobre Instrucção Publica, pag. 33).

O aperfeiçoamento da industria no decurso do seculo XIX, consequencia da crise mundial que se resolveu na re-torta gigantesca que formam os campos europeus, talados pela guerra e suas consequencias, desde 1789 a 1815, veio nobilitar o officio e a profissão, creando os primeiros technicos que trouxeram para os officios principios scientificos que a mentalidade humana já surprehendera na observação e verificára na experimentação (Os Cursos de Engenharia no Brasil e o Regimen Universitario, por Cantanhede de Almeida, na Polytechnica do Rio).

Appareciam os engenheiros e já Michelet em 1869, em seu livro « Nos fils », accentuou a necessidade de completar a educação tradicional, adaptando-a ás novas e futuras épocas, « encaminhando-a da contemplação para a acção » pelo desenvolvimento das escolas technicas.

A necessidade urgente de appressar a evolução, nas theorias classicas da educação, para refazer as riquezas transformadas ou destruidas no principio do seculo, impulsionou em todos os paizes da Europa o estabelecimento das escolas technicas que permittissem aos homens de acção adquirir em poucos annos os indispensaveis conhecimentos, atravez de lições de mestres que se formaram com a base de elevada cultura scientifica e um longo tempo de observação.

Para só falar da França, formação de Origem latina como a nossa, basta lembrar que até os fins do seculo XVIII só existiam, com caracter technico, as classicas escolas de Pontes e Calçadas e Polytechnica de Paris, fundadas nesse seculo com o objectivo exclusivo de fornecer ao Estado e ao Exercito os profissionaes para os trabalhos publicos da administração e da guerra.

Datam do principio do seculo XIX as fundações successivas das grandes escolas technicas francezas:

Escola Nacional de Artes e Officios de Chalons, em 1806.

Escola Nacional de Artes e Officios de Angers, em 1806.

Escola Nacional de Minas de St. Etienne, em 1816.

Escola Nacional de Agricultura de Srignon, em 1823.

Escola Central de Artes e Manufacturas de Paris, em 1829.

Escola Nacional de Agricultura em Rennes, em 1830.

Escola Nacional de Artes e Officios de Aix, em 1843.

Escola Nacional de Agricultura de Montpellier, em 1872.

Além das escolas inferiores, mais profissionaes do que technicas, que attingem proximamente a uma centena e foram creadas, em sua maioria, depois de 1870.

Os espiritos francezes mais clarividentes reclamaram sempre a attenção dos poderes publicos para a falta de desenvolvimento do ensino technico, que lhes parecia insufficiente, organizado ainda no correr do seculo XIX, exactamente como fôra distribuido no inicio do seu desenvolvimento nos primeiros 25 annos desse seculo: e, quando em 1870 a organização allemã se manifestou em toda a pujança militar, apoiada em um já notavel desenvolvimento technico, o doloroso choque militar e politico que soffreu a França, demonstrou como ella tinha ficado distanciada da sua vizinha, em cujo territorio já eram numerosos os polytechnicos, e as diversas escolas especiaes, recebendo em avultado numero os estudantes que o preparo solido dos gymnasios já lhes enviava com boa cultura basica e forte espirito de organização.

No ultimo quartel do seculo XIX e nos 20 annos do corrente seculo, a Allemanha e os Estados Unidos se adiantaram a todos os paizes do mundo dispendendo a mãos largas em todos os ramos da instrucção e da educação, principalmente no preparo technico e profissionnal dos seus futuros industriaes, dos seus futuros valorizadores da riqueza nacional e dos futuros esteios das suas politicas exteriores, pois os seus territorios já começaram a ser estreitos para as colossaes fontes de energia e trabalho que o preparo technico vinha creando e desenvolvendo.

Durante a recente grande guerra, a França teve de encarar de novo e com energia os efeitos da formidavel organização technica da sua rival territorial. O mundo assistiu á lucta tremenda; e, como bem receiaram os francezes mais patriotas, foi a technica rigorosa e scientifica fundada dos allemães que lhes permittiu a extraordinaria e prolongada resistencia, e, foi ainda a entrada dos americanos do norte, ricos, bem aparelhados, que deu logar ao desanimo dos allemães e á consequente derrota militar. E ainda hoje, vencida, naturalmente exausta e com o peso das grandes restituções a

fazer aos seus vencedores, a Allemanha traz apprehensiva a sua principal vencedora.

Quando, sob a pressão terrível dos acontecimentos militares de 1914 a 1915, o governo francez fez estudar as causas do fraco aparelhamento industrial francez, diante do seu competidor, o senador Astier, relator da comissão parlamentar do inquerito, estabeleceu o confronto entre o ensino tecnico na França e na Allemanha, pedindo a attenção da França, que não se devia suicidar, para os seguintes dados comparativos: A França instrua 5.000 estudantes em seis escolas technicas superiores, quando a Allemanha instrua 17.000 moços em 17 escolas da mesma categoria. A França offerecia seis escolas médias (Artes e Officios), para 1.800 alumnos, quando na Allemanha as escolas desse typo e muito melhor aparelhadas, eram 547 com 42.000 alumnos, e, além disso, existiam 89 escolas commerciaes com 7.000 estudantes.

Fazendo descer o ensino technico até o povo, a Allemanha offerecia 2.300 cursos de aperfeiçoamento industrial a 300.000 alumnos e 552 cursos de aperfeiçoamento commercial a 50.000 empregados do commercio emquanto que a França apresentava cerca de 100 escolas desse genero, agrupando nos seus cursos 50.000 alumnos.

Terminado o seu patriotico relatorio parlamentar, escreveu o senador francês as seguintes palavras que valem por uma orientação segura: «Na luta sem quartel pela existencia das nações, o ensino technico é, sem contestação, o meio mais universalmente empregado para vencer a concorrência. Uma nação estará mais bem aparelhada commercialmente e industrialmente, quanto maior fôr o numero de seus engenheiros, de seus industriaes, de seus banqueiros, de seus commerciantes, dos seus contra-mestres, de seus operarios ou trabalhadores de toda a especie, com a melhor instrucção profissional nos seus officios.»

Este principio se popularizou desde muito tempo e é a mais impulsora dos Estados Unidos, da Alemanha, da Suissa, da Inglaterra, da Belgica e do Japão.

Sem preparo tecnico não pode haver grande nação e é essa a razão de vermos os consideraveis auxilios que fornecem os governos geraes e communaes da Allemanha, Estados Unidos e Belgica para a manutenção e desenvolvimento de suas monumentaes agglomerações de casas de estudo reunidas sob a denominação de Universidades.

E o auxilio generoso de donativos vultosos com que os

grandes millionarios americanos tem restituído nobremente á collectividade, os grandes quinhões que souberam conquistar na luta pela vida, porque em determinadas occasiões foram os mais bem preparados e os mais habéis dentre os seus concorrentes? Nos Estados Unidos vêm-se casas de estudo como as oitos que formam a Universidade de Cornell em Ithaca, Nova York, alistando annualmente mais de 6.000 estudantes, dirigidos e guiados por mais de 700 docentes que lhes ministram os conhecimentos de artes e sciencias, de leis, de medicina, de veterinaria, de agricultura, de engenharia civil, de minas electrica, necessarios ao aparelhamento para a vida profissional em qualquer desses ramos, educando-os ao mesmo tempo com a saúde apurada e robustecida por methodicos e convenientes exercicios e desportos.

Fundada em 1868, com 412 alumnos nos seus diversos cursos, attingiu a sua frequencia ao elevado numero de 6.891 alumnos no anno de 1915, apesar de não ser gratuita a sua frequencia, variando as taxas annuaes de \$120 a \$160, conforme o curso seguido pelo estudadante, o que representa dispendio maior que o que é feito pelos estudantes da nossa Escola Polytechnica, onde existem laboratorios de elevado custo á disposição dos alumnos para os seus estudos.

As universidades e escolas americanas se assemelham muito umas ás outras e differem das europeas na organização e nos methodos de trabalho e ensino. O estudante americano é mais livre, para poder desenvolver o forte espirito de iniciativa do povo e convém notar que os methodos de estudo e trabalho que a quasi 30 annos levaram Demolins a escrever um volume sob o titulo suggestivo de uma confissão honesta: «A quoi tient la superiorité des anglo-saxons», vão se impondo aos povos de origem latina, pela força convincente do facto, de uma eloquencia muito mais energica e efficiente que a da palavra escripta ou fallada.

A Universidade allemã que continuou na Europa a velha tradição universitaria dos seculos XII e XIII, varrida da França pela revolução em 15 de setembro de 1893, se transformou com o correr dos annos, crescendo e se modernizando.

A influencia politica que os centros universitarios exerciam, com feição accentuadamente conservadora, na defeza natural dos privilegios de que estavam investidos e que deu logar ao acto da revolução franceza que os extinguiu, começou a desaparecer na Allemanha, mantido em todo caso, o

systema descentralizador que dominava o regimen universitario. As 20 universidades allemãs, desde as mais antigas, a de Leipzig, fundada em 1409, e a de Rostock, fundada em 1419, e na qual ensinou Kepler, até a mais moderna, a de Munich, fundada em 1826, todas ellas cresceram; e, com a autonomia e recursos patrimoniaes disputam, a peso de ouro, os professores de valor, cujas lições de fama mundial vem augmentar o prestigio das universidades que os conseguem trazer aos seus corpos docentes. Fartamente providas de installações e material de ensino, estimulam o estudo e a concurrencia de estudiosos. As faculdades francezas, desaggregadas das universidades extinctas em 1793, só foram de novo reunidas em regimen universitario em 1895, sob o Ministerio da Instrucção Publica de Raymond Poincaré e não apresentam ainda hoje os caracteristicos individuaes que as distinguiram no seculo XVIII e que deram a cada uma dellas a sua propria personalidade, fazendo que as correntes de estudiosos pudessem escolher a sua casa de estudo, segundo a orientação desejada.

As universidades francezas e allemãs não são, porem, centros de desenvolvimento de ensino technico que são as universidades americanas; e, essa observação decorre naturalmente de serem ellas de fundação anterior á época em que se formou e apurou a technica moderna. ao passo que as universidades americanas, todas de fundação recente, já foram incorporadas, sub-divididas nos diversos institutos technicos, cada qual mais rico e mais bem preparado para a divulgação da sciencia applicada. (1)

O grande erro da educação justamente denominada latina — é repousar num erro psychologico fundamental: imaginar que a recitação de manuaes desenvolve a intelligencia (2). Desde então procura-se aprender o maior numero possivel de manuaes; e da escola primaria ao doutorado ou á aggregação, o estudante só cuida de engorgitar o conteudo dos livros sem que jamais se exerçam o seu julgamento e a sua iniciativa. A instrucção para elle, consiste em recitar e em obedecer.

*Aprender lições, saber de cór uma grammatica ou um resumo de grammatica, repetir bem, imitar bem, eis, escrevia

(1) Cantanhede de Almeida, ob. cit.

(2) G. Le Bon, Psychologico do Socialismo e Psychologia da Educação.

um antigo ministro da Instrucção Publica, o sr. Julio Simon, uma curiosa educação, na qual todo esforço é um acto de fé perante a infalibilidade do mestre. (G. Le Bon, Psychologia das Multidões edição, da Livraria Garnier).

Em vez de preparar homens para as luctas da vida, a escola só os prepara para funcções publicas em que o exito não seja nenhum vislumbre de iniciativa. Na parte inferior da escala social, ella forma esses exercitos de proletarios descontentes da sua sorte e sempre promptos a se revoltarem; na parte superior, a nossa burguezia frivola, sceptica e credula ao mesmo tempo impregnada de uma confiança supersticiosa no Estado providencia.

O Estado que fabrica, á custa de manuaes, todos esses diplomados, pode utilizar apenas um pequeno numero delles e deixa forçosamente os outros sem emprego. Cumpre, pois, resignar-se a nutrir os primeiros e a ter por inimigos os segundos. Taine, citado por Le Bon, mostrou claramente que a educação franceza de outrola, era, mais ou menos, o que é hoje a educação inglesa ou americana, e, num paralelo bem traçado, entre o systema latino e o systema anglo-saxão nitidamente indicou as consequencias dos dois methodos.

Poder-se-iam, talvez, aceitar todos os inconvenientes da educação puramente classica, mesmo que ella só produzisse desclassificados e descontentes, si a perfeita recitação de manuaes elevasse o nivel da intelligencia. Mas, consegue ella realmente esse resultado? Não, infelizmente! O julgamento, a experiencia, a iniciativa, o caracter são as condições de exito na vida, e não é nos livros que as aprendemos.

Os livros são dictionarios uteis a consultar, mas é inteiramente superfluo armazenar no cerebro longos fragmentos. (3)

Como pode a instrucção profissional desenvolver a intelligencia numa medida que escapa á instrucção puramente classica? Taine muito bem o mostrou nas linhas seguintes: «As idéas só formam no seu meio natural e normal; o que faz vegetar o seu germen, são as innumeras impressões sensiveis que o rapaz recebe todos os dias — no atelier, no tribunal, no cartorio, no estaleiro, no hospital, ao espetaculo dos utensilios, dos materiaes e das operações, em presença dos fregueses, dos operarios, do trabalho, da obra bem ou mal feita, dispendiosa ou lucrativa. Eis

(3) G. Le Bon, Psychologia das multidões.

as pequenas percepções particulares dos olhos, do ouvido, das mãos e mesmo do olfato, que involuntariamente recolhidas e surdamente elaboradas, se organizam nelle, para suggerir cedo ou tarde, tal combinação nova, simplificação-economia, aperfeiçoamento ou invenção. De todos esses contactos preciosos, de todos esses elementos assimilaveis ou indispensaveis, o joven francês se acha privado, e justamente durante a idade fecunda: durante sete ou oito annos, elle fica sequestrado numa escola, longe da experiencia directa e pessoal que lhe teria dado a noção exacta e viva das cousas, dos homems e das diversas maneira de maneja-los.

... Pelo menos nove em dez perderam o tempo e o trabalho, muitos annos de vida e annos efficazes, importantes ou mesmo decisivos.

Contaes primeiramente a metade ou os dois terços daquelles que se apresentam a exame, quero dizer, os reprovados; em seguida, entre os approvados, dotados de «brevet» ou diploma, ainda a metade ou os dois terços, quero dizer, os fatigados. Pediu-se-lhes demais, exigindo que em determinado dia, sentados numa sala ou diante do quadro negro, fossem, no espaço de duas horas e para um grupo de sciencias, repertorios vivos de todos os conhecimentos humanos. Com effeito, elles foram isso, ou mais ou menos, naquelle dia, durante duas horas... Mas, um mez depois já não o são. Não se poderiam submeter a novo exame. Os seus conhecimentos, numerosos e pesados em demasia, dissipam-se incessantemente do seu espirito, e elles não adquirem novos. O seu vigor mental enfraqueceu; a seiva fecunda seccou; o homem feito apparece e muitas vezes é o homem acabado. Este, tranquillo, casado, resignado a girar em circulo e indefinidamente no mesmo circulo, concentra-se no seu officio restricto. Exerce-o correctamente; nada mais. Tal é o rendimento médio. Certamente a receita não equilibra a despesa.

Na Inglaterra e na America, onde, como outrora antes de 1789 em França, se emprega o processo inverso, o rendimento obtido é igual ou superior.

No Hospital, na mina, na manufactura, junto ao architecto, ao homem de lei, o discipulo, admittido com pouca idade, faz a sua aprendizagem e o seu estagio, pouco mais ou menos como entre nós um escrevente no seu cartorio ou um pintor no seu «atelier». Previamente e antes de entrar pode seguir um curso qualquer geral e summario, afim de ter um quadro prompto para nelle collocar as observações

que pouco depois irá fazer. No entanto, ha ao seu alcance alguns cursos technicos que elle poderá seguir nas suas horas livres, afim de condemnar, pouco a pouco, as experiencias quotidianas que faz. Sob semelhante regimen a capacidade pratica augmenta e desenvolve-se por si mesma, precisamente no grau que corresponda ás facultades do alumno, e na direcção exigida pela sua futura carreira, pela obra especial a que elle tiver de se applicar. Destarte, na Inglaterra e nos Estados Unidos, o joven consegue revelar todas as provas de sua capacidade. Desde cedo, si a substancia e o fundo não lhe faltam, elle é, não só um «executante» util, como tambem um emprehendedor expontaneo — não só um mecanismo, como tambem um motor. E Taine chegou á conclusão seguinte sobre os inconvenientes cada vez maiores da chamada «educação latina».

«Nas tres phases da instrucção, para a infancia, a adolescencia e a mocidade, a preparação theorica e escolar nos bancos, por meio de livros, prolongou-se e sobrecarregou-se. E' a applicação de um regimen anti-natural e a anti-social. Atrazo excessivo da aprendizagem pratica, internato, exercicio artificial, trabalho exhaustivo...

E isso se pratica com abstracção do mundo real, do ambiente em que o mancebo vae agir, sem estar previamente equipado e fortalecido para o «conflicto humano». Esse equipamento indispensavel, essa acquisição mais importante do que todas as outras, essa solidez do bom senso, da vontade e dos nervos, não é dada pelas nossas escolas.

De sorte que a estréa do joven estudante na sociedade e os seus primeiros passos no campo da acção pratica, são, ás vezes, uma serie de quedas desastrosas... Elle fica abatido e, por muito tempo, contundido. E' uma provação rude e perigosa. Altera-se o equilibrio moral e mental vem a desillusão muito rapida... Foram grandes em demasia as decepções, muito fortes os dissabores!

Crear a possibilidade de multiplicar as actividades productivas é, evidentemente, concorrer não só para a riqueza individual, proporcionando ao cidadão maiores elementos de resistencia na luta economica, como tambem assegurar indirectamente a prosperidade da Nação.

O homem, que alem da sciencia adquirida, consegue uma tecnica qualquer, torna-se proprietario de um verdadeiro capital immaterial, insusceptivel de ser roubado ou perdido. Não é essa uma opinião individual, mas antes, em outros termos,

repete o que já tem sido dito e redito, como entre nós, por Camillo Prates, Ephigenio de Salles, Eurico Valle, José Augusto, Azevedo Sodré e outros, que, em nosso Parlamento, com brilho e maior autoridade, tiveram oportunidade de sustentar tal idéa. Seria injustiça não salientar, especialmente, um dos seus mais esforçados paladinos, o deputado Fidelis Reis, que, em 1922, assim acertadamente justificava a lei que propoz: «Precisamos convencer-nos de que a cultura académica, classica especulativa e literaria não nos basta. Profissionalizar o nosso ensino, para fazer de cada brasileiro um factor de effectivo valor social e economico, temperando-lhe, ao alvorecer para a vida, o physico e o character ao contacto das realidades, na aprendizagem dos trabalhos manuaes—esse deve ser o ponto de partida da grande obra reformatória.» (O ensino profissional, p. 20).

Vale a pena referir aqui o que a respeito pensava o espirito eminentemente democrata do notavel administrador que foi João Pinheiro: «Francamente, as amarguras do presente, a pobreza geral, a situação precaria das classes chamadas liberaes não têm outra explicação mais nitida do que o ensino, socialmente errado, que nos tem sido fornecido. Ha mister reorganiza-lo, de modo a garantir ao homem a mais completa independencia, ensinando-lhe desde cedo a contar, principalmente, comsigo mesmo, com a victoria das suas energias na luta da vida, tal como ella é, visando o seu bem estar individual e o serviço da familia e da Patria.

O exito das raças fortes, notadamente a anglo-saxonia em seu ramo mais novo—a America do Norte—resulta essencialmente, da feição pratica, positiva, profundamente real com que, desde a escola primaria até a aprendizagem superior, se conduzem a intelligencia, o character e o coração da mocidade guiados para triumpharem na vida.

O que se procura com o ensino moderno desde o primeiro dia em que o joven transpõe o limiar da escola, é aproxima-lo, cada vez mais, da vida; arma-lo todos os dias para a sua luta impiedosa; despertar na consciencia juvenil o valor da sua individualidade; fornecer-lhe em cada aula, uma noção real, que elle, ao sair della, poderá experimentar, reconhecendo a sua superioridade em relação aos que ignoram. A instrucção actual, segregando-os do mundo, estiola as iniciativas dos moços na decoraçào melancolica de livros, por longo espaço, para depois de muitos annos os pais que fizeram ás vezes, sacrificios inauditos com seme-

lhante educação, ao receberem os filhos com os estudos concluidos, iniciarem a segunda *via dolorosa* — de conseguir um emprego para o que por si não sabe viver no mundo de que o arredaram. Conseguido este emprego de salario limitado, com elle vêm os desanimos dos destinos restrictos, da inutilidade dos grandes esforços para coisa nenhuma, da tristeza que a dependencia gera: e é assim que se vai sacrificando a mocidade intelligente e com ella o futuro das familias e o da sociedade. Muita razão tinha Marco Aurelio, quando dizia que lhe era muito mais agradavel ver chegar ao porto uma nau desarvorada, sem mastros, com a cordoalha rota, as vellas em frangalhos, do que assistir á entrada de um navio novo, bem pintado, com os bronzes dourados pelo sol e o pauno enfunado pela briza mensageira. A primeira symboliza a resistencia, a força, o triumpho, a victoria. Tinha lutado com o temporal, desafiado os raios, sentido o abraço titanico das ondas. A outra não: representava apenas, um barco cuja solidez não se tinha ensaiado e que boiando como cousa inerte, sobre a lamina tranquilla das aguas mortas, ninguem sabia quanto valia nem se seria capaz de reagir contra o ataque traiçoeiro e vehemente da vaga...

M. Liard, eminente parlamentar francez, em seu brilhante discurso justificando o novo plano de estudos secundarios disse: «Não renunciamos pela educação secundaria francesa a nada do que constituiu o orgulho e a gloria da nossa raça; nem ao gosto, nem á clareza, nem á logica, nem á imaginação, nem, como afirmou M. Georges Leygues, o ministro que iniciou esta reforma, «ao culto da razão livre e clara, e nem á procura da belleza harmonica e simples em todas as manifestações do pensamento. Renunciamos, sim, á rhetorica vã e formalistica, porém conservámos a eloquencia.»

Queremos, continua M. Liard, que os moços de França sejam aptos para ver com exactidão as realidades da natureza e as da humanidade, que «sob a palha das palavras, como dizia Leibniz, elles saibam descobrir o grão das coisas, que se habituem a constatar os factos comprehendendo-os; a saberem como esses factos se produzem, como se ligam, como se modificam e porque meio o homem pode sem illusão esperar e alterá-los.

Queremos que progressivamente, no decurso de seus estudos elles percebam pouco a pouca a realidade das coisas; que levem ao collegio um certo numero de noções jus-

tas sobre o que é o homem na natureza, seu tempo na época, sua nação entre as nações, seu paiz no mundo e o mundo em relação a seu paiz, e que elles saiam não como passaros assustados de uma gaiola fechada para o espaço desconhecido.

Queremos com uma provisão de ideal sem chimera, que elles tenham conhecimentos positivos não somente comprehendidos para exprimir, porem para agir». «Aproveito a manhã de sabbado, escreve Demoulin para ir visitar uma mina de hulha, que está situada na visinhança de Hawthornden.

Durante esta visita, travei conhecimento com um primo do director da mina, joven inglês que explora um run de carneiros em Nova Zelândia. De dois em dois annos, vem passar dois meses na Inglaterra. Gosta muito da Nova Zelândia e lá se fixou definitivamente. «E' a verdadeira vida», disse-me elle. Pergunto-lhe o que o seduz naquella existencia. A *independencia*, responde sem hesitar. Bem vêm como a necessidade de independencia é o que domina toda a vida do inglês; pode virar-se e revirar-se o problema, chega-se sempre a esta solução.

Pergunto-lhe qual é o melhor meio de triumphar nesses paizes novos.

«E' começar como simples operario, guardador de carneiros. Foi assim que elle proprio começou e, notem que elle pertence a uma boa familia da burguezia. Mas bem sabem que, para o inglês, não ha mister máo a não ser o que não dá dinheiro». (Os anglo-saxões, causas da sua superioridade, pag. 205, trad. port.)

Página singela, esta, nem por isso deveria de ser ensinada á mocidade brasileira, tão céga no que se prende aos verdadeiros rumos que deve tomar na vida em face de um paiz novo e cheio de possibilidades como o nosso.

Demoulin faz, a proposito, a seguinte observação quanto aos francezes:

«Creio que os nossos filhos-familia não devem gostar muito desta maneira de entrar numa profissão; é, todavia, a boa, a que conduz ao exito tantos jovens anglo-saxonios». (Pag. 207).

Mais adiante faz o sociologo francez uma observação que parece vasada para nossa gente: «Entre nós ha gente que se classifica na sociedade chamada selecta, faz-se nobre, dá-se ares de nobreza, abraçando certas profissões e afastando umas tantas outras. Como os indús, que são tam-

bem um povo de castas, nós temos o preconceito de que ha profissões puras, profissões impuras, profissões que elevam e profissões que deprimem.

O exercito, as profissões liberaes, a administração, compõem o primeiro grupo; a industria e o commercio o segundo, e, de facto, pode acrescentar-se-lhe a agricultura, cuja pratica pelo menos abandonamos, bem como a sua direcção effectiva aos arrendatarios, fazendeiros e feitores. Não se vêm os jovens de sociedade emprehender uma obra de colonização. E assim o espirito de casta, de que o snobismo não passa de uma ridicula manifestação fortificou-se entre nós, pela pratica exclusiva de certas profissões e pelo afastamento de algumas outras, o que dá á certa demarcação bem nitida e um signal sensivel». (pag. 217).

Mostra, então, Demoulin, como nos Estados Unidos estas categorias de profissões desapareceram por completo. apreciando-se o homem pela sua iniciativa, operosidade, trabalho e energia, razão porque um Cleveland, um Harding ou um Jefferson puderam chegar a tão altas posições.

João Heeth escreveu, na sua «Verdadeira riqueza das nações», obra das mais notaveis de 1920, «que é da qualidade das industrias numa nação que dependem os limites de seu bem estar.» Vale este principio por dizer que não se trata, para alcançar uma optima situação economica, de ter apenas uma poderosa organização industrial, mas tê-la de accôrdo com a capacidade do paiz e de suas necessidades immediatas. Como chegar a este resultado sem uma perfeita systematização do ensino tecnico?

Si os grandes paizes, provados na experiencia e na pratica de suas formidaveis industrias, dia a dia procuram elevar o operario, o productor, o agente commercial, os technicos de toda especie, como tolerar nos paizes atrazados a manutenção de um *estatu-quo* profundamente nocivo e prejudicial? Ah! está, por exemplo, o systema Taylor, *scientific management*.

Trata-se de um engenheiro norte-americano, Frederic Winslow Taylor, que tem procurado implantar um methodo industrial novo, separando, para o aperfeiçoamento do producto e maior efficiencia da producção, a sciencia do tecnico, da habilidade do operario. Para conseguir um triumpho assignalado, já não basta que o operario seja um espirito arguto, pratico, trabalhador, guiado pela experiencia, que elle considera «a unica fonte de verdade».

Impõe-se o auxilio continuo do tecnico, a assistencia constante do especialista scientifico, porque a industria pode hoje ser batida simplesmente pelo abandono de um porme-nor...

Um exemplo caracteristico offerece-nos, a proposito do taylorismo, Thompson, em seu moderno trabalho -- O sistema de Taylor.

O simples processo de talhar o aço preoccupou durante annos este engenheiro yankee.

Tem-se em vista a poupança de tempo, de esforço, de energia, de trabalho mechanico, de uso dos instrumentos, de material.

A' primeira vista, isto parece, no trabalho de cortar o aço, de somenos importancia. Pois bem: «A exactidão das observações de Taylor acha-se luminosamente demonstrada pelo facto de que as officinas empregando seus methodos, cortam de quatro a seis vezes mais metal, para uma despesa dada, que as officinas adherindo ainda aos antigos methodos».

Este exemplo assignala até que extremos vae hoje a preocupação dos grandes povos no preparo de seu pessoal e na efficiencia de seus methodos industriaes.

A finalidade do ensino profissional parece descansar nesta definição dada por Emerson para qualquer organização: «Achar, para um fim determinado, o homem devidamente qualificado, capaz de imprimir, sob a sua responsabilidade e pelo poder de sua personalidade, o maximo de rendimento aos instrumentos, os mais convenientes de que entenda servir-se».

Emerson acrescenta:

«O homem é, a meu aviso, o factor mais importante do problema. Em que limites, em que logares e em que tempo, em que departamento da actividade humana, é possível procurar e escolher d' antemão o homem que seja apto scientificamente e infallivelmente para occupar um certo emprego?»

Lemos Brito, a quem devo essas observações e citações acrescenta: «O problema é difficil, mas o methodo de Emerson facilita-lhe a solução. Elle busca «standartisar» as profissões, as funções, as condições, as operações do trabalho. Para elle tres quartas partes dos trabalhadores que se entregam ás industrias não estão no seu verdadeiro posto. Sómente 30 % de operarios podem ser considerados inháveis

ou inaptos. Toda a questão está em pôr esses homens nos seus verdadeiros logares.»

O ensino profissional, como pondera Lemos Brito, não deve visar apenas preparar artistas, agentes commerciaes ou technicos: DEVE BUSCAR ADAPTAR AS PROFIS. SÕES A'S APTIDÕES.

O professor James, escreve Elmo Lewis, em sua obra «Para tirar partido dos negocios» — pôz assim os termos do problema: Por qual methodo de preparação se chegará a obter do homem seu maximo de energia util?

Emquanto sómente 5% de individuos são de facto inutilizaveis, não ha mais que uma diminuta fracção dos 95% restantes que seja empregada de molde a dar o seu maximo de energia.

Tal é o problema — tal é a chave da situação tão complexa e tão perturbadora hoje na America. O dia em que tiverdes collocado o individuo ali onde elle possa fornecer o melhor trabalho, nas condições mais propicias a seu rendimento e isto com o salario o mais vantajoso para elle, tocareis o fim, tereis assegurado a este homem mais alegria e bem estar, e á sociedade maior proveito. (1)

Diderot nunca foi maior, nem mais util á humanidade, do que quando levou o seu genio curioso a examinar, peça por peça, machina por machina, da industria de então, para fazer o elogio da machina e da industria do homem, descrevendo, uma e outra, elle mesmo, detalhadamente, na parte opulenta da Encyclopedia que lhe cabia escrever.

Spencer, gozando da clareza de seu genio, e da vantagem de haver vivido até poder espiar o seculo XX, sentiu, com grande vehemencia, o valor da machina e da industria. Discorreu larga e elegantemente sobre ambas, e viu nellas a salvagão unica da civilização europeá anniquillada financeiramente pela febre de armamentos que a levariam, como foi o caso mais tarde, á hecatombe da grande guerra.

A arma de fogo destruiu o feudalismo das terras.

O trem de ferro destruiu o regionalismo das cidades, e trouxe um gráo novo de uniformização dos povos.

A navegação a vapor trouxe, de outro lado, uma noção nova de direito, intensificandó o commercio de productos, e

1) Lemos Brito, ob. cit. (pg. 47).

uma nova noção de patria intensificando o intercambio dos povos.

Falei nessas coisas, por querer fundamentar o valor dos meios materiaes de acção, ao mesmo tempo que quiz relembrar o descuido em que têm andado os maiores pensadores em bem se aperceberem da eficiencia desses meios como propulsores do progresso, como realizadores de vontades e como legitimadores de aspirações. (Vicente Licinio Cardoso, Pensamentos Brasileiros — Machinas e Sociedades).

As grandes reformas sociaes dos povos do planeta dependem intrinsicamente da invenção e utilização de novos meios materiaes de acção desses mesmos povos. E, o desenvolvimento amplo dessa afirmação constituiria nada menos do que um interessantissimo e original esboço schematico da historia dos povos, encarada como *historia de organismos sociaes* (Vicente Licinio Cardoso, ob. cit. pag. 253.)

«Nos ultimos tempos, assignala José Ingenieros, o extraordinario pensador argentino, ha pouco fallecido, foi immensa a floração dos ideaes pedagogicos. Uma preocupação central, porém, dominou todos os estudos theoreticos e os ensaios praticos: — a função social da educação publica. Sob varios rotulos, visavam o mesmo fim — a introdução dos trabalhos manuaes na escola primaria, a adaptação desta e dos institutos secundarios aos caracteres da economia regional, a criação de institutos superiores destinados a provocar aptidões uteis em seu meio. E, ao passo que dessa maneira se procurava dar capacidade manual e technica á população, se faziam esforços para que uma cultura maior passasse da aula á sociedade, por meio de extensões escolares. Em outras palavras—procurava-se desenclausurar, transfundi-la na vida social e augmentar suas applicações uteis ao bem estar effectivo dos homens».

Depois de Froebel e Pestalozzi, outros notaveis educacionistas surgiram, abrindo extensos clareiros nos methodos da pedagogia applicada.

Assim, apesar das resistencias oppostas pela rotina espessamente sedimentada, e que impediu, em seu tempo, triumphasse o systema da «Educação Integral», ensaiado, com apostolica tenacidade, por Paul Robin em Cempuis, já vem hoje victoriosa a nova tendencia educacional que, considerando o trabalho uma função de utilidade publica, procura habilitar a criança para as occupações e utilidade social im-

mediata e torna dest'arte a escola um verdadeiro seminario de homens capazes de lutar no largo scenario da vida.

Estão nessa ordem de considerações os estudos e as experiencias feitas por Ovide Decroly, em Bruxellas, e notadamente por Ferrière, no Instituto J. J. Rousseau, em Genebra, com a sua chamada «Escola Activa»,—que se funda na iniciativa ao trabalho tanto manual como intellectual, procurando desenvolver na criança a energia creadora.

«E», ensina o seu autor, a actividade escolar da criança enxertada nos instinctos, nas suas tendencias dominantes, na sua «vontade de viver». Quebraram-se deliberadamente os antigos moldes escolares para basear o estudo nas actividades vitaes da criança e do homem, em sua complexidade e em sua reciprocidade psychologica e sociologica, ensinando o individuo a trabalhar solidariamente e para um fim de utilidade social.»

Esse movimento innovador, que teve a sua consagração plena no Segundo Congresso da União Internacional de Protecção á Infancia, já se irradiou por toda a Europa, e pela America também, representando uma notavel revolução no dominio da hodierna pedagogia.

«O progresso mais importante realizado nos ultimos annos nos systemas de educação, assevera o professor Eliot, é a individualização da instrucção, de maneira a encontrar as necessidades indispensaveis e a desenvolver as faculdades e as capacidades de cada alumno, em cada etapa do seu desenvolvimento».

E, completando essas explicações, dizia Henri Piéron, em conferencia ha pouco realizada no Rio: «A indicação das características individuaes começa pela determinação das características mentaes, provindo dahi o papel dos tests. Esses, porém, só revelam o mecanismo da intelligencia, não mostram o elemento affectivo do caracter. Ahí o papel do mestre é immenso. Para ter, entretanto, a sua verdadeira importancia, é preciso que o meio escolar não seja artificial e frio, mas o mais approximado possivel do meio social. Deve-se, antes de tudo, julgar a criança pelas qualidades activas, dando-lhe, pois, iniciativa e possibilidade de orientação.»

Participam desta mesma orientação pedagogica moderna, nos methodos norte-americanos de redescoberta, p[ro]t[et]o, tardatarios technicos, o processo dos tests, bri^o ensaiado no Districto Federal, e ainda os aude^o hndimentos educativos feitos por Lunatcha^o o. orientação. Arço de 1923

menso laboratorio de experimentação social que é a Russia dos Soviets. (1)

M. Liard traça um confronto entre as educações secundarias modernas de França e dos Estados Unidos, dando-nos a idéa exacta da evolução operada nesse ramo do ensino publico naquelles paizes.

Partindo de polos oppostos, um de educação puramente classica e outra de uma nitidamente technica, chegaram nestes 10 ultimos annos ao ponto de junção, que é o ensino secundario moderno, isto é, aproveitamento racional das virtudes educativas das materias classicas, scientificas e technicas ministradas por methodos intuitivos para effeitos praticos.

Realizaram, assim sem pretensão a um encyclopedismo impossivel, a verdadeira cultura integral feita em partes proporcionaes a dos dois objectos do espirito, o ideal e real, ás duas faculdades principaes da intelligencia, a imaginação com a deducção e a indução com a observação (Dr. Alvaro Rodrigues, Inspector do Ensino Technico Municipal do Districto Federal, Projecto de Regulamento do Ensino Secundario).

Em que proporção, porem, devemos equilibrar o ensino tradicional e as novas disciplinas scientificas e technicas?

Nenhum pedagogo de genio ainda formulou essa proporção e por isso a discussão continua no mundo inteiro.

A experiencia franceza (mais uma vez) não deixa de apresentar um exemplo esclarecedor.

Pela reforma Leygues, dividiram-se os cursos secundarios em sectores de letras, das velhas humanidades, e das sciencias.

A principio os alumnos affluiram para o novo sector, o das sciencias. Depois de uns annos de experiencia, os sectores literarios se povoam, em detrimento dos outros. Porque? Porque os paes de familia e os proprios rapazes reconheceram que o ensino das sciencias e artes era muito lateral, fazia conhecidos disso ou daquillo, e não homens instruidos. Os homens instruidos vencem na concorrência, porque são de mais comprehensão e facil assimilação.

que se deduz dessa e de outras experiencias é que é

preciso estabelecer, sem pretensão a um encyclopedismo impossivel, a verdadeira cultura integral, feita em partes proporcionaes a dois objectos do espirito, o ideal e o real.

A nova civilização technica, exige conhecimentos especiaes de hygiene, agronomia, mechanica, desenho, trabalhos manuaes.

Em que medidas conciliar essas necessidades com a cultura das sciencias em geral e das humanidades? (1)

E' o problema. Mas o que o bom senso indica é que a proporção que a humanidade avança na civilização, a codificação de sua experiencia se torna mais complexa. Ora, que é o ensino se não a transmissão das formulas de saber estabelecidas pelos nossos antepassados e pelos contemporaneos mais sabios? Si, portanto, a civilização é cada vez mais complexa, o ensino não pode deixar de acompanhar essa evolução. Suppôr que o ensino chamado technico resolve tudo, é um erro grosseiro, por outro lado. O que é o ensino profissional? A theoria das artes machanicas. Ensina então desenho, trabalhos manuaes, etc.

Ora, tudo isso só tem applicação progressiva quando o possuidor desses conhecimentos tenha intelligencia capaz. Essa intelligencia não se forma só no ensino profissional e technico; só é despertada e constituida no ensino geral. E' por isso que os cursos primarios, em toda parte, vão tomando aspecto cada vez mais complexo.

Mas como a civilização technica de hoje exige conhecimentos mechanicos e correlatos em grande parte dos officios, a tendencia é, não só para tornar o ensino technico obrigatorio depois da escola primaria, como para introduzir esse proprio ensino nos cursos primarios e gymnasiaes. Assim, as novas leis tornaram obrigatorio na Prussia e na Inglaterra o ensino technico, depois do curso primario para os que não se destinam aos cursos secundarios e superiores. (2)

Ao mesmo tempo, na Inglaterra e na Prussia, como na Australia, na França, nos outros estados allemães, nos Estados Unidos, na Suissa, na Belgica, o ensino technico ja penetrou nas escolas primarias, nos proprios lyceos e escolas normaes.

E' que o ensino technico, tendo por fim habilitar os cidadãos para funcções imprescindiveis na civilização moderna,

(1) Victor Vianna, o Ensino Profissional. A nova orientação.

(2) Victor Vianna, *in* revista. «A Educação», março de 1923

não pode ser dispensavel. Mas em tudo é necessario não perder o senso da proporção, base de toda a pedagogia.

Os literatos, os publicistas, os juristas, os scientistas, os philosophos os medicos, os professsres de sciencias e letras, os funcionarios, os banqueiros, os commerciantes, tão uteis e insubstituiveis na sociedade moderna, como os individuos de outras profissões, não carecem, na mesma proporção, do que se chama ensino tecnico.

Por isso, as legislações prussiana e ingleza tornam compulsorio o ensino tecnico, menos, porem, para os que se vão applicar a estudos secundarios e superiores. (1)

Não obstante, como a tendencia é para dar nas escolas primarias, gymnasios e institutos normaes as noções essenciaes de theoria e execução de trabalhos manuaes, industria, agricultura, artes mechanicas etc., nos paizes modelos, os que são considerados isentos da obrigatoriedade dos cursos technicos não deixam de receber os rudimentos indispensaveis.

Ficam livres da frequencia compulsoria das escolas espectaes, mas já receberam noções geraes nas escolas primarias e secundarias.

De sorte que, como adverte Victor Vianna, não ha nenhum absurdo no projecto que foi apresentado pelo representante de Minas Geraes ao Congresso Nacional, o sr. Fidelis Reis, exigindo uma prova de habilitação tecnica para a matricula nas escolas superiores. O illustre deputado mineiro acompanhou apenas a tendencia geral da moderna pedagogia.

Na Inglaterra e na Russia ha isenção da obrigatoriedade, porque lá, quando os estudantes chegam aos cursos superiores, já possuem os conhecimentos technicos indispensaveis. (2)

A tendencia da pedagogia moderna, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suissa allemã, na Prussia e nas excellentes e ultimas reformas de Hamburgo, é de dividir o que chamamos o curso tecnico em duas partes: *uma geral*, outra de *applicação*. (3)

Muitas escolas nos Estados Unidos ficam nesse curso geral, de habilitação tecnica para todos os officios mecha-

(1) Victor Vianna, ob. trab. cit.

(2) Victor Vianna, trab. cit.

(3) Victor Vianna, trab. cit.

nicos e manuaes, achando que ali deve cessar a acção do Estado.

O que não resta duvida, porém é que para um rapaz intelligente que estuda numa escola superior, a *habilitação geral* será mais efficiente. Elle prepara para to os os officios, habilita contra-mestres e chefes. A applicação para um officio particular para os que vão ser operarios é rapida.

O projecto Fidelis Reis obedece a um plano de conjuncto, que concorda com a pedagogia moderna.

O representante mineiro foi ás escolas superiores, que são o que temos de mais representativo. Essas escolas ainda são lamentavelmente deficientes.

Cumpra reforma-las, para que possam continuar a ser o que são e o que continuarão a ser: as casas de educação da *élite*.

Cumpra tambem ampliar o curso superior, fazendo uma universidade com faculdade de philosophia, letras, sciencias, historia, com gymnasios novos, com gymnasios technicos e altos estudos de pedagogia. A nossa elite só pode seguir profissões tradicionaes. Entretanto, o projecto Fidelis Reis tem a vantagem de habilitar os nossos doutores em technica moderna (1).

De modo que os *ratés* dos cursos superiores, os que frequentavam escolas superiores sem vocação para letras ou sciencias, poderão aproveitar a sua habilitação tecnica em carreiras industriaes. Só os *ratés* é claro. Porque os outros continuarão as carreiras liberaes, que são as mais rendosas, depois das carreiras do commercio, do alto negocio e do emprego de capital.

E' certo, no entanto, que as profissões liberaes só dão para alguns privilegiados; e, por isso, convém encaminhar os outros para os trabalhos technicos.

Seria, porem, absurdo pretender voltar ou reduzir a operario o candidato ao titulo de doutor, com o gráo recebido ou não.

O academico quer pertencer á elite do paiz, e nunca se submeterá sem revolta a outra condição. O que elle pode aspirar é a uma alta posição na industria, em certos ramos technicos de commercio, de lavoura, postos de chefia e de consulta. Já hoje vimos muitos bachareis e doutores occupando esse cargo, embora sem competencia tecnica.

(1) Victor Vianna, trab. cit.

A habilitação técnica *prévia* do projecto estabelecerá uma corrente maior das cousas superiores para os altos postos das carreiras activas. (1)

A alta possibilidade do projecto Fidelis Reis está na possibilidade que entrebre da formação dessa corrente. Por isso, mesmo, seria preferível que o projecto, na redacção final, falasse em *prova de habilitação técnica*, e não na pratica de um officio.

E é facil explicar porque. O fim do ensino é melhorar, robustecer mental e physicamente o homem....

Sob o ponto de vista que nos occupa neste momento, o ensino virá augmentar e aperfeçoar a capacidade de trabalho.

Ora, a pratica de um officio é o que ha de mais rotineiro no mundo. Quando se proclamam os beneficios do ensino tecnico profissional nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suissa, na Belgica, na França, no Japão não é o ensino de *officios* que se exalta. Nesse caso, a escola seria mera substituição do aprendizado e teria essa funcção quando as condições sociaes o exigissem, mas como pedagogia falharia sempre.

Temos, entre nós, o exemplo de muitas escolas profissionais e de artifices, que só duram como aprendizado ou assistencia.

Escolas de artifices que ensinam officios como qualquer officina decahem, logo que não pagam salarios.

Decahem, porque têm funcção identica ás praticas das officinas.

O ensino tecnico moderno não tem esse objectivo. Não estão compenetrados de sua missão os que pensam procurar apenas ministrar a pratica de um officio (2).

O ensino tecnico é uma propedeutica geral: — dá a theoria das artes mechanicas dos officios correlatados e accessorios, e faz, assim do contra-mestre, e do operario, artifices conscientes, maneando a arte com pleno conhecimento scientifico. Só depois desse preparo geral é que a pratica particular de um officio intervem e tem cabimento. Nesse caso, essa pratica já se realiza com outra visão, com outro ponto de vista, com outros elementos.

(1) Victor Vianna trab. cit.

(2) Victor Vianna, ob. t'ab. cit.

A instrucção técnica moderna não pretende fazer um carpinteiro como o póde fazer a officina commum; então só poderia ser util nos paizes de crise de aprendizagem, quando os syndicatos operarios não permittam mais a admissoão de menores e aprendizes. Nos paizes como o nosso, nos quaes essa crise ainda não se accentou, o ensino seria inutil porque o aprendizado é mais pratico e resolve de modo mais vantajoso para o candidato o problema da collocação. O fim do ensino tecnico é outro...

E' de, pela complexidade harmonica das noções de mathematicas, trabalhos manuaes, desenho, artes mechanicas, etc. aperfeçoar a visão, a tecnica, a sciencia e a arte do mestre, do artifice. O operario passa a ser um homem instruido e consciente, que sabe o que faz e porque o faz. Torna-se, pois um elemento de progresso tecnico nas officinas e no paiz. (1)

O nível geral da cultura e da civilização se eleva, e o trabalho não só se nobilita, como tambem se torna mais efficiente e remunerador.

O operario obtem naturalmente salarios altos, educação, *modos, habitos de burguês*, passa a pensar como os outros, deixa de ser classe inferior.

Para fazer operarios e artifices como os antigos, não haveria necessidade de escolas technicas, senão para attender á crise de aprendizagem. O nosso fito hoje é diverso. (Victor Vianna, trabalho cit.; J. M. Gomes Ribeiro, Formação e Cultura; Lemos Brito, Ligeiras considerações sobre o ensino tecnico).

Assim deve o Estado encarar a questão do ensino profissional. Sem desvirtuar, porém, esse programma, seria talvez mais aconselhavel, como se pratica no Rio Grande do Sul, que o ensino tecnico fosse ministrado não só de um modo geral, como tendo em vista as necessidades de côr determinadamente regional.

Para isso se torna necessario o levantamento rigoroso das diferentes zonas geographicas do Estado, de accôrdo com a sua producção.

De modo que o alumno, depois do preparo geral, ao entrar na segunda phase do curso tecnico — a de applicação, (systema da reforma de Hamburgo) especializasse a sua funcção, conforme as necessidades da sua zona.

(1) Victor Vianna, trabalho cit.

De começo, essa diferenciação não tinha essa importância, por isso que, dado o estado incipiente das indústrias, entregava-se cada homem a varias funções tendentes á realização de um mesmo trabalho.

Mas o progresso das indústrias manufactureiras e agrícolas, o desenvolvimento do commercio, na organização das grandes empresas e no fomento das relações internacionaes de caracter economico, determinaram a especificação das funções e a necessidade de ter cada homem, entregue a uma finalidade pratica, uma instrução especial.

O imperio sempre crescente do homem sobre as coisas, no dizer de Ives Guyot, tem imposto aos governos de todos os paizes o estudo metuculoso e profundo dos meios aptos a darem ás grandes massas humanas a indispensavel habilitação para o *struggle for life* (lemos Brito. ob. cit.). Surge, entretanto, outro problema, que, no seu condicionamento geral, prende-se ao problema do ensino no Brasil.

A mesma vastidão da terra, o mesmo disseminado da população diversa e desassimilada, o mesmo numero vertiginoso de analphabetos, collocam a solução scientifica do problema em uma inexoravel dependencia de sua solução economica.

O aparelhamento completo do serviço de educação popular, attingindo a cifras inacreditaveis, romperia com os mais solidos orçamentos.

A luta contra o analphabetismo e a falta de aparelhamento para a vida moderna, está assim jungida a esse embaraço invencivel. Empenhadas na ardua solução do problema duas correntes se destacam, entretanto, no Brasil. (:)

Uma dellas sacrifica as linhas essenciaes do problema, fixando-o dentro das condições brasileiras, para uma solução, a que o governador Côes Calmon, chama *economica*, forçadamente incompleta e deficiente nos resultados do ensino que ministra, mas completa na disseminação desse ensino. A outra aceita o problema na sua integridade e resolve-se parcialmente, para uma fracção da população escolar.

Solução extensiva ou intensiva, ensino primario incompleto para todos ou ensino primario integral para alguns, esse o dilemma atirado ao legislador e ao administrador pelas condições brasileiras do problema.

São Paulo, com a reforma Washington Luis, escolheu a primeira solução.

Empreheu uma organização economica do ensino pri-

mario: curso de dois annos (grupos escolares), idade escolar de 9 a 10 annos e escolas multiplicadas por toda a extensão do territorio paulista.

A educação popular redazida a uma alphabetização trepidante de dois annos, mas assegurada a diffusão completa do ensino.

A experiencia paulista valerá, pelo menos, por uma experiencia utilissima.

Com a outra corrente, comprehendidas soluções de ordem intermediaria, está, ainda, a maioria dos Estados brasileiros.

Busca-se, então, menos que uma diffusão impossivel, uma educação popular efficiente, capaz de reerguer o nivel do paiz, tornando cada cidadão um valor novo da produção nacional. (Góes Calmon, Mensagem cit.)

Em São Paulo, onde circunstancias especiaes crearam um ambiente de progresso geral, é possivel que uma simples alphabetização seja o degráo indispensavel mas efficaz para um desenvolvimento intellectual que marchará dahi em diante, continuamente, auxiliado por mil e uma circunstancias E' possivel.

No meio brasileiro do norte, (como no Paraná, Santa Catharina) porém, a iniciação de um homem no jogo, mais ou menos complicadado das letras do alphabeto e o conhecimento rudimentar da arithmetica, da geographia e da historia fornecem-lhe, apenas, um instrumento cujo uso lhe não foi ensinado. (Góes Calmon, Mensagem, cit.)

Armado d'elle, esse homem inculto e primitivo será, na sociedade, mais fragil e mais desadaptado ás condições de vida.

A instrução parcialissima que lhe deram, revelou-lhe certo, um mundo novo de aspirações e conquistas, mas sob o angulo limitado da sua visão esse novo mundo é, apenas, uma oportunidade de inquietações e de perturbações (Góes Calmon, Mensagem cit.)

O novo alphabetizado será um brasileiro mais infeliz e menos adaptado do que o ignorante anterior. Retirado do seu mundo elementar e sem azas seguras para attingir os progressos que o fizeram antever, será um elemento de desequilibrio social, preza de todas as utopias e de todos os erros que inquietam a sociedade de hoje e que o fascinarão irremissivelmente. (Góes Calmon, Mensagem cit.)

Será segundo julga o governador Góes Calmon, essa

instrução incompleta, o modo de mais efficientemente nos prepararmos um ambiente propicio á exploração socialista ou bolchevista. O analphabetismo nos merece mais alongado tratamento.

E acrescenta o governador Góes Calmon, referindo-se á solução do problema na Bahia: «Já que a isso nos obrigam as condições materiaes de nossa vida publica, seja o problema resolvido parcialmente.

O escol cultivado de nosso povo tenha, porém, nas suas qualidades civicas o traço profundo da nacionalidade; nas suas qualidades de acção a tempera de uma vontade a que um treinamento intensivo ensinou dirigir-se e fazer-se valer; nas qualidades moraes e intellectuaes, esse aprimorado equilibrio da civilização.

Intelligencia esclarecida, sentido nacional desenvolvido, vontade cultivada e robusta: e mais nitido se erguerá dentro do paiz, definitivamente consolidado esse typo brasileiro que a raça, o clima e o meio já modelaram e já talharam.»

Foi o que visou a reforma do ensino bahiano.

Restabelecendo o ensino em uma organização administrativa forte e efficiente, creando um organismo de ensino primario superior, curso que á sua cór determinadamente regional ajunta a expressão technica de uma escola de ensino profissional generalizado, regulamentando a obrigatoriedade escolar e o ensino particular, unificando o ensino estadual e municipal, a reforma ultimamente elaborada na Bahia é uma promessa de reorganização de serviço que promette os melhores resultados.

A reforma alludida deu ao ensino elementar a duração de tres annos.

Da escola elementar o alumno ascende directamente para a escola primaria superior, a escola que se formará ao sabor das circumstancias locaes, dos usos locaes, costumes locaes, profissões locaes.

Aos que julgarem sufficiente a cultura primaria elementar no seu minimo razoavel, a escola primaria, com tres annos de curso, satisfará.

Para os que comprehenderem que não basta o ensino educativo generalizado, estão abertos os cursos primarios superiores, directamente debruçados sobre as necessidades profissionais do meio ambiente. (Goes Calmon, Mensagem, cit.)

As escolas reunidas, o modico e pequeno grupo escolar trouxe-o a reforma, reconhecendo que a reunião de escolas,

além das vantagens economicas, traz vantagens de caracter pedagogico e de reciproca fiscalização. O grupo escolar, organização mais vasta, ficará para as cidades onde as exigencias sociaes e naturaes solicitarem a sua criação.

Antes, um dos maiores esforços do professor, era o de reter o alumno na escola, pelo menos até o fim do curso primario.

A creança desertava da escola apenas sabia lêr, escrever e contar.

A sociedade elementar onde vivia, dispensava as superfluidades theoricas, que ainda lhe iriam ser ministradas.

Ou, terminado o curso primario, iniciava cedo uma vida de labôr, quando não seguisse directamente para o gymnasio. (Goes Calmon, Mensagem cit.) Entre nós, algumas dessas questões já estão resolvidas.

Cumpre, porem, despertar a attenção dos nossos administradores e legisladores para outra face do problema, visceralmente ligada ao ensino technico moderno: os trabalhos manuaes.

A reforma bahiana acrescentou geometria, desenho e trabalhos manuaes ao curso primario generalizado, ao curso primario superior—a chamada escola regional, para não falar de outros cursos.

Já demonstrámos que a escola de hoje procura desenvolver na creança a sua personalidade, cultivando-lhe a vontade e a intelligencia e armando-a para a vida com um senso pratico de coragem, de iniciativa e de independencia.

Salientámos, sobretudo, a escola americana.

Forte, confiante, a creança americana deixa a escola como um pequenino e emprehendedor homem de trabalho, cheio de iniciativa, «levando mais em conta os resultados de sua actividade do que os cuidados com a sua cultura intellectual.»

Ora, na America, os trabalhos manuaes e desenho têm sido a grande escola de desenvolvimento da personalidade pelo cultivo intensivo da vontade e do pensamento.

Emquanto as escolas theoricas e livrescas desenvolvem a intelligencia e a imaginação, descurando a vontade, a educação americana fortifica sobretudo esta pela acção.

Omer Buyse assim resume a theoria psychologica da educação pelos trabalhos manuaes: «Todo movimento consciente origina-se de uma excitação das cellulas motores do cerebro.

O pensamento sem acção pode desenvolver a imagina-

tiva, mas deixa inculta a faculdade da vontade. A vontade não se pode desenvolver senão pela acção.

Todo movimento muscular repercute nas cellulas do cerebro pelas sensações e se fixa nos centros de projecção sob forma de percepções de imagens.

Para augmentar a receptividade do cerebro, a educação racional exige que se varie a natureza dos movimentos dos trabalhos manuaes, afim de interessar successivamente todos os grupos cellulares. Donde resulta que para desenvolver a região motriz total do cerebro, é preciso multiplicar os exercicios amplos e variados e os regular em ordem a desenvolver a agudeza da sensibilidade e da percepção, fazendo brotar o pensamento e fortificando a vontade.

Si o movimento se torna habitual e passa a ser feito sem reflexão deixa de actuar sobre as cellulas motrizes; d'ahi em diante não tem valor educativo. Não é senão no primeiro periodo de excitação que a acção dos trabalhos manuaes é efficaz. A sua acção se mede pelas reacções mentaes que fazem nascer e pela progressão de reacções que são susceptíveis de procurar. (Citação de Góes Calmon.)

Todas as operações intellectivas: classificação, abstracção, generalização, indução e deducção *a priori* e *a posteriore* se hão de ir succedendo como em fluxo e refluxo, ou como as rythmicas oscillações de um pendulo, nas duas formas de *analyse e synthese*, que são como a *systole* e a *diastole* do entendimento humano.

E Herbart, corroborando estas palavras de Ruiz Amado, aponta-nos como objecto de uma continua elaboração mental os conhecimentos adquiridos desde a infancia, na experiencia dos homens e das coisas, e aconselha que sobre essas operações intellectuaes, expontaneas do alumno, estribem os ensinamentos do mestre. (Góes Ribeiro, Formação e Cultura).

A pedagogia ingleza, fiel ainda ao conceito grego da gymnastica, aponta os exercicios normaes como a primeira e melhor aprendizagem da creança, cuja tendencia é desfazer para tornar a fazer.

Mathews appella para todos os exercicios mechanicos, que possam desenvolver e atilar os sentidos externos. E chegou á conclusão de que o exercicio manual é a base em que deve tomar pé a efficiencia intellectual.

A educação dos sentidos externos, como o ouvido, a vista, o tacto, predispoem o homem a um mais alto grão de

acuidade, nos sentidos internos, que tamanho poder exercem na formação intellectual. Ninguem desconhece o papel que desempenham a imaginação, a fantasia e a sensibilidade na educação do espirito, e como precisam de estar sujeitas a uma disciplina rigorosa.

E' conveniente impôr-lhes moderação, mesmo antes da educação classica, para que não se alastrem, como hervas tropicaes, num terreno inculto. Os sentidos são as portas da alma. As sensações fornecem á intelligencia a materia que ella deve trabalhar.

Da justeza da observação externa, dependerá, em grande parte, a verdade da conclusão interna. E isto em todas as idades e para todos os graos de cultura.

E' muito vêr as coisas, è mais senti-las.

E este sentimento adquire-se pela afinação de todos os sentidos, externos e internos, trabalhando em conjuncto, sob a acção directa da intelligencia, qualquer que seja ainda o seu estado de desenvolvimento.

A creança vê as letras do alphabeto, pode mesmo brincar com ellas quando recortadas em typos de moveis. Separa-as em grupos, pela identidade de forma que observa em muitas dellas, e nasce-lhe no espirito o habito da classificação.

Combina-as, depois, syllabicamente, e nota que ellas traduzem um som, um objecto, uma idéa. E descobre, pela primeira vez, a relação entre o signal e a coisa significada, fazendo assim um exercicio elementar de abstracção, ponto de partida para os vôos da intelligencia, para o dominio creador.

Passa, depois, a escrever esses mesmos caracteres, e novos horizontes se lhe desvendam, que vão muito além dos sentidos corporeos.

Willemann, a respeito dessa operação elementar, adduz conceitos que bem demostram até que ponto da acção dos sentidos se reflecte nas especulações da intelligencia: - Por meio da escripta, a linguagem, cujo natural curso a subtrahia, antes, á reflexão, reconhece-se como um acto complicado, composto de unidades pequenas e maiores (syllabas, palavras). Pela primeira vez, fixa-se o espirito em alguma coisa que não tangivel, e só é perceptivel no signal (o conceito); e desta sorte abre-se para elle a região intellectual que lhe ha de tornar familiar a formação superior philologica.

A aprendizagem de lêr e escrever, offerecer deste modo, uma destreza intellectual, tanto mais importante, quanto vem a ser a primeira *disciplina mentis* que se introduz no espirito infantil.

E com o intellectual, se junta um elemento technico e esthetico.

Ao alumno que aprende a escrever não se lhe propõe sómente o que é recto, mas tambem o que é bello. Com a arte calligraphica, entra nos dominios da fórma, e aprende a moderar e a regular os sentidos e movimentos, conforme um modelo prefixado. A relação da calligraphia com as artes do desenho tem sido diferente, segundo o character da escripta. Entre os chinezes a arte de escrever constitue uma technica artistica completa: as iniciaes da escripta medieval foram o berço da pintura dos miniaturistas. Actualmente, porem attende-se menos á belleza, do que o character firme da escripta como adorno da formação literaria (:)

Afinando os sentidos, disciplinando-os, educando-os na apreciação das obras de arte, continua-se, no homem, esta formação inicial do adolescente. E' ainda a gymnastica, tendo-se em vista, mais do que adolecente. E' ainda a gymnastica, tendo-se em vista mais do que o avigoramento dos musculos, a sua orientação, como famulos dos sentidos. A' simples percepção das coisas, vem juntar-se o discernimento, meio caminho andado para a formação intellectual e esthetica.

A pedagogia moderna creou, neste sentido, a lição de coisas e os jardins de infancia.

Mas a vida inteira, si não é um jardim de flores, é de certo uma lição completa das coisas e . . . dos homens. Convém, te-la sempre diante dos olhos, para della tirar o proveito que a nossa formação requer.

Muitos morrem cegos, porque não souberam vêr; emudeceram outros, porque não souberam ouvir; e outros ainda, por não saberem apalpar forte andaram a tactear a vida inteira... E, para todos, a vida se fechou como um sepulchro, sem que lhe percebessem as reconditas harmonias...

Desta acuidade dos sentidos, nasce o poder de observação, predicado necessario para a sciencia e para a arte. A perfeição origina-se do pormenor; e o pormenor é fructo da penetração dos sentidos. Quem sabe vêr, sabe comprehender. Quem sabe sentir, sabe viver. E a sciencia é a comprehensão da vida; e a arte é o sentimento elevado da propria vida. (1)

(16) J. M. Gomes Ribeiro ob. cit.

No Rio Grande do Sul, para só citar um dos institutos — o de Parobé, no curso technico profissional, supprimiram-se as classes destinadas ao ensino das primeiras letras, que pode ser facilmente ministrado em escolas publicas, e melhoraram-se as condições do curso elementar, que è destinado a preparar os alumnos para o curso technico. Materias basicas, como portuguez, mathematica e, especialmente, desenho, puderam merecer especial cuidado, tendo os alumnos do 4º anno elementar mostrado, mesmo, excepcional aproveitamento em desenhos ornamental e aquarella.

Além dos trabalhos manuaes previstos no regulamento, os alumnos, do curso elementar tiveram ainda aprendizagem nas officinas das secções a que se iam destinar, no curso technico. Isso, como é natural, demonstrou um grande avanço no ensino do curso, porque já despertou nos alumnos do curso elementar grande interesse pelo trabalho technico e os preparou melhor para as aulas desse curso.

No curso technico propriamente dito, notaram-se tambem bons resultados. As aulas praticas de physica, chimica, machinas e motores de electro-technica, foram acompanhadas de abundantes experiencias praticas nos laboratorios de outros institutos do Estado e preparadas especialmente, para que pudessem facilmente ser executadas pelos alumnos de accordo com o gráo menos de cultura que se exige aos alumnos do Instituto Parobé.

Nesse curso mereceram especial cuidado as aulas de mathematica, desenho industrial e aprendizagem, sendo que até aulas especiaes de regua de calculo foram dadas aos alumnos, que assim, pouco a pouco, iriam se habituando a esse util instrumento. (Relatorio da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1924.)

O professor Araujo Lima, não só em diversos Congressos de Ensino, como por occasião de offerecer suggestões á ultima reforma do ensino na União, assim encarou a questão do ensino technico profissional: « O ensino technico—profissional, é iniciado na escola primaria, por meio dos trabalhos manuaes; na escola popular, para permittir o aproveitamento de materias pouco dispendiosas para a execução de utensilios de uso domestico ou industrial, e ainda para facilitar a iniciação nas artes e officios; na escola primaria integral, como deixei expresso, serve para educar os sentidos, o cerebro, a vontade, a confiança no proprio esforço, a destreza, a agilidade technica.»

Mais ahi não se trata senão de recursos educativos.

O ensino profissional propriamente dito tem que ser dado em escolas technicas, que visam habilitar o individuo para a actividade publica. Este ensino technico profissional offerece uma hierarchia, que precisa ser respeitada, e se destina aos dois sexos.

Além do ensino agricola, que já vem sendo propagado, outros serão creados.

No ramo masculino, e numa esphera mais modesta, devem ser creadas as seguintes secções: trabalho em madeira (carpinteiro, marceneiro, torneiro, entalhador); trabalho em metal (ferreiro, serralheiro, caldeireiro, torneiro — mechanic e ajustador); trabalho de typographia, linootypia, photogravura e encadernação; trabalhos em folha e metal (latoeiro, funileiro, chumbeiro, assentador de encanamento e installações sanitarias); trabalhos em tintas e estuque (pintores, decoradores, estucadores); trabalhos em tijolo, pedra e cimento (pedreiro e cantareiro); trabalhos em couro (sapateiro, selleiro, corrieiro); trabalhos em palha, vime, cipós, bambús (empalhador, chapeleiro, cesteiro e fabricante de moveis e artefactos diversos); trabalhos ruraes (jardineiro, hortelão, pomicultor). Em plano mais elevado, exigindo mais cultura, mais intelligencia, mais aptidões: electro — technica (electrecista, instalador de luz e força, construcções de dynamos, pilhas, accumuladores,apparelhos telephonicos, telegraphicos, cinematographicos, radiologicos, de electrecidade medica e de outras applicações); pequena mechanica de precisão applicada a trabalhos em metaes preciosos (ourivesaria, relojoaria, apparelhos scientifico, de optica e acustica, balança, etc. Trabalhos de laboratorio (chimica, biologia, microbiologia, etc.)

Nas escolas femininas haverá sessões para corte e feitiço de roupas grosseiras e finas, bordados e rendas, flores, chapéus, lavagem e engommado, arranjos e serviços caseiros-cozinha, doces, avicultura e agricultura, leite e lacticinios, luvas e gravatas, photographias.

Não se pense entretanto, que se trata de especializar alumnos em uma profissão mechanic qualquer, formando marceneiros, serralheiros ou fundidores.

Estamos esplanando o assumpto sob ponto de vista muito diverso, embora o tirocinio no manejar utensilios e no executar trabalhos manuaes offereça oportunidade de se manifestarem e cultivarem vocações para taes profissões. E' preciso não confundir ensino profissional, ensino technico

com a instrucção do «manual training», do adestramento manual. Ora, o plano do professor Araujo Lima, confunde um pouco as duas noções e, além disso, a sua execução só daria resultados nos grandes centros urbanos.

A LIGA PEDAGOGICA DO ENSINO SECUNDARIO apresentou um plano que, embora trate da adaptação dos trabalhos manuaes á methodologia das diversas cadeiras do curso secundario, aproveita em alguns pontos ao ensino primario e superior, ao ensino ministrado nos Grupos Escolares, nas Escolas Complementares, e nas proprias Escolas Normaes.

1º — Deve ser desenvolvido intensivamente o ensino de desenho á mão livre e com instrumento com caracter obrigatorio.

2º — Deve tambem com o mesmo caracter ser instituido o ensino de modelagem.

3º — Nas aulas de trabalhos manuaes a frequencia será obrigatoria para todos os alumnos.

4º — As lições serão de quatro horas por semana, em periodos de duas horas.

5º — Os alumnos usarão as seguintes materias primas, applicadas segundo as especies de trabalhos a realizar: papel, cartão, massa plastica, madeira fina (trabalhos a faca ou canivete e a serra de recortar), arame e folha de metal.

Além disso, haverà uma pequena officina typographica onde os alumnos redijam, componham e façam a revisão de um pequeno jornal ou revista.

6º — No ensino de mathematica, dispor-se-ão os programmas de sorte que os seus varios ramos caminhem de par, segundo as correlações e correspondencias delles entre si. As demonstrações geometricas serão preliminarmente constructivas e só depois formaes.

7º — A aula de trabalhos manuaes executará trabalhos constructivos de accordo com a marcha dos programmas das cadeiras a que deve servir, variando as construcções nessa direcção.

8º — Na impossibilidade de prever tambem os casos dos alumnos dos cursos particulares, sem caracter de collegios, nem regalias officiaes, deve-se pelo menos exigir dos alumnos desses cursos que se apresentem a exame, nas seguintes provas praticas eliminatorias:

a) No exame de geometria, a solução constructiva de um problema em cartão.

b) Nos exames de physica e chimica, uma prova pratica em que se ajuize da solidez dos conhecimentos, da precisão e da habilidade da manipulação do examinando.

c) No exame de historia natural, haverá o estudo de um exemplar da flora, da fauna ou da mineralogia, entre os mais communs para o effeito da investigação de seus elementos anatomicos e funções physiologicas, quando for esse o caso, sendo menos exigivel uma classificação que vá além dos grupos principaes.

d) No exame de historia, os examinandos deverão illustrar as provas escriptas o mais possivel, com croquis, schemas graphicos, etc.

9º — A Escola Normal, as Escolas Complementares, Grupos Escolares e instituto particulares incluirão systematicamente nos seus programmas o regimen das excursões (visita ás fabricas, officinas, etc.)

Essas excursões serão feitas por turmas de alumnos do mesmo grão de adiantamento, podendo segundo as contingencias de local e de trabalho a realizar, ser effectuada em horas fóra do horario normal das aulas que não funcionarão nos dias de excursões escolares.

10º — O tempo lectivo diario nas escolas e nos institutos particulares deverá ser de cinco a seis horas, reduzindo-se ao minimo as lições e deveres a serem feitos em casa.

E' bem de vêr que a nossa situação financeira não comporta a execução de todo o plano que vimos desenvolvendo, desde a escola primaria elemental (parte geral) até a escola primaria superior (regional e de applicação), desde os institutos até a Escola Normal, como se praticou na ultima reforma do ensino bahiano e nas escolas fundações do Rio Grande do Sul.

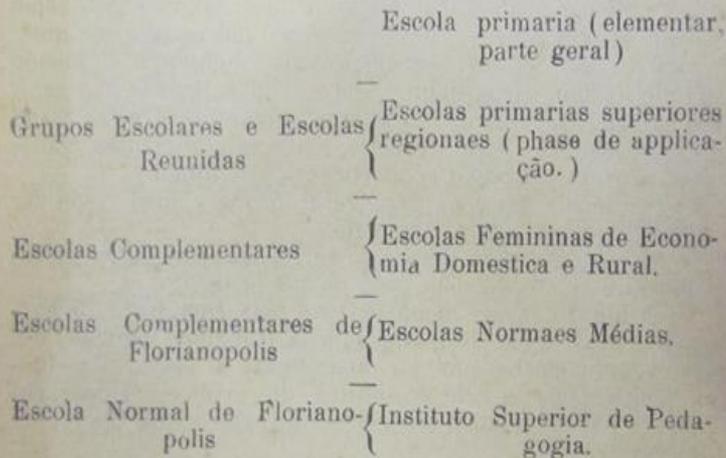
Seja como for, deve ser introduzido nas escolas od Estado, desde já, o «manual training». A Directoria da Instrução organizará o programma para introdução desse ensino desde a escola primaria.

Nos actuaes Grupos Escolares de 1ª classe e 2ª classe serão creados cursos regionaes de aprendizagem (ensino primario superior, phase de applicação). As actuaes Escolas Complementares, deverão ser transformadas em institutos femininos, tendo por fim formar conductoras de Trabalhos Domesticos e Ruraes. As Escolas Complementares de Florianopolis passarão a ser as Escolas Normaes Medias.

O programma da actual Escolas Normal será refundido, transformando-se essa escola em «Instituto Superior de Pedagogia», cuja finalidade não é ministrar aos alumnos um curso de preparatorios, para a matricula nos gymnasios e nos cursos superiores, como se faz actualmente, desvirtuando esse ensino.

No Instituto Superior de Pedagogia, cujo plano a Directoria da Instrução organizará, tambem será introduzido o «manual training» em phase mais adiantada.

Schema



Concluido, assim, esse relatorio, como ponto de partida, para as discussões das theses 14ª e 6ª do programma da Conferencia de Ensino, esperamos que a questão comprehendida nessas theses seja solucionada pela mesma Conferencia, com o mais alto descortinio e agudo senso das realidades.

Edouard Fournier escreveu um livro de quasi 500 paginas «L'esprit dans l'histoire» para restabelecer a origem de certas phrases memoraveis, fazendo reverter á bolsa de Cesar a moeda que trazia, sob a effigie recente, o legitimo cunho de Cesar.

Por essa maneira, e com uma probidade nada commum entre os escriptores do seu tempo, restabeleceu o erudito da «Histoire du Pont-Neuf», a identidade de centenas de expressões curiosas e celebres, enriquecendo assim a memoria de

varios nomes injustamente olvidados e despindo, em publico, a tunica de ouro de alguns embusteiros audaciosos.

Assim, senhores membros da Conferencia de Ensino, a probidade nos impõe que confessemos em publico que esse trabalho não é nosso, senão dos mais cultos professores e estudiosos que souberam enfrentar a questão do ensino publico moderno em sua configuração social e economica.

CONCLUSÕES

I

O ensino profissional, o ensino tecnico, não visa especializar os alumnos em uma profissão mechanic qualquer, formando marceneiros, serralheiros ou fundidores. O ensino tecnico é uma propedeutica geral:—dá a theoria das artes mechanicas, dos officios correlatos e accessorios, e faz assim do contra-mestre, e do operario, artifices conscientes manejando a arte com pleno conhecimento scientifico.

Só depois desse preparo geral é que a pratica de um officio intervem e tem cabimento.

Nesse caso, essa pratica ja se realiza com outra visão, com outro ponto de vista, com outros elementos.

O fim do ensino tecnico, é de, pela complexidade harmonica das noções de mathematicas, trabalhos manuaes, desenho, artes mechanicas, etc. aperfeçoar a visão, a technica, a sciencia, e a arte do mestre, do artifice. O operario passa a ser um homem consciente que sabe o que faz e por que faz.

II

Embora partindo de polos oppostos, um de educação puramente classica e outro de uma nitidamente technica, o ensino publico chegou nestes ultimos dez annos ao ponto de junção, isto é, o aproveitamento racional das virtudes educativas das materias classicas, scientificas e technicas, ministradas por methodos intuitivos e para effeitos praticos.

III

O ensino publico moderno realiza, assim, sem pretensão a um encyclopedismo impossivel, a verdadeira cultura integral feita em partes proporcionaes a dos dois objectos do espirito, o ideal e real, ás duas faculdades principaes da

intelligencia, a imaginação com a dedução e a indução com a observação.

IV

Como a civilização technica de hoje exige conhecimentos mechanicos e correlatos em grande parte dos officios, a tendencia é, não só para tornar obrigatorio o ensino tecnico depois da escola primaria, como para introduzir esse proprio ensino nos cursos primarios.

V

Por isso as legislações prussiana e inglesa tornam compulsorio o ensino tecnico, menos, porem para os que vão applicar-se a estudos secundarios e superiores. Não obstante como a tendencia é para dar nas escolas primarias, gymnasios e institutos normaes as noções essenciaes, theoria e execução de trabalhos manuaes, industria, agricultura, artes mechanicas, etc. Nos paizes modelos, os que são considerados isentos da obrigatoriedade dos cursos technicos não deixam de receber os rudimentos indispensaveis. Ficam livres da frequencia compulsoria das escolas especiaes, mas já receberam noções geraes nas escolas primarias e secundarias.

VI

A tendencia da pedagogia moderna, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Suissa Allemã, na Prussia e nas excellentes e ultimas reformas de Hamburgo, é de dividir o que denominamos o curso tecnico em duas partes: um geral, outro da applicação.

De sorte que o alumno, depois do preparo geral, ao entrar na segunda phase do curso tecnico — a de applicação — só então especialize as funções.

VII

O progresso das industrias manufactureiras e agricolas o desenvolvimento do commercio, na organização das grandes empresas e no fomento das relações internacionaes de caracter economico determinaram a especificação das funções e a necessidade de ter cada homem, entregue a uma finalidade pratica, uma instrução especial.

VIII

Na reforma de ensino elaborada na Bahia pelo Governador Goes Calmon, o alumno, depois de fazer o curso elementar de tres annos (ensino primario geral) ascende directamente para a escola primaria superior, a escola regional que se formará ao sabor das circumstancias locais, dos usos locais, profissões locais.

Aos que julgarem sufficiente a cultura primaria elementar no seu minimo razoavel, a escola primaria, com tres annos de curso, satisfará.

Para os que comprehenderem que não basta o ensino educativo generalizado estão abertos os cursos primarios superiores, directamente debruçados sobre as necessidades profissionais do meio ambiente.

IX

Cumpra, porem, despertar a a atenção dos nossos administradores e legisladores para outra face do problema visceralmente ligada ao ensino tecnico moderno: os trabalhos manuaes (manual training)

A reforma bahiana accrescentou geometria, desenho e trabalhos manuaes ao curso primario generalizado, ao curso primario superior — a chamada escola regional, para não falar de outros cursos.

No Rio Grande do Sul, nos institutos «Parobé», etc., o programma de ensino combinou os dois methodos.

X

O aparelhamento completo do serviço de educação popular, attingindo a cifras inacreditaveis, romperia os mais solidos orçamentos.

A solução do problema está ligada a esse embaraço invencível.

Empenhados na ardua solução do problema, duas correntes se destacam, entretanto, no Brasil.

Uma dellas sacrifica as linhas essenciaes do problema, fixando-o dentro nas condições brasileiras, para uma solução a que o governador Goes Calmon chama economica, forçadamente incompleta e deficiente nos resultados do ensino que ministra, mas completa na disseminação desse ensino.

A outra aceita o problema na sua integridade e resolve-o parcialmente, para uma fracção da população escolar.

Solução extensiva ou intensiva, ensino primario incom-

pleto para todos ou ensino primario integral para alguns, — esse o dilemma atirado ao legislador e ao administrador pelas condições brasileiras do problema.

São Paulo, com a reforma Washington Luis, escolheu a primeira solução.

Empreheendeu uma organização economica do ensino primario: curso de dois annos (grupos escolares), idade escolar de 9 a 10 annos e escolas multiplicadas por toda a extensão do territorio paulista.

A educação popular reduzida a uma alphabetização trepidante, mas assegurada a diffusão completa do ensino.

Em São Paulo, onde circumstancias especiaes crearam um ambiente de progresso geral, é possível que uma simples alphabetização seja o degráo indispensavel mas efficaç para um desenvolvimento intellectual que marchará dahj em diante, continuamente, auxiliado por mil e uma circumstancias.

Com a outra corrente, comprehendidas soluções de ordem intermediaria, está, ainda, a maioria dos Estados brasileiros.

Busca-se, então menos que uma diffusão impossivel, uma educação popular efficiente, capaz de reergger o nivel do pais, tornando cada cidadão um valor novo da produção nacional.

Em Santa Catharina, já que a isso nos obrigam as condições materiaes de nossa vida publica, seja o problema, como foi na Bahia e em outros Estados, resolvido parcialmente.

Muitas escolas nos Estados Unidos ficam nesse curso geral, de habilitação tecnica, para todos os officios mecanicos e manuaes, achando que ahi deve cessar a acção do Estado.

O que não resta duvida porem, é que para um rapaz intelligente que estuda numa escola superior, a habilitação geral será mais efficiente.

Elle prepara para todos os officios, habilita contra-mestres e chefes. A applicação para um officio particular para os que vão ser operarios é rapida.

XI

Sem desfigurar, porem os verdadeiros fins do ensino publico moderno como vimos inculcando, seria talvez aconselhavel, como se pratica na Bahia e no Rio Grande do Sul,

que o ensino technico fosse ministrado não só de um modo geral como tendo em vista as necessidades de côr determinadamente racional.

Para isso se torna necessario o levantamento rigoroso das differentes zonas geographicas do Estado, de accordo com a sua producção, seus officios, etc. De modo que o alumno, depois do preparo geral ao entrar na segunda phase do curso technico, a de applicação (systema da reforma de Hamburgo), especializasse a sua função conforme as necessidades de sua zona.

XII

Os trabalhos manuaes e o desenho tem sido a grande escola de desenvolvimento da personalidade pelo cultivo intensivo da vontade e do pensamento. Enquanto as escolas theoreticas e livrescas desenvolvem a intelligencia e a imaginação, descurando a vontade, a educação americana fortifica sobretudo esta pela acção. Toda a educação primaria americana assenta nesse principio froebeliano: educar pela acção.

OMER BUYSE, assim, resume a theoria psychologica da educação pelos trabalhos manuaes: «Todo movimento consciente origina-se de uma excitação de cellulas motoras do cerebro.

O pensamento sem acção pode desenvolver a imaginativa, mas deixa inculca a faculdade da vontade. A vontade não se pode desenvolver senão pela acção. Todo movimento muscular repercute nas cellulas do cerebro pelas sensações e se fixa nos centros de projecção sob forma de percepções de imagens.

Para augmentar a receptividade do cerebro, a educação racional exige que se varie a natureza dos movimentos dos trabalhos manuaes, afim de interessar successivamente todos os grupos cellulares. Donde resulta que para desenvolver a região motriz total do cerebro, é preciso multiplicar os exercicios amplos e variados e os regular em ordem a desenvolver a agudeza da sensibilidade e da percepção, fazendo brotar o pensamento e fortificando a vontade.

Si o movimento se torna habitual e passa a ser feito sem reflexão, deixa de actuar sobre as cellulas motrizes; dahi em diante não tem valor educativo. Não é sinão no primeiro periodo de excitação que a acção dos trabalhos manuaes é efficaz. A sua acção educativa se mede pelas reacções men-

taes que fazem nascer e pela progressão de reacções que são susceptiveis de provocar.

XIII

A LIGA PEDAGOGICA DO ENSINO SECUNDARIO apresentou um plano que, embora trate da adaptação dos trabalhos manuaes, á methodologia das diversas cadeiras de curso secundario, aproveita, em alguns pontos, ao ensino primario elementar e superior, ao ensino ministrado nos Grupos Escolares, nas Escolas Complementares, nas proprias Escolas Normaes.

1º — Deve ser desenvolvido intensamente o ensino do desenho á mão livre e com instrumentos, com character obrigatorio.

2º — Deve tambem com o mesmo character ser instituido o ensino de modelagem.

3º — Nas aulas de trabalhos manuaes a frequencia será obrigatoria para todos os alumnos.

4º — As lições serão de quatro horas por semana, em periodos de duas horas.

5º — Os alumnos usarão as seguintes materias primas applicadas segundo as especies de trabalhos a realizar: papel, cartão, massa plastica, madeira fina (trabalhada a faca ou canivete e a serra de recortar, arame e folha de metal.

Além disso, haverá uma pequena officina typographica onde os alumnos redijam, componham e façam a revisão de um pequeno jornal ou revista.

6º — No ensino de mathematica, dispôr-se-ão os programmas de sorte que os seus varios ramos caminhem de par segundo as correlações e correspondencias delles entre si. As demonstrações geometricas serão preliminarmente constructivas e só depois formaes.

7º — A aula de trabalhos manuaes executará trabalhos constructivos de accordo com a marcha dos programmas das cadeiras a que deve servir, variando as construcções nessa direcção.

8º — Na impossibilidade de prever tambem os casos dos alumnos dos cursos particulares, sem character de collegios, nem regalias officiaes, deve-se pelo menos exigir dos alumnos desses cursos que se apresentem a exame, nas seguintes provas praticas eliminatorias:

a) — No exame de geometria, a solução constructiva de um problema em cartão.

b) — Nos exames de physica e chimica, uma prova em que se ajuize da solidez dos conhecimentos, da precisão e da habilidade de manipulação do examinando.

c) — No exame de historia natural, haverá o estudo de um exemplar da flora, da fauna ou da mineralogia, entre os mais communs, para o effeito da investigação de seus elementos anatomicos e funções physiologicas, quando for esse o caso, sendo menos exigível uma classificação que vá além dos grupos principaes.

d) — No exame de historia, os examinandos deverão illustrar as provas escriptas o mais possível, com *croquis*, *schemas*, *graphicos*, etc.

9° — A Escola Normal, as Escolas Complementares, Grupos Escolares e Institutos particulares incluirão systematicamente nos seus programmas o regimen das excursões escolares (visita ás fabricas, officinas, etc.

Essas excursões serão feitas por turmas de alumnos, no mesmo gráo de adiantamento, podendo, segundo as contingencias de local e de trabalho a realizar ser effectuadas, em horas fora do horario normal das aulas que não funcionarão nos dias de excursões escolares.

10° — O tempo lectivo diario nas escolas e nos institutos particulares deverá ser de cinco a seis horas, reduzindo-se ao minimo as lições e deveres a serem feitos em casa

XIV

E' bem de vêr que a nossa situação financeira não comporta a execução de todo o plano que vimos desenvolvendo, desde a escola primaria elemental (parte geral) até a escola primaria superior (regional e de applicação) desde os institutos até a escola Normal, como se praticou na ultima reforma do ensino bahiano e nas escolas e fundações do Rio Grande do Sul

Seja como for deve ser introduzido nas escolas do Estado, desde já, o «manual training».

A Directoria da Instrucção organizará o programma para a introdução desse ensino, desde a escola primaria.

Nos actuaes Grupos Escolares de 1ª e 2ª classe serão creados cursos regionaes de aprendizagem (ensino primario superior, phase de applicação.) As actuaes Escolas Comple-

mentares, deverão ser transformadas em institutos femininos, tendo por fim formar conductoras de Trabalhos Domesticos e Ruraes.

As Escolas Complementares de Florianopolis, passarão a ser as Escolas Normaes Medias.

O programma da actual Escola Normal será refundido, transformando-se essa escola em « Instituto Superior de Pedagogia », cuja finalidade não é ministrar aos alumnos um curso de preparatorios, para a matricula nos gymnasios e nos cursos superiores, como se faz actualmente, desvirtuando esse ensino.

No Instituto Superior de Pedagogia, cujo plano a Directoria da Instrucção organizará, tambem será introduzido o « manual training » em phase mais adiantada.

Ass. — *Edmundo Accacio Moreira.*

Florianopolis, 26 — 7 — 1927

PARECER N.º 31

« Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Pais? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado, em particular, e no pais em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional? »

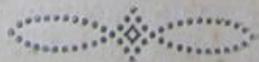
A segunda commissão suplementar considerou attentamente as brilhantes theses « Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares? Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Pais? Ha possibilidade de torna-lo mais proficuo no Estado em particular e no pais em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional? » apresentado pelo dr. Edmundo Accacio Moreira, these que, revela uma grande capacidade intellectual e profundos estudos do autor em materia tão importante.

A Commissão já tendo traçado o seu ponto de vista quanto ao assumpto, no parecer ao valioso memorial apre-

sentado pelo illustre pedagogo professor Orestes Guimarães chama, entretanto a attenção desta Conferencia para o erudito trabalho do dr. Edmundo Accacio Moreira, muito especialmente para as suas quatorze conclusões.

Sala das sessões, 9 de agosto de 1927. — Ass — *Laercio Caldeira de Andrada*, — Relator; — *Albano Monteiro Espinola*, — secretario; — *Beatriz de Sousa Brito* — presidente.

NOTA—Este parecer foi approvado sem debates.



VI

CONCLUSÕES

CONFERÊNCIA DE ENSINO PRIMARIO

Florianopolis, 5 de setembro de 1927

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado

A Comissão encarregada de coordenar as conclusões dos estudos feitos na Conferência Estadual de Ensino, vem apresentar a V. Excia a summula das mesmas, nas paginas que seguem annexas a este.

Ass. — *Mâncio da Costa*, com restrição.
Barreiros Filho

Luis S. B. da Trindade, com restrições
Foão Tolentino de S. Junior, com restrições
Laercio Caldeira de Andrada, com restrições

INSPECÇÃO ESCOLAR

a) Creação do Cargo de Inspector Geral do ensino

O inspector Geral do ensino será subordinado ao Director da Instrucção Publica, em cuja repartição trabalhará, sendo auxiliar immediato do mesmo director e se encarregar da inspecção e fiscalização do ensino na Capital e da execução de quaesquer serviços relativos ao mesmo ensino, de accordo com as exigencias da organização escolar, tendo ainda o cargo de dirigir o expediente da Directoria da Instrucção Publica. O exercicio da funcção de inspector geral do ensino é incompativel com o de qualquer outro cargo ou profissão.

Ao Inspector Geral do Ensino compete .

- 1 — executar e fazer executar as ordens do Director da Instrucção, relativas ao serviço interno da repartição;
- 2 — fiscalizar todos os estabelecimentos de ensino primario estaduais, municipaes e particulares da Capital;
- 3 — orientar os inspectores escolares conforme as instrucções que receber da Directoria da Instrucção para o que visitara annualmente, pelo menos uma vez, as sedes das circumscripções escolares e os estabelecimentos de ensino das referidas circumscripções.

b) — Manter as inspectorias regionaes (Circumscripções escolares), organizando-as do seguinte modo:

- 1ª — circumscripção — SEDE — TIJUCAS — municipios: Florianopolis, (zona rural), São José, Palhoça, Biguaçu, Tijucas, Porto Belo, Camboriú.
 - 2ª — circumscripção — (Zona das escolas subvencionadas) SEDE — BLUMENAU — Municipios: Blumenau, Nova Trento, Brusque, Itapopolis, São Bento, Joinville e Itajahy.
 - 3ª — circumscripção — SEDE — PORTO UNIÃO — Municipios: São Francisco, Paraty, Campo Alegre, Ouro Verde, Mafra, Porto União, Cruzeiro, e Crapeço;
 - 4ª — circumscripção — SEDE — TUBARÃO — Municipios: Laguna, Imaruly, Imbituba, Crescuma, Tubarão, Orleans, Urussanga e Ararangua.
 - 5ª — circumscripção — SEDE — LAGES — Municipios: Lages, São Joaquim, Campos Novos, Curitybanos e Bom Retiro.
- Os inspectores escolares são obrigados a residir nas circumscripções para que forem nomeados.

GYMNASIO

Creação de um gymnasio — equiparado ao Collegio Pedro II — mas desde que disponha o Estado de meios necessarios.

ESCOLA NORMAL

Escola Normal	{	I — Curso de applicação (a ser creado)			
		II — Curso normal	<table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr><td>Secção de Chapéus</td></tr> <tr><td>Secção de Flores</td></tr> </table>	Secção de Chapéus	Secção de Flores
		Secção de Chapéus			
Secção de Flores					
III — Curso profissional manual-feminino	<table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr><td>Secção de Corte e costura (a ser creado)</td></tr> <tr><td>Secção de trabalhos de agulha</td></tr> </table>	Secção de Corte e costura (a ser creado)	Secção de trabalhos de agulha		
Secção de Corte e costura (a ser creado)					
Secção de trabalhos de agulha					

1.º

O curso normal será feito em 4 annos, segundo o programma apresentado pelo seu director á Conferencia Estadual de Ensino.

2.º

Com o accrescimento de um anno ao referido curso, augmentam os trabalhos dos respectivos lentes e professores, especialmente daquelles que têm a seu cargo as materias consideradas essenciaes ao ensino, e que são:

O Português

e

As Mathematicas

Ambas essas materias começam no 1.º anno e finalizam no 4.º anno. Cêrca de 20 aulas semanaes caberiam a cada um dos actuaes cathedrauticos aos quaes compete o professar as sobreditas disciplinas.

De modo que, como suggeriu a Commissão Encarregada de estudar as respectivas theses, è de toda utilidade, senão necessidade, o desdobraimento das supracitadas cadeiras. Entretanto, salvo melhor juizo, a nomeação de professorss substitutos (a exemplo do que se faz aliures, em estabelecimentos de ensino) resolveria o caso, ficando os ditos sntstitutos encarregados de leccionar nas classes para que fossem designados pelo director da Escola Normal.

3.º

Tem sido innocuo o C. de Sciencias e Letras annexo á Escola Normal e creado pelo decreto n. 1721 de 29 de fevereiro de 1924. Das 15 materias, de que consta, apenas duas tiveram professores: o Italiano e o Latim; notando-se que o professor de Italiano abandonou o seu cargo por carencia de alumnos, e o de Latim (que fez concurso brilhantissimo) vai-se mentendo precariamente, com 11 ouvintes. Sendo a lingua latina, além de excellente disciplina mental, base a todo o estudo serio da lingua portuguesa, conviria integrá-la no ensino normal, extinguindo-se o Curso de Sciencias e Letras e aproveitando-se o respectivo professor para lente de latinidade da Escola Normal.

4.º

Mantem-se o Curso Profissional Manual Feminino, anne-

xo á Escola Normal, com as secções de Chapéus e Flores, accrescentando-se-lhe a de Corte e Cósturas, tudo sob regulamentaçaõ especial.

5.º

Sem uma *Escola de Applicação*, que funcione no edificio da Escola Normal, e em que as alumnas do 4º anno façam o ensaio profissional, sob a orientação, critica e correcção dos professores, desmerece o nome de *normal* o curso que actualmente carrega com a impropriedade desse adjectivo... E' imprescindivel, pois, o seu funcionamento.

6.º

O desdobraimento da cadeira de Historia Natural e Noções de Hygiene, segundo a emenda do dr. Achilles Gallotti feita ao parecer n.º 20, não é aconselhavel, no momento porque o actual cathedrautico, tem dado cabal desempenho ao ensino dessas disciplinas.

ENSINO COMPLEMENTAR

A modificação dos programmas se fará conforme os pareceres n.ºs 25 e 17, a saber:

1.º

A remodelação dos programmas actuaes de forma que se adopte aos programmas dos Grupos Escolares e aos da Escola Normal, ficando o seu ensino como termo medio entre aquelles e esta.

2.º

Convem ainda, de accordo com o parecer n.º 25, introduzir, a mais, a cadeira de Educação Moral e Civica, que será leccionada no 1.º e 2.º anno do respectivo curso.

3.º

As disciplinas de Geometria e Chimica passam a ser ministradas no 2.º e 3.º anno.

4.º

As modificações propostas não acarretam despesas, senão que mantêm as actnaes.

ENSINO PRIMARIO

São as seguintes as conclusões referentes ao Ensino Primario:

1.º

Que os programmas de Historia Patria e Educação Civica no 1.º e 2.º anno dos Grupos satisfaz—plenamente.

2.º

Que o ensino de Historia Patria no 3.º e 4.º anno dos

Grupos deve versar sobre os factos e vultos mais notaveis do Brasil, e não tratar de circumstancias não accessiveis ao espirito dos alumnos;

3º

Que nas escolas ruraes o ensino de Historia Patria deve tão somente consistir no conhecimento das datas nacionaes e factos mais relevantes do Brasil;

4º

Que o ensino de Educação Moral e Civica se deve ministrar por meio de palestra, tendo um fundo moral-educativo;

5º

Que no ensino de Geographia, deve ser adoptado o methodo intuitivo-objectivo, e é indispensavel que as cartas geographicas sejam guias do precitado ensino, como recommendaveis são as viagens chamadas imaginarias, a um tempo proveitosas e interessantes;

6º

Que é imperioso reduzir os programmas de Geographia nos Grupos Escolares, transferindo-se o excesso da mesma materia para as Escolas Complementares;

7º

Que é indispensavel o ensino de Cartographia como complemento do estudo de Geographia, devendo os discentes aliar este áquelle estudo, adoptando-se um caderno-tipo para guia do professor;

8º

Que deve ser mantido o methodo analytic no ensino da leitura, nos Grupos Escolares; a generalizaçã o desse methodo ás escolas isoladas, quer urbanas, quer ruraes, não se aconselha, porquanto os professores destas não o sabem processar; e aos daquellas escasseia o tempo;

9º

Que devem ser adoptados os mappas de Parker, nas escolas ruraes, já usados nos Grupos Escolares e escolas urbanas;

10º

Que urge fazer a revisão dos programmas de ensino dos Grupos e Escolas Isoladas, excepto os das zonas coloniaes sujeitas á inspecção federal;

11º

Que da revisão dos programmas decorre a modificação e redução dos horarios escolares;

12º

Que convem a installação de Jardins da Infancia, junto

aos Grupos Escolares, que preencherão uma lacuna do ensiuo primario catharinense;

13º

Que a inspecção medico-escolar é de bom aviso, para seleccionar os normaes, separando-os dos anormaes e pseudo-anormaes.

14º

Que a assistencia dentaria offerece grande vantagem, devendo ser contractados profissionaes idoneos, prestando estes seus serviços junto aos Grupos Escolares.

Assignamos as presentes conclusões tiradas dos varios pareceres a que chegaram os trabalhos da Conferência Estadual de Ensino Primario, com restricções quanto á rubrica Escola Normal; somos de parecer que as cadeiras de portuguez e litteratura da lingua e Arithmética, Algebra, Geometria e Trigonometria sejam desdobradas a 1.ª em: Portuguez que será leccionada nos tres annos do curriculo Normal e Grammatica Histórica da Lingua e Litteratura ministrada esta nos dois ultimos annos do curriculo: a 2.ª em: Arithmética e Algebra, uma; e outra, Geometria e Trigonometris; estas novas cadeiras serão regidas por lentes cathedráticos, nomeados por concurso, pelo Governo.

Ass. — *Mâncio da Costa*
Luis Sanches Bezerra da Trindade
João Tolentino de Sousa Junior
Laercio Caldeira de Andrada



VII

NOTAS GERAES

De pé, Senhores

A Conferencia Estadual de Ensino Primario,
no seu encerramento.

É sobremaneira apreciavel a influencia da civilisação anglo-americana na latino-americana pelo contacto das escolas e missões evangelicas.

O prof. dr. Erasmo Braga (1) sabia que o systema de educação publica nos paizes latino-americanos tem recebido o influxo da pedagogia moderna, principalmente dos ideaes norte-americanos. E cita o illustre cathedratico do Gymnasio de Campinas o facto da reforma dos methodos medievaes de ensino publico datarem do estabelecimento das escolas missionarias evangelicas na America do Sul.

A fundação do Collegio Internacional de Campinas, S. Paulo, em 1869, constituiu o primeiro ponto de contacto das missões christãs norte-americanas com o ensino publico no Brasil. Ella assignala, tambem, « na historia da pedagogia a era em que as ideas fecundas de Mann e a disciplina e os methodos escolares norte-americanos começaram definitivamente a influir no ensino publico e particular na America Latina ».

Ao rev. dr. George Nash Morton deve o Brasil a introdução dos processos de ensino dos Estados Unidos em sua vida escolar.

As leis liberaes do Imperio « que fizeram illustre no estrangeiro o nome de D. Pedro II », atraíram para aqui o grande educador americano, que escolheu Campinas para sede de seus trabalhos, fundando alli o Collegio Internacional, orientando-o pelo que de melhor se processava na pedagogia yankee.

O grande republicano Rangel Pestana deixou este valioso testemunho do que « era a alma e o ambiente » desse Collegio: « Penseo desassombrado no futuro da Provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no Collegio Internacional de Campinas; parece que minha alma rasga para si propria novos horizontes, e, d'ahi, a meço o porte respeitavel dos homens que hão de succeder aos enfezados politicos do presente ».

Em 1871 fundava-se em S. Paulo a Escola Americana, que logrou influir no espirito dos dirigentes paulistas, tornando-se « o berço da reforma do ensino publico, donde têm partido, por intermedio dos estabelecimentos officiaes, as influencias reformadoras para os extremos do paiz ».

Em 1883, esta pequena escola passou a ser dirigida pelo dr. Horace M. Lane, que a elevou a grãu de escola-padrão, introduzindo no ensino as ultimas conclusões pedagogicas conhecidas na época.

Era Horace Lane, escreve o « Correio Paulistano » (2), um espirito enamorado das cousas da instrucção. Na organização das nossas escolas officiaes, ao tempo em que a sua patricia miss Browne começou a adaptar ao nosso meio os processos mais adiantados da methodologia norte-americana, esse honrado velho alheára-se de todos os seus encargos, das responsabilidades que lhe criaram como director de dois estabelecimentos de ensino, para consagrar toda a virilidade do seu espirito a obra de educar a mocidade paulista. Foi vivamente empenhado o sr. dr. Bernardi e o sr. dr. Campos, em 1883, na reforma do Estado.

cano, que escolheu Campinas para sede de seus trabalhos, fundando ali o Collegio Internacional, orientando-o pelo que de melhor se processava na pedagogia yankee.

O grande republicano Rangel Pestana deixou este valioso testemunho do que «era a alma e o ambiente» desse Collegio: «Penso desassombrado no futuro da Provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no Collegio Internacional de Campinas; parece que minha alma rasga para si propria novos horizontes, e, d'ahi, «u mego o porte respeitavel dos homens que hão de succeder aos enfezados politicos do presente».

Em 1871 fundava-se em S. Paulo a Escola Americana, que logrou influir no espirito dos dirigentes paulistas, tornando-se «o berço da reforma do ensino publico, donde têm partido, por intermedio dos estabelecimentos officiaes, as influencias reformadoras para os extremos do paiz».

Em 1883, esta pequena escola passou a ser dirigida pelo dr. Horace M. Lane, que a elevou a grãu de escola-padrão, introduzindo no ensino as ultimas conclusões pedagogicas conhecidas na época.

Era Horace Lane, escreve o «Correio Paulistano (2), um espirito enamorado das cousas da instrucção. Na organização das nossas escolas officiaes, ao tempo em que a sua patricia miss Browne começou a adaptar ao nosso meio os processos mais adiantados da methodologia norte-americana, esse honrado velho alheára-se de todos os seus encargos, das responsabilidades que lhe cabiam como director de dous estabelecimentos de ensino, para assegurar toda a virilidade do seu espirito à outra grande obra que vivamente empenhado o sr. dr. Bernardino de Campos, em...

Ao lado de Julio Ribeiro e Rangel Pestana, luctando com o meio agora menos hostil que no tempo de Morton, Horace Lane organisa essas duas instituições modelares que hoje honram o ensino no Brasil: — a Escola Americana e o Mackenzie College, que fundou em 1894.

Herculano de Freitas, no senado paulista, ao fazer o necrologio de Lane, e analysando a actuação orientadora desse illustre educador, disse: «Poucos brasileiros terão feito quanto esse americano de origem aqui fez com o maior desprendimento, com a maior modestia e a mais extraordinaria competencia, não só encaminhando-nos para novos horizontes desconhecidos, quando aqui chegou e iniciou o seu ensino, como tambem, pode-se assegurar, collaborando pela sua acção moral e até pela sua acção intellectual na organização primitiva e desenvolvimento do ensino publico que faz a nossa honra e a nossa gloria no Brasil inteiro».

Na camara estadual, o sr. dr. Freitas Valle, relator por muitos annos da commissão de ensino publico, propondo um voto de pesar pelo fallecimento de H. Lane, chama-o de «cultor da educação do povo paulista, feliz iniciador da obra patriótica da verdade do ensino entre nós».

∴

Tal foi o homem que indicou ao governo Bernardino de Campos, em 1894, o nome de miss Marcia Browne, educadora americana, para o arduo trabalho de reformar o ensino publico paulista.

A reacção contra os methodos norte-americanos, pela ignorancia de uns e má-fé de outros, foi formidavel. A frequencia da escola-modelo «Caetano de Campos» sob o controle pedagogico de miss Browne diminuiu consideravelmente. Parecia que a rotina ia triumphar, das, no momento, modernas conquistas da pedagogia.

Viu-se, então, este caso singular: o illustre dr. Cezario Motta, de saudosissima memoria, Secretario do Interior, procurar paes de alumnos, de porta em porta, advogando os novos methodos e convencendo-os de sua excellencia e efficacia.

Quatro annos depois, ao terminar o seu contracto, a educadora americana teve o grande conforto de contemplar a sua obra victoriosa sob os applausos do governo e do povo; e, sobretudo, a grande alegria de deixar como seu continuador o alumno, dilectissimo entre os seus dilectos, Oscar Thompson.

Estava iniciada a ascensão, destruidos os obstaculos, e S. Paulo se tornava o Estado leader do ensino primario do Brasil.

∴∴

S. Catharina foi o primeiro Estado que, intelligentemente, aproveitou o preparo tecnico paulista, e Orestes Guimarães (3) o primeiro professor paulista que sahio, como o homem da parabola, a semear o que tantas afflicções custara a miss Browne, Cezario Motta, Caetano e Bernardino de Campos.

Em 190, o projecto educacionista foi convidado pelo governo Abdon Baptista, vice-governador em exercicio, para applicar ao Collegio Municipal de Joinville, a technica paulista de ensino primario.

E o «Paulo de Tarso» do ensino em S. Catharina chegou a Damasco dos seus trabalhos e iniciou a cruzada luminosa.

Em 1910, triumphantes os methodos que encontraram na intelligencia e devotamento do professorado catharinense a boa terra para a fructificação maravilhosa, o governo Vidal Ramos chama Orestes Guimarães para uma obra maior: entrega-lhe a instrucção publica do Estado.

Espirito Santo, Matto Grosso, Sergipe, Ceará chamaram missões paulistas; — Districto Federal, na prefeitura Souza Aguiar, enviou brilhante commissão de professores estudar *in loco* a organização do ensino do grande Estado; — Minas Geraes commissionou o illustre pedagogo dr. Enâas Camera; e Bahia, o eminente professor Benedicto Nazareth, para estudos dos methodos de ensino, aquelles methodos americanos, adaptados, que Morton, lutando, introduzira no Collegio Internacional, em 1869, melhorados por miss Browne em 1894 e definitivamente implantados pelo dr. Oscar Thompson.

Ao encerrar a Conferencia de Ensino Primario justo é que, mais uma vez, relembremos num instante de gratidão aquelles que foram os pioneiros da nova orientação pedagogica no Brasil, rendamos a Orestes Guimarães o mestre querido, o leader acatado da Conferencia, aquellas homenagens nascidas da gratidão e continuadas e consolidadas pelo surto de progresso educacional que a reforma nos trouxe.

A Morton, Lane, Browne a nossa saudade agradecida.

A Orestes Guimarães as palmas victoriosas de hoje.

De pé, senhores conferencista!

O Estado, 11 — agosto 1927.

- (1) Pan-Americanismo—Aspecto religioso pag. 48.
- (2) Correio Paulistano — 1912. Necrologio Lane.
- (3) A quem devemos grande copia informativa neste artigo

Conferencia estadual de Ensino Primario

Esse promissor certamente que o presidente Adolfo Konder, o dr. Cid Campos, secretario do Interior e o director da Instrucção Publica, Mâncio da Costa têm dado o melhor de seus esforços, — vae marcar um sulco indelevel em o nosso systema educacional.

Reunindo em assembléa deliberativa os melhores professores estaduais e convidando para assistirem á mesma as pessoas de reputado saber pedagogico deste e de outros Estados da Federação, visaram elles congregar homogeneamente elementos cuja efficiencia será a garantia dos resultados proveitosos e praticos da conferencia.

Sabemos sobejamente que o nosso aparelhamento escolar é o primeiro entre os demais da União relativamente á dotação orçamentaria votada para o seu custeio: verificámos, dias há, na mensagem presidencial ao Congresso Representativo, que a diffusão da instrucção nas zonas ruraes tem sido feita copiosa e acertadamente; e, finalmente, patenteámos na rigidez crúa dos dados estatísticos o funcionamento sabio e progre sivo deste aparelhamento.

Todavia, á parte as suas reconhecidas excellencias, elle resente-se de uniformidade quanto á seriação gradativa dos programmas nos varios graus do ensino primario.

Assim é que aberra de todo o senso pedagogico a extensão dos programmas das disciplinas do 4.º anno dos grupos escolares, diante daquelle do 1.º anno do curso complementar, que embora lhe seguindo immediatamente, lhe é inferior não só quanto á extensão mas tambem quanto á dosagem da materia disciplinar.

Que interesse poderá ter o alumno do 1.º anno complementar no estudo de um programma cujas disciplinas são professadas no 4.º anno dos grupos escolares, com mais extensão e maior desenvolvimento?

Diziamos que aberra do senso pedagogico a largueza daquelles programmas, porque, quanto sabemos de pedagogia, — somos, de facto anteriormente activos quanto nos interessamos por alguma cousa, porem exteriormente passivos até que o interesse se muda em desejo ou em vontade —, como algures affirmou Herbart.

Mas não é só isto.

O ingresso da criança em as nossas escolas faz-se abrupta e violentamente, porque ella encontra um ambiente desinteressante e pouco attraente, que de modo algum corresponde ao de seu lar.

Como os seus sentidos inda mal educados e as faculdades de observação, de associação e expressão pouco ou nada cultivadas, a criança, entre nós, transpoe das escolas, aos seis annos de idade.

Se o fim exclusivo da escola fosse o des omente instruir, vâ que assim se procedesse.

Mas actualmente o seu mestêr lavra mais fino e a sua finalidade é muito mais estimavel e transcendente.

Instruir e, sobretudo, educar o cidadão de amanhã, é o escopo da escola moderna.

Para isso é preciso, porem, preenchermos uma sensivel lacuna em o nosso systema educacional; e esta é dotar a escala escolar com os graus de que até então está desfalcada: a escola maternal o jardim da infancia e o secundario de humanidades.

Não comprehendemos a razão por que a existência do jardim da infancia faz inda hoje claudicar o nosso aparelhamento escolar.

A reforma de 1910 não lhe deu attenção e a de 1919 o repudiou, apesar de em uma como em outra época ja existirem experiencias cruciaes que punham de manifesto a sua excellencia.

De Froebel a Decroly ha uma vasta litteratura acerca do assumpto a reconhecer o acerto do que levamos dito

Entretanto não é só o jardim da infancia o de que carecemos

A par de sua inadiavel criação os conferencistas que se reunirão, amanhã na Escola Normal deveriam dar especial attenção á instituição de escolas maternas, utilissimas ao proletariado, maximê nos centros como Brusque, Blumenau, Joinville, Cresciana, Araranguá, Urussanga, e Orleans, onde mais intenso é o desenvolvimento fabril e accentuada a exploração do nosso carvão.

O lar do operário e do mineiro de hoje não prescindem dos poderes publicos, quanto a instrucção e a educação de seus filhos.

E essas, na primeira infancia, só poderão ser ministradas nas escolas maternas.

Não desampare o Governo do Estado centenas e centenas de crianças, florações da nossa nacionalidade, que sob as contingências diárias dos lares dos proletarios, ficam á merce de seus instinctos, educadas á Rousseau, cujos resultados só excepcionalmente produzem os Bolívars...

Até aqui o jardim-da infancia e as escolas maternas, agora o ensino secundario.

Terminado o curriculo complementar em as nossas escolas, os jovens estudantes matriculam-se no curso normal ou ficam á merce de uma collocação no commercio, ou do tirocinio pratico indispensavel para o aprendizado de uma profissão.

A escassez de meios pecuniarios dos paes de familia não permite dar a instrucção secundaria a seus filhos, como é de mestér.

Ao Estado, porém, cumpre dar-lhe sem grandes dispendios a instrucção de que carecem.

E' nos cursos secundarios de humanidades que se formam as *élites* intellectuaes, donde irradiam para o commercio e para as industrias; para as varias profissões e para os dominios das sciencias os homens dynamicos, de Henrique Ferri.

Ja agora que o governo do presidente Adolfo Konder teve a feliz e a alevantada idéa de congregar na conferencia de amanhã os elementos mais destacados do Magisterio santa-catharinense e de outros estados da União Brasileira, deixamos nestas linhas as nossas apagadas mas altruisticas suggestões, esperando que mereçam dos esclarecidos conferencistas a leitura e a attenção, que desejamos.

Da *Folha Nova*, de 30 de julho de 1927.

E'cos da Conferência de Ensino

(Da «Republica» de 17 — 8 — 1927)

Antes de ser submettido á approvação da Conferencia de Ensino o PARECER nº 31 sobre as theses apresentadas pelo dr. Edmundo Accacio Moreira «Em que deve consistir o ensino de trabalhos manuaes nas escolas primarias e complementares?»

Tem elle sido proficuo nas escolas do Estado e do Paiz? Ha possibilidade de tornal-o mais proficuo no Estado, em particular, e no Paiz em geral? De que forma? Como deve o Estado encarar o ensino profissional? — S. S. proferiu o discurso que publicamos a seguir, explicando o seu ponto de vista para encaminhar a votação:

« Sr. Presidente. Srs. membros da Conferencia de Ensino.

Discursando em sessão memoravel do Conselho da Univeridade Livre de São Paulo, o dr. Alberto Seabra, mestre dos mais eminentes, emittiu conceitos tão nobres e tão bellos acerca do « valor pratico da

sciencia », que é com o maior prazer que eu os repito nesta excellente oportunidade.

« Saber para prevêr, prevêr para agir », — tal é o fim da sciencia. E, de facto, a sciencia augmenta o nosso poder sobre as cousas, amolda o planeta ás nossas necessidades, dirige as forças naturaes em proveito nosso. A somma de bem physico e de conforto material, a melhoria da vida correlata, do desenvolvimento scientifico incessante, o progresso material, em somma, é cousa inegavel.

Poderíamos dizer o mesmo do progresso moral?

Tem a sciencia alguma influencia educadora, algum poder de moralisação?

« Saber para prevêr, prevêr para agir. »

Esta efficacia pratica, implica, necessariamente, a boa acção. (Alberto Seabra, discurso na Universidade Livre de São Paulo, *Annaes*, I 1917.)

Tal é o problema que muitos resolvem pela affirmativa. Metaphoras propdian: abrir escolas é fechar calcetas. E, lectura o preclaro mestre, em seu citado discurso: « Não creio nesta phrase, que já não é bella, porque não exprime a verdade. A sciencia é um instrumento do poder, como as riquezas, como a força, como a autoridade politica, e nada mais. A rectidão, a probidade, o desinteresse, o espirito de sacrificio não estão na mechanica ou na astronomia, como não derivam das sciencias physico-quimicas e naturaes. E, se alguém morre intoxicado por veneno subtil, a chimica que armou o braço do assassino é a mesma que, desoecultando o virus malefico, virá vinguar o assassinado. Descreio da energia moralizadora da instrucção, da efficacia pedagogica da sciencia para »

« Saber para prevêr, prevêr para agir ». A nossa capacidade de previsão cresce com o progresso scientifico, e a nossa esphera de acção e de poder se alarga, com o alongamento do nosso raio de visão mental. Para se mover e se vencerem as distancias, o homem de hontem só podia contar com as suas pernas, ao passo que o homem moderno encurta o planeta, multiplicando a força locomotora, substituindo os seus membros por aparelhos de transporte.

Mas estes instrumentos de conforto não os transformamos nós em instrumentos de morte? E a nação que vem aperfeccionando o aeroplano, cogita de outra e usa que não seja o de applical-o á arte da guerra?

Se saber é poder, como dizia Bacon, lembremo-nos de que o poder dá a vertigem do abuso, se o dever o não contrabalançar. Mas falar em dever é postular a lei moral.

Ella é que pôde vivificar a sciencia. Todo saber que a desconhece, é um saber incompleto, senão um conhecimento nocivo. (Alberto Seabra, discurso citado.)

O homem que não recebeu a lei moral, com a educação, ou que a não deoeriu, pela força do pensamento introspectivo, não pôde tirar-lhe do estulo das sciencias objectivas e, por muito sabio que seja, está mais proximo da decadencia interior e da possibilidade de mal agir do que o ignorante analfabeto, que lhe tenha recebido o influxo.

Estas cousas disse-as o orador para a mocidade, porque ella tem o enthusiasmo ardente pela sciencia; mas o que arde queima como a brazza, se não clareia como a luz.

Tambem, com a sciencia, o sabio se ennegrece, se a luz moral lhe não orienta o pensamento e o poder.

E' dizer que intelligencia, instrucção, sciencia nada valem por si mesmas, mas como zero na escala dos valores, multiplicam o merito de

certos attributos essenciaes da pessoa humana, que são: caracter, honestidade, justiça e outros predicados moraes. São essenciaes, porque não ha perfectibilidade sem elles no Egypto ou na Persia, na Grecia ou no Brasil. Se elles decrescem, a sociedade regressa.

Todas as profissões os reclamam e todo o profissional que os possui deve triumphar. Demos o seu a seu dono e enfeixemos a nossa divisa para com o labor dos sabios, nos limites da justiça. Que a nossa admiração pela sciencia não lhe queime o incenso que deve arder noutros altares.

Diz-se que a fé è cega, mas digo estas cousas para que a mocidade não tenha nas sciencias, uma fé cega e, sim, ponderada, para que se não deixe apossar de algum enthusiasmo irreflectido e, sim, daquelle que se arrebatã com os seus triumphos, sem desaperar com as suas incertezas.

Eu tambem não sei onde a sciencia acaba, para dar começo á fé; mas sei que ella, sciencia, não conhece a materia que è o seu objecto, que nem sequer a pôde definir e que, comtudo, a domina; que não conhece as forças physico-chimicas e que no entanto, as escraviza, fazendo-as trabalhar para nós; que ignora a força vital, que sabios até lhe negam a realidade; que desconhece as forças que presidem ao mantimento das formas vivas, dos seres viventes e que, não obstante, corta no territorio da morte e prolonga a media da vida humana. Estas cousas lembra-as o orador, não com o intuito de descoroar a sciencia que è o resultado de labores milenarios e, sim, para que não nos envaideçam conhecimentos que, ao lado de addições perpetuas, envolvem perpetuas contradicções! Num arroubo de enthusiasmo e de fé na sciencia, Renan escrevia em 1848: « Ha de vir o dia em que a humanidade não » crerá mais, ella saberá: » saberá o mundo metaphysico e moral, como se sabe desde já o mundo physico.

Vã esperança! Para quem olha o fundo das cousas, o mundo nos è tão desconhecido como o era para os gregos e para os egypcios. Ainda que a tradição ou a lenda nos informe manejarem aquelles, como Archimedes, as forças physica, com tão grande acerto de forma a incendiar um navio em alto mar ou podreem estes ultimos, com a sabedoria dos iniciados e dos sacerdotes, arremessar o raio artificial sobre exercitos inimigos, as forças physicas no são desconhecidas em sua essencia como o eram no passado. Estamos sempre em face de atomos, de movimentos, de ether e outros postulados scientificos necessarios, que nos dão a illusão de comprehender. Na realidade, não explicamos um unico phenomeno do universo: « Um phitosopho christão achegou-se, um dia a um dos principes da sciencia moderna e assim narra o dialogo: « Não me podeis explicar porque a herva è verde? — De bom grado, respondeu elle com affabi idade; porque as cellu as das plantas, cujas paredes são translucidas, estão cheias de grãos de chlorophylla verde.

— Sim, isso eu sabia, mas porque os grãos de chlorophylla são verdes?

— Porque elles se compõem de uma materia analogã á cera, que tem a propriedade de refractar o raio verde.

— Como raio verde?

— Sim, uma vibração do ether, de 660 bilhões de vezes por segundo.

— Então, um movimento verde? Cada vez comprehendo menos. Como devo eu figurar isso, representa-lo em minha mente?

— Como quizerdes, disse elle, levantando os hombros, e seguiu

deixando-me perplexo diante destas palavras inacessiveis: materia, propriedade, raio verde, movimento, ether!

Este caso tem o valor de um symbolo que define a attitude do sabio ao defrontar « com o porque ».

Cada resposta a um questionario se transforma em novos pontos de interrogação. O deyvendar de um problema focalisa outros que se occultam, de forma que o campo do desconhecido se estende, com a profundidade do nosso saber, como o da visão se alonga, com a altitude de nosso observatorio: E por isso Newton, de quem diz Liebig que « deste só genio nos veiu mais luz do que de dez seculos anteriores », de si escreven: « Não sei o que a posteridade pensará de mim, mas eu mesmo me comparo a uma creança que, brincando na praia, achou uma conchinha humilde, enquanto o grande oceano da verdade lá está diante della e ainã não foi descoberto.

Esta conchinha humilde era a lei da gravitação universal. A sciencia tem os seus triumphos, como tambem derrotas, incertezas e vacillações. Qual será, porem, a educação que devemos ministrar á mocidade, sem corromper o seu caracter? Nem a educação exclusivamente classica, nem a educação nitidamente technica. Os allemães possuem tres expressões para designar os vicios dos varios systemas de educação: UEBERBUNDNUG, UEBERTREIBUNG, UNTERDRUCKUNG.

A primeira significa que « a enseñanza es muy intelectualista o memorista, tal como fué en los tiempos pasados; la segunda denota « la idéa de que hay atascamiento mental o sobrecargamiento de estudios, surmenage o exageración en el trabajo, una hipertensión de la individualidad, que produce hiperestesia o psicopatias interiores, las cuales conducen a veces al suicidio; finalmente la tercera indica « exceso de disciplina, que se asemeja al regimen de los cuarteles. »

« El egoismo, fato de toda consideración, el empeno de buscar éxitos y ventajas, la avidez de dinero, de rango, de posición social y de poder, el descreimiento, la falta de imaginación para la creación artistica, el dominio ejercido por ciertas classes el lastimoso orgullo de determinadas classes y profesiones, el predominio de la forma sobre el espirito, la falta de sentimiento de humanidad, de compasión y de piedad, la falta de respeto de lo que por el trabajo se adquiere, la frivolidad y la burla, la incapacidad de estimar realmente lo que ennobrece el corazón, por ser sencillo, armonioso y estar dotado de intensidad de alma, — todo esto se explica por exaggarar y agrandar de una manera morbosa el entendimiento, a costa del cultivo del corazón y del caracter, del desarrollo de la fantasia, de la v luntad, de la intuición y de la vida sensitiva: lo cual significa que las facultades creadoras y a nobleza del corazón son sacrificadas a una super-alimentación viciada y parcial entendimiento. » (E. Luis André, La mentalidad alemanã)

Rod pho Eucken, professor da Universidade de Jena, disse que « o poder inyasor do Estado, o progresso material a cultura excessiva, o demasiado tecnicismo, constituem um grave perigo para a vida interior. Porque trazem como consequencia inev tavel a esterilidade espirital, a suffocação dos individuos, uma visão uniforme e estereotypada da vida... Convertem o homem em um « meio », esquecendo de que elle è um « fim em si ». Para o citado professor a vida meramente existencial, a civilização puramente material, carecem de valor: sò pela vida do espirito o homem se distingue do barto. (R. Eucken, Les grandes courants de la pensèe contemporaine, Paris, 1912.)

E um docente norte-americano, pedagogo de profissão, em um es-

tudo sobre a educação, escreveu: Ninguém contesta que o meio para extinguir o analfabetismo é a escola. Mas não basta cuidar da cultura da cabeça, desprezando a educação dos sentimentos. Empregar a sciencia sem consciencia, ministrando o saber sem os freios moraes, seria causar grave damno á especie humana. (Earl C. Arnold, «Inter America», 1920.)

A educação que mais convém pois, á mocidade, é a que realiza a cultura integral, feita em partes proporcionaes a dois dos objectos do espirito, o ideal e o real, ás duas faculdades principaes da intelligencia, a imaginação com a deducção e a inducção com a observação.

Embora partindo de pólos oppostos, um de educação puramente classica e outro de uma nitidamente tecnica, o ensino publico chegou nestes dez ultimos annos ao «ponto de junção», isto é, o aproveitamento racional das materias classicas, scientificas e tecnicas, ministradas por methodos intuitivos e para effeitos praticos.

O ensino publico moderno realiza, assim, sem pretensão a um enciclopedismo impossivel, a cultura integral.

A divisão progressiva do trabalho social e a estratificação da sociedade, que se accentua cada vez mais pela acção de causas organicas, economicas e politicas, to nam necessária a existencia de um vinculo espiritual que una todos os homens num intento commum e lhes dê, não obstante todas as differenças individuaes, um espirito e uma cultura communs. Por isso a educação não pôde ser exclusivamente individual, mas, conjuncto, para ser efficaz, não possa empregar senão meios individuaes, deve ter sempre um intento social, deve tornar o individuo apto para a vida da communidade, diz «Cesca», citado em uma memoria. Só assim escaparemos á censura candente de Alberto Torres, que observa, em sua obra «O Problema Nacional Brasileiro»:

«Na cultura a decadencia da sociedade nacional é evidente. Nunca chegamos a possuir cultura própria nem mesmo uma cultura geral. As duas primeiras gerações que se seguiram á Independencia eram, entretanto formadas de espiritos a que o conjuncto e equilibrio de preparo, davam certa solidez e firmeza». (pg. XVI).

E mais adiante: «Nosso paiz está hoje transformado em vasto scenario onde se agita um povo que não sabe caminhar, conduzidos uns pela moda, outros pela ambição de effeitos literarios, jornalisticos e de tribuna; pela da popularidade, terceiros; pela auto-admiração e cultura de estereis virtudes passivas e severas intransigencias pessoas alguns mais. Preparando-se aque les para o ceu, estes para a gloria, outros para o applauso, para a a miração ou para a sympathia, renunciaram todos á aspiração da efficiencia pela utilidade das ideas e dos actos. Não temos opinião e não temos direcção mental.»

«Nunca tivemos politica economica, educação economica, formação de espirito industrial, trabalho de propaganda e de estimulo para a applicação das actividades.»

Organizámos, pelo contrario, uma «Instrucção Publica» que da escola primaria ás academias não é senão um systema de canaes de exodo da mocidade do campo para as cidades e da produção para o parasitismo.

E' por isso que eu, nas theses que tive a honra de submeter á apreciação dessa Conferencia, preconizei, ao lado do ensino livre, o ensino profissional, com uma «parte geral» e outra de «applicação», e a introdução nas escolas de Santa Catharina, dos trabalhos manuaes («manual training»).

Porque as escolas theoreticas e livrescas só desenvolvem a intelligencia e a imaginação, descurando as demais faculdades. Os trabalhos manuaes

educam a vontade e despertam os sentidos. «Educar pela acção», é o principio froebelliano. Só assim as faculdades do alumno poderão desenvolver-se simultanea e harmonicamente: educação do cerebro, do coração e das mãos. Woodward enumera as vantagens dos trabalhos manuaes:

1ª. — Los niños que hablan con dificultad se igualan á sus camaradas mejor dotados por el lenguaje y la memoria.

2ª. — Los alumnos adquieren conocimiento más exacto de las cosas, de sus relaciones y de las fuerzas de la Naturaleza.

3ª. — Por el hábito de exactitud en las cosas del orden fisico, los jóvenes adquieren el amor á la verdad y la probidad intelectual.

4ª. — Hacen comprender mejor la forma, la materia y sus transformaciones.

5ª. — Ayudan en la elección de una carrera.

6ª. — Estimulan las facultades inventivas.

7ª. — Augmentan la eficacia de todas las labores de la escuela, hacen ésta más atractiva y el trabajo, en general, más comprensible. (Diego Mendoza, Apuntes sobre Instrucción Publica).

Leon Genoud affirmou: Los trabajos manuales tienen influencia moral; preservan lo juventud del abuso de las distracciones y de los placeres, y la conducen en sus horas de ocio á ejecutar labores que le procurarán satisfacciones duraderas. Son también un remedio contra la afición á lecturas que acaloran la imaginación. Debemos considerar, por último que el hombre vive más del producto de las manos guiados por la intelligencia que de esta solamente; portanto los trabajos manuales tienen grande importancia desde el punto de vista economico. La educación exclusivamente intelectual dada hasta ahora en las escuelas, conduce al niño á desdenar el trabajo manual, no obstante que á este tendrá que acudir nueve en diez veces para ganar-se la vida.» (D. Mendoza, ob. cit.)

Compayré adverte, que com a instrucção exclusivamente intellectual; estamos em via de formar uma nação onde não haverá senão jornalistas e leitores de jornaes.

Entretanto penso, como sustenta o professor Orestes Guimarães em sua brilhante these, que é imprescindivel contratar tecnico para introduzir entre nós esse methodo de ensino como fizeram os governos do Rio Grande do Sul, Pará, Rio Grande do Norte, Minas e agóra a Bahia.

Creio ter explicado aos srs. concorrentes o ponto de vista em que me colloquei na defesa dos themas discutidos nas theses que tive a honra de apresentar.»

A inauguração da placa commemorativa da Conferencia de Ensino

«Revestiu-se de excepcional brilho a solemnidade da inauguração no edificio da Escola Normal da placa commemorativa á 1ª Conferencia Estadual de Ensino Primario.

As 15 horas precisamente com a presença do representante do sr. governador do Estado, das autoridades, directores da Instrucção Publica, da Escola Normal e seu corpo docente, dos srs. escolares, professores.

congressistas, representantes da imprensa, etc., as alumnas da Escola Normal; elegantemente uniformizadas, postadas em frente do edificio, cantaram o Hymno à Bandeira.

Em seguida foi descerrada a Bandeira que cobria a bella placa, trabalhada em bronze sobre uma lapide de marmore, com os seguintes dizeres:

«Homenagem do magisterio publico estadual ao sr. dr. Adolpho Konder, presidente do Estado por ter instalado a 1ª Conferencia Estadual de Ensino Primario, em 31 de Julho de 1927.»

Com a palavra o sr. professor Mâncio da Costa, director da Instrução Publica, proferiu magnifico discurso que damos a seguir:

Senhores!

De quantas homenagens se fizeram ao sr. dr. Adolpho Konder, pela commemoração do seu primeiro anno de governo, nenhuma, por certo, se fevestiu de maior cunho de grandão, nem dirá melhor do seu alevantado amor à terra em que nasceu do que esta, cuja solemnidade nos congrega.

E' que, reformando o nosso systema educacional e dotando-o com as mais efficientes e recentes medidas pedagogicas, não cuidaram, por então, os seus preclaros antecessores na mais alta investidura administrativa do Estado, de auscultar a alma do mestre-escola, ouvindo-lhe observação e experiência, para, provendo-lhe ás falhas e carências remodelar, as regras da ensinancia publica.

As reformas do ensino visavam mais o alumno que o mestre.

Relegado para um plano interior, o mestre-escola só de raro em raro era chamado para collaborar na factura apressurada de um programma ou de um horario escolar, que uma deliberação administrativa posterior invalidava, substituindo-se os sadios e proveitosos dictames da prática quotidiana pelos avisos da pedagogia peregrina, nem sempre adaptaveis á nossa ambiencia escolar.

Tinhamos o alumno diligente e aproveitado: faltava-nos o mestre-escola estimado, prestigiado e, o que é o mais, cooperante na acção de bem instruir e educar;

Professores publicos e estaduais éramos assim de há muito: maquinas de ensinar a ler, a escrever e a contar, a que se dispensava a piedosa mercê de estipendiari, sem ouvir-lhe na faina evangelizadora da profissão honrada e honrosa o conselho experimentado e a collaboração sabia e imprescindivel.

Não bastava porem, os programmas didacticos que sempre inexequivels e os regulamentos burlados na sua execução.

Havia mister *de vis a tergo* impulsionadora da estructura e da effi-ciencia da escola moderna: o professor.

O sr. dr. Adolpho Konder assim pensou e assim, para logo, o realizou, nessa 1ª Conferencia de Ensino Primario, memoravel certamen de pedagogia, cujos écos ainda se ouvem nesta casa.

Sr. Director da Escola Normal

A' vossa custodia lega o Departamento do Ensino Publico que tenho a honra de dirigir esta placa commemorativa da installação da 1ª Conferencia de Ensino Primario, acontecimento notavel nos dominios da instrução em o nosso Estado e ao vosso claro e brilhante espirito de professor a tarefa maior de dizer aos vossos estimados alumnos o valor da homenagem que ora fazemos ao sr. dr. Adolpho Konder, para quem o mestre-escola não é tão somente o funcionario publico; porem, mais, muito mais que isto: o apostolo da religião da cultura!

Compareceram ao acto entre outras as seguintes pessoas: 1º tenente João Marinho, ajudante de ordens do sr. dr. governador Adolpho Konder e

representante de s. excia.; Adolpho Silveira, representante do sr. Secretario da Fazenda Henrique Fontes; desembargador Medeiros Filho, Chefe de Policia; superintendente municipal Heitor Blum; deputados Manoel da Nobrega, Bley Netto, desembargadores José Arthur Boiteux e Gil Costa, general Vieira da Rosa, dr. Gilberto Paranhos, delegado do Departamento Federal do Ensino; Mascarenhas Filho, Inspector do Gymnasio Catharinense; dr. Edmundo Moreira, dr. Oswaldo de Souza e Silva, director da «Ilustração Brasileira»; coronel Manoel Pereira, delegado de Policia; professor Laercio Caldeira de Andrada, director do Instituto Commercial; Augusto Montenegro, coronel Hypolito Boiteux, capitão Virgilio Dias e tenente Sousa Lima, pelo commando geral da Força Publica; Alvaro Mafra, Nazareno Simas, inspectores escolares Flordardo Cabral e Luis Trindade; Dionisio Sousa, pefa Agencia Americana, Herminio Milles, Mimoso Ruiz e Jairo Callado da «Folha Nova», major Luis Verani Cascaes, coronel José Candemil, João Pacheco dos Reis, major José Koerich, major Alcebiades Seára, prof. Ticiano Basadona, pela Escola de Aprendizizes Artifices; Lindolpho Sousa e J. J. Cabral, por este diario; professor João Tolentino de Sousa Junior, director do Grupo Escolar Lauro Müller; d. Beatriz de Sousa Brito, directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa; corpos docentes desses estabelecimentos e das escolas da Capital.»

Da *A Republica*, de 2 de outubro de 1927.



representante de s. excia.; Adolpho Silveira, representante do sr. Secretario da Fazenda Henrique Fontes; desembargador Medeiros Filho, Chefe de Policia; superintendente municipal Heitor Blum; deputados Manoel da Nobrega, Bley Netto, desembargadores José Arthur Boiteux e Gil Costa, general Vieira da Rosa, dr. Gilberto Paranhos, delegado do Departamento Federal do Ensino; Mascarenhas Filho, Inspector do Gymnasio Catharinense; dr. Edmundo Moreira, dr. Oswaldo de Souza e Silva, director da «Ilustração Brasileira»; coronel Manoel Pereira, delegado de Policia; professor Laercio Caldeira de Andrada, director do Instituto Commercial; Augusto Montenegro, coronel Hypolito Boiteux, capitão Virgilio Dias e tenente Sousa Lima, pelo commando geral da Força Publica; Alvaro Mafra, Nazareno Simas, inspectores escolares Flordardo Cabral e Luis Trindade; Dionisio Sousa, pela Agencia Americana; Harminio Milles, Mimoso Ruiz e Jairo Callado da «Folha Nova», major Luis Verani Cascaes, coronel José Candemil, João Pacheco dos Reis, major José Koerich, major Alcebiades Seára, prof. Ticiano Basadona, pela Escola de Aprendizizes Artifices; Lindolpho Sousa e J. J. Cabral, por este diario; professor João Tolentino de Sousa Junior, director do Grupo Escolar Lauro Müller; d. Beatriz de Sousa Brito, directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa; corpos docentes desses estabelecimentos e das escolas da Capital.»

Da *A Republica*, de 2 de outubro de 1927.

TRECHO APROXIMADO DA PÁGINA 594

INDICE

	PAG.
Introdução	1
Convocação da Conferência e trabalhos preliminares..	3
Officio circular.....	6
Circulares ns. 4, 5, 6 e 7.....	7
Programma.....	11
Theses apresentadas.....	13
Decreto n.º 2077.....	17
Regimento interno da Conferência.....	21
Adesões.....	31
Actas.....	37
Theses, pareceres e requerimentos.....	175
Conclusões.....	571
Notas geraes.....	581

INDICE

	PAG.
Introdução	1
Convocação da Conferência e trabalhos preliminares..	3
Officio circular.....	6
Circulares ns. 4, 5, 6 e 7.....	7
Programma.....	11
Theses apresentadas.....	13
Decreto n.º 2077.....	17
Regimento interno da Conferência.....	21
Adesões.....	31
Actas.....	37
Theses, pareceres e requerimentos.....	175
Conclusões.....	571
Notas geraes.....	581

REFERÊNCIAS

SANTA CATHARINA. Annaes da 1ª Conferência Estadual do Ensino Primário. Florianópolis, 31 de julho de 1927.